

La Jornada Real de Felipe III a Portugal en 1619



João Baptista Labanha



**LA JORNADA REAL DE FELIPE III
A PORTUGAL EN 1619**

LA JORNADA REAL DE FELIPE III A PORTUGAL EN 1619

de João Baptista Labanha

AGENCIA ESTATAL BOLETÍN OFICIAL DEL ESTADO
MADRID, 2016

Primera edición: Septiembre de 2016

Imagen de la cubierta: Armas Reales de Don Felipe II de Portugal y III de España, en el libro del Grefier de la Insigne Orden del Toisón de Oro (Ministerio de Asuntos Exteriores, Madrid)

Imagen de la contracubierta: Retrato del Rey Don Felipe II de Portugal y III de España, por Pedro Antonio Vidal (Museo del Prado, Madrid)



Esta obra está sujeta a licencia Creative Commons de Reconocimiento-NoComercial-SinObra-Derivada 4.0 Internacional, (CC BY-NC-ND 4.0).

- © Estudio preliminar de Dr. Alfonso de Ceballos-Escalera y Gila, Vizconde de Ayala.
- © Agencia Estatal Boletín Oficial del Estado, para esta edición

<https://www.boe.es>

ISBN: 978-84-340-2333-8

NIPO: 007-16-130-3

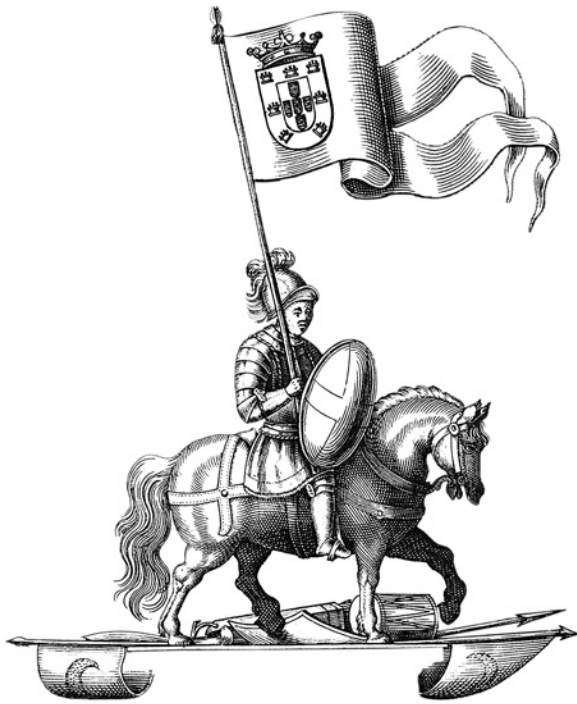
Depósito Legal: M-28439-2016

Imprenta Nacional de la Agencia Estatal Boletín Oficial del Estado
Avda. de Manoteras, 54, 28050 Madrid

ÍNDICE

LA JORNADA REAL DE FELIPE III A PORTUGAL EN 1619

PREFACIO	IX
ESTUDIO INTRODUCTORIO	XIII
I. El contexto histórico peninsular: Portugal en las Españas filipinas	XV
II. La fiesta cortesana en el Barroco hispano	XVIII
III. La jornada: motivos, etapas y vivencias	XXII
IV. La obra	XXX
V. El autor	XXXI
VI. Los ilustradores y el impresor: Jan Schorkens, Domingos Vieira Serrão y Tomás de Junti	XLIV
VII. Nuestra edición	LV
FUENTES Y BIBLIOGRAFÍA	
Fuentes archivísticas	LVII
Manuscritos atinentes a la Jornada de Portugal	LVII
Fuentes impresas atinentes a la Jornada de Portugal	LIX
Bibliografía sobre la Jornada Real a Portugal	LXIII
Bibliografía sobre João Baptista Labanha y sobre la Ciencia hispánica	LXIII
Bibliografía sobre la fiesta medieval y barroca (en particular sobre las Entradas Reales en España y Portugal)	LXV
Bibliografía sobre los grabadores, artistas e impresores de la obra	LXVIII
TRANSCRIPCIÓN DE LOS TEXTOS	1
ÍNDICE DE PERSONAS Y LUGARES	259



PREFACIO

O erudito e querido amigo e confrade don Alfonso de Ceballos-Escalera y Gila, Visconde de Ayala e Marquês de la Floresta, concedeu-me a honra e a oportunidade de escrever algumas palavras a propósito da sua obra novíssima sobre a *Viagem da Catholica Magestade del Rey D. Filipe II N.S. ao Reyno de Portugal* em 1619, incumbência que eu cumpro com a maior alegria e devoção, embora desconfiando da justeza e adequação das minhas palavras à obra em apreço.

Começarei por falar do autor do estudio introdutorio e principal impulsor desta importante publicação –pois do autor do relato novamente impreso trata largamente o mesmo Ayala no seu texto–. O Visconde de Ayala é um erudito de uma raça em extinção. Doutorado em Direito, em História e em Relações Internacionais, membro da Académia Portuguesa da História e da Real Academia de la Historia, brindou-nos, apesar da sua juventude e carreira polifacetada de professor, militar e marino, escritor, advogado, académico, desportista, pai de família extensa e homem de sociedade, uma vasta obra, sólida e respeitada, de 44 volumes em que se destacam as produções de natureza histórica, ora revelando organizando e divulgando fontes primárias desconhecidas ou vagamente tratadas sobre secções da história moderna contemporânea vitais para a compreensão das respectivas épocas, ora explicando-nos segmentos da vida pública e internacional, igualmente desvanecidos pela *mainstream* dos publicistas.

O Autor manifesta uma compreensível admiração pelos grandes cronistas portugueses que a Espanha soube escolher ao longo dos tempos. Destaco em particular a figura do imortal Rodrigo Mendes da Silva (Celorico da Beira 1607-Livorno c.1675), autor de *Cathálogo Real Genealógico de España* (1639), *Vida y hechos heroicos del gran Condestable de Portugal D. Nuño Álvarez Pereyra, Conde de Barcelos* (1640), o *Población general de España* (1645), e outras. Sobre o qual Ayala escreveu *El cronista portugués Rodrigo Méndez Silva en la Corte de Madrid: su «descentorium» del condestable Nuno Alvares Pereira* (2013).

E agora João Batista Labanha (Lisboa 1555-Madrid 1624), *una de las máximas personalidades científicas de las Españas de su tiempo*, cosmógrafo e topógrafo, autor do *Tratado da arte de navegar* (1588), do *Regimento Náutico*, do *Regimento do Cosmógrafo Mór*, do *Livro Primeiro da Architectura Naval*, do *Compendio de Geografía*, do *Compendio da Geometria*, da *Descripción General del Universo* (1613), do *Compendio de las cosas de España*, do *Itinerario y Mapa del Reino de Aragón* (1620), do *Nobiliario de D. Pedro, Conde de Barcelos, hijo del rey D. Dionis de Portugal, ordenado e ilustrado con notas y índices*, e da obra ora em apreço.

Digo compreensível, porque há um fio condutor comum que une esses memoráveis escritores e o autor desta obra: trata-se sempre de gente eclética, com uma visão da vida e do mundo multidimensional, capazes de distinguir a forma da substância, e que coincidem, também não por acaso, numa compreensão profunda da genealogia e da heráldica como matérias fundamentais para a descrição e o entendimento quer do simbólico quer da estrutura social das épocas de que tratam.

Em segundo lugar devo afirmar alguma dificuldade telúrica, mesmo para um académico da minha geração, na superação do estigma que a ideologia promovida pelo regime político no qual ela foi enculturada, relativamente à dinastia filipina em Portugal. Vários foram os erros trágicos que gerações consecutivas, ainda vivas, foram obrigados assumir enquanto alunos da instrução primária e liceal e que esta obra tem mérito de ajudar a desfazer, repondo a verdade dos factos.

O regime então vigente tinha uma prioridade nacional: a defesa intransigente do Império ultramarino contra tudo e contra todos. Para isso era fundamental atacar ideologicamente alguns aspectos da história. Em primeiro lugar a insânia da jornada sebastianista a Alcácer Quibir denunciando a tese de Camões do rei fraco que faz fraca a forte gente. A tese é simples: Portugal fora pioneiro no descobrimento do caminho marítimo para a Índia, onde tinha as suas mais importantes conquistas e feitorias, descobrira o Brasil depois das ilhas atlânticas tinha chegado ao Oriente, do Japão a Timor até à China e já não fazia sentido arriscar o futuro desta magna empresa em favor duma cruzada desfasada no tempo, repetidora dos primórdios da expansão para os Algarves de além-mar, combatendo o sarraceno fortemente organizado em detrimento da gloriosa missão de expandir a fé aos gentios garantida pela rendosa empresa comercial e militar adjacente. Esta falta de visão estratégica, este voluntarismo absurdo e extemporâneo por um jovem cuja formosura evidente era associada, na ausência de amores conhecidos e de descendência fundamental, a uma orientação no mínimo suspeita, um desnorte que haveria de comprometer o destino da Pátria. Alcácer Quibir é das poucas derrotas militares catastróficas que a historiografia do antigo regime divulgava proficuamente. É claro que na sua sequência vinha um relato do afundamento nacional. Do desespero do Cardeal Dom Henrique, ancião e religioso a quem solicitaram a chefia do Estado por direito e emergência, tentando-se, em vão, que casasse e tivesse descendência, às manobras patéticas e também desvalorizadas do Prior do Crato dom António, que ao invés do que se dizia de Dom João Primeiro, estava tratado como aventureiro sem qualquer hipótese de pretensão, escondendo as reacções nacionais de apoio que teve, até a moeda cunhada com a sua efigie e nome.

Depois omitiam-se os claros direitos de Felipe II, neto de el Rei Dom Manuel o Venturoso e do imperador austríaco, que de espanhol tinha pouco, ao trono de Portugal. Insistia-se numa frase eventualmente verdadeira que lhe era atribuída em que D. Filipe comentava que a Portugal, *lo heredé, lo compré y lo conquisté*, fazendo-se alarde das negociações com outros pretendentes generosamente retribuídos para ceder os seus direitos e à violência dos exércitos comandados pelo Duque de Alba, o mesmo general que havia sido enviado pelo mesmo monarca para aconselhar o jovem Dom Sebastião a evitar um absurdo evidente na empresa a que se propunha. O *Finis Patria* vinha logo a seguir com a catástrofe da *Invincível Armada* organizada pelo Filipe II contra a Inglaterra, e mais derrotada pelo clima e pela intempérie do que pelos primores da guerra britânica de então, mas suficientemente contundente para Portugal por lhe retirar a mobilidade comercial e militar no império ultramarino.

Ficou como herança de Felipe II a acumulação de inimigos de Espanha e dele próprio, mormente os franceses e holandeses que nos ocuparam partes do império só recuperados graças á dinastia dos Sás depois de 1640. É claro que ninguém saberia os méritos da colonização levada a cabo pelas companhias das Índias desses dois países. Ninguém falava dos méritos da colónia francesa de São Luis do Maranhão, nem da França equinocial nem da acção colonizadora de Daniel de La Touche, senhor de la Ravardière nem tão pouco do governador holandês João Maurício de Nassau-Siegen a quem se deve a cidade de Maurícia junto ao Recife. E muito menos se esclarecia que Felipe III enviara sucessivas armadas mistas compostas de espanhóis, portugueses, napolitanos e sicilianos para combater tais ocupações, designadamente as comandadas por Don Juan Fajardo don António Oquendo, don Fradique de Toledo y Osório, Marquez de Villanueva de la Valdeza, don Luiz de Rojas y Borja. Mas referiam-se as conquistas holandesas no Oriente, a da Ilha de Banda, o terrível cerco de Goa, a conquista de Mascate, a ocupação do São Jorge da Mina a destruição de Pangim, a conquista de Ormuz, de Ceilão, de Cochim, das Molucas, da fundamental costa do Malabar. O primeiro império, o glorioso *Império das Índias* de Dom Francisco de Almeida e de Afonso de Albuquerque tinha sido destruído por causa da dinastia filipina

O terceiro aspecto desta ideologia consistia em referir a dita dinastia filipina como um todo, genericamente designada de *ocupação filipina*. Ou seja, fazia-se carregar a administração realista de Felipe II com a gestão indirecta, desleixada e vexatória de Felipe IV, apesar do seu portuguesismo formal, a que provocou aliás a revolta do primeiro de Dezembro de 1640.

A presente obra tem, assim, o mérito de fundamentar uma visão aprofundada da diferença e da especialidade. O reinado do nosso segundo Dom Filipe fica mais bem conhecido e a sua atitude mais clara e humana.

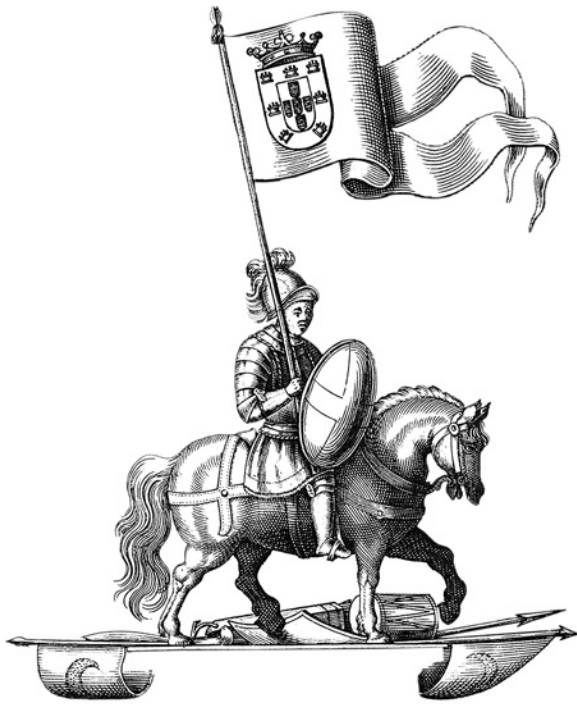
Bem sabemos que os conselhos diabólicos de Nicolau Maquiavel e dos marxistas sobre a utilidade continuada da mentira têm fundamento concreto: da mentira sempre fica alguma coisa. Mas impõe-se revisitar a História as vezes que for preciso, mesmo conscientes de que não há História neutra, para propor uma aproximação cada vez maior à verdade e portanto à justiça.

Pela parte que me toca, amigo de Espanha que sempre fui, da sua dinastia, da sua grandeza de alma, terra onde tenho dos meus maiores amigos em que o autor se conta, mas como nacionalista contumaz, fico em dívida com mais esta obra de Ayala. Sarou-me na alma algum descontentamento antigo e injusto que lá estava inconsciente mas pedregoso contra um Rei e uma época que não o não merecem em abono da verdade.

Mais haverá como eu a quem a obra serve de bálsamo para a alma. Aos outros para quem a História é exterior, fica a lição dos documentos, sempre ganhos, afinal para o progresso da Ciência.

Laus Deo

DR. ANTONIO C.A. DE SOUSA LARA
Professor Catedrático do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas,
Universidade de Lisboa



LA JORNADA REAL DE FELIPE III A PORTUGAL EN 1619

ESTUDIO INTRODUCTORIO

Uno de los hechos más celebrados por poetas y cronistas en tiempos del tercer Felipe —el segundo en el cómputo lusitano— fue la jornada regia a Portugal hecha en el año de 1619. Baste indicar que el número de manuscritos y de impresos coetáneos dedicados a aquel suceso, no baja de los cincuenta; mientras que no son pocos los autores que ya en nuestros días le han dedicado su atención¹.

Uno de aquellos impresos reviste un interés excepcional, no solo por el detalle que el relato contiene, ni por las ricas ilustraciones que lo adornan, sino por sus características editoriales, verdaderamente insólitas para la época: el *Viaje de la Catholica Real Magestad* o *Viagem da Catholica Real Magestade* a Portugal, redactado por el cosmógrafo y cronista lisboeta vecindado en Madrid João Baptista de Labanha, y publicado en 1622 en las dos lenguas simultáneamente, la castellana y la portuguesa. Fue, en aquellos días, un verdadero alarde editorial.

¹ Eduardo FREIRE DE OLIVEIRA, *Elementos para a História do Município de Lisboa*, II (Lisboa, 1887), págs. 434-520; Ewald M. VETTER, «Der Einzug Philipps III in Lissabon, 1619», en *Spanischen Forschungen Görresgesellschaft*, 19 (1962), págs. 187-263; Georg KUBLER, «Archiducal Flanders and the joyeuse entrée of Philip III in 1619», *Koninklijk Museum voor Schone Kunsten*, Jaarboek 1970, págs. 157-211; Francisco Javier PIZARRO GÓMEZ, «La jornada de Felipe III a Portugal en 1619 y la arquitectura efímera», en *As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos descobrimentos* (Coimbra, 1987), II, págs. 123-146; Francisco RIBEIRO DA SILVA, «A viagem de Filipe III a Portugal, itinerários e problemática», en *Revista de Ciências Históricas*, II (1987), págs. 223-260; José ARES MONTES, «Los poetas portugueses, cronistas de la Jornada de Felipe III a Portugal», *Filología Románica*, 7 (1990), págs. 11-36; Pedro GAN GIMÉNEZ, «La jornada de Felipe III a Portugal (1619)», *Crónica Nova*, 19 (1991), págs. 407-431; Ana Paula TORRES MEGIANI, «A escrita da festa. Os panfletos das entradas filipinas em Lisboa de 1581 e 1619», en *Festa: Cultura e sociabilidade festiva na América portuguesa* (São Paulo, 2001), I, págs. 97-124; y Jacobo SANZ HERMIDA, «Un viaje conflictivo: relaciones de sucesos para la *Jornada del Rey N.S. Don Felipe III deste nombre, al Reyno de Portugal* (1619)», en *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 0 (2003), págs. 289-319.

Nuestro intento consiste en publicar de nuevo aquel relato, para rememorar los días de la unión política de la Península Ibérica, que sucesivamente regida por tres Felipes, duró sesenta años: desde 1580 a 1640. Publicándolo además en las mismas dos lenguas, y con el mismo aparato gráfico.

Antes de llegar al punto de la transcripciones y ediciones, dispondremos el estudio introductorio que se sigue en las presentes páginas, en el cual examinaremos el contexto histórico, político y social del Portugal filipino y de los lusitanos en la España de la época. Y también el desarrollo de la Jornada regia, los textos originales de la relación del suceso, y las trayectorias vitales del autor del relato, de los ilustradores, y del impresor.



El retrato ecuestre de Felipe III por Velázquez, grabado por Goya: dos genios de la pintura española unidos a través de los siglos

I. EL CONTEXTO HISTÓRICO PENINSULAR: PORTUGAL EN LAS ESPAÑAS FILIPINAS

Aunque a los oídos de un lector portugués actual pueda parecer inverosímil, la realidad histórica nos muestra que, entre 1580 y 1640, por lo menos, el ambiente de la corte española de los Felipes –en especial las de Don Felipe II y Don Felipe IV– era un ambiente marcadamente portuguesista, en la que *lo portugués* gozaba de notable presencia y predicamento.

Don Felipe II, cuya severidad y carácter reservado se han venido considerando herencia germana, en realidad fue siempre un monarca absolutamente portugués, en su pensamiento y en sus gustos, por la herencia de su madre la Emperatriz Isabel: así, es de recordar su excelente conocimiento del portugués y su constante querencia por residir en Lisboa, como delata la correspondencia con sus hijas en los años de 1581 a 1583².

Lo mismo ocurría en los días del reinado de Don Felipe IV, que conoció Lisboa en 1619, siendo Príncipe de Asturias, y fue siempre un decidido lusitanista: hasta el punto de que desde 1634 se prestó en Madrid una especial atención a la *educación portuguesa* del Príncipe heredero Don Baltasar Carlos³.

Efectivamente, ya desde el siglo xv fungían en diversas partes de Castilla importantes colonias portuguesas: algunas estudiantiles, como la de Salamanca y Alcalá⁴; la mayoría mercantiles, como las de Sevilla, Puerto de Santa María, Jerez de la Frontera, Cádiz, las islas Canarias, donde los libros sacramentales antiguos de muchas parroquias aparecen escritos en portugués⁵, o Murcia. Y a comienzos del siglo xvi se había repoblado con portugueses el recién reconquistado reino de Granada⁶. Pero fue durante la unión de ambos reinos (1580-1640) cuando la emigración portuguesa hacia la parte española de la Península Ibérica adquirió un volumen ciertamente notable⁷. Interesa, sobre todo, atender a la corriente migratoria hacia la corte de las Españas,

² Esas cartas de Felipe II a las Infantas sus hijas, que son las 34 escritas por el monarca desde Lisboa, que se conservan en Turín, fueron publicadas primeramente por Louis Gachard (París, 1884), y en España las dio a conocer Antonio María Fabié aquel mismo año en el *Boletín de la Real Academia de la Historia*, tomo IV. Después se publicarían otras 92 cartas, halladas y publicadas por Erika Spivakoski (Madrid, 1975). Del conjunto existe una cuidada edición moderna de Fernando Bouza Álvarez (Madrid, 1998).

³ Fernando BOUZA ÁLVAREZ, «La herencia portuguesa de Baltasar Carlos de Austria. El “Directorio” de fray Antonio Brandão para la educación del heredero de la Monarquía católica», en *Cuadernos de Historia Moderna*, 9 (1988), págs. 47-61.

⁴ Joaquim Verissimo SERRÃO, «Contribuição para o estudo dos portugueses na Universidade de Alcalá, 16091-640», en *Revista Portugal História*, 17 (1987), págs. 38-54.

⁵ José PÉREZ VIDAL, *Los portugueses en Canarias. Portuguesismos* (Las Palmas, 1991).

⁶ José Enrique LÓPEZ DE COCA CASTAÑAR, «Portugal y Granada: presencia lusitana en la conquista y repoblación del reino granadino (siglos xv-xvi)», en *El Reino de Granada en la época de los Reyes Católicos: repoblación, comercio y frontera* (Granada, 1989), I, págs. 241-262.

⁷ Juan Ignacio PULIDO SERRANO, «Procesos de integración y asimilación: el caso de los portugueses en España durante la Edad Moderna», en Ana Crespo Solana (coord.), *Comunidades transnacionales. Colonias de mercaderes extranjeros en el Mundo Atlántico (1500-1830)*, (Madrid, 2010), págs. 189-206.

tanto durante su estancia en Valladolid⁸, como sobre todo cuando a, partir de 1605, esa corte pase a establecerse definitivamente en Madrid. En la villa y corte la presencia lusitana estuvo desde antiguo articulada alrededor de la poderosa Hermandad de San Antonio de los Portugueses, cuya iglesia y archivos se conservan todavía⁹, y por esos papeles sabemos algo de la vida cotidiana de aquella *Nación* en tal *espacio de sociabilidad*: la fiesta anual de San Antonio, la solemne comunión de los caballeros de la Orden de Cristo, la Semana Santa, las fiestas de Santa Engracia y de Santa Isabel, el reparto de limosnas y ayudas, las dotes para casar huérfanas, los entierros y funerales, etcétera.

En el Madrid de los Felipes residieron muchos portugueses, formando una colonia heterogénea —porque no era toda de mercaderes, como en los puertos andaluces—, en la que se integraban muchos representantes de la alta y baja nobleza de Portugal, que servía oficios palatinos, o buscándolos —de entre ellos hay que hacer memoria del eximio don Cristóbal de Moura Corte Real, primer Marqués de Castel Rodrigo—, y también participando activa y destacadamente en las luchas políticas de aquella corte dirigida por el Conde Duque de Olivares¹⁰. También innumerables militares lusitanos al servicio del Rey, muchos de ellos muy experimentados en las guerras de Flandes —don Fernando de Mascarenhas, que en 1639 mandó la mayor fuerza anfibia del siglo XVII, en el socorro de Bahía; Francisco Manuel de Melo, Matías de Albuquerque, Martim Afonso de Melo, Sancho Manuel de Vilhena, y tantos otros¹¹—. Artistas notabilísimos —como Diego de Silva Velázquez, pintor de la Cámara del Rey, como el escultor Manuel Pereira—, y otros acreditados profesionales —como el cosmógrafo mayor João Baptista Labanha, de quien tanto diremos enseguida; como el tratadista militar y capitán Diego Enríquez de Villegas¹²; como el cartógrafo Pedro Teixeira, autor de una obra inmensa—.

Y, sobre todos ellos, se nota la actividad de un selecto grupo de banqueros y *hombres de negocio* portugueses, en su mayoría de origen converso, que condicionaron absolutamente la vida económica de la Monarquía Universal hispánica —el barón Jorge de Paz Silveira, Pedro de Baeça, Manuel Fernández Pinto, Diogo Fernandes Tinoco, Duarte Fernandes y Álvaro Fernandes de Acosta, Sebastião y Manuel Cortizos

⁸ De la vida cotidiana de la corte en Valladolid durante 1605 nos ha llegado, a través de cinco ediciones modernas, un impresionante e interesantísimo testimonio: la *Fastiginia* —con sus tres capítulos: la *Philipstrea*, la *Pratilogía* y la *Pincigrafía*—, obra del ameno e ingenioso Tomé Pinheiro da Veiga (Coimbra, c.1571-1656; hay una excelente traducción española: Valladolid, Ámbito, 1989).

⁹ Juan Ignacio PULIDO SERRANO, «Portugueses avecindados en Madrid durante la Edad Moderna (1593-1646)», en M.B. Villar García y P. Pezzi Cristóbal (edits.), *Los extranjeros en la España Moderna* (Málaga, 2003), I, págs. 543-554; y del mismo autor «La Hermandad y Hospital de San Antonio de los Portugueses de Madrid», en *Anales del Instituto de Estudios Madrileños*, XLIV (2004), págs. 399-330.

¹⁰ Fernando BOUZA ÁLVAREZ, «La nobleza portuguesa y la corte madrileña hacia 1636-1640. Nobles y lucha política en el Portugal de Olivares», Coloquio *La rupture luso-castillane de 1640. L'événement et ses effets* (Centre d'Études Portugaises, París, 1992). Reeditado en *Portugal no tempo dos Felipes. Política, Cultura, Representações (1580-1668)* (Lisboa, 2000).

¹¹ General Gabriel do ESPÍRITO SANTO, *Restauração 1640-1668* (Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2008), págs. 30, 33.

¹² Alfonso de CEBALLOS-ESCALERA Y GILA, «O lisboeta don Diego Enríquez de Villegas (c.1595-1671), capitão e tratadista militar ao serviço do tercer Filipe, e o rey d'armas castelhão Juan de Mendoza», en *Actas del III Seminario Ibérico de Heráldica* (Lisboa, 2010), en prensa.

de Villasante, João Nunes Sarabia, etcétera—¹³. Es sabido que la política del Conde Duque de Olivares, el gran valido de Don Felipe IV desde 1621, fue marcadamente filohebrea —lo que le atrajo muy pocas simpatías en Castilla—, ya que deseaba atraerse a los financieros conversos de Lisboa para que sustituyeran a los genoveses: por eso en la Pragmática de Reformación de 10 de febrero de 1623, desarrollada por la real cédula de 17 de noviembre de 1627, ofrecía a los *marranos* portugueses la posibilidad de establecerse en la corte y de contratar con el Rey, dándoles además ciertas seguridades de que no serían perseguidos por el Santo Oficio. Esta política, a la que el Conde Duque se comprometió mucho, dio algunos frutos, pero no cuantos se esperaban, pues la persecución no cesó —en 1636 se procesó a Manuel Fernández Pinto, en 1638 a Juan Núñez Saravia y a su hermano...—, y menos aún a partir de la sublevación lisboeta de 1640 —porque en Madrid se difundió la idea de que la habían instigado los marranos—. La caída del Conde Duque en 1643 abrió un periodo de persecuciones abiertas, que culminaron en la década de 1650 en grandes procesos contra los más conspicuos financieros de origen lusitano, como Cortizos y sus parientes, por lo que en su mayoría huyeron de Madrid¹⁴.

Pero con anterioridad a los años críticos de 1640-1643, aquella colonia portuguesa gozaba de un alto aprecio en la corte y en la sociedad española¹⁵, que no los veía precisamente como extranjeros, no solamente por ser comunes vasallos del Rey Católico, sino sobre todo porque la integración se acentuaba por la gran semejanza de las lenguas: *como es notorio, los portugueses entienden muy bien la lengua castellana, y ni más ni menos son entendidos, porque la lengua es toda una*, afirmaban entonces los portugueses establecidos en el Puerto de Santa María. *La lengua es toda una*, pensaban también los castellanos de la época, y en ambas se escribía con naturalidad y con mutuas contribuciones.

No hay más que decir por ahora, salvo insistir en que durante la primera mitad del siglo xvii hubo, en España, una *edad lusitana*. En las acertadas palabras del profesor Pulido, avaladas por Pedro Cardim¹⁶:

hoy se ha perdido esta noción de lo que fueron las cosas entonces. El divorcio cultural entre españoles y portugueses se produjo después de varios siglos de conver-

¹³ James C. BOYAJIAN, *Portuguese bankers at the court of Spain, 1626-1650* (New Brunswick-New Jersey, 1983). Nicolás BROENS, *Monarquía y capital mercantil: Felipe IV y las redes comerciales portuguesas (1627-1635)* (Madrid, 1989). Jaime CONTRERAS CONTRERAS, «Cristianos en España y Judíos en Amsterdam: emigración, familia y negocios», en *Estudios*, 20 (1994), págs. 121-141. Carmen SANZ AYÁN, «Las actividades de los hombres de negocios portugueses durante la década de 1640», en *Mélanges de la Casa de Velázquez*, 31/2 (1995), págs. 221-258. Jaime CONTRERAS, Bernardo José GARCÍA, Juan Ignacio PULIDO, *Familia, religión y negocio: el sefardismo en las relaciones entre el mundo ibérico y los Países Bajos en la Edad Moderna* (Madrid, 2003).

¹⁴ Elkan ADLER, «Les marranes d'Espagne et de Portugal sous Philippe IV», *Révue d'Études Juives*, 48-51 (1904-1906). Antonio RODRÍGUEZ VILLA, «Los judíos españoles y portugueses en el siglo xvii», en *BRAH*, 49 (1906), págs. 87-103. Antonio DOMÍNGUEZ ORTIZ, «La clase social de los conversos en Castilla en la Edad Moderna», en *Estudios de Historia social de España*, III (Madrid, 1955), cap. V, págs. 103-123.

¹⁵ Miguel HERRERO GARCÍA, *Ideas de los españoles del siglo xvii* (Madrid, 1966).

¹⁶ Pedro CARDIM, «Los portugueses frente a la Monarquía Hispánica», en A. Álvarez-Ossorio y B. García (eds.), *La Monarquía de las Naciones* (Madrid, 2004), págs. 355-383.

gencia, a raíz de la violenta ruptura vivida con la guerra de 1640-1668. A partir de ese tiempo, las autoridades portuguesas se esforzaron por reafirmar en la cultura portuguesa todos aquellos elementos que pudieran resaltar las diferencias con Castilla. Elementos culturales... que trataban de reforzar las diferencias identitarias de la sociedad portuguesa frente a la española. Se invirtió entonces la tendencia, y lo que había sido desde tiempo atrás una progresiva aproximación, a partir de entonces iba a permutarse por un esfuerzo de distanciamiento en todo lo posible.

Y es que, como bien señaló el Marqués de Lozoya, *lo más trágico de 1640 no es la separación política; es la ruptura de la solidaridad hispánica. Portugal se ve obligado, para hacer frente al poder, todavía formidable, de Castilla, a aliarse con los enemigos de España, y se rompe por espacio de más de dos siglos toda solidaridad ibérica... [en 1668] se restableció la paz material entre los dos países peninsulares, pero no pudo ya soldarse los que se había roto en 1640: la unidad espiritual de la Península*¹⁷. Por su parte, a partir de 1668 España simplemente se olvidó de Portugal, durante siglos –como si no existiera–, siendo a veces sorprendente el absoluto desconocimiento que aquí se ha tenido, hasta hace muy pocos años, de la historia y de la realidad lusitana, tan cercana en la distancia, tan lejana en las mentes.

II. LA FIESTA CORTESANA EN EL BARROCO HISPANO

*Una fiesta es un exceso permitido y hasta ordenado,
una violación solemne de una prohibición*

SIGMUND FREUD

Se ha dicho, nos lo ha dicho Bonet Correa, que *al igual que la religión y el erotismo, la fiesta pertenece al ansia y deseo de absoluto, al afán y necesidad de sobrepasar los límites que impone la rutina diaria de una existencia aferrada a los hábitos repetitivos y estériles para el espíritu*. Es cierto, pero no es menos cierto que la fiesta, en toda sociedad humana, como manifestación lúdica y como interrupción de la vida cotidiana, ha estado siempre sometida al poder político, y por ende ha tenido siempre un doble carácter: de liberación de las normas cotidianas, pero también coercitivo. Sin la fiesta no es posible mantener el equilibrio social, que solo mediante la fiesta se logra, desde Roma (con el circo) hasta la actual sociedad postmoderna (con el fútbol). Y porque la fiesta es, obviamente, un reflejo directo de la ideología de las élites directoras de una sociedad; por eso, durante la Baja Edad Media¹⁸ y durante la Edad Mo-

¹⁷ Marqués de LOZOYA, «La diplomacia en la independencia de Portugal», en el volumen de Conferencias del Curso 1945-1946 de la Escuela Diplomática (Madrid, 1946). Mi tío Lozoya fue un gran portuguesista, íntimo amigo de Antonio Sardinha –a quien muchas veces alojó en su casona segoviana–, a más de gran cruz de las Órdenes de Cristo y de Santiago de la Espada.

¹⁸ Para la época bajomedieval, por ejemplo: Rosana de ANDRÉS DÍAZ, «Las fiestas de caballería en la Castilla de los Trastámara», en *En la España Medieval*, 8 (1986), págs. 81-107; José Manuel NIETO SORIA, *Ceremonias de la realeza. Propaganda y legitimación en la Castilla Trastámara* (Madrid, 1993), y *Orígenes de la Monarquía Hispánica: propaganda y legitimación, ca.1400-1520* (Madrid, 2004); VV.AA., *Fiestas, Juegos y Espectáculos en la España medieval* (Aguilar de Campoo, 1999), en particular el texto de Víctor GIBELLO BRAVO, «La violencia convertida en espectáculo: las fiestas caballerescas medievales» (págs. 159-172); Miguel Ángel LADERO QUESADA, *Las*

terna¹⁹, las fiestas, al menos las grandes fiestas, en toda la Europa occidental, van a ser unas fiestas cortesanas, unas fiestas nobiliarias y caballerescas. Hasta el punto de que no es posible interpretarlas correctamente sino a través de la ideología cortesana, nobiliaria y caballeresca que las sustentaba.

En cuanto a nosotros nos interesa ahora, que es el periodo del Barroco –los siglos XVII y XVIII– las fiestas cortesanas fueron la manifestación de esa ideología. Y esas fiestas barrocas, para tener éxito, habían de estar organizadas y dotadas de una precisa reglamentación, pues en muy gran medida se basaban en la representación dramática –recordemos que el arte por excelencia del Barroco fue precisamente el teatro–. Y sobre aquellas fiestas se ha escrito mucho y bueno, como antes dije, y yo haré uso de esos textos para glosar aquí brevemente en qué consistían y cómo se desarrollaban.

Las fiestas barrocas –las más espectaculares de todos los tiempos– eran variadas, según fuesen sus motivos de alegrías o de duelos, regias o religiosas, cortesanas o populares. Todo en la sociedad barroca era muy ritual, desde los vestidos de cada estamento –era aquella una sociedad en la que *se era lo que se vestía*–, a sus manifestaciones públicas. En este sentido, ya me he referido antes a una de sus principales características: la necesidad de mantener públicamente una *reputación* que contribuyese al sostenimiento y difusión de toda una propaganda monárquica y estamental. De ahí el carácter público y ritual de los nacimientos, bautizos, bodas, viajes, entradas regias en las ciudades del reino, muertes y exequias de la Familia Real y de los particulares... Y, dentro de cada una de esas ocasiones festivas, la fiesta nobiliaria –una forma cultural compleja– tendrá sus propias especificidades. Naturalmente, no voy a entrar aquí sino a tratar solamente de las fiestas barrocas de carácter cortesano, pues fue precisamente en ese ámbito en el que tuvo lugar la entrada regia en Lisboa en aquel verano de 1619.

Por último, antes de pasar adelante, quiero hacer notar que aquellas fiestas eran ante todo comunitarias, a pesar de que en ellas la corte o la nobleza tuviesen preeminencia. Pero eran siempre fiestas comunes a todas las esferas sociales. Y este extremo es lo que las distingue, y mucho, de las fiestas que se han venido celebrando a partir

fiestas en la cultura medieval (Barcelona, 2004); y María ASENJO GONZÁLEZ, «Fiestas y celebraciones en las ciudades castellanas de la baja Edad Media», en *Edad Media. Revista de Historia*, 14 (2013), págs. 35-61.

¹⁹ Por ejemplo: Roy STRONG, *Arte y Poder. Fiestas del Renacimiento 1450-1650* (Madrid, 1988). Antonio BONET CORREA, «La fiesta barroca como práctica de poder», en *Fiestas, poder y arquitectura. Aproximación al barroco español* (Madrid, 1990), págs. 5-30. Margarita TORRIÓNNE (edit.), *España festejante. El siglo XVIII* (Málaga, 2000); Fernando BOUZA, *Palabra e imagen en la corte* (Madrid, 2003), pág. 76; María Luisa LOBATO y Bernardo J. GARCÍA GARCÍA (coords.), *La fiesta cortesana en la época de los Austrias* (Valladolid, 2003, atención a la completísima bibliografía que incluye al final); y también *Dramaturgia festiva y cultura nobiliaria en el Siglo de Oro* (Madrid, 2007); José Jaime GARCÍA BERNAL, *El fasto público en la España de los Austrias* (Sevilla, 2006). José SIMÓN DÍAZ, *Relaciones de actos públicos celebrados en Madrid, 1541-1650* (Madrid, 1982); Actas del Congreso Internacional «Fiestas, ceremonias y ceremoniales en la España del siglo XVIII» celebrado en Málaga y Marbella del 6 al 8 de noviembre de 1997 (Málaga, 2000). Al lector más interesado en estas fiestas y solemnidades le remito a la Universidad de La Coruña, donde la profesora Sagrario López Poza encabeza y dirige el ambicioso e interesante proyecto RSE-CBD (Relaciones de Sucesos Españolas-Catálogo y Biblioteca Digital).

del siglo XIX, como nos ha explicado el maestro Bonet Correa: porque, quebrado el poder absoluto y sustituida la figura suprema y casi divina del monarca por la hegeliana *nación dividida*, aquella fiesta comunitaria resultaba ya completamente imposible, tanto por el temor de los poderes públicos a que la reunión de muchas gentes, de masas incontroladas, desembocase en tumultos, como porque la mentalidad de la burguesía decimonónica aborrecía de la holganza, y por ende de la fiesta como acto no productivo en términos económicos —y bien sabemos que la mentalidad hodierna de las sociedades europeas postmodernas ha hecho de la fiesta continua y constante una realidad cotidiana—.

Dentro de las diferentes modalidades de la fiesta regia del Barroco, tiene especial relevancia la de la Entrada Real, porque fue en ella —sobre las de bautizos, bodas y funerales regios— en la que mejor y más claramente se evidenciaron los sentimientos monárquicos, y la transmisión y el ejercicio del poder. Más incluso que en la propia proclamación o coronación, porque esta era una ceremonia en parte de acceso restringido, y sobre todo única; mientras que las Entradas Reales eran muchas, dispersas y repetidas, por lo que servían mejor al propósito de asegurar el trono. Además, la proclamación era una fiesta convocada por el Rey, en la que los asistentes eran casi todos meros testigos, mientras que la Entrada Real era convocada y organizada por las ciudades, y tenían gran participación en ella todos los vecinos. Era en la Entrada Real la ceremonia pública en la que el Rey aparecía en toda su gloria y majestad, como un héroe clásico, y en la que la lealtad de los vasallos —autoridades y vecinos— se manifestaba de una manera claramente.

La Entrada Real, una gran fiesta inspirada en el *Triumphus* de la Roma imperial, y seguramente importada desde las ricas ciudades italianas, flamencas y francesas²⁰ durante la Baja Edad Media, era ya una práctica observada en la Península Ibérica de los siglos XIV y XV²¹. Y no hay duda de que, durante los sucesivos reinados de los soberanos de la Casa de Austria sobre las Españas, esas grandes ceremonias se perfeccionaron, y proliferaron mucho²², hasta el punto de que fueron reglamentadas en la célebre Etiqueta General de Palacio, compilada en los años de 1647-1651²³.

Con el paso del tiempo, se fueron haciendo muy complicadas, y exigían mucho tiempo y mucho esfuerzo ciudadano, a más de crecidos gastos. En resumen, las autoridades de la ciudad —el concejo— recibían al monarca en su más lucido lugar para el ingreso, le dedicaban un discurso elogioso y esperanzado, y lo acompañaban a caballo en medio de un gran cortejo de vecinos y gremios, vestidos de colores claros y alegres, hasta la catedral, donde lo recibían obispo y cabildo. Tras la oración colectiva, el Rey volvía a montar en su caballo y el cortejo retomaba el camino de los aposentos o palacios reales, donde dejaban instalado al soberano. En ocasiones, se presentaban al monarca ricos obsequios —desde viandas a caballos—, y casi siempre el monarca ofre-

²⁰ VV. AA., *Court and civic festivals in early Modern Europe* (Londres, 1997). Bernard GUENÉE y Françoise LEHOUX, *Les entrées royales françaises de 1328-1515* (París, 1968).

²¹ Por ejemplo, Rosana de ANDRÉS DÍAZ, «Las entradas reales castellanas en los siglos XIV y XV, según las crónicas de la época», *En la España Medieval*, 4 (1984), págs. 48-62.

²² Juan CHIVA BELTRAN, «Triunfos de la Casa de Austria: entradas reales en la Corte de Madrid», en *Potestas*, 4 (2011), págs. 211-228.

²³ En Palacio se conserva un fondo documental atinente a esta clase de ceremonias triunfales: Archivo General de Palacio, Sección Histórica, caja 48 (fondo de *Entradas Públicas*).

cía una cena de gala a los más conspicuos de los asistentes, mientras la ciudad se encendía con luminarias y fuegos de artificio. En muchas ocasiones, los festejos duraban varios días, ya que a la propia Entrada Real seguían juegos caballerescos y de toros, cacerías, músicas, representaciones teatrales y entremeses, y danzas y bailes.

Para esa jornada tan principal, la ciudad toda era remozada; en especial las calles del tránsito del cortejo regio eran colgadas y tendidas de tapices y reposteros, cubiertas de parasoles, limpiadas y enarenadas, o tendidas de flores y de hierbas aromáticas. Además, esas rúas se ornamentaban con arcos triunfales de arquitectura efímera —otra reminiscencia de la Roma imperial—, llenos de figuras y letreros alusivos a la Corona, la Religión, la Mitología y la Historia. Retratos del monarca y de sus predecesores, alegorías de las virtudes monárquicas —cuales la Justicia y la Paz—, personajes mitológicos como Hércules, Atlas o Neptuno; figuras de celebrados emperadores romanos; imágenes de Dios, la Virgen y los Santos; emblemas y jeroglíficos morales y alegóricos; e incluso algunos temas fantásticos. Esta clase de arcos era muy del gusto de la época, y en su diseño y confección intervenían los mejores arquitectos, pintores, literatos y artesanos de la ciudad, gastándose en ellos sumas exorbitantes²⁴.

El cortejo regio era un verdadero desfile, organizado por un prolijo ceremonial, y ordenado según un estricto orden de precedencias —que a veces daba lugar a roces y cuestiones—. También es de notar que el Rey entraba siempre bajo palio, dosel procesional precedente de la tradición imperial romana.

En Castilla —en la corte madrileña— ese cortejo se organizaba de manera diferente a lo que se observaba en otras de las cortes de las Españas, cual las de Aragón y Portugal, como más adelante diremos. En Madrid, el cortejo y desfile triunfal se abría con las Guardas Española y Alemana, formadas en dos filas, que despejaban el paso de la comitiva y eran seguidas por los trompetas; todos ellos a pie. Enseguida y sucesivamente, todos montados a caballo, los alcaldes de corte, los capitanes, los caballeros y los letrados, los señores titulados, los gentilhombres de la Cámara y los secretarios de Estado, los maceros y los mayordomos del Rey. Seguían los Grandes, y el último de ellos —el primero, porque se seguía el orden procesional eclesiástico, en el que los últimos llevan la precedencia—, el Conde de Oropesa, con el Estoque Real, símbolo de la Justicia del Rey, desenvainado y con la punta hacia arriba. Después, los caballeros, rodeando al propio Rey, que caminaba solo y bajo un rico palio cuyas varas portaban nobles y caballeros destacados. Detrás del monarca, los embajadores acreditados, ordenados por su precedencia y antigüedad, el caballero mayor, el mayordomo mayor, el capitán de la Guarda de los Archeros, el Consejo de Estado al completo, y el escuadrón de la Guarda de los Archeros de Corps. Cerraban el desfile los caballos de respeto del monarca, su coche, y los demás coches de la Caballeriza Real.

El tránsito por las calles principales solía durar varias horas, y el concurso de las gentes era general e inmenso.

En fin: la Entrada Real era un verdadero triunfo político del Rey, que en ella hacía patente todo su poderío, y allí recibía el testimonio cordial y festivo de la lealtad

²⁴ Yves BOTTINEAU, «Architecture Ephémère et Baroque Espagnol», en *Gazette des Beaux-Arts*, LXXI (1968), I, págs. 213 y ss.

y la sumisión de sus vasallos. Su principal propósito era el de dar una imagen de poder y de riqueza, de seguridad, y sobre todo de armonía política.

III. LA JORNADA: MOTIVOS, ETAPAS Y VIVENCIAS

La caída del valido Duque de Lerma en 1618, forzada por el agotamiento de la Hacienda, y el sucesivo gobierno de su inexperto hijo el Duque de Uceda, provocaron una crisis en la Monarquía Hispánica, que ya apuntaba una cierta decadencia, que se manifestó sobre todo en los territorios en que la presencia física del Rey parecía obligada.

En ese contexto político, el viaje de Don Felipe III a su reino de Portugal constituyó un intento de apaciguar los ánimos entre los descontentos súbditos lusos, que por aquel entonces mostraban abiertamente un rechazo a su virrey don Diogo da Silva e Mendonça, Marqués de Alenquer y Conde de Salinas.

El proyecto de Don Felipe III de visitar su reino de Portugal era ya entonces muy antiguo, de casi veinte años atrás, y se había frustrado en varias ocasiones a lo largo de ese tiempo.

Ya en 1599, recién proclamado, manifestó su voluntad de trasladarse pronto a Portugal, como consta en la respuesta que entonces dio a los vereadores de Oporto cuando estos solicitaron ir a Madrid a besar su mano. Parecidas promesas se repitieron en 1602, 1604 y 1606. En 1608, para incentivar el viaje regio, la Cámara Municipal de Lisboa sugirió la posibilidad de ofrecer al monarca un *serviço voluntário*, valuado en 379.000 cruzados; servicio que se materializó en 1613, mediante exacciones a las ciudades y villas del reino, aunque la mayor parte recayó en los lisboetas.

Mientras tanto, año tras año, el monarca reiteraba su propósito viajero. Pero, ya para aquellos años, los portugueses ya no creían en la venida de su Rey, y estaban decepcionados; incluso se percibía una cierta oposición a la regia visita, pues algunos súbditos lusos estimaban que los acuerdos tomados en las Cortes de Tomar de 1581, jurados por Don Felipe II, no se estaban cumpliendo por parte de la Corona²⁵.

Tampoco en Madrid, a la altura de 1613, veían con buenos ojos el viaje, pues preocupaba mucho la seguridad del Rey y de sus ministros. Por eso mismo, cuando en el invierno de 1619, inopinadamente, el Rey decida ir por fin a Portugal, el número de cortesanos castellanos que lo acompañaron fue crecidísimo —sobre todo la imponente y ubicua presencia de las tres Guardas Española, Alemana y de Archeros—. Y quizá también por eso se eligió, en un primer momento, la pequeña villa de Tomar como sede de las Cortes de Portugal convocadas para la jura del Príncipe —aunque finalmente, ante las protestas de la Cámara Municipal de Lisboa, la sede fuese trasladada luego a la capital del reino—.

Por fin, el viaje regio, tras tantos intentos frustrados, partió de Madrid el 26 de abril de 1619, acompañando al monarca el Príncipe y las Infantas, a más de un gran séquito cortesano; viaje que culminó con la Entrada Real en Lisboa el 29 de junio de dicho año, en medio de unas fiestas y celebraciones ciertamente mayestáticas.

²⁵ Francisco RIBEIRO DA SILVA, *op. cit.*, págs. 269-278.

De aquel viaje y de aquellos sucesos y celebraciones conservamos, como antes dije, unos cincuenta relatos, manuscritos o impresos, en general minuciosos y hasta prolijos. Siendo de notar ahora que aquella Jornada Real fue una emulación física y temporal del viaje que casi cuarenta años antes había realizado a Lisboa el Rey Don Felipe II. No siendo menos notable que el periplo regio permitió, merced a la imprenta —ya sólidamente implantada en Madrid y en Lisboa, pero también en Sevilla y en otras ciudades castellanas—, desarrollar un increíble despliegue propagandístico que posibilitó el mantener informados puntualmente a todos los súbditos interesados en el mismo.

Las grandes Jornadas Reales de la Corte española representaban un verdadero *terremoto* cortesano, ya que desplazaban a varios miles de personas cuyo alojamiento y subsistencia dependían de las poblaciones del tránsito. No solo era crecido el número de personas, sino también el de animales de monta y tiro, carruajes y enseres de todas clases. Eran, pues, muy costosas, no solo para el bolsillo regio, sino sobre todo para las haciendas locales. Y aquella Jornada Real a Portugal del 1619 fue de las más costosas de que hay memoria: según los relatos coetáneos, formaron la Corte unas 3.000 personas de la servidumbre de la Cámara, la Caballeriza completa y las tres Guardas Española, Alemana y de Archeros a caballo, los cuales se trasladaron hasta Lisboa en 80 coches, 20 literas, 20 carros largos, 350 carros redondos, 1.000 mulas de sillas y 850 acémilas de carga.

Para resumir y presentar al lector una visión concisa y panorámica de la Jornada Real a Portugal, hemos creído conveniente preparar el cronograma que sigue, advirtiéndole de que los días de la semana, en los relatos coetáneos, están con frecuencia errados —vgr, a veces dicen miércoles, cuando fue un martes—.

- 09/03 El Marqués de Alenquer y Conde de Salinas, virrey de Portugal recibe la noticia de la proyectada Jornada Real y avisa a la nobleza y a las autoridades municipales de las ciudades y villas del tránsito.
- 23/03 El Rey comunica directamente su intención de viajar a Portugal a la nobleza y a las autoridades municipales de las ciudades y villas del tránsito.
- 18/04 Parte de Madrid hacia la frontera de Extremadura la Guarda Española.
- 19/04 Parte de Madrid la Guarda Alemana.
- 20/04 Parten de Madrid la Guarda de Archeros a Caballo y la Caballeriza de S.M.
- 22/04 Parten de Madrid Sus Majestades y Altezas con toda la comitiva, estimada en cerca de cuatro mil personas. El camino se hace en medio de grandes lluvias.
- 27/04 El Rey comunica a las ciudades y villas de Portugal por las que va a viajar, el nuevo *Regimento das entradas dos Senhores Reis nas cidades e villas do reino*, para que a su llegada se observe y aplique.
El itinerario de ida fue este: Móstoles, Casarrubios, Calzada, Valparaíso, Almaraz, Jaraicejo, Trujillo, Valdefuentes, Alcuéscar, Mérida, Lobón y Badajoz.
- 07/05 Llegada a Badajoz. Máscara en honor de SS.MM. y AA. Honras funerales por el Emperador Matías.
- 09/05 Entrada en Portugal por Elvas, llegando a la villa anocheciendo. En aquel momento cesó la Justicia castellana, y entró a servir la Casa de Portugal. Aposentamiento en el convento de Santo Domingo.
- 10/05 Entrada Real en Elvas: arco triunfal, discurso, entrega de llaves, procesión a caballo hasta la catedral y oración en ella, y marcha a caballo hasta su Pala-

- cio, en la casa de don Juan de Brito de Silva. Máscara, luminarias, presente municipal. Llegada del Duque de Braganza con su hijo, y recepción cordial por el Rey y el Príncipe.
- 11/05 El Rey recibe el besamanos de la Cámara Municipal y a la nobleza local.
- 12/05 El Rey recibe al Duque de Braganza y a su hijo. Partida de Elvas por Vila Boim y Vendas de Alcaraviça, y llegada a Estremoz, ya anochecido, en medio de una gran lluvia. Aposentamiento en el monasterio de San Francisco.
- 13/05 Entrada Real en Estremoz: arco triunfal, discurso, entrega de llaves, entrada a caballo y bajo palio, procesión hasta la iglesia mayor, oración y marcha a caballo hasta el Palacio, dispuesto en la casa de don Lope de Azevedo, almirante de Portugal. Fuegos de artificio, luminarias y máscara, presente municipal. Toros suspendidos. Misa en el monasterio de San Juan Bautista y partida para Évora por Vendas de Barceiras.
- 14/05 Llegada a Évora y aposentamiento en el monasterio del Carmen, extramuros. Luminarias.
- 15/05 Entrada Real en Évora a las cuatro de la tarde. Arco triunfal, entrega de llaves, discurso, procesión a caballo hasta la plaza mayor, segundo arco triunfal, llegada a la catedral y oración en ella, y de nuevo a caballo hasta su Palacio, establecido en las casas de don Diego de Castro, Conde de Basto.
- 16/05 En Évora. Recepción al arzobispo de Évora, Cabildo catedralicio y superiores de los monasterios y conventos; y a la nobleza evorense. Por la tarde, visita al Colegio de la Compañía de Jesús, sede de la Universidad de Évora, con obsequio, danzas, representaciones teatrales, y diálogo de estudiantes.
- 17/05 En Évora. Recepción a la Cámara Municipal y a la nobleza. Visita de iglesias y monasterios de la ciudad.
- 18/05 En Évora. Auto de fe con 124 penitenciados y ocho condenados a muerte. Visita al monasterio de Santa Mónica. Por la noche, convite municipal.
- 19/05 En Évora. Misa rezada en la catedral, y por la tarde partida hacia Montemor-o-novo, por Venda do Palalim, llegando por la noche a hospedarse en el monasterio de San Francisco. Día de lluvia.
- 20/05 Entrada Real en Montemor-o-novo: arco triunfal, entrega de llaves, procesión a caballo y bajo palio hasta la iglesia mayor sita en el castillo, y de allí al Palacio. Por la noche, luminarias en la villa.
- 21/05 Partida hacia Landeira, donde se hizo pernocta.
- 22/05 Partida hacia Coima, donde se hizo pernocta.
- 23/05 Partida hacia Almada, donde se hizo pernocta, y en donde permanecería la Corte once días. Luminarias.
- 24/05 En Almada. Luminarias.
- 25/05 En Almada. Luminarias.
- 27/05 En Almada. Llegada del Duque de Aveiro con sus hijos y acompañamiento. Llegada y besamanos de numerosos prelados y nobles de Lisboa.
- 30/05 Fiesta del Corpus en Lisboa. El Rey y sus hijos cruzaron el Tajo en un bergantín y entraron de incógnito en el Palacio Real de Lisboa, para ver la procesión. Por su interés, reproducimos un relato anónimo coetáneo: *La grandeza que ubo en esta proçession fue del modo que primero yban delante la música de menistriles y trompetas y atabales. Luego tras esto proseguían doze pendones a manera de estandartes, que eran de los Armenos que cada uno llevaba la insinia del officio que era. Tras destos benian 60 pendones*

diferentes, todas bordados con el santo que cada officio tiene [como] abogado. Luego vinieron 24 danzas todas con mucha orden y muy bien aderezados. Luego vino un carro triunfal muy bizarro en el qual venia una noria con sus alcaduças sacando agua con otros ynbenciones de rramilletes y flores; este carro era de los ortolanos. Luego venia otro carro triunfal a manera de un castillo, este era de los Cuberos y en el mismo carro yba hecho de vulta personas que con grande yngenio andavan y armaron y haziendo una cuba con otros muchos ynbenciones tocantes a este officio. Y en lo alto del castillo el santo de su devoçión. Luego tras esto yba un hombre vestido de pieles haziendo la figura de san Juan Bautista y a su lado hizquierdo un ángel con un cordero en los brazos al qual señalaba con el dedo el que hazia la figura del santo. Luego detrás desto venia otro hombre haziendo la figura de san Miguel con una cruz en la mano hizquierda y una espada en la derecha con otros 4 ángeles que le acompañaban a los lados. Las riquezas y joyas que llevaban sobre sí no se puede contar, con plumas en las cavezas y ropas rozagantes de tafetán carmesí. Tras desto venia un hombre armada de punto en blanco en un hermoso cavallero y éste hazia officio de cavallerizo de san Jorge, que yba guiando 20 cavallos muy bien enjaezados llevando a cada uno del dieztro un lacayo y detrás de cada cavallo un hombre vestido de turco limpiando las ancas con un tafetán colorado. Y detrás desto venia san Jorge echo de bulto y armado con lança y escudo en las manos en un cavallo vivo. Y tras del santo venia un ermosso mozo en otro cavallo que también yba armada con lanza y escudo en las manos haziendo officio de page de lana. Luego venian tras destes al pie de 1200 hombres bestidos de colorado con unas ropas largos con çirios ençendidos blancos, que diçen ser esclavos del sanctissimo sacramento. Tras destes venian algunas estandartes que eran de algunos officios particulares. Luego venian tras desto, de Perroquias y Cofradias, al pie de 300 cruces muy bien aderezados y con muy buena orden. Tras desto venian todos los conventos por su orden y antigüedades con sus cruces y capas el preste y Diácanos, que serian en todo más de 1700 religiosos. Tras desto venia la Cleressia, que serian en todo más de 1000 saçerdotes de missa. Luego venian 24 Canónigos de la Seo revestidos con capas de coro muy rica[s]. Luego venian más de otros 20 saçerdotes con çetros y revestidos también con capa de coro y otros con una linterna de plata alzadas en alto que llevaban dentro luz. Luego venia el Arçobispo con el sanctissimo sacramento en las manos porque diçen que en este çiudad no se usa llevarlo en custodia. Savida la raçon, el porqué es que muchos años atrás se usava en esta tierra que tales dias como éste tenían de costumbre y devoçión a manera de ofrenda echar la gente dineros ençima de la custodia. De manera que un año suçedió que, echando los dineros, arrojaron un puñado de reales de a ocho y sin saber quién, porque sin duda paresçió ser arrojado con maliçia, por donde quebraron los beriles del relicario donde iba el sr. y cayó ençima de las andas donde iba la custodia. Y todo el mundo dixo, particularmente los saçerdotes que le llevaban a onbros que algún judio con maliçia habia. hecho aquello y bisto el des[ca]to ordenaron el Cabildo desta yglessia mayor de embiar a Roma para que su Sanctidad les hiziesse graçia de que de allí adelante llebassen al Sanctissimo sacramento en las manos. Por remate yban los Consejos y el gobierno de la Çiudad. Acabado la proçessiön que serían las tres de la tarde se fue su

Magestad y Altezas a comer cada uno a su quarto y a cosa de las seis de la tarde se bolbieron a embarcar para Almada.

- 02/06 Paseo fluvial por el Tajo del Rey y el Príncipe, y encuentro con una nao de la India que arribaba a Lisboa, y en la que fueron recibidos a bordo.
- 03/06 Paseo fluvial por el Tajo hasta el río Coína, donde visitaron una pesquería y confraternizaron con los pescadores, que obsequiaron con el producto de su pesca a S.M. y Altezas.
- 05/06 El Rey y la Corte pasan a hospedarse en el monasterio de Belém, extramuros de Lisboa. Llegada y homenaje del Marqués de Castel Rodrigo.
En las tres semanas sucesivas, el Rey concedió audiencias por las mañanas, dedicando las tardes a la visita de los conventos y monasterios cercanos, de los fuertes y factorías de pólvora y bastimentos, y de las quintas de recreo circundantes.
- 22/06 Llegada a Belém de las galeras de España y de Portugal (trece navíos), procedentes del Puerto de Santa María, con siete compañías de infantería y otras cinco de milicias sevillanas. Todas hacen salvas de artillería, y músicas.
- 23/06 En Belém. Merienda de la Familia Real en la Quinta de Alcántara. Grandes luminarias, música y danzas, y fuegos de artificio, por ser víspera de San Juan. Las galeras de España y de Portugal se trasladan a Lisboa.
- 29/06 Entrada Real en Lisboa, día de San Pedro y San Pablo. A las tres de la tarde se embarcaron S.M. y AA. en la galera real de Portugal, la que, acompañada de las galeras de España y de Portugal, todas engalanadas, e innumerables embarcaciones menores que las acompañaron río arriba, hasta dar fondo ante el Terreiro do Paço mientras sonaban las músicas de los buques. Desde la misma galera real, ya amarrada a un muelle ricamente adornado, el Rey y sus hijos presenciaron una representación teatral de la expulsión de los moriscos, hecha por los oficiales de la vecina Aduana, cuyo edificio y aledaños se habían decorado ricamente.
Desembarcaron S.M. y AA. en medio de una gran salva de artillería y arcabucería de las galeras, respondida por los fuegos del castillo de San Jorge. Fueron recibidos por la Nobleza portuguesa y por la Cámara Municipal, y el presidente le presentó las llaves de la Ciudad. S.M. se las volvió, y montó a caballo para iniciar el paseo hasta la catedral, seguido de muchachas danzantes y de músicas, y después los reyes de armas, heraldos y perseverantes de Portugal, los ministros de justicia, la Nobleza titulada y los caballeros, y los oficiales de la Casa de Portugal, todos descubiertos, cerrando las Guardas Española y Alemana.
Arco triunfal de los hombres de negocios de Lisboa (donde se acababa el muelle), y allí la Cámara Municipal recibió a S.M. en cuerpo y con el palio de diez varas; uniéndose la Guardia de los Archeros y la carroza con los Príncipes y la Infanta. Al llegar a la puerta de la muralla por donde había de entrar, recibió a S.M. e hizo la plática el doctor Ignacio Ferreira.
Allí mismo se había levantado el gran arco triunfal de los Ingleses, y poco más adelante, en el Pelourinho Velho, el de los oficiales de la Bandera de San Jorge. En la boca de la rua da Pratería, el arco triunfal de los Plateros, dedicado a los Reyes de Portugal; y al otro lado de la plaza, el arco triunfal de los Guarnicioneros, y enseguida el de los Atahoneros, el de los Olleros, el de los Zapateros, y el de los Cereros.

A las puertas de la catedral de Lisboa o Sé, se levantó el arco de los Italianos. En las gradas de la iglesia mayor se apearon S.M. y Altezas, siendo recibidos por el arzobispo revestido de pontifical, y el cabildo catedralicio. Tras adorar la reliquia del Lignum Crucis, recibieron la bendición, se cantó un *Te Deum laudamus*, y el cortejo se trasladó hasta el altar mayor, donde se hicieron las ceremonias del ritual, y todos los prelados y clérigos besaron la mano del Rey. A la salida de la catedral, el Rey volvió a montar y, bajo palio, deshizo el camino hasta el Pelourinho, para tomar la Rua Nova, donde levantaron arcos triunfales los Esparteros y los Pasteleros. Las cinco bocacalles también estaban adornadas con figuras y representaciones. A la entrada de la rúa de San Juan se elevó el arco triunfal de los Pintores; más adelante, sobre la misma Rua Nova el arco triunfal de los Flamencos; y al cabo de dicha calle, el arco triunfal de los Orífices y Lapidarios. Frente a la calle de los Orífices se hallaba situada la Casa de la Moneda, y allí se levantó el arco triunfal de los Monederos; en el testero de la Calcetería, el arco triunfal de los Sastres; y frente a este, el arco triunfal de los Familiares del Santo Oficio. Por último, ya en la embocadura de la plaza del Palacio, se construyó el arco triunfal de los Alemanes.

En las puertas del Palacio, siendo ya anochecido, el Rey echó pie a tierra y agradeció al presidente de la Cámara Municipal el magnífico recibimiento, advirtiéndole que deseaba volver a ver tantas obras, y que no se descompuieran.

- 30/06 S.M. y AA., en coche y a la luz del día, recorrieron todo el itinerario de la víspera, contemplando a su sabor tanta grandeza. Por la noche, fuegos de artificio en la plaza de Palacio.
- 01/07 S.M. y AA., con lucido acompañamiento, fueron a la iglesia de la Misericordia, a celebrar la víspera de la fiesta de la Visitación de Nuestra Señora. Por la noche, máscara y luminarias en la plaza de Palacio.
- 02/07 Comenzó el Rey a dar audiencias a todas las autoridades portuguesas, y comidas en público con asistencia de los Títulos, consejeros de Estado, gobernador, oficiales de la Casa de Portugal y secretarios de Estado. Recibió S.M. a los Consejos y Tribunales de Justicia, Hacienda, Órdenes, Inquisición, y a la Cámara Municipal.
- 14/07 Apertura de las Cortes de Portugal, en Palacio, en la Sala de los Tudescos. No entró en la sala ningún castellano, salvo los capitanes de las tres Guardas. Juramento del Rey al Reino, y pleito homenaje del Reino al Príncipe (juraron todos los Duques, Marqueses, Condes, consejeros, alcaldes mayores; los procuradores de las 18 ciudades y de las 75 villas principales; y 18 prelados, y los priores mayores de las Órdenes Militares de Cristo, Avis y Santiago de la Espada).
- 18/07 Proposición a las Cortes, en nombre del Rey; y respuesta de las Cortes. Mandó el Rey que en los días sucesivos el Estado Eclesiástico se reuniese para debatir y conferir en el monasterio de Santo Domingo; el de la Nobleza, en el monasterio de San Eloy; y el Popular en el monasterio de San Francisco.
- 07-08 S.M. y AA. visitaron todos los conventos y monasterios de Lisboa. También hicieron visita particular a la Duquesa de Aveiro. Y en una ocasión, el 2 de agosto, presidió el Rey una sesión de la Casa da Suplicação, votándose allí una causa criminal grave —tanto, que se acordó la condena a muerte, usando

- S.M. de su derecho de clemencia y perdón—. Otra tarde se embarcó S.M. en las galeras para acompañar hasta la barra de Lisboa a la Armada de Portugal y a otra flota vizcaína, que partían para guardar las costas y recoger las flotas de Indias. Otros días trató S.M. con los consejeros y ministros en audiencias secretas. Y en el monasterio de Belém hizo las honras del Rey su padre.
- 21/08 Representación teatral de la tragicomedia del Rey Don Manuel, del P. Antonio de Sosa, en el Colegio de la Compañía. La función se repitió en la tarde del día siguiente.
- 27/08 Presidió S.M. la sesión del Consejo de Estado.
- 28/08 Clausura y despedida de las Cortes de Portugal.
- 02/09 Primera gran corrida de toros en la gran plaza del Palacio. La segunda y la tercera tuvieron lugar en los dos siguientes días.
- 15/09 Llegó a Lisboa la nueva de la elección imperial del Archiduque Fernando.
- 16/09 Misa de acción de gracias por la elección imperial, en la catedral. Y el 21, gran procesión desde la catedral a la iglesia del convento de Santo Domingo, por la elección imperial.
- 17/09 S.M. y AA. pasaron a Sintra, almorzando en Belas —donde deseaba S.M. examinar y ver la fuente de aguas de la que se proyectaba surtir a Lisboa—. Se alojaron en el Palacio Real sito allí, durante cinco días. En esas jornadas de descanso y recreo, la Corte visitó algunos conventos, y además S.M. y el Príncipe se dedicaron a la caza de venados.
- 21/09 La Corte se traslada a Cascaes, almorzando de camino en el monasterio jerónimo de Penhalonga. Alojamiento en el palacio del Conde de Monsanto.
- 22/09 Visita S.M. la fortaleza de Cascaes, y allí ordena la libertad del dicho Conde de Monsanto, que en ella estaba preso desde tiempo antes. Además, disparó por su mano un cañón, haciendo blanco en el objetivo señalado. Partida hacia Lisboa a bordo de la Galera Real, en la que se hizo incómoda pernocta debido a las condiciones adversas de la mar.
- 23/09 Llegada del Rey y Altezas a Lisboa. S.M., apremiado por las nuevas de la guerra en Alemania, determinó volver a Castilla, reuniendo antes el Consejo de Estado y a otros tribunales portugueses; pero prometiendo volver a Lisboa muy pronto.
- 29/09 Partida de Lisboa del Rey, Príncipes e Infanta, por la tarde. Pasaron el Tajo en la Galera Real, desembarcando en Coína a la noche, donde pernoctaron.
- 30/09 Almuerzo en la casa de campo del Duque de Aveiro en Azeitão. Por la tarde, jornada de caza con el Duque, en la sierra de Arrábida. Llegada a Setúbal ya anochecido, donde pernoctaron en el monasterio de San Francisco.
- 01/10 Entrada Real en Setúbal: recibimiento municipal, entrega de llaves, paseo a caballo y bajo palio hasta la iglesia matriz de la Orden de Santiago, donde hizo oración. Se apeó luego en las casas del Duque de Aveiro, y por la noche hubo luminarias.
- 02/10 Los pescadores hicieron vistosas luminarias en sus barcas. Exequias por la Reina Doña Margarita en el monasterio de Jesús, de franciscanas.
- 03/10 Setúbal: capítulo general de la Orden Militar de Avis en la iglesia matriz de Nuestra Señora de Gracia.
- 04/10 De camino a Palmela. Allí, capítulo general de la Orden Militar de Santiago de la Espada. Entonces y allí se instituyó el Trecenazgo de dicha Orden. Partida de la Corte por la tarde hacia Coína, donde se pernoctó.

- 05/10 En Coína S.M. y AA. embarcaron en la Galera Real y pasando frente a Lisboa surgieron en Enxobregas, donde estaba surta la Armada del Mar Océano. S.M. embarcó en la Capitana, la inspeccionó, y después reembarcó en la Galera Real, en la que se hizo incómoda pernocta.
- 06/10 En Vilafranca de Xira. S.M. y AA. desembarcaron y despidieron a las Galeas de España y de Portugal, que retornaban a su base en el Puerto de Santa María. El viaje por vía fluvial continuó desde allí a bordo de bergantines.
- 07/10 S.M. y AA. pasan a Povos.
- 08/10 En Salvaterra, doce leguas Tajo arriba, alojándose en el antiguo palacio del Infante Don Luis. Salió el Rey a montar, matando algunos jabalíes.
- 09/10 SS.MM. y Altezas llegan a Almeirim, alojándose en el antiguo Palacio Real. El Rey cazó allí algunos jabalíes. Por las noches, luminarias.
- 11/10 En Santarém, a donde pasó el Rey en un bergantín, acompañado de otras embarcaciones sutiles. Entrada Real a caballo y bajo palio, con entrega de llaves, paseo hasta la iglesia colegiata, y alojamiento en la casa del Conde de Tarouca. Por la noche, en el río, combate de tres galeras de fuego contra un castillo de lo mismo.
- 12/10 En Sántarém. Máscara nocturna. Y en días sucesivos, visita a monasterios e iglesias.
- 14/10 Partida hacia Tomar, durmiendo en Golegã.
- 15/10 Llegada a Tomar por la tarde. Entrada Real a caballo y bajo palio, con entrega de llaves, plática, paseo hasta la iglesia del convento de Cristo, oración en la capilla mayor, y aposentamiento allí.
- 16/10 En Tomar. Capítulo general de la Orden Militar de Cristo. Allí en Tomar despidió el Rey a la mayor parte de los títulos y señores portugueses que aún le acompañaban.
- 18/10 Por la tarde, partida de Tomar hacia Tancos, donde se hizo pernocta.
- 19/10 De camino. La Corte cruza el Tajo por última vez, y va a pernoctar en Ponte de Sor.
- 20/10 De camino. Llegada y pernocta en Alter do Chão.
- 21/10 De camino. Llegada y pernocta en Arronches.
- 22/10 De camino. Llegada y pernocta en Campo Maior.
- 23/10 De camino. Paso de la frontera de los reinos y llegada a Badajoz, concluyendo así la última Jornada Real en Portugal de un monarca común a ambos reinos.

Notemos, por último, que la Jornada Real a Portugal, si bien era deseada por los vasallos portugueses, que se alegraron mucho con la venida del Rey, también les causó algún disgusto, en especial en la parte económica. El viaje costó a los vasallos portugueses la exorbitante suma de 700.000 cruzados –como dice Labanha al fin de la versión portuguesa de la obra–, de los cuales la ciudad de Lisboa sufragó la mayor parte, hasta 410.00 cruzados, según consta en sus actas municipales –ese servicio voluntario se abonó en tres entregas de 370.000, 200.000 y 40.000 cruzados, respectivamente–.

Por eso no es de extrañar que el castellano Santiago de Monzón, escribiendo desde Lisboa el 8 de junio al gran Conde de Gondomar, le dijese que oyó decir *que los fidalgos no se an olgado mucho de la benida de Su Magestad porqu'es jente miserable y les açen gastar por fuerça*; o que su compatriota Jerónimo de Sarmiento, en otra

carta dirigida al mismo Conde desde la ciudad, el 15 de junio, le relatase cómo *aquí no ay cosa de nuevo sino el aberse publicado la entrada en Lisboa, quando auía de ser la salida, según el deseo general...*²⁶.

Por otra parte, los objetivos políticos del viaje solamente fueron alcanzados en parte: ciertamente se acreció el prestigio del Rey entre sus vasallos portugueses, se verificó la jura del Príncipe, y se impulsó la administración pública mediante la benéfica presencia regia. Pero también tuvo efectos negativos la visita, pues se frustró el intento de que la Corte se estableciese permanentemente en Lisboa, evidenciándose también una cierta distancia entre el monarca y los grandes señores portugueses —*el Rey pouco conversaba com elles, de que elles queixavão*, nos dice Roiz Soares—. Una distancia que, aumentada durante los veinte años sucesivos de ausencia regia, desembocaría en la rebelión nobiliaria del 1.º de octubre de 1640, que acabó para siempre con la unión de las monarquías ibéricas.

IV. LA OBRA

Hemos dicho antes que la publicación de esta obra en 1621 fue un verdadero alarde editorial en las Españas de aquella época. No es exagerada esta afirmación.

Por voluntad expresa del propio Don Felipe, monarca de Portugal y de España, la obra fue encargada al entonces cronista mayor del reino de Portugal, João Baptista Labanha, que era un lisboeta residente en Madrid desde la década de 1590 por lo menos. Un científico, por otra parte, muy dedicado a los asuntos náuticos y marítimos, que escribió en ambas lenguas una multitud de obras. En páginas siguientes trataremos por menor de su trayectoria vital.

La obra fue redactada en castellano, y solo después se decidió su traducción y edición en portugués —como consta en la edición portuguesa, al folio 2v: *Este livro compous primeiro em lingoa Castelhana...*—.

Para ilustrarla convenientemente se recurrió a uno de los mejores grabadores que entonces fungían en la corte: Jan Schorquens (¿1595-1630?), originario de Amberes, que al parecer había acompañado a la corte en la Jornada Real a Portugal, y era por tanto testigo de vista de todos los hechos relatados. Pero en esta tarea de ilustración tuvo también parte el pintor Domingos Vieira Serrão (¿1570?-1632), natural de Tomar, que fue el autor de la mejor de las once láminas abiertas e impresas por Schorquens: la gran vista de la ciudad de Lisboa desde el Tajo.

Las labores de impresión se encomendaron al mejor impresor de la época en Madrid: el italiano Tomás Junti (1577-1624), impresor del Rey y responsable de la Imprenta Real que se había creado en 1594, precisamente para dotar a la corte de la más moderna tecnología disponible en la Europa de la época, y evitar las importaciones masivas y costosas. De estos tres colaboradores diremos, por menor, más adelante.

El papel, de gran calidad y mucho gramaje, se trajo de los dos mejores molinos de papel que entonces surtían las necesidades editoriales: el molino del Arco, en las inmediaciones de Segovia, un establecimiento fabril seguramente fundado hacia 1530

²⁶ Real Biblioteca, II/2148, documentos 103 y 105.

por el milanés Juan Tomás Fabaro²⁷; y el molino del monasterio cartujo del Paular, en término de Rascafría (Madrid), el mismo que surtió de papel en 1605 al impresor Juan de la Cuesta, para imprimir por vez primera el celeberrimo *Don Quijote de la Mancha*²⁸.

El resultado del empeño regio fue la publicación en las primeras semanas de 1622 (pues, aunque en el colofón se mencione la fecha de 1621, la portada dice 1622, así como la fe de erratas del principio se refiere al 22 de enero de ese año de 1622), de un libro importante, un libro de gran lujo en la época, que fue la primera obra publicada simultáneamente en dos lenguas vivas, en el ámbito de la Monarquía Universal hispánica. Ciertamente, todo un alarde editorial.

Impreso en folio (23,5x34 cm), la edición en castellano consta de tres hojas, más setenta y seis folios, más tres láminas plegadas —las de la vista de Lisboa, y los arcos de los Hombres de Negocio, y de los Flamencos—. Van insertas entre sus páginas once láminas en total.

Notemos que los textos de las dos ediciones no coinciden exactamente: en la edición portuguesa se omitieron, al principio, las menciones al pago de la tasa y la fe de erratas, y se corrigieron algunas erratas de la otra edición —así al folio 12v—. También difieren las fechas de las licencias, obtenidas un mes antes que las de la edición en castellano. Y al final de esta versión portuguesa, se añadieron relatos más detallados de los capítulos generales de las Órdenes Militares portuguesas —Cristo, Avís, Santiago—, y también se añadió otra lámina al folio 62, la duodécima, que muestra la planta y disposición del salón de las Cortes de Portugal, celebradas en Lisboa.

Por vez primera en la historia de la imprenta española, una misma obra, ciertamente lujosa y costosa, se editó simultáneamente en dos lenguas; y también fue aquel el primer caso de edición de una misma obra en castellano y en portugués, o sea en las dos principales lenguas peninsulares.

V. EL AUTOR

El relato de la Jornada Real a Portugal que estamos editando fue obra de un lisboeta avecindado en Madrid durante la mayor parte de su vida: João Baptista Labanha (en español, Juan Bautista de Labaña). Labanha fue uno de los cosmógrafos y científicos que más se distinguió en las Españas filipinas, cuyos trabajos y dedicación en la corte de los primeros Felipes marca toda una época de la ciencia y en la navegación hispánica. Fue quizá el primer matemático hispano que se interesó seriamente por el problema de la desviación de la aguja magnética, hasta el punto de ser autor de las primeras tablas de amplitudes ortivas para la determinación de la declinación magnética, datadas en el año de 1600 precisamente²⁹. Acompañó al Rey y a la Fami-

²⁷ Carlos de LECEA GARCÍA, *Recuerdos de la antigua industria segoviana* (Segovia, 1897), págs. 11 y ss. Juan de VERA Y DE LA TORRE, «Una industria, una capilla y un linaje», en *Estudios Segovianos*, 19 (1967), págs. 85-133.

²⁸ Miguel HERRERO GARCÍA, «El molino de papel del Paular», en *El Libro Español* (Madrid, 1958), I, 4, págs. 167-171.

²⁹ La gran figura del lisboeta Labanha no ha tenido hasta ahora la gran biografía que sin duda merece. Las mejores semblanzas de su persona y de su trayectoria vital, son, por ahora, la de Antonio

lia Real a Lisboa en aquella primavera y verano de 1619, y redactó –en castellano, y después lo tradujo al portugués– el extenso relato impreso por Juan de Junti dos años después. Todo ello obliga a ofrecer y a completar su semblanza biográfica.

El cosmógrafo mayor Labanha fue sin duda una de las máximas personalidades científicas de las Españas de su tiempo, por cierto injustamente olvidado por los historiadores de la ciencia española hasta tiempos muy recientes, quizá por el hecho de ser de origen portugués. Notemos que hasta ahora, que yo sepa, no existe ninguna biografía completa de este interesantísimo personaje, si bien son muchos los autores que se han referido a él y a sus trabajos científicos e históricos. Lo que me mueve a traer aquí a colación algunas noticias que de su vida he logrado averiguar, y que enriquecen las que hasta ahora conocíamos³⁰.

João Baptista Labanha o de Labanha nació en Lisboa muy poco antes del 1555, en el seno de una familia noble de origen genovés afincada en la capital portuguesa desde las primeras décadas del siglo XVI³¹.

Paulo UBIETO ARTUR, «Aportações à biografia de João Baptista Labanha», *Revista da Universidade de Coimbra*, XXXVI (1991), págs. 395-408; y las mías: Alfonso de CEBALLOS-ESCALERA GILA, Marqués de la FLORESTA, «Una navegación de Acapulco a Manila en 1611. El cosmógrafo mayor Juan Bautista de Labaña, el inventor Luis de Fonseca Coutinho, y el problema de la desviación de la aguja», en *Revista de Historia Naval*, 65 (1999), págs. 7-42; corregida y aumentada en «Más acerca de las investigaciones científicas hispanas sobre el problema de la desviación de la aguja náutica: los trabajos y ensayos del cosmógrafo mayor João Baptista de Labanha y del inventor Luis de Fonseca Coutinho, durante una navegación por el Pacífico desde Acapulco a Manila en 1611», en *Journal of Alternative Perspectives in the Social Sciences*, 4/1 (febrero 2012), págs. 373-421.

³⁰ Que son las que contienen las obras de Manuel GARCÍA MIRANDA, *Biografía de don Juan Bautista Labaña (1560-1624)*, *Cosmógrafo Mayor y Cronista de los Reyes Felipe II, III y IV* (Madrid, 1917); Diogo BARBOSA MACHADO, *Biblioteca Lusitana* (Lisboa, 1741-1758), vol. II, pág. 598; Armando CORTESÃO, *Cartografía e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI* (Lisboa, 1935), vol. II, págs. 294-361, y *Portugaliae Monumenta Cartographica* (Lisboa, 1960), IV, págs. 61-76; Francisco MARQUES DE SOUSA VITERBO, *Trabalhos Náuticos dos Portugueses* (Lisboa, 1890), vol. I, págs. 171-183 y vol. II, págs. 207-208; Felipe PICATOSTE, *Apuntes para una biblioteca científica española del siglo XVI* (Madrid, 1891); Martín FERNÁNDEZ DE NAVARRETE, *Biblioteca Marítima Española* (Madrid, 1851), II, págs. 239-247 (edición de Barcelona, 1995), y *Colección de Opúsculos* (Madrid, 1848), II, págs. 93-101; Julio REY PASTOR, *Los matemáticos españoles del siglo XVI* (Madrid, 1934); José Augusto SÁNCHEZ PÉREZ, *Monografía sobre Juan Bautista Labaña* (discurso de recepción en la Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, Madrid, 1934); María Isabel VICENTE MAROTO y Mariano ESTEBAN PIÑEIRO, *Aspectos de la ciencia aplicada en la España del Siglo de Oro* (Valladolid, 1991), págs. 80-99, 109 y 115; Nicolás GARCÍA TAPIA y M.^a Isabel VICENTE MAROTO, «Juan de Herrera, un científico en la corte española», en el catálogo de la exposición *Instrumentos científicos del siglo XVI. La corte española y la escuela de Lovaina* (Madrid, Fundación Carlos de Amberes, 1997), págs. 41-54; Mariano ESTEBAN PIÑEIRO y Mauricio JALÓN, «Juan de Herrera y la Real Academia de Matemáticas», publicado en el mismo catálogo que la anterior, págs. 55-66; Ángel MARTÍN MUNICIO, «La creación de la Academia de Matemáticas», en el catálogo de la exposición *Felipe II. Un Monarca y su época. La Monarquía Hispánica* (Madrid, Real Monasterio del Escorial, 1998), págs. 243-250; y últimamente Mariano CUESTA DOMINGO, *Tres cartógrafos portugueses en la Corte de España. Ribeiro, Labanha, Teixeira* (Lisboa, 2010).

³¹ Así consta de diversos nobiliarios y repertorios genealógicos: Biblioteca do Palacio da Ajuda, ms 50-IV-9 (I-22), *Linhagens do século xvii*, tomo 85, fol. 111; y ms 49-XII-36, Andrade Leitão, *Famílias de Portugal*, tomo 11, fol. 631. Biblioteca Nacional de Lisboa, Pombalina, ms 384, Diogo Rangel de Macedo, *Nobiliario e genealogia de algumas famílias de Portugal*; y código 651, folio 327;

por el maestro Esquivel
 de 1610
 Jo. Bapt. Labanha

Efectivamente, hacia 1520 su abuelo paterno el genovés Giambattista Lavagna llegó a la ciudad de Lisboa, en la que falleció el 5 de febrero de 1555, siendo sepultado en el convento do Carmo. Allí formó familia, siendo padre de al menos tres hijos: Marcos Labanha, licenciado en Leyes³² y marido de N. Marques (de la que tuvo a Francisco y a Isabel Labanha); Luis Labanha, de quien diremos luego por ser el padre de nuestro cosmógrafo; un segundo João Baptista de Labanha, marido de Guiomar Ferreira y padre de Vicencia (1565), Luis (1568), Antonio (1572) y Francisco Labanha³³ (tuvo quizá algunos hijos más); y una hija cuyo nombre ignoro, pero que fue casada con frey Jerónimo de Regreros (mencionado en el testamento del cosmógrafo mayor, en 1624). La familia Labanha estuvo al servicio de la Corona portuguesa, y quizá por eso tenía un rango nobiliario reconocido, a más de una cierta posición social y de un buen nivel cultural.

El citado Luis Labanha, que fue hecho *escudeiro fidalgo* por el Rey Don Sebastián, y nombrado *corretor da Fazenda Real* en 1585, se casó con la señora Jerónima Daza, quien quizá estaba infectada de sangre de cristianos nuevos, hebreos convertidos. De ese matrimonio vendría al mundo, a más del cosmógrafo João Baptista, su hermano Miguel Labanha, fallecido en 1613. Luis Labanha murió en Lisboa en 1604³⁴, y su viuda Jerónima Daza falleció allí en 1613.

João Baptista Labanha entró al servicio del Rey Don Sebastián durante el año de 1572, según afirma en su testamento de 1624. Fue desde mozo paje del Rey Don Sebastián, y se educó en su corte, por lo cual gozó de la cercanía al monarca, y de la

y códice 652, folio 33. Cristovão ALÃO DE MORAIS, *Pedatura Lusitana (Nobiliario de Familias de Portugal)*, (Oporto, 1947), tomo VI.

³² Mario BRANDÃO, *Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557* (Coimbra, 1941 y ss.), I, págs. 87-88 y 104-105. Augusto BOTELHO DA COSTA VEIGA y Arnaldo FARIA DE ATAÍDE E MELO, *Index das notas de varios tabeliães de Lisboa, entre os anos de 1580 e 1747* (Lisboa, 1930-1949), IV, fol. 321v.

³³ Buena parte de los registros parroquiales lisboetas de la época se conservan en la Torre do Tombo. También Edgar PRESTAGE y Pedro de AZEVEDO, *Registos Parrochiaes de Lisboa. Registo da Freguesia da Sé desde 1563 até 1610* (Coimbra, 1924-1927), tomo I.

³⁴ Entonces concurrió al reparto de sus bienes un familiar genovés, Esteban Lercaro, que puso demanda judicial: Archivo Histórico Provincial Universitario de Valladolid, protocolo 778 (Tomás López), 1604, folios 1883v-1884v.

amistad de personajes de la alta nobleza, cual el Duque de Aveiro, a quien serviría durante muchos años en Madrid. Todos los autores coinciden en que destacó en el estudio de las matemáticas, y por eso, siendo aún muy joven, el Rey le envió a Roma a perfeccionar sus estudios; y que a su regreso a Lisboa, en 1578, fue nombrado cosmógrafo real y escribió sus primeros trabajos geográficos.

Tras la unión del reino de Portugal a la Monarquía Universal hispánica en 1580, y conociendo Don Felipe II —aquel monarca que fue además un notable arquitecto y matemático— las graves carencias científicas de sus reinos, particularmente en materia de náutica y de geografía, ordenó en 1582 a Labanha que se trasladase a Madrid —donde residió durante buena parte de su vida—, con los privilegios y condición de *criado del Rey* y salario de 400 ducados ánuos, encargándole de todos los asuntos relativos a navegación, con la precisa obligación de *entender... en cosas de cosmografía, geografía y topografía, y en leer matemáticas* —es decir, de impartir lecciones para difundir el saber— en la célebre *Academia Real Mathematica* fundada entonces por el soberano a instancia de su aparejador mayor Juan de Herrera, y establecida en el mismo Real Alcázar. De ella fueron primeros profesores el mismo Herrera, y los insignes sabios Ambrosio de Ondáriz, Lucios Georgios y Julio Ferrufino. Por cierto, que años después allí sería alumno suyo el *Fénix de los Ingenios*, Lope de Vega (1562-1635), como este recuerda en su *Dorotea* y en su *Jerusalén Conquistada*, calificándole de *doctissimo português* y de *matemático insigne, maestro mío*.

En la corte de Madrid continuó Labanha su vida y sus trabajos, aunque conservando siempre su vinculación profesional lusitana, es decir su carrera en la administración marítima: en 1586, Labanha fue nombrado ingeniero del reino de Portugal; y en 1588, cosmógrafo mayor sustituto.

Su nombramiento en 1591 como cosmógrafo mayor de Portugal (por muerte de Tomás de Orta), determinó su regreso a Lisboa, teniendo allí como principales obligaciones las de dar lecciones de cosmografía a los pilotos, y de examinar y aprobar las cartas e instrumentos de navegación³⁵. También fue nombrado, en 1594, titular de la cátedra de Matemáticas. En Lisboa continuó sus trabajos y estudios científicos, y allí dio a luz sus primeros trabajos: el *Regimento Náutico*, el *Regimento do Cosmógrafo Mór*, y el *Livro Primeiro da Architectura Naval*³⁶; y también el relato del *Naufragio de la nao San Alberto e itinerario de la gente que de ella se salvó* (impreso en Lisboa en 1597). Desde entonces se interesó también por los estudios históricos, y por orden del Rey preparó y realizó la edición de unas crónicas de Portugal³⁷; y de la *Quarta Década* de João de Barros, que este autor dejó incompleta e inacabada. El primero de los mencionados trabajos le produjo muchos disgustos, que duraron largos años, pues una vez impresas las crónicas no pudo obtener la aprobación del Consejo de Portugal,

³⁵ Avelino TEIXEIRA DA MOTA, «Os Regimentos do Cosmógrafo Mor de 1559 e 1592, e as origens do ensino náutico em Portugal», en *Memorias da Academia das Ciências de Lisboa*, XII (1969), págs. 227-291.

³⁶ João da Gama Pimentel BARATA, «O Livro Primeiro da Architectura Naval, de João Baptista Labanha», en *Ethnos*, IV (1965), págs. 221-298.

³⁷ No conocemos esa crónica de Portugal redactada por Labanha, a la que probablemente pertenezcan dos fragmentos conservados en la Biblioteca Nacional de Lisboa, Reservados, código 887 (*Relações das cousas principaes que sucederão em Portugal em tempo del Rey D. Sebastião*, 297 folios); y Alcobaçense, ms 308 (*Varias Notas e Documentos para a Historia del Rey D. Sebastião*, 309 folios).

radicado en la corte, para distribuir y vender los libros; lo que le causó un gravísimo perjuicio económico por el desembolso ya realizado, como señala Ubieta.

Coetáneamente, en Lisboa contrajo matrimonio hacia 1592 con la señora Leonarda de Mesquita, hija de una familia de servidores de los Duques de Aveiro –un nuevo vínculo entre Labanha y el Duque–. También allí nacieron sus primeros hijos, Luis y Antonio.

Muerto el monarca en 1598, Labanha fue llamado de nuevo a Castilla, por ser muy apreciado también por el nuevo Rey Don Felipe III, de quien se dice que habría sido profesor de Matemáticas. Enviado por orden suya a Flandes a finales de 1601, con objeto de recoger materiales para una historia genealógica de la Monarquía española, el propio monarca escribió a sus embajadores en París y Bruselas para recabar el apoyo a su enviado³⁸. Al año siguiente regresó a la corte, ya entonces establecida en Valladolid. En aquella capital realizó algunos estudios hidráulicos sobre la navegación de los ríos Esgueva y Pisuerga. Allí tuvo conocimiento de que en Lisboa se preparaba por Diogo do Couto una edición no autorizada de la mencionada *Quarta Década* de Barros, y tras criticarla acerbamente (*scriptura mui descomposta e sem lho mandare, passou o péé além da mão... porque... me mandou mostrar indignado dos erros que naquelle livro vinhão sem aquelle homem teer autoridade par o screver*), solicitó que se prohibiese la impresión a Couto, realizándose en cambio la refundición que él había preparado por orden del anterior monarca.

También en 1604 –año en que fallece su padre Luis Labanha– se data el inicio de su dependencia de servicio con el Duque de Aveiro, como su agente y representante en la corte, por cuyo desempeño percibiría crecidos ingresos. Además, el Duque, agradecido por sus servicios, le otorgaría en 1613 la alcaldía mayor de su fortaleza de Torrão.

Al regreso de la corte a Madrid en 1605, continuó Labanha con regularidad ejerciendo sus funciones de cosmógrafo mayor de Portugal, y ocupándose de los asuntos de la Carrera de Indias: fue ese un periodo de gran actividad científica, como denota la larga relación de sus trabajos, ordenada por Cortesão y Teixeira da Mota en su aludida obra *Portugaliae Monumenta Cartographica*, que enseguida detallaremos.

En los años de 1610 y 1611, Labanha estuvo ocupado por orden del Rey en Aragón, para la formación y realización del itinerario y mapas de dicho reino, a petición de su Diputación General, según capitulaciones otorgadas en Madrid en marzo de 1610; regresó a la corte en abril de 1611. El *Mapa del Reino de Aragón* de Labanha, dibujado entre 1611 y 1615, representó, según los especialistas, *un momento estelar en la historia de la Cartografía mundial, por ser uno de los primeros en que se utilizaron las mediciones geodésicas*.

De vuelta a Madrid, la actividad científica de Labanha en los años que siguieron fue también incesante, conservándose numerosos informes y textos, simultaneados a partir de 1611 con otros trabajos y estudios de índole historiográfica.

³⁸ Gil GONZÁLEZ DÁVILA, *Teatro de las Grandezas de Madrid* (Madrid, 1624), págs. 330-331. Diogo BARBOSA MACHADO, *Biblioteca Lusitana* (Lisboa 1741-1758), II, pág. 598, segunda columna.

En agosto de 1612, Labanha regresó brevemente a Italia, acompañando al Príncipe Filiberto de Saboya³⁹, quien precisamente se había alojado desde 1610 en la llamada Casa de las Matemáticas —una parte de la Casa del Tesoro, aneja al Real Alcázar—, y había oído allí las lecciones del cosmógrafo mayor de Portugal⁴⁰.

Muy luego, a partir de octubre de 1612 y hasta 1618, Labanha enseñó las Matemáticas al Príncipe de Asturias y a los Infantes, pues cuando en 1620 compuso su edición del *Nobiliario de Conde Don Pedro* —a la que enseguida me referiré—, recordó que lo hizo en las horas que le dejaban libres las lecciones al Príncipe, futuro Felipe IV, en San Lorenzo del Escorial. Precisamente para aquel culto Príncipe escribió en 1616 su *Compendio de las cosas de España*.

Mientras tanto, en remuneración de sus grandes servicios obtuvo de la Corona el hábito de la Orden Militar de Cristo en 1607; y más tarde la encomienda de San Salvador de Fornelos en la misma Orden Militar de Cristo, situada en el obispado de Braga⁴¹.

Por fin, en 1618, Don Felipe III le nombró cronista mayor de Portugal, y le envió de nuevo a Lisboa en julio de aquel mismo año, con la misión de preparar su próximo viaje a Lisboa. Su primera actividad documentada en su ciudad natal fue la de asistir en Setúbal a las bodas del Duque de Torres Novas —heredero de la Casa Ducal de Aveiro— con doña Ana Doria, de ilustrísima familia genovesa; Labanha redactó enseguida un relato del casorio, por cierto, con lenguaje recargado y barroco⁴².

Pero enseguida se dio a sus habituales trabajos científicos, ocupándose del estudio de la mejora del abastecimiento de aguas a Lisboa, que era un problema muy grave. También se ocupó en los años de 1618 a 1621, de reconocer escrituras antiguas en la Torre do Tombo —lo hizo por encargo de su patrono el segundo Marqués de Castel Rodrigo—, y de preparar la edición de algunos textos nobiliarios y genealógicos, cual el célebre *Nobiliario del Conde Don Pedro*. Y allí en Lisboa, de nuevo, intentó Labanha resolver el viejo problema de la edición de la *Quarta Década*, con la ayuda del Rey, que ordenó a la Cámara Municipal de Lisboa la compra de los ejemplares impresos y no vendidos —y aún se complicó más la cuestión por la reclamación de derechos hecha entonces por un heredero de João de Barros—.

Y, por supuesto, intervino Labanha en toda la preparación de la Jornada Real a Portugal, en 1619; redactando después, ya en Madrid —a donde regresó en marzo de 1621, semanas antes de la muerte de Don Felipe III—, el texto cuya reedición nos tiene ocupados, que vería la luz en febrero de 1622: el *Viaje de la Católica Magestad*

³⁹ Archivo de la Diputación de Zaragoza, *Libro de cartas responsivas*, II, folio 257.

⁴⁰ Lo menciona de José Manuel BARBEITO en «Juan Gómez de Mora, Antonio Mancelli y Cassiano dal Pozzo», *Archivo Español de Arte*, LXXXVI, 342 (abril-junio 2013), págs. 107-122; la cita en págs. 109-110.

⁴¹ Archivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Ordem de Cristo, liv. 17, folio 150 (*habitação*); liv. 15, folios 63-64 (*encomenda*); y liv. 14, fol 80v (*dispensa do tombo*); y Mesa da Consciência e Ordens, Registo de Consultas 1602-1608, libro 18, folio 110v.

⁴² Arquivo do Palácio da Ajuda, ms 51-IX-8: *Relação da chegada, entrada e festas do casamento da Princesa D. Anna d'Oria... com o Duque de Torres Novas... he feito pelo chronista do Reino João Baptista Labanha em 12 de Julho de 1618*.

del Rey D. Felipe III al Reino de Portugal, y relación del solemne recibimiento que en él se le hizo.

Ya entonces su coetáneo don Jerónimo Gascón de Torquemada, en su *Gazeta y nuevas de la Corte de España*, le califica de *caballero de la Orden de Cristus, cosmógrafo mayor, y maestro de la Mathemática del Rey y de sus hijos*⁴³.

Durante los tres últimos años de su vida, Labanha residió continuamente en Madrid, y parece que el Rey le dio el encargo de redactar una *Descripción general de España*⁴⁴. Coetáneamente, el mismo monarca le amparó para lograr el cobro de las cantidades que se le adeudaban por la Diputación General de Aragón desde diez años antes⁴⁵; y también le dio su amparo para resolver por fin el viejo pleito con la Cámara Municipal de Lisboa, por los préstamos hechos a Labanha para la edición de la *Quarta Década* de João de Barros⁴⁶. Y es que por entonces Labanha había alcanzado una gran privanza cerca del monarca de las Españas, como lo delata un hecho bastante infrecuente en la sociedad, tan jerarquizada, de aquella época: que la boda de su hijo don Tomás se celebrase en la Real Capilla del Alcázar madrileño, y que a ella asistiesen nada menos que la Majestad Católica con su Consorte, Sus Altezas Reales los Infantes, y diez Grandes de España, entre otros egregios cortesanos.

Del entorno familiar de Labanha ya he dicho que sabemos; y añadido que tenemos esas noticias porque hace algunos años comencé a preparar un *descentorium* suyo, ya que su prole fue larga y llega hasta nuestros días, encarnada en los Marqueses de la Vilueña, Barones de Velasco.

Labanha, de su mencionado matrimonio con doña Leonarda de Mesquita (fallecida en Madrid en 1626), que también era lisboeta, tuvo al menos seis hijos: tres varones, don Luis, don Antonio y don Tomás de Labaña; y tres hijas, doña Jerónima, doña María y doña Felipa. El hijo mayor don Luis, nacido en Lisboa hacia 1594, era vivo a la muerte de su padre, y parece que servía como caballerizo al Infante Cardenal Don Fernando; después fue corregidor de Alcalá de Henares. Don Antonio, el segundo, murió en 1620, siendo estudiante en la Universidad de Alcalá, y fue sepultado en la iglesia del colegio de los agustinos de aquella ciudad.

Don Tomás de Alabaña, el hijo tercero, nació en Madrid en enero del 1600, y fue, como su padre, comendador de San Salvador de Fornelos en la Orden Militar de Cristo, y además oficial *entretenido* de Artillería, alcaide del castillo de Ocrato, ayuda de cámara del Príncipe de Asturias (1620) y también de Su Majestad (1621), y desde el verano de 1648 su secretario de cámara —cargo que sirvió hasta su muerte violenta, ocurrida en Madrid en el verano de 1651, a manos del célebre músico, cantor y después clérigo José Marín—. Se había casado don Tomás en el Palacio Real de Madrid a 11 de octubre de 1623 con doña María Ladrón de Guevara y Vallejo, dama de la

⁴³ Jerónimo GASCÓN DE TORQUEMADA, *Gazeta y nuevas de la Corte de España* (edición del Marqués de la Floresta, Madrid, 1991), págs. 62 y 65.

⁴⁴ Biblioteca Nacional de España, ms 6043, 8, folios 104-132: *Noticias de algunos lugares de Andalucía, de las relaciones de Gabriel de Sateans, que por comisión de S.M. hizo en 1624 para la descripción general de España que se había encargado a Juan Baptista Lavaña.*

⁴⁵ Archivo de la Diputación de Zaragoza, *Libro de cartas responsivas*, IV, fols. 474-477.

⁴⁶ Eduardo FREIRE DE OLIVEIRA, *Elementos para a História do Município de Lisboa*, II (Lisboa, 1887), págs. 377-378; y III (Lisboa, 1888), págs. 17-23.

Reina. Y esta gran boda, a la que ya he dicho que asistieron Sus Majestades y Altezas junto con diez Grandes de España, le valió al novio el hábito de la Orden Militar de Cristo, la alcaidía perpetua de los palacios y cárceles de Mesina en la isla de Sicilia, e incluso un título nobiliario en Italia⁴⁷. Por otra parte, la coincidencia de tiempos me hacen pensar que se trata del mismo don Tomás al que se recuerda *como pintor aficionado español, que floreció en Madrid durante el reinado de Felipe IV (mediados del siglo XVII). Además de considerársele como entendido en la apreciación de obras pictóricas, decoró con sumo gusto la casa donde residía en Madrid*⁴⁸. Ciertamente, del inventario judicial de los bienes de este don Tomás de Alabaña, formado a partir del 8 de julio de 1651 por ante el escribano Manuel Périz de Azpeitia⁴⁹, resulta que el número de pinturas que don Tomás tenía en su casa de la calle de los Reyes, haciendo esquina a la calle de la Cuadra, era elevado; también el de muebles ricos, tapices, escarlates, plata y porcelana. Pero en cuanto a nosotros nos interesa ahora, ese inventario delata la posesión de un gran número de relojes de precisión, astrolabios, cuadrantes, brújulas, esferas y otros *instrumentos de matemática*, que sin duda alguna habrían pertenecido a su padre.

Fue también el cosmógrafo mayor Labanha, como digo, padre de tres hijas –cuatro, si contamos a una doña Jerónima, fallecida niña y sepultada en San Norberto de Madrid–. Otra, también nombrada doña Jerónima (1598-1615), fue casada en 1611 con don Miguel de Zuazo. Y las otras dos, doña María y doña Felipa, entraron monjas en el convento de la Concepción Francisca de Madrid el 1.º de enero de 1623, amadrinadas por la Condesa de Olivares –esposa del gran valido del Rey– y la Marquesa de Castel Rodrigo –esposa del protector de Labanha–, hallándose también en aquel acto Sus Majestades y Altezas⁵⁰. Todo ello nos da idea el rango cortesano y social

⁴⁷ Jerónimo GASCÓN DE TORQUEMADA, *Gaceta y nuevas de la Corte de España*, op. cit., págs. 180 y 493. Las capitulaciones matrimoniales se hicieron el 10 de octubre, ante Diego Ruiz de Tapia: Archivo Histórico de Protocolos de Madrid, protocolo 2332. Archivo General de Palacio, Personal, caja 1334/7. Lisboa, Arquivo da Torre do Tombo, habilitaciones de la Orden de Cristo, libro 12, y libro 34, folios 362v-363v. De este matrimonio hubo al menos dos hijos, llamados don Pedro, que murió mozo, y el capitán don Carlos, quien hizo información de su ascendencia en Madrid, a 24 de noviembre de 1665, ante el escribano Francisco Isidro de León: Archivo Histórico de Protocolos de Madrid, protocolo 11187, al folio 45. Hubo también dos hijas: doña Catalina, que a los cinco años entró monja en la Concepción Francisca de Madrid, año de 1644 (idem, protocolo 5696, folio 485); y doña María Josefa, bautizada en Madrid (iglesia de San Martín) el 3 de marzo de 1629, esposa en primeras nupcias, desde 26 de junio de 1647 (San Martín), de don Pedro Martínez de la Escalera, caballero de la Orden de Calatrava –y madre del santiaguista don José Benito de la Escalera Labaña, caballero de la Reina y caballero de la Orden de Santiago desde 1685 (Archivo Histórico Nacional, Órdenes Militares, Santiago, expediente 2701)–; y en segundas nupcias, de don Francisco de Velasco, caballero de la Orden de Santiago, del que también dejó prole. Además, don Tomás tuvo otra hija fuera de matrimonio, que fue monja y abadesa del convento madrileño de la Concepción Francisca: Real Academia de la Historia, colección Salazar y Castro, ms. D-28, folio 23.

⁴⁸ *Enciclopedia Espasa*, tomo XXIX, pág. 14.

⁴⁹ Archivo Histórico de Protocolos de Madrid, protocolo 6766, folios 1 y ss.

⁵⁰ Jerónimo GASCÓN DE TORQUEMADA, *Gaceta y nuevas...*, pág. 140. La dote de una de ellas ascendió a 500 ducados, abonados por el señor Infante Cardenal: Archivo Histórico de Protocolos de Madrid, protocolo 4810, folio 1192. Biblioteca Nacional de España, ms 2513. El inventario judicial de los bienes de don Tomás, formado a partir del 8 de julio de 1651 por ante Manuel Périz de Azpeitia (Archivo Histórico de Protocolos de Madrid, protocolo 6766, folios 1 y ss.), delata la posesión de un gran número de relojes de precisión, astrolabios, cuadrantes, esferas y otros muchos instrumentos científicos, que sin duda alguna pertenecieron a su padre.

alcanzado por Labanha, que era así insólitamente distinguido por la Corona y por los Grandes de España y de Portugal.

Falleció por fin este ilustre científico lusitano en Madrid, el 1.º de abril de 1624⁵¹, habitando en unas casas propias de don Cosme Baca de Herrera, frente a la iglesia del convento de San Norberto, de los Premostratenses, habiendo hecho testamento ológrafo el 19 de marzo antecedente; y también un codicilo ológrafo cinco días después, o sea el 24 de marzo de 1624⁵². Fueron sepultados sus restos por vía de depósito en la capilla del Santísimo Cristo en el Sepulcro, sita en esa la iglesia conventual de los Canónigos Premostratenses de San Norberto⁵³, templo hoy desaparecido que se hallaba en lo que hoy todavía se llama plaza de los Mostenses, muy cerca de la Gran Vía y la plaza de España.

De la escritura testamentaria que recoge la indicada última voluntad de Labanha, notamos que tenía unos ingresos anuales de 1.700 ducados, pero que gastaba muchos más; que tenía deudas por valor de 2.500 ducados; que poseía una quinta de recreo en el lugar de Aden de Novera (*sic*); que tenía cinco personas de servicio doméstico, entre ellas una esclava. Y que dejó por vía de testamento al célebre segundo Marqués de Castel Rodrigo, todos sus libros, papeles y manuscritos de historia, de genealogía, de cosmografía y de navegación, junto con sus instrumentos científicos —aunque todavía en 1651, su hijo don Tomás poseía muchos de estos—.

Con la muerte de Labanha se cerró definitivamente una importante etapa de la Ciencia ibérica, pues con él desaparecía el último miembro de la brillante pléyade de cosmógrafos y cartógrafos portugueses y castellanos que habían aprendido de quienes habían sido artífices de los descubrimientos hispánicos, y que también ellos habían participado en las postrimerías de las gestas ultramarinas. Certeramente, el profesor Ubieta Artur nos hace notar la circunstancia de que aquel mismo año de 1624, la Academia de Matemáticas palatina fuese disuelta, y sustituida al año siguiente por los nuevos Estudios Reales de Madrid, regentados por los jesuitas.

Su obra, publicada o inédita, es muy vasta, toca tanto a la ciencia —cartografía y cosmografía— como a la historia, y apenas ha sido estudiada como merece. Pondremos seguidamente algunas notas atinentes a su producción científica y literaria.

Textos científicos de navegación, cartografía y topografía

— *Tratado da Arte de Navegar*. Manuscrito datado en 1588 que, procedente del salmantino colegio mayor de Cuenca, tras haber pertenecido a la Biblioteca Real de Madrid, hoy ha vuelto a la Biblioteca de la Universidad de Salamanca, ms 3217.

⁵¹ Archivo Diocesano de Madrid, libro de difuntos de la parroquia de San Martín, al folio 364 vuelto.

⁵² Otorgados ante el escribano Sebastián Conejo, testamento y codicilo fueron protocolizados el mismo día de su muerte por ante el escribano Juan de Soria: Archivo Histórico de Protocolos de Madrid, protocolo 2133, folios 562-572.

⁵³ Archivo Diocesano de Madrid, *ibídem*, pág. 193. En realidad, mandó enterrarse junto a su hijo don Antonio, en Alcalá de Henares. Su enterramiento nos consta por el testamento de su hijo don Tomás, otorgado en Madrid, ante Manuel Pérriez de Azpeitia el 30 de junio de 1651, en el que manda enterrarse junto a su padre.

- *Tratado de Gnomónica que J.B.L. leo en Madrid*, manuscrito de 1589 conservado en la Biblioteca del Observatorio Astronómico de la Universidade do Porto. De un original en castellano.
- *Traça de uma nao da India ordenada por Gonçalo Roiz conforme a nao Conceição*. Manuscrito inédito en portugués, firmado por Roiz y por Labanha, y fechado en Lisboa el 5 de mayo de 1598, que hallé en 1986 en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia, col. Salazar, ms N-63.
- *Traça de uma Nao da India ordenada por Sebastião Temudo*. Manuscrito inédito en portugués, firmado por Temudo y por Labanha, que hallé en 1986 en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia, col. Salazar, ms N-63.
- *Tratado do astrolabio*, manuscrito de 1595, unido al antecedente, y cuyo original también se escribió en castellano.
- *Do circolo solar*. Manuscrito inédito, en portugués y datado en 1595, que hallé en 1986 en la Real Academia de la Historia, col. Salazar, ms F-16, 4 folios.
- *Regimento Náutico*. Impreso en Lisboa en 1595, y de nuevo en 1606. En portugués.
- *Cómputo eclesiástico pella mão depois da correção e enmenda do Calendario*. Manuscrito en portugués, datado en 1595, que se consideraba perdido y hallé en 1986 en la Real Academia de la Historia, col. Salazar, ms F-16, 44 hojas.
- *Naufragio de la nao San Alberto e itinerario de la gente que de ella se salvó*. Impreso en Lisboa en 1597 y 1607; el naufragio acaeció en 1593. Esta obra parte de un *Parecer de J.B.L. sobre o mão concerto da queresas por naufragio da nao São Alberto*, conservado en la Biblioteca Cadaval, en Muge.
- *As causas porque as naos da Carreira da India chegarão a demaziada grandeza em que hoje se vem, escussou nellas o prejudicial concerto das queresnas*. Manuscrito en la Biblioteca Cadaval, Muge.
- *Rellação do porto do Rio de Çanaga*. Manuscrito conservado en la Real Academia de la Historia, fondo Vázquez, 36, 22, 4, n.º 75.
- *Historia do Cunhale, célebre corsario da India; o más bien Rellação da guerra do Cunhale*. Manuscrito inédito, considerado perdido, que yo hallé en 1986 en la Real Academia de la Historia, col. Salzar, ms F-16, 38 folios, con correcciones y notas.
- *Libro Primerio da Architectura Naval*. Manuscrito inédito, en portugués, con notas y correcciones, que hallé en 1986 en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia, colección Salazar y Castro, ms. N-63.
- *Como se traçara a Quilha, Roda e Codaste, a Caverna Mestra, Braços e Aposturas, o Gio e os Revestades, e retiraram as suas formas*. Manuscrito inédito en portugués, con buenos dibujos, que hallé en 1986 en la Real Academia de la Historia, col. Salazar, ms N-63.
- *Descripção da Guiné em que trata de varias naçoens de Negros que a povoão, dos seus costumes, leys... e das qualidades dos portos e comercio que nellos se fãz*. Manuscrito inédito.
- *Tratado da esfera do mundo*. Manuscrito inédito.
- *Roteiro da India o más bien Derrotas da viagem da India, com a agluha ferrada debaixo da flor de lis, as diferenças della, os finaes, correntes, e ventos que em diversos paragens se achão*. Manuscrito inédito en portugués, datado el 28 de enero de 1600, considerado perdido desde hace más de un siglo, que yo he loca-

- lizado en 1986 en la Real Academia de la Historia, col. Salazar y Castro, ms F-16, 48 folios, con correcciones y notas.
- *Roteiro das Ilhas Primeiras e de Angoxe*. Manuscrito datado en 1600, en la Biblioteca Nacional de España, ms 3176. Podría ser el mismo que con el título *Roteiro do século xvi* editó Humberto Leitão.
 - *Discripção da Ilha de Ormuz*. Manuscrito inédito en portugués, que hallé en 1986 en la Real Academia de la Historia, col. Salazar, ms N-63.
 - *Táboas da largura ortiva do Sol*. Manuscrito perdido, datado en 1600, del que se considera copia las *Táboas do lugar do Sol e largura do Leste a Oeste com hum instrumento de duas láminas representado nellas duas agulhas graduadas de graos, com um amostrador e agulha*, que se conservan en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia, col. Salazar y Castro, ms F-16.
 - *Planimetría de los ríos Esgueva y Pisuerga y Duero para la navegación de S.M. y esta ciudad de Valladolid*. Manuscrito conservado en la Real Academia de la Historia, fondo Vázquez, 36, 22, 4, n.º 53.
 - *Relação do Porto do Río Senegal feita por João Baptista de Labanha*. Publicado por Francisco Leite de Faria.
 - *Regimento que deve guardar o licenciado Gaspar Jorge do Couto na viagem que ora uay fazer a India por mandado de Sua Magestade*. Obra inédita, datada en Madrid en 1608, que se conserva en la Biblioteca de Ajuda, código 51-VIII-21.
 - *Regimento do instrumento para saber por elle a altura a qualquer ora do dia, que aja sol*. Obra inédita, datada en Madrid en 1608, que se conserva en la Biblioteca de Ajuda, código 51-VIII-21.
 - *Informe sobre las Agujas de Luis de Fonseca*. Manuscrito inédito en portugués, firmado y datado en Madrid el 15 de febrero de 1608, que hallé en 1986 en la Real Academia de la Historia, col. Salazar, ms N-63.
 - *Regimento do que ha de fazer o piloto que fora a India na nao Holandeza*. Obra datada en Madrid en 1610, que se conserva en la Biblioteca de Ajuda, código 51-VIII-21.
 - *Regimento que parece se deve guardar no descobrimento e descripção da costa de Cabo Negro até o de Boa Esperanza*. Obra inédita que se conserva en la Biblioteca de Ajuda, código 51-VIII-21.
 - *Medios con los quales se deven de hazer las observaciones en la mar para verificar las Agujas de Luis de Fonseca*. Manuscrito inédito en castellano, firmado y datado en Madrid el 10 de septiembre de 1610, que hallé en 1986 en la Real Academia de la Historia, col. Salazar, ms N-63.
 - *Medios con que se han de verificar en tierra las Agujas de Luis de Fonseca*. Manuscrito inédito en castellano, firmado y datado en Madrid el 10 de septiembre de 1610, que hallé en 1986 en la Real Academia de la Historia, col. Salazar, ms N-63. Le siguen unas anotaciones en castellano de la junta de 13 de febrero de 1610, en que se aprobaron las experiencias que habrían de hacerse con ellas en el Pacífico.
 - *Declaração das agulhas varias reguladas e de como se deven tocar*. Manuscrito inédito en portugués, cuya atribución a Labanha es dudosa. Biblioteca de la Real Academia de la Historia, col. Salazar, ms N-63.
 - *Vso do instrumento das duas agulhas, uma fixa e outra regular*. Obra inédita datada en Madrid en 1610, que se conserva en la Biblioteca de Ajuda, código 51-VIII-21.

- *Declaración das agulhas de la brújula varias reguladas e de cómo se devem tocar*. Manuscrito que se conserva en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia, col. Salazar y Castro, ms F-16.
- *Observações das Agulhas em Çaragoça a 31 de janeiro de 1611, et em Taraçona a 9 de febreiro, e em Teruel a 11 de março e em Caspe a 9 de abril*. Manuscrito inédito en portugués, que hallé en 1986 en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia, col. Salazar y Castro, ms F-16.
- *Parecer sobre la situación de las Molucas*, manuscrito datado 1611 y conservado en el Archivo General de Indias, Filipinas, I. Ha sido estudiado y publicado por Francisco Paulo Mendes da Luz, en 1955.
- *Descripción del Universo*. Obra inédita datada en 1613, y destinada a la enseñanza del Príncipe de Asturias. Está bellamente iluminado y se conserva en la Biblioteca Nacional, Madrid, ms. 9251. De esta obra podrían ser fragmentos las descripciones de los reinos de Francia, de parte del Imperio, y de Nápoles (Real Academia de la Historia, col. Salazar, ms F-16 y ms N-63).
- *Compendio de Cosas de España*. Obra inédita datada en 1616, que se conserva en la *Bibliothèque Nationale*, París, manuscrito 10515.
- *Quarta Década da Ásia de João de Barros*. Impresa en Madrid en 1615, las referencias, notas y mapas son de Labanha, cuyo nombre figura en la portada.
- *Itinerario do Reyno de Aragão, adonde andeu os ultimos meses do anno 1610 e os primeyros do seguinte de 1611*. Impreso en 1620, en seis hojas, y reimpresso muchas veces, últimamente en Zaragoza en 1895, en 1992 y en 2006; y en Lisboa en 1982. El original se conservaba en la Universidad de Leyden⁵⁴.
- *Mapa del Reino de Aragón*, grabado calcográfico, a veces iluminado a la acuarela, en dos hojas de 122x2 cm y 122x61 cm. Impreso en Zaragoza hacia 1620. Es fruto del proyecto antecedente, y se conservan ejemplares en la Biblioteca Nacional de España, GM/M.XLV, n.º 2; y en el Museo Naval de Madrid, E.17-8.
- *Novissima Arragoniae Regni Tabula*. Grabado calcográfico, 43x54 cm. Se conservan ejemplares en la Biblioteca Nacional de Madrid, GM/M.XXXIII, n.º 1482, y GM/M.10.
- *Atlas y Cosmographia*. Obra compuesta en los años de 1597-1612, atribuida a Labanha y a Luis Teixeira, que se conserva inédito en la Biblioteca Real de Turín, Manoscritti Vari 221.
- *Compendio de la Geographia, ordenada por J.B.L., caballero portugués, comendador de la Orden de Christus, Cronista Mayor del Reyno de Portugal y maestro en la Geographia del muy alto e muy poderoso señor don Phelippe quarto el Grande, nuestro señor, Rey de las Españas y Nuevo Mundo*. Manuscrito inédito, conservado en la Biblioteca Nacional de España, ms 18.646, 11.
- *Compendio de Geometría práctica necessaria para inteligencia da Arquitectura Militar*. Manuscrito inédito, en portugués, con problemas y soluciones pero incompleto, que hallé en 1986 en la Real Academia de la Historia, col. Salazar, ms F-16.
- *Introducción a la Geometría*, con referencias a la Geodesia, Óptica y Mecánica, dirigida al Rey. Manuscrito inédito en castellano, que hallé en 1986 en la Real Academia de la Historia, col. Salazar, ms F-16.

⁵⁴ Agustín HERNANDO, *La imagen de un país: Juan Bautista Labaña y su mapa de Aragón (1610-1620)*, Zaragoza, 1996.

- *Quatro nobles formas...* Elogio de las Matemáticas, la Geometría, la Perspectiva, la Mecánica y otras disquisiciones, que parece una justificación de la Ciencia, dirigida al Rey. Manuscrito inédito, en portugués, incompleto, que hallé en 1986 en la Real Academia de la Historia, col. Salazar, ms F-16.

Textos históricos y literarios

Nombrado cronista mayor de Portugal en una época en que se entendía la historia como íntimamente vinculada a la genealogía de las grandes Casas y linajes, Labanha recopiló muchas noticias genealógicas, y escribió algunos repertorios de este género, alabados más tarde por el exigente don Luis de Salazar y Castro⁵⁵. A saber:

- *Origen verdadero y descendencia de la Casa y linage de Silva*, Real Academia de la Historia, colección Salazar y Castro, B-92, folios 27-65.
- *Árboles genealógicos de costados de varias familias ilustres*. Obra realizada hacia 1609. Biblioteca Nacional, Madrid, manuscritos 11.499 y 11.588.
- *Árboles genealógicos originales de varias grandes familias ilustres y apellidos nobles*, Biblioteca Nacional, Madrid, manuscrito 11.572. Trata de los principales linajes portugueses.
- *Casas de títulos y particulares ilustres de España* Biblioteca Nacional, Madrid, manuscrito 11.680.
- *Selva Real. Tablas Históricas y Genealógicas de varios soberanos de Europa*. Real Academia de la Historia, col. Salazar y Castro, mss E-22 y E-62. Incluyen varios árboles genealógicos primorosamente grabados por el célebre tallador Diego de Astor.
- *Linajes y armas varios*. Manuscrito conservado en la Biblioteca Nacional de Madrid, ms 11.766 (y otras copias).
- *Libro de la descripción de todos los reinos y estados de S.M. y de la genealogía de los reyes y príncipes dellos*. Manuscrito hoy perdido, del que se conoce que incluía 17 mapas con dibujos de armerías de los reinos, y los árboles genealógicos⁵⁶. Podría ser el mismo antes citado *Compendio de Cosas de España*, fechada en 1616y conservada en la *Bibliothèque Nationale*, París, manuscrito 10515.
- *Relação da chegada, entrada e festas do casamento da Princeza D. Anna d'Oria... com o Duque de Torres Novas... he feito pelo chronista do Reino João Baptista Labanha em 12 de Julho de 1618*. Original inédito en el Archivo do Palacio da Ajuda, ms 51-IX-8.
- Carta a un Grande (¿Castel Rodrigo?), glosando el cargo y oficio de camarero mayor de Portugal. Manuscrito inédito que hallé en 1986 en la Real Academia de la Historia, col. Salazar, ms F-16, 4 folios.
- *Árbol genealógico de la Monarquía Española*. Madrid, 1622.
- *Nobiliario de D. Pedro, Conde de Barcelos, hijo del rey D. Dionis de Portugal, ordenado e ilustrado con notas y índices*, impreso póstumamente en Roma en 1640, en gran folio, con texto en portugués y notas marginales en castellano; reimpresso

⁵⁵ *Todo lo que este cavallero escribió de esta línea es muy bueno*: Luis de SALAZAR Y CASTRO, *Biblioteca Genealógica Española*, en la edición crítica de Enrique SORIA MESA, *La biblioteca genealógica de don Luis de Salazar y Castro* (Córdoba, 1997), págs. 55-56.

⁵⁶ Mencionado por Richard L. KAGAN, «Arcana Imperio», en *El Atlas del Rey Planeta: la «Descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos»* (Hondarribia, 2002), pág. 52.

- en Madrid en 1646, traducida al castellano por Manuel de Faria e Sousa, añadida con nuevas notas. El manuscrito original, dedicado a don Manuel de Moura y Corte Real, II Marqués de Castel Rodrigo, está fechado en 1620 —allí se refieren las circunstancias de su preparación— y se conserva en la Biblioteca Nacional de Madrid, ms. 7632; junto con la copia presentada para su censura eclesiástica en 1622 (ms 1450). También en este depósito hay otras copias, tanto en portugués (mss. 2806, 3310, 3471 y 8179), como en castellano (mss. 1373, 3318 y 8209).
- Por último, hizo también Labaña algún intento filosófico y moral, como la *Relación de la traza de las virtudes*, en colaboración con el místico Pedro de Valencia (cuyo manuscrito inédito se conserva en la Biblioteca Nacional de Madrid, ms 5.585,11).

VI. LOS ILUSTRADORES Y EL IMPRESOR: JAN SCHORKENS, DOMINGOS VIEIRA SERRÃO Y TOMÁS DE JUNTI

La importante obra que estamos publicando, en buena parte alcanzó quizá el carácter de extraordinaria debido a las espléndidas calcografías que la ilustran. Espléndidas tanto en su gran tamaño, como en la maestría del diseño y del trazo. Esas láminas fueron abiertas por el grabador flamenco establecido en Madrid Jan Schorkens, que formó parte de la comitiva regia a Portugal. Y una de ellas, sin duda la mejor y más célebre, cual es la vista del desembarco de Su Majestad y Altezas en el Terreiro do Paço lisboeta, se grabó sobre una pintura o dibujo del pintor tomarense Domingos Vieira Serrão. Finalmente, la buena y experta mano de Tomás de Junti, impresor del Rey, fue decisiva para que la obra tuviese la apariencia y el empaque que se deseaban.

La notable participación de estos artistas en la edición del *Viaje de la Catholica Real Magestad* a Portugal nos obliga a memorar sus vidas.

El Grabador Jan Schorkens

Juan Schorquens, nombre castellanizado que usó durante su permanencia en la corte de Madrid, fue un grabador calcográfico de origen flamenco, activo entre 1617 y 1634.

Tenido por natural de Amberes y nacido allí hacia 1595, se documenta su presencia en Madrid desde 1617, cuando, a pesar de su juventud, era ya un consumado maestro grabador de la afamada escuela flamenca, a juzgar por la calidad de sus primeras producciones. Según Ceán Bermúdez, Schorquens fue *uno de los mejores grabadores que hubo en España en su tiempo, por la limpieza del buril, igualdad de líneas y corrección del dibuxo*⁵⁷. Ciertamente, son suyos muchos de los mejores grabados

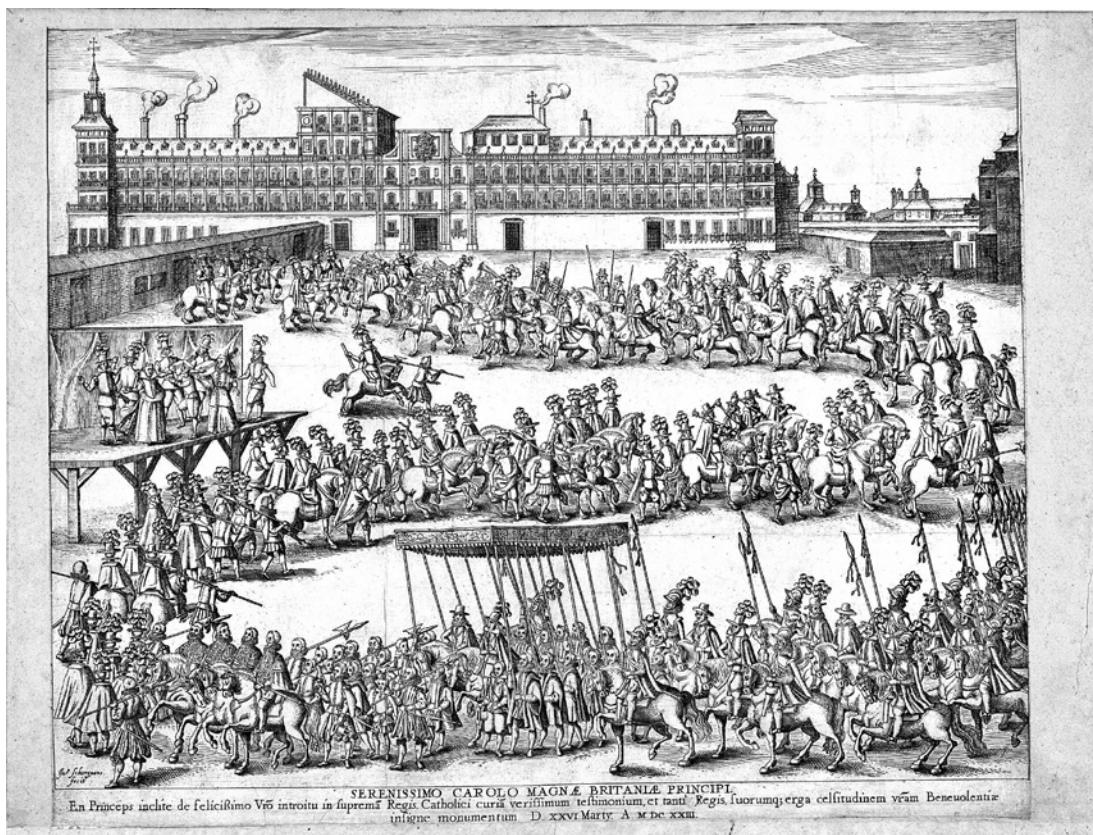
⁵⁷ Juan Agustín CEÁN BERMÚDEZ, *Diccionario histórico de los más ilustres profesores de las Bellas Artes en España* (Madrid, 1800), IV, págs. 357-358. Sobre este importante grabador, véanse también las obras de Alferd von WÜRZBACH, *Niederländisches Künstler-Lexikon* (Leipzig, 1906-1911); Ulrich THIEME y Felix BECKER, *Allgemeines Lexikon der bildenden Künstler von der Antike bis zur Gegenwart* (Leipzig, 1930), band 30; Jane TURNER (ed.), *The Dictionary of Art* (Londres y Nueva York, 1996, en 34 vols); y Pieter GROENENDIJK, *Beknopt biografisch lexicon van Zuid-en Noord-Nederlandse schilders, graveurs, glasschilders, tapijtwevers et cetera van ca.1350 tot ca.1720* (Leiden, 2008).

de aquella época, sobre todo las clásicas portadas de libro en forma de frontispicio arquitectónico barroco.

Trabajó con el editor Tomás de Junti, y ocasionalmente con sus colegas Alardo de Popma y Juan de Courbes. También hizo trabajos para João Baptista de Labanha, aparte de las láminas del célebre *Viagem* de 1619 que nos ocupa: al menos los dos excelentes mapas de Navarra y de Portugal, y la interesante lámina con el escudo de armas del segundo Marqués de Castel Rodrigo. El año en que se registra mayor actividad fue el de 1624, que fue cuando se imprimieron la cuarta parte de toda su obra conocida.

No hay duda de que Schorquens acompañó a la corte en la Jornada Real de Portugal en 1619: fue testigo de vista de las ceremonias y solemnidades, y en aquel mismo año de 1619 abrió dos láminas para una obra que se imprimió en Viana do Castelo.

Su biografía no ha sido aún escrita con la acuciosidad que bien merece, y el conocimiento de su obra es fragmentario. Para contribuir a mejorarlo, pondremos seguidamente el elenco de las obras que nosotros hemos localizado tras acuciosa búsqueda, que son hasta 44 láminas. Casi todas ellas portadas de libros; pero también dos mapas, un escudo de armas, tres retratos, una vista de Lisboa y diez arcos triunfales, una planta de las Cortes de Portugal, y algunas imágenes religiosas. Lo haremos seguidamente, por su orden cronológico:



Representación de la llegada del príncipe de Gales, futuro Carlos I de Inglaterra, al Real Alcázar de Madrid, 1623, por Jan Schorkens

1. 1617 Portada de la obra del franciscano fray Alonso de Herrera y Salcedo, *Consideraciones de las amenazas del Juicio y penas del Infierno* (Sevilla, por Matías Clavijo, 1617). En 4.º Firmada por *Iuan Schorkens sculpsit*.
2. 1618 Portada de la obra Pedro Mantuano, *Casamientos de España y Francia, y viaje del duque de Lerma llevando la Reyna Christianissima* (Madrid, en la Imprenta Real, por Tomás Junti, 1618). En 4.º Frontispicio arquitectónico coronado por el escudo de armas de don Rodrigo Calderón, Conde de la Oliva. Firmado *Johann Schorquens fecit*. Además, cuatro retratos de las Infantas Doña Juana, doña Catalina y doña María, y del Infante Don Carlos, todos sin firma.
3. 1619 Portada de la obra del dominico fray Luis Cacegas, *Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Martyres* (Viana do Castelo, por Niculao Carvalho, 1619); y el retrato de frey Bartolomeu inserto en ella. En folio. Frontispicio con el escudo de la Orden de Predicadores, y el retrato del biografiado, ambos firmados *Ioan Schorkens fecit*.
4. 1620? *Descripción del Reino de Navarra*, mapa, 330x450 mm. Ejemplar en la *Bibliothèque Nationale de France*, París. Firmado *Ju.º Schorquens fecit*.
5. 1620? *Descripción del Reino de Portugal*, mapa, 320x455 mm. Ejemplar en la *Bibliothèque Nationale de France*, París. Firmado *Iuan Schorquens fecit*.
6. 1621 Portada y un retrato para la obra de Juan Tamayo de Vargas, *Diego García de Paredes i relación breue de su tiempo* (Madrid, por Luis Sánchez, 1621); se trata del retrato del héroe. En 4.º u 8.º mayor. Firmadas ambas *Ioan Schorquens fecit en Madrid*.
7. 1621 Láminas del plano de Madrid, realizado por Antonio Mancelli. Esta atribución a Schorquens es dudosa, pues solamente se basa en un acuerdo del Ayuntamiento de Madrid, fechado el 11 de octubre de 1621, por el que se ordena el pago *al grabador Juan Escotens (sic)*, de 500 ducados por una pintura de esta Villa en el estado en que hoy está⁵⁸. Notemos que por abrir una buena lámina en el Madrid coetáneo, se solían abonar entre 200 y 500 reales; mientras que este pago asciende a 5.500 reales, lo que sugiere que se trataba de un trabajo múltiple y de importancia, cual el plano de Mancelli.
8. 1622 Lámina (una de quince) de la obra del mercedario fray Melchor Prieto, *Psalmodia Eucharistica* (Madrid, por Luis Sánchez, 1622); en folio. Lámina con una alegoría del Jardín Divino, con las figuras de Cristo y de un clérigo celebrando de pontifical. Firmada *Iuan Schorquens fecit*. Las demás láminas fueron abiertas por sus colegas Alardo de Popma y Juan de Courbes⁵⁹.
9. 1622 Portada y once láminas para la obra de Juan Bautista de Labaña, *Viage de la Catholica Real Magestad del Rei D. Filipe III N.S. al reino de Portugal* (Madrid, por Tomás de Junti, 1622); las mismas, más otra lámina, para la edición en portugués de esta importante obra.

⁵⁸ José Miguel MUÑOZ DE LA NAVA CHACÓN, «Antonio Mancelli: un corógrafo, iluminador, pintor y mercader de libros en el Madrid de Cervantes», *Torre de los Lujanes*, 57 (2005), págs. 45-79; y 58 (2006), págs. 165-219.

⁵⁹ Pablo RUIZ MARTÍNEZ-Cañabate, *Psalmodia Eucharistica: grabados e iconografía* (Jaén, 2011).

10. 1622 Lámina de las armas de su paisano don Manuel de Moura y Corte Real, II Marqués de Castel Rodrigo. Un único ejemplar en la Biblioteca Nacional de Lisboa, inserto en un centón manuscrito, copia *del Livro das linhages novas*, de Damião de Goes (Biblioteca Nacional de Lisboa, ms 977), de cuyo original se copió en la Torre do Tombo. Escudo cuartelado con las armas de Moura y de Corte Real, timbradas de sus respectivos yelmos y cimbras. Firmada *Ju. Schorkens fecit*. De esta importante lámina he dicho por menor en otra parte, dado que, por varios motivos, es de un gran interés⁶⁰.
11. 1622 Portada para la obra del doctor Martín Carrillo, abad de Montearagón, *Annales y memorias cronologicas: contienen las cossas mas notables assi ecclesiasticas como seculares succedidas en el mundo señaladamente en España desde su principio y poblacion hasta el año 1620* (Madrid, en la imprenta de la Viuda de Juan Pérez Valdivielso, 1622); en folio. Firmada *Ioan Schorquens fecit. Madrid*.
12. 1623 Portada de la obra de Gil González Dávila, *Teatro de las grandezas de Madrid* (Madrid, por Tomás Junti, 1624); en folio. Frontispicio arquitectónico complejo, coronado por la alegoría de la Villa de Madrid sobre las Armas Reales, con las figuras de Alfonso VI y de Felipe II a los lados, y al pie la alegoría del río Manzanares Firmado *Ju.º Schorquens fecit en Madrid 1623*. También podrían ser de su mano algunos de los numerosos pequeños retratos en las páginas interiores, quien compartió el trabajo en esta ocasión con Juan de Courbes.
13. 1623 Lámina que representa la llegada al Real Alcázar madrileño del Príncipe de Gales, con su comitiva, fechada a 26 de marzo de 1623. 340x412 mm, único ejemplar conocido en *el Rikjksmuseum* de Amsterdam. Firmada *Ju.º Schorquens fecit*. Posiblemente destinada a la obra de Gil González Dávila, *Entrada que hizo en la Corte del Rey de las Españas D. Filipe Quarto el Serenissimo don Carlos Príncipe de Gales, jurado Rey de Escocia...* (Madrid, s.n., 1623).
14. 1624 Portada de la obra de Tomás Tamayo de Vargas, *Flavio Lucio Dextro, caballero español de Barcelona* (Madrid, por Pedro Tazo, 1624). Frontispicio arquitectónico complejo, coronado por Minerva, con las figuras de Neptuno y del Tíber, con cinco escudos de armas de Barcelona, de Toledo (antiguo), del dedicatario don Francisco Fernández Bertrán, de la familia Tamayo y de la familia Vargas. Firmado *Ju.º Schorquens faciebat*.
15. 1624 Portada de la obra de Alonso Remón, *Gobierno humano sacado del diuino* (Madrid, por Luis Sánchez, 1624). En 4.º Firmada *Ju.º Schorquens fecit*.
16. 1624 Portada de la obra del P. Juan de Jesús María, carmelita descalzo en la Nueva España, *Epistolario espiritual para personas de diferentes estados* (Uclés, en el convento de San José, por Domingo de la Iglesia, 1624). Frontispicio arquitectónico sencillo, coronado por el escudo de armas del Carmelo, con las figuras de Santa Teresa y de San Juan de la Cruz a los lados. Firmado *Ju.º Schorquens faciebat*.

⁶⁰ Alfonso de CEBALLOS-ESCALERA GILA, Vizconde de AYALA, «El primer poseedor de un exlibris en la Península Ibérica: el canónigo barcelonés Francisco Tarafa (y alguna reflexión crítica sobre el primer exlibris portugués)», en *Cuadernos de Ayala*, 65 (2016), págs. 15-20.

17. 1624 Portada de la obra del P. José de Jesús María, carmelita descalzo en la Nueva España, *Historia de la vida y virtudes del venerable hermano fray Francisco del Niño Jesús, religioso de la Orden de los descalzos de N. Sra. del Carmen* (Uclés, en el convento de San José, por Domingo de la Iglesia, 1624). En 4.º Es un buen retrato de fray Francisco adorando al Niño Jesús, acompañado a los lados de los escudos de armas del Carmelo y de doña María Gasca de la Vega (dedicataria). Firmado *Ju.º Schorquens faciebat*.
18. 1624 Portada de la obra del padre carmelita Ildefonso de Jesús María, *Privilegia fratrum Discalceatorum Beatae Mariae de Monte Carmeli una cum marimagno eiusdem Ordinis* (Uclés, en el convento de San José, por Domingo de la Iglesia, 1624). En 4.º Frontispicio arquitectónico con el escudo del Carmelo. Firmado: *Juan Schorquens faciebat Matriti*.
19. 1624 Portada de la obra de fray Antonio de Govea, obispo titular de Cirene, del Consejo de S.M. y su predicador de la Casa de Portugal, *Vida y muerte del bendito P. Ivan de Dios, Fundador de la orden de la hospitalidad de los pobres enfermos* (Madrid, por Tomás de Junti, 1624). Frontispicio de estilo arquitectónico complejo, coronado por las armas de don Duarte de Braganza, Marqués de Frechilla —a quien va dedicada la obra—, con dos figuras del Viejo y Nuevo Testamento a los lados. Firmado *Juan Schorquens faciebat Madrid*.
20. 1624 Portada de la obra del cardenal Roberto Belarmino, *Officio del príncipe christiano y avisos vtiles para el gouierno politico militar y domestico* (Madrid, por Juan González, 1624). Frontispicio complejo, coronado por el escudo de armas de don Gaspar de Guzmán, Conde de Olivares, con las figuras de la Fe y la Prudencia a los lados. Firmado *Ju.º Schorquens faciebat*.
21. 1624 Portada de la obra de fray Lope Félix de Vega y Carpio, *La Circe, con otras Rimas y Prosas* (Madrid, en la casa de la viuda de Alonso Martín, 1624). Frontispicio arquitectónico sencillo, coronado por las armas de don Gaspar de Guzmán, conde de Olivares (dedicataria), y a los lados las efigies de Minerva y de la musa Urania. Firmada *Ju.º Schorquens fecit*.
22. 1624 Portada de la obra de fray Bernardino de San Antonio, *Epitome generalium redemptionibus captivorum* (Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1624). Frontispicio simple, coronado por el escudo de la Orden Trinitaria, y bajo la cartela central las armas de cardenal Ottavio Bandino (dedicataria). Firmado *Ju.º Schorquens faciebat Matriti*.
23. 1624 Portada de la obra de fray Bernardino de San Antonio, *Additiones ad Epitome, liber tertius* (Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1624). Frontispicio arquitectónico simple, muy semejante al antecedente, salvo que el escudo de armas al pie es en esta lámina el de fray Ludovico Pettit, ministro general de la Orden Trinitaria. Firmado *Juan Schorquens f.*
24. 1625 Portada de la obra del jesuita Pedro Pantoja de Ayala, *Toletani commentaria in tit. De Aleatoribus D. et C.* (Madrid, por Pedro Tazo, 1625). Frontispicio complejo, coronado por las armas de don Juan de Chaves y Mendoza Sotomayor, a quien va dedicada la obra, acompañado de sendos putti; las figuras de la Justicia y la Abundancia a los lados, y en los pedestales las armas de los Pantoja y de los Ayala. Firmado bajo la cartela central: *Ju.º Schorquens faciebat*.

25. 1625 Portada de la obra de fray Antonio de Jesús María, *Peligros y Reparos de la Perfección y Paz Religiosa* (Alcalá de Henares, por Juan de Orduña, 1625). Frontispicio arquitectónico complejo, coronado por la imagen del Carmen, flanqueada por las efigies de San Angelo y San Alberto; a los lados las de San Elías y San Eliseo; y en lo bajo las de Santa Teresa de Jesús y San Juan de la Cruz. Firmado *Juan Schorquens faciebat Madrid*.
26. 1625 Retrato del licenciado Juan Pérez de Montalbán. El artista reutilizó la misma cartela empleada en el retrato de Diego García de Paredes, que grabó en 1621. Firmada *J. Schorquens*.
27. 1626 Portada de la obra del abogado Juan de Butrón, *Discursos apologeticos en que se defiende la ingenuidad del arte de la pintura* (Madrid, por Luis Sánchez, 1626). En 4.º Frontispicio arquitectónico clásico, coronado por una alegoría paraheráldica con lema, y cestos de flores; en el basamento, los escudos de armas de don Fernando de la Hoz (dedicatario), de la familia Butrón y de la familia materna del autor. Firmado al pie: *Ju.º Schorquens fecit*.
28. 1627 Portada de la obra de Martín Carrillo, abad de Montearagón, *Elogios de mugeres insignes del Viejo Testamento* (Huesca, por Pedro Bluson, 1627). Una cartela central con el texto, rodeada por diez cuarterones con las efigies respectivas de Eva, Sara, Rebeca, Judit, Jael, Ester y Sabba, y en lo bajo las Armas Reales, las del autor, y una alegoría de la laboriosidad (las abejas y su panal). Firmado: *Ju.º Schorquens faciebat*.
29. 1627 Portada de la obra del P. Jerónimo de Florencia *sj.*, *Marial que contiene varios sermones de todas las fiestas de Nra. Señora predicados a las magestades de Philipppo III y Philipppo IIIII* (Alcalá de Henares, por Juan de Villodas Orduña, 1627). Frontispicio arquitectónico muy elaborado y complejo, de gran calidad de trazo y línea, coronado por la imagen de Nuestra Señora, nimbada del Padre, Hijo y Espíritu Santo y flanqueada por sendos ángeles; bajo ella, las Armas Reales de los Infantes Don Carlos y Don Fernando, cardenal (dedicatarios); a los lados, cuatro medallones circulares con las imágenes orantes de San Ignacio de Loyola, San Francisco Javier, San Luis Gonzaga y San Estanislao de Kostka; y en la basa del retablo fingido, otro óvalo con la imagen también orante de San Francisco de Borja. Firmado al pie: *Iuan Schorquens faciebat*.
30. 1632 Portada de la obra de fray Pedro de los Ángeles, *Tractatus in proaemialibus difficultates tum Sacrae theologiae, tum Sacrae Scripturae iuxta literam Angelici Doctoris*. Se trata de un manuscrito conservado en la Biblioteca Histórica de la Universidad Complutense, datado en Alcalá de Henares en 1632-1634. Esta portada, calcografiada, está recortada y pegada, siendo el título y el pie añadidos a mano, a dos tintas. Incluye una efigie de Santo Tomás, con los escudos de armas de las Órdenes de Santo Domingo y del Carmen, y la efigie del clérigo doctor Luis Montesino, catedrático de prima de Teología en la Universidad alcalaína. Todo lo cual sugiere que se trata de una prueba de artista, sin concluir, para una obra de Montesino que no llegó a publicarse; es decir, que fue reaprovechada por fray Pedro de los Ángeles. Firmado *Ju.º Schorquens fecit Madrid*.
31. 1634 Portada de la obra póstuma del doctor Martín Carrillo, abad de Montearagón, *Annales y memorias cronologicas... hasta el año de 1630*

(Zaragoza, en el Hospital Real y General de Nuestra Señora de Gracia, a costa de Pedro Escuer, 1634). Sigue una distribución semejante, aunque más simple, que la usada en la anterior obra citada del mismo autor: una cartela de texto central, circundada por ocho cuarterones que respectivamente muestran una alegoría de la Fe sobre el Mundo; de la Justicia; de la ¿Prudencia?; de un Papa; de un Emperador; y en lo bajo las armas del autor, las Armas Reales, y la alegoría de la laboriosidad. Firmado, bajo las Armas Reales: *Ioan Schorquens fecit Madrid*.

32. S.f. Grabado con la imagen de Nuestra Señora de la Merced amparando a papas, reyes y religiosos, cartela al pié con lema alusivo y escudo de la Orden de la Merced, y un verso del salmo 110,9. En 8.º, firmada *Ju. Schorquens fecit*. Reutilizada como portada de la obra de José Félix de Armada y Torregrosa, *Parangon historico y iuridico por la sagrada real y militar religion de Nuestra Señora de la Merced redempcion de cautivos christianos* (Madrid, 1663).
33. S.f. Grabado del exlibris heráldico de Don Fernando de Austria, el Cardinal-Infante. En 8.º menor, firmado *Juan Schorquens f.*



Descripción del Reino de Portugal, mapa, 320x455 mm. Ejemplar en la Bibliothèque Nationale de France, Paris. Firmado Iuan Schorquens *fecit*

Como vemos, entre los años de 1630 y 1634 se datan las últimas obras conocidas de Schorquens. Puesto que ni se conocen ni se documentan otras posteriores, hemos de pensar que no debió de hacer ninguna otra, ni en España ni en Flandes. Lo que nos lleva a considerar que Jan Schorkens pudo morir en Madrid en aquellos mismos años.

EL PINTOR DOMINGOS VIEIRA SERRÃO

Nacido en la villa de Tomar por los años de 1570, fue hijo de João Henriques Serrão, *cavaleiro fidalgo* de la Casa Real y receptor de tributos de la Orden Militar de Cristo, natural de Torres Vedras, y de María Dias, natural de la aldea de Foradouro, cerca de Ourem. Se casó, siendo joven, con Magdalena de Frías, hija del arquitecto real Nicolau de Frías.

Fue un discreto pintor manierista, que asimiló los modelos italianos, pero a través de pinturas flamencas y españolas. Con los años de práctica profesional, su estilo mejoró, orientándose hacia el naturalismo barroco.

Entre 1592 y 1600 trabajó con Simão de Abreu en los murales que cubren la girola o charola del convento de la Orden de Cristo en Tomar, así como en varias capillas y altares de aquel célebre edificio. Todavía se conservan allí una Resurrección de Cristo, y sendas figuras de la Fe y la Caridad. Por la misma época, 1597, ambos debieron de pintar el retablo de la iglesia do Carmo, en la misma Coimbra, que se conserva.

De la misma época debe de ser un diseño de un *Calvario*, procedente del convento de Tomar y hoy conservado por la rapiña de los imperiales en el Museo del Louvre parisino. Es posible que ese diseño sirviera para pintar el *Calvario* que, procedente de la Casa da Misericórdia de Tancos, se custodia hoy en la iglesia parroquial.

En 1600, Vieira Serrão, siempre asociado a su colega Simão Rodrigues (c.1560-1629), pintó un retablo, hoy desaparecido, para el dormitorio del convento de la Orden de Cristo. Y al año siguiente, el retablo de la iglesia de la Misericórdia, en Punhete –actual Costância, cerca de Tancos–, del que quedan cinco cuadros muy romanistas en varios puntos.

Avecindado poco después en Lisboa, En 1602, unido a su amigo y socio Simão Rodrigues, y a otros colegas, fundó la *Irmandade de São Lucas*, de artistas pintores lisboetas. Es posible que colaborase con Rodrigues en la serie de cuadros que este pintó entre 1600 y 1610 para la sacristía de los Jerónimos, sobre la vida de San Jerónimo.

Juntamente con ese mismo Simão Rodrigues, trabajó en 1608 en un gran fresco en la iglesia del monasterio de la Anunciada, obra destruida durante el terremoto de 1755. En 1611, ambos hicieron el gran retablo mayor del monasterio de la Santa Cruz, en Coimbra; y en 1612 y 1613 pintaron el retablo de la capilla de la propia Universidad de Coimbra, que se conserva. Y en ese mismo año de 1613, los dos socios trabajaron en las bóvedas de la capilla del Hospital Real de Todos-os-Santos –Vieira Serrão pintó una alegoría de la Caridad–; obra igualmente destruida en 1750. Por fin, a partir de 1615, ambos colegas y sin duda socios y amigos pasaron a la ciudad fron-

teriza de Elvas, a petición de su obispo, para ocuparse del ornamento pictórico de la sacristía mayor y de la capilla del Santísimo Sacramento de la catedral.



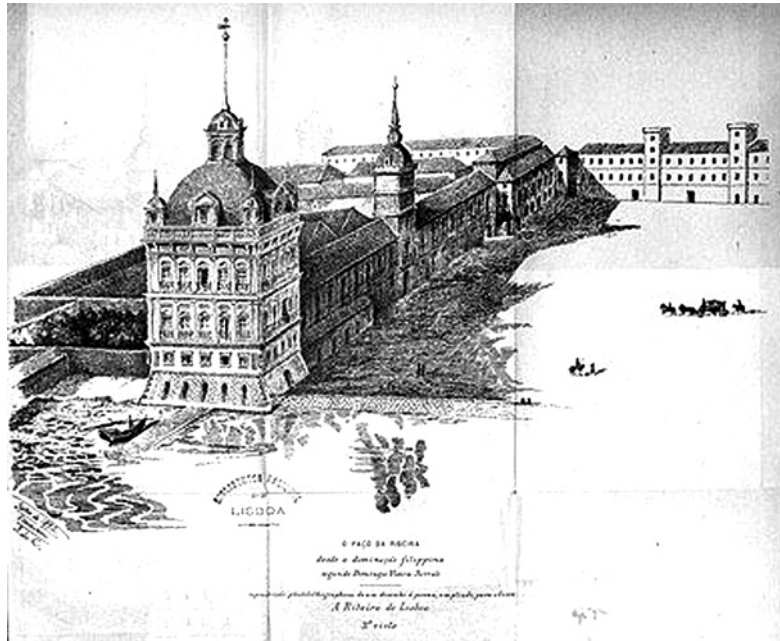
Entrada del Rey en Lisboa en 1619, óleo anónimo en el Castillo del Conde de Weilburg (Baden, Alemania)

La visita regia a Lisboa en 1619 le dio ocasión de pintar la escena del desembarco de Su Majestad y Altezas en el *Terreiro do Paço*, el 29 de junio de aquel año. Escena que grabada enseguida por Jan Schorkens, gracias a cuyo trabajo el Rey Don Felipe le distinguió con el nombramiento de pintor de cámara⁶¹. Por cierto, que merced a esa famosa lámina este modesto artista pintor tomarense ha pasado a la posteridad. También por otro de sus escasos trabajos conservados: un bonito diseño a tinta del *Paço da Ribeira* o Palacio Real de Lisboa desde el río Tajo, reproducida hace un siglo. La escena completa del regio desembarco fue después pintada al óleo en 1622 por los inseparables Vieira Serrão y Simão Rodríguez, en gran tamaño y con gran prestancia, pero como un exvoto bajo la advocación de *Nossa Senhora de Porto Seguro roga a su Precioso Filho por esta Cidade e sua Navegação* —obra que hoy se conserva en la iglesia de San Luis de los Franceses, en Lisboa—.

En el año de 1620, Vieira Serrão y su amigo Simão Rodrigues pintaron en Coimbra un *Árvore dos Cónegos Regrantes*, a más de otras veintidós telas con retratos de Papas y escenas de la vida de San Teotónio. Ninguna de estas obras ha llegado hasta nuestros días. En la misma época, 1620-1624, ambos pintaron una serie de obispos carmelitas para el monasterio del Carmo de Coimbra. Otras tres telas, que relatan

⁶¹ No se conserva su expediente personal en el Archivo General de Palacio —probablemente porque estaba adscrito a la Casa de Portugal—.

episodios de la vida de San Bernardo, cuelgan todavía de los muros de la sacristía del monasterio de Alcobaça.



Paco da Ribeira por Vieira: el antiguo Palacio Real de Lisboa destruido en el terremoto de 1755

Después parece ser –lo afirmó Félix da Costa en 1696– que pasó a la corte de Madrid, realizando allí un gran fresco en una de las estancias del Palacio del Buen Retiro –obra también perdida tras la destrucción del edificio durante la *Francesada* de 1808 a 1814–.

Siendo ya *cavaleiro fidalgo* de la Casa Real, en 1625 solicitó ser familiar del Santo Oficio, tramitándose su habilitación, según proceso que se conserva en el Archivo Nacional da Torre do Tombo.

En 1631, el pintor Domingos Vieira Serrão volvió a Elvas para proseguir sus obras y trabajos en la catedral, concretamente decorando con grutescos las tres naves del templo mayor. Fue su última obra artística, ya que murió allí en 1632. Enseguida, se dio su plaza de pintor del Rey a su colega Miguel de Paiva⁶².

⁶² Francisco Marques de SOUSA VITERBO, *Noticia de alguns Pintores Portuguezes e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal* (Lisboa, 1903), págs. 157-175. Francisco Augusto Garcez TEIXEIRA, *A Irmandade de S. Lucas, corporação de artistas. Estudo do seu arquivo* (Lisboa, 1931). Adriano de GUSMÃO, «As pinturas murais da Charola do Convento de Cristo», *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, III (1955), págs. 135-141; y *Simão Rodrigues e seus colaboradores* (Lisboa, 1957). Dagoberto MARKL y Vitor SERRÃO, «Os tectos manieristas do Hospital Real de Todos-os-Santos (1580-1613) e os seus autores», *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, 86 (1980), págs. 161-215. Vitor SERRÃO, *A pintura manierista em Portugal* (Lisboa, 1982), págs. 85-92. Ana Paula BRAZ ABRANTES GARCIA,

El Impresor Tomás de Junti

Tommaso de Giunta, nacido probablemente en Venecia en 1577 –declaraba la edad de 27 años en un documento del 1604–, fue hijo del librero florentino-veneciano Bernardo II Giunta, y por eso sobrino del impresor y mercader de libros florentino Giulio Giunta de Modesti (1549-1619), también llamado Julio Junti, establecido en Salamanca y después en Madrid, nombrado impresor del Rey y primer director de la Imprenta Real creada en 1594 por Don Felipe II.

La familia Giunta, de origen florentino y dedicada al comercio de lanas, pero arraigados en Venecia desde comienzos del siglo XVI, se dedicó desde entonces al negocio editorial, llegando a formar una verdadera multinacional del libro y de la imprenta, con sedes en Venecia, Lyon, Salamanca, Burgos y Madrid. Desde los años de 1560 estaban presentes en España, mediante las imprentas burgalesa de Felipe Junti, y salmantina de Lucas y Julio Junti. Este último supo maniobrar de tal modo que logró en 1577 –enfrentándose al gran Plantino de Amberes– la exclusiva para los reinos de Castilla e Indias, y para el Real Monasterio de San Lorenzo del Escorial, de la edición y suministro de todos los libros del *nuevo rezado* aprobado por el Papa tras el Concilio de Trento, mediante el cual se intentaba la depuración de los textos litúrgicos y su universalización. Un negocio editorial ingente –misales, breviarios, diurnales, horas, etcétera–, que duró cuarenta años.

Además, el asunto de la difusión del *nuevo rezado*, que obligaba a encargar la edición en países extranjeros, fue lo que movió al Rey Don Felipe II a hacer en 1572 una vasta información y pesquisa para conocer del estado real de las imprentas castellanas, para luego procurar su mejora y su fomento. De aquel interés será consecuencia, veinte años después, la fundación de la Imprenta Real o *Typographia Regia* en Madrid.

Tomás de Junti, siempre a la sombra de su hábil y activo tío Julio, trabajó en la Imprenta Real desde 1596 y 1617, con el título de *impresor del Rey*; aunque su nombre no suele aparecer en las publicaciones como impresor de ellas –sí lo hacían los sucesivos jefes de taller Juan Flamenco (hasta 1612), Jacques Veroliet (1612-1614) y Aníbal Falorsi (1615-1617)–. Pero sí que figura como director del establecimiento a partir del 1618.

Como titular de la Imprenta Real, de las prensas de Tomás de Junti salieron los mejores y más bellos libros publicados en la corte de Madrid en aquella época, tanto por su calidad editorial como por el renombre de los autores.

Domingos Vieira Serrão. Pintor da Contra-Maneira em Portugal. Entre Decoro e Conformismo, disertación del Master en Historia del Arte, Facultad de Letras de la Universidad de Coimbra, 1996. Pilar LÓPEZ VIZCAÍNO, «El Santo Sepulcro y las construcciones religiosas de la Orden del Temple. La Charola de Tomar», en *Las Órdenes Militares: realidad e imaginario* (Castellón, 2000), págs. 181-220. Patricia MONTEIRO, *A actividade do pintor Domingos Vieira Serrão na Sé de Elvas* (consultado en la red).

Falleció Tomás Junti en Madrid el 7 de septiembre de 1624. Le sucedieron al frente de la Imprenta Real su viuda y sobrina Teresa Giunta o Junta (†1656), y su hijo Bernardo Junti (†1658), último de este gran linaje de impresores y librereros en España⁶³.

VII. NUESTRA EDICIÓN

El proyecto de dar nuevamente a la luz pública la obra de Labanha, nació en el contexto de las habituales colaboraciones de la Agencia Estatal del Boletín Oficial del Estado con las instituciones homólogas de la República Portuguesa. Y en su inicio nuestra intención fue la de hacerlo mediante la técnica del facsímil o del casi-facsímil. Esta idea hubo de ser prontamente abandonada, al comprobar que los textos de ambas ediciones no eran idénticos, ni de la misma extensión.

Por ello, decidimos transcribir íntegramente los textos completos en ambas lenguas, para después disponerlos en forma de dos columnas equilibradas, conservando en lo posible la grafía original. De la ardua tarea de realizar esas largas transcripciones, se ha ocupado con paciencia, dedicación y acierto don Luis de Cevallos-Escalera y Gila, que habla perfectamente ambas lenguas por haber residido largo tiempo en Lisboa. Y notemos que lo ha hecho, como en otras tantas ocasiones, no solo con esa notable maestría, sino además de manera totalmente desinteresada y solo por un demostrado afán de servicio público a España, y de afecto a Portugal.

En estas transcripciones, y con consejo del doctor don Feliciano Barrios, académico secretario de la Real Academia de la Historia, se han deshecho las abreviaturas vocales (i.e., *Don* por *Dõ*), para facilitar una lectura que, a veces, se presenta algo dificultosa. Igualmente, y por idéntico motivo, en la versión portuguesa se han añadido las tildes de las vocales en aquellos lugares en que faltaban. Pero no se ha modificado un ápice de la puntuación original, ni de la acentuación, ni tan siquiera de la sintaxis, en aquellos puntos en que se ha notado deficiente.

La reproducción de las láminas originales se ha dispuesto en los lugares más inmediatos al texto que se refiere a las imágenes que relatan.

Para facilitar la consulta de la obra, incluimos un *index nominum et rerum*, centrado sobre todo en los nombres de las personas y lugares mencionados. Lo hemos formado de una manera algo peculiar, por lo que es recomendable que el lector lea la advertencia que lo precede. Y justo es decir ahora, para que conste, que, en los trabajos de formación de este índice, ha tenido notable participación doña Adriana María Pérez Vanegas, a quien agradezco mucho su dedicada y amable ayuda.

⁶³ Cristóbal PÉREZ PASTOR, *Bibliografía madrileña o descripción de las obras impresas en Madrid* (Madrid, 1891), en la erudita introducción. Jaime MOLL, «Plantino, los Junta y el Privilegio del Nuevo Rezado», en Hans Tromp y Pedro Perera (eds.), *Simposio Internacional sobre Cristóbal Plantino* (Madrid, 1990), págs. 9-23. Juan DELGADO CANSADO, *Diccionario de impresores españoles (siglos XVI-XVIII)*, (Madrid, 1996), I, págs. 350 y ss. Marco SANTORO, *I Giunta a Madrid. Vicende e documenti* (Pisa-Roma, Fabrizio Serra Editore, 2013).

Por último, hemos querido que esta publicación permita a futuros estudiosos la ampliación de sus conocimientos, por lo que hemos formado y dispuesto una relación muy completa de las fuentes documentales y bibliográficas que son atinentes a aquella Jornada Real a Portugal.

Confiamos así en que el resultado de estos trabajos, plasmados en esta edición sencilla, resulte grato al lector interesado.

DR. D. ALFONSO DE CEBALLOS-ESCALERA Y GILA, VIZCONDE DE AYALA,
*C. da Academia Portuguesa da Historia
y de la Real Academia de la Historia*

FUENTES Y BIBLIOGRAFÍA

Fuentes archivísticas

Archivo de la Diputación de Zaragoza
Archivo General de Palacio, Madrid
Archivo Histórico de Protocolos de Madrid
Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa
Biblioteca Nacional de España, Madrid
Biblioteca Nacional, Lisboa
Biblioteca Real, Madrid
Biblioteca de la Real Academia Española
Biblioteca de la Real Academia de la Historia
Biblioteca Universitaria de Sevilla
Biblioteca Universitaria de Granada
Biblioteca Universitaria de Salamanca
Biblioteca do Palacio da Ajuda, Portugal
British Library, Londres
Bibliothèque Nationale, París.

Manuscritos atinentes a la Jornada de Portugal

- Anónimo. *Discurso de lo mucho que importa para la conservación y aumento de la Monarchia de España, asistir su Magestad con su corte en Lisboa*. Biblioteca de la Real Academia de la Historia, 9/119, fols. 158-165.
- Anónimo. *Carta que de Lisboa escribió un amigo a otro de esta corte en la qual viene relatada la entrada que su Magestad hizo en la dicha çibdad que es de manera siguiente, y significación de 31 arcos triunfales*. Fechada el 13 de julio. Biblioteca Universitaria de Salamanca, ms. 2496, fols. 55-62.
- Anónimo. *Relacion y Historia Verdadera que trata de la Jornada que hiço el Rey nuestro señor Don Phellipe Tercero al Reyno de Portugal haçer Cortes a la Çiudad de Lisboa y a jurar al Príncipe Phellipe Quarto nuestro señor*. Archivo Catedralicio de Granada, legajos 485-4 y 540-19. Texto incompleto, fue publicado por Gan Jiménez (1991).

- Anónimo. *Relación de lo sucedido en la entrada que el Rei don Filipe terçero deste nonbre, hiço en la ciudad de Lisboa, careça del Reino de Portugal, y en el tiempo que su Magestad se detuvo en aquella ciudad, año de 1619*. 10 hojas. Referenciado por Alenda y Mira (1903), señalando que estaba en un *Memorial de cosas diferentes y curiosas. Recopiladas por don Juan de Cisneros y Tagle, vecino y regidor perpetuo de la muy noble y leal villa de Carrión*, parte 4.^a, F18, fol. 60.
- Anónimo. *Relación de la entrada que hiço su Magestad en Lisboa, dia de San Pedro 29 de junio de 1619*. 2 hojas. Según Alenda y Mira (1903), en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia, colección de Jesuitas, tomo cxxxii, número 27.
- Anónimo. *Relación de la entrada de Su Magestad en dia de San Pedro que fue sábado beinte nueve de junio de este presente año de 619 en la ciudad de Lisboa*. Biblioteca Nacional de España, ms 2350.
- Anónimo. *Entrada del Catholico Rey Don Filipe segundo y tercero Monarcha de las Españas, en el Reino de Portugal, y breve compendio del imperial Reçivimiento que le hiço la insige ciudad de Lisboa á los 29 de Junio de 1619 que entró en ella; es Relación más copiosa que la puesta en la 4 parte, en el cap.º 7.º, folio 60 dho*. 53 hojas. Referenciado por Alenda y Mira (1903), señalando que estaba inserto en un *Memorial de cosas diferentes y curiosas. Recopiladas por don Juan de Cisneros y Tagle, vecino y regidor perpetuo de la muy noble y leal villa de Carrión*.
- Anónimo. *Carta de un caballero cortesano a otro de Sevilla, dándole quienta con fuertes razones fundadas en razón de Estado del daño que se seguía de hacer el Rey Don Phelipe III, la jornada que hiço a Portugal, su fecha 20 días antes que hiciese dicha jornada, 1619*. *British Library*, Londres, add.10.236, fol. 240.
- Anónimo. *Relación de el recibimiento que la ciudad de Mérida hiço a la Magestad del Rey Don Phelipe III, nuestro Señor, sábado 4 de mayo de 1619*. *British Library*, Londres, add.10.236, fol. 252.
- Anónimo. *Relación (por mayor) de la entrada que hiço en la Ciudad de Lisboa el Rey Don Phelipe III, a 29 de junio ddia de Sant Pedro del año 1619*. *British Library*, Londres, add.10.236, fol. 263.
- Anónimo. *Juramento hecho en la ciudad de Lisboa al Príncipe de España nuestro Señor, Don Phelipe IV, hijo del Rey nuestro Señor Don Phelipe III, a 14 de julio del año de 1619*. *British Library*, Londres, add.10.236, fol. 267.
- Anónimo. *Procesión que se hiço en la ciudad de Lisboa el dia de Corpus Christi del año de 1619, estando allí el Rey Phelippe III deste nombre y el Príncipe y Princesa de España, nuestros Señores, y la Serenissima Infanta Doña María su hermana*. *British Library*, Londres, add.10.236, fol. 274.
- Anónimo. *Relación sumaria de la entrada que su Magestad hiço en Lisboa a 29 de Junio de 1619*. *British Library*, Londres, add. 28.461, fols. 68-72.
- Anónimo. *Coronación de Felipe tercero y juramento del Príncipe en Lisboa a 14 de Julio de 1619*. *British Library*, Londres, add. 21.441, fols. 46-52.
- FERREIRA, Inácio. *A Felipe III entrando en Lisboa*. Madrid, biblioteca particular de Bartolomé March, ms 22/5/4/II. Se trata del discurso pronunciado por el doctor Ferreira, de la Mesa da Consciencia e das Ordens, ante el monarca, a su llegada a Lisboa; reproducido por Labanha en su obra.

Fuentes impresas atinentes a la Jornada de Portugal

- Anónimo. *Verdadera relación que las grandiosas fiestas, que la ciudad de Lisboa tiene prevenidas, para recibir a la Católica Magestad del Rey Don Felipe III*. Sevilla, por Francisco de Lyra, 1619. 2 hojas en 4.º Ejemplar en la Biblioteca Nacional de Madrid.
- Anónimo. *Jornada del Rey Nvestro Señor Don Felipe Tercero deste nombre al Reyno de Portugal, a coronar al Príncipe Don Felipe su hijo*. Sevilla, por Jerónimo de Contreras, 1619. 2 hojas, armas reales en portada. Ejemplares en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia (col. Jesuitas), y en la *British Library* de Londres.
- Anónimo. *Discurso y recopilacion vniuersal de la jornada de su Magestad haze desde su Real Corte al Reyno de Portugal*. Sevilla, por Juan Serrano de Vargas Ureña, 1619. 2 hojas, armas reales en portada. Ejemplares en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia (col. Jesuitas), y en la Biblioteca Universitaria de Sevilla.
- Anónimo. *Discurso y recopilacion vniuersal de la jornada de Sv Magestad haze desde su Real Corte al Reyno de Portugal*. Granada, por Francisco Heylan, 1619. 2 hojas, armas reales en portada. Ejemplar en la Biblioteca Universitaria de Granada.
- Anónimo. *Segunda relacion de las grandiosas fiestas que la Ciudad de Lisboa tiene preuenidas para recibir a la Católica Magestad del Rey Don Felipe III nuestro señor*. Sevilla, por Francisco de Lira, 1619.
- Anónimo. *Tercera relacion de las grandiosas fiestas que la Ciudad de Lisboa tiene preuenidas para recibir a la Católica Magestad del Rey Don Felipe III nuestro señor*. Sevilla, por Francisco de Lira, 1619. 2 hojas, armas reales en portada. Ejemplar en la Biblioteca Universitaria de Sevilla.
- Anónimo. *Maravilloso insigne y costoso Arco o Puerta que los Ingleses han hecho en el Pilouriño viejo, por donde ha de entrar su Magestad en Lisboa*. Sevilla, por Juan Serrano de Vargas Ureña, 1619. 2 hojas, armas reales de Portugal. Ejemplar en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia.
- Anónimo. *Copia segunda. Maravilloso insigne y costoso Arco o Puerta que los Ingleses han hecho en el Pilouriño viejo, por donde ha de entrar su Magestad en Lisboa*. Sevilla, por Juan Serrano de Vargas Ureña, 1619. 2 hojas, armas reales de Portugal. Ejemplares en la Biblioteca Nacional de Madrid y en *British Library* de Londres.
- Anónimo. *Copia segunda. Maravilloso insigne y costoso Arco o Puerta que los Ingleses han hecho en el Pilouriño viejo, por donde ha de entrar Su Majestad en Lisboa*. Granada, por Francisco Heylan, 1619. 2 hojas, armas reales de Portugal. Ejemplar en la Biblioteca Universitaria de Granada.
- Anónimo. *Arco triunfal que la Nacion Flamenca hizo levantar a la entrada en Lisboa de la S.C.R. Magestad del Rey Don Felipe tercero de las Españas y segundo de Portugal, en el año de mil seiscientos y diez y nueue*. Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1619. 18 hojas, escudo con el león belgíco. Ejemplar en la Biblioteca Nacional de Madrid.
- Anónimo. *Porta e Arco triunfal que a nação ingresa ordenou ao recebimento e entrada em Lisboa da S.C.R.M. del Rey Filipe III de Espanha e II de Portugal, o Anno de 1619*. Lisboa, por Jorge Rodrigues, 1619. 8 hojas. Referenciado por Alenda y Mira (1903), no hemos localizado ejemplar.
- Anónimo. *Solemne procession y fiestas del Corpus que la Ciudad de Lisboa hizo afsitiendo de secreto a ellas la Catholica Magestad de el Rey Don Felipe III nuestro*

- señor*. Sevilla, por Francisco de Lyra, 1619. 2 hojas, armas reales con águila bicéfala en portada. Es continuación de otra *Relación* precedente que no se conoce. Ejemplar en la Biblioteca Universitaria de Sevilla.
- Anónimo. *Edificio y Arco triunfal que los mercaderes alemanes imperiales que asisten en esta Ciudad de Lisboa hizieron quando en ella entró S.C.R.Mg. Del Rey D. Philippe III de las Hispanias y II de Portugal el año de 1619 a 29 de junio*. Lisboa, por Pedro Crasbeck, 1619. 1 hoja+ 16 folios. Escudo del Imperio sostenido por las figuras de la Religión y de Marte. Ejemplar en la Biblioteca Nacional de Madrid.
- Anónimo. *Recibimiento que la ciudad de Lisboa hizo á la entrada de la Católica Magestad del Rey Don Felipe III, en el día de San Pedro y los dos días siguientes. Dase quenta de todos los Arcos, Piramides, Geroglificos, invenciones, gastos de las Naciones y modo de acompañamiento, con los fuegos, cañas y fiestas que en esta ocasion se hizieron, y para quando se espera será el juramento del Principe, y vuelta de Su Magestad á Castilla*. Lisboa, por Jorge Rodrigues, 1619. 2 hojas. Referenciado por Alenda y Mira (1903), no hemos localizado ejemplar.
- Anónimo. *Entrada en publico, y recibimiento grandioso de la Magestad del Catolicissimo Rey Don Felipe Tercero nuestro Señor en la insigne, noble y leal ciudad de Lisboa, a veinte y nueve de Junio, día de los Bienaventurados Apóstoles S. Pedro y S. Pablo, a las quatro y media de la tarde*. Sevilla, por Juan Serrano de Vargas Ureña, 1619. 2 hojas con gran escudo de las armas reales de Portugal. Ejemplar en la *British Library* de Londres.
- Anónimo. *Coronacion de la Magestad del Rey Don Felipe Tercero nuestro Señor i juramento del serenissimo Principe de España fu hijo. Celebrado en el Real Salon de Palacio, en la ciudad de Lisboa, Domingo catorce de Julio*. Sevilla, por Juan Serrano de Vargas, 1619. 2 hojas, portada con las armas reales de Portugal. Ejemplar en la Biblioteca Universitaria de Sevilla.
- Anónimo. *Auto do iuramento que os tres Estados destes Reynos fizeram em presença del Rey nosso Senhor, ao primeiro de Junho, de M.D.C.XIX. E tambem está aqui o juramento que a Cidade de Lisboa fez particularmente, a os quatro dias do dito mes de Junho. E outro juramento que o Duque de Bragança fez no dita dia. E outro juramento que o Senhor Dom Antonio fez aos treze dias do dito mes de Junho*. En Lisboa, por Manoel de Lyra, 1619. 8 hojas. Ejemplar en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia.
- Anónimo. *Auto do iuramento que el rey Dom Phelippe nosso Senhor, segundo deste nome, fez aos tres Estados deste Reyno, & do que elles fizerão a sua Magestade, do reconhecimento, & aceitação do Principe Dom Phelippe nosso Senhor, seu filho, Primogénito. Em Lisboa a 4 dias do mes de Julho de 1619. E afsi do acto das Cortes Iue a 18 dias do mes de Julho se me celebrou nella*. Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1619. 15 hojas. Ejemplar en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia.
- AGUILAR Y PRADO, Jacinto de. *Certissima relacion de la entrada que hizo Sv Magestad y sus Altezas en Lisboa; y de la Iornada que hizieron las galeras de España, y de Portugal desde el Puerto de Santa Maria, hasta la famosa ciudad de Lisboa*. Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1619. 3 hojas+20 folios. Ejemplar en la Biblioteca Nacional de Madrid que perteneció a Pascual de Gayangos, con nota de su mano advirtiendo que se reimprimió en Pamplona en 1629.
- *Escrito primero de la entrada que hizo Sv Magestad, y Svs Altezas en Lisboa; y de la Iornada que hizieron las galeras de España, y de Portugal, desde el Puerto*

- de Santa Maria, hasta la famosa ciudad de Lisboa. Donde se refieren las preven-
ciones, fiestas, y grandezas que se hizieron en ella, y otras cosas sucedidas en esta
facion.* Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1619. 2 hojas+20 folios. Ejemplares en la
Biblioteca Nacional de Madrid, y en la Biblioteca de la Real Academia de la His-
toria.
- ALFONSO DE GUERRA, Manuel. *Sermón que Don Manuel Alfonso de Guerra...
predicó al Rey nuestro Señor, día de Santiago en la ciudad de Lisboa... que fue el
primer Sermón que Su Magestad oyo en esta ciudad y su entrada.* Lisboa, por
Pedro Craesbeeck, 1619.
- ARCE, Francisco de. *Fiestas Reales de Lisboa: desde que el Rey Nvestro Señor entró,
hasta que salió... Con una Loa al Príncipe nuestro señor, que toca a la jornada.*
Lisboa, por Jorge Rodrigues, 1619. 23 hojas. Ejemplar en la Biblioteca Nacional
de Madrid (existe reedición en Valencia, Tipografía Moderna, 1956, 125 pági-
nas).
- CALVO, Pedro. *Sermão feito a Magestade de El-Rey Felipe Nosso Senhor II de
Portugal...* Lisboa, 1619. Fue en el convento de Santo Domingo el 4 de agosto.
- CÉU, Violante do. *Comedia de Santa Engracia.* Obra perdida, referenciada por Se-
rrano Sanz (1903), y por Ares Montes (1990).
- CORDERO, Jacinto. *Comedia de la entrada del Rey em Portugal.* Lisboa, por Jorge
Rodríguez, 1621. 4 hojas+38 folios. Ejemplar en la Biblioteca Nacional de Es-
paña.
- GALLEGOS, Manuel. *Entrada de Felipe en Portugal,* comedia. Obra perdida, refe-
renciada por García Peres (1890) y por Ares Montes (1990).
- GASCÓN DE TORQUEMADA, Jerónimo. *Gaçeta y nuevas de la Corte de España
desde 1600 en adelante.* Edición de Alfonso de Ceballos-Escalera Gila. Madrid,
Real Academia Matritense de Heráldica y Genealogía, 1991.
- LAVAÑA, Juan Bautista. *Viaje de la Catholica Real Magestad del Rei D. Felipe III
N.S. al reino de Portugal, y relación del solene recebimiento que en el se le hizo.*
Madrid, por Tomás Junti, 1622. 3 hojas+76 folios [i.e. 159], 11 láminas. Ejem-
plares en las Bibliotecas Nacionales de Madrid y de Lisboa, en la Biblioteca Real
y en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia (hay reedición en La Coru-
ña, Órbigo, 2010).
- *Viagem da Catholica Real Magestade del Rey D. Filipe II N.S. ao Reyno de
Portugal, e rellação do solene recebimento que nelle se lhe fez.* Madrid, por Tomás
de Junti, 1622. 3 hojas+76 folios [i.e. 159], 12 láminas. Ejemplares en las Biblio-
tecas Nacionales de Madrid y de Lisboa, en la Biblioteca Real y en la Biblioteca
de la Real Academia de la Historia.
- LUZ, frey Simam da. *Pregação que fez o P.M. Frey Simam da Luz da Ordem dos
Prègadores, Regente & Catedrático de Prima da Universidade de S. Domingos de
Lisboa, na procissão de fazimento de graças (que en 27 d'abril deste presente ano
de 619 vèò da Sè ao dito convento) pola vinda da Catholica Magestade del Rey
N.S. Don Philippe o segundo...* Lisboa, por Pedro Craesbeck, 1619.
- MATOS DE SAA, Francisco. *Entrada y Triumpho que la Ciudad de Lisboa hizo a
la C.R.M. del Rey D. Phelipe Tercero de las Españas y Segundo de Portugal.
Con la esplocacion de los Arcos Triumphales que se leuataron a su felicíssima
Entrada.* Lisboa, por Jorge Rodriguez, 1619. 4 hojas+26 folios, portada con ar-
mas reales de Portugal, 160 octavas reales. Ejemplar en biblioteca privada de
Oporto, referenciado por Sanz Hermida (2003).

- *Obra curiosa y verdadera en que se refiere la solenissima entrada, que Su Magestad del Rey nuestro Señor hizo en la ciudad de Lisboa cabeça de Portugal, y de los Reynos de aquella Monarquía, y del triumpho y aparato grande con que le recibieron.* Braga, por Alonso Martín, 1619. 4 hojas en 4.^o, tres largos romances. Referenciado por Alenda y Mira (1903), no hemos localizado ejemplar.
- MANSINO DE QUEVEDO, Vasco. *Triumpho del Monarcha Philippo Tercero en la felicissima entrada de Lisboa, dirigido al Presidente Ivan Furtado de Mendoça y Senado de la Camara.* Lisboa, por Jorge Rodríguez, 1619. 4+66 hojas, en 4.^o Ejemplares en la Real Biblioteca, y en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia.
- RODRÍGUEZ LOBO, Francisco. *La Iornada qve la Magestad Catholica del Rey D. Phelippe III de las Hespañas hizo a su Reyno de Portugal; y el Triumpho, y pompa con que le recibio la insigne Ciudad de Lisboa el año 1619, compuesta en varios romances.* Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1623. 2 hojas+92 folios, portada con armas reales de Portugal, 56 romances de variada extensión. Ejemplar en la biblioteca de la Real Academia Española.
- SA SOTO MAIOR, Eloy de. *A la felicissima entrada de Su Magestad en esta Ciudad de Lisboa.* Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1619. En 4.^o, portada con las armas reales de Portugal. Referido por Ares Montes (1990), como una canción heroica en eco, compuesta por siete estancias de doce versos endecasílabos, heptasílabos y envío. No hemos localizado ejemplar.
- SAN MARTÍN, Gregorio de. *El Triumpho mas famoso qve hizo Lisboa a la entrada del Rey Don Phelippe Tercero d'España y Segundo de Portugal.* Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1624. 6 hojas+158 folios; 933 octavas en siete cantos. Ejemplar en la Real Biblioteca.
- Romance *A la entrada de Felippo Tercero en Lisboa*, inserto en su obra *Todo lo bueno aplaze.* Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1628, folios 109v-110r.
- SARDINA MIMOSO, Juan. *Relacion de la Real Tragicomedia con qve los Padres de la Compañia de Iesvs en su Colegio de S. Antón de Lisboa recibieron a la Magestad Católica de Felipe II de Portugal, y de su entrada en este Reino, con lo que se hizo en las Villas, y Ciudades en que entrò.* Lisboa, por Jorge Rodríguez, 1620. 10 hojas+163 folios+1 hoja; portada con las armas del Duque de Braganza, a quien va dedicada la obra dl sacerdote de Setúbal. Ejemplar en la Real Academia Española.
- SOARES, Pedro Roiz. *Memorial*, edición de M. Lopes Almeida, Coimbra, 1963, págs. 418-442, capítulo 116: *Conta a vinda del Rey primeira ves a este Reino e cidade de Lisboa.*
- [SOSA, P. Antonio de]. *Copia de una comedia qve el Colegio de S. Anton de la Compañia de Iesvs representò a la Católica Magestad del Rey Don Felipe III de Castilla y II de Portugal, domingo y lunes, 18 y 19 de Agosto, intitulada El Rey Don Manuel, conquistador del Oriente. Con vna sucinta Relacion de la presa de Turcos que los quinientos soldados de Sevilla hizieron junto a la barra de Lisboa.* Sevilla, por Francisco de Lyra, 1619. 2 hojas con portada de las armas reales. Ejemplar en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia.
- TORRES SALTO, Baltasar de. *Sermón predicado a la Magestad Cathólica del Rey Don Phelipe Tercero Nuestro Señor: en las honras y officios fúnebres, que se celebraron a la memoria de la Magestad Cesárea del Emperador Mathías de Alemania, en la Santa Iglesia Cathedral de Badajoz en viernes 10 de mayo de 1619.* Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1619.

Bibliografía sobre la Jornada Real a Portugal

- ARES MONTES, José. «Los poetas portugueses, cronistas de la Jornada de Felipe III a Portugal», *Filología Románica*, 7 (1990), págs. 11-36.
- FREIRE DE OLIVEIRA, Eduardo. *Elementos para a História do Município de Lisboa*, II (Lisboa, 1887), págs. 434-520.
- GAN GIMÉNEZ, Pedro. «La jornada de Felipe III a Portugal (1619)», *Crónica Nova*, 19 (1991), págs. 407-431.
- KUBLER, Georg. «Archiducal Flanders and the joyeuse entrée of Philip III in 1619», *Koninklijk Museum voor Schöne Kunsten*, Jaarboek 1970, págs. 157-211.
- PIZARRO GÓMEZ, Francisco Javier, «La jornada de Felipe III a Portugal en 1619 y la arquitectura efímera», en *As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos descobrimentos* (Coimbra, 1987), II, págs. 123-146.
- RIBEIRO DA SILVA, Francisco da. «A viagem de Filipe III a Portugal, itinerários e problemática», en *Revista de Ciências Históricas*, II (Oporto, 1987), págs. 223-260.
- SANZ HERMIDA, Jacobo. «Un viaje conflictivo: relaciones de sucesos para la Jornada del Rey N.S. Don Felipe III deste nombre, al Reyno de Portugal (1619)», en *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 0 (2003), págs. 289-319.
- TORRES MEGIANI, Ana Paula. «A escrita da festa. Os panfletos das entradas filipinas em Lisboa de 1581 e 1619», en *Festa: Cultura e sociabilidade festiva na América portuguesa* (São Paulo, 2001), I, págs. 97-124.
- VETTER, Ewald M. «Der Einzug Philipps III in Lissabon, 1619», en *Spanischen Forschungen Görresgesellschaft*, 19 (1962), págs. 187-263.

Bibliografía sobre João Baptista Labanha y sobre la Ciencia hispánica

- ALÃO DE MORAIS, Cristovão. *Pedatura Lusitana (Nobiliario de Familias de Portugal)*. Oporto, 1947, tomo VI.
- ANTILLÓN, Isidoro de. «Noticias históricas sobre el mapa que levantó en el siglo xvii el cosmógrafo Juan Bautista Lavaña», en *Varietades de ciencia, literatura y artes*, Madrid, 1804.
- BARATA, João da Gama Pimentel. «O Livro Primeiro da Architectura Naval, de João Baptista Labanha», en *Ethnos*, IV (1965), págs. 221-298.
- BARBOSA MACHADO, Diogo. *Biblioteca Lusitana*. Lisboa, 1741-1758.
- BOTELHO DA COSTA VEIGA, Augusto; y Fraia de Ataíde e Melo, Arnaldo. *Index das notas de varios tabeliães de Lisboa, entre os anos de 1580 e 1747*. Lisboa, 1930-1949, 4 vols.
- BRANDÃO, Mario. *Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557*. Coimbra, 1941 y ss.)
- CEBALLOS-ESCALERA GILA, Alfonso de, Marqués de la Floresta. «Una navegación de Acapulco a Manila en 1611. El cosmógrafo mayor Juan Bautista de Labaña, el inventor Luis de Fonseca Coutinho, y el problema de la desviación de la aguja», en *Revista de Historia Naval*, 65 (1999), págs. 7-42.
- «Más acerca de las investigaciones científicas hispanas sobre el problema de la desviación de la aguja náutica: los trabajos y ensayos del cosmógrafo mayor João

- Baptista de Labanha y del inventor Luis de Fonseca Coutinho, durante una navegación por el Pacífico desde Acapulco a Manila en 1611», en *Journal of Alternative Perspectives in the Social Sciences*, 4/1 (febrero 2012), págs. 373-421.
- CEREZO MARTÍNEZ, Ricardo. *La cartografía náutica española en los siglos XIV, XV y XVI*. Madrid, 1994.
- CORTESÃO, Armando. *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI* (Lisboa, 1935), vol. II, págs. 294-361.
- *Portugaliae Monumenta Cartographica* (Lisboa, 1960, con A.T. da Mota), IV, págs. 63-70.
- *Historia da Cartografia Portuguesa*. Coimbra, 1969.
- CUESTA DOMINGO, Mariano. *Tres cartógrafos portugueses en la Corte de España. Ribeiro, Labanha, Teixeira*. Lisboa, 2010.
- ESTEBAN PIÑEIRO, Mariano. «Juan Bautista Labaña», en *Técnica e Ingeniería en España. El Renacimiento* (Zaragoza, 2004), VI, págs. 594 y ss.
- ESTEBAN PIÑERO, Mariano; y JALÓN, Mauricio. «Juan de Herrera y la Real Academia de Matemáticas», en el catálogo de la exposición *Instrumentos científicos del siglo XVI. La corte española y la escuela de Lovaina* (Madrid, Fundación Carlos de Amberes, 1997), págs. 55-66.
- FERNÁNDEZ DE NAVARRETE, Martín. *Biblioteca Marítima Española*. Madrid, 1851 (utilizo la reedición de Barcelona, 1995), II, págs. 239-247.
- *Colección de Opúsculos*. Madrid, 1848, II, págs. 93-101.
- FREIRE DE OLIVEIRA, Eduardo. *Elementos para a História do Município de Lisboa*, II (Lisboa, 1887), págs. 377-378; y III (Lisboa, 1888), págs. 17-23.
- GARCÍA MIRANDA, Manuel. *Biografía de don Juan Bautista Labaña (1560-1624), Cosmógrafo Mayor y Cronista de los Reyes Felipe II, III y IV*. Madrid, 1917.
- GARCÍA TAPIA, Nicolás, y VICENTE MAROTO, María Isabel. «Juan de Herrera, un científico en la corte española», en el catálogo de la exposición *Instrumentos científicos del siglo XVI. La corte española y la escuela de Lovaina* (Madrid, Fundación Carlos de Amberes, 1997), págs. 41-54.
- GOMES TEIXEIRA, Manuel. «Colaboração dos espanhóis e portugueses nas grandes navegações dos séculos XV e XVI», en *Asociación española para el progreso de las Ciencias*, Oporto, 1921.
- HERNANDO, Agustín. *La imagen de un país: Juan Bautista Labaña y su mapa de Aragón (1610-1620)*. Zaragoza, 1996.
- KAGAN, Richard L. «Arcana Imperio», en *El Atlas del Rey Planeta: la «descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos»*. Hondarribia, 2002.
- LEITÃO, Humberto. *Dois roteiros do século XVI atribuídos a João Baptista Labanha*. Lisboa, 1963.
- LEITE DE FARIA, Francisco. «Relação do Porto do Río Senegal feita por João Baptista Labanha», en *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, XIV (1959), págs. 359-371.
- MANSO PORTO, Carmen. *Cartografía histórica portuguesa*. Madrid, 1999.
- MARTÍN MUNICIO, Ángel. «La creación de la Academia de Matemáticas», en el catálogo de la exposición *Felipe II. Un Monarca y su época. La Monarquía Hispánica* (Madrid, Real Monasterio del Escorial, 1998), págs. 243-250.
- MENDES DA LUZ, Francisco Paulo. «Um parecer inédito do cosmógrafo João Baptista Labanha sobre as Molucas e o Tratado de Tordesillas», en *Garcia de Horta*, III (1955), págs. 63-77.
- PICATOSTE, Felipe. *Apuntes para una biblioteca científica española del siglo XVI*. Madrid, 1891.

- PRESTAGE, Edgar; y AZEVEDO, Pedro de. *Registos Parrochiaes de Lisboa. Registo da Freguesia da Sé desde 1563 até 1610*. Coimbra, 1924-1927.
- REPARAZ, Gonzalo de. «La cartographie terrestre dans la Péninsule Ibérique au XVI et XVIII siècles et l'œuvre des cartographes portugais en Espagne», en *Revue de Géographie des Pyrénées et du Sud-Ouest*, XL (1940), págs. 166-203.
- REY PASTOR, Julio. *Los matemáticos españoles del siglo XVI*. Madrid, 1934.
- Sánchez Pérez, José Augusto. *Monografía sobre Juan Bautista Labaña* (discurso de recepción en la Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales). Madrid, 1934.
- SOUSA VITERBO, Francisco Marques de. *Trabalhos Náuticos dos Portugueses*. Lisboa, 1890. En particular: vol. I, págs. 171-183; y vol. II, págs. 207-208.
- TEIXEIRA DA MOTA, Avelino. «Os Regimentos do Cosmógrafo Mor de 1559 e 1592, e as origens do ensino náutico em Portugal», en *Memorias da Academia das Ciências de Lisboa*, XII (1969), págs. 227-291.
- UBIETO ARTUR, Antonio-Paulo. «El «Itinerario» de Lavaña: una fuente para la historia agraria de Aragón», en *Actas de las Terceras Jornadas sobre el Estado actual de los estudios sobre Aragón celebradas en Tarazona del 2 al 4 de octubre de 1980*. Zaragoza, 1982, II, págs. 943-950.
- *Itinerario del Reino de Aragón (1610-1611)*, de João Baptista Labanha. Edición de Antonio-Paulo Ubieto Artur. Zaragoza, 1992.
- «Aportações à biografia de João Baptista Labanha», en *Revista da Universidade de Coimbra*, XXXVI (1991), págs. 395-408.
- «La obra de Juan Bautista Lavaña», en María Ángeles Magallón Botaya (coord.), *Caminos y comunicaciones en Aragón*. Zaragoza, 1999, págs. 249-256.
- VICENTE MAROTO, María Isabel; y ESTEBAN PIÑEIRO, Mariano. *Aspectos de la ciencia aplicada en la España del Siglo de Oro*. Valladolid, 1991.

Bibliografía sobre la fiesta medieval y barroca (en particular sobre las Entradas Reales en España y Portugal)

- AGULLÓ COBO, Mercedes. *Relaciones de sucesos: I: Años 1476-1619*. Madrid, 1996.
- ALVES, Ana María. *Entradas régias portuguesas: uma visão de conjunto*. Lisboa, 1986.
- ALENDAY MIRA, Jenaro de. *Relaciones de Solemnidades y Fiestas Públicas en España*. Madrid, 1903, en dos vols.
- ANDRÉS DÍAZ, Rosana. «Las fiestas de caballería en la Castilla de los Trastámara», en *En la España Medieval*, 8 (1986), págs. 81-107.
- «Las entradas reales castellanas en los siglos XIV y XV, según las crónicas de la época», en *En la España Medieval*, 4 (1984), págs. 48-62.
- ASENJO GONZÁLEZ, María. «Fiestas y celebraciones en las ciudades castellanas de la baja Edad Media», en *Edad Media. Revista de Historia*, 14 (2013), págs. 35-61.
- BONET CORREA, Antonio. «La fiesta barroca como práctica del poder», en *Diwan*, 5-6 (1979), págs. 53-85.
- «Arquitecturas efímeras, Ornatos y Máscaras. El lugar y la teatralidad de la fiesta barroca», en *Teatro y fiesta en el Barroco. España e Iberoamérica*. Barcelona, 1986, págs. 41-70.

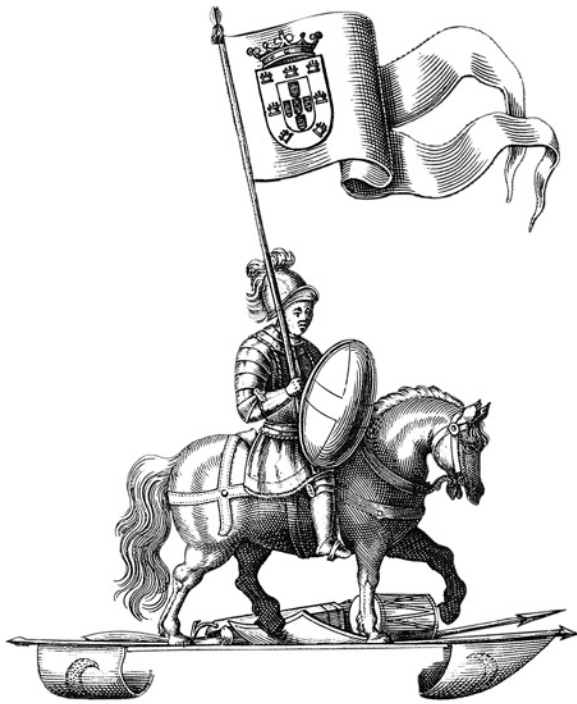
- «La fiesta barroca como práctica de poder», en *Fiestas, poder y arquitectura. Aproximación al barroco español*. Madrid, 1990, págs. 5-30.
- BOTTINEAU, Yves. «Architecture éphémère et Baroque espagnol», en *Gazette des Beaux-Arts*, LXXI (1968), I, págs. 213 y ss.
- BOUZA ÁLVAREZ, Fernando. «Retórica da imagem real. Portugal e a memória figurada de Filipe II», en *Penélope. Fazer e desfazer a História*, 4 (1989), págs. 19-58.
- «Lisboa sozinha, quase viúva. A cidade e a mudança da corte no Portugal dos Filipes», en *Penélope. Fazer e desfazer a História*, 13 (1994), págs. 71-93.
- «El rey, a escena. Mirada y lectura de la fiesta en la génesis del efímero moderno», en *Espacio, Tiempo y Forma, serie IV: Historia Moderna*, 10 (1997), págs. 33-52.
- «El espacio en las fiestas y en las ceremonias de corte: lo cortesano como dimensión», en *La fiesta en la Europa de Carlos V*. Madrid, 2000.
- *Palabra e imagen en la corte*. Madrid, 2003.
- CÁMARA MUÑOZ, Alicia. «La fiesta de corte y el arte efímero de la monarquía entre Felipe II y Felipe III», en *Las sociedades ibéricas y el mar a finales del siglo XVI*, Madrid y Lisboa, 1998, I, págs. 67-89.
- CAMOENS GOUVEIA, António. «La fiesta y el poder: el rey, la corte y los cronistas de Portugal del siglo XVI», en *La fiesta en la Europa de Carlos V*, Madrid, 2000, págs. 175-207.
- CARDIM, Pedro. *Cortes e cultura política no Portugal do Antigo Regime*. Lisboa, 1998.
- «Entradas solenes. Rituais comunitários e festas políticas. Portugal e Brasil, séculos XVI e XVII», en *Festa, Cultura & sociabilidades na América portuguesa*, São Paulo, 2002, págs. 97-124.
- «Ceremonial, political allegiance and religions constraints in Seventeenth-Century Portugal», en *Religions Ceremonials and Images: Power and social meaning (1400-1750)*, Coimbra, 2002, págs. 351-368.
- CHARTROU, Josèphe. *Les Entrées Solennelles et Triomphantes à la Renaissance 1484-1551*. París, 1928.
- CHASTEL, André. «Les entrées de Charles Quint en Italie», en *Les Fêtes de la Renaissance*, París, 1960, II, págs. 197-206.
- CHIVA BELTRÁN, Juan. «Triunfos de la Casa de Austria: entradas reales en la Corte de Madrid», en *Potestas*, 4 (2011), págs. 211-228.
- CURTO, Diogo Ramada. «Ritos e cerimonia da monarquia em Portugal (séculos XVI até XVIII)», en *A memória da Nação*, Lisboa, 1991, págs. 201-265.
- DUINDAM, Jeroen. «El legado borgoñón en la vida cortesana de los Habsburgo austriacos», en *El legado de Borgoña. Fiesta y ceremonia cortesana en la Europa de los Austrias (1454-1648)*, (Madrid, 2010), págs. 35-60.
- FERRER VALLS, Teresa. «Las entradas reales en tiempo de Felipe II: las relaciones hispano-italianas», en *Italia non spagnola e monarchia spagnola tra '500 e '600*, Florencia, 2001, págs. 307-325.
- GARCÍA BERNAL, José Jaime. *El fasto público en la España de los Austrias*. Sevilla, 2006.
- GOMES, Maria Eugénia Reis. *Contribuição para o estudo da festa em Lisboa no Antigo Regime*. Lisboa, 1985.
- GONZÁLEZ ENCISO, Agustín, y USUNÁRIZ GARAYOA, Jesús María (eds.). *Imagen del rey, imagen de los reinos. Las ceremonias públicas en la España Moderna (1500-1814)*. Pamplona, 1999.

- GUENEE, Bernard, y LEDOUX, François. *Les entrées royales françaises de 1328-1515*. París, 1968.
- JONGE, Crista de; GARCÍA GARCÍA, Bernardo J.; y ESTEBAN ESTRINGANA, Alicia (eds.). *El legado de Borgoña. Fiesta y ceremonia cortesana en la Europa de los Austrias (1454-1648)*. Madrid, 2010.
- JORDAN GSCHWEND, Annemarie. «Cosa veramente di stupore». Entrada Real y fiestas nupciales de Juana de Austria en Lisboa en 1552», en *El legado de Borgoña. Fiesta y ceremonia cortesana en la Europa de los Austrias (1454-1648)*, (Madrid, 2010), págs. 179-240.
- LADERO QUESADA, Miguel Ángel. *Las fiestas en la cultura medieval*. Barcelona, 2004.
- LANDEWEHR, John. *Splendid ceremonies. State entries and royal funerals in the Low Countries, 1515-1791. A bibliography*. Leiden, 1971.
- LISÓN TOLOSANA, Carmelo. *La imagen del rey. Monarquía, realeza y poder ritual en la Casa de los Austrias*. Madrid, 1991.
- LOBATO, María Luisa, y GARCÍA GARCÍA, Bernardo J. (coords.), *La fiesta cortesana en la época de los Austrias*. Valladolid, 2003 (atención a la acuciosa bibliografía de la fiesta barroca, que incluye al final).
- *Dramaturgia festiva y cultura nobiliaria en el Siglo de Oro*. Madrid, 2007.
- LÓPEZ, Roberto J. «Ceremonia y poder en el Antiguo Régimen. Algunas reflexiones sobre fuentes y perspectiva de análisis», en *Imagen del rey, imagen de los reinos. Las ceremonias públicas en la España Moderna (1500-1814)*, Pamplona, 1999, págs. 19-62.
- MARSDEN, C.A. «Entrées et fêtes espagnoles au xvi siècle», en *Les Fêtes de la Renaissance*, París, 1960, II, págs. 389-411.
- NIETO SORIA, José Manuel. *Ceremonias de la realeza. Propaganda y legitimación en la Castilla Trastámara*. Madrid, 1993.
- *Orígenes de la Monarquía Hispánica: propaganda y legitimación, ca.1400-1520*. Madrid, 2004.
- PAIVA, José Pedro. «Las fiestas de corte en Portugal en el periodo filipino (1598-1640)», en *La fiesta cortesana en la época de los Austrias*, Valladolid, 2003, págs. 211-232.
- PUYVELDE, Leo van. *Les Joyeuses Entrées et la peinture flamande*. París, 1960.
- Real Biblioteca. «Entradas Reales en la Real Biblioteca (II)», en *Avisos. Noticias de la Real Biblioteca*, 20 (2000).
- RÍO BARREDO, María José del. «El ritual en la corte de los Austrias», en *La fiesta cortesana en la época de los Austrias*, Valladolid, 2003, págs. 17-34.
- RODRÍGUEZ DE LA FLOR, Fernando; y GALINDO BLASCO, Esther. *Política y fiesta en el Barroco*. Salamanca, 1994.
- SIMÓN DÍAZ, José. *Relaciones de actos públicos celebrados en Madrid (1541-1650)*. Madrid, 1982.
- STRONG, Roy. *Arte y Poder. Fiestas del Renacimiento 1450-1650*. Madrid, 1988.
- TORRIONE, Margarita (ed.). *España festejante. El siglo xviii*. Málaga, 2000.
- TOVAR MARTÍN, Virginia. *El barroco efímero y la fiesta popular. La entrada triunfal en el Madrid del siglo xvii*. Madrid, 1985.
- VV.AA. *Fiestas, Juegos y Espectáculos en la España medieval*. Aguilar de Campoo, 1999.

Bibliografía sobre los grabadores, artistas e impresores de la obra

- ANDRÉS, Gabriel. «Relaciones extensas de fiestas públicas: itinerario de un género», en Sagrario López Poza y Nieves Peña Sueiro (eds.), *La fiesta. Actas del II Seminario de Relaciones de Sucesos*, Ferrol, 1999, págs. 11-17.
- BLAS BENITO, Javier. *Grabadores extranjeros en la Corte española del Barroco*. Madrid, Biblioteca Nacional, 2011, págs. 254-255, n. 265.
- BRAZ ABRANTES GARCIA, Ana Paula. *Domingos Vieira Serrão. Pintor da Contra-Maneira em Portugal. Entre Decoro e Conformismo*. Disertación del Master en Historia del Arte, Facultad de Letras de la Universidad de Coimbra, 1996.
- CÁTEDRA, Pedro M. «En los orígenes de las epístolas de relación», en *Las relaciones de sucesos en España (1500-1750)*. Alcalá de Henares, 1996, págs. 33-64.
- CEÁN BERMÚDEZ, Juan Agustín. *Diccionario histórico de los más ilustres profesores de las Bellas Artes en España*. Madrid, 1800 (trata de Jan Schorkens en tomo IV, págs. 357-358).
- CEBALLOS-ESCALERA GILA, Alfonso de, Vizconde de Ayala. «El primer poseedor de un ex-libris en la Península Ibérica: el canónigo barcelonés Francisco Tarafa (y alguna reflexión crítica sobre el primer ex-libris portugués)», en *Cuadernos de Ayala*, 65 (enero-marzo 2016), págs. 15-20.
- DELGADO CANSADO, Juan. *Diccionario de impresores españoles (siglos XV-XVIII)*. Madrid, 1996, 2 tomos.
- DOMÍNGUEZ GUZMÁN, Aurora. *La imprenta en Sevilla en el siglo XVII (catálogo y análisis de su producción), 1601-1650*. Sevilla, Universidad de Sevilla, 1992.
- GONZALO GARCÍA, Consuelo. «El impresor de fastos reales en las relaciones de sucesos: estudio bibliográfico y nuevas aportaciones», en *La fiesta. Actas del II Seminario de Relaciones de Sucesos*, Ferrol, 1999, págs. 155-173.
- GROENENDIJK, Pieter. *Beknopt biografisch lexicon van Zuid-en Noord-Nederlandse schilders, graveurs, glasschilders, tapijtwevers et cetera van ca.1350 tot ca.1720*. Leiden, 2008.
- GUSMÃO, Adriano de. «As pinturas murais da Charola do Convento de Cristo», *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, III (1955), págs. 135-141.
- *Simão Rodrigues e seus colaboradores*. Lisboa, 1957.
- HERRERO GARCÍA, Miguel. «El molino de papel del Paular», en *El Libro Español* (Madrid, 1958), I, 4, págs. 167-171.
- LECEA GARCÍA, Carlos de. *Recuerdos de la antigua industria segoviana*. Segovia, 1897.
- LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, María José. *Bibliografía de impresos granadinos de los siglos XVII y XVIII*. Granada, 1997, 3 vols.
- LÓPEZ POZA, Sagrario. «Peculiaridades de las relaciones festivas en forma de libro», en Sagrario López Poza y Nieves Peña Sueiro (eds.), *La fiesta. Actas del II Seminario de Relaciones de Sucesos*, Ferrol, 1999, págs. 213-222.
- LÓPEZ VIZCAÍNO, Pilar. «El Santo Sepulcro y las construcciones religiosas de la Orden del Temple. La Charola de Tomar», en *Las Órdenes Militares: realidad e imaginario*, Castellón, 2000, págs. 181-220.
- MARKL, Dagoberto; y SERRÃO, Vitor. «Os tectos manieristas do Hospital Real de Todos-os-Santos (1580-1613) e os seus autores», *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, 86 (1980), págs. 161-215.

- MATILLA, José Manuel. «El grabado y la Casa de Austria. La imagen del rey, la difusión de la idea dinástica y la memoria de los hechos imperiales», en *El linaje del Emperador*. Madrid, 2000, págs. 79-97.
- MOLL, Jaime. «Plantino, los Junta y el Privilegio del Nuevo Rezado», en Hans Tromp y Pedro Perera (eds.), *Simposio Internacional sobre Cristóbal Plantino* (Madrid, 1990), págs. 9-23.
- MONTEIRO, Patricia. *A actividade do pintor Domingos Vieira Serrão na Sé de Elvas* (consultado en la web).
- MUÑOZ DE LA NAVA CHACÓN, José Miguel. «Antonio Mancelli: un corógrafo, iluminador, pintor y mercader de libros en el Madrid de Cervantes», *Torre de los Lujanes*, 57 (2005), págs. 45-79; y 58 (2006), págs. 165-2.
- PÉREZ PASTOR, Cristóbal. *Bibliografía madrileña o descripción de las obras impresas en Madrid*. Madrid, 1891.
- Ídem, *Parte Tercera (1621 a 1625)*. Madrid, 1907.
- RUIZ MARTÍNEZ-CAÑABATE, Pablo. *Psalmodia Eucharistica: grabados e iconografía*. Jaén, 2011.
- SANTORO, Marco. *I Giunta a Madrid. Vicende e documenti*. Pisa-Roma, Fabrizio Serra Editore, 2013.
- SERRÃO, Vitor. *A pintura manierista em Portugal*. Lisboa, 1982.
- SOUSA VITERBO, Francisco Marques de. *Noticia de alguns Pintores Portuguezes e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal*. Lisboa, 1903.
- TEIXEIRA, Francisco Augusto Garcez. *A Irmandade de S. Lucas, corporação de artistas. Estudo do seu arquivo*. Lisboa, 1931.
- THIEME, Ulrich; y BECKER, Felix. *Allgemeines Lexikon der bildenden Künstler von der Antike bis zur Gegenwart*. Leipzig, 1930.
- TURNER, Jane (ed.), *The Dictionary of Art*. Londres y Nueva York, 1996, en 34 vols.
- VERA DE LA TORRE, Juan de. «Una industria, una capilla y un linaje», *Estudios Segovianos*, 19 (1967), págs. 85-133.
- WÜRZBACH, Alferd von. *Niederländisches Künstler-Lexikon*. Leipzig, 1906-1911.
- ZAPATA FERNÁNDEZ DE LA HOZ, Teresa. «Las relaciones de las entradas reales del siglo xvii. Del folleto al gran libro de la fiesta», en Sagrario López Poza y Nieves Peña Sueiro (eds.), *La fiesta. Actas del II Seminario de Relaciones de Sucesos*, Ferrol, 1999, págs. 359-373.



VIAGE DE LA CATHOLICA REAL
MAGESTAD DEL REI D. FILIPE III N.S.
AL REINO DE PORTUGAL



VIAGÈ M
DA CATHOLICA REAL
MAGE STADE
DEL REY D. FILIPE II.

N. S.
AO REYNO DE PORTVGAL
E rellação do solene
recebimento que
nelle se lhe fez
S. MAGESTADE
a mandou escreuer
POR IOÃO BAPTISTA LAVANHA
SEY CORONISTA MAYOR.



VLYSSI
OB
VRBEM
CONDI
TAM

M A D R I D
Por Thomas Iunti Impressor del Rei NS
M. DC. XXII.º

ALFON
SO. I.
OB
VRBEM
CAPTAM

Joan Schorquens fecit



VIAGE
DE LA CATHOLICA REAL
MAGESTAD
DEL REID. FILIPE III.
N. S.
AL REINO DE PORTVGAL
I relacion del solene
recebimiento que en
el se le hizo
SV MAGESTAD
la mando escriuir
POR IOAN BAPTISTA LAVAÑA
SV CORONISTA MAYOR

VLYSSI
OB
VRBEM
CONDI
TAM

MADRID
Por Thomas Iunti Impressor del Rei NS
M. DC. XXII.

ALFON
SO. I.
OB
VRBEM
CAPTAM

Joan Schorquani fecit

VIAGEM
DA CATHOLICA REAL
MAGESTADE
DEL REY D. FILIPE II.
NOSSO SENHOR
AO REYNO DE PORTV GAL
E
rellação do solene
recebimento que
nelle se lhe fez
SVA MAGESTADE
a mandou escrever
POR JOÃO BAPTISTA LABANHA
SEV CORONISTA MAYOR

MADRID

Por Thomas Iunti Impressor del Rei Nosso Senhor
M. DC. XXII.

APROVAÇÃO DO PADRE ANTONIO

Colaço da Companhia de Iesus.

Por comissão do senhor Doctor Diogo Vela Vigairo geral desta villa de Madrid vi hun livro em lingua Portuguesa intitulado: Viagem da Catholica Real Magestade del Rei dom Felipe Segundo nosso senhor à seu Reino de Portugal; composto por João Baptista Labanha seu Coronista mayor; e me parece historia mui verdadeira, e que em breves palavras declara muitas cousas; e que he mui digna de ser estimada de todos, assi pela curiosidade, do que descreve, como pelo estilo, com que o trata; nem tem cousa contra nossa santa Fee, e bons costumes, pelo que merece a licença que pede. Em Madrid à 13 de Julho de 621.

Antonio Colaço.

APROVAÇÃO DO PADRE MANOEL SOAREZ

da Companhia de Iesus.

Por mandado dos senhores do supremo Conselho vi este livro intitulado; *Viagem da Catholica Real Magestade del Rei dom Filipe II noso senhor ao seu Reino de Portugal, e rellação do solene recebimento, que nelle se he fez*: escrita por mandado de sua Magestade por João Baptista Labanha seu Coronista maior e nelle cumprio seu autor, com as partes de perfeito historico, guardando fidelidade na rellação, suavidade no estilo, brevidade no modo, com que nos representa ao vivo as grandezas, com que aquelle Reino recebeu a sua Magestade. E assi merece, que se imprima para honra de sua patria, que igualmente aterá com as mostras de sua lealdade que nesta rellação se descobrem, e con engenho e erudição de seu Autor. Neste Colégio Imperial da Companhia de Iesus de Madrid 4. Agosto. 1621.

Manoel Soarez.

VIAGE
DE LA CATHOLICA REAL
MAGESTAD
DEL REI D. FELIPE III.
N.S.

AL REINO DE PORTV GAL
I relacion del solene
recebimiento que en
el se le hizo
SV MAGESTAD
lo mando escribir
POR JOAN BAPTISTA LAVAÑA
SV CRONISTA MAYOR

MADRID

Por Thomas Iunti Impressor del Rei N.S.
M. DC. XXII.

APROVACION DEL PADRE ANTONIO COLAÇO
de la Compañía de Iesus.

Por comission del señor Doctor Diego Vela Vicario general desta villa de Madrid vi un libro en lengua Castellana, intitulado: *Viage de la Catholica Real Magestad del Rey don Felipe III, nuestro señor a su Reyno de Portugal*; compuesto por Juan Bautista Lavaña su Coronista mayor; y me parece historia muy verdadera, y que en pocas palabras comprehende y declara muchas cosas; y que es muy digna de ser estimada de todos, assi por la curiosidad, de lo que describe, como por el estilo, con que lo trata; ni tiene cosa contra nuestra santa Fè, y buenas costumbres. Por lo qual me parece, que se le deve dar la licenci que pide. En Madrid en el Colegio Imperial de la Compañía de Iesus, a 23 de Julio de 621.

Antonio Colaço.

APROVACION DEL MAESTRO GIL GONZALEZ DAVILA

Coronista de su Magestad.

Muy poderoso señor.

Por mandado de Vuestra Alteza he visto el libro del viage, que la Magestad Catholica del señor Rey Don Felipe III. que està en la gloria, hizo al Reyno de Portugal, y la relacion del aparato de su recibimiento, escrito con singular diligencia por Iuan Bautista Lavaña su Coronista mayor, en que manifiesta el gran conocimiento, que tiene de las cosas admirables de aquel Reyno. Merece, que V. Alteza, honrando sus muchas letras, le dè licencia, para que se imprima: y tengan por este medio noticia las Naciones vezinas y remotas de su grande erudicion: y del amor, lealtad y zelo, con que sirvio el Reyno de Portugal a la grandeza de su Magestad Catholica. Madrid, Iulio veyntiseys, 1621.

Maestro Gil Gonzalez Davila.

Suma dos privilégios.

Têm dous privilégios del Rey nosso senhor, por dous annos, João Baptista Labanha Coronista maior de sua Magestade, para poder imprimir ese livro da Viagem del Rei dom Filipe II nosso senhor a Portugal: hum dos privilégios para Castella, despachado por Lazaro de los Rios, escrivão da Camara de sua Magestade, feito em Madrid o primeiro de Setembro de 1621. e outro despachado por Francisco Pereira de Betancor, escrivão da Camara de sua Magestade, feito em Madrid à 24 de Janeiro de 1611.

ADVERTENCIAS

Este livro compus primeiro em lingua Castellhana, e com intento de se imprimir nella (como depois se imprimio), se contarão na mesma lingua os nomes dos arcs nas suas estampas. Advirtese mais, que na volta da fol.12, na regra 7, da declaração do Epigrama *Telluris medium*, onde acaba a palavra Cabeças se ha de acrescentar: *Vós, senhor, sois o Templo de Delfos; mas antes de vos aprendem os Oráculos do mesmo Templo; e movida de vossa Deidade responde a Sacerdotisa de Apolo.*

A EL REY NOSSO SENHOR

Senhor.

Agradou tanto à el Rei Nosso Senhor, que està em gloria, Pae de Vossa Magestade o triumphal aparato, com que foi recebido em Lisboa que polo ter sempre presente, me mandou, o escrevesse e Vossa Magestade, pela mesma causa, o imprimisse, como fiz neste livro, que com seu Autor ponho aos Reaes pees de Vossa Magestade: pedindolhe passe por elle os olhos, para que com tam grande mercè; pois aos Portugueses na quella occasião lhes não ficou nada por fazer, não lhes fique agora mais que desejar. Deus guarde a Catholica e Real Pessoa de Vossa Magestade. De Madrid VII de Março de M. DC. XXII

João Baptista Labanha.

TASSA

Yo Lazaro de los Rios escrivano de Camara del rey nuestro señor, de los que residen en su Consejo, certifico, y doy fee, que aviendose visto por los señores un libro del Viage del Rey don Felipe III. nuestro señor a su Reyno de Portugal, compuesto por Juan Bautista Lavaña Cavallero del Abito de Christo, y Coronista mayor de su Magestad: tassaron el dicho libro en treze reales en papel: y mandaron, que la tassa se ponga al principio del dicho libro, y no se pueda vender sin ella. Y para que dello conste, di la presente. En Madrid a veyntitres de Febrero de 1622.

Lazaro de los Rios.

Suma de los privilegios.

Tiene dos privilegios de su Magestad por diez años Juan Bautista Lavaña Coronista mayor del Rey N.S. para poder imprimir este libro intitulado: Viage de la Catholica Magestad del Rey don Felipe Tercero nuestro señor a su Reyno de Portugal. Uno de los privilegios despachado para Castilla en el Oficio de Lazaro de los Rios, escrivano de la Camara de su Magestad: su fecha en Madrid, a primero de Setiembre de 1621. años, refrendado de Pedro de Contreras secretario de su Magestad. Y el otro despachado por Francisco Pereira de Betancor, escrivano de Camara del Rey nuestro señor: su fecha en Madrid, a 24 de Enero de 1622.

FEE DE ERRATAS.

Este libro intitulado, Viage de la Catholica Magestad del Rey don Felipe III. a su Reyno de Portugal, està bien y fielmente impresso con su original. Dada en Madrid, a 22 de Enero de 1622.

El Licenciado Murcia de la Llana.

A EL REY N. S.

Señor.

Agradò tanto al Rey Nuestro Señor, que està en gloria, Padre de Vuestra Magestad, el triunfal aparato, con que fue recebido en Lisboa: que por tenelle siempre presente, me mandò, lo escriviesse: i Vuestra Magestad, por la misma causa, lo estampasse, como he hecho en este libro, que con su Autor ofrezco à los Reales pies de Vuestra Magestad. Suplicandole, passe por el los ojos, para que con esta merced; pues a los Portugueses no les quedò entonces nada por hazer, no les quede ahora mas que desear. Dios guarde la Catholica i Real Persona de V. Magestad. De Madrid VII de Março de M. DC. XXII.

João Baptista Lavaña.



VIAGEM DA CATHOLICA REAL
MAGESTADE DEL REI DOM FILIPE II. QUE
ESTA EM GLORIA, AO SEU REINO
DE PORTUGAL,
E RELLAÇÃO DO SOLENE RECEBIMENTO,
QUE NELLE SE LHE FEZ.



ONSIDERANDO a Magestade Catholica del Rey Dom Filipe II. com grande prudencia, quanto importe, que os grandes Principes visitem pessoalmente seus Reynos (que quando são muitos e o Imperio mui estendido, não se pode esperar senao ausencia de seu Principe e della infinitos danos, e maiores inconvenientes) para ter perfeita noticia, das forças, riquezas, ou necessidades delles; conhecer a natureza e condição de seus vassallos, e ver por seus olhos, e não por rellação, o estado de todas estas cousas, e se os ministros usão mal do poder que têm odio, e desprezo da reputação do Principe, como fizeram muitos Reis, e Emperadores, e entre elles Augusto Cesar, que de todas as Províncias do Imperio Romano so deixou de visitar Africa, e Sardenha, mostradosse mui liberal com todas, deminuindo, e tirando tributos à muitas Cidades, enriquecendo outras com privilegios, e liberdades, reedificando as arruinadas é perdoando as rebeldes. Determinou sua Magestade por tam justas, e necessarias causas de visitar com sua Real presença, o seu Reino de Portugal, huma das tres Coroas de Espanha, de que se constitue a sua Monarquia, pasados trinta e seis annos que delle se tornara à Castella, el Rey que està em gloria Dom Filipe I, depois de aver residido neste Reyno dous annos, e usado com os Portugueses seus vassallos, como o pedia o tempo, e a occasião, não menor liberalidade, e magnificencia da que Augusto Cesar usou com os seus.

Para que esta jornada fosse chea de gloria para Portugal, quis sua Magestade, que nella o acompanhasse o Principe Dom Filipe Nosso Senhor, a Princesa Dona Isabel sua esposa, e a Infanta Dona Maria. Nomeou os senhores, fidalgos, e ministros que na viagem o avião de servir, e á suás Altezas; Para o seu serviço na Camara a Dom Cristovão de Sandoval, e Rojas, Duque de Uzeda, Sumilher de Corpus, e Estribeiro maior de sua Magestade, e Sumilher de Corpus, e Mordomo maior do Principe, Dom Enrique de Guzrnão Marques de Povar do Conselho de guerra, e Capitão da Guarda Espanhola, Dom Ioão de Mendoça Marques de Hinojosa do Conselho de guerra, e Capitão geral da Artelheria; Dom Francisco Barroso de Ri-



VIAGE DE LA CATHOLICA REAL
MAGESTAD DEL REY DON FELIPE III. QUE
ESTA EN GLORIA, A SU REYNO
DE PORTUGAL,
I RELACION DEL SOLENE RECEBIMIENTO
QUE EN EL SE LE HIZO.



ONSIDERANDO la Magestad Catolica del Rey Don Felipe Tercero, con su gran prudencia, quanto importa visiten los grandes Principes personalmente sus Reynos (que quando son mucho, i el Imperio mui estendido, no se puede esperar sino ausencia del Príncipe, donde nacen infinitos daños, i por causa della mayores inconvenientes) para tener perfeta noticia de las fuerzas, riquezas, o necessidades dellos, conocer la naturaleza y condicion de sus vassallos, reconociendo por sus ojos, y no por relacion el estado de todas estas cosas, i si los ministros usan mal del poder que tienen en odio, i desprecio de la reputacion del Principe, como lo hizieron muchos Reyes, i Emperadores, i dellos el segundo, Augusto Cesar, que de todas las Provincias del Imperio Romano, solo dexò de visitar el Africa, i Cerdeña, mostrandose mui liberal con todas, diminuyendo i quitando tributos a muchas ciudades, enriqueziendo otras con privilegios; reedificando las arruinadas, i perdonando a las rebeldes. Determinò su Magestad por tan justas, i necessarias causas, visitar con su Real presencia el Reyno de Portugal, una de las tres Coronas de España, de que se constituye su Monarquia, passados XXXVI años que del avia buelto a Castilla el Rey, que sea en gloria, don Felipe Segundo, i Primero de Portugal, despues de aver residido en este Reyno dos años, i usado con los Portugueses sus vassallos (como lo pedia el tiempo, y la ocasion) no menor liberalidad i magnificencia que Augusto Cesar con lo suyos.

Para que esta jornada fuesse colmada de contento i gloria para Portugal, quiso su Magestad, que le acompañassen en ella el Príncipe Don Felipe nuestro señor, la Princesa Doña Isabel su esposa, i la Infanta Doña Maria; nombrò los señores Cavalleros, y ministros que le avian de servir en el viage, i a Sus Altezas. Para su servicio en la Camara señalò a don Cristoval de Sandoval i Rojas, Duque de Uzeda, Sumiller de Corps, i Cavallerizo mayor de su Magestad, Sumiller de Corps, y mayordomo mayor del Príncipe nuestro señor, a don Enrique de Guzman, Marques de Povar, del Consejo de Guerra, i Capitan de la Guarda Española, don Iuan de Mendoça Marques de Hinojosa, del Consejo de Guerra, i Capitán General de la artilleria, don Francisco Barroso de Ri-

beira Marques de Malpica (á quem acompanhava seu filho Dom Baltasar de Ribeira) Dom Gaspar de Moscoso Marques de Almagão e Dom António Davila, e Toledo, Marques de Velada, Dom Sancho de la Cerda Marques de Laguna, do Conselho de Estado, e Guerra, Dom Ruigomez da Silva Duque de Pastrana, Principe de Melito, Caçador maior, e Dom Francisco de Sandoval, Duque de Cea. Tres Mordomos, Dom Pedro Portocarreiro Conde de Medelhin, Dom Diogo Zapata Conde de Barajas, e Dom Afonso de Cordova, Marques de Celada. Tres estribeiros, Dom Pedro de Zuniga Marques de Flores de Avila, primeiro Estribeiro, e Gentilhomen da Camara de sua Alteça Dom João Manrique de Padilha, e Dom João de Gaviria. Cinco Gentishomes da boca, Gaspar de Sousa, Dom João Coloma, Dom Gomez Zapata, Dom Luís Coutinho, e Dom Diogo Deça. Nomeou mais sua Magestade para esta jornada, o Mestre Freyre Luís de Aliaga da Ordem de São Domingos, seu Confessor, Inquisidor geral, e do Conselho de Estado. Dom Diogo de Guzmão Arcebispo de Tiro, Patriarca das indias, Capellão, e Esmoler maior de sua Magestade Dom Belchior de Moscoso seu sumilher da Cortina, Dom Pedro de Toledo Marques de Villafranca, do Conselho de Estado, e Guerra (que trouxe consigo a Dom Garcia de Toledo Duque de Fernandina seu filho) Dom Diogo Brochero Bailio do Sepulcro, do Conselho de Guerra, o Marques de Falces Capitão da guarda dos Archeiros, com seu Tenente Dom António de Beaufort, o da guarda Espanhola Dom Fernando Verdugo, e o da Alemanha DomTheodoro Langueneck; todos tres do Habito de Santiago, João de Ceriza, e Antonio de Arrostequi Secretarios de Estado, do Habito de Santiago, Martim de Arrostequi Secretario de Guerra, Dom Bernabè de Vivanco do Habito de Santiago, Secretario de sua Magestade, e da santa e geral Inquisição, o Doutor Belchior de Molina do Conselho Real, e da Camara, João de Gamboa do Concelho da Fazenda, e Dom Pedro Diaz Romeiro Corregedor da Corte e Casa de sua Magestade. Veio o Conselho de Portugal que reside em Castella, o seu Presidente, Dom Carlos de Aragão, e Borja Duque de Villahermosa Conde de Ficalho, do Conselho de Estado, e Veedor da fazenda, Pedralvarez Pereira do mesmo Conselho de Estado, o Doutor Memdo da Mota de Valadares, e Dom Antonio Pereira de Meneses, os Secretarios Francisco de Lucena de Estado e Francisco de Almeida de Vasconcellos, das Comendas, merces, e fazenda, e Francisco Pereira de Betancor, escrivão da Camara.

Ao Principe Nosso Senhor vierão servindo Dom Baltasar de Zuniga seu Aio, Comendador maior de Lião da Ordem de Santiago, do Conselho de Estado, e Guerra, Dom Galcerão de Alvanell Mestre de sua Alteça Abade de Alcala a Real. Os Gentishomens da Camara, Dom Diogo Gomez de Sandoval Conde de Saldanha, Estribeiro maior de sua Alteça dom Gaspar de Guzmão Conde de Olivares, Dom Manoel de Moura Cortereal, Marques de Castelrodrigo, Comendador maior de Alcantara, e Dom Francisco de Benavides Conde de São Estevão, por Mordomo Dom Diogo de Meneses, e o Mestre freyre António de Sotomaioir, da Ordem de São Domingos, confessor de sua Alteça. Para o serviço da Princesa, e Infanta nomeou sua Magestade quatro donas de honor, Dona Maria da Benavides, Dona Mariana Enriquez, que servirão de Camareiras maiores de Suas Alteças Dona Margarida de Cordova que morreo no caminho, e Dona Margarida de Tavora. Das Damas seis, e duas Mininas, Dona Isabel de la Cueva, Dona Vitoria Capella, Dona Maria de Tavora, da Princesa, e Dona Anna de Eli sua Minina, Dona Elvira de Guzmão, Dona Ioanna de Mendoça, Dona Isabel de Aragão, da Infanta, e Dona Francisca de Tavora sua Minina. Por mordomo a dom Bernardino de Avelhaneda Conde de

beira Marques de Malpica (a quien acompañava su hijo don Baltasar de Ribera) don Gaspar de Moscoso Marques de Almagán, don Antonio Davila i Toledo, Marques de Velada, don Sancho de la Cerda Marques de Laguna, del Consejo de Estado, i Guerra, don Ruy Gomez de Silva Duque de Pastrana, Príncipe de Melito, Caçador mayor de su Magestad, i don Francisco de Sandoval, Duque de Cea. Tres mayordomos, don Pedro Portocarrero, Conde de Medellin, don Diego Zapata, Conde de Barajas, i don Alonso de Cordova, Marques de Celada. Tres Cavallerizos, don Pedro de Zuñiga, Marques de Floresdávila, primer Cavallerizo, i Gentilhombre de la Camara de su Alteza Don Iuan Manrique de Padilla, y don Iuan de Gaviria. Cinco Gentilshombres de la boca, Gaspar de Sosa, Governador que avia sido del Brasil, don Iuan Coloma, don Gomez Zapata, don Luís Coutiño, y don Diego Deça. Nombrò mas su Magestad para esta jornada, al Maestro Fray Luis de Aliaga, de la Orden de Santo Domingo, su Confessor, Inquisidor General de España, i del Consejo de Estado, don Diego de Guzman, Arçobispo de Tiro, Patriarca de las Indias, Capellán, i Limosnero mayor de su Magestad, don Melchior de Moscoso, Sumiller de Cortina, don Pedro de Toledo, Marques de Villafranca, del Consejo de Estado, i Guerra (q traxo consigo a don Garcia de Toledo, Duque de Fernandina, su hijo) don Diego Brochero, Bailio del Sepulcro, del Consejo de Guerra, el Marques de Falces, Capitán de la Guarda de los Archeros, con su Teniente don Antonio de Beaufort, el de la Guarda Española, don Fernando Verdugo, i el de la Alemana don Teodoro Languenech; todos tres del Abito de Santiago, Iuan de Ceriza, i Antonio de Arostegui, Secretarios de Estado, del Abito de Santiago, Martin de Arostegui, Secretario de Guerra, don Bernave de Bivanco, del Abito de Santiago, Secretario de su Magestad, i de la Santa y general Inquisicion, el Doctor Melchor de Molina, del Consejo Real, i Camara, Iuan de Gamboa, del Consejo de Hazienda, i don Pedro Diaz Romero, Alcalde de la casa i Corte de su Magestad. Vino el Consejo de Portugal, que reside en la Corte, su Presidente, don Carlos de Aragon y Borja, Duque de Villahermosa, Conde de Ficallo, del Consejo de Estado deste Reyno, Pedralvarez Pereira, del mismo Consejo de Estado, el Doctor Mendo de la Mota de Valadares, y don Antonio Pereyra de Meneses, los Secretarios Francisco de Lucena, de Estado, Francisco de Almeida de Vasconcelos, de las Encomiendas, y mercedes, i Francisco Pereira de Betancor, Escrivano de Camara. Vinieron sirviendo al Príncipe Nuestro Señor, su Ayo don Baltasar de Zuñiga, Comendador mayor de Leon, del Consejo de Estado, i Guerra, el Maestro de su Alteza don Galceran de Alvanell, Abad de Alcalá a Real, los Gentilshombres de la Camara, don Diego Gomez de Sandoval, Conde de Saldaña, Cavallerizo mayor de su Alteza de su Camara, i de la de su Magestad, don Gaspar de Guzman, Conde de Olivares, don Manuel de Moura Corte Real, Marques de Castel Rodrigo, Comendador mayor de Alcantara, i don Francisco de Benavides, Conde de San Estevan, i por mayordomo, don Diego de Meneses, i Fray Antonio de Sotomayor, de la Orden de Santo Domingo, Confessor de su Alteza.

Para el servicio de la Princesa, i Infanta nombrò su Magestad quatro Dueñas de Honor, Doña Maria de Benavides, Doña Mariana Enriquez, que vinieron haciendo los officios de Camareras mayores de sus Altezas. Doña Margarita de Cordova, que murio en el camino, i Doña Margarita de Tavora. De las Damas, seis, i dos Mininas, Doña Isabel de la Cueva, Doña Vitoria Capela, Doña Maria de Tavora, de la Princesa, i Doña Ana de Eli, su Minina. Doña Elvira de Guzmán, Doña Iuana de Mendoça, Doña Isabel de Aragon, de la Infanta, i Doña Francisca de Tavora su Minina. Por mayordomo a Don Bernardino de Avellaneda, Conde de

Castrilho, do Conselho de Guerra, por Estribeiro Dom Bernardino Sarmiento do Habito de Santiago, e os Confessores de Suas Alteças o Padre Francisco Marques-taldo da Companhia de Iesus da Princesa, e freyre João de Santa Maria, descalço da Ordem de São Francisco, da Infanta Aprestado tudo o que para esta jornada era necessario, partio de Madrid Dom João de Gaviria Estribeiro de sua Magestade, com a cavalheriza, pages, e mais officiaes della à 20 de Abril do ano de 1619. e sua Magestade, e Alteças partirão aos 22 e fazendo seu caminho ordinario pelas Cidades de Trugilho, e Merida, chegarão à de Badajoz aos 7 de Maio, onde os fidalgos, e vezinhos de aquella Cidade festejarão à sua Magestade com huma mui luzida mascara, como tambem o fizerão com outras semelhantes os fidalgos, e vezinhos de Merida, e Trugilho. Em Badajoz celebrou sua Magestade as exéquias do Emperador Mathias seu tio, que pouco antes morrera. He Badajoz o ultimo lugar por aquella parte da Coroa de Castella, como o He de Portugal o primeiro a Cidade de Elvas, sendo raia destes dous Reinos o rio Caia, que parte pelo meio as tres legoas de distancia que ha entre estas duas Cidades. De Badajoz saio sua Magestade aos nove, e na ribeira de Caia da parte de Elvas, o aguardavão o Doutor João Gomez Leitão Cavalleiro do Habito de Avis, Corregedor da Corte, o Licenciado Antonio Machado da Silva Corregedor de Elvas, o Licenciado Filipe Butaca Enriquez Proveedor da comarca, o Licenciado Francisco Ferreira de Andrade, e o Licenciado Pedro Godinho Nobrega Iuizes de fora, e horfãos. Estavão tambem na mesma ribeira o Almorçe maior Nicolao de Faria, com os seus officiaes, e o Correo maior Antonio Gomez da Mata com os seus, e os Aposentadores Portugueses, todos os quaes tiverão ordem de sua Magestade para vir à Elvas, como se deu por sua parte, aos outros ministros, senhores, e fidalgos para o aguardarem em Lisboa. Estes que estavam na ribeira chegando sua Magestade à ella lhe beijarão a mão, e à Suas Alteças apresentados, e dados à conhecer pelo Secretario Francisco de Lucena, e voltarão acompanhando à el Rey, exercitando dali adiante pelo Reino seus officios, como até aquelle lugar o exercitarão os ministros Castelhanos pelo de Castella.

ELVAS.

He Cidade habitada de muita nobreza, e de Cidadãos ricos, abundante de pão, gados, e azeite em grande quantidade, e não menor bondade. Foi povoação dos povos Helvos da Gallia Céltica entre os Rios Garona, e Loire, conquistoulha do poder dos Mouros Dom Sancho Primeiro, Rei segundo de Portugal, no ano de 1200. Em tempo del Rey Dom Sebastião foi eregida à Cathedral. Chegou sua Magestade à esta Cidade ja de noute, e aposentouse no Mosteiro de São Domingos, e em toda ella, e nas duas antecedentes ouve grandes luminarias, danças e folias e demonstraçoês do sumo contentaméto, e excessiva alegria dos Portugueses com que esperavão receber a seu Rey e Senhor naquelle lugar primeiro de seu Reino. A tarde do dia seguinte que forão os dez, fez sua Magestade a entrada publica pela porta de Olivença: nella se fez hum arco triunfal de duas fachadas de boa architectura de 75. palmos de alto, e se rematava com huma grande esfera. Tinha de largo 40. palmos, acompanhado de huma e outra parte de duas colunas Corinthias de 17. palmos, sobre pedestaes de nove. Encima da cornija avia hum quadro, em que estava hum Cupido bendado com duas tochas acezas nas mãos à cujos pees se lia esta dedicacão.

Castrillo, del Consejo de Guerra. Por Cavallerizo, Don Bernardino Sarmiento, del Abito de Santiago, i los Confessores de sus Altezas el Padre Francisco Margues-taldo, de la Compañia de Iesus, de la Princesa, i Fray Iuan de Santa Maria, Des-calço, de la Orden de San Francisco, de la Infanta.

Aprestado todo lo necessario para esta jornada era necessario, partio de Madrid Don Iuan de Gaviria, Cavallerizo de su Magestad, con la cavalleriza, pages, i mas oficiales della a 20 de Abril del año de 1619. i su Magestad, i Altezas partieron a los 22 i haziendo el camino por las ciudades de Truxillo, y Merida, llegaron a la de Badajoz a los 7 de Mayo. Los Cavalleros i hidalgos de aquella ciudad festejaron a su Magestad con una muy luzida mascara, como lo avian hecho los de Merida, i Truxillo con otras semejantes. En Badajoz celebrò su Magestad las honras funerales del Emperador Matias su tio, que poco antes avia muerto. Es Badajoz el ultimo lugar por aquella parte de la Corona de Castilla, como lo es primero de la de Portugal, la ciudad de Elvas, haziendo raya entre estos dos Reynos el rio Caya, a medio camino destas dos ciudades, que todo el es de tres leguas. De Badajoz salio su Magestad a los nueve: a la ribera de Caya le aguardava el Doctor Iuan Gomez Leiton, Cavallero del Abito de Avis, Alcalde de Corte de su Magestad, el Licenciado Antonio Machado de Silva, Corregidor de Elvas, el Licenciado Filipe Butaca Enriquez Proveedor de la Comarca, el Licenciado Francisco Ferreira de Andrade, i el Licenciado Pedro Godiño Nobrega, Iuezes de fora, i huerfanos. Estavan tambien en la misma raya el Almotacen mayor Nicolas de Faria, con sus oficiales, el Correo mayor Antonio Gomez de Mata con los suyos, i los Aposentadores Portugueses, los quales tuvieron orden de su Magestad para venir a Elvas, como se dio de su parte a los ministros, señores, i Cavalleros para aguardar a su Magestad en Lisboa. Estos que estavan en la raya, besaron en ella la mano a su Magestad, i Altezas presentados, i dados a conocer por el Secretario Francisco de Lucena, i bolvieron acompañando al Rey, exerciendo desde alli sus officios por el Reyno, como hasta el rio Caya lo avian hecho los ministros Castellanos por el de Castilla.

ELVAS.

Es esta ciudad habitada de mucha nobleza, i de ciudadanos ricos, abundante de pan, ganados, i azeite en gran cantidad, i no de menor bondad. Fue poblacion de los Elvos, pueblos de la Gallia Celtica, entre los rios Garona, i Loire: tomòla a los Moros el Rey don Sancho Primero, i Segundo de Portugal, en el año de 1200. En tiempo del Rey Don Sebastian fue erigida en Catedral: llegò a ella su Magestad ya de noche, i se aposentò en el Monasterio de Santo Domingo. En toda ella, i en las dos antecedentes hubo grandes luminarias, danças y foliones en la ciudad, demóstraciones de sumo cóntento, i excessiva alegria de los Portugueses, con que esperavan recibir a su Rey i Señor en aquel lugar, primero de su Reyno. A la tarde del dia siguiente, que fueron 10 hizo su Magestad la entrada publica por la puerta de Olivença, que mira al Oriente: en ella se hizo un arco triunfal de dos fachadas, de buena arquitectura, que llegava a 75 palmos de altura, i se rematava con una esfera. Tenia el arco 40 palmos de ancho, acompañado de una i otra parte de dos columnas Corintias de 27 palmos cada una, sobre pedestales de nueve, encima de la cornija avia un quadro en que estava pintado un *Cupido vendado*, i con dos hachas encendidas en las manos a cuyos pies se leia esta dedicacion.

PHILIPPO REGVM OMNIVM MAXIMO LVSITANORVM ELVENSIVM
AMOR DICAUIT.

Ao Rei dos Portugueses Filipe, maior de todos os Reis, o amor dos Cidadãos de Elvas, dedica este arco.

Nos intercolunios avia quatro nichos, nos dous da parte direita estavam a Misericordia, e a Verdade com este verso do Psalmo 84.

MISERICORDIA, ET VERITAS OBVIAVERVNT SIBI.

A Misericordia, e Verdade se encontrarão.

Nos outros dous nichos da parte esquerda estavam a Iustiça, e a Paz, com o resto do mesmo verso.

IVSTITIA ET PAX OSCVLATAE SVNT.

A Iustiça, e a Paz se abraçarão.

Dando a entender que estas virtudes, e outras muitas acompanhavão como proprias à sua Magestade, na sua venturosa entrada em Portugal. Nos dous pedestaes das colunas avia dous Emblemas, era hum delles, o Sol com huma Coroa (que representava á el Rey) e delle saião cadeas a que estavam presos muitos corações, com esta letra.

AMORE, ET BENIGNITATE.

Com Amor, e Benignidade.

No outro Emblema se via pintado hum Mundo medido com hum compasso, do qual huma perna era huma espada nua, e a outra de ouro guarnecida com diamantes, e perolas tinha esta letra.

PRAEMIO, ET SVPPLICIO.

Com premio, e castigo.

Mostrando nestes dous Emblemas que com Amor, e Benignidade se prendem os corações dos vassallos, e com o premio, e castigo, braços do compasso se devem de governar os Reinos. Na outra fachada da parte de dentro da Cidade, que era da mesma traça, estavam nos quatro nichos as quatro partes da terra, vertidas com os trajes de seus naturaes, tinha cada huma dellas pendurado ao pescoço hum F. (primeira letra do nome de sua Magestade) coroadado com Coroa Reâl. Dezia Europa: ME HABITAT. *Em mi habita.* Africa: ME TERRET. *A mi me espanta.* Asia: ME VINCIT. *A mi me vence.* Et America: ME POSSIDET. *A mi me possui.* Nos dous pedestaes das colunas desta fachada avia outros dous Emblemas, era hum delles hum Lião mui domestico que hum minino levava preso con huma fita. Dezia a letra tirada de Virgílio.

PARCERE SVBIECTIS.

Perdoar a os sujeitos.

Outro bravo Lião despedaçando hum Elefante, era o corpo do outro Emblema, e a letra o cabo do mesmo verso.

PHILIPPO REGVM OMNIVM MAXIMO LVSITANORVM ELVENSIVM
AMOR DICAUIT.

Al Rey de los Portugueses FiIipe, mayor de todos los Reyes, el amor de los Ciudadanos de Elvas dedicò este arco.

En los intercolumnios avia quatro nichos, en los dos de la parte derecha estavan la Misericordia, i la Verdad con este verso del Psalmo 84.

MISERICORDIA, ET VERITAS OBVIAVERVNT SIBI.

La Misericordia, i la Verdad han concurrido.

I en los de la mano izquierda la Iusticia, i la Paz, con el resto del mismo verso.

IVSTITIA ET PAX OSCVLATAE SVNT.

La Iusticia, i a Paz se han abraçado.

Dando a entender, que estas virtudes i otras muchas acompañan a su Magestad, como proprias, en su venturosa entrada en Portugal. En los dos pedestales de las columnas avia dos Emblemas: era uno dellos el Sol con una corona (que representava a su Magestad) y del salian cadenas a que estavan presos muchos coraçones, con esta letra.

AMORE, ET BENIGNITATE.

Con Amor i Benignidad.

En el otro Emblema se veia pintado un mundo, que le media un compas, cuyas dos piernas eran, una espada desnuda, i unas joyas de diamantes, i perlas engastadas en oro, con esta letra.

PRAEMIO, ET SVPPLICIO.

Con Premio i castigo.

Mostrando en estos dos Emblemas que con amor, i Benignidad se prenden los coraçones de los vassallos, i con el premio i castigo (braços del compas) se deven de gobernar los Reynos.

La otra fachada Occidental opuesta a esta, era de la misma traça: en los quatro nichos estavan las quatro partes de la tierra com los trages de sus habitadores: tenia cada una dellas colgada del cuello una F. (primera letra del nóbre de su Magestad) coronada con corona Real, dezia: Europa, ME HABITAT, *En mi habita*: Africa: ME TERRET. *A mi me espanta*. Asia, ME VINCIT. *A mi me vence*: i America: ME POSSIDET. *A mi me posee*. En los dos pedestales de las columnas desta fachada avia otros dos Emblemas, era uno dellos un leon muy domestico, llevado de un niño por una cinta, dezia la letra sacada de Virgílio.

PARCERE SVBIECTIS.

Perdonar a los sugetos.

Otro leon bravo, despedaçando un elefante, era el cuerpo del otro Emblema, i la letra el resto del mismo verso.

ET DEBELLARE SVPERBOS.

E sojeitar aos rebeldes.

No grosso deste Arco estava de huma parte pintada huma figura armada, que representava Portugal, tinha entre as mãos hum coração, corn esta letra.

VNVM VTRAQVE MANV.

Com ambas as mãos vos offereço o coração.

Da outra parte se via a Hydra que matou Hercules, e huma tocha ardendo com que lhe queimou os pescoços cortados, para que não tornassêm à nacer outras cabeças. Debaixo da Hydra dezia: HAERESIS. *Heregia*. E debaixo da tocha: ZELVS FIDEI. *O zelo da Fe*, com que se destrue a heregia signficada pela Hydra, como o zelo pela tocha acesa. Chegando sua Magestade á este Arco triunfal, por elle o meteo de redea Rui da Silva, Veedor da fazenda Real, em ausencia de seu sobrinho Martim Afonso de Mello, Alcaide maior de Elvas. Dentro da sua porta estava hum estrado cuberto de alcatifas, e nelle em peè o Doutor Bartolomeu Cacella doValle, Conego da See, que fez à sua Magestade a pratica seguinte.

Muito alto e muito poderoso Monarcha, legitimo Rei, e natural senhor nosso. A nobreza, e povo desta vossa Cidade, primeira na venturosa sorte desta primeira entrada, todos com muito leaes, e muito sedas vontades desejamos manifestar a vossa Magestade os alvoroços na esperança, das alegrias na presença do grande bem desta vinda tam dessejada (e ousamos dizer merecida e esperada) de que todos huns a os outros nos damos mil parabés. Estes praceres Senhor, estes alvoroços tam geraes se acompanhão de hum grande desejo de render graças iguaes a hum favor tam singular, como he o da Rial presença do ãspeito de Vossa Magestade igualmente benigno e venerando, que pelos olhos de todos, em todos esta influindo alegres esperanças, das mercês, das honras, das liberdades, dos privilegios aventajados, que como de sua propria fonte brotão da Real magnificência de Vossa Magestade, herdada no sangue Austriaco, da quelle grande Mestre de Reinhar, o supremo, e magnicentissimo senhor, o Senhor Rei Dom Filipe vosso Pai, que ora vai em quarenta anos ennobreceo esta mesma entrada, e illustrou com a Real presença de sua amabillissima pesoa este Reino de Portugal, ultima perola, que com tanto gosto seu, e tanta gloria nossa engastou, e deixou engastada por remate na Coroa da Monarchia de Espanha. Rei dos Reis que estabelece os Estados, prospera os Reinos perpetua os Imperios, perpetue prospere, e estabeleça os Estados, o Imperio de Vossa Magestade com perpetua suecessão de Infantes, de Principes, de Reis. com perene felicidade de successos venturosos, per terras, mares de ambos os Orbes, têm render e sujeitar todos os cetros imigos, ao cetro Espanhol sempre Augusto, que Vossa Magestade goze e logre per muito largos anos na felicidade de S.A. que Deos nos guarde. Amen.

O Povo sem estar advertido, à grades vozes repitio, o Amen, e sua Magestade lhes respõdeo.

Mucho os agradezco todo lo que me aveis dicho en nombre desta Ciudad, i Reino; yo lo llevo en la memoria para, lo que se ofreciere.

Logo Mem Pegado Vereador mais antigo de aquelle anno entregou à sua Magestade as chaves da Cidade, com as palavras ordinarias, que tomadas por sua Magestade na mão lhas tornou à entregar para que as tivesse, e metido debaxo de hum rico Palio de brocado cujas varas levavão o Licenciado Francisco Ferreira de An-

ET DEBELLARE SVPERBOS.

I sugetar a los rebeldes.

En las grossezas deste arco estava de una parte pintada una figura armada, que representava a Portugal, tenia un coraçon entre las manos, corn esta letra.

VNVM VTRAQVE MANV.

Con ambas manos os ofrezco el coraçon.

De la otra parte se veia la Hydra, que matò Hercules, i una hacha ardiendo con que le quemò las cervizes cortadas, para que no viniessè a nacer de nuevo otras cabeças, debaxo de la Hydra dezia: HAERESIS. *Heregia*: y debaxo de la hacha: ZELVS FIDEI. *El zelo de la Fè*: con que se confunde i destruye la heregia, significada por la Hydra, como el zelo por la hacha ardiendo.

Llegando su Magestad a este arco triunfal, por el le metio la rienda Ruy de Silva, uno de los tres Veedores de su Real hazienda, en ausencia de su sobrino Martin Alonso de Melo, Alcaide mayor de la ciudad: dentro de su puerta estava una tarima alta cubierta de alfombras, i en ella en pie el Doctor Bartolome Cacela del Valle, Canonigo de la Iglesia mayor, que hizo a su Magestad la platica siguiente.

Muito alto e muito poderoso Monarca, legitimo Rey e natural senhor nosso, a nobreza e povo desta vossa Cidade, primeira na venturosa sorte desta primeira entrada, todos con muito leões e muito ledas vontades desejamos manifestar à Vossa Magestade os alvoroços na esperança, as alegrias na presença do grande bem desta vinda tam desejada (e ousamos dizer merecida e esperada) de que todos huns à os outros nos damos mil parabens. Estes praceres senhor, estes alvoroços tan gerães se acompanhão de hum grande desejo de render graças iguaes a hum favor tam singular como he o de la Rial presença do aspeito de Vossa Magestade igualmente benigno e venerando, que pelos olhos de todos em todos està influindo alegres esperanças, das merces, das honras, das liberdades, dos privilegios aventajados, que como de su propria fonte brotão da Real magnificencia de Vossa Magestade herdada no sangue Austriaco, daquelle grande Mestre de Reynar, o supremo, e magnificentissimo senhor, o senhor Rey Dom Filipe vuestro pai, que ora vai en quarenta annos ennobreceo esta mesma entrada, e illustrou com a Real presença de su amabilissima pessoa este Reyno de Portugal, ultima perola, que com tanto gosto seu, e tanta gloria nossa engastou, e deixou engastada por remate na Coroa da Monarquia de Espanha. O Rey dos Reys que estabelece os Estados, prospera os Reynos, perpetua os Imperios, perpetue, prospere, e estabeleça os estados, o Reyno, o Imperio de Vossa Magestade, com perpetua sucessão de Infantes, de Principes, de Reys, com perene felicidade de sucessos venturosos, por terras, e mares de ambos os orbes, tem render, e sugeitar todos os cetros imigos ao cetro Espanhol sempre Augusto, que Vossa Magestade goze, e logre por muito largos annos na felicidade de Sua Alteça que Deos nos guarde, Amen.

I el pueblo sin estar advertido, a grandes voces repitio, el Amen, Amen.

Su Magestad le respondio.

Mucho os agradezco todo lo que me aveis dicho en nombre desta Ciudad, i Reino; yo lo llevo en la memoria para lo que se ofreciere.

Logo Mem Pegado, Regidor mas antigo de aquel año entregò a su Magestad las llaves de la ciudad, con las palabras ordinarias, que tomadas por su Magestad en la mano, se las bolvio a entregar, para que las tuviesse, i recebido debaxo de un rico palio de brocado cuyas varas levavan, el Licenciado Francisco Ferreira de An-

drade Iuiz de fora, Mem Pegado, Vasco Martinez de Sequeira, Ioão Gõçalves Botafogo, Estevão Cacela de Fõseca Vereadores de aquella ano, Bento Cardoso Procurador do Concelho, Manoel Soarez de Castellobranco escrivão da Camara, e Ioão Soarez de Vilhalobos hum dos Vereadores do ano passado:foi andado sua Magestade acompanhado da nobreza que vive na aquella Cidade, todos a pee e descubertos, e de Dom Manrique da Silva Conde de Portalegre, seu Mordomo maior, com o bastão insignia do seu officio que de Elvas se foi logo para Lisboa, e estivera aguardado á sua Magestade na Cidade de Portalegre, como Alcaide maior della, por donde el Rei tinha determinado de fazer seu caminho, que por justas causas o deixou, e tomou o de Évora. Hião diante oito porteiros com maças de prata, outros tantos Reis de Armas Arautes, e passavantes com cotas das armas Reaes de Portugal, huns e outros à cavallo, os quaes forão sempre servindo a sua Magestade em seus officios nas entradas das Cidades, e villas do Reino. As ruas estavam mui bêm armadas, e nellas palanques com musicas e danças sem as que hião diante com folias, e pelas. Chegou sua Magestade à See, em cuja entrada o aguardava o Bispo Dom freyre Lourenço de Tavora com o Lignum Crucis, que adorado por sua Magestade, e feita oração na Igreja,tornou a tomar o cavallo, que nos degrãos della avia deixado, e se foi a pear na casa de Ioão de Brito da Silva. Ouve aquella noute muitas lumínàrias, e huma luzida mascara. O dia seguinte beijarão a mão a sua Magestade os fidalgos, e a Camara, que depois lhe fez hum presente de Vitelas, Carneiros, Cabritos, Pavos, Aves, Queijos, e conservas. Vierão à esta Cidade Dom Theodosio Duque de Bragança, e seu filho Dom Ioão Duque de Bracelos, desde Villaviçosa, nobre villa do Duque onde elle faz sua continua habitação distante de Elvas quatro legoas, trouxerão grande acompanhamento de parentes, e criados: apearaõse no Mosteiro de São Francisco donde forão ao Paço beijar a mão a sua Magestade, que os aguardou na camara aí sentado debaixo do dosel, levantouse da cadeira quando entrarão os Duques, os quaes lhe fizerão huma grande reverencia, sua Magestade lhes tirou o sombreiro ficando com elle diante do rostro descoberto, e deu hum passo, e chegando os Duques outro, onde lhe beijarão a mão, e forão de sua Magestade com agradável acolhimento recebidos, retirandose el Rei os dous passos atras e assentado na sua cadeira trouxerão dous seus ajudas de Camara duas cadeiras rasas com almofadas de veludo negro, nas quaes os mandou el Rei assentar e cubrir: estiverão hum breve espaço fallando, e levantados fazendolhes el Rey em pe a mesma honra do sombreiro não se movendo porem do lugar donde estava se sairão da casa, e sorão beijar a mão a o Principe Nosso Senhor, que lhe fez o mesmo tratamento que seu Pai, e assi os honrarão a Princesa, e Infanta, recebendoos em pe, e dandolhes as mesmas cadeiras, que são as honras com que os Reis de Portugal tratarão sempre aos Duques de Bragança, e Aveiro. O mesmo dia se tornarão os Duques à Villaviçosa, e sua Magestade, e Alteças partirão para Estremoz, que dista de Elvas seis legoas grandes.

ESTREMOZ.

He huma rica nobre, e populosa villa, abundante de todas as cousas necessarias para o sustento, e regalo humano e todas ellas estremadas; lavrãose nella os nomeados Pucaros por toda Europa, mais excellentes que os famosos na antiguidade da

drade, Iuez de la ciudad, Mem Pegado, Vasco Martinez de Sequeira, Iuan Gonçalez Botafogo, Estevan Cacela de Fonseca, Regidores de aquel año, Benito Cardoso, Procurador del Consejo, Manuel Suarez de Castelblanco, Escrivano del Ayuntamiento, i Iuan Suarez de Villalobos, uno de los Regidores del año passado. Fue andando su Magestad acompañado de la nobleza que vive en la aquella ciudad, a pie todos, i descubiertos, i de Don Manrique de Silva, Conde de Portalegre, su mayordomo mayor, con el baston, insignia do su oficio que de Elvas se bolvio a Lisboa, y avia estado aguardando a su Magestad en la ciudad de Portalegre, como Alcaide mayor della, por donde el Rey avia determinado de hazer su camino, que por justas causas le dexò, i tomò el de Évora. Ivan delante ocho maceros con maças de plata, otros tantos Reyes de Armas, Arautes, i Passavantes, con cotas de las armas Reales de Portugal, unos, i otros a cavallo, los quales fueron siempre sirviendo a su Magestad en sus oficios en las entradas de las ciudades, i villas del Reyno: las calles estaban muy bien colgadas, i en ellas tablados con musicas, i danças, sin las que ivan delante con foliones, i Pelas, que son niñas (que esso significa el nombre de Pelas, corrompido del Latino, *Puella*) hermosas, i galanamente vestidas, i con joyas adornadas, las quales llevadas en ombros de hombres baylando ellos al son de instrumentos, hazen ellas el mismo son mil mudanças con los meneos del cuerpo, i con unos pañuelos que llevan en las manos. Llegò su Magestad a la Iglesia mayor, en cuya entrada le aguardava el Obispo Don Fray Lorenço de Tavora, de la Orden de San Francisco, con el Lignum Crucis, que adorado por su Magestad, i Altezas i hecha oracion, bolvio a tomar el cavallo que en las gradas de la Iglesia avia dexado, i se fue apea en la casa de Iuan de Brito de Silva. Huvo aquella noche muchas luminarias, i una muy luzida mascara. El dia siguiente besaron ellos la mano a su Magestad, i el Ayuntamiento le hizo su presente de terneras, carneros, pavos, aves, quesos i conservas.

Vinieron a esta ciudad don Teodosio, Duque de Bragança, i su hijo don Iuan, Duque de Bracelos, desde Villaviciosa, noble, i populosa villa del Duque, donde el haze su continua habitacion, distante de Elvas quatro leguas: vino con grande acompañamiento de parientes, i criados: apearonse en el Monasterio de San Francisco, de donde fueron a palacio a besar la mano a su Magestad, que los recibio en la quadra assentado: levantose quando entraron los Duques, los quales le haziendole una gran reverencia, su Magestad les quitò el sombrero, quedando con el delante del rostro descubierto: dio un passo, i llegando los Duques otro, donde ellos besaron la mano a su Magestad, i fueron con agradable acogimiento recibidos. Retirado el Rey los dos passos atras, i assentado en su silla, traxeron dos ayudas de Camara dos sillas rasas, con almohadas de terciopelo negro, en que su Magestad los mandò assentar, i cubrir. Estuvieron un breve espacio hablando con su Magestad, i levantados, haziendoles el Rey la misma honra del sombrero en pie, pero no moviendose del lugar donde estava, se salieron de la quadra, i fueron a besar la mano al Principe nuestro señor, que les hizo el mismo tratamiento que su Padre: las mismas honras les hizieron la Princesa, i la Infanta, que son las ordinarias con que los Reyes de Portugal trataron siempre a los Duques de Bragança, i Aveiro: y el propio dia, que fueron onze, bolvieron los Duques a Villaviciosa, i su Magestad, i Altezas partieron para Estremoz, que dista de Elvas seis leguas.

ESTREMOZ.

Es una rica, noble, i grande villa, abundante de todas las cosas necessarias para el sustento i regalo humano, i todas ellas estremadas: labranse en ella los nombrados Bucaros por toda Europa, mas excelentes que los famosos en la antigüedad de

Ilha de Samos. Tesense muy boõs panos, tiraõse das suas pedreiras bellissimos marmores, dos brancos, e negros, estão lageadas com industriosos labores, a Igreja, a Crasta alta e baixa, o Choro, a Sancristia, Capitulos, e Livraria de São Lourenço o Real Oitava maravilha do mundo, igual à grandeza de seu fundador el Rey Dom Filipe I.

Avisado o Iuiz, e Vereadores de Estremoz por carta de sua Magestade, da sua boa vinda à Portugal, e de que avia de fazer o caminho por aquella villa, a mesma noute do aviso que foi aos primeiros de Abril, se festejou tam alegre nova com huma mascara de pessoas nobres, e com luminárias que se continuarão ate os doze de Maio que entrou sua Magestade naquelle lugar mui de noute, que por ser escura, e chuvosa sairaõ trinta mancebos com tochas acesas à meia legoa da villa, que vieraõ allumiando a el Rey ate o Mosteiro de São Francisco, onde com suas Alteças se aposentou aquella noute: delle se saio sua Magestade em Coche a tarde do dia seguinte para fazer a entrada publica, para aqual se levantou hum arco de boa architettura: nelle fez o juiz Afonso Botelho a pratica costumada à sua Magestade. Presentoulhe as chaves Peio da Mota de Lemos Vereador mais velho, ambos lhe beijarão a mão, e outros dous Vereadores, Paulo do Carvalhal, e Fernão da Silva de Sousa, o Procurador do Concelho Lourenço Gil Parrado, e Manoel de Resende escrivão da Camara, e tomando todos seis as varas de hum rico palio, entrou sua Magestade debaxo delle naquella villa, metendoo de redea nella Dom Dinis de Faro, em ausencia do Conde de Odemira seu primo, Alcaide maior: e acompanhado da nobreza do lugar levando diante de si muitas danças, pelas, e folias, chegou á Igreja de Santa Maria, Matriz de Estremoz, em cuja porta o aguardava Dom freyre Lopo de Sequeira Prior maior da Ordem Militar de Avis (da qual he aquella Igreja, e comenda de Dom Francisco Luis de Lancastro Comendador maior da mesma Ordem) eleito Bispo de Portalegre vestido em Pontifical com mais de oitenta Freyres com seus mantos brancos. Beijou sua Magestade, e Alteças o Lignú Crucis que o Prior maior tinha nas mãos: entrou na Igreja, fez oração, e sobindo outra vez a cavallo se foi apear a o Paço, de que servirão as casas de Dom Lopo de Azevedo Almirante de Portugal. Aquella noute ouve varias invenções de fogo diante do Paço, e por toda a villa luminárias, e huma mascara dos mais nobres della mui bem concertados, os quaes recolhidos da praça do Paço, presentou o juiz à sua Magestade em nome da villa seis grandes tableiros cheios de estremados Pucaros de diversos tamanhos e invênções, de que el Rey mostrou contentarse, olhando, e tomando alguns na mão, e mandou ao Iuiz que os guardasse, e compusiesse em caixões, para que de alli se mandassem à Madrid a os Senhores Infantes, como logo se fez. Tinha a villa doze Touros para se correrem o dia seguinte, que não se correrão por querer sua Magestade proseguir seu caminho naquelle dia, em cuja manhã foi ouvir Missa ao Mosteiro de São João Baptista de religiosas da Ordem de Malta, fundado pelo Infante Dom Luis de Portugal. Acabada a Missa a Comendadeira, e religiosas beijarão a mão à sua Magestade, e Alteças que metidos no Coche caminharão logo para Évora.

la Isla de Samos, texense muy buenos paños, sacanse de sus pedreras bellisimos marmoles, de los blancos, i negros; estan enlosadas con industriosos labores la Iglesia, el Claustro baxo, i alto, el Coro, la Sacristia, los Capitulos, i la libreria de San Lorenzo el Real, octava maravilla del mundo, igual a la grandeza de su fundador el Rey Don Felipe I. Avisado el Iuez, i Regidores de Estremoz por carta de su Magestad de su buena venida a Portugal, i de que avia de hazer el camino por aquella villa, la misma noche del aviso, que fue a los primeros de Abril, se festejó tan alegre nueva con una encamisada de personas nobles, i con luminarias, que se continuaron hasta los 12 de Mayo, que entrò su Magestad en ella muy de noche, que por ser oscura, i lluviosa, salieron a media legua treinta mancebos con hachas, que vinieron alumbrando a su Magestad hasta el Monasterio de San Francisco, donde con sus Altezas se aposentò aquella noche; del se salio el Rey en Coche a tarde del dia siguiente, para hazer la entrada publica, para la qual se levantò un arco de buena arquitectura; en el hizo el Iuez Alonso Botello una platica a su Magestad: presentòle las llaves de la villa Pero da Mota de Lemos, Regidor mas antiguo, entrambos le besaron la mano, i otros dos Regidores, Pablo de Carvallal, i Fernando de Silva de Sosa, el Procurador del Concejo Lorenzo Gil Parrado, i Manuel de Resende Escrivano del Ayuntamiento, i tomando todos seis un rico palio, debaxo del entrò su Magestad en aquella villa, llevandole de rienda don Dionis de Faro (en ausencia del Conde de Odemira, su primo, Alcaide mayor della) acompañado de la nobleza del lugar, llevando delante de si muchas danças, pelas, i foliones, hasta la Iglesia de Santa Maria Mayor de Estremoz, en cuya puerta le aguardava Don Fray Lope de Sequeira Prior mayor de la Orden militar de Avis (de la qual es aquella Iglesia, i Encomièda de don Francisco Luis de Lancastro, Comendador mayor de la misma Orden) electo Obispo de Portalegre, vestido de Pontifical, con mas de ochenta Freiles, con sus mantos blancos. Beso su Magestad, i Altezas el Lignum crucis, que tenia el Prior mayor en las manos, entrò en la Iglesia con las ordinarias ceremonias, hizo oracion, i subido otra vez a cavallo, fuese a apearse con Sus Altezas a Palacio, que era la casa de don Lope de Azevedo, Almirante de Portugal. Aquella noche hubo varias invenciones de fuegos delante de Palacio, i por toda la villa luminarias, i una mascara de los nobles de la villa muy bem adereçados, los quales recogidos de la plaça de Palacio, presentò el Iuez a su Magestad en nombre de la villa seis grandes tableros llenos de excelentes bucaros, de diversos tamaños, e invenciones, de que su Magestad mostrò agradarse, mirando, i tomando algunos en la mano, mandò al Iuez que los guardasse, i compusiesse en caxones, para que de alli se embiassem a Madrid a los Señores Infantes, como se hizo. Tenia la villa doze toros para que se corriessen el dia siguiente, que no hubo lugar, porque su Magestad quiso proseguir su jornada el mismo dia, en cuya mañana fue a oyr Missa al Monasterio de San Iuan Baptista, de Religiosas de la Orden de Malta, fundado por el Infante don Luis, hijo del rey don Manuel de Portugal. Acabada la Missa, la Comendadora, y Religiosas besaron las manos a su Magestad, i Altezas que entrados en el coche caminaron para Evora.

EVORA.

Aos 14. de Maio, que sua Magestade partio de Estremoz chegou à Cidade de Evora, seis legoas grandes de caminho, e aposentouse no Mosteiro do Carmo, que fica fora da Cidade, e mui perto de seus muros. O nome antigo desta Cidade (que em huma so letra differe do moderno foi Ebora, e Liberalitas Iulia, a sua antiguidade, e nobreza he muita, porque he tam antigua que se não tem noticia de seu primeiro fundador, mas sabese que era lugar mui conhecido em tempo do famoso Português Viriato, como se collige de hum epitáfio da sepultura de Lucio Silo Sabino, soldado morto nos campos de Évora na guerra dos Romanos com Viriato, o qual se começou levantar com Lusitania, cerca do ano 808. da fundação de Roma, que forão 140. antes do Nascimento de Christo nosso Salvador, sendo Consules Gneo Cornelio Lentulo, e Lucio Mumio. Cinquenta e quatro anos depois alçandose Lusitania com o valeroso Sertorio, o ajudou Evora com 600. soldados que era huma cohorte, os quaes o servirão com grande esforço e lealdade, e por ser lugar mui consideravel a guerra, situado no meio da Lusitania fez Sertorio nesta Cidade sua habitação e domicilio. cujas relíquias ainda oje conservão seu nome, como consta de huma inscripção que se descubrio junto à mesma casa, na praça do Peixe. Mandou tambem cercar a Cidade, de cujos muros lavrados de cantaria se vem os vestigios, e outros de hum estremado pórtico de obra Corinthia. Trouxe tambem Sertorio a Evora a agoa da prata, que depois lhe restituiu com grande magnificência el Rey Dom João III. Padre dâ Patria, o qual pela nobreza dos edificios desta Cidade, abundancia e fertilidade de seus campos assistio nella com sua Corte alguns anos, como outros Reis seus antecessores; e ultimamente seu neto el Rey Dom Sebastião.

Não he menor a nobreza de Evora, porque no tempo que floreceo o Imperio Romano foi Município immune gozando do direito do antiguo Latio (privilegio que se lhe devia de conceder por Julio Cesar quando esteve em Espanha, causa que ella tomasse o nome de Liberalitas Iulia) e como tal era socia do povo Romano, e seus naturaes erão contados entre as tribus Romanas militavão na guerra nas suas Cohortes, e Legiões, e nellas tinham todos os officios, e podião em Roma pedir Magistrados, e ser nelles eleitos. A mais illustre e gloriosa nobreza desta Cidade he ser a primeira, ou entre as primeiras de Espanha, que recebeo e professou a santa Fè Catholica pregada por São Mancio Discipulo de Christo Salvador nosso, Apostolo e primeiro Bispo de Évora, martirizado nella pelo Presidente Validio, e ainda oje se conserva, e venera nesta Cidade huma coluna instrumento que foi do martirio deste Santo. Em tempo do Emperador Constantino Magno era Evora Bispado como se collige do Concilio Iliberitano, celebrado no ano de 338. no qual se achou presente, e assinou nelle Quintiano Bispo de Evora. Agora he Metropolitana erigida à esta dignidade no ano de 1541. pelo Papa Paulo III á instancia do Rey Dom João III. e foi o primeiro Arcebispo o Cardenal Infante Dom Enrique, Rey que depois foi deste Reino. Na miseravel destruição de Espanha correo a fortuna que as outras Cidades della, foi tomada aos Mouros pela industria e esforço do Giraldo sem pavor Cavalleiro Português, no anno de 1166 reinando el Rey Dom Afonso Enriquez, que logo que Evora foi ganhada lhe fez restituir sua dignidade Episcopal, nomeando para Bispo della a Dom Paio Varão insigne em letras e virtude que vinte anos depois fundou o sumptuoso edificio da sua Igreja Cathedral, que he huma das perfeitas, e ricas de Espanha.

A noute que el Rey chegou á Evora ouve por todos os seus muros, torres, e ruas grandes luminárias. O dia seguinte, que forão 15. de Maio, antes do jantar foi ao beixar

EVORA.

A XIII de Mayo que su Magestad partio de Estremoz, llegò a la ciudad de Evora, y aposentose en el Monasterio del Carmen, que està fuera de la ciudad, su nombre antiguo (que en una sola letra difiere del moderno) fue Ebora, i Liberalitas Iulia. Su antigüedad i nobleza es mucha, porque es tan antigua, que no se tiene noticia de su primer fundador. Fue lugar bien conocido en tiempo del famoso Portugues Viriato, como se colige de un epitafio de la sepultura de Lucio Silo Sabino, soldado muerto en los campos de Évora, en la guerra de los Romanos contra Viriato, el qual se començò a levantar con Lusitania por los años de DCCCVIII de la fundacion de Roma, que fueron CXL antes del nacimiento de Christo, siendo Cónsules Gneo Cornelio Létulo, i Lucio Mumio. Cinquenta y quatro años despues, alçandose Lusitania con el valeroso Sertorio, le ayudò Evora con DC soldados, que era una Cohorte, que le sirvieron con gran esfuerço, i lealtad, i por ser lugar muy considerable para la guerra, quedando en medio de la Lusitania, hizo Sertorio en esta ciudad su habitacion, cuyas reliquias hasta oy conservan su nombre, como consta por una elegante incripción, que se descubrio junto a la misma casa, en la plaça del pescado. Mandò cercar la ciudad, de cuyos muros labrados de canteria se veé los vestigios, i otros de un estremado Portico de obra Corinthia. Truxo tambien Sertorio a ella el agua de la plata, que despues le restituyò con gran magnificencia el Rey don Iuan Tercero, padre de la patria, que por la nobleza de los edificios desta ciudad, abundancia y fertilidad de sus campos, asistio en ella con su Corte algunos años, como otros Reyes sus antecesores, i ultimamente su nieto el Rey don Sebastian.

No es menor la nobleza de Evora, porque en el tempo que florecio el Imperio Romano fue Municipio immune, gozando del derecho del antiguo Latio (privilegio que se le devio conceder por Iulio Cesar quando estuvo en España, causa que ella tomasse el nombre de Liberalitas Iulia) i como tal era socia del pueblo Romano, i sus naturales eran contados entre las tribus Romanas, militavan en la guerra en sus Cohortes, i Legiones, i en ellas tenian todos los oficios, i podian en Roma pedir Magistrados, i ser en ellos electos. La mas illustre i gloriosa nobleza desta ciudad, es, a ver sido la primera, o entre las primeras de España que recibio la santa Fè Catolica predicada por san Mancio Discipulo de Christo, Apostol, i primer Obispo de Évora, martirizado en ella por el Presidente Validio, i en tiempo del Emperador Constantino Magno era Obispado, como se colige del Concilio Iliberitano, celebrado en el año de CCCXXXVIII en el qual se hallò, y firmò Quintiano Obispo de Evora, aora es Metropolitana, erigida a esta dignidad en el año de MDXLI por el Papa Paulo III a instancia del Rey Don Iuan III i fue el primer Arcebispo el Cardenal Infante don Enrique, Rey que despues fue deste Reyno. En la miserable captividad de España corrio la fortuna que las otras ciudades. Fue puesta en libertad por la industria y es fuerzo de un Cavallero Portugues, llamado Giraldo sin Pavor, en el año de 1166 reynando el Rey don Alonso Enriquez primero de Portugal, que luego que Evora fue ganada le hizo restituyr su dignidad Episcopal, nombrando por Obispo a don Payo, varon insigne en letras, y virtud, que vinte años despues fundò el sumptuoso edificio de su Iglesia Catedral.

La noche que el Rey llegò a Evora huvo grandes luminarias por sus muros, torres, i calles: el dia siguiente, que fueron XV de Mayo, antes de comer fueron a besar

à mão a sua Magestade dous Inquisidores em nome do Tribunal da santa Inquisição, e á tarde a Universidade, que com huma e outra he ennobrecida aquella Cidade. Depois as quatro horas fez sua Magestade a entrada pela porta da Alagoa, que fica de frente do Mosteiro do Carmo, e poucos passos delle distante. Ornouse aquella porta com boa pintura à fresco, avia sobre ella seis quadros repartidos com galante traça em tres superiores, e tres inferiores: no do meio dos tres superiores estavam as imagés das duas irmaãs santas, Sabina e Christeta, no quadro colateral da mão direita São Vicente irmão das Santas, naturaes todos tres desta Cidade, nascidos nella no lugar em que depois em gloria sua se fundou a Igreja de São Vicente, martirizados por Daciano em Avila, que guarda com grande veneração o precioso tesouro de suas santas Relíquias. No quadro da mão ezquerda estava São Mancio primeiro Bispo de Evora no quadro que ficava debaixo das Santas, se via a figura da Cidade coroada de espigas, tinha em huma mão as chaves das suas portas, que inclinada mostravão offerecer a sua Magestade, e na outra dous ramos hum de Ouliveira, e outro de Parreira, pela abundância de trigo azeite, e vinho que nos seus campos se colhe em grande perfeição. Acompanhavão á esta figura de Évora aos dous lados os simulacros dos rios Tejo, e Guadiana, por ser a maior, e mais nobre Cidade entre estes dous rios, como à o pe della o declarava este Epigrama

A mão que conhecer desejo feitas,
Que os bens abrindo, Rege o Novo Mundo,
Líbia enfrea, Asía assombra, Europa ampara
Tome as chaves das portas, e dos peitos:
Postrada aos pees que pisão Monarchias
A maior entre vos Guadiana, e Tejo
Dones mostro, que em mi pródigas derramão
Minerva, Pales, Ceres, Amalthea.

Em hum dos dous quadros que ficavão aos lados de Evora estava Sertorio seu Capitão e bem feitor, e no outro Giraldo Sempavor, seu libertador. Nesta porta offereceo á sua Magestade as chaves della, e das outras, o Vereador mais velho com estas palavras.

Esta Cidade entrega a Vossa Magestade as chaves de todas as suas portas, e dos leaes corações de todos os seus moradores, e de suas pessoas e fazendas, para todo o serviço de Vossa Magestade.

El Rey as tocou com a mão, e lhe disse:

Yó os las entrego para que las guardeis.

Logo o Iuiz de fora António de Mendoza, subido em hum estrado, fez à sua Magestade a seguinte pratica.

Sacra Catholica, e Real Magestade se assi como apresentamos as chaves desta Cidade a Vossa Magestade, nos fora possivel manifestar o zelo com que as oferecemos, e o contentamento que temos todos os moradores della em ver huma cousa de nos tam desejada como he a Real presença de Vossa Magestade junto a estes muros, vira Vossa Magestade nesta sua Cidade segunda do Reino, que assi como entre todos os Reinos de sua incomparável Coroa, de nenhum delles he mais amado que de Portugal, que nesse amor não fica à Evora em primeiro lugar, nenhum de todos os povos delle. O mesmo se vira na lealdade de nosos ânimos, que he verdadeira chave dos povos se como as chaves se pudera fazer patente. E posto que a lealdade he, e sempre foi particular

la mano a su Magestad dos Inquisidores mas antiguos, en nombre del Tribunal del santo Oficio, i a la tarde la Universidad de aquella ciudad, y despues a las quatro hizo su Magestad la entrada por la puerta de la Laguna, que queda enfrente del Monasterio del Carmen, pocos passos del apartada. Adornose la puerta con buena pintura al fresco. Avia sobre ella seis quadros repartidos con galana traça, tres superiores, i tres inferiores. En el de medio de los tres superiores estavan las imagenes de las dos hermanas santa Sabina, i Christeta. En el quadro colateral de la mano derecha san Vicente hermano de las Santas, naturales desta ciudad, i martirizadas por Daciano en Avila, que encierra el precioso tesoro de su gloriosas reliquias. Y en el quadro de la mano izquierda estava el discipulo de Christo san Mancio primero Obispo de Evora. En el quadro que quedava debaxo de las Santas, se veia la figura de la Ciudad coronada de espigas: tenia en una mano las llaves de sus puertas, que inclinada mostrava ofrecer a su Magestad, i en la otra dos ramos: uno de oliva: i otro de parra, por la abundancia de trigo, azeite, i vino, que en sus campos se coge por excelencia. Acompañavanla de los lados los simulacros de los rios Tajo, i Guadiana, por ser la maior, i mas noble ciudad que ai entre estos rios, como al pie della lo declarava este Epigrama.

*A mão que conhecer desejão feitas,
Que os bens abrindo, Rege o Novo Mundo,
Líbia enfrea, Asía assombra, Europa ampara.
Tome as llaves das portas, e dos peitos:
Postrada aos pees, que pisão monarchias,
A maior entre vos, Guadiana, e Tejo
Doés mostro, que em mi pródigas derramão
Minerva, Pales, Ceres, Amalthea.*

En uno de los dos quadros que quedavan a los lados de Evora, estava Sertorio su Capitan i bienhechor: i en el otro Giraldo Simpavor su libertador. En esta puerta ofrecio a su Magestad las llaves della, i de las otras el Regidor mas antiguo con estas palabras:

Esta Cidade entrega à Vossa Magestade as chaves de todas as suas portas, e dos leões corações de todos os seus moradores, e de suas pessoas e fazendas para todo o serviço de Vossa Magestade.

El Rey nuestro señor las tocou con la mano, y le dixo:

Yó os las entrego, para que las guardeys.

Luego el juez Antonio de Mendoça, subido en una tarima hizo a su Magestad esta platica.

Sacra Catholica, e Real Magestade se assi como apresentamos as chaves desta cidade à Vossa Magestade, nos fora possivel manifestar o zelo, com que as oferecemos, e o contentamento que temos todos os moradores della, em ver huma cousa de nos tam desejada, como he a Real presença de Vossa Magestade junto a estes muros, vira Vossa Magestade nesta sua cidade segunda do Reino: que assi como entre todos os Reinos de sua incomparavel Coroa, de nenhum delles he mais amado, que de Portugal, que nesse amor não fica à Evora em primeiro lugar, nenhum de todos os povos delle. O mesmo se vira na lealdade de nosos ânimos, que he verdadeira chave dos povos, se como as chaves se pudera fazer patente. E posto que a lealdade he, e sempre foi particular

costume ou natureza dos Portugueses para com seus Reis, dos quaes Vossa Magestade erdou tantos Reinos com ella ganhados, e conservados, e à ella juntamente; com tudo esta he a Cidade escolhida em todo este Occidente, de cuja fêe fiou Sertorio sua pessoa contra o Imperio Romano; com a mesma servio sempre aos Reis passados de gloriosa memoria, dos quaes sendo mui frequentada a remunerarção com lhe fazerem mercê de nos tratar, e amar mais como filhos; que corno a subditos; esperamos de alcançar de Vossa Magestade esta merce, de querer ser servido de se parecer com elles nesta vontade para com nosco, guardandonos nossas liberdades, e privilegios, de que não podemos duvidar, pois estão fundadas nossas esperanças na grandeza, e benignidade, do mais benigno, e poderoso Rei do mundo. Donde procede termos por certo, que esta boa vinda de Vossa Magestade à estes seus Reinos, he para grande acrecentamento do bem comum delles, para que o seja tambem da gloria do amplissimo nome de Vossa Magestade, que viva largos, e felices anos.

A esta pratica respondeo sua Magestade.

Agradezcoos lo que me dezis, i a mis vasallos desta Ciudad el gusto que muestran con mi presencia; porque he torcido el camino por venir a veros: I en lo que me dezis de los privilegios io lo mirare; i os hare merced.

Dada esta resposta beijarão à mão a sua Magestade, o Iuiz e os Vereadores, e mais officiaes da Camara, e depois delles os minitros da justiça, e sua Magestade entrou pela porta metendoo da redea Dom Diogo de Castro, do Conselho de Estado, Presidente do desembargo do Paço, e Capitão maiorde Evora, e os Vereadores o receberão com hum palio de brocado, que com oito viras levavão o Iuiz António de Mendoga, Dom António de Sousa, Diogo Pereira Cogominho; Francisco de Madureira, Vereadores de aquelle anno; Luis da Fonseca escrivão da Camara, Francisco Pereira procurador do Concelho, e Alvaro de Brito, e Diogo Paçanha Falcão Vereadores do anno passado, todos vestidos de gala. Depois de sua Magestade hião Suas Alteças em huma rica carroça. detras della a cavallo o Duque de Uzeda, e o Conde de Saldanha Estribeiros maiores de sua Magestade, e do Principe; seguião os coches das Donas de honor, e das Damas, e diante hião muitas danças, e os fidalgos que vivião na Cidade guiados dos Maceiros, e Reis de armas. Com este acompanhamento passou sua Magestade pelas ruas da Cidade mui bem armadas; chegou à praça na qual ha huma fermosa fonte, e á entrada da rua da sellaria que sae à mesma praça, avia hum arco triunfal de boa architectura, abraçado de quatro grandes colunas Corinthia; sobre a cornija avia hum quadro aberto que se tenia com hum frontispicio: o qual occupavão as armas de Portugal. No quadro se via a estatua de sua Magestade en pee sobre a roda da fortuna, a qual sostinhão de huma parte a Fortaleza, e da outra a mesma Fortuna debaxo da Fortaleza dezia.

FORTITVDINE CAROLVS.

Carlos na fortaleza.

Debaxo da Fortuna.

FORTVNA ALEXANDER.

Alexandre na Fortuna.

costume, ou natureza dos Portugueses para com seus Reis, dos quães Vossa Magestade erdou tantos Reinos com ella ganhados, e conservados, e à ella juntamente; com tudo esta he a Cidade escolhida em todo este Occidente, de cuja fêe fiou Sertorio sua pessoa contra o Imperio Romano; com a mesma servio sempre aos Reis passados de gloriosa memoria, dos quães sendo mui frequentada a remunerarção com lhe fazerem mercê de nos tratar, e amar mais como à filhos, que como à subditos. Esperamos de alcançar de Vossa Magestade esta merce, de querer ser servido de se parecer com elles nesta vontade para com nosco, guardandonos nossas liberdades, e privilegios, de que não podemos duvidar, pois estão fundadas nossas esperanças na grandeza, e benignidade do mais benigno e poderoso Rei do mundo. Donde procede, termos por certo, que esta boa vinda de Vossa Magestade à estes seus Reinos, he para grande acrecentamento do bem comum delles, para que o seja tambem da gloria do amplissimo nome de Vossa Magestade, que viva largos e felices años.

A esta platica respondi su Magestad.

Agradezco lo que me dezis, i a mis vasallos desta ciudad el gusto que muestran con mi presencia: porque he torzido el camino para venir a veros, i en lo que me dezis de los privilegios yo lo mirare, i os harè merced.

Dada esta respuesta besaron la mano a su Magestad el juez, los Regidores, i mas oficiales del ayuntamiento, i despues dellos los ministros de la justícia: i su Magestad entrò por la puerta, metiendole de la rienda Don Diego de Castro del Consejo de Estado, i Presidente del Consejo de Camara, i Capitan maior de Evora, haziendo el oficio de Alcaide mayor della. Y los Regidores le recibieron con un palio de brocado, que con ocho varas llevaban el juez Antonio de Mendoça, Don Antonio de Sosa, Diego Pereira Cogomiño; Francisco de Madureira Regidores de aquel año, Luis de Fonseca escrivano del ayuntamiento, Francisco Pereira procurador del Consejo, i Alvaro de Brito, i Diego Paçaña Falcon Regidores del año passado todos vestidos de gala. Despues de su Magestad ivan sus Altezas en una rica carroza, detras della a cavallo el Duque de Vzeda, i el Conde de Saldaña Cavallerizos mayores de su Magestad i del Principe nuestro señor. Seguian los coches de las dueñas de honor, i de las Damas, i delante ivan muchas danças, i los Cavalleros que vivian en la ciudad. Con este acompañamiento passo su Magestad por las calles de la ciudad mui bién entapizadas. Llego a la plaça, en la qual ay una hermosa fuente: i a la entrada de la calle de la Silleria, que sale a la misma plaça, avia un arco triunfal de buena architectura, abraçado de quatro grandes columnas Corinthias. Sobre la cornija avia un quadro abierto que se remataba con un frontispicio, el qual ocupavan las armas de Portugal. En el quadro se veia la estatua de su Magestad en pie, sobre la rueda de la fortuna, la qual sostenian de una parte la Fortaleza, i de la otra la misma Fortuna; debaxo de la Fortaleza dezia:

FORTITVDINE CAROLVS.

Carlos en la fortaleza.

Debaxo de la Fortuna.

FORTVNA ALEXANDER.

Alexandre en la Fortuna.

Sobre os Capiteis das duas colunas de fora avia duas figuras huma da Clemencia; e outra da Religião o titulo da Clemencia era este.

CLEMENTIA CAESAR.

Cesàr em Clemencia.

E o da Religião este.

RELIGIONE NVMA.

Numa na Religião.

Por detrás da Estatua de sua Magestade se levantava outro quadro no qual parecia pintado o Ceo, e nelle Astrea Deosa da Iustiça filha de Iupiter colocada no Ceo pelos Poetas com o nome de Virgo hum dos doze signos do Zodiaco, a qual estava acompanhada da idade de Ouro, debaxo de Astrea estava este principio do verso de Virgílio.

IAM REDIT, ET VIRGO.

Ia torna a Iustiça.

E acabavase este verso debaxo da figura da idade de Ouro.

REDEVNT SATVRNIA REGNA.

Tornão os sèculos dourados.

Nos dous intercolunios estavam pintados os Deoses do Mar, e da Terra, Neptuno, e Cibele; com suas insignias de Tridente, e Torres; no friso avia esta inscripção, que respondia à Estatua de sua Magestade.

PHILIPPVS II. INCLITVS FOELIX PIVS PORTVGALLIAE REX MAGNVS
IMPERIO MAIOR SANGVINE MAXIMVS VIRTVTE.

Filipe II. Inclito, Felice, Pio, Rei de Portugal, grande em Imperio, maior em sàngue, Maximo em virtude.

O pouco tempo (que não passou de 9. dias desde os 5. de Maio em que chegou hum correo á Evora, pelo qual avisava sua Magestade, que avia de fazer o caminho por aquella Cidade, ate os 14. que chegou a ella) a falta de materiaes, e a cotinuação das chuvas que estes dias não cessarão, não derão lugar à que se fizesse mais arcos, né que se acabasse este com a perfeição que se desejava. Passou por elle sua Magestade, chegou à See, e apeado com Suas Alteças adorarão todos quatro o Lignum Crucis, que fora da porta de baxo do hum rico palio tinha nas mãos o Arcebispo Dom Ioseph de Mello, vestido em Pontifical com seus assistentes, Cruz, e Bago, e todo o Cabido com capas de Tela: entrou sua Magestade e Alteças na Igreja com muita musica, fizeram oração, disse o Arcebispo as do Ceremonial Romano, e deitou a benção, e despindo as vestiduras Pontificalaes, e as Dignidades, e Connegos as capas vierão

Sobre los capiteles de las dos columnas de afuera avia dos figuras: una de la Clemencia: y otra de la Religion, el titulo de la Clemencia era este:

CLEMENTIA CAESAR.

Cesar en la Clemencia.

Y el de la Religión este.

RELIGIONE NVMA.

Numa en la Religion.

A las espaldas de la estatua de su Magestad avia otro quadro, en el qual parecia pintado un Cielo, y en el Astrea, Diosa de la Iusticia, hija de Iupiter colocada en el Cielo por los Poetas con el nombre de Virgo, uno de los doze signos del Zodiaco: la qual estava acompañada de la Edad del oro. Debaxo de Astrea estava este principio del verso de Virgilio en la Egloga 4.

IAM REDIT ET VIRGO.

Ya buelve la Iusticia.

Y acabavase el verso debaxo de la figura de la edad del Oro.

REDEVNT SATVRNIA REGNA.

Buelven los siglos dorados.

En los dos intercolumnios estavan pintados los Dioses de mar i tierra, Neptuno, i Cibele con sus insignias de tridente y torres; en el friso avia esta inscripcion, que respondia a la estatua de su Magestad.

PHILIPPVS II. INCLITVS, FOELIX, PIVS PORTVGALLIAE REX MAGNVS
IMPERIO, MAIOR SANGVINE, MAXIMVS VIRTVTE.

Felipe II. Inclito, Feliz, Pio, Rey de Portugal, Grande en Imperio, Mayor en sangre, Maximo en virtud.

El poco tiempo (que no passò de nueve dias, desde los cinco de Mayo, en que llegò a Evora un correo, por el qual avisava su Magestad, que avia de hazer su jornada por aquella ciudad, hasta los catorze, que llegò a ella) falta de materiales, y la cotinuacion de las aguas no dieron lugar, a que se hiziesse otro arco, ni que se acabasse este, con la perfeccion que se desseava. Passò por el su Magestad, llegò a la Iglesia mayor, y apeado con sus Altezas, adoraron todos quatro el Lignum Crucis, que fuera de la puerta debaxo de un rico palio tenia en las manos el Arçobispo don Ioseph de Melo, vestido en Pontifical con sus Asistentes, Cruz, y baculo Pastoral, y todo el Cabildo con capas de tela. Entrò su Magestad, y Altezas en la Iglesia con mucha musica: hizieron oracion: dixo el Arçobispo las del ceremonial Romano, y echò la bendicion; y quitandose las vestiduras Pontificales, i las dignidades, i Canonigos las capas, fueron

todos beijar á mão a sua Magestade e Alteças que lhe não derão. Ao Arcebispo tirou el Rey, e o Principe o chapeo, e o mandarão cubrir: acabada esta cerimonia voltou el Rei acompanhado do Arcebispo, e Cabido ate fora da porta da Igreja, onde os mandou ficar, e tornando a tomar o cavallo le foi apeaar nas casas de Dom Diogo de Castro, que são as mais nobres, e mais capazes de todas as da Cidade, posto que ha nella outras mui boas. Estão estas fundadas sobre as ruinas do Castello, no qual tiverão seu primeiro assento os Cavalleiros da Ordem de Avis, quando nesta Cidade no anno de 1204 foi instituida, e por ser o sitio eminente, tem alegres, e desenfadadas vistas descobrindo huma estendida, e fermosa campinha.

O dia seguinte pela manhã foi ao Paço beijar a mão à sua Magestade, e Alteças o Arcebispo, Dignidades, e Connegos, os maioraes das Religiões, os fidalgos da Cidade, e Dom Francisco de Mello Marques de Ferreira, Conde de Tentugal, á qué el Rei tirou o chapeo de maneira que ficou a cabeça descuberta por detras, e refusingo primeiro a mão lha deu e mandou cubrir, e cuberto fallou, e com o mesmo tratamento beijou a mão ao Principe, que são as honras com que os Reis de Portugal tratão aos Marqueses de aquelle Reino. A tarde foi sua Magestade e Alteças ao Collegio da Companhia de Iesus, que he Universidade dos melhores que têm esta Religião, fundado, e dotado mui largamente por el Rei Dom Enrique sendo Arcebispo de aquella Cidade para sua sepultura; à o pee da qual esta enterrado o Senhor Dom Duarte seu sobrinho filho do Infante Dom Duarte: A Igreja estava ricamente armada, nella adorarão sua Magestade e Alteças o Lignum Crucis, entrarão no Collegio onde o Padre Afonso Mendez Doutor em Theologia, Catedratico de Escritura recitou huma elegante oração, ouve disputas, derão de propina à sua Magestade humas luvas de ambar, e depois danças, e hum Dialogo dos Estudantes. A sexta feira beijou a mão a sua Magestade a Camara, e aquelle mesmo dia, e o seguinte andou el Rei visitando os Mosteiros da Cidade, que ião muitos ricamente dotados, e de sumptuosa fábrica, principalmente o da Cartuxa, fundação do Arcebispo Dom Theotonio de Bragança, que quando estè acabado sera dos mais aventajados que tem esta Religião.

Domingo dia de Pascoa do Spirito Santo, que forão 19. de Maio, se celebrou o Auto da Fe, à que assistio sua Magestade e Alteças ouve nelle 124 penitenciados, dos quaes forão queimados quatro homes, e quatro mulheres: á noite presentou a Camara à sua Magestade huma grande colação de doces. A segunda feira primeira oitava, foi el Rei, e Suas Alteças ouvir Missa à See: dissea rezada o Arcebispo em Pontifical, servirão de Assistentes Diogo de Miranda Enriquez Deão e Manoel Severim de Faria Chantre. A tarde partio sua Magestade de Evora, e foi dormir a Montemor, cinco legoas della.

a besar las manos de su Magestad, i Altezas, que no se las dieron. Al Arçobispo quitò el Rey, i el Principe el sombrero, i le mandaron cubrir. Acabada esta ceremonia bolvio su Magestad, acompañado del Arçobispo, i Cabildo hasta fuera de la puerta de la Iglesia, donde los mandò quedar: subio a cavallo, i se fue a apear a la casa de Don Diego de Castro, la mas noble en edificio, que tiene aquesta ciudad: està fundada sobre las ruinas del castillo, donde tuvieron su primero asiento los Cavalleros de la Orden de Avis, quando en esta ciudad, el año de mil i dozientos i quatro se instituyò su milicia. I como el sitio sea eminente, tiene desenfadas i alegres vistas, descubriendo una estendida y larga campiña.

El dia siguiente por la mañana fue a palacio a besar la mano a su Magestad, i Altezas el Arçobispo, Dignidades, i Canonigos: los Superiores de las Religiones, los Cavalleros de la ciudad, i Don Francisco de Melo Marques de Ferreira, i Conde de Tentugal, a quien el Rey quitò el sombrero por el lado derecho: de manera que quedò la cabeça descubierta, y reusando la mano, se la dio, i mandò cubrir; y cubierto hablò: con el mismo tratamiento besò la mano a sus Altezas, que son las honras, con que los Reyes de Portugal tratan a los Marqueses deste Reyno. A la tarde fue su Magestad, y Altezas al Colegio de la Compañia de Iesus (que es Universidad) de los mejores que tiene esta Religion, fundado por el Rey don Enrique para su sepultura, siendo Cardenal, i Arçobispo de aquella ciudad. Al pie de la qual esta enterrado el señor Don Duarte su sobrino, hijo del Infante Don Duarte. Entrò su Magestad en la Iglesia, que estava ricamente adornada, hizo oracion, passò al Colegio, donde el Padre Alonso Mendez Doctor en Theologia, Catedratico de Escritura, recitò una elegante oracion. Huvo disputas, dieron a su Magestad unos guantes de ambar de propina, i despues danças, i un dialogo de los estudiantes. El Viernes besò la mano a su Magestad el Ayuntamiento, i aquel dia, i el siguiente anduvo el Rey los Monasterios de aquella ciudad, que son muchos, ricamente dotados, i de sumptuosa fabrica, principalmente el de la Cartuxa, fundacion del Arçobispo Don Theotonio de Bragança, que quando estè acabado sera de los mas aventajados que tiene esta Religion. El Domingo diez i ocho, dia de Pasqua de Espirito santo se celebrò el auto de la Fee, a que assistio su Magestad, i sus Altezas: huvo en el ciento veinte y quatro penitenciados, de que fueron quemados quatro hombres, i ocho mugeres. Aquella noche presentò el Ayuntamiento a su Magestad una gran colacion de confitura. El Lunes fue su Magestad, i Altezas a oir Missa a la Iglesia mayor que la celebrò rezada el Arçobispo en Pontifical con los Assistentes, Dean, y Chantre, Diego de Miranda Enriquez, y Manoel Severin de Faria. A la tarde partio su Magestad de Evora, i fue dormir a Montemor, cinco leguas de la misma ciudad.

MONTEMOR.

He huma villa rica, e de muitos vizinhos, a qual à differença de outra do mesmo nome, que està junto de Coimbra, se chama o novo, chamandosse o outro o velho. O dia seguinte, que forão 21. fez sua Magestade a entrada, para a qual junto á Ermida de Nossa Senhora da Luz, se levantou hum arco revestido de Telas, e Sedas, no qual entregou á sua Magestade as chaves da villa Bernardim Freyre Vereador mais velho, recebeo a Camará debaixo de hum palio de brocado, meteo da rédea Dom João Mascarenhas Alcaide maiorda villa, e o Licenciado Antonio Barreto de Albergaria Iuiz della lhe fez a pratica. Deulhe sua Magestade as graças, sobio ao Castello, fez oração na igreja do Spírito Santo, nelle situada tomou com o mesmo acompanhamento para o Paço, e aquella noute ouve por todo o lugar luminárias. aos 24. partio sua Magestade de Montemor, foi dormir à Landeira, aos 25. à Couna, e aos 26. à Almada.

ALMADA.

Foi esta villa povoada pelos Cavalleiros Ingreses, que ajudarão à el Rei Dom Afonso Enriquez Primeiro de Portugal, na conquista de Lisboa, e delles se presume que decendem os fidalgos Portugueses do apellido de Almada. Està esta villa situada em hum alto sobre o Mar, donde se descobre com a vista hum dilatado e aprazível horizonte: porque por huma parte se vee o capacissimo Porto da grande Lisboa, cheo de vários Navios, estendese a vista sem termo por aquella nobillissima Cidade, que lhe fica de frente com distancia de pouco mais de meia legoa, espaço que ocupão as agoas do Oceano mesturadas com as do Rio Tejo, as barras do mesmo Porto, e fora dellas o mesmo Oceano, e a fresca Serra de Sintra: da outra parte aparece a Serra da Arrabeda coutada dos Duques de Aveiro, povoada de todo genero de caça, combatida da parte de Meiodia das ondas do Oceano, e da parte do Norte povoadas as suas fraldas de deleitosos jardins, e rendosas quintas. Descobrense as villas de Palmella, e Cezimbra; e as Praias de Ribatejo, povoadas de muitos lugares. Nas tres noutes seguintes que sua Magestade chegou á Almada, ouve grandes luminárias em Lisboa, que como a maior parte da sua povoação està em outeiros parecião de Almada tantos montes de fogo com que maravilhosamente deleitavão a vista.

A este lugar veio de Setuval à beijar a mão á sua Magestade o Duque de Aveiro Dom Alvaro de Lancastro co dous filhos seus, o Duque de Torresnovas Dom Iorge de Lancastro, e Dom Afonso de Lancastro, trouxe luzido acompanhamento de parentes e criados, vestidos todos de luto aleviado pela morte da Duquesa de Torresnovas Dona Anna Colona, que avia dous meses que fallecera. Parou o Duque em huma quintá a hum quarto de legoa de Almada donde o dia seguinte que forão 27. de Maio pela manhã, foi ao Paço beijar a mão á sua Magestade, que à ambos os Duques fez as mesmas honras de barrete, passos, e cadeiras com almofadas de veludo, que em Elvas fizera aos Duques de Bragança, e Bracelos, e à Dom Afonso de Lancastro mandou cubrir: o mesmo tratamento lhes fizerão o Principe Nosso Senhor, e suas Altezas beijandolhes a mão na mesma manhã.

De Lisboa passarão a Almada beijar a mão à sua Magestade os senhores Prelados, fidalgos que estavam na Cidade, os Provinciaes Abades, e mais superiores das Ordens, e o mandarão visitar com custosos e regalados presentes, as Abadessas, e Prioras de alguns Mosteiros. O dia de Corpus passou el Rei e seus filhos à Lisboa em hum Bergantim riquissimamente ornado, para ver encuberto das varadas da Rua nova a Procissão, que foi

MONTEMOR.

Es una villa rica i populosa, que a diferencia de otra del mismo nombre, que esta cerca de la ciudad de Coimbra, se llama el Nuevo, llamandose tambien el otro a diferencia deste, el Viejo. El dia siguiente, que fue veinte i uno por la tarde, hizo su Magestad la entrada, para la qual junto a la hermita de nuestra Señora de la Luz, se levantò un arco de madera colgado de telas i sedas, en el qual entregò a su Magestad las llaves de la villa Bernardino Freyre Regidor mas antiguo. Recibiole el Ayuntamiento debaxo de un palio de brocado: llevò de rienda Don Iuan Mascareñas Alcaide mayor de la villa, i el Licenciado Antonio Barreto de Albergaria, juez della, le hizo la platica. Diole su Magestad las gracias, subio al castillo, hizo oracion en la Iglesia del Espíritu santo en el situada, boluio con el mismo acompañamiento a palacio, i aquella noche huvo por todo el lugar luminarias. El Miercoles, veinte i quatro partio su Magestad de Montemor, fue a dormir a Landeira, a los veynte i cinco a Couna, i a los veinte i seys a Almada.

ALMADA.

Es noble villa, poblada por los Cavalleros Ingleses, que ayudaron al Rey Don Alonso Enriquez en la conquista de Lisboa: i de aquellos se presume, que deciendem los Cavalleros Portugueses del apellido de Almada. Tiene su asiento a la marina de un alto, de donde se descubre con la vista un dilatado i apazible Horizonte. Por una parte se ve el capacissimo puerto de la grande Lisboa, lleno de varios vaxeles, la misma ciudad que le queda enfrente con distancia de poco mas de media legua, espacio que ocupan las aguas del Oceano, la fresca sierra de Cintra. De la otra parte se descubre la sierra de Arrabida, monte de los Duques de Aveiro, poblado de venados, y de todo genero de caça, i a sus faldas los deleytosos jardines de las quintas de Azeiton, como otras muchas de Caparica. Descubrése las villas de Palmela, y Cezimbra; y en entrambas riberas muchos lugares. En las tres noches siguientes a la que su Magestad llegò a Almada, huvo grandes luminarias en la ciudad, que como la mayor parte de la poblacion esta en collados, parecian desde Almada tantos montes de fuego, con que admirablemente deleitavan la vista.

A este lugar vino desde Setuval a besarla mano a su Magestad el Duque de Aveiro Don Alvaro de Lancastro con sus hijos Don Iorge de Lancastro Duque de Torresnovas, i Don Alonso de Lancastro. Truxo luzido acompañamiento de parientes i criados, aunque de luto aliviado, como venian los Duques por la muerte de la Duquesa de Torresnovas Doña Ana Doria Colona, que avia dos meses era fallecida. Parò el Duque en una quinta, un quarto de legua de Almada, de donde el dia siguiente Lunes veinte i siete de mayo por la mañana, fue a palacio a besar la mano a su Magestad, i al Principe, que a el, y al Duque de Torresnovas hizo las mismas horas de sombrero, passos, sillas con almohadas de terciopelo, que en Elvas avian hecho a los Duques de Bragança, i Bracelos, i a Don Alonso de Lancastro mandò cubrir su Magestad.

A la misma villa passaron de Lisboa a besar la mano a su Magestad todos los señores, Prelados, Cavalleros, que estavan en la ciudad, los Provinciales, Abades, i superiores de las Ordenes, i le embiaron a visitar con costosos i regalados presentes las Abadesas i Prioras de algunos monasterios. El dia de Corpus passò a Lisboa su Magestad, i sus hijos en un bergantin ricamente adereçado, como convenia para el servicio de tales Principes, a ver encubierto desde palacio la procesion, que fue

solenissima como a costuma celebrar esta Cidade, porque so de irmãos do Santissimo Sacramento com suas capas vermelhas, e tochas braças nas mãos ouve mas de tres mil.

Comeo sua Magestade na sala do forte, que por sitio e grandeza não deve de aver outra igual, obra da Real magnificência del Rei Dom Filipe I. com que se diz tudo o que pode ser de grande, sumptuoso, e perfeito. A tarde se tornou sua Magestade à Almada, onde se deteve ate os cinco de Junho, que se passou ao Mosteiro de Bellem.

MOSTEIRO DE BELLEM.

He hum dos grandes, e magnificos edificios de Europa, fundado por el Rei Dom Manoel de gloriosa memoria, para sua sepultura, e da Rainha Dona Maria sua segunda mulher; no surgidouro de Rastelo huma legoa dos muros de Lisboa toda povoada de nobres Templos; e casas, onde o Infante Dom Enrique filho del Rei Dom Ioão o I. que deu principio aos descubrimentos de novos Mares e Terras, levantou huma casa de oração dedicada á Virgé e Mai de Deos da invocação de Bellem, na qual pos Freyres da ordem de Christo de que o Infante era Governador e Administrador; para que os Sacerdotes que alli residissem administrassem os Sacramentos da Igreja aos navegantes que partião da quelle lugar aos novos descubrimentos. El Rei Dom Manoel soccedendo à este inclito Infante no governo, e administração da mesma Ordem de Christo, antes de ser Rei, e depois que o foi, nos descubrimentos de novos Mundos, logo que da índia tornou Dom Vasco da Gama, não tendo della mais que a certeza da sua navegação; foi tamanha Fe em Deos deste glorioso Rei, que como se tivera ja juntos grandes tesouros da conquista da Índia, por premicias delles abrio os fundamentos deste sumptuoso Templo, no sitio da mesma Igreja do Infante, e com a mesma invocação, fazendo eleição antes deste que de outro lugar pelas mesmas causas que moverão ao Infante a edificar nelle, o pequeno Convento dos Freyres, e para que huma tal memoria de agradecimento feita com tam grande gasto se fundasse em sitio onde as varias nações do Mundo, quando entrassem em Portugal por esta porta, a primeira cousa que delle se lhe representasse à vista, fosse este soberano Templo, como trofeo das vitorias e triunfos do Oriente, o qual Templo deu el Rei aos Religiosos da Ordem de São Ieronimo, e foi tam magnânimo que tomou para a sua estatua, e da Rainha sua mulher a porta mais pequena, na qual se vem estes Reis postos de giolhos, e mandou por a do Infante Dom Enrique em pee armado como oje aparece sobre o pilar dò meio da porta travessa, que he a principal. E para guarda deste Mosteiro, e do porto mandou fundar dentro no Mar a Torre de São Vicente, que por outro nome se chama de Bellem, fabrica que ainda que em si não seja grandiosa he magnifica na estructura. Ficou por acabar este Mosteiro por morte de seu primeiro fundador el Rei Dom Manoel, e pela del Rei Dom Ioão III seu filho, que mandou proseguir a obra, e a esclarecida Rainha Dona Caterina sua mulher fez a Cappella maior, cujo retabolo he de excellente pintura, e sua architettura de bellissimos marmores brancos de Estremoz, dos mesmos, e de outras cores he a bobeda da Capella e ornato das sepulturas dos Reis Dom Manoel, e Dom João III. e das Rainhas Dona Maria, e Dona Caterina suas mulheres; são os enterros humas Urnas de

solenissima, como la suele celebrar esta ciudad: porque solo de hermanos del Santissimo Sacramento hubo mas de tres mil con sus mantos colorados i hachas blancas en las manos.

Comio su Magestad en una pieça, que por su sitio i tamaño no deve de aver otra igual: es de un edificio a la marina, llamado el fuerte continuado, por un passadizo con palacio, obra de la Real magnificencia del Rey Don Felipe Segundo, con que se dize todo lo que puede ser de grande, sumptuoso y perfeto. A tarde bolvio su Magestad a Almada, donde se detuvo hasta los cinco de Junio que se passò al Monasterio de Belen.

MONASTERIO DE BELEN.

Es uno de los sumptuosos edificios de Europa, fundado por el Rei Don Manuel de gloriosa memoria para su entierro, i de la Reina Doña Maria su segunda muger; en el surgidero de Rastelo, una legua de los muros de Lisboa, que toda oy es poblada de nobles templos y casas; donde el Infante Don Enrique, que dio principio a los descubrimientos de nuevas tierras, i mares, levantò una casa de oracion dedicada à la Virgen i Madre de Dios de la invocacion de Belen, en que puso Freiles de la Orden militar de Christo, de que el Infante fue Governador i administrador; para que los Sacerdotes que alli residiessen, administrassen los Sacramentos de la Iglesia a los navegantes, que partian de aquel lugar para los nuevos descubrimientos. El Rei Don Manuel aviendo sucedido a este inclito Infante en el gobierno y administracion de la misma Orden militar, antes de ser Rei, i despues que lo fue en los descubrimientos, luego que de la India bolvio Don Vasco de Gama, no teniendo della mas que la certeza de su navegacion, fue tanta la fee en Dios deste glorioso Rei, que como se tuviera ya juntados grandes tesoros de la conquista de la India, por primicias dellas abrio los fundamentos deste sumptuoso Templo en el sitio de la misma Iglesia del Infante, i con la misma invocacion, eligiendo antes este que otro lugar, por las mismas causas que movieron al Infante, à edificar en el el convento de los Freiles: y para que una tal memoria de agradecimiento, hecha con tan grande gasto, se fundasse en sitio, donde las varias naciones del Mundo, quando entrassem en Portugal por esta puerta, la primera cosa del se les representasse a los ojos, fuesse este soberano Templo, como trofeo de las vitorias i triunfos del Oriente. El qual dio el Rey a los Religiosos de la Orden de san Geronimo; i fue tan magnanimo, que tomò para su estatua, i de la Reina su muger la puerta mas pequeña frontera al Altar maior, en la qual se veen estos dos Reies de rodillas: i mando poner la estatua al natural del excelente Principe el Infante Don Enrique en pie, armado como oi se vee sobre la coluna de medio de la puerta, que mira al Medio dia, i à la marina, por ser mas principal en la vista i ornato. Para guarda del mismo Monasterio, i del puerto: mando fundar dentro de la mar la Torre de san Vicente, que por otro nombre se llama de Belen, edificio, que aunque en si no sea grande es magnifico en la estructura. Quedò por acabar este Monasterio por muerte de su primer fundador el Rei Don Manuel, i por la del Rei Don Iuan III su hijo, que mando proseguir la obra, i la esclarecida Reina Doña Catalina su muger hizo la capilla mayor, cuyo retablo es de excelente pintura, i su architectura de bellissimos marmoles blancos lustrados de Estremoz de los mismos, i de otras colores la boveda de la Capilla, i los entierros de los Reyes Don Manuel, i Don Iuan III con las Reinas Doña Maria, i Doña Catalina sus mugeres, sirven de sepulcros unas urnas de

mármore de estranha cor, e boa traça, sobre Elefantes de pedra negra: nos lados do Cruzeiro ha duas grandes Capellas enriquecidas com os mesmos mármores nas quaes estão os corpos dos Reis Dom Sebastião, e Dom Enrique, e dos Infantes filhos dos Reis Dom Manoel e Dom Ioão.

Neste Real Mosteiro se aposetou sua Magestade, e Alteças e a maior parte dos senhores que os acompanhavão, e os ministros, e officiaes no lugar que se junta com o Mosteiro. Alli beijou a mão a el Rei o Marques de Castelrodrigo Dom Manoel de Moura, que ate aquelle tempo por justos respeitos não avia usado deste titulo senão de Conde de Lumiares, a quem como à Marques deste Reino fez sua Magestade e Alteças as mesmas honras que ao Marques de Ferreira seu cunhado, fizerão em Evora.

marmol de extraordinaria color, de galana traça, que cargan sobre Elefantes de marmol negro. Ay en los lados del cruzero dos grandes capillas adornadas de los mismos marmoles i jaspes, i en cada una de ellas ay nueve arcos, tres por cada lado, de los quales tres tienen altares con buenas pinturas, i los seis, urnas que sirvé de sepulcros de los Príncipes è Infantes hijos de los dos Reies: en la capilla de la mano derecha estan los hijos del Rei Don Manuel, i en medio en un tumulo alto cubierto de brocado el Rei Don Enrique: i en la mano izquierda los hijos del Rei don Iuan III i en medio en otro tumulo su nieto el Rei Don Sebastian. No es de menor artificio i adorno la sacristia, claustro, choro, dormitorio, i las oficinas deste Real monasterio, en el qual se aposentò su Magestad, y sus Altezas, i la maior parte de los señores de su Corte, i los demas ministros, i oficiales en el lugar que estan junto al Monasterio. En el beso la mano à su Magestad el Marques de Castel Rodrigo Don Manuel de Moura, i Cortereal que hasta entonces avia usado solamente del titulo de Conde de Lumiares, à quien, como à Marques deste Reino hizo su Magestad i Altezas las mismas honras que al Marques de Ferreira avia hecho en Evora.

Detevesse el Rei em Bellem vendo os Mosteiros circunvezinhos, a torre de São Vicente, os engenhos das armas; e polvora de Barquerena ate os 29. de Junho que fez a entrada em Lisboa, aguardando que se acabassem os triunfos com que nella avia de ser recebido, e que chegassem as Galès de Espanha, e a Real em que avia de passar. Chegarão ellas Sabado 22. de Junho: erão treze, que em outras tantas passou el Rey Dom Filipe I. de Almada á Lisboa, quando tambem em outro semelhante dia do ano de 1581. entrou nella. Veio por Geral das Galès (em ausencia do Marques de Santa Cruz Geral dellas que estava em Italia) o Marques de Villanova del Frexno, Dom Afonso Portocarreiro Geral das quatro Galès de Portugal, embarcado na Real, cuja grandeza, traça, e ornamento não se ha visto em outra. Na Capitana de Portugal vinha Dom António de la Cueva filho do Duque de Albuquerque, Tenente do Marques de Santa Cruz. Acompanhavão a estas duas, a Patrona Real, e a Patrona de Espanha, seis de Espanha, e as tres restantes de Portugal; trazião as sete companhias da infantaria que assistem no Porto de Santa Maria, para a guarnição das Galès, das quaes companhias he Mestre de Campo Dom Luis de Córdoba e Aragão, irmão do Duque de Cardona, trazião mais as Galés quinhentos infantes repartidos em cinco companhias que Sevilla ofereceo á sua Magestade para esta jornada, e dellas era cabo Dom Garcia Sarmiento de Mendoça. Derão fondo as Galès de frente do Mosteiro despois de huma grande salva de artilheria, e musica. O dia seguinte que forão 23 (em cuja noute por ser vespera de São João, ouve diante do Mosteiro grandes invenções de fogo), subirão para riba, e derão fondo diante de São Paulo, e alli estiverão ate o dia dos Santos Pedro, e Paulo, que as doze levarão ferro, e rio abaxo chegarão à Bellem, e as tres se embarcou sua Magestade, e Alteças na Real con grande salva. Vinhão todas as Galés cuidadosamente concertadas de Flâmulas, e Galhardetes, assinalandose a Real entre todas na riqueza das suas bordadas Flâmulas, que levava nos mastos, vergas, e enxarcea, vinhão por huma e outra banda os filaretos, tantos Galhardetes bordados como remos, que erão sesenta, a chusma de quatrocentos e vinte forçados, vestida de damasco carmesi, os remos dourados ate o meio, como era tudo de proa a popa, cuja escultura por fora era perfektissima, e por dentro lavrada de custosa tauxia de nogueira, ébano, e prata, com industriosos labores, e com os rnesmos era ornada a antepopa, que por sua capacidade parecia huma praça de armas. Embarcado sua Magestade, veio toda a armada subindo rio acima, com tam favorável, e fresco vento, que as Galès a remo, e os barcos a vella caminhavão igualmente: erão estes sem numero, cobrião o rio, todos enramados, embandeirados, com trombetas, charamelas musicas, e danças: não faltarão no acompanhamento Tritões, Sereas, Balcás, Golfinhos, Cavallos marinhos, e outros vários monstros do mar com grande artificio, e propriedade fabricados. Toda a praia, que he de huma legoa de comprido, e todas as partes altas da Cidade de que se podião ver as Galès estavam cubertas de innumeravel povo.

LISBOA.

Vinhão sua Magestade, e Alteças olhando com grande gosto e alegria a Cidade, em que concorrem maiores bens da natureza e fortuna, que em outras muitas do Mundo, pela clemência do seu Ceo, que he de huma perpetua Primavera, pela fertilidade, e amenidade de seu território, que no rigor do Inverno produz rosas, e flores, pela multidão do seu povo, magestade de seus edificios sagrados e profanos, capacidade e seguridade de seu porto,

Detuvose el Rei en Belen, viendo los Monasterios circunvezinos, la torre de san Vicente, los ingenios de las armas i polvora de Barquerena, hasta los veintinueve de Iunio que hizo la entrada en la ciudad, aguardando que se acabassen los triunfos, con que en ella avia de ser recibido, i que llegassen las galeras de España con la Real, en que avia de passar a Lisboa. Llegaron Sabado veintidos de Iunio, eran treze las galeras, que en otras tantas passò el Rei Don Philippe su padre de Almada à Lisboa, quando tambien en otro semejante dia de veintinueve de Iunio del año mil i quinientos i ochenta i uno entrò en ella. Vino por General de todas (en ausencia del Marques de Santa-cruz General de las galeras de España, que estava en Italia) el Marques de Villanueva del Fresno Don Alonso Puertocarrero General de las quatro galeras de Portugal, embarcado en la Real, cuja grandeza, traça i adorno no se ha visto en otra. En la Capitana de Portugal venia don Antonio de la Cueva Teniente General de las galeras de España, hijo del Duque de Alburquerque. Acompañavan a estas dos, la Patrona Real, la Patrona de España, seis de España, i as tres restantes de Portugal. Traian las sete compañías de la infanteria, que asisten en el puerto de santa Maria para guarnicion de las galeras. Destas compañías era Maestre de Campo don Luis de Cordova i Aragon hermano del Duque de Cardona. Traian mas las galeras quinientos infantes repartidos en cinco compañías, que ofrecio Sevilla a su Magestad para esta jornada, de las quales era cabo Don Garcia Sarmiento de Mendoça. Dieron fondo las galeras enfrente del Monasterio despues de una gran salva de musica i artilleria. El dia siguiente que fueron veintitres (en cuja noche, por ser Vispera de san Iuan huvo grandes invenciones de fuego enfrente del Monasterio) subieron a la ciudad, donde delante de la Iglesia de san Pablo dieron fondo, i estuvieron hasta el dia de los sagrados Apostoles Pedro i Pablo, en el qual a las doze çarparon el rio abaxo, i emparejando con el sumptuoso Témplo de Belen. A las tres de la tarde se embarcò su Magestad, i sus Altezas en la Real con grande salva: ivan todas las galeras cuidadosamente adereçadas de flamulas i gallardetes, señalándose la Real entre todas en la riqueza de sus bordadas flamulas, que llevaba en los arboles, xarcia, i entenas, que tremolando al aire davan mil agrados a la vista. Ivan por una i otra banda de los filaretos tantos gallardetes bordados como remos, que eran sesenta: la chusma de quatrocientos i veinte forçados, vestida de damasco carmesi, los remos hasta la mitad eran dorados, como era todo de popa a proa: la escultura de la popa por fuera era perfectissima, por dentro labrada de costosas tauxias de nogal, evano i plata, que con industriosos labores la adornan, i la antepopa, que por su anchura parecia una plaça de armas. Embarcado su Magestad, vino toda la armada la buelta rio arriba con un tan favorable i apazible viento, que las galeras a remo, i los barcos a la vela navegavan igualmente. Eran estos sin numero, cubriendo todo el rio, todos enramados i enbanderados, con trompetas, chirimias, musicas i danças; no faltaron en el acompañamiento Tritones, Sirenas, Ballenas, Delfines, Cavallos marinos, i otros monstros de la mar muy artificiosamente al natural fabricados. Toda la plaia i partes altas de la ciudad, de las quales se podian ver las galeras, estavan cubiertas de innumerable pueblo.

LISBOA.

Venía su Magestad, i sus Altezas mirando con gran contento la ciudad, que por espacio de dos leguas se estiende por la marina, i en la qual concurren mas bienes de la naturaleza i fortuna, que en otras muchas del mundo por la clemencia de su cielo, que es de una perpetua primavera, por la fertilidad, i felicidad de su pueblo, que en el rigor del Invierno produzeo rosas i flores, por la multitud de su pueblo, magestad de los edificios sacros i profanos, capacidad i seguridad de su puerto, comercio i

comercio e trato de suas mercadorias, das quaes he huma praça universal de todo o Orbe, pela riqueza de seus Cidadãos, frequencia de varias nações que nella se juntão, e nella reside, com que parece hum Mundo abreviado, ditosa pelos descobrimentos, conquistas, e triunfos de tantas Províncias que à esta illustrissima Cidade se devem, e polo que he de maior importância pelo culto de nossa sagrada Religião, e devoção de seus naturaes, em que excede á todas as Cidades de Europa, e agora com maiores ventagens em todos os seus bens com a presença de seu Rei, e Senhor Dom Filipe II. que com glorioso triunfo vinha a entrar nella. E porque as grandezas de Lisboa são taes, e tantas, que para se manifestarem, occuparão outro maior volume que este; deixando o cuidado de as escrever a quem com superior estilo, e igual à tam alto sojeito seja dellas Historiador. Digo, que chegou a Real a hum caez que para a desembarcação de sua Magestade se fez na praça do Paço sobre mui grossas vigas, cubertas de duas ordes de taboas huas sobre outras desencontradas para sua maior firmeza. Tinha de comprido 250. palmos com que chegava tanto dentro na agoa em altura que igualava a Popa da Real, era a largura de 50. palmos, e da mesma baixava huma escada em que se pudera desembarcar sua Magestade, e aos lados avia outras duas de 15. palmos de largo, para a desembarcação das outras pessoas. Cerravasse este caez de huma, e outra parte com 160. balaustes de madeira torneados, dourados, e prateados, divididos a espaços convenientes com 26. pedestaes: sobre seis delles avia seis estatuas do tamanho natural, erão de cera branca, fingião ser de mármore de boa escultura, das tres que ficavão à mão direita a primeira representava Lisboa, a segunda o Zelo, e a terceira a Verdade, as outras tres da mão esquerda, erão a Fidelidade, o Amor, e a Obediencia. Lisboa tinha os braços abertos com os quaes mostrava receber à sua Magestade, e no seu pedestal estava escrito este Soneto.

De largas esperanças sustentada
 (Que hum ardente desejo não descansa)
 Vivi Principe August na esperanca
 De vossa Real presença desejada.
 Oje que o ceo me mostra a suspirada
 Luz nunciadora de immortal bonança
 Quam prolongada foi minha esperança
 Seja vossa demora dilatada.
 Entre as outras Cidades na opulência
 Rainha fou, no clima, e na riqueza
 De esforzo, e letras, clara em dignidade.
 Ajuntaime às demais esta excellencia
 Que sirva sendo eu trono a tal grandeza
 O melhor, à mais alta Magestade.

O zelo tinha em huma mão hum Globo terrestre, e na outra huma aza, e no seu pedestal estoutro Soneto.

Em tam claro triunfo e bello dia
 Quando a terra se mostra mais contente,
 Não pode o ardente Zelo estar ausente
 Para levar as novas de alegria.

trato de las mercaderias, de las quales es una plaça universal de todo el Orbe, por la riqueza de sus ciudadanos, frecuencia de naciones varias, que en ella se juntan, i en ella residen, que parece un Mundo abreviado, dichosa por los descubrimientos, conquistas i triunfos de tantas Provincias, que à esta ilustrissima ciudad se deven, i por lo que es de mayor importancia, por el culto de nuestra sagrada Religion, i devocion de sus naturales, en que excede à todas las ciudades de Europa: i aora con maiores ventajas en todos sus bienes con la presencia de su Rei, i señor Don Felipe II que con glorioso triunfo venia à entrar en ella. I porque las grandezas de Lisboa son tales i tantas, que para manifestallas, ocuparian otro maior volumen que este, dexando el cuidado de escribirlas, a quien con superior estilo, e igual à tan alto sujeto sea dellas Historiador. Digo, que llegó la Real al muelle, que para la desembarcacion de su Magestad se hizo, poco mas adelante de Palacio, i en su plaça sobre gruessas vigas, i se cubrio de dos ordenes de tablas unas sobre otras desencontradas para maior firmeza: tenia de largo docientos cinquenta pies, con que llegava tan adentro del agua en altura, que pudo igualar con el la popa de la galera Real. Era la anchura de cinquenta pies, i de la misma una escalera principal, que baxava al agua, si en ella quisiesse desembarcar su Magestad: i a los lados avia otras dos escaleras de quinze pies de ancho, para la desembarcacion de los que no huviessen de desembarcar en la maior. Cerravase este muelle de una i otra parte con docientas i sesenta varandillas de madera torneadas, doradas i plateadas, divididas en espacios convenientes con veintiseis pedestales. Sobre seis de ellos avia seis figuras de cera blanca del tamaño natural, fingian ser de marmol de buena escultura: de las tres que quedavan á la parte derecha, la primera representava la ciudad de Lisboa: la segunda, el Zelo: y la tercera, la Verdad. Las tres de la otra parte eran la Fidelidad, el Amor, i la Obediencia. Lisboa tenia los braços abiertos, con que representava recibir con ellos a su Magestad. En el pedestal estava escrito este soneto.

*De largas esperanças sustentada
(Que humardente desejo não descansa)
Vivi Príncipe Augusto, na tardansa
De vossa Real presença desejada.
Oje que o ceo me mostra a suspirada
Luz nunciadora de immortal bonança
Quam prolongada foi minha esperança
Seja vossa demora dilatada.
Entre as outras cidades na opulencia
Rainha fou, no clima, e ea riqueza
De esforço, e letras, clara em dignidade.
Ajuntayme as demais esta excelencia,
Que sirva sendo eu trono à tal grandeza,
O melhor, à mais alta Magestade.*

El zelo tenía en una mano un Globo de la tierra, i en la otra una ala, i en el pedestal este soneto.

*Em tam claro triunfo, e bello dia,
Quando a terra se mostra mas contente,
Não pode o ardente zelo estar ausente,
Para levar as novas de alegria.*

Agora porem sinto o que sentia
 Alexandre famoso, descontente
 De aver hum mundo so no qual somente
 Mostrar pudesse esforço, e valentia.
 Tal he todo este Globo à meu desejo
 Porque me vai esta aza dilatando
 Com tal pressa, que pouco lhe parece.
 Outra aza fica ainda desejando
 De levar vosso nome neste ensêjo,
 Por mais Mundos o Rei, se mais ouvesse.

A Verdade tinha hum Espelho, e ao pee este Epigramma.

INDVOR HOS HABITVS SPECIES NOTISSIMA VERI MVNERIS HAEC REFE-
 RO NVNTIA SIGNA MEI EN SPECVLVM, SPECVLO SIMILIS SVM DICTA,
 VIDEMVR ESSE SIMVL SORTIS CONDITIONE PARES. VITREA SVM, CVNC-
 TIS PATEO, QVODQVE INTIMA SERVANT VISCERA, DAT FACIES, HINC
 DOLVS OMNIS ABEST QVAE SEMEL IMPRESSA EST EADEM RETINETVR
 IMAGO, MENTITAQVE ALIAM FINGERE FRONTE NEFAS. HAC FACIE REX
 MAGNÈ TVVM CELEBRAMVS HONOREM OMNIA SVB VERO PRINCIPE
 VERA DECENT. IPSA TIBI HOC DONO SPECVLVM, SI CERNERE MALIS
 QVA TE ORE ACCIPIAT LYSIA, QVA VE FIDE: TEQVE TVOSQVE SIMVL LEN-
 TE SPECVLARE, VIDEBIS ESSE EADEM TIBI REX ORA, EADEMQVE TVIS.

Vestida em habito de Verdade trago por insígnias do meu officio este espelho, ao qual sou tam semelhante, que parecemos iguaes. Sou de vidro patente à todos, e ao que tenho no coração responde tanto o rosto, que assegura de qualquer engano. O que huma vez se me imprime nunca se borra, tendo por grave pecado mostrar o contrario do que sinto. Com esta verdade ò gran Rei celebramos vossas festas, que as que são de tam verdadeiro Principe so de verdades se podem fazer. E pois o sou recebei este Espelho, em que se quiserdes ver a alegria, e sè dos Portugueses em vosso recebimen- to, vereis Senhor, que para vos, e para vossos decedentes sera sempre a mesma.

A Fidelidade que era a primeira da parte esquerda tinha na mão hum prato cheo de corações que offerecia a sua Magestade com este Soneto escrito no seu pedestal.

Destes vassallos leaes vos offerece
 Corações puros a fidelidade.
 Vede, que de seus Reis a Magestade
 Por filhos, não vassallos os conhece,
 Inclinaí pois à offerta que o merece,
 Benigno vulto, e liberal vontade.
 Imitando à suprema Deidade
 Que corações aceita, e agradece.
 Se a Portuguesa fê o amor responde,
 Tendo em seu nobre peito igual districto
 A leadade, o favor que tudo abarca.
 Onde porão as vossas Quinas? Onde?
 Outros Mundos buscai Monarcha invicto,
 Que de outros Mundos vos farão Monarcha.

Occupava o segundo lugar o Amor, tinha nas mãos hum molho de dormideira, e huma chama de fogo, declarava seu pensamento com este Soneto.

*Agora porem sinto, o que sentia
 Alexandre famoso, descontente
 De aver hum Mundo so no qual somente
 Mostrar pudesse esforço e valentia.
 Tal he todo este Globo à meu desejo:
 Porque me vai esta aza dilatando
 Con tal pressa, que pouco lhe parece.
 Outra aza fica ainda desejando,
 De levar vuestro nome neste ensejo
 Por mais Mundos, o Rei, se mais ouvesse.*

La Verdad tenia un espejo, i al pie este Epigrama.

INDVOR HOS HABITVS SPECIES NOTISSIMA VERI, MVNERIS HAEC REFERO NVNTIA SIGNA MEI. EN SPECVLVM SPECVLO SIMILIS SVM DICTA, VIDEMVR ESSE SIMVL SORTIS CONDITIONE PARES. VITREA SVM, CVNC-TIS PATEO, QVODQVE INTIMA SERVANT VISCERA, DAT FACIES, HINC DOLVS OMNIS ABEST. QVAE SEMEL IMPRESSA EST, EADEM RETINETVR IMAGO, MENTITAQVE ALIAM FINGERE FRONTE, NEFAS. HAC FACIE REX MAGNE TVVM CELEBRAMVS HONOREM, OMNIA SVB VERO PRINCIPE VERA DECENT. IPSA TIBI HOC DONO SPECVLVM, SI CERNERE MALIS, QVA TE ORE ACCIPIAT LYSIA, QVA VE FIDE. TEQVE, TVOSQVE SIMVL LENTE SPECVLARE VIDEBIS ESSE EADEM TIBI REX ORA, EADEMQVE TVIS.

Vestida en habito de Verdad traigo por insígnias de mi oficio este espejo, à quien foi tan semejante, que parecemos iguales. Soi de vidrio, patente à todos, i à lo que tengo en el coraçon, responde la cara, que assegura de qualquier engaño: lo que una vez se me imprime, nunca se borrò, teniendo por grave pecado, mostrar lo contrario de lo que siento. Con esta verdad, ò gran Rei celebramos vuestras fiestas, que las que son de tam verdadero Príncipe, de verdades solas pueden hazerse. I pues lo foi, recibid este espejo, en que si quisierais mirar la alegria, i fee de los Portugueses en vuestro recibimiento, vereis, señor, que para vos, como para vuestros decendientes sera siempre la misma.

La Fidelidad, que era la primeira de la parte izquierda, tenia en la mano un plato lleno de coraçones que ofrecia á su Magestad, con este soneto en el pedestal escrito:

*Destes leaes vassallos vos ofrece
 Corações puros a fidelidade.
 Vede, que de seus Reis a Magestade
 Por filhos, não vassallos os conhece,
 Inclinaí, pois à offerta que o merece
 Benigno vulto, e liberal vontade.
 Imitando à suprema Deidade,
 Que corações aceita, e agradece.
 Se à Portuguesa fe o amor responde,
 Tendo em seu nobre peito igual districto
 A lealdade, o favor que tudo abarca.
 Onde porão as vossas Quinas? onde?
 Outros mundos buscai, Monarcha invicto,
 Que de outros mundos vos farão Monarcha.*

Ocupava el segundo lugar el Amor, en las manos tenia un manojo de dormideras, i una llama de fuego, declarava su pensamiento en este Soneto.

Amor que nestas mostras debuxado
 Rei claro vos recebe, e vos convida
 Esta dando hum penhor da fee devida
 Mostrando aquelle braço afogueado.
 O verde ramo ainda em flor cortado
 Da dormideira em Lethes ja metida
 Vos esta segurando em toda á vida
 Poder dormir quieto e sosegado,
 Vinde pois Rei que o Amor vos leva, e guia
 Tomai do Reino o leme brandamente,
 Que o Ceo o quer, a Terra, o Mundo o clama.
 Dormindo nos regei, que o amor vigia,
 Sò que tenhais, vos lembro, entre tal gente,
 Por forol do governo aquella chama.

A Obediência se mostrava com hum jugo em huma mão, e na outra huma aza, e no pedestal este Epigramma.

OBSEQVII CVLTRIX VESTIGIA REGIS ADORO OPTATOQVE LIBENS DO
 MEA COLLA IVGO. NON GRAVAT ISTVD ONVS, NEC PONDERE DEPRIMIT
 IMO HOC MAGIS ILLA LEVAT, QVO MAGIS VRGET ONVS. SI IVBEAS VALI-
 DIS INNECTERE COLLA CATENIS, SI MANIBVS MANICAS, ARCTAQVE VIN-
 CLA PEDI, FERREA VELOCES PARIENT MIHI PONDERA PENNAS OCYVS
 IMPERII IVSSA POTENTIS AGAM. TENDERE SI IVBEAS IN APERTA PE-
 RICVLA CVRRAM, VT SOLET AEREIS ACTA SAGITTA PLAGIS. QVAM LEVE
 COLLA IVGVM REFERVNT! CVI SVFFICIT VNA HAEC DEXTERA, QVOD PA-
 RITER IVNCTA SAGITTA MOVET. HOC NE IVGVM EST? POTIVS NATVRA
 INVERTIT IN ARCVM VNDE TVO IMPERIO PROMPTA SAGITTA VOLEM.

A Obediência fou que adoro del Rei as pisadas offerecendo de boa vontade o pescoço ao desejado jugo, carga que não somente não oprime, ne pesa, antes parece ser de mais descanso, quanto de maior peso; para cuja prova ainda que me mandeis Senhor carregar de cadeas, e que tenha esposas nas mãos, e grilhos nos pees, estes ferros me servirão de penas para vos obedecer voando, e se me mandardes oppor aos mais manifestos perigos, correrei mais depressa à meterme nelles, que pelo ar afeta mais veloz. O que leve he o nossò jugo governado de tal obediência, e ajudado de tal promptidão! não merece nome de jugo, mais propriamente se pode chamar arco, do qual como seta voarei sempre Senhor a obedecervos.

ALFANDEGA.

Ào lado derecho deste caez fica a Alfandega desta Cidade, fábrica grande sumptuosa, e tam capaz quanto he necessario para recolher as muitas, e varias mercadorias que de todas as Províncias do velho, e Novo Mundo nella se despachão, cujos dereitos valerão alguns annos mais de quinhentos mil Cruzados. O Proveedor Diogo das Povoas, e os officiaes desta Real casa, celebrarão a felice entrada de sua Magestade com a representação de huma das suas mais heroicas acções, ou a maior dellas, que foi a expulção dos Mouriscos, relíquias dos conquistadores de Espanha do poder dos Godos, com a qual sossegou el Rei seus Reinos, e firmou em paz sua Monarchia.

Para este spectaculo se valerão da insigne fabula da guerra dos Titanes, celebrada na antiguidade dos Poetas pelo muito que simboliza esta fabula com

*Amor que nestas mostrás debuxado,
 Rei claro, vos recebe, e vos convida,
 Está dando hum penhor de la fê devida.
 Mostrando aquelle braço afogueado.
 O verde ramo ainda en flor cortado
 Da dormideira en Lethes ja metida,
 Vos está segurando em toda a vida
 Poder dormir quieto e sossegado,
 Vinde pois Rei, que o Amor vos leva, e guia,
 Tomai do Reino o leme brandamente,
 Que o Ceo o quer, a Terra, o Mundo o clama.
 Dormindo nos regei, que o amor vigia,
 So que tendes vos lembro entre tal gente
 Por farol do governo aquella chama.*

La Obediencia se mostrava con un yugo en una mano, en la otra una ala, i en el pedestal este Epigrama.

OBSEQVII CVLTRIX VESTIGIA REGIS ADORO, OPTATOQVE LIBENS DO
 MEA COLLA IVGO. NON GRAVAT ISTVD ONVS, NEC PONDERE DEPRIMIT
 IMO, HOC MAGIS ILLA LEVAT, QVO MAGIS VRGET ONVS. SI IVBEAS VALI-
 DIS INNECTERE COLLA CATENIS, SI MANIBVS MANICAS, ARCTAQVE VIN-
 CLA PEDI. FERREA VELOCES PARIENT MIHI PONDERA PENNAS OCYVS
 IMPERII IVSSA POTENTIS AGAM. TENDERE, SI IVBEAS, IN APERTA PE-
 RICVLA, CVRRAM, VT SOLET AEREIS ACTA SAGITTA PLAGIS. QVAM LEVE
 COLLA IVGVM REFERVNT CVI SVFFICIT VNA HAEC DEXTERA, QVOD PA-
 RITER IVNCTA SAGITTA MOVET. HOC NE IVGVM EST? POTIVS NATVRA
 INVERTIT IN ARCV M VNDE TVO IMPERIO PROMPTA SAGITTA VOLEM.

La Obediencia foi, que adoro del Rei las pisadas, ofreciendo de buena gana mi cerviz al deseado yugo, carga que no solamente no oprime; pero ni pesa, antes parece ser de mas descanso, quando de maior peso, para cuiã prueva, aunque mandeis señor, cargarme de cadenas, ò ya tenga esposas en las manos, ò ya grillos en los pies, estos hierros me serviran de plumas, para volando obedeceros: i si mandaredes, me oponga á los mas manifiestos peligros, correre mas presto à ponerme en ellos, que por los aires la mas presta saeta. O que ligero es nuestro yugo gobernado de tal obediencia, i ajudado de tal promptitud? no merece nombre de yugo, mas propiamente puede llamarse arco, de donde como saeta buele siempre, señor, à obedeceros.

ADUANA.

Al lado derecho deste muelle queda el Aduana de la ciudad, fabrica grande, sumptuosa, i tan capaz quanto es menester para recoger las muchas i varias mercaderias, que de todas las Provincias del Viejo i Nuevo mundo en ella se despachan, cuios derechos han importado algunos años mas de quinientos mil ducados. El Proveedor Diego de las Povoas, i los oficiales desta Real casa, celebraron la felice entrada de su Magestad con la representacion de una de sus mas heroicas acciones, ò la mayor dellas, que ha sido la expulsion de los Moriscos, reliquias de los Conquistadores de España del poder de los Godos, con la qual sossegò su Magestad sus Reinos, i confirmò en paz su Monarquia.

Para este espectáculo se han valido de la insigne fabula de la guerra de los Titanes, celebrada en la antigüedad de los Poetas, por lo mucho que simboliza esta fabula con

os temerarios intentos dos Mouriscos, que convocando as forças Turquescas, e Africanas, que foi o mesmo, que sobrepondo montes à montes como fizerão os Titanes, intentarão perturbar a Paz, e offender a autoridade Real, como aquelles conquistar o Ceo, despojar delle a Iupiter, que com hum Raio os fulminou, e deitou ao inferno, como sua Magestade a os Mouriscos em Africa.

Esta representação se fez em hum teatro arrimado à parede da Alfandega oposta ao Paço entre duas portas, huma de Pedraria de boa traça, que he por onde se serve a Alfandega, e outra fingida, sobre esta debaixo das armas de Portugal, estava este Epigrama.

REGNUM QVA MELIVS, VIDVAS GENTEMQVE TOGATAM REGIVS EXIMIO
MVNERE SVMPTVS ALIT. VT DOMVS HAEC REGI, SIC VECTIGALIS HABETVR REX POPVLO, AETERNVM REX BONE VIVE TVIS.

Por aquella parte se faz o Reino mais illustre, que a liberalidade Real sustenta viuvas e nobres. Assi como esta Alfandega he tributaria à el Rei, assi el Rei se faz tributario ao seu povo; viva largos annos tal Rei para proveito de seus vassallos.

Sobre a porta fingida em lugar das armas de Portugal, avia huma cartella com o Caduceo de Mercurio, atado com a Cornucopia de Amalthea, e estoutro Epigramma.

HVC ADES O, FOVET HISPANVS TE IVPITER, AVGET AEQVOREVS, SVPERVS FIRMAT, ET IMVS ALIT. CONTINVENT MERCES PENETRATO GVRGITE TERRAS AVREA IACTET OVIS VELLERA, MELLA FLVANT.

Vem ò Mercurio, o Iupiter Espanhol te favorece, o Marítimo te augmenta, o Ceo te confirma, a terra te sustenta, por toda ella navegado o Mar andem as mercadorias, tudo seja ouro, por tudo corra mel.

Era o Theatro de 80. palmos de comprido, 20. de largo, e 10. de alto, nelle avia quatro Gigantes de extrãordinaria grandeza, hum delles ja ferido de hum Raio, os outros tres armados, e com maças troncos de arvores, e grandes penedos, ameaçando com ferocidade o Ceo. A hum lado se via huma boca do Inferno cercado de chamas, aonde parecia que hia cair o Gigante ferido: na parede a que se arrimava o Teatro estavam pintados Montes huns sobre outros que os Gigantes avião posto para à conquista que intentarão, e no remate desta pintura de huma parte se lia este verso de Claudiano.

NON CADERE ANTAEO, NON CRESCERE PROFVIT HIDRAE.

Não aproveitarão ao Gigante Anteo os soccorros que achava na terra sua mai, nem à Hydra suas duplicadas cabeças.

E da outra estava escrito estoutro verso de Virgílio.

FVLMINE DEIECTI FVNDQ VOLVVNTVR IN IMO.

Derribados com o Raio padecem miseravelmente no profundo abismo.

Como succedco aos Mouriscos, que não lhes valendo seus danados intentos cairão fulminados no Inferno de Africa. Representava o Ceo hum Hemisferio com seus circulos, Sol, Lúa, e Estrellas de Ouro, na Equinocial estava escripta aquella Profecia do Poeta pelo filho de Afinio Polião.

los temerarios intentos de los Moriscos, que convocando las fuerças Turquescas i Africanas, que fue lo mismo, que acumulando montes á montes, como los Titanes hizieron: intentaron perturbar la paz, i ofender la autoridad Real, como aquellos conquistar el cielo, despojar del à Iupiter; que con un rayo los fulminò, i echò al Infierno, como su Magestad à los Moriscos à Africa.

Esta representacion se hizo en un teatro arrimado à la pared de la Aduana, que mira à Palacio, entre dos puertas: una verdadera de canteria de buena traça: i otra fingida, semejante à la verdadera. Sobre esta debaxo de las armas de Portugal estava este Epigrama.

REGNUM QVA MELIVS, VIDVAS, GENTEMQVE TOGATAM REGIVS EXIMIO
MVNERE SVMPTVS ALIT. VT DOMVS HAEC REGI, SIC VECTIGALIS HA-
BETVR REX POPVLO: AETERNVM REX BONE VIVE TVIS.

Por aquella parte el Reyno se haze mas illustre, que la liberalidad Real sustenta viudas, i nobres, assi como esta Aduana es tributaria al Rei; assi el Rei se haze tributario à su pueblo. Viva largos años tal Rei para provecho de sus vassallos.

Y sobre la fingida puerta en lugar de las armas de Portugal avia una cartela con el caduceo de Mercurio atado con la Copia de Amaltea, i estotro Epigrama.

HVC ADES O, FOVET HISPANVS TE IVPITER, AVGET AEQVOREVS, SVPER-
VS FIRMAT, ET IMVS ALIT. CONTINVENT MERCES PENETRATO GVRGI-
TE TERRAS, AVREA IACTET OVIS VELLERA, MELLA FLVANT.

Viene Mercurio, el Iupiter de España te favorece, el Marítimo te aumenta, el Cielo te confirma, la Tierra te sustenta, por toda ella, navegada la Mar, anden las mercaderias, tudo sea oro, por todo corra miel.

Era el teatro de ochenta pies de largo, veinte de ancho, i diez de alto, en el avia quatro gigantes de extraordinaria grandeza: uno dellos herido ia de un raio: los otros tres amenazando con ferozidad al Cielo, armados de maças, troncos de arboles i peñas. A un lado se veia una boca del Infierno cercada de llamas hàzia donde iva a caer el gigante herido. En la pared à que se arrimava el teatro, estavan pintados montes unos sobre otros, que los gigantes avian puesto para la conquista del Cielo, que intentaron. En el remate desta pintura quedava de una parte este verso de Claudiano:

NON CADERE ANTAEO, NON CRESCERE PROFVIT HIDRAE.

No aprovecharon al gigante Anteo los socorros, que en la tierra madre suia hallava, ni à la Hydra sus duplicadas cabeças.

I de la otra parte este de Virgilio.

FVLMINE DEIECTI FVNDQ VOLVVNTVR IN IMO.

Derribados con el raio padecen miserablemente en el profundo abismo.

Como sucedio à Moriscos, que no les valiendo sus dañados intentos, fulminados caieron en el Infierno de Africa. Representava el Cielo en lo alto un Emisferio con sus Circulos, Sol, Luna, i Estrellas de oro. En la Equinoccial estava escrita aquella profecia del Poeta por el hijo de Afinio Polion.

PACATVMQVE REGET PATRIIS VIRTVTIBVS ORBEM.

Com as virtudes herdadas de seus Progenitores governara o Mundo em paz.

Àos lados deste Hemisferio avia quatro figuras de vulto que por suas insignia se conhecião ser Marte, Mercurio, Neptuno, e Iano, porque como na guerra dos Titanes não faltou à Iupiter o socorro destes Deoses como fingirão os Poetas, na que intentarão os Mouriscos, se offerecem á sua Magestade seus vassallos em figura dos quatro Deoses, e dandolhe as devidas graças por tam heroica acção sua, e por tam venturosa empresa pretendida, e acabada por elle que não puderão conseguir os maiores Reis de Espanha, Marte lhe diz com Stacio.

NVNC O NVNC TEMPVS IN HOSTES.

Agora agora, he o proprio tempo contra os imigos.

Representando con grande bizarría posta a mão na espada, os brios que lhe nacam da Real presença de sua Magestade contra os offensores da sua Coroa. Respondia Mercurio por boca do mesmo Poeta.

STERILES TRANSMISIMVS ANNOS.

Ia passamos a esterilidade dos annos.

Prometendo nos futuros à os Mercadores (cujo Presidente he) grande prosperidade em seus tratos, e para a facilidade do commercio das mercadorias, se convida Neptuno dizendo com Horacio.

CONCIDVNT VENTI FVGIUNTQVE NVBES.

Sosegãose os ventos, e fojem as nuves ameaçadoras de tempestades.

Que he o que disse este Poeta por Castor, e Pollux filhos de Iupiter, e de Leda, por cujo aparecimento com nome de São Elmo, em figura de huns pequenos fogos, nas tormentas, sobre as vergas, e enxarcea dos navios, se persuadem os navegantes ser sinal certo de cessar a tempestade, e por esta prerrogativa colocou a Gentilidade à estes mãos no Ceo com nome de Gemini terceiro Signo do Zodiaco, e como quando elles apparecem a furia dos ventos, e a braveza do Mar se amansão, assi com o apparecimento dos nossos dous Soes, sua Magestade, e o Principe Nosso Senhor, se desfazem todos os nublados, e o Mar, e Ceo se serena. E porque o effeito de todas estas prosperidades, e felices successos pende da larga e ditosa vida del Rey, Iano principio dos annos lhe promete a quadruplicada idade de Nestor com Marcial.

PROMISIT PILIAM QVATER SENECTAM.

Quatro idades de Nestor lhe têm prometido, as quaes os Portugueses com todo affecto pedem à o Ceo para sua Magestade.

Sobre o Hemisferio estava hum trono ricamente ornado, nelle em pee huma estatueta que representava el Rey, armado de ricas armas, com Coroa, em huma mão hum cetro, e na outra hum Raio, a seus pees estava huma Aguia, que no bico tinha outro para ministrar a sua Magestade, à cuja mão direita ficava Espanha, e a esquerda a Paz.

PACATVMQVE REGET PATRIIS VIRTVTIBVS ORBEM.

Con las virtudes heredadas de sus progenitores gobernará el Mundo en paz.

A los lados deste Emisferio avia quatro figuras de bulto, que por sus insignia se conocian ser Marte, Mercurio, Neptuno, i Iano: porque como en la guerra de los Titanes no faltò à Iupiter el socorro de los otros Dioses. En la que intentaron los Moriscos, se ofrecen al Rei sus vassallos en figura de los quatro Dioses, i dandole las devidas gracias por tan heroica accion suia, i por tan venturosa empresa pretendida, i por el acabada, que no pudieron conseguir los maiores Reies de España. Marte le dize aquello de Stacio.

NVNC O NVNC TEMPVS IN HOSTES.

Aora aora es el propio tiempo contra los enemigos.

Representando con gran bizzarria, puesta la mano en la espada de los brios, que concibe de la Real presencia de su Magestad contra los ofensores de su Corona. Respondia Mercurio por boca del mismo Poeta.

STERILES TRANSMISIMVS ANNOS.

Ia passamos la esterilidad de los años.

Prometiendo en los futuros à los Mercaderes (cuió Presidente es) gran prosperidad en sus tratos. I para la facilidad del comercio de las mercaderias se combida Neptuno, diziendo con Horacio.

CONCIDVNT VENTI, FVGIUNTQVE NVBES.

Sosieganse los vientos, i huien las nubes amenazadoras de las tempestades.

Que es lo que dixo este Poeta por Castor, i Polux hijos de Iupiter, i de Leda, por cuió aparecimiento con nombre de san Elmo en figura de llamas de fuego en las borrascas sobre las entenas de los navios, se persuaden los navegantes, ser señal cierta de aver de cessar la tempestad, i por esta prerrogativa la Gentilidad ha colocado en el Cielo estos dos hermanos con el nombre de Gemini, uno de los doze signos del Zodiaco. I como quando ellos aparecen, la furia de los vientos se sosiega, i la braveza de la mar se amansa, assi con el aparecimiento de los dos nuestros Soles, su Magestad, i su Alteza se deshazen todos los nublados, i el Mar i Cielo se serenan. I porque el efecto de todas estas prosperidades i buenos sucessos pende de la larga i dichosa vida del Rei Iano, principio de los años, le promete la quadruplicada edad de Nestor.

PROMISIT PYLIAM QVATER SENECTAM.

Quatro edades de Nestor le ha prometido.

Las quales los Portugueses con lenguas del coraçon piden al Cielo para su Magestad. Sobre el Emisferio estava un trono ricamente adornado, en el pie en una estatua, que representava al Rei armado de ricas armas con corona, en una mano un cetro, i en la otra un raio, puesta à sus pies una aguila, que en el pico tenia otro, para ministrar à su Magestad, à cuiá parte derecha quedava España, que era una gallarda donzella,

Apparecia Espanha armada ao antigo huma rodela embraçada, tres azagaias, e tres espigas na mão, como se vee esculpida nas medalhas Romanas, e a Paz coroada de louro, e na mão hum ramo de Oliveira; tinhão ambas este verso de Ovídio.

DEDIMVS SVMMAM CERTAMINIS VNI.

A hum sò entregamos o fim, e remate de nossa contéda.

Como o disse Caliope em nome das Musas à Iupiter, quando lhe cometerão à ella a defensão de todas, e agora o dizem Espanha, e a Paz a el Rey, unico defensor seu, a quem remetendo sua causa, esperão da resolução della, liberdade, e quietação, desterrada de todo a perturbação de seus Reinos, à cuja petição movido sua Magestade lhes promete fazer iustiça arrancando até as raizes de tam mas plantas, para que limpa, e pura creça a Fè Santa, e em razão disso responde com Virgílio.

DISCITE IVSTITIAM MONITI, ET NON TEMNERE DIVOS.

Escarmentados na justiça executada, aprédel a não desprezar a sagrada Religião.

O qual verso estava escrito em huma nuvem em que sua Magestade tinha os pees, digno lugar delles, como de defensor da Igreja Catholica, Anjo e fortaleza de Deos na terra. Sobre a cabeça da Águia avia este verso.

QVIPPE AQVILIS SEMPER GAVDET DEVS ILLE CORVSCVS.

Porque esta resplandecente Deidade sempre se recrea com Águias.

Em que propriamente se mostra, que a Magestade fulminante de sua Magestade, não se paga de outros pensamentos, nem de outras acçoés, que das significativas pela Águia. E porque desta necessaria, e prospera expulsão redundarão tambem grandes proveitos às rendas de sua Magestade nesta sua Alfandega em agradecimento dedicou ella este espec-taculo, com a inscripção presente, que estava debaixo do Hemisfério Celeste.

MAVROS, GIGANTEO ITERATO AVSV, FIDEL DESERTORES, IN PACEM, ET
HISPANVM CAELVM BRACHIA CONATOS, TONANS NOSTER PHILIPPVS
IACVLATVR, PROIICIT, PLVTONI AFRICO AETERNVM ILLIGAT, TAN-
TAM ILLAM ACTIONEM QVA VIGET MERCVRIALIS SVA BASILICA, GRA-
TABVNDA SVGGERIT HOC MNEMOSYNO.

Castiga, desterra, e deita ao Inferno de Africa Filipe nosso Iupiter os Mouriscos, os quaes imitando a temeraria ousadia dos Gigantes, não guardando a Fè que profes-savão, se rebelarão contra a Paz, e Ceo Espanhol. Desta tam Real acção agradecida a sua Alfandega, celebra a memoria com esta demonstração.

Entre as duas estacadas que pela parte do Mar cerrão a Alfandega se fíngio de pedraria hum Pórtico de 400. palmos de comprido, e 40. de alto, repartido com doze arcos, e duas portas aos lados: sobre os arcos avia outros tantos quadros rematados pelo alto, com balaustes de hum estrado. Dos dous quadros do meio desta fachada, se formava hum grande, e mais alto que os outros de forma piramidal, em que estava pintado o Monte Parnaso, ao seu pee o Templo de Delfos, e ao outro lado a Fonte Hipocrene, e sobre o Monte huma Águia Imperial com duas cabeças. Declarava esta pintura o seguinte Epigramma, escrito nos dous quadros collateraes.

armada á lo antiguo, con un escudo redondo embraçado, i tres azagaias, i tres espigas en la mano, como se vee esculpida en las medallas Romanas, i à la parte izquierda estava la Paz, otra hermosa donzella coronada de laurel, i un ramo de olivo en la mano. Tenian estas dos figuras este verso de Ovidio.

DEDIMVS SVMMAM CERTAMINIS VNI.

A uno solo hemos entregado el fin, i remate de nuestra contiéda.

Como lo dixo Caliope en nombre de las Musas à Iupiter, quando le cometieron à ella la defensa de todas, i aora lo dizen la Paz, i España a el Rei nuestro señor, solo i unico defensor suio, à quien remetiendo su causa, esperan de la resolucion dellas libertad, i quietud, desterrada de todo la perturbacion de sus Reinos. A cuiá peticion movida su Magestad, les promete hezelles Iusticia, arrancando hasta las raizes de tan malas plantas, para que limpia i pura crezca la Fè santa, i en razon dello dize aquello de Virgilio.

DISCITE IVSTITIAM MONITI, ET NON TEMNERE DIVOS.

Escarmentados en la justicia hecha aprended à no menospreciar la sagrada Religion.

El qual verso estava escrito en una nube, en que su Magestad tenia fixados los pies, digno asiento dellos, como de defensor de la Iglesia Catolica, Angel, i fortaleza de Dios en la tierra. Sobre la cabeça del aguila avia este verso.

QVIPPE AQVILIS SEMPER GAVDET DEVS ILLE CORVSCVS.

Porque esta resplandeciente Deidad siempre se recrea con Águilas.

En que propiamente se muestra, que la Magestad fulminante del Rei nuestro señor no se paga de otros pensamientos; ni de otras acciones, que de las significativas por el Aguila. I porque desta necessaria i prospera expulsion redundaron tambien grandes aprovechamientos à las rentas de su Magestad en esta su Aduana, en agradecimiento dedicò ella este espectáculo con la inscripcion presente, que estava debaxo del Emisferio celeste.

MAVROS GIGANTEO ITERATO AVSV FIDEI DESERTORES IN PACEM, ET
HISPANVM CAELVM BRACHIA CONATOS, TONANS NOSTER PHILIPPVS
IACVLATVR, PROIICIT, PLVTONI AFRICO AETERNVM ILLIGAT. TAN-
TAM ILLAM ACTIONEM, QVA VIGET MERCVRIALIS SVA BASILICA GRA-
TABVNDA SVGGERIT HOC MNEMOSYNO.

Castiga, destierra, i arroja al Infierno de Africa Felipe nuestro Iupiter los Moriscos, los quales repitiendo la temeraria osadia de los Gigantes, no observando la fee que professavan, se rebelaron contra la Paz, i Cielo Español. Desta tan Real accion agradecida su Aduana, celebra la memoria con esta demostracion.

Entre las dos estacadas que cierran la Aduana, por la parte que mira à la marina, se fíngio de piedra un corredor de quatrocientos pies de largo, i quarenta en alto, repartido en doze arcos, i à los lados dos puertas. Sobre los arcos avia doze quadros rematados por lo alto con varandillas de un terrado. El medio desta fachada, i dos de los arcos ocupava un mui grande i alto quadro de forma piramidal, en que estava pintado el Monte Parnaso, en su cumbre una Aguila Imperial con dos cabeças, al pie del monte el Templo de Delfos, i al otro lado la fuente Hypocrene. Declarava esta pintura el siguiente Epigrama, escrito en los dos quadros colaterales.

TELLVRIS MEDIVM SIGNATVR VTROQVE VOLATV ALITIS ALTISONI
 QVAE IOVIS ARMA GERIT. CONCVRRVNT AEQVE DIVERSO E CARDINE
 MVNDI. SISTIT ET AD DELPHOS VTRAQVE PENNA GRADVM. PECTORA
 PECTORIBVS, LATERI LATVS, VNGVIBVS VNGVES ATQVE HVMEROS HV-
 MERIS MVTVA MVTAT AVIS IN VOLVCREM, MIRVM DICTV. COIERE VOL-
 VCRES VNA TAMEN GEMINO VERTICE COLLA TVMENT. TV DELPHI, IMO
 A TE DISCVNT ORACVLA DELPHI. TEQVE CALET MVLTO PYTHIA TACTA
 DEO. TV DELPHI, SPIRAT SAPIENS PRAESAGIA PECTVS. RESPONSAQVE
 TVO REDDIT AB ORE PATER. IVSSAE AQVILLAE IVNXERE TIBI FELICI-
 TER ALAS SORTE VNA, IMPERIVM SERVIT VTRVMQVE TIBI QVA PIGER
 OCCIDVAS SVB NOCTEM AGIT HESPERVS HORAS, QVAQVE IDEM EOAS LV-
 CIFER ANTEVOLAT. A TE PRINCIPIVM, TIBI DESINET, OMNIA FINEM TE
 MEDIO ACCIPIENT, EXITVS ACTA BEAT.

O meio da terra se assinala com o reciproco voo da ave que tras as armas de Iupiter. Voão igualmente duas Aguias, desde os ultimos confins do Mundo, e parão sobre o Templo de Delfos, onde se unem de tal maneira, que lhes servem huns mesmos peitos, humas mesmas asas, humas mesmas unhas, e humas mesmas costas, cousa prodigiosa, que de duas aves tam distintas se fizesse huma com duas cabeças. Vos Senhor sois o Templo de Delfos, mas antes de vos aprendemos oraculos do mesmo templo: e provida de nossa deidade responde a sacerdotisa de Apollo. Porque espira profecias vosso peito, e porque falla por vossa boca a prudencia de vosso Pai. As Aguias mandadas a descobrir o meio do mundo para vos juntarão felicemente as asas, com intento que vos servissem os dous Imperios. Aquelle digo, onde o Hespero pregiçoso guia as horas no principio da noute, e aquelle onde o mesmo Hespero tornado Luzeiro assinala as praias Orientaes. De vos nace o principio, e em vos se termina o fim, e tudo o tem por vosso meio, sendo o fim o que aprova, e califica as obras.

Debaixo desta pintura avia outro quadro com esta dedicação em nome da Alfandega.

PHILIPPO II. LVSIT. AFREYRE ASIAT. OCEANICO PARENTI OPT.
 MERCVRIALIS SVA BASILICA PRAEGAUDIO, SVpra CONDITIONEM
 SVAM PVBLICE LOQVENS, IANO MEDIO PATRONO, ET MERCVRIO SVO
 FAVSTVM GRATVLATVR ADVENTVM AD GENVA CADENS DEPRECATVR,
 VT QVI DATA ORBI PACE, PORTVS APERVIT, TERRAS COMMERCIO SOCIA-
 VIT, CELEBRE HOC EMPORIVM FREQVENS DIGNETVR VISERE, ASPECTV
 SVO BEARE, PROVEHERE, NOSTRVM ERIT QVIDQVID VBIQVE TELLVS
 FERT, SYDVVS ALIT, INFORMAT INDVSTRIA, DITESCET PARENS PVBLICVS,
 EO IPSO QVOD NOS DITABIT.

A Filipe ÍI. Rei de Portugal, de Africa, de Asia, senhor do Oceano, Pai da patria, a sua Alfandega de Lisboa pelo grande contentamento que recebe da sua vinda fora do que se lhe permite falando em publico, a seu patrão e amparo dà o parabe da sua entrada, e prostrada a seus Reaes pees lhe pede, que pois pacificado o mundo abrio os portos, juntou con o comercio as terras, tenha por bem visitar este seu celebre e universal Emporio, e com sua vista enriquecelo, e augmentalo, que fazendoo assi sera desta Alfandega tudo o que cria a terra, influe o Ceo, e negocea a industria, e deste modo enriquecera nosso Pai com o mesmo com que nos enriquece.

TELLVRIS MEDIVM SIGNATVR VTROQVE VOLATV ALITIS ALTISONI, QVAE IOVIS ARMA GERIT. CONCVRRVNT AEQVE DIVERSO E CARDINE MVNDI, SISTIT ET AD DELPHOS VTRAQVE PENNA GRADVM. PECTORA PECTORIBVS, LATERI LATVS, VNGVIBVS VNGVES, ATQVE HVMEROS HVMERIS MVTVA MVTAT AVIS. IN VOLVCREM, MIRVM DICTV, COIERE VOLVCRES: VNA TAMEN GEMINO VERTICE COLLA TVMENT. TV DELPHI, IMO A TE DISCVNT ORACVLA DELPHI, TEQVE CALET MVLTO PYTHIA TACTA DEO. TV DELPHI, SPIRAT SAPIENS PRAESAGIA PECTVS, RESPONSAQVE TVO REDDIT AB ORE PATER. IVSSAE AQVILLAE IVNXERE TIBI FELICITER ALAS SORTE VNA: IMPERIVM SERVIT VTRVMQVE TIBI. QVA PIGER OCCIDVAS SVB NOCTEM AGIT HESPERVS HORAS QVAQVE IDEM EOAS LVCIFER ANTEVOLAT. A TE PRINCIPIVM, TIBI DESINET, OMNIA FINEM TE MEDIO ACCIPIENT, EXITVS ACTA BEAT.

El medio de la tierra se señala con el reciproco buelo del Ave que trae las armas de Jupiter. Buelan igualmente dos Aguilas desde los ultimos confines del Mundo, i paran sobre el Templo de Delphos, adonde se unen de tal manera, que les sirven unos mismos pechos, unas mismas alas, unas mismas uñas, i unas mismas espaldas, cosa prodigiosa, que de dos aves tan distintas se hiziesse una misma con dos cabeças. Vos, señor, sois el Templo de Delphos, mas antes de vos deprenen los Oraculos del mismo Templo, i movida de vuestra Deidad responde la sacerdotisa de Apolo. Vos, señor, sois el Templo de Delphos: porque espira profecias vuestro pecho: i porque habla por vuestra boca la prudencia de vuestro padre. Las aguilas embiadas à descubrir el medio del Mundo para vos, juntaron felizmente las alas, con intento que os sirviessen los dos Imperios. Aquel digo, donde el Espero perezoso guia las horas en el principio de la noche, i aquel, donde el mismo Espero buelto Luzero señala las plaías Orientales. De vos nace el principio, i en vos se termina el fin, i todo le tiene por vuestro medio, siendo el fin, el que aprueba, i califica las obras.

Debaxo desta pintura avia otro quadro grande con esta dedicacion en nombre de la Aduana.

PHILIPPO II. LVSIT. AFR. ASIAT. OCEANICO PARENTI OPT. MERCVRIALIS SVA BASILICA PRAE GAUDIO, SVpra CONDITIONEM SVAM PVBLICE LOQVENS, IANO MEDIO PATRONO, ET MERCVRIO SVO FAVSTVM GRATV LATVR ADVENTVM. AD GENVA CADENS DEPRECATVR, VT QVI DATA ORBI PACE, PORTVS APERVIT, TERRAS COMMERCIO SOCIAVIT, CELEBRE HOC EMPORIVM FREQVENS DIGNETVR VISERE, ASPECTV SVO BEARE PROVEHERE NOSTRVM ERIT, QVIDQVID VBIQVE TELLVS FERT, SYDVS ALIT, INFORMAT INDVSTRIA, DITESCET PARENS PVBLICVS, EO IPSO QVOD NOS DITABIT,

Nos outros oito quadros se pintarão varios Emblemas significativos, todos da alegria e contentamento com que se recibia sua Magestade. Era o primeiro dos quatro que ficava à mão direita do Monte Parnaso, hum arvore grande carregada de pomos de Ouro, e alguns ramos do mesmo; representava esta arvore aquella que Atlante Rei de Africa tinha nos seus jardins guardado de Dragoés. do qual segundo pronosticarão os Oraculos seria senhor Perseo filho de Iupiter, como veio a ser. Este mesmo vaticínio cantou Ovidio nestos versos que estavam escritos ao pe do arvore.

TEMPVS ATLA VENIET TVA QVO SPOLIABITVR AVRO. ARBOR, ET HVNC
PRAEDAE TITVLVM IOVE NATVS HABEBIT

Tempo virão Atlante em que a tua arvore sera despojada do Ouro, e a gloria desta empresa tocara ao filho de Iupiter.

Em sua Magestade filho del Rei Dom Filipe I, o Prudente, como em Perseo filho de Iupiter, se cumprio este pronostico, por ser senhor do arvore de Atlante, que são as ricas minas do Monomotapa guardadas dos Dragoês de fogo, que para a Antiguidade foi a Zona Torrida, que abraça todas as riquezas de Africa, e porque a Clemência de sua Magestade he tal que depois de vencer ampara os vencidos, principalmente nesta sua Alfandega, onde os estrangeiros, e ainda os rebeldes, achão favor, e proteção: pintouse no segundo quadro para significar este pensamento huma mão Real com huma espada e hum cetro, e este verso do Poeta.

QVI VICIT VICTOS PROTEGIT ILLE MANV.

Com a mesma mão que vence, defende os vencidos.

Estavão pintadas no terceiro quadro as duas enemigas Deosas Iuno, e Palas, huma das riquezas, e a outra das armas, dadas as mãos em sinal de amizade, espalhando com as outras, Iuno dinheiro, e Palas armas, para significar as liberaes mãos com que sua Magestade premia serviços feitos na paz, e na guerra com as rendas da Alfandega, declarava este conceito dous versos de Marcial.

VT QVI FORTIS ERIT, SIT FELICISSIMVS IDEM, VT LAETI PHALERIS
OMNES, ET TORQVIBVS OMNES.

Para que o que for animoso seja tambem ditoso, e para que todos fiquem contentes com joias, e premios.

Pintouse no ultimo quadro desta parte a conjunção dos duos benignos Planetas Iupiter, e Venus, aqual influe grande fertilidade na terra, como de todos os bens podemos esperar maior abundancia, com a felicissima entrada de sua Magestade neste seu Reino, dizendo com Claudiano,

VER ERIT AETERNVM, PLACIDIQVE TEPENTIBVS AVRIS. MVLCEBVNT
ZEPHYRI NATOS SINE SEMINE FLORES.

Sera desde oje huma perpetua Primavera, e os campos per si mesmos ajudados dos brandos e temperados ventos se vestirão de cheirosas flores.

En los ocho quadros se pintaron varios Emblemas, significativos de la alegría, i contento, con que su Magestad era recebido. Era el primero de los quatro que quedavan à la mano derecha del monte Parnasso un arbol grande cargado de pomos de oro, i algunos ramos de lo mismo. Representava este arbol, el que Atlante Rei de Africa tenia en sus jardines guardado de Dragones de fuego, de la qual, segun pronosticaron los Oraculos, seria señor Perseo hijo de Iupiter, como vino a ser. Este mismo vaticinio cantò Ovidio en estos versos, que estavan escritos al pie del arbol.

TEMPVS, ATLA, VENIET, TVA QVO SPOLIABITVR AVRO ARBOR, ET
HVNC PRAEDAE TITVLVM IOVE NATVS HABEBIT.

Tiempo vendra, o Atlante, en que tu arbol sera despojada de su oro, i la gloria desta empresa tocarà al hijo de Iupiter.

En su Magestad hijo del Rei don Felipe el Prudente, como en Perseo hijo de Iupiter se cumplio este pronostico, por ser señor del arbol de Atlante, que son las preciosas i ricas minas de Monomotapa, guardadas de los Dragones de fuego, que para la Antigüedad fue la Zona torrida, que abraça todas las riquezas de Africa. I porque la clemencia del Rei nuestro señor es tal, que despues de vencer, ampara los vencidos, principalmente en esta su Aduana, donde los estrangeros, i aun los rebeldes hallan favor, i proteccion. Pintose en el segundo quadro, para significar este concepto una mano Real con una espada, i un ceptro, i este verso del Poeta.

QVA VICIT, VICTOS PROTEGIT ILLE MANV.

Con la misma mano que vence, defiende los vencidos.

Estavan pintadas en el tercero las dos enemigas Diosas Iuno, i Palas: la una de las riquezas: i la otra de las armas, dadas las manos en señal de amistad, esparziendo con las otras Iuno dineros, i Palas armas, para significar las liberales manos, con que su Magestad premia servicios hechos en la paz, i en la guerra con las rentas de la Aduana. Declarava este pensamiento dos versos de Iuvenal.

VT QVI FORTIS ERIT, SIT FELICISSIMVS IDEM, VT LAETI PHALERIS
OMNES, ET TORQVIBVS OMNES.

Para que el que fuere animoso, sea tambien dichoso, i para que todos queden contentos con joyas i premios.

Pintose en el ultimo quadro desta parte la conjuncion de los dos benignos planetas, Iupiter, i Venus, que influye gran fertilidad en la tierra, como de todos los bienes podemos esperar mayor abundancia, con la felicissima entrada de su Magestad en este Reino suyo, diziendo con Claudiano,

VER ERIT AETERNVM, PLACIDIQVE TEPENTIBVS AVRIS MVLCEBVNT
ZEPHYRI NATOS SINE SEMINE FLORES.

Sera desde oy una perpetua Primavera, i los campos por si mismos, ayudados de los blandos i templados aires se vestiran de olorosas flores.

Nos outros quatro quadros da mão esquerda do Monte Parnaso, se atribuiu com propriedade a sua Magestade, o que Iupiter disse à Venus, anunciandolhe as boas venturas de Augusto seu decendente, com estes versos, dos quaes se tiravão as almas dos Emblemas.

*Quid tibi Barbariem, gentesque ab utroque iacentes
Oceano numerum! quidquid habitabile tellus
Sustinet, huius erit, pontus quoque serviet illi
Pace data terris animum ad civilia vertet
Iura suum, legesque feret iustissimus auctor,
Exemploque suo mores reget. Inque futuri
Temporis aetatem, venturorumque nepotum
Prospiciens, prolem sancta de coniuge natam
Ferre simul nomenque suum, curasque iubebit.*

Continha o primeiro quadro, a madre dos Deoses Cibelle, e Deosa da terra, co-
rada de torres sentada em hum carro que tiravão Lioes, com esta letra.

QVIDQVID HABITABILE TELLVS SVSTINET, HVIVS ERIT.

Sera seu tudo, o que ha na redondeza da terra.

Mostravasse Tetis Deosa do Mar no segundo quadro metida em huma concha
levada de Golfinhos, e em competencia de Cibelle dizia.

PONTVS QVOQVE SERVIET ILLI.

Tambem ò servira o Mar.

No terceiro se pintou o Templo de Iano, cujas portas cerrava com cadeados a mão
de sua Magestade em sinal da paz em que sustenta todos os Reinos da sua Monarchia.
Dezião os versos seguintes.

PACE DATA TERRIS, ANIMVM AD CIVILIA VERTIT IVRA SVVM, LEGES-
QVE FERET IVSTISSIMVS AVTOR.

Pacificada de todo a terra se empregara em estabelecer leis, e firmar ò direito civil,
sendo sempre justissimo legislador.

No quadro ultimo estavam as Parcas fiando branquissimas estrigas com que mos-
travão a larga, e gloriosa vida que prometião a sua Magestade, e ao Principe Nosso
Senhor, para o que vierão mui a proposito os últimos versos.

INQVE FVTVRI TEMPORIS AETATEM. VENTVRORVMQVE NEPOTVM
PROSPICIENS, PROLEM SANCTA DE CONÍVGE NATAM. FERRE SIMVL,
NOMENQVE SVVM CVRASQVE IVBEBIT.

E na posteridade dos futuros seculos, e idade de seus netos vera seu filho nacido de
huma santa mai, estender e dilatar seu nome até os últimos fins da terra.

En los otros quatro quadros de la mano izquierda del monte Parnaso se atribuyò con propiedad a su Magestad, aquello que Iupiter dixo à Venus, anunciandole los buenos sucessos de Augusto Cesar descendiente suio, el qual seria en la posteridad señor de la Mar, i de la Tierra, Legislador pacifico del Mundo, con largos años de vida suia, i de sus nietos, en estos versos, de los quales se formaron las almas de los Emblemas.

*Quid tibi Barbariem, gentesque ab utroque iacentes
Oceano numerem? Quidquid habitabile tellus
Sustinet, huius erit, Pontus quoque serviet illi,
Pace data terris animum ad civilia vertet
Iura suum, legesque feret iustissimus author.
Exemploque suo mores reget, inque futuri
Temporis aetatem, venturorumque nepotum
Prospiciens, prolem sancta de coniuge natam
Ferre simul nomenque suum, curasque iubebit.*

Contenia pues el primer quadro la madre de los Dioses Cibele, i Diosa de la Tierra, coronada de Torres, sentada en un carro, que tiravan Leones con esta letra.

QUIDQUID HABITABILE TELLVS SVSTINET, HVIVS ERIT.

Sera suio, todo aquello que ai en la redondez de la tierra.

Mostravase Tetis Diosa de la Mar en el segundo quadro, metida en una concha llevada por Delfines, i en competencia de Cybele dezia:

PONTVS QVOQVE SERVIET ILLI.

Tambem le servira la Mar.

En el tercero se pintò el Templo de Iano, cuias puertas cerrava con candados la mano de su Magestad, en señal de la Paz, en que sustenta todos los Reinos de su Monarquía, dezian los versos siguientes.

PACE DATA TERRIS ANIMVM AD CLVILIA VERTET IVRA SVVM, LEGES-
QVE FERET IVSTISIMVS AVTHOR.

Pacificada de todo la tierra se empleara en establecer leyes, i firmar el Derecho civil, siendo siempre justissimo Legislador.

En el quarto i ultimo quadro estavan las Parcas hilando blanquissimo estambres, con que señalavan la gloriosa i dilatada vida, que prometen à su Magestad, i al Principe nuestro señor, para lo qual vinieron à proposito los ultimos versos.

INQVE FVTVRI TEMPORIS AETATEM, VENTVRORVMQVE NEPOTVM
PROSPICIENS, PROLEM SANCTA DE CONIVGE NATAM, FERRE SIMVL,
NOMENQVE SVVM, CVRASQVE IVBEBIT.

I en la posteridad de los futuros siglos, i edad de sus nietos vera su hijo nacido de una madre santa estender, i dilatar su nombre hasta los ultimos fines de la tierra.

Entreteve-se sua Magestade vendo com gosto este espectáculo da Alfandega em quanto a Real dava fondo, e da sua Popa ao Caez se deitava huma pequena ponte. Desembarcou por ella sua Magestde, e Suas Alteças (como se representa no desenho seguinte retrato ao natural da parte de Lisboa, e do terreiro do Paço com os Arcos que nelle se levantarão, que da Real se descobria) com grande salva de artilheria, arcabuzeria, e musica da Real, e das outras Galès, à que responderão com outras semelhantes todos os Navios que estavão no Porto mui embandeirados, e o Castello, ajudando por este modo os dous elementos, Ar, e Fogo, a festejar a desejada, e venturosa entrada do grande Monarcha, na mais nobre, leal, e illustre Cidade do seu Imperio, como pouco antes se avia celebrado no Mar, e logo com Augusto triunfo se avia de solenizar na terra. Aguardava no Caez à el Rei toda a nobreza de Portugal com mui custosas galas ornadas com joias de inestimavel valor: não vio a India tantas Perolas, Rubis, e Diamantes juntos como os que neste grande dia tirarão os Portugueses conquistadores do Oriente; não forão menos galantes, e custosas as libres dos criados, cuja multidão, e variedade de cores agradava notavelmente a vista. Estava toda a praça do Paço que he grandissima tam chea de coches, cavallos, e innumeravel povo, que se não podia atravessar por ella.

Logo que sua Magestade pòs os pes no Caez chegou a Camara de Lisboa com todos os seus officiaes, que erão o seu Presidente João Furtado de Mendoga, do Conselho de sua Magestade, os quatro Vereadores, Desembargadores da casa da supplicação, Antonio Pinto do Amaral, João de Frias Salazar, Gileanes da Silveira, e Pedralvarez Sanchez, Christovão de Magalhães Escrivão da Camara, Pero Vaz de Villasboas, e Pero Borges Procuradores da Cidade, Iorge Vicente, António Fernandez, Manoel de Aguiar e Bento Dinis Procuradores dos mesteres della. Levavão o Presidente e os quatro Vereadores varas douradas nas mãos, vestião garnachas de Cetim negro aprensado guarneçadas de passamanos de Ouro, e prata, forradas em tela de prata (cores branco e negro da Cidade) calças de obra com forros de tela, e da mesma os juboés, roupetas de Cetim negro mui bem guarneçadas com ricos botões de Diamantes como erão as cadeas e concerto das gorras. Os demais officiaes da Camara levavão varas vermelhas, vestidos de seda negra com muito feitio. Postos todos de giolhos diante de sua Magestade (avendo deixado as varas pouco antes de chegar à elle) tomou o Presidente duas chaves douradas das portas da Cidade de huma salva dourada em que as levava João de Sousa Pereira Veedor das obras de Lisboa, e beijadas as deu á sua Magestade, dizendo estas palavras.

Esta mui nobre, e leal Cidade de Lisboa entrega à Vossa Magestade as chaves de todas as suas portas, juntamente os leaes corações, vidas, e averes, para tudo aquillo que for do serviço de Vossa Magestade.

El Rei com mui alegre sembrante as tomou, e tornou à dar ao Presidente, dizendo.

Yo os agradezco mucho lo que me dezis, recibo las llaves que me entregais, i os las doi à vos para que las tengais.

Recebeoas o Presidente, e as tornou à dar ao Veedor das obras, que as levou sempre na mão levantadas em alto. Tomou logo sua Magestade o cavallo (que lhe deu o Marques de Flores de Avila, seu primeiro Estribeiro, e Gentilhomem da Camara do Principe Nosso Senhor) e posto nelle lhe beijou a mão o Presidente, e os mais officiaes da Camara por suas antiguidades. Acabada esta cerimonia começou a andar sua Magestade: era o seu vestido negro de seda, calças, roupetas, e ferragoilo guarnecido, botões de Ouro, chapeo

Mirava su Magestad con gusto este espectaculo de la Aduana, en quanto la Real dava fondo, i del muelle à la Popa della se echava una pequeña puente por ella: desembarcò su Magestad, i sus Altezas (como se representa en el diseño siguiente, retrato al natural de la parte de Lisboa, i de la plaça de Palacio, con los arcos en ella levantados, que de la Real se descubria) con grande salva de artilleria, arcabuzeria, i musica de la Real, i de las otras galeras à que respondieron con otras semejantes todos los navios, que estavan en el puerto, que eran muchos, i el castillo de la ciudad ayudando por este modo los dos Elementos Fuego, i Aire, a festejar la desseada, i venturosa entrada del gran Monarca en la mas noble, leal, e ilustre ciudad de su Imperio, como poco antes se avia celebrado en la mar, i luego con Augusto triunfo se avia de solenizar en la tierra. Aguardava en el muelle a su Magestad la nobleza de Portugal con muy ricas galas, adornadas con joyas de inestimable precio: no vio la India tantas perlas, rubies, i diamantes juntos, como los que en este gran triunfo de su Magestad sacaron los Portugueses sus vassallos, conquistadores del Oriente. No fueron menos costosas las libreas, que con la multitud, i variedad de sus coloores agradaron notablemente à la vista. Estava toda la plaça de Palacio, que es grandissima, i confina con la marina, tan llena de coches, cavallos, i de innumerable pueblo, que no se podia atravesar por ella. Luego que su Magestad puso los pies en el muelle, llegò el Ayuntamiento de la ciudad, que llaman la Camara, i su Presidente Iuan Furtado de Mendoça, del Consejo de su Magestad, con quatro Oidores del Consejo Real, que en este cargo tienen nombre de Vereadores, i eran Antonio Pinto de Amaral, Iuan de Frias Salazar, Gileannes de Silveira, i Pedralvarez Sanchez, Christoval de Magallanes Escrivano de la misma Camara, Pero Vaz de Villasboas, i Pero Borges Procuradores de la ciudad, Iorge Vicente, Antonio Fernandez, Manuel de Aguiar, i Bento Dinis Procuradores de los mesteres della. Llevavan el Presidente, i los quatro Vereadores varas doradas en las manos, vestian garnachas de raso negro aprensado guarnecidas de passamanos de oro i plata, forradas en tela de plata (colores blanco y negro de la Ciudad) calças de obra con entre telas de tela, i de la misma los jubones, ropillas de raso negro muí bien guarnecidas con ricos botones de diamantes como eran las cadenas, i el adereço de las gorras, los demas oficiales de la Camara llevavan varas coloradas, ivan vestidos de seda negra de costosa hechura. Puestos todos de rodillas delante de su Magestad (aviendo dexado las varas poco antes de llegar a el) tomò el Presidente dos llaves doradas de las puertas de la ciudad de una salva dorada, en que las llevaba Iuan de Sosa Pereira, Veedor de obras de la ciudad, i besadas las dio à su Magestad, diziendo estas palabras.

Esta mui noble e leal cidade de Lisboa entrega à Vossa Magestade as chaves de todas suas portas, juntamente os leões corações, vidas e averes, para tudo aquillo, que for do servicio de Vossa Magestade.

El Rey con mui alegre semblante las tomò, i bolvio à dar al Presidente, diziendo:

Yo os agradezco mucho lo que me dezis, recibo las llaves, que me entregais, i os las doi à vos para que las tengais.

Recebiolas el Presidente, i las tornò à dar al Veedor de las obras, que las llevò siempre en la mano levantadas en alto. Tomò luego su Magestad el cavallo (que le dio el Marques de Flores Davila su primer Cavallerizo, i Gentilhombre de la Camara del Principe nuestro señor) i puesto en el le beso la mano el Presidente, i los demas oficiales referidos de la Camara por sus antigüedades. Acabada esta ceremonia começò a hazer el passeio su Magestad, era su vestido negro de seda, calças, ropilla, i ferreruero guarnecido, botones de oro, sombrero

de tafeta com cintilho de Diamantes, plumas negras, botas com calcetas, espada e esporas douradas, levava o cavallo de redea Dom Garcia de Castro em ausencia de Dom Alvaro Pirez de Castro Conde de Monsanto, que como Alcaide maior de Lisboa, ouvera de fazer este officio. O Caez estava cuberto de ervas e flores cheirosas que parecia hum deleitoso jardim. Guiavão o acompanhamento os dous Procuradores da Cidade, que para este effeito se passarão diante, à que seguiam muitas danças das regateiras; hião mui bem vestidas de seda com muitas cadeas de Ouro, e jóias: levavão nas mãos arcos cubertos de flores, e frutas de cera, lavradas, com tanta arte, e propriedade, que nenhuma differença fazião das naturaes. Dançavão com estes Arcos mui concertadamente ao som de vários instrumentos. Avia outra muita diversidade de danças, musicas de homens, e mulheres, muchachos, folias, e pelas ricamente adereçadas, que todos hião festejando e celebrando hum tam desejado dia. Seguião os oito Maceiros de prata, e os Reis de Armas, Arautes, e Pasavantes huns, e outros a cavallo. Logo os officiaes, e ministros da Iustiza da Corte, e Cidade. Depois os Fidalgos, Alcaldes maiores, Conselheiros, e senhores de terras. Detrás delles hião os officiaes da casa Real de Portugal, que servem com canas: erão Dom João de Almeida, que fez officio de Veedor em ausencia do proprietário Dom Iorge Mascarenhas, que estava servindo de Capitão de Mazagão, Luis de Mello Porteiro maior, e Dom Martinho Soarez de Alarcão, que servia de Mes-tresala. Seguião os Condes (que vão nomeados sem precedencia, como a não guardarão no acompanhamento) o de Atalaia Dom Francisco Manoel, o da Vidigueira Dom Francisco da Gama Almirante da India do Cõselho de Estado, o de Tarouca Dom Duarte de Meneses, o da Castanheira Dom Manoel de Ataide, Enrique de Sousa Conde de Miranda, do Conselho de Estado, Dom Miguel de Noronha Conde de Linhares, Dom Manoel de Castelbranco Conde de Villanova, do Conselho de Estado, Dom Francisco de Castelbranco Conde de Sabugal, Meirinho maior de Portugal, Dom Pedro de Meneses Conde de Cantanhede, João Gonçalvez de Ataide Conde de Atouguia, Simão Gonçalvez da Camara, Conde de Calheta Capitão da Ilha da Madeira, Dom Diogo da Silva Conde de Portalegre, Luis Alvarez de Tavora Conde de São João, Dom Martinho Mascarenhas Conde de Santa Cruz, Capitão dos Ginetes, Dom Afonso de Portugal Conde do Vimioso, Dom Estevão de Faro Conde de Faro, do Conselho de Estado, e Veedor da Fazenda. Detras dos Condes hião tres Marqueses que se acharão presentes, o de Ferreira Conde de Tentugal, Dom Francisco de Mello, Dom Diogo da Silva Marques de Alanquer, Duque de Francavilla, Visorrei que avia sido de Portugal, Capitão geral da gente de guerra delle, do Conselho de Estado, e Veedor da Fazenda do mesmo Reino, e Dom Manoel de Moura Cortereal, Marques de Castelrodrigo, Conde de Lumiares, Gentilhomen da Camara de sua Alteza, e Comendador maior de Alcantara, o ultimo era Dom Manrique da Silva Conde de Portalegre, Mordomo maior de sua Magestade, que por razão do seu officio hia diante del Rei, e ao seu lado dereito junto da primeira vara do Palio, hião Manoel de Vasconcellos Regedor da Iustiza, e Diogo Lopez de Sousa, Governador da casa do Porto, ambos com suas varas grossas nas mãos insignias de seus officios, e diante delles pelo mesmo lado os Desembargadores da casa da Suplição. Cerravão o acompanhamento de huma, e outra parte as guardas Espanhola, e Alemãa, e era tam grande a multidão destes Senhores, e Fidalgos todos á pee, e descubertos, que não indo entre elles seus criados, os dianteiros chegavão a mais do meio do caminho que ha do Caez à See, que he de 620 passos Geometricos, não avendo sua Magestade chegado ao primeiro Arco dos Mercadores.

de tafetan con cintillo de diamantes, i plumas negras, botas con calcetas, espada y espuelas doradas. Llevava el cavallo de rienda Don Garcia de Castro en ausencia de Don Alvaro Pirez de Castro Conde de Monsanto, que como Alcaide maior de Lisboa que es, huviera de hazer este oficio. El muelle estava sembrado de yervas y flores olorosas, con que representava un deleitoso vergel. Guiavan al acompañamiento los dos Procuradores de la ciudad, que se passaron adelante para este efeto. Seguianle muchas danças de Regateras: ivan mui compuestas, vestidas de seda con muchas cadenas de oro, i joyas, llevavan en las manos arcos cubiertos de flores, i frutas de cera, lavradas, con tanta arte i propiedad, que ninguna diferencia hazian del natural, dançavan con estos arcos mui concertadamente al son de varios instrumentos. Avia otra mucha diversidad de danças i musicas de hombres i muchachos, foliones i pelas de hermosas niñas ricamente adereçadas, que todos ivan regozijando, i celebrando un tan desseado dia. Seguian ocho maceros de plata, i otros tantos Reies de armas, Arautes, i Passavantes con cotas de las armas de Portugal, unos, i otros à cavallo: luego los ministros i oficiales de la justicia de la Corte, i de la ciudad, i despues la nobleza deste Reino à pie, i descubierta, que en numero della se echò bien de ver la grandeza del: era de los Cavalleros, Alcaldes mayores, Consejeros, i señores de tierras. Detrás dellos ivan los oficiales de la casa Real de Portugal, que sirven con cañas: estos eran Don Iuan de Almeida, que hazia el oficio de Veedor en ausencia del propietario Don Iorge Mascareñas, que estava sirviendo de Capitan de Mazagan, Luis de Melo Portero mayor, i Don Martin Suarez de Alarcon, que servia de Maestresala. Seguian los Condes [que van nombrados sin precedencia, como no se guardò en el acompañamiento] El de Atalaya Don Francisco Manuel, el de Vidigueira Don Francisco de Gama Almirante de la Índia, del Consejo de Estado de su Magestad, el de Tarouca Don Duarte de Menesses, el de Castañeira Don Manuel de Ataide, Enrique de Sousa Conde de Miranda, del Consejo de Estado: Don Miguel de Noroña Conde de Liñares, Don Manuel de Castelblanco Conde de Villanova, del Consejo de Estado: Don Francisco de Castelblanco Conde de Sabugal, Merino mayor de Portugal: Don Pedro de Menesses Conde de Castañede, Iuan Gonçalez de Ataide Conde de Atouguia, Simon Gonçalez de Camara, Conde de Calleta, Capitan de la Isla de la Madera: Don Diego de Silva Conde de Portalegre, Don Estevan de Faro Conde de Faro, del Consejo de Estado de su Magestad, i Veedor de su Real hacienda: Luis Alvarez de Tavora Conde de San Iuan, Don Martin Mascareñas Conde de Santacruz, Capitan mayor de los Ginetes, i de la guardia de à cavallo de su Magestad: Don Alonso de Portugal Conde de Vimioso. A los Condes seguian tres Marqueses, que se hallaron presentes en este gran triunfo: el de Ferreira Conde de Tentugal, Don Francisco de Melo, Don Diego de Silva Marques de Alanquer, Duque de Francavila, Virrey que avia sido de Portugal, Capitan general de la gente de guerra, del Consejo de Estado, i Veedor de la hacienda en el mismo Reino: i Don Manuel de Moura Cortereal, Marques de Castelrodrigo, Conde de Lumiares, Gentilhombre de la Camara de su Alteza, i Comendador mayor de Alcantara. El ultimo era Don Manrique de Silva Conde de Portalegre Mayordomo mayor de su Magestad, que por razon de su oficio iba con su baston delante del Rei: a cuyo lado derecho junto a la primera vara del palio, ivan Manuel de Vasconcelos Regidor de la Iusticia de Portugal (que es lo mismo, que Presidente del Consejo Real que reside en Lisboa, llamado Casa de la suplicacion) i Diego Lopez de Sousa Governador de la Chancilleria de o Porto, entrambos con sus bastones gruesos en las manos, insignias de sus oficios: i delante dellos por el mismo lado los Oidores del mismo Consejo Real. Cerravan el acompañamiento de una i otra parte las guardas Española, i Alemana, i era tan grande la multitud de los Señores i Cavalleros, que (sin criados que no les acompañavan) llegavan los delanteros à la mitad del camino, que ai del muelle à la Iglesia mayor, que es de seiscientos i veinte passos Geometricos, no aviendo su Magestad salido del muelle.

ARCO DOS HOMENS DE NEGOCIOS DE LISBOA.

Onde se terminava o Caez levantarão os homes de negócios Portugueses desta Cidade hum Arco triunfal tam sumptuoso, e de tanta grandeza, e magestade, quanto para receber hum tamanho Monarcha era conveniente, e necessario. Era o edificio quadrado de 60. palmos cada lado delle, da traça que no desenho se representa, mostrava toda a obra ser lavrada de jaspes vermelhos, marmores brancos, e Ouro. Avia quatro arcos de 50. palmos de alto cada hum, e 2.5. de largo. Os quatro lados erão dedicados às quatro Virtudes, Prudencia, Fortaleza, Liberalidade, e Religião, e às quatro partes do Mundo Europa, Africa, Asia, Mundo novo chamado vulgarmente America. A cada huma destas quatro virtudes acompanhava hum Rei de Portugal nella insigne; e no grosso do Arco que lhe correspondia avia dous actos da mesma Virtude exercitados por algum Rei ou fidalgo Portugues, e na volta do arco dous Emblemas ao mesmo proposito.

Era o lado do Meiodia o posto ao Mar, e no qual se acabava o Caez, o primeiro por onde avia de passar sua Magestade dedicado à Prudencia, e à America, era esta huma estatua de madeira de doze palmos de alto de perfeita escultura fingida de Marmore branco, a roupa perfilada de Ouro (como erão todas as outras estatuas desta grande maquina) estava no nicho que no debuxo se mostra sobre o pedestal em que se via escrito o seu nome. A maior parte desta figura nua hum arco e frechas em huma mão, e a outra arrimada a hum escudo em que estava pintado hum Caimão, animal proprio desta Região. O lugar da Prudencia era entre duas colunas sobre hum pedestal guarnecido de Ouro, no qual se lia.

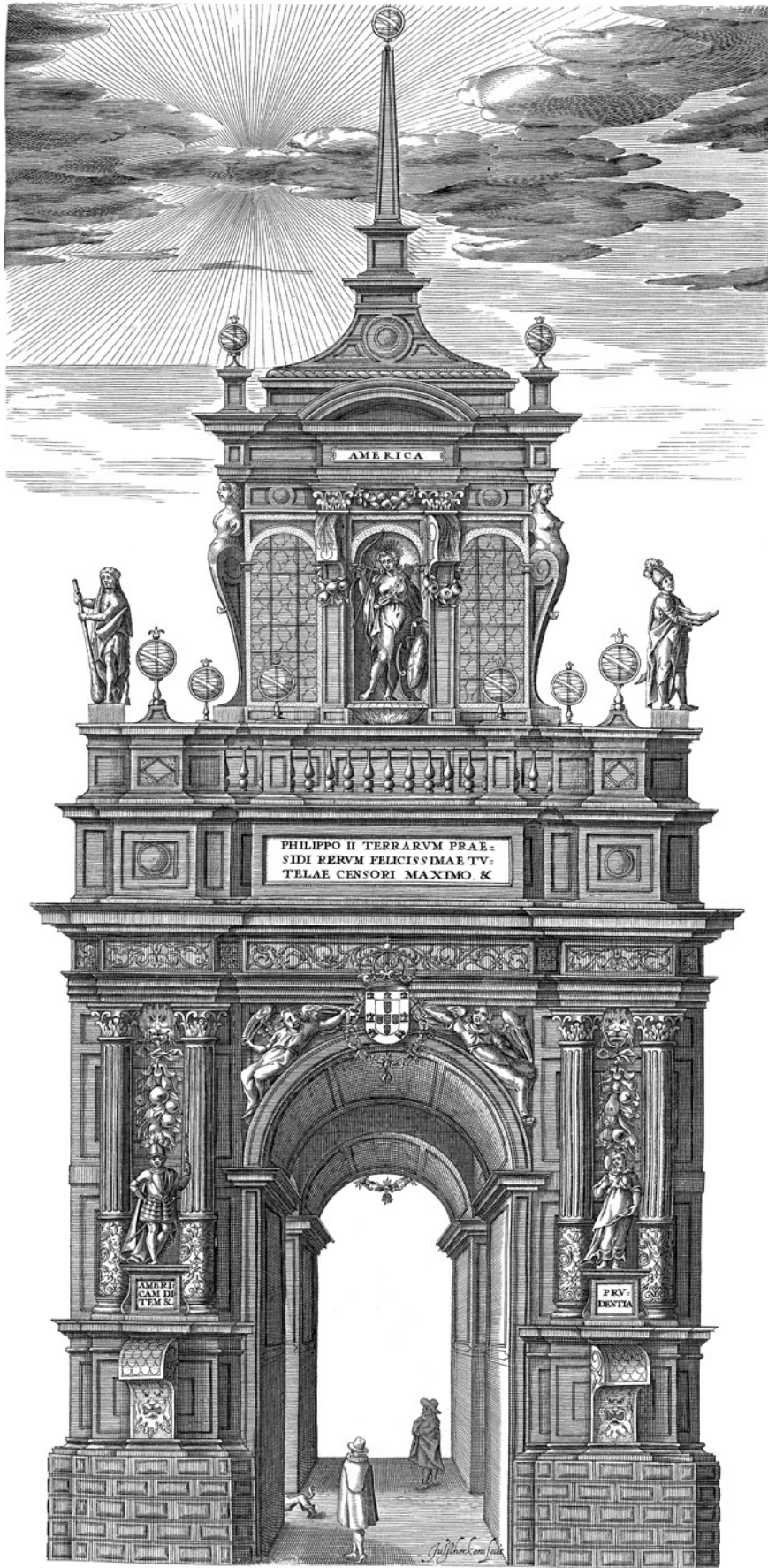
PRVDENCIA.

Tinha na mão direita hum Espelho em que se olhava, e na esquerda hum livro; acompanhava a Prudencia da outra parte entre as outras duas colunas a Estatua del Rey Dom Filipe I. armado com hum bastão na mão, e no pedestal sobre que tinha os pees estavam estes dous Disticos.

AMERICAM DITEM GEMMIS AVROQVE FLVENTEM QVAESIVI IMPERIO,
CHARE PHILIPPE TVO. PERGE IDEO, ET VICTOR TANDEM PREME BAR-
BARA COLLA NAM PARS QVARTA ORBIS DEBITA IVRE TIBI.

America rica de Ouro, e pedras preciosas acrecentei ao vosso Imperio, amado filho Filipe, por tanto passai adiante oprimindo vencedor as barbaras cabeças que para vossas vitorias, de direito sè guarda o vltimo do Mundo.

Atribuiose America a el Rei Dom Filipe I. por ser aparte em que mais se dilatou o seu Imperio; encima do meio deste Arco pendião as armas Reaes de Portugal, que sostinhão dous Anjos de cor de bronze, e sobre ellas estava esta dedicação.



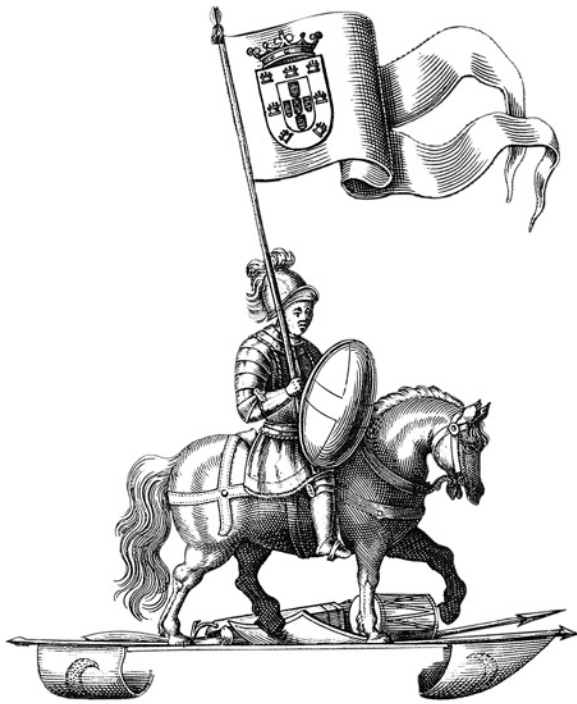
AMERICA

PHILIPPO II TERRARVM PRÆ-
SIDI RERVM FELICISSIMAE TV-
TELÆ CENSORI MAXIMO. &

AMERI-
CAM DE-
TELÆ &

ERV-
DENTIA

Guiljelmskens sculp.



ARCO DE LOS HOMBRES DE NEGOCIOS DE LISBOA.

Donde se terminava el muelle levantaron los hombres de negocios Portugueses desta ciudad un arco triunfal tan sobervio, quanto para recibir un tan gran Monarca, era conveniente i necessario. Era el edificio quadrado de sesenta pies cada lado, de la traça que se representa en el diseño: toda la obra mostrava ser lavrada de jaspe colorado, oro i marmol blanco. Avia quatro arcos de cinquenta pies de alto cada uno, i veinticinco de ancho. Los quatro lados eran dedicados à quatro virtudes, Prudencia, Fortaleza, Liberalidad, i Religión, i à las quatro partes del Mundo, Europa, Africa, Asia, i Nuevo mundo, llamado vulgarmente America. A cada una de las quatro virtudes acampañava un Rei de Portugal insigne en ella, i en el grueso del arco que le correspondia, avia dos actos de la misma Virtud, exercitados por algun Rei, ò Cavallero Portugues, i en la buelta del arco dos Emblemas al mismo proposito.

Era el lado que mirava à la marina, el primero que se ofrecia à la vista, i por cuyo arco avia primero de passar su Magestad: este se dedicava à la Prudencia, i à la America. Era esta una estatua de madera de doze palmos de alto, de perfeta escultura, fingida de marmol blanco, la ropa perfilada de oro (como todas las demas estatuas desta gran maquina) estava en el nicho, que en el diseño se muestra sobre el pedestal, en se veia escrito con grandes letras AMERICA, la mayor parte del cuerpo desta figura desnudo, un arco i flechas en una mano, i la otra arriada à un escudo, en que estava pintado un Caiman, animal propio de esta Region. El lugar de la Prudencia era entre dos columnas sobre un pedestal huanecido de oro, en el qual se leia. PRVDENCIA. Tenia en la mano derecha un espejo de dos Lunas, en que se mirava, i en la izquierda un libro. Acompañava à la Prudencia de la otra parte entre las otras dos columnas la estatua del Rei don Felipe II i primero de Portugal, armado con un baston en la mano, i en el pedestal, sobre que tenia los pies, estaban estos quatro versos.

AMERICAM DITEM GEMMIS, AVROQVE FLVENTEM QVAESIVI IMPERIO,
CHARE PHILIPPE, TVO. PERGE IDEO, ET VICTOR TANDEM PREME BAR-
BARA COLLA NAM PARS QVARTA ORBIS DEBITA IVRE TIBI.

La America rica de oro i piedras preciosas añadi à vuestro Imperio, o hijo amado Felipe, por tanto passad adelante, oprimiendo vencedor los Barbaros cuellos, que para vuestras vitorias de derecho se guarda lo postrero del Mundo.

La America se atribuyò al Rei Don Felipe II por ser parte, en que mas se dilatò su Imperio. En las enxutas deste arco, como en los otros tres, avia dos Angeles de color de bronze, que sostenian con las manos las armas Reales de Portugal, i encima estava esta dedicacion.

PHILIPPO II. TERRARVM PRAESIDI, RERVM FELICISSIMAE TVTELAE,
 CENSORI MAX. SVB QVO VERE PATRE AGIT FILIA VNA PATRIA
 ATTESTANTE HIC AMICE RESIDENTIVM POPVLORVM VOCE VNA;
 PRINCIPVM PRINCIPI, INTERIVS MENTIVM SVSCIPIENTI,
 NEGOTIATORVM OLISIPONENSIS HAEC MANVS, VT QVAE DEVINCTIOR
 GRATVLATVM PRAEIT, ET SACRATVM HOC PEGMA GAVDII SYMBOLVM,
 ET ANIMORVM.

A Filipe II. presidente e amparo felicissimo do mundo, Iuiz supremo, debaixo de cujo governo verdadeiramente de pai, vive sua filha huma so patria, por uniforme testemunho de varios povos aqui amigavelmente residentes. Os homens de negocios de Lisboa juntos, como mais obrigados se adiantão à darlhe o parabém de sua vinda, e ofrecer esta maquina em final de seus animos, e contentamento.

Em hum dos grossos deste Arco estava pintado de cor de bronze a eleição que o Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira fez de Dom Afonso filho natural del Rei Dom Ioão o I. (deixando por elle o Infante Dom Duarte legitimo, e primogenito, que o mesmo Rei lhe offerecia) para casar com Dona Britiz Pereira sua filha unica e herdeira de seu Eltado, como em effeito se casou, por não extinguir a sua casa entrando na Real, e se conservasse sua memoria como se ha perpetuado até agora na casa de Bragança, erdeira de toda a do Condestabre, que he a maior parte do que ella possue. ao pee deste quadro avia este Distico.

LEGITIMVM RENVIT COMES INCLYTVS, ACCIPIT ILLVM QVEM
 NATVRA DEDIT, SIC MANET ALTA DOMVS.

O ínclito Conde não admitindo o legitimo recebeo o natural, para que assi se conservasse a sua casa.

E no alto estava este.

ACQVIRIT FORTIS, PRVDENS BENE COMMODA SERVAT VINCERE SCIT
 FORTIS, PROVIDET AT SAPIENS.

Não he menos fortaleza adquirir que vencer, nem menos prudencia guardar, que prevenir.

A empresa ordenada ao mesmo fim pintada na volta do Arco desta parte, era huma arvore grande tiunha hum ramo cortado, e sentido para o enterrar, dezia a letra.

VT ALTERA CRESCAT MIHI.

Para que seja outra, e creça para mi.

Entendendo pela arvore grande a el Rei Dom Ioão, pelo ramo seu filho natural Dom Afonso, no qual ramo se enxertou a casa do Condestabre.

No outro grosso do mesmo Arco se via pintado da mesma cor de bronze o successo que aconteceu à el Rei Dom Ioão II. o qual rondando huma noute a Cidade achou hum Alcaide fazendo hum furto, que reconhecido por el Rei sem se deixar conhecer, ao outro dia o castigou; dezia o distico que estava debaixo desta pintura.

PHILIPPO II. TERRARVN PRAESIDI, RERV FELICISSIMAE TVTELAE, CENSORI MAX. SVB QVO VERE PATRE AGIT FILIA, VNA PATRIA ATTESTANTE HIC AMICE RESIDENTIVM POPVLORVM VOCE VNA PRINCIPVM PRINCIPI INTERIVS MENTIVM SVSCIPIENTI, NEGOTIATORVM OLISPONENSIS HAEC MANVS, VT QVAE DEVINCTOR GRATVLATVM PRAEIT, ET SACRATVM HOC PEGMA GAVDII SYMBOLVM, ET ANIMORVM.

A Felipe II. Presidente i amparo felicissimo del Mundo, juez supremo, debaxo de cuyo gobierno, verdaderamente de padre, vive su hija una sola patria, por uniforme testimonio de varios pueblos, aqui amigablemente residentes. Los hombres de negocios de Lisboa juntos, como mas obligados, se adelantan á darle el parabien de su venida, i ofrecer esta maquina en señal de sus animos, i contento.

En uno de los gruesos deste arco estava pintado de color de bronce la eleccion que el Condestable de Portugal Don Nuño Alvarez Pereire hizo de Don Alonso, hijo natural del Rei don Iuan el Primero, dexando por el al Infante Don Duarte, legitimo, i primogenito, que el mismo Rei le ofrecia, para casar con Doña Beatriz Pereira su hija unica i heredera, como se casò, por no estinguir su casa, entrando en la Real, i se conservasse su memoria, como se ha perpetuado hasta oy en la Casa de Bragança, heredera de todo el Estado del Condestable, que es la mayor parte de lo que ella posee: al pie deste quadro avia este distico.

LEGITIMVM RENVIT COMES INCLYTVS, ACCIPIT ILLVM, QVEM NATVRA DEDIT, SIC MANET ALTA DOMVS.

El ínclito Conde, no admitiendo al legitimo, recibeo al natural, para que assi su Casa se conservasse.

I en lo alto estava este.

ACQVIRIT FORTIS, PRVDENS BENE COMMODA SERVAT VINCERE SCIT FORTIS, PROVIDET AT SAPIENS.

No es menos fortaleza adquirir, que vencer; ni menos prudencia guardar, que prevenir.

La empresa ordenada al mismo fin, pintada en la buelta del arco, era un arbol grande, tenia un ramo cortado, i hendido, para enxerirle, dezia la letra.

VT ALTERA CRESCAT MIHI.

Para que sea otra, i crezca para mi.

Entendiendo por el arbol grande al Rei don Iuan, por el mramo su hijo natural Don Alonso, en el qual ramo se enxirio la Casa del Condestable.

En el otro grueso del dicho arco se veia pintada de la misma color de bonze el sucesso que acaecio al Rei don Iuan II el qual rondando una noche la ciudad, hallò à un Alguazil haziendo un hurto, que reconocido por el Rei, sin dexarse conocer, al otro dia le castigò: dezia el distico, que estava abaxo de la pintura.

REX PRVDENS VIGILAT, DAMNA IMPENDENTIA VITAT, HAEC NAM
SVNT REGIS MVNERA VERA BONI.

El Rei prudente não dorme por evitar os danos iminentes, e cumprir com os
verdadeiros officios de bom Rei.

E o que estava encima.

O PIA BLANDA COMES PRVDENTIA PROVIDA FAVTRIX QVAE VIGILAS
ALIIS IMMÉMOR IPSA TVI.

O Prudencia pia, e aprazível companheira, e favorecedora provida, que esquecida de
ti para outros es sempre vigilante.

A empresa na volta do Arco desta parte era huma lanterna acesa com esta letra.

SIC OCCVLTA CERNVNTVR.

Desta maneira se veem as cousas occultas.

A fachada Oriental que respondia a Alfandega, era dedicada à Fortaleza, e à Afri-
ca estava a sua estatua no nicho, cuberta somente adianteira do seu corpo com hum
pequeno pano, tinha na mão arco, e frechas armas ordinarias de seus habitadores, e na
outra hum escudo com a divisa de hum Elefante, e no pedestal escrito o seu nome. O
lugar da Fortaleza era entre as duas colunas, como o da Prudencia, representava huma
donzella robusta affirmando un braço sobre hum pedaço de coluna, os pes sobre hum
trofeo, na mão huma meia lança, e no pedestal seu nome.

Da outra parte entre as outras duas colunas estava el Rei Dom João o primeiro
armado, a Cruz de Avis nos peitos de que foi Mestre antes de Rei, a mão direita pos-
ta na espada, e abaixo delle se lião estes versos.

AFRICA, CVI QVONDAM INTVLERAM BELLA HORRIDA VICTOR, OPPI-
DA MAVRA MEA CVM CECIDERE MANV. NVNC O TERRARVM REX
INCLYTE SVMME PHILIPPE SENTIAT IMPERII FRAENA IVGVMQVE TVI.

Africa a qué antigamente fiz cruel guerra conquistando com minha vitoriosa mão
lugares della, sinta agora, o gram Filipe, Rei inclito do mundo o freio, e jugo do
vosso Imperio.

No alto, no lugar onde na primeira fachada estava a dedicação avia estoutra com
estes dous disticos.

ARDVA CONSVRGENS OPEROSO PONDERE MOLES SERVIT IN AD-
VENTVM MAGNE PHILIPPE TVVM. MERCATORVM ANIMOS ARS SI
FINXISSET IN ILLA HAC FORET IN TOTO PVLCHRIVS ORBE NIHIL.

Esta gram machina levantada com custoso trabalho, serve ò gram Filipe à vossa
vinda, e se com a arte se puderão representar os animos dos Mercadores, não ouvera
no mundo cousa mais perfeita.

REX PRVDENS VIGILAT, DAMNA IMPENDENTIA VITAT, HAEC NAM
SVNT REGIS MVNERA VERA BONI.

El Rei prudente no duerme, por evitar los daños inminentes, i cumplir con los verdaderos oficios de buen Rei.

I el que estava encima.

O PIA BLANDA COMES, PRVDENTIA PROVIDA FAVTRIX, QVAE VIGILAS
ALIIS, IMMEMOR IPSA TVI.

O Prudencia pia, i apazible compañera i favorecedora provida que olvidada de ti misma para otros eres siempre vigilante.

La empresa en la buelta del arco desta parte era una linterna con esta letra.

SIC OCCVLTA CERNVNTVR.

Desta manera se veen las cosas ocultas.

La fachada Oriental que respondia al Aduana, era dedicada á la fortaleza, i à Africa, estatua su imagen en el nicho desnuda, ceñida solamente la delantera con un pequeño paño, tenia en una mano arco i flechas, armas ordinarias de sus habitantes, i en la otra un escudo con la devisa de un Elefante, i en el pedestal escrito su nombre.

El lugar de la fortaleza era entre las dos columnas, como el de la Prudencia en la fachada de la marina (i de la misma manera estavan colocadas las otras semejantes estatuas deste edificio) era la de la fortaleza robusta, firmado un brazo sobre un pedaçõ de columna, los pies sobre un trofeo, i en la mano un venablo, i en el pedestal su nombre.

De la otra parte entre las otras dos columnas estava el Rey don Juan I armado, la Cruz de Avis en los pechos, de que fue Maestre antes de Rei, la mano derecha puesta en la espada, i abaxo del se leian estos versos.

AFRICA, CVI QVONDAM INTVLERAM BELLA HORRIDA VICTOR, OPPI-
DA MAVRA MEA CVM CECIDERE MANV. NVNC O TERRARVM REX
INCLYTE SVMME PHILIPPE SENTIAT IMPERII FRAENA IVGVMQVE TVI.

Africa; à quien antiguamente hize cruel guerra, conquistando con mi victoriosa mano lugares della, sienta aora, o gran Felipe Rei inclyto del Mundo, el freno, i yugo de vuestro Imperio.

En lo alto, en el lugar, donde en la primera fachada estava la dedicacion, avia esta con estos quatro versos.

ARDVA CONSVRGENS OPEROSO PONDERE MOLES SERVIT IN AD-
VENTVM, MAGNE PHILIPPE, TVVM. MERCATORVM ANIMOS ARS SI
FINXISSET IN ILLA, HAC FORET IN TOTO PVLCHRIVS ORBE NIHIL.

Esta gran maquina levantada con costoso trabajo sirve, o gran Felipe, à vuestra venida, i si con el arte pudieran representar los animos de los mercaderes, no huviera en el Mundo cosa mas perfecta.

Nos grossos do Arco desta fachada avia outros dous actos da fortaleza, feitos por dous fidalgos Portugueses; o primeiro era de Dom Diogo Fernandez de Almeida, gram Prior da Ordem de São João em Portugal, o qual estando em Rodes, e tratando-se no conselho do gram Mestre, quem le nomearia para ir a pelejar com as Galès do Turco, elle votou em si proprio, oferecendose à empresa que sabia quam perigosa, e arriscada era; dezia o distico que tinha aos pees.

OBVIVS IT TVRCAE VENIENTI ALMEIDA LIBENTER ET FAMAM EX IPSA
MORTE PER ARMA PETIT.

Foi Almeida com animo forte à encontrar oTurco, e com as armas ganhou fama com sua morte.

O que estava encima era o seguinte.

ESSET TVRCARVM CVM TANTA POTENTIA BELLO TVNC ANIMVS VICIT
CVNCTA PERICLA TVVS.

Sendo tam grande o poder dos Turcos na guerra, foi vosso animo maior vencendo todos os perigos.

Na volta do Arco avia por empresa a Avefenix queimandose, e dezia a letra.

ET PERIISE IVVABIT.

Aproveitara morrer.

A outra historia do outro grosso deste Arco era a de Martim Moniz, a quem chamão o das portas, o qual para que na tomada de Lisboa, não pudessem os Mouros cerrar huma porta do Castello, pela qual a Cidade foi entrada se deitou em terra atravessado na mesma porta, e com o seu valor, e morte se ganhou Lisboa; no baixo deste quadro se lia.

LIMINA SIC GLADIO MONIZIVS ARDVA PANDIT VITAM PRO INGRESSV
DAT TIBI MAVRE LIBENS.

Abrio Moniz cõ a espada a perigosa porta, e deu à os Mouros a vida pela entrada.

No alto estoutro distico.

O VIRTVS QVAE MONSTRA DOMAS, VT CELSA TRIVMPHES HOSTIBVS E
MEDIIS SIDERA SVMMA PETIS.

O virtude da fortaleza triunfante, domadora de monstros, atè as estrellas te levantas por meio dos inimigos.

Na volta do Arco avia por empresa hum Lião que com a boca fazia presa nos fíos de huma espada, por defender huns filhos que tinha junto de si, dezia a letra.

En los gruesos del arco desta fachada avia otros dos actos de fortaleza, hechos por dos Cavalleros Portugueses: el primero de Don Diego Fernandez de Almeida, gran Prior del Orden de San Iuan en Portugal, el qual estando en Rodas, i tratándose en el Consejo del Gran Maestre, quien iria à pelear con las galeras Turquescas, el votò en si mismo, ofreciendose à la empresa, entendiendo muy bien, quan arriscada i peligrosa era. Dezia el distico, que tenía à los pies.

OBVIVS IT TVRCAE VENIENTI ALMEIDA LIBENTER ET FAMAM EX IPSA
MORTE PER ARMA PETIT.

Fue Almeida con animo fuerte à encontrar al Turco, i por las armas ganò con su muerte fama.

El que estava encima, era el siguiente.

ESSET TVRCARVM CVM TANTA POTENTIA BELLO, TVNC ANIMVS
VICIT CVNCTA PERICLA TVVS.

Siendo tan grande el poder de los Turcos en la guerra, fue vuestro animo mayor, venciendo todos los peligros.

En la buelta del arco avia por empresa a ave Fenix, quemandose, i dezia la letra.

ET PERIISE IVVABIT.

Aprovecharà morir.

La otra historia del otro grueso deste arco era la de Martin Muñiz, a quien llaman el de las P, el qual para que en la toma de Lisboa no pudiessen los Moros cerrar una puerta del castillo, por donde fue la ciudad entrada, se echò en tierra atravesado en la misma puerta, i con su fortaleza i muerte se ganò Lisboa. En lo baxo deste quadro se leia.

LIMINA SIC GLADIO MONIZIVS ARDVA PANDIT, VITAM PRO INGRESSV
DAT TIBI, MAVRE, LIBENS.

Abrio Muñiz con la espada la peligrosa puerta, i dio à los Moros la vida por la entrada.

I en lo alto este distico.

O VIRTVS, QVAE MONSTRA DOMAS, VT CELSA TRIVMPHES HOSTIBVS E
MEDIIS SIDERA SVMMA PETIS.

O virtud de la fortaleza triunfante domadora de monstruos, hasta las estrellas te levantas por medio de los enemigos.

En la buelta del arco avia por empresa un Leon, que con la boca hazia presa en los filos de una espada, por defender unos cachorrillos, que tenia junto de si: dezia la letra.

CAETERIS PERITVRVS PVGNO.

Para morrer em proveito de todos, pejejo.

A fachada opposta à porta da Cidade era dedicada à Liberalidade, e à Europa, dezia a dedicação.

QVATVOR ORBIS HABET TVA SVMMA POTENTIA PARTES QVAE PARENT
SCEPTRIS MAGNE PHILIPPE TVIS. SI PLVRES ESSENT POTVISSSES VIN-
CERE PLVRES NON CAPITVR BREVIBVS GLORIA TANTA LOCIS.

Vosso summo poder ò gram Filipe se dilata por todas as quatro partes do Orbe, e todas obedecem à vossa Coroa, se mais ouvera, de mais soreis vencedor, sendo o que possuis pequeno lugar para tanta gloria.

A estatua de Europa estava no seu nicho tinha huma Cornucopia, e no escudo pintado hum Touro, e seu nome aos pees. A Liberalidade posta entre as duas colunas, tinha a mão aberta da qual lhe cahião moedas de Ouro e de prata, e joias; conheciasse pelo nome escrito na peanha. Da outra parte entre as outras duas colunas se via el Rei Dom Afonso Enriquez Primeiro de Portugal, armado a espada nua na mão direita, e na esquerda huma Cruz, e huma Palma, e metida no braço huma Coroa, e a seus pees estes versos.

TERRARVM PRIMAM EVROPAM, BELLOQVE SVPERBAM DEBERI SCEP-
TRIS SCITO PHILIPPE TVIS. AVSPICIIS MACTE ERGO MEIS, INVICTE
MONARCHA PARCERE SVBIECTIS, PERGE DOMARE FEROS.

A guerreira e soberba Europa primeira parte da terra se deve à vossa Coroa, e por tanto invicto Monarca procedel com o meu favor adiante perdoando aos sujeitos, e domando aos rebeldes.

Em hum dos dous quadros do grosso do Arco estava pintada a repartição que cõ grande liberalidade fez el Rei Dom Afonso Enriquez, das terras conquistadas dos Mouros às sagradas Religiões de São Agostinho, e de São Bernardo, dotando com magnificência os insignes Mosteiros de Santa Cruz de Coimbra, e de Alcobaça; de baixo desta pintura avia este distico.

POST LARGVM ALPHONSVS QVEM FVDIT IN ARMA, CRVOREM PAR-
TITVR CAELO PRODIGVS VSQVE SOLVM.

Despois que el Rei Dom Afonso derramou na guerra infinito sangue Mahumetano, repartio cõ larga mão a terra com o Ceo.

E no alto estava estoutro.

MAGNANIMVS FORTIS BELLATOR MAXIME VICTOR DONA DEO MIT-
TIS, SIT TIBI VT IPSE COMES.

Magnanimo, guerreador valente, e famoso vencedor offereceis doés a Deos, para que vos seja companheiro.

A empresa da volta do Arco era do passaro do Sol, voando com huma joia nobico, e a letra.

CAETERIS PERITVRVS PVGNO.

Para morir en provecho de todos, peleo.

La fachada opuesta à la puerta de la Ciudad era dedicada à la Liberalidad, i à Europa: dezia la dedicacion.

QVATVOR ORBIS HABET TVA SVMMA POTENTIA PARTES, QVAE PARENT
SCEPTRIS, MAGNE PHILIPPE, TVIS. SI PLVRES ESSENT, POTVISSIS VIN-
CERE PLVRES NON CAPITVR BREVIBVS GLORIA TANTA LOCIS.

Vuestro sumo poder, o gran Felipe, se dilata por todas las quatro partes del Orbe, i todas obedecen à vuestra Corona, si mas huviera, demas fuerades vencedor, siendo lo que poseeis, lugar angosto para tanta gloria.

La estatua de Europa estava en su nicho, tenia una Cornucopia, en el escudo pintado un Toro, i su nombre à los pies.

La Liberalidad puesta entre dos columnas, tenia la mano abierta, de la qual le cayan monedas de oro i plata, i joyas, conociase por el nombre escrito en la Peaña.

De la otra parte entre las otras dos columnas se veia el Rei Don Alonso Enriquez I de Portugal armado, la espada desnuda en la mano derecha: i en la izquierda una Cruz, i una palma, i metida en el braço una corona, i à sus pies estos versos.

TERRARVM PRIMAM EVROPAM, BELLOQVE SVPERBAM DEBERI SCEP-
TRIS SCITO, PHILIPPE TVIS. AVSPICIIS MACTE ERGO MEIS, INVICTE
MONARCHA PARCERE SVBIECTIS, PERGE DOMARE FEROS.

La guerrera i soberbia Europa, primera parte de la tierra se deve à vuestra Corona, i por tanto ínvicto Monarca, proceded con mi favor adelante, perdonando à los sujetos, i domando à los rebeldes.

En un de los dos quadros del grueso del Arco estava pintada la particion, que con larga mano hizo el mismo Rei Don Alonso Enriquez de las tierras conquistadas de los Moros à las sagradas Religiones de san Agustin i de san Bernardo, dotando con gran magnificencia los insignes monasterios de Santa Cruz de Coimbra, i de Alcobaça. Debaxo desta pintura avia este distico.

POST LARGVM ALPHONSVS QVEM FVDIT IN ARMA CRVOREM PAR-
TITVR CAELO PRODIGVS VSQVE SOLVM.

Despues que el Rey Don Alonso derramò en la guerra infinita sangre Mahometana, repartio con larga mano la tierra, con el Cielo.

I en lo alto estava estotro.

MAGNANIMVS, FORTIS BELLATOR, MAXIME VICTOR DONA DEO MIT-
TIS, SIT TIBI VT IPSE COMES.

Magnanimo, guerreador valiente, i famoso vencedor dones ofreceis à Dios, para que os sea compañero.

La empresa de la bulta del arco era del paxaro del Sol, volando con una joya en el pico, i la letra.

VT NIDVM CONSTRVAM.

Para fazer o ninho.

No outro quadro respondente à este estava pintado o presente que el Rei Dom Manoel como primicias da nova conquista da India Oreintal, mandeu ao Summo Pontifice Lião X. com Tristão da Cunha seu Embaxador, no anno de 1514 foi o presente um riquissimo Pontifical de brocado de peso, todo bordado de Perolas, e guardado de pedraria de muito preço, e outras joias de gram valor, sobre hum Elefante acompanhado de huma Onça de caça, e hum Cavallo Persiano; declaravão a pintura estes versos que ficavão debaixo.

PONTIFIÇI QVEM ROMA SVVM VENERATVR; ET ORBIS EMMANVEL
MITTIT REX ORIENTIS OPES.

Ào Summo Pontifice, à quem Roma e o mundo todo venera, manda el Rei Dom Manoel as riquezas do Oriente.

E o de arriba dezia.

AGNOSCAT, VIDEAT, FATEATVR, PRAEDICET ORBIS PRIMICIAS DONAS,
PRO FIDE BELLA GERIS.

Conheça, veja, confesse, e pregue o mundo que presentais as Primicias, e fazeis guerra pela Fè.

A empresa correspondente à estas historias era hum Rio, que com apressada corrente se metia no Mar; dezia a letra.

REDDO LIBENTIVS.

De melhor vontade o dou.

A quarta fachada para a parte do Paço foi dedicada à Asia, e à Religião, tinha esta inscripção.

PVBLICA LAETITIAE SVRGIT QVAE MACHINA TESTIS INDEX IMPERII
MAGNE PHILIPPE TVI PRIMA TIBI OCCVRRIT VENIENTI INVICTE
MONARCHA PRIMAQVE IVRE VOVET PECTORA FIDA TIBI.

Esta publica maquina que se ha levantado em testemunho de nossa alegria ò gram Filipe he hum final do vosso Imperio, e sendo a primeira invicto Monarca, que em vossa entrada encontras, he o primeiro que vos offerecem leaes corações.

A estatua de Asia se via no seu nicho ornada com joias: no escudo tinha hum Dromedario, seu nome aos pees, como o tinha tambem a Religião posta entre as duas columnas, os olhos levantados ao Ceo, huma Cruz grande à que se arrimava, e na mão hum livro. Da outra parte estava el Rei Dom Manoel, e no seu pedestal estes versos.

VT NIDVM CONSTRVAM.

Para hazer el nido.

En el otro quadro respondiente à este estava pintado el presente, que el Rey don Manuel como primicias de la nueva conquista de la India Oriental embiò al Sumo Pontifice Leon Decimo con Tristan de Acuña su Embaxador en el año de mil quinientos i catorze: fue el presente un riquissimo Pontifical de brocado de peso, todo bordado de perlas, y guarnecido de pedreria de mucho precio, i otras joyas de gran valor sobre un elefante, una onça de caça, i un cavallo Persiano. Declarava la pintura este distico, que quedava abaxo.

PONTIFICI, QVEM ROMA SVVM VENERATVR, ET ORBIS EMMANVEL
MITTIT REX ORIENTIS OPES.

Al sumo Pontifice, à quien Roma, iel Mundo todo venera, embia el Rei Don Manuel las riquezas del Oriente.

I el de arriba dezia:

AGNOSCAT, VIDEAT, FATEATVR, PRAEDICET ORBIS PRIMICIAS DONAS,
PRO FIDE BELLA GERIS.

Conozca, vea, confiesse, i predique el Mundo, que presentais las primicias, i hazeis guerra por la Fee.

La empresa correspondiente à esta historia era un rio, que con apressurada corriente se metia en la mar: dezia la letra.

REDDO LIBENTIVS.

De mejor voluntad lo doi.

La quarta fachada que mirava à Palacio, fue dedicada al Asia, i à la Religion: tenia esta inscripcion.

PVBLICA LAETITIAE SVRGIT QVAE MACHINA TESTIS, INDEX IMPERII,
MAGNE PHILIPPE, TVI. PRIMA TIBI OCCVRRIT VENIENTI, INVICTE
MONARCHA, PRIMAQVE IVRE VOVET PECTORA FIDA TIBI.

Esta publica maquina que se ha levantado en testimonio de nuestra alegria, o gran Felipe, es una señal de vuestro Imperio: i siendo la primera, invicte Monarca, que en vuestra entrada encontráis, es la primera, que os ofrecen leales coraçones.

La estatua de Asia se veia en su nicho, adornada con joyas, en el escudo un Dromedario, su nombre à los pies.

Como lo tenia tambien la Religion puesta entre dos columnas, los ojos levantados al Cielo, una Cruz grande, à que se arriava, i en la mano un libro.

De la otra parte estava el Rei Don Manuel, i en su pedestal estos versos.

CERNE ASIAM QVAM PERDOMVI FELICIBVS AVSIS CVM VASTVM OCEANI GENS MEA RVPIT ITER. QVOD SVPEREST ORBIS TVA DEXTERA SVBDAT EOI LYSIADAE VINCENT REGNA OPVLENTA DVCES.

Olhai Asia por mi conquistada com felice ousadia quando meus vassallos abrirão novo caminho pelo vasto Oceano, o que falta por conquistar do Orbe Oriental, vosso poder o sujeite, que os Capitães Portugueses vencerão opulentos Reinos.

Das duas historias dos grossos deste Arco ara huma do Santo Infante Dom Fernando, que quis antes morrer cativo dos Mouros, que a liberdade à troco da Cidade de Seita, que el Rei Dom.Ioão seu Pai avia delles conquistado; tinha debaixo estos versos.

LIBERTATEM INFANS; ET VITAM AMITTERE MAVVLT IN SVA NERVRSVS MAENIA MAVRVS EAT.

Quer o Infante perder antes a liberdade, e a vida, que ser restituída Seita aos Mouros.

E no alto dezia.

PRINCIPIIS O VICTRIX ANIMOSO IN PECTORE VIRTVS IPSVM CAPTIVVS, NAM CAPIT ILLE DEVM.

O virtude inuencível deste Principe que com peito animoso cativo, cativou ao mesmo Deos.

Na volta do Arco avia huma capella de grilhões cheos de flores com esta letra.

POST FATA CORONANT.

Despois da morte serven de coroa.

A outra historia era de Dom Constantino Visorrei da índia filho do Duque de Bragança, o qual avendo tomado naquellas partes hum Pagode, e nelle hum dente de Bugio em que os Gentios adoravão, o mandou moer, e queimar os seus poos, engeitando trezentos mil Cruzados que pelo dente lhe offerecião; dezia o distico que estava debaixo desta historia.

CONSTANTINVS OPES TEMNIT QVAS BARBARVS OFFERT PROQVE DEO VICTOR MONSTRA INIMIGA TERIT.

Constantino desprezou as riquezas que Idolatra lhe oferecia, e pela honra de Deos desfez victorioso os monstruos enemigos.

E o decima era este.

LVCRVM GRANDE CAPAX OPVLENTA, ET MÁXIMA MERX EST VENDIT, EMI, CERTE CHARIVS ISTA POLVS.

Era tam grande oganho que chegava a ser mercadoria riquissima, porem o Ceo vende e compra cousas de maior preço.

A empresa da volta do Arco erão humas balanças, huma dellas que com huma leve Cruz chegava ao chão, e a outra que carregada de Ouro estava delle mui levantada; dezia a letra.

CERNE ASIAM,,QVAM PERDOMVI FELICIBVS AVSIS, CVM VASTVM OCEANI GENS MEA RVPIT ITER. QVOD SVPEREST ORBIS TVA DEXTERA SVBDAT EOI, LYSIADAE VINCENT REGNA OPVLENTA DVCES.

Mirad Asia por mi conquistada con feliz osadia, quando mis vassallos abrieron nuevo camino por el vasto Oceano. Lo que falta por conquistar del orbe Oriental, vuestro poder lo sojuzgue, que los Capitanes Portugueses vencieran opulentos Reinos.

De las dos historias de los fruessos de este arco una era del santo Infante Don Fernando, que quiso antes morir esclavo de los Moros, que la libertad à truque de la ciudad de Cepta, que el Rei don Iuan I, su padre avia dellos conquistado; tenia en lo baxo estos versos.

LIBERTATEM INFANS, ET VITAM AMITTERE MAVVLT IN SVA NERVRSVS MAENIA MAVRVS EAT.

Quiere el Infante, antes perder la libertad, i la vida, que ser restituida Cepta à los Moros.

I en lo alto dezia.

PRINCIPIS O VICTRIX ANIMOSO IN PECTORE VIRTVS IPSVM CAPTIVVS, NAM CAPIT ILLE DEVM.

O virtud invencible deste Príncipe, que con pecho animoso cautivo cautivò al mismo Dios.

Na vuelta del arco avia una guirnalda de grillos llenos de flores, con esta letra.

POST FATA CORONANT.

Despues de la muerte sirven de corona.

La otra historia era de Don Constantino, Virey que fue de la India, hijo del Duque de Bragança, el qual aviendo tomado en aquellas partes un Templo de los Gentiles, à que ellos llaman Pagode, mandò quemar, i moler un diente de un Ximio, en que ellos adoravan, que estava en el Templo, despreciando treientos mil ducados, que por el diente le ofrecian. Dezia el distico, que estava abaxo.

CONSTANTINVS OPES TEMNIT, QVAS BARBARVS OFFERT, PROQVE DEO VICTOR MONSTRA INIMIGA TERIT.

Constantino despreciò las riquezas, que el idolatra le ofrecia, i por la honra de Dios deshizo victorioso los monstros enemigos.

I el de arriba era este.

LVCRVM GRANDE, CAPAX, OPVLENTA ET MÁXIMA MERX EST, VENDIT, EMI, CERTE CHARIVS ISTA POLVS.

Era tan grande la ganancia, que llegava á ser mercaderia riquissima, pero el Cielo vende, i compra cosas de mayor precio.

La empresa de la buelta del arco eran unas balanças, una de ellas, que con una ligera Cruz llegaba a suelo; i la otra, que cargada de oro estava del mui levantada. Dezia la letra.

PONDVS MEVM.

Este he o meu peso.

Era plano e quadrado o teito interior deste edificio, no meio delle estava assentado o Poder em hum trono Real que representava o del Rei, diante delle agiolhados Marte, e Neptuno, hum lhe offerencia a espada, e o outro o Tridente, debaixo estava escrito.

TIBI OMNIA CEDVNT,

Todas as cousas vos obedecem.

No alro desta grande machina nos quatro angulos della avia quatro figuras de quatro Principes, que na Gentilidade peregrinarão o Mundo per Mar, e Terra, e nelle fizerão assinaladas façanhas. Forão estes Iasão, Hercules, Vlisses, e Theseo: tinha cada hum seu distico aos pees, o de Iasão como Capitão da Nãõ Argos tam celebrada pelos Poetas por sua viagem á Colchos, dizia.

PRIMVS IN ORBE MEA FIDI MARIA ALTA CARINA, CLASSIBVS EXEMPLVM MAGNE PHILIPPE TVIS.

Eu fui o primeiro que no mundo rompi os Mares com a minha Nãõ, que ha sido exemplo, ò gram Filipe às vossas frotas.

O de Hercules.

MONSTRORVM ALCIDES DOMITOR TIBI DICO PHILIPPE OBRVE VICTRICI PERFIDA MONSTRA MANV.

Eu Hercules domador dos monstros; à vos o digo Filipe, destrui com vossa vitoriosa mão os infieis monstros.

O de Vlisses.

POST VARIOS CASVS FVNDASSE HAEC MAENIA LAETOR QVAE FACIE RECREAS MAGNE PHILIPPE TVA.

Despois de minhas largas perigrinações me alegro de aver fundado esta Cidade, a qual gram Filipe recreais com vossa preséça.

O deTheseo.

VT MIHI CESSERVNT PLVTONIS REGNA PHILIPPE VIRTVTI CEDANT SIC FERA REGNA TVAE.

Como me obedecerão os Reinos de Plutão, assi Filipe obedeção à vossa virtude os Reinos indomitos.

Apartado desta maquina 20. palmos pelos lados Oriental, e Occidental, avia para seu resguardo balaustres de madeira torneados, prateados, e dourados, rematados à espa-

PONDVS MEVM.

Este es mi peso.

Era llano i quadrado el techo interior deste edificio, i en medio del estava pintada la potencia sentada en un trono Real, que representava el Rei nuestro señor, delante della arrodillados Marte, i Neptuno; el uno le pfreca la espada, i el otro el Tridente, abaxo estava escrito.

TIBI OMNIA CEDVNT,

Todas las cosas os obedecen.

En lo alto desta gran maquina, en los quatro angulos della avia quatro figuras de quatro Principes, que en la antiguedad peregrinaron por mar i tierra el Mundo, i en el hizieron señaladas hazañas: eran estos Iason, Ercules, Vlisses, i Teseo, tenia cada uno un distico à los pies; el de Iason, como Capitan de la nave Argos tan decanntada por los Poetas por su nauegacion à Colcos, dezia.

PRIMVS IN ORBE MEA FIDI MARIA ALTA CARINA, CLASSIBVS EXEMPLVM, MAGNE PHILIPPE, TVIS.

Io he sido el primero, que en el Mundo rompi los mares con mi nave, que ha sido exemplo, o gran Felipe, à vuestras flotas.

El de Hercules.

MONSTRORVM ALCIDES DOMITOR TIBI DICO PHILIPPE, OBRVE VICTRICI PERFIDA MONSTRA MANV.

Io Hercules domador de los monstrs, à vos lo digo Felipe, destruid con vuestra victoriosa mano los infieles monstrs.

El de Vlisses.

POST VARIOS CASVS FVNDASSE HAEC MAENIA LAETOR, QVAE FACIE RECREAS, MAGNE PHILIPPE, TVA.

Despues de mis largas peregrinaciones me alegro de aver fundado esta ciudad, la qual, gran Felipe, recreais con vuestra presencia.

El deTeseo.

VT MIHI CESSERVNT PLVTONIS REGNA, PHILIPPE, VIRTVTI CEDANT SIC FERA REGNA TVAE.

Como me han obedecido los Reinos de Pluton, ansi Felipe, obedezcan à vuestra virtud los Reinos Indomitos.

Apartado desta maquina veinte pies por los lados Oriental, i Occidental avia para su resguardo varandillas torneadas de madera, plateadas i doradas, rematadas à espa-

ços com pedestaes de nove palmos de alto fingidos de Iaspe vermelho. Sobre os dous primeiros da parte do Mar, e do Caéz, avia duas peanhas, e encima dellas duas estatuas de dez palmos cada huma; erão de Mercurio, e de Minerva com suas ordinarias divisas, no pedestal de Mercurio avia estes versos.

QVOS FRVCTVS FAECVNDA DEDIT TER MAGNE PHILIPPE HEROVM
GENETRIX LYSIA TERRA VIDE. REX FAVEAS, FIET FAECVNDIOR ILLA,
DABITQVE VICTORES SEMPER, FORTIA CORDA, VIROS.

Vede o Filipe Maximo os frutos que tem dado a terra de Luso mai secúda de Heroes, a qual se for de vos favorecida sera mais abundante, e sempre produzira corações fortes, e varoés invictos.

No pedestal de Minerva avia estoutros.

HOS COMITES, ET HONORE VIROS, ET AMORE PERENNI PROSEQVI-
MVR, QVOD NOS HL COLVERE VIRI. SIC MVLTO, QVEIS DAS ANIMOS,
REX MAGNE SEQVEMVR, EFFICIET MVLTO NAM FAVOR ISTE TVVS.

A estes companheiros, e Illustres varões amamos, e honramos com perpetuo amor pelo que nos honrarão, com o mesmo seguiremos à muitos a qué vos animais o gram Rei com vosso favor, sendo este bastante a produzillos.

Sobre quatro pedestaes que respondião às quatro esquinas avia quatro Piramides de jaspe de 32. palmos cada huma, tinhão por remate esferas, divisa del Rei Dom Manoel, dada por el Rey Dom João II, seu antecessor. Sobre outro pedestal que ficava defronte do Arco Oriental avia huma estatua cujo nome escrito no pedestal era, INDVSTRIA. Tinha na mão direita hum gavião: defronte della, e do Arco Occidental encima de outro pedestal estava a estatua do Conde de Borba Dom Vasco Coutinho, que tomou a Cidade de Arzilla aos Mouros, parecia armado na mão hum bastão de Geral, e aos pees hum escudo das suas armas, e no pedestal este quarteto.

*Do astuto, mas Barbaro Africano
Com industria, saber, e fortaleza
Sujetei à potencia Portuguesa
Arzila, a seu pesar e com seu dano.*

Das duas piramides derradeiras que rodeavão esta fabrica da parte da Cidade, se continuava para a sua porta huma rua de 360. palmos de comprido, e cento de largo, formada de 32. pedestaes, dezaseis de cada parte, de nove palmos de alto, distantes entre si por vinte palmos espaço que cerravão balaustes prateados, e dourados. Sobre estes pedestaes avia dezaseis estatuas, oito de cada parte, quatro dellas de quatro Virtudes, e quatro de outros quatro Heroes Portugueses que nellas se assinalarão, e de tal maneira estavam destribuidas, que entre as duas figuras ficava huma grande pinha dourada sobre hum dos pedestaes, e sobre outro que dividia estas duas figuras das outras duas seguintes havia huma piramide de jaspe dos mesmos 32. palmos de alto, com o mesmo remate da Esfera como as outras da tras, com que se fazia huma bem vistosa, e acertada correspondencia.

Destes Heroes, o primeiro da parte direita era Dom João de Castro Visorrey que foi da India, o qual tendo necessidade de dinheiro para reedificar os muros da fortaleza

cios con pedestales de nueve pies de alto, fingidos de jaspe colorado. Sobre los dos primeros de la parte de la marina avia dos peanas, i encima dellas dos estatuas de diez pies cada una, eran de Mercurio, i de Minerva con sus ordinarias insignias: en el pedestal de Mercurio avia estos versos.

QVOS FRVCTVS FAECVND A DEDIT, TER MAGNE PHILIPPE, HEROVM
GENETRIX LYSIA TERRA VIDE. O FAVE REX, FIET FAECVNDIOR ILLA,
DABITQVE VICTORES SEMPER, FORTIA CORDA, VIROS.

Mirad, o Felipe Maximo, los frutos, que ha dado la tierra de Luso, madre fecunda de Heroes, la qual si fuere de vos, o Rei, favorecida, sera mas abundante, i siempre produzira coraçones fuertes, i varones invictos.

En el pedestal de Minerva avia estotros.

HOS COMITES, ET HONORE VIROS, ET AMORE PERENNI PROSEQVI-
MVR, QVOD NOS, HI COLVERE VIRI. SIC MVLTO, QVEIS DAS ANIMOS,
REX MAGNE, SEQVEMVR, EFFICIET MVLTO NAM FAVOR ISTE TVVS.

A estos compañeros e ilustres varones amamos con perpetuo amor, por lo que nos honraron, con el mismo seguiremos a muchos, à quien vos animais, ò gran Rei, con vuetro favor, siendo bastante à producirlos.

Sobre quatro pedestales que correspondian à las quatro esquinas, avia quatro pyramides de jaspe, de treinta y dos pies cada una: tenian por remate esferas, divisa del Rei Don Manuel, dada por el Rei Don Iuan II su antecesor. Sobre otro pedestal que quedava enfrente del arco, que mirava à la Aduana, avia una estatua, cuyo nombre escrito en el pedestal era, INDVSTRIA, tenia en la mano derecha un gavilan. Enfrente della de la parte de palacio, encima de otro pedestal estava la estatua del Conde de Borba, Don Vasco Coutiño, que tomò la ciudad de Arzila à los Moros: parecia armado, en la mano un baston, à los pies el escudo de sus armas, i en el pedestal este quarteto.

*Do astuto, mas barbaro Africano
Com industria, saber, e fortaleza
Sujeitei à potencia Portuguesa
Arzila, à seu pesar, e com seu dano.*

De las dos pyramides postreras que rodeavan esta fabrica de la parte de la ciudad, se continuava hazia su puerta una calle de treientos i sesenta pies de largo, y ciento de ancho, formada de treynta i dos pedestales, deziseis de cada parte de nueve pies de alto, i quatro de ancho, distantes entre si por veinte pies, espacio que cerravan las varandillas plateadas i doradas. Sobre estos pedestales avia deziseis estatuas, ocho de cada parte, quatro dellas se señalaron, i de tal manera estavan distribuidas, que entre las dos figuras quedava una piña dorada sobre un pedestal, i sobre otro que dividia estas dos figuras de las otras dos siguientes, avia una pyramide de jaspe de otros treinta i dos pies de alto con una esfera por remate, con que se hazia buena correspondencia, i una agradable vista.

Destos Heroes el primero de la parte derecha era Don Iuan de Castro, Virrey que fue de la India, el qual teniendo necesidad de dineros, para reedificar los muros de la fortaleza

de Diu, que os Rumes avião deixado arrasados no segundo cerco que lhe puserão, sendo Capitão della Dom Ioão Mazcarenhas, e para a guerra de Cambaya, de cujo Rei alcançou depois huma gloriosa vitoria, pedio vintemil Cruzados emprestados aos vezinhos da Cidade de Goa, dando em penhor huma guedelha da sua barba, por não poder dar os ossos de seu filho Dom Fernando de Castro, morto pelos Rumes naquelle cerco, e de pouco tempo enterrado, não sendo senhor de Ouro, prata, nem de outro penhor que poder empenhar, e o da guedelha desempenhou pagando com puntualidade os vintemil Cruzados que Goa lhe emprestou. Esta guedelha (que se achou em huma boeta quando elle fállesceo com o seu testamento, e com humas disciplinas muito usadas, e tres tangas de Larins) tem oje guardada em muita estima como merece tal penhor, Dom Fernando Alvarez de Castro neto de Dom Ioão: estava elle armado a mão direita posta na barba, e no pedestal estes versos.

*No Reino natural, e no estrangeiro
Fui puntual, valente, e generoso
Mostrei que era o penhor mais poderoso
Apalavrado illustre, e verdadeiro.*

Tinha por companheira a Verdade cuja insignia era hum Sol na mão direita.

Seguiase a estatua de Andre Furtado de Mendoça Governador que foi da India, o qual entre outras vitorias que alcançou dos Mouros na quellas partes, em huma saida que fez de Goa com huma armada, tomou huma grande, e rica Não de Meca, e meteo duas no fundo, desbaratou o corsario Catemusa, e destruiu à el Rei de Iasenapatão; estava armado com hum bastão na mão, e no pedestal esta inscripção.

*Entre muitas vitorias do inimigo
Tres juntas alcancei núa saida
So morte me venceo levando a vida
Que do Mouro infiel era castigo.*

Era sua companheira a Vitoria, tinha na cabeça huma capella de flores, na mão direita huma Palma, e na esquerda huma Coroa de louro.

O terceiro era Dom Pedro de Meneses da casa de Villareal, o qual chamado del Rei Dom Ioão I. para saber delle se se atrevia à guardar e defender a Cidade de Sieta acabada de conquistar dos Mouros pelo mesmo Rei, elle se offereceo que o faria com hum cajado da choca que tinha na mão, por estar jugando com elle quando el Rei o mandou chamar, e em comprimento da promessa não se desarmou em muitosa annos por defender dos Mouros aquella Cidade; e o mesmo cajado se ha conservado até agora, e com elle em lugar de bastão se da a posse da Capitania de Seita à os Marqueses de Villareal cuja he; no seu pedestal estava escrito.

*Com este Aleo, da Mauritana gente
Me ofreci a defender de Sewita os muros
Que estiverão com elle mais seguros
Como eu constante, e sempre mais valente.*

Acompanhava à Dom Pedro a Constancia armada de peito, e celada, e na mão huma Salamandra.

O ultimo Heroe deste lado era Nuno Fernandez de Ataide, valeroso Capitão Geral da Cidade de Casim em Africa, donde fez grande guerra aos Mouros, alcaçou delles muitas vitorias, e com ellas chegou às portas de Marrocos, nas quaes pregou a sua lança, que como a maior gloria de seus feitos a tinha por divisa na mão, no pedestal estava este quarteto.

de Diu, que los Moros avian dexado arrasados en el segundo cerco, siendo Capitan della Don Iuan Mascareñas: i para la guerra de Cambaya (de cuyo Rei alcançò despues una gloriosa victoria) pidio veinte mil ducados prestados à los vezinos de la ciudad de Goa, dando por prendas parte de los cabellos de su barba, por no poder dar los huesos de su hijo Don Fernando de Castro, muerto por los Moros en aquel cerco, i de poco tiempo enterrado, no siendo señor de oro, plata, ni de otra prenda que poder empeñar: i la de los cabellos desempeñò, pagando con puntualidad; los quales tioene guardados, i en mucha estima, como merece tal prenda, Don Fernando Alvarez de Castro, nieto de Don Iuan: estava el armado, la mano derecha puesta en la barba, i en el pedestal estos versos.

*No Reyno natural, e no estrangeiro
Fui puntual, valente e generoso,
Mostrey, que era o senhor mais poderoso,
Apalavra do illustre e verdadeiro.*

Tenia por compañera la verdad, cuya insignia era un Sol en la mano derecha.

Seguiase la estatua de Andres Hurtado de Mendoça, Governador que fue de la India, el qual entre otras vitorias que alcançò de los Moros en aquellas partes, en una salida que hizo de Goa con una armada, tomò una gran nave de Meca, y metio dos en el fondo, desbaratò al cossario Catemusa, i destruyò al Rei de Iasenapatan: estava armado un baston en la mano, à los pies el escudo de sus armas, i en el pedestal esta inscripcion.

*Entre muitas victorias do inimigo
Tres juntas alcancey numa saida,
So morte me venceo, levando à vida,
Que do Mouro infiel era castigo.*

Era su compañera la Victoria, tenia en la cabeça una guirnalda de flores, en la mano derecha una palma, i en la izquierda una corona de laurel.

El tercero era Don Pedro de Meneses de la Casa de Villareal, el qual llamado del Rei don Iuan Primero, para saber del, si le bastava el animo, à quedar encargado de la guarda de Septa rezien conquistada de los Moros por el mismo Rei, el se ofrecio à ello con un cayado del juego de la Chueca, que tenia en la mano, por estar en aquel exercicio, quando del Rei fue llamado, i en cumplimiento de la promesa no se desarmò en muchos años, por defender de los enemigos aquella ciudad. El mismo cayado se ha conservado hasta aora, i con el en lugar de baston se da la possession de la Capitanía de Septa al Marques de Villareal, cuya es. En el pedestal estava escrito.

*Com este Aleo da Mauritana gente
Me ofreci à defender de Seita os muros
Que estiverão com elle tam seguros,
Como eu constante, e sempre mais valente.*

Acompañava à Don Pedro la Constancia, armada de peto, i celada, i en la mano una Salamandra.

El ultimo Heroe deste lado era Nuño Fernandez de Ataide valeroso Capitan general de la ciudad de Zafin en Africa, donde hizo grande guerra à los Moros, alcançò de ellos muchas vitorias, i con ellas llegó a las puertas de Marruecos, en las quales clavò su lança, que como la mayor de sus hazañas la tenia por divisa en la mano. En el pedestal estava este quarteto.

*Com valor e ousadia a mais que humana
As portas de Marrocos arrogante
Com a lança atravessei tendo diante
Grande copia de gente Mahumetana.*

A Ousadia era sua companheira, tinha os cabellos soltos para tras, huma espada em huma mão, e na outra huma cabeça de Abada.

Dos outros quatro varões Illustres da mão esquerda, o primeiro era Dom Luis de Ataíde Conde de Atougua Visorrey das India, a qual defendeo com estreemado valor de todos os Reis della, que com huma universal liga se avião conjurado contra los Portugueses, dezião os versos escritos no seu pedestal.

*Estreitos cercos cada qual mais duro
Sofri sem que perdesse a minha estancia
Tive por companheira a Vigilancia
Que esta me fez, mais forte, e mais seguro.*

Esta mesma virtude o acompanhava vestia huma roupa semeada de olhos abertos, em huma mão tinha hum relógio, e na outra hum Açor.

Era o segundo Dom Martim de Freitas com humas chaves na mão, o qual sendo Capitão de Coimbra, e tendo della feito homenagem à el Rei Dom Sancho Segundo de Portugal, que chamarão o Capello; a defendeo em hum largo, e apertado cerco, e nunca a quis entregar à el Rei Dom Afonso Terceiro, irmão de Dom Sancho, até que soube que este Rei fallecera em Toledo, aonde foi à por as chaves de Coimbra sobre a sepultura do mesmo Rei, com que se ouve por desobrigado da homenagem que daquella Cidade lhe fizera, e tornando a Coimbra a entregou à el Rei dom Afonso; a inscrição do seu pedestal dezia.

*Por guardar à meu Rei fidelidade
Venci cercos, combates, fome dura
E as chaves lhe entreguei na sepultura
Por não vencer a morte a lealdade.*

Tinha por companheira a Fidelidade, que estava ornada com huma cadea de Ouro ao pescoço, o peito aberto, e a mão esquerda posta sobre elle, e com a direita presa outra mão.

Dom Payo Perez Correa Portugues Mestre de Santiago em Castella, era o terceiro, que conquistou a maior parte do Algarve; tinha no seu pedestal estes versos.

*Com diligencia ousada, e sem igual
Conquistei os Algarves, e com ella
Acrecentei Castellos à Castella
Que couberão em forte à Portugal.*

A Diligencia o acompanhava, tinha esporas calçadas hum açoute de postilhão em huma mão, e na outra humas azas.

Era o quarto Duarte Pacheco, famoso pelas vitorias alcançadas na India del Rei de Calecut em favor do de Gochin, mal premiadas em sua patria; dezia o quarteto do seu pedestal.

*A meu valor, esforço, e vencimento
No Mar, na Terra, em paz, e na peleja
So contrastou a ingratição, e inveja
E estas soube eu vencer cò o soffrimento.*

*Com valor, e ousadia mais que humana
As portas de Marrocos arrogante
Con a lança atravesssei, tendo diante
Grande copia de gente Mahumetana.*

La Osadia era su compañera, tenia los cabellos sueltos hazia atras, una espada en una mano, i en la otra la cabeça de una Abada.

De los otros quatro Varones ilustres de la mano izquierda el primero era Don Luis de Ataide Conde de Atouguia, Virrei de la India, la qual con estremado valor defendio de todos los Reyes della, que com una universal liga se avian conjurado contra los Portugueses. Dezian los versos escritos en su pedestal.

*Estreitos cercos cada qual mais duro
Sofri, sem que perdesse à miña estancia,
Tive por companheira à vigilancia,
Que esta me fez, mais forte, e mais seguro.*

Esta misma virtud de la Vigilancia le acompañava, vestia una ropa sembrada de ojos, en una mano tenia un relox, i en la otra un açor.

Era el segundo Don Martin de Freitas con unas llaves en la mano, el qual siendo Capitan de Coimbra, i teniendo dello hecho omenage al Rei Don Sancho Segundo de Portugal, que llamaron Capelo, la defendio en un largo i apretado cerco, i nunca la quiso entregar al Rei Don Alonso III hermano del Rei Don Sancho, hasta que se supo, que este Rei era muerto en Toledo, adonde fue à poner las llaves de Coimbra sobre la sepultura del mismo Rei, con que se huvo por desobligado del omenage, que de aquella ciudad le avia hecho, i buuelto à Coimbra la entregò al Rei don Alonso. La inscripcion de su pedestal dezia.

*Por guardar à meu Rei fidelidade,
Venci cercos, combates, fome dura,
E as llaves lhe entreguei na sepultura
Por não vencer a morte a lealdade.*

Tenia por compañera la Fidelidad, que estava adornada con una cadena de oro al cuello, el pecho rasgado, i la mano izquierda puesta sobre el, y con la derecha asida otra mano.

Don Payo Perez Correa Portugues, Maestre de Santiago en Castilla, electo en el año 1242, era el tercero, que conquistò la mayor parte del Reino del Algarve: tenia en el pedestal estos versos.

*Com diligencia ousada, e sem igual
Conquistei os Algarves, e com ella
Acrecentei castellos à Castella,
Que couberão em forte à Portugal.*

La Diligencia le acompañava, tenia espuelas calçadas, un açote de postillon en una mano, i en la otra unas alas.

Era el quarto Duarte Pacheco, famoso por las vitorias alcançadas en la India, del Rei de Calecut, en favor del de Gochin, mal premiadas en su patria; dezia el quarteto de su pedestal.

*A meu valor, es forço, e vencimento
No Mar, na terra, em paz, e na peleja,
So contrastou a ingratição, e inveja,
E estas soube eu vencer com o soffrimento.*

A Tolerancia era sua companheira, tinha a cabeça inclinada, huma bigorna em huma mão, e na outra huma Palma, que carregada com o peso mais se levanta.

Entrou sua Magestade por este Arco triunfal, e a saída delle o recebeo a Camara com hum rico palio de brocado, que com dez varas douradas levarão o Presidente João Furtado de Mendoza, os quatro Vereadores referidos, Antam de Mesquita Deputado da Mesa da Conciencia, e Ordens; Fernão Cabral, Alvaro Velho, e Francisco Botelho, todos tres Desembargadores da casa da Suplicação, e Gaspar Pereira de Sampayo, Corregedor do crime da Cidade, e seu conservador. Metido sua Magestade debaixo do Palio, foi andando de vagar pela dita rua das Virtudes, e dos varoês illustres nellas assinalados. Hião detras del Rei o escrivão da Camara, os quatro Mesteres ja nomeados, e Belchior Gomez Iuiz do povo da casa dos vintequatro, e o escrivão della Manoel de Torres, todos com varas vermelhas nas mãos representando o restante corpo da Camara. Seguiasse a guarda dos Archeiros, e logo huma carroça guarnecida de tela de Ouro ricamente bordada, o ceo della descuberto, tirada de seis cavallos ruços rodados, na qual hião Suas Alteças O Principe Nosso Senhor vestido de verde, Bohemio, calças, e coura tudo bordado de prata e ouro, jubão e forros das calças, e do Bohemio de tela riza de ouro, e prata bordada com o mesmo, no chapeo hum cintilho, e huma rosa de Diamantes de inestimavel valor; plumas verdes, e brancas com martinetes, calceatas, botas negras, esporas dourada como a espada. Era o vestido da Princesa Nossa Senhora como o do Principe seu esposo, e o da Infanta de Tabi azul ricamente bordado. Detras da carroça de Suas Alteças hia o coche das donas de Honor, e das Damas.

Ao tempo que sua Magestade chegou à porta da Cidade pela qual avia de entrar nella, que ficava no cabo da rua das Virtudes, e Heroes, o estava aguardando o Doutor Inacio Ferreira Deputado da Mesa da Conciencia, e Ordens em pee descuberto sobre hum estrado de tres degrãos cuberto de ricas alcatifas, o qual estava arrimado à parede colateral da porta, da parte direita, e parando sua Magestade com o cavallo começou Inacio Ferreira à fallar desta maneira.

Na larga ausencia de Vossa Magestade, muito Catholico, poderoso, e clementissimo Rei Senhor nosso, se pudera dizer por esta Nobre, e leal Cidade, o que por Hierusalem no tempo de seus trabalhos. Cidade tam populosa, Senhora das gentes, Princesa das provincias, como estas desamparada feita quasi viuva. Porem agora com esta alegre vista de Vossa Magestade, e dos Principes Senhores nossos, he tam grande contentamento destes leaes vassallos, que nem se pode declarar com palavras, nem representar com festas exteriores. E so podemos dizer que esta geral alegria se iguala com a razão que todos temos de festejar na alma a grande merce que Vossa Magestade nos faz, em vir com sua Real presença honrar este seu Reino de que Deos o fez Senhor, entregando à Vossa Magestade o governo desta Coroa, com a qual ficou o seu soberano Imperio escurecendo os que os Assirios, persas, Gregos, e Romanos tiranicamente pon vângloria conquistarão, pois he muito maior o novo Mundo, que despois delles se descobrio de hum ao outro Polo, que Vossa Magestade e seus predecessores têm conquistado com zelo de propagare a Fé de Christo. E assi ha elle de permitir, que esta grande Monarchia edificada sobre columnas da Fé Catholica, e justiça com que Vossa Magestade a possue, e governa; logre Vossa Magestade muitos, e felices annos, e despois seus descendentes para sempre, e que esta entrada seja tam prospera e timida dos inimigos, como era de nos desejada, e para toda Espanha necessaria. Digo Senhor para toda Espanha, porque seu amparo e augmento consiste em Vossa Magestade fazer cabeça

La Tolerancia era su compañera, tenia la cabeça inclinada, una yunque en una mano, i en la otra una palma, que cargada con el peso mas se levanta.

Entrò su Magestad por este arco triunfal, i à la salida del le recibio el Ayuntamiento de la Ciudad con un rico palio de brocado, que con diez varas doradas llevaban el Presidente de la Camara Iuan Hurtado de Mendoça, los quatro vereadores della referidos, Anton de Mesquita del Consejo de la Conciencia, i Ordenes, Fernan Cabral, Alvaro Vello, i Francisco Botello, todos tres del Consejo Real, i Gaspar Pereira de Sampaio Alcalde del crimen de la Ciudad, i Conservador della. Metido su Magestad debaxo del palio, fue andando despacio por la dicha calle de las Virtudes, y de los Varones en ellas señalados. Ivan detras del Rei nuestro señor el Secretario de la Camara, los quatro Mesteres ya nombrados, Melchior Gomez juez del pueblo, de la Casa de los Veyntequatro, i el escrivano della, Manuel Torres, todos con varas coloradas en las manos, representando el cuerpo restante de la Ciudad. Seguiose la Guarda de los Archeros, i luego una carroça, guarnecida de tela de oro ricamente bordada, el cielo della descubierto, tirada de seys cavallos rucios rodados, en la qual ivan sus Altezas, el Principe nuestro señor vestido de verde bohemio, calças, i cuera todo bordado de oro, plata, y lentejuelas, jubon, i forros de calças, i del bohemio de tela riza de oro i plata bordada con lo mismo: en el sombrero un cintillo, i una rosa de diamantes, plumas verdes i blancas, calcetas, botas negras, espuelas doradas como la espada. Era el vestido de la Princesa nuestra señora, como el del Principe su esposo, i el de la señora Infanta de tabi azul ricamente bordado: detras de la carroça de sus Altezas iba el coche de las dueñas de honor, al qual seguian los de las damas.

Al tiempo que su Magestad llegò à la puerta de la ciudad, por la qual avia de entrar en ella, le estaba aguardando el Doctor Ignacio Ferreira del Consejo de la Conciencia, i Ordenes, que fue nombrado para hazer la platica à su Magestad, como es costumbre, quando los Reyes la primera vez entran en las ciudades i villas de sus Reinos: para lo qual puesto Ignacio Ferrerira en pie sobre una tarima de tres gradas, cubierta de ricas alhombros, que estava arrimada à la pared colateral de la puerta, la cabeça descubierta, començò a hablar con su Magestad desta manera.

Na larga ausencia de Vossa Magestade, muito Catholico, poderoso, e clementissimo Rey senhor nosso, se pudera dizer por esta nobre e leal cidade, o que por Hierusalem no tempo de seus trabalhos, cidade tam populosa senhora das gentes, princesa das Provincias, como estas desamparada, feita quasi viuva. Poré agora con esta alegre vista de Vossa Magestade, e dos Principes senhores nossos, he tam grande o contentamento destes leões vassallos, que não se pode declarar con palavras, nem representar com festas exteriores: e so podemos dizer, que esta geral alegria se iguala com a razão que todos temos de festejar na alma a grande merce, que Vossa Magestade nos faz, em vir com sua Real presença honrar este seu Reyno, de que Deos o fez, Senhor, entregando a Vossa Magestade o governo desta Coroa, com o qual ficou o seu soberano Imperio, escurecendo os que os Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos tiranicamente por vangloria conquistarão: pois he muito mayor o Novo mundo, que despois delles se descubrio de hum à outro Polo, que Vossa Magestade, e seus predecessores tem conquistado com zelo de propagar à Fee de Christo: E assi ha elle de permitir, que esta grande Monarchia, edificada sobre colunas de la Fee Catholica e justiça, com que Vossa Magestade a possui, e governa, logre Vossa Magestade muitos e felices annos, e despois seus descendentes para sempre, e que esta entrada seja tam prospera, e temida dos enemigos, como era de nos desejada, e para Espanha necessaria. Digo, Senhor, para toda Espanha, porque seu amparo e augmento consiste em Vossa Magestade fazer cabeçá

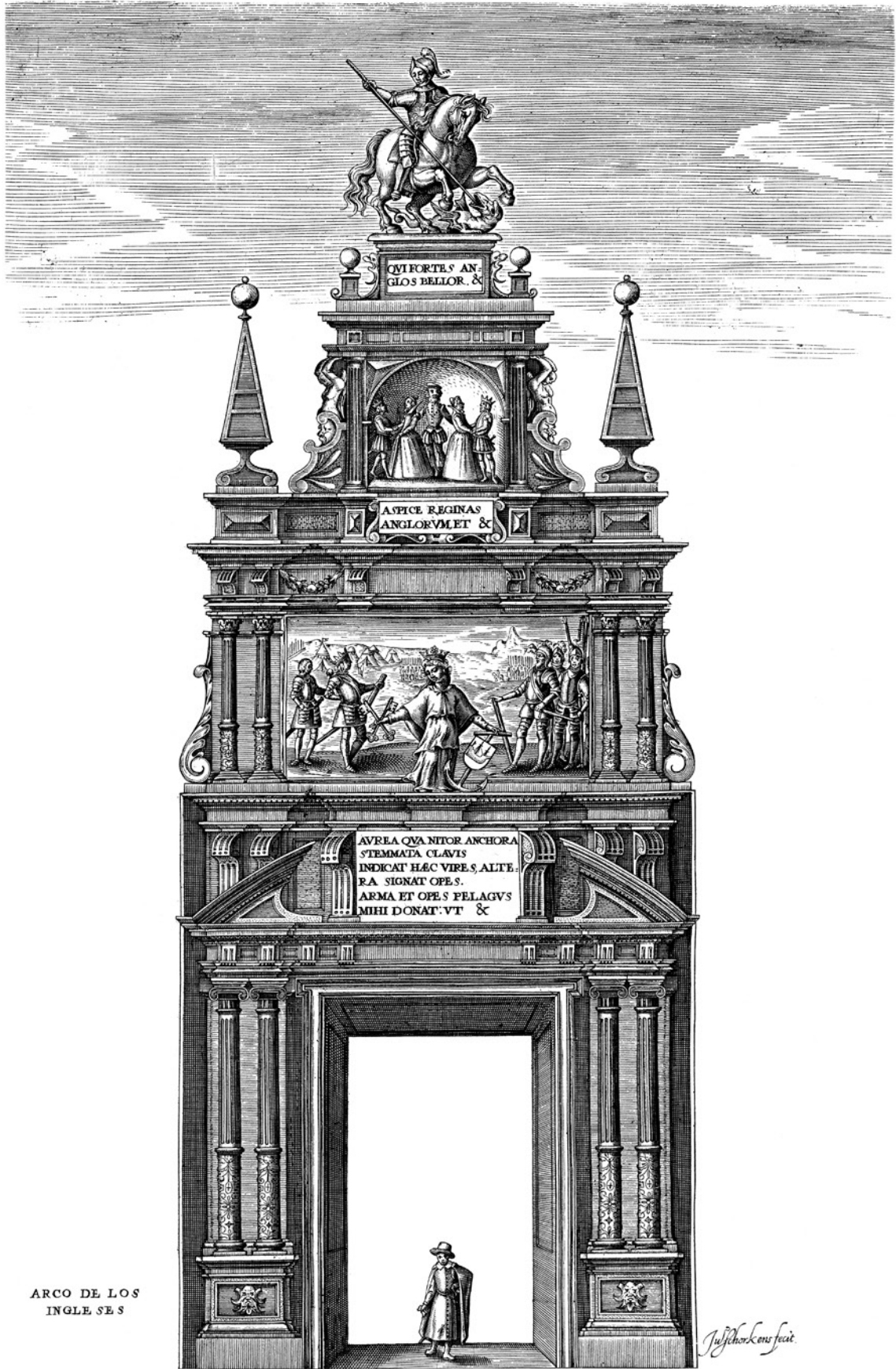
do seu Imperio esta antigua e Illustre Cidade, mais digna delle que todas as do mundo, assistindo aqui com sua Real Corte, pois he o coração e meio de todos os seus Estados, donde se podera com maior facilidade acudir a todas as partes se se perder occasião. Seja pois Vossa Magestade muito bem vindo, e os Principes Senhores nossos, para daqui exercitar sua fortaleza, a liberalidade, a temperança, a mansidão, e paternal afabilidade de que Deos o dotou, tendo sempre diante dos olhos esta preciosa joia. As chaves della entregamos agora à Vossa Magestade os corações ha vinte e hum annos. Sempre Vossa Magestade os achara mui leaes, e animososem seu serviço. Elles são a primeira porta por onde Vossa Magestade ja tem entrado, o amor he o verdadeiro muro e fortaleza desta Cidade. Entre Vossa Magestade por ella, que ja neste dia parece senhora do mundo, e permitira Deos, que seja esta hora tambem fortunada, que possa Vossa Magestade daqui domar todas as barbaras nações, e igualar seu poder, com o querer para que tambem com sua liberalissima condição enriqueça com grandes mercês à todos seus vassallos, e nos viva muitos, e prosperos annos.

A toda esta pratica esteve sua Magestade com muita atenção, e baixando Inacio Ferreira hum degrão, sua Magestade lhe deu as graças, e que se lembraria do que lhe auia dito, e lhe faria merce.

Dada esta resposta acabou de baixar do estrado Inacio Ferreira, e beijou a mão à sua Magestade que proseguindo o passeio entrou na Cidade, cujas ruas estavam ricamente armadas de alcatifas, sedas, telas, e brocados; e sendo as casas altas de tres, quatro, e cinco sobrados, e muitas as janelas, fazia a variedade destas cousas huma mui agradavel vista: não o era menos a das Damas, com sua fermosura e galas. O povo era infinito, que com grande dificuldade fazião lugar as guardas de sua Magestade. Manifestavão todos com a alegria dos olhos, e com o jubilo das vozes, o summo contentamento de seus corações gozando da vista de seu Rei, condição natural dos Portugueses, que amão a seus Principes como à Pais, sendo tambem delles amados como filhos.

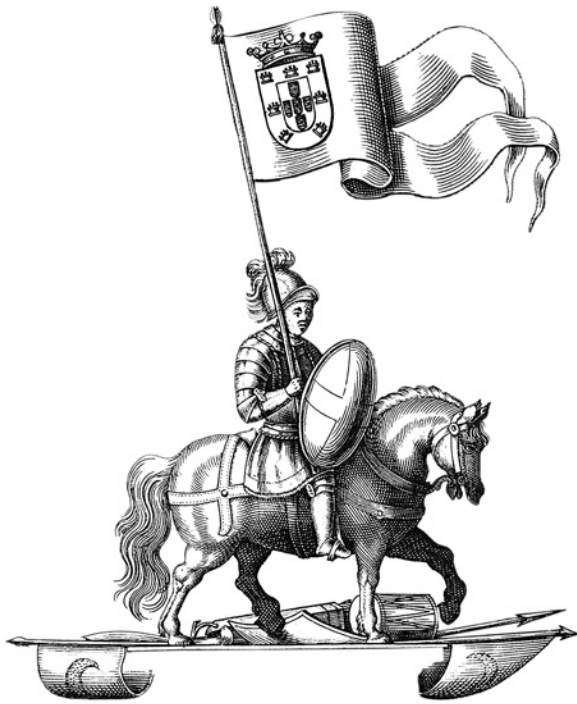
ARCO DOS INGRESSES.

Era a porta da Cidade hum Arco triumphal que os Ingreses residentes em Lisboa com alegres vontades levantarão, no sitio em que de antes avia no muro dous Arcos antigos de pedraria, os quaes a Cidade mandou derribar, e casas sobre elles edificadas, para mostrar o contentamento com que celebrava a entrada de sua Magestade nella arrasando os seus muros como os seus vezinhos tinhão abertos os peitos para o receberem nos corações. Era este Arco de duas fachadas iguaes da traça que se vê no debuxo, tinha toda a fabrica 137. palmos de alto, e pouco mais de 50. de largo, que era todo o espaço que se derribou do muro: as columnas erão Ionicas douradas as suas meas canas, os terços lavrados de grutesco de branco e Ouro, as piramides de jaspe vermelho perfilado de Ouro, como era toda a obra, e os cartoês, e feltoês abronzados. Foi o intento dos Ingreses mostrar neste Arco, a fraternal correspondencia que ha entre elles, e os Portugueses, confirmada com amizade, e confederação antigua entre estas duas nações, com a descendencia que os Reis de Portugal tiverão da Real casa de Ingraterra, com o socorro que della sempre tiverão nas guerras passadas com Castella, e no tempo del Rei Dom Afonso Enriquez, na tomada de Lisboa aos Mouros. Esta se pintou no quadro grande que estava sobre a porta, era de 18. palmos de alto, e 31. de comprido, no qual se via de huma parte el Rei Dom Afonso Enriquez, o Principe Dom Sancho seu filho, com alguns senhores do seu exercito, que se representava ao longe, e da outra Guilhelme de longaespada (filho de Gaufredo Conde de Anjou, e da Emperatriz Mathildis sua mulher,



ARCO DE LOS INGLESES

J. J. Schenkens fecit.



do seu Imperio esta antigua e illustre cidade, mais digna delle, que todas as do Mundo, assistindo aqui com sua Real Corte, pois he o coração e meyo de todos seus Estados, donde se podera com maior facilidade acudir à todas as partes sem se perder occasião.

Seja pois Vossa Magestade muito boem vindo, e os Principes senhores nossos, para daqui exercitar sua fortaleza, a liberalidade, a temperança, a mansidão, e paternal afabilidade, que de Deos o dotou, tendo sempre diante dos olhos esta preciosa joya. As chaves della entregamos agora à Vossa Magestade, os corações ha vinte hum annos sempre Vossa Magestade os acharà muy leões e animosos em seu serviço. Elles são à primerira porta, por onde Vossa Magestade tem entrado, o amor he o verdadeiro muro e fortaleza desta cidade. Entre Vossa Magestade por ella, que ja neste dia parece Senhora do Mundo, e permitira Deos, que seja esta hora tambem fortunada, que possa Vossa Magestade daqui domar todas as barbaras nações, e igualar seu poder com o querer, para que tambem com sua liberalissima condição enriqueça com grandes mercees à todos seus vassallos, e nos viva muitos e prosperos annos.

A toda esta platica estuvo su Magestad con mucha atencion, i baxando Ignacio Ferreira una grada de la tarima, su Magestad le dio las gracias, i baxadas todas besò la mano a su Magestad, que prosiguió el paseo, entró en la ciudad, cuyas calles estaban ricamente colgadas de sedas, telas, brocados, i alhombrias: i siendo las casas de tres, quatro i cinco altos, i el ventanaje mucho, hazia la variedad destas cosas una mui agradable vista. No lo era menos la de las damas con su hermosura i galas, el pueblo era infinito, que con gran dificultad hazian lugar las guardas de su Magestad, Española, i Alemana, que ivan à los lados del acompañamiento. Manifestaban todos con la alegria de los ojos, i con el jubilo de las voces el sumo contento de sus corações, gozando de la vista de su Rei, condicion natural de los Portugueses, que aman a sus Principes, como a padres, siendo tambien dellos amados como hijos.

ARCO DE LOS INGLESES.

Era la puerta de la ciudad un arco triunfal, que los Ingleses residentes en Lisboa con alegres animos, y llenos de regozijo levantaron en el sitio, en que de antes avia en el muro dos arcos antiguos de canteria, los quales la ciudad mandò derribar, i muchas casas sobre ellos edificadas, para mostrar el contento, con que celebrava la entrada de su Magestad en ella, arrajando sus muros, como los vezinos de la ciudad tenian abiertos los pechos para recibirle en los corações. Era este arco de dos fachadas iguales, de la traça que se vee en el diseño. Tenia todo el edificio ciento i treinta pies de alto, i poco mas de cinquenta de ancho, que era todo el espacio que se derribò del muro: las columnas eran Ionicas, sus medias cañas doradas, los tercios labrados de grutesco de blanco i oro, las pyramides de jaspe colorado, perfilado de oro, como era toda la obra, i los cartones, i festones abronzados. Fue el intento de los Ingleses, confirmada con amistad i confederacion antigua entre estas dos naciones, con la descendencia que los Reyes de Portugal tuvieron de la Real casa de Inglaterra, con el ayuda que della siempre han tenido en las guerras passadas con Castilla, i en tiempo del Rei don Alonso Enriquez en la toma de Lisboa a los Moros. Esta se pintò en el quadro grande que estava sobre la puerta, de deziocho pies de alto, i treinta uno de largo, en el qual se veia de una parte el Rei Don Alonso, i el Principe Don Sancho su hijo con algunos señores de su exercito, que se representava de lexos, i en la otra Guillelmo de Longa espada (hijo de Gaifredo Conde de Anjou, i de la Emperatriz Mathilda, muger

que o fora do Emperador Henrique V. filha e unica herdeira de Henrique I. Rei de Ingraterra, e mai del Rei Henrique II. irmão de mesmo Guilherme) acompanhado de Dom Childe Rolim, de Dom Liberche e de outros cavalleiros Ingreses, e Framengos, que saídos em terra de huma frota de que Guilherme de Longaespada era Geral, que passava por Lisboa á conquista da terra Santa, ajudarão na tomada desta Cidade á el Rei Dom Afonso.

Diante deste quadro sobre huma peanha estava a estatua de Lisboa, era de doze palmos de alto fingida de marmore branco bordada a roupa de Ouro e perolas, coroa Real na cabeça como o he do Reino de Portugal, e o pode ser do maior imperio, tinha na mão derecha duas chaves, huma de ferro que representava sua fortaleza, a outra de Ouro, significadora de sua riqueza, mostrava inclinada oferecellas à sua Magestad a esquerda arrimava à huma ancora de Ouro, em final que pelo Mar lhe vem as riquezas de que procede sua grandeza; da ancora pendia o escudo da sua divisa, que he huma Não insignia do Martyr São Vicente seu Padroeiro, em memoria de outra em que aportou seu glorioso corpo no Cabo que tem o nome deste Santo, com que ficou verdadeiramente sagrado, e não com o Templo que a Gentilidade dedicou naquelle Cabo à Hercules, por cuja causa se chamava Sacro Promontorio, pronostico certo que o avia de ser com as preciosas reliquias deste inclito Martyr. Debaixo de Lisboa avia esta inscripção de letras negras em campo de Ouro.

AVREA QVA NITOR TENET ANCHORA STEMMATA CLAVIS INDICAT
HAEC VIRES, ALTERA SIGNAT OPES. ARMA, ET OPES PELAGVS MIHI
DONAT VT OMNIA CLAVI SVBDITA SERVENTVR MAGNE PHILIPPE
TVAE. VRBEM NON POTERAT MARS VINCERE LISIVS, ANGLVM ADVOCAT
HAVD POTVIT SOLVS, VTERQVE DOMAT.

Esta ancora de Ouro em que me arrimo, tem as armas que me ennobrecem, estas chaves huma he de minhas riquezas, outra de minhas forças; humas e outras me dà o Mar, para que todas se guardem o gram Filipe debaixo da chave do vosso Imperio. Não me pode vencer so o Marte Portugues, chamou em seu favor o de Ingraterra, para que o que hum não pode, acabassem ambos.

Encima deste quadro no nicho que tinha 17. palmos de alto, e dez de comprido, estavam cinco estatuas, a do meio era de Ioão Duque de Lancastro, filho de Duarte III. Rei de Ingraterra, vestido a Ingresa dando com sua mão sua filha Dona Catarina, e de Dona Costança Infanta de Castella, fiiha del Rei Dom Pedro, à el Rei Dom Henrique III. de Castella e com a outra mão sua filha Dona Filipa, e de Branca Duquesa proprietaria de Lancastro sua primeira mulher, à el Rei Dom Ioão I. de Portugal: estavam estas duas Rainhas vestidas ao traje Ingres mui conforme à sua grandeza, e os Reis ao uso Espanhol de aquelles tempos; tinham elles, e o Duque Ioão os escudos de suas armas á seus pees, e debaixo delles este distico.

que avia sido del Emperador Enrique V, hija, i unica heredera de Enrique I Rei de Inglaterra, i madre del Rei Enrique II hermano del mismo Guillelmo) acompañado de Don Childe Rolin, de Don Liberche, i de otros Cavalleros Ingleses, i Flamencos, que salidos en tierra de una flota, de que Guillelmo de Longa espada era General, la qual passava por Lisboa à la conquista de la Tierra santa, ayudaron en la desta ciudad al Rei don Alonso.

Delante deste quadro sobre una peña estava la estatua de Lisboa, era de doze pies de alto, fingida de marmol blanco, bordada la ropa de oro, i perlas, corona Real en la cabeça, como Metropoli del Reino, i lo puede ser del mayor Imperio: en la mano derecha tenia dos llaves, una de azero, que representava su fortaleza: la otra de oro, significadora de su riqueza, mostrava inclinada ofrecellas à su Magestad, la izquierda arrimava a una ancora de oro, en señal de que por la mar sustenta su grandeza: i de la ancora colgava un escudo con la divisa de la misma ciudad, que es una nave, insignia del martir san Vicente su Patron, en memoria de otra en que aportò su glorioso cuerpo en el cabo de su santo nombre, con que quedò verdaderamente sagrado, i no con el Templo, que la Gentilidad dedicò en aquel cabo a Ercules, por cuya causa se llamò Sacro Promontorio, pronostico cierto, que lo avia de ser con las preciosas reliquias deste inelyto Martyr. Abaxo desta figura avia esta inscripcion de letras negras en campo de oro.

AVREA, QVA NITOR, TENET ANCHORA STEMMATA CLAVIS, INDICAT
HAEC VIRES, ALTERA SIGNAT OPES. ARMA, ET OPES PELAGVS MIHI
DONAT, VT OMNIA CLAVI SVBDITA SERVENTVR, MAGNE PHILIPPE,
TVAE. VRBEM NON POTERAT MARS VINCERE, LYSIVS ANGLVM ADVO-
CAT, HAVD POTVIT SOLVS, VTERQVE DOMAT.

Esta ancora de oro, en que me sustento, tiene las armas, que me ennoblecen: estas llaves, una es de mis riquezas, otra de mis fuerças, las unas i las otras me dà la mar, para que todas se guarden, o gran Felipe, debaxo de la llave de vuestro Imperio. No me pudo vencer solo el Marte Portugues, llamò en su favor el de Inglaterra, para que lo que uno no pudo, acabassen entrambos.

Encima deste quadro en el nicho que tenia diez i siete pies de alto, i diez de ancho estaban cinco estatuas, la de en medio era del Duque de Lancastro Iuan de Gante, hijo de Eduardo III Rei de Inglaterra, vestido à la Inglesa, dando con una mano su hija Doña Catalina, i de Doña Costança Infanta de Castilla, hija del Rei don Pedro al Rei Don Enrique III de Castilla: i con la otra mano à su hija Doña Filipa, i de Blanca Duquesa propietaria de Lancastro, su primera muger, al Rei Don Iuan I de Portugal. Estavan estas dos Reinas vestidas al traje Ingles, mui conforme à su Grandeza, i los Reyes al uso Español de aquellos tiempos: tenian ellos, i el Duque Iuan los escudos de sus armas a los pies, i abaxo dellos estava este distico.

ASPICE REGINAS ANGLORVM, ET SANGVINE GENTES LYSIADVM QVAE
PROLE BEANT, ET IBERICA REGNA.

Vede estas duas Rainhas do Real sangue de Ingraterra, que honrarão com sua descendencia Portugal, e Castella.

Destas duas Rainhas Ingrefas filhas do Duque Ioão, descende sua Magestade pelos Reis de Castella, e Portugal, que esta foi a tenção dos Ingrefes na representação destas figuras. Sobre este nicho avia hum pedestal grande, e sobre elle a estatua de São Iorge, Patrão de Ingraterra (como tambem o foi dos Portugueses nas guerras passadas que tiverão com os Castelhanos) estava o Santo armado, e a cavallo matando com a lança a Serpente como se costuma pintar, e no pedestal se lia este distico.

QVI FORTES ANGLOS BELLORVM IN TVRBINE SERVO IDEM LYSIADES
PROTEXI MILLE TRIVMPHIS.

Eu que sòu Protector da nação Ingresa nos perigos da guerra, defendi tambem aos Portugueses em muitas occasioes de seus triunfos.

Era a porta deste spectaculo de 45. palmos de alto, e vintecinco de largo; nos lados della avia dous Emblemas correspondentes no sentido, à historia do quadro grande, e das figuras do nicho, em hum se vião dous Falcões pelejando, no Ar com huma Garça que se mostrava vencida, dezia a letra.

EODEM PORTA LABORE.

Alcançada com igual trabalho.

Querendo significar pelos dous Falcoês, os Portugueses, e Ingrefes, e pela Garça Lisboa, em cuja conquista tiverão huns, e outros igual trabalho, e merecimento. O corpo do outro Emblema era de duas arvores, que no nacimiento tinham as raizes juntas, e apartandose os troncos com diferentes, e apartados ramos parecia que no alto se tornavão à juntar; dezia a letra.

DONEC IVNGANTVR, ET IPSAE.

Atè que se tornem à juntar os ramos.

Mostravão nesta empresa, o antigo parentesco, e amizade de Espanha com Ingraterra, como ò significavão as raizes juntas das duas arvores, donde os troncos, e ramos se apartavão e tornavão à juntar, querendo entender que ajuntandose per casamento, tornaria a ser huma arvore sò.

Àos lados deste Arco triumphal se arrimarão dous grandes quadros de 50. palmos de alto, e 31. de largo; em cada hum delles avia quatro nichos, repartidos com boa traça, e nelles quatro figuras do tamanho natural, pintados de cor de bronze. Os quatro da mão direita erão de quatro varoês insignes Portugueses, que pela qualidade e valor de suas pessoas forão Cavalleiros da Ordem da Garroteia, que os Reis de Ingraterra prezarão sempre tanto, e della hão feito tanta estimação, como os Reis de Espanha dado Tusão.

ASPICE REGINAS ANGLORVM, ET SANGVINE GENTES LYSIADVM QVAE
PROLE BEANT, ET IBERICA REGNA.

Mirad estas dos Reinas de la Real sangre de Inglaterra, que honraron con su descendencia Portugal, i Castilla.

Destas dos Reinas Inglesas, hijas del Duque Iuan deciende su Magestad por los Reyes de Castilla, i Portugal, que esta fue la intencion de los Ingleses en la representacion destas figuras.

Sobre este nicho avia un pedestal grande, i sobre el la estatua de san Iorge Patron del Reino de Inglaterra (como tambien lo ha sido de los Portugueses en las guerras passadas, que tuvieron con los Castellanos) estava el Santo armado, i a cavallo, matando con la lança la serpiente, como se suele pintar: en el pedestal se leia este distico.

QVI FORTES ANGLOS BELLORVM IN TVRBINE SERVO, IDEM LYSIADES
PROTEXI MILLE TRIVMPHIS.

Yo que soy protector de la nación Inglesa en los peligros de la guerra, defendi tambien a los Portugueses en muchas ocasiones de sus triunfos.

Era la puerta deste espectaculo de quarenta i cinco pies de alto, i 28 de ancho, en los derramos della avia dos Emblemas correspondientes en el sentido a la historia del quadro grande, i de las figuras del nicho. En el uno se veian dos halcones peleando en el aire con una garça, que se mostrava rendida: dezia la letra.

EODEM PARTA LABORE.

Alcançada con igual trabajo.

Queriendo significar por los dos halcones los Portugueses e Ingleses, i por la garça Lisboa, en cuya conquista tuvieron los unos i los otros igual trabajo i merecimiento. El cuerpo del otro Emblema era de dos arboles, que en el nacimiento tenian juntas las raizes, i apartandose los troncos con diferentes i dilatados ramos, en lo alto parecia, que unos nuevos se bolvian à juntar. Dezia la letra.

DONEC IVNGANTVR, ET IPSAE.

Hasta que buelvan los ramos a juntarse.

Mostravan en esta empresa, el antiguo parentesco, i amistad de España con Inglaterra, como lo significaron las raizes juntas, donde salieron los troncos de las dos arboles, i se bolvieron à juntar sus ramos, queriendo dar á entender, que si los nuevos ramos se juntassen por casamiento, bolveria à ser sola un arbol.

A los lados deste arco triunfal se arrimaron dos grandes quadros de 50 pies de alto, i treinta i uno de ancho, en cada uno de ellos avia quatro nichos repartidos con buena traça, i en ellos quatro figuras del tamaño natural, pintadas de color de bronze. Eran las quatro de la mano derecha, de quatro Varones insignes Portugueses, que por la calidad, i valor de sus personas fueron Cavalleros de la Orden de la Iarretera, que los Reyes de Inglaterra preciaron siempre tanto, i della han hecho tanta estimacion, como el Rei nuestro señor de la del Tuson.

O primeiro era o Infante Dom Pedro Duque de Coimbra, filho del Rei de Portugal Dom João o Primeiro, Governador deste Reino, na tutoria del Rei Dom Afonso V. seu sobrinho, e seu jenro, cujas heroicas virtudes exercitadas na paz, e na guerra forão em Europa (da qual peregrinou a maior parte) mui conhecidas; dezia o seu Epitafio, que lhe ficava à os pees

SVM PETRVS IOANNE SATVS, QVO PALLAS IN VNO EST. QVI GORROTHE-
VM PATRIIS DECVS INFERO SCEPTIS.

Sou Pedro filho de João em quem se juntou todo o valor da guerra, e da paz, que à Coroa paterna acrecentei a honra da Garroteia.

No segundo nicho estava o Infante Dom Enrique Duque de Viseu, Mestre da Ordem de Christo, filho do mesmo Rei Dom João I. Principe esclarecido pelos primeiros descobrimentos das Ilhas e lugares incognitos da costa de Africa a quem se devem todos os mais que para o Oriente fizerão os Portugueses, e para o Occidente os Castellanos, dezia a sua inscripção.

HENRICVS PETRI FRATER REGNA ANGLICA LVSTRO PRO MAGNIS
VIRTVS DEDIT AEQVVM INSIGNE TROPHEIS.

Sou Enrique irmão de Pedro, que pelos grandes trofeos que tive em Ingraterra, mereceo minha virtude a insignia da Garroteia.

Era o terceiro João Vazquez de Almada, pai de Alvaro Vazquez de Almada, Conde de Abranches em França, ambos assinalados fidalgos no valor que mostrarão nas guerras de Ingraterra, onde receberão a Ordem da Garroteia, tinha João Vazquez à os pees estes versos.

VASQVVS IOANNES ALMADA HOC ORE CORVSCO, DO COMITEM
ABRANCHIS, ME GARROTHEA SVFEREIT

Qual me vedes sou João Vazquez de Almada, que à Abranches dei hum Conde, e a Garroteia me honrou.

O quarto fidalgo Português era Aires da Silva senhor de Vagos, filho de João da Silva o Galindo, foi Embaxador em Ingraterra, onde por sua nobreza e prudencia merceo ser armado Cavalleiro da Ordem da Garroteia; os versos abaixo escritos dezião.

AIRES SILVA, DECVS QVOD CERNIS, MENTE, VEL ARMIS PROMERVI LVSI
LEGATVS REGIS. IN ANGLOS.

Sou Aires da Silva, e esta honrada insignia que me vedes alcancei por meu esforço, e prudencia, sendo Embaxador del Rei de Portugal em Ingraterra.

Da parte esquerda de frente destes quatto Portugueses, avia outros quatro Ingreses, que neste Reino forão pelas armas assinalados; o primeiro foi Oconon filho del Rei de Ingraterra, que ajudou com sua pessoa à el Rei Dom Fernando de Portugal, na guerr que teve com el Rei Dom João I. de Castella, tinha estes versos.

El primero era el Infante Don Pedro Duque de Coimbra, hijo del Rei Don Iuan I de Portugal, Governador deste Reino en la tutoria del Rei Don Alonso V su sobrino, i su yerno, cuyas heroicas virtudes exercitadas en la paz, i en la guerra fueron en Europa (cuya mayor parte peregrinò) muy conocidas. Dezia su Epitafio, que le quedaba à los pies.

SVM PETRVS IOANNE SATVS, QVO PALLAS IN VNO EST, QVI GORROTHER-
VM PATRIIS DECVS INFERO SCEPTRIS.

Soy Pedro, hijo de Iuan, en quien se juntò todo el valor de la guerra, i de la paz, que à Corona paterna acrecentè la honra de la Orden de la Iarretera.

En el segundo nicho estava el Infante Don Enrique Duque de Viseu Maestre de la Orden militar de Christo hijo del mismo Rei Don Iuan I Principe esclarecido por los primeros descubrimientos de las Islas y lugares incognitos de la costa de Africa, a quien se deven los demas, que para el Oriente hizieron los Portugueses, i para el Occidente los Castellanos. Dezia su inscripcion.

HENRICVS PETRI FRATER REGNA ANGLICA LVSTRO, PRO MAGNIS
VIRTVS DEDIT AEQVVM INSIGNE TROPHEIS.

Soy Enrique hermano de Pedro, que por los trofeos que tuve en Inglaterra, merecio mi virtud la insignia de la Iarretera

Era el tercero Iuan Vazquez de Aimada padre de Alvaro Vazquez de Almada Conde de Abranches en Francia, entrambos señalados Cavalleros, en el valor que mostraron en las guerras de Inglaterra, donde recibieron la Orden de la Iarretera. Tenia à sus pies este distico.

VASQVVS IOANNES ALMADA HOC ORE CORVSCO, DO COMITEM
ABRANCHIS, ME GORROTHERA SVPERBIT.

Qual me veys, soy Iuan Vazquez de Almada, que à Abráches he dado un Conde, i la Iarretera me ha honrado.

El quarto Cavallero Portugues era Ayres de Silva señor de Vagos, hijo de Iuan de Silva el Galindo, fue Embaxador en Inglaterra, donde por su nobleza, prudencia, i valor merecio ser del Rey de aquel Reyno armado Cavallero de la Orden de la Iarretera. Los versos abaxo escritos dezian.

AYRES SYLVA, DECVS QVOD CERNIS, MENTE, VEL ARMIS PROMERVI
LVSII LEGATVS REGIS IN ANGLOS.

Soy Ayres de Silva, i esta honrada insignia que me veis he alcançado por mi esfuerço i prudencia, siendo Embaxador del Rey de Portugal en Inglaterra.

De la parte izquierda enfrente destes quatro Cavalleros Portugueses avia otros quatro Ingleses, que en este Reyno fueron por las armas señalados: el primero fue Ocanon hijo del Rey de Inglaterra, que ayudò con su persona al Rey don Fernando de Portugal, en la guerra que tuvo con el Rey don Iuan I de Castilla: tenia este distico.

REGIS EGO CONON PROLES ANIMOSA BRITANNI LVSITANA SEQVOR
DVX ARMA, HISPANIA CEDIT.

Sou Oconon filho do animoso Rei de Ingraterra, sigo as armas Portuguesas e Espanha experimentou meu valor.

Edmundo Conde de Cambrix, filho del Rei Duarte III. e irmão do Duque João de Lancastro, era o segundo que veio à Portugal com huma grossa armada ajudar á el Rei Dom Fernando, em nome do Duque João de Lancastro seu irmão contra el Rei Dom João Primeiro de Castella; dezia seu epitafio.

CAMBRIXIS MAGNVS BELLO COMES INCLYTVS AYMON HISPANAM
ILLVSTRO PROPRIA VIRTUTE CORONAM.

Sou o inclito Edmundo Conde de Cambrix grande pela guerra, e com meus feitos illustro a Coroa Espanhola.

O terceiro era Dom Childe Rolim fidalgo Ingres, à quem el Rei Dom Afonso Enriquez deu a villa de Azambuja, em premio de suas proezas feitas na tomada de Lisboa, de quem decende a Illustre família dos Rolins em Portugal, tinha à seus pees este letreiro.

CHILDVS EGO ROLIM, NON AZAMBVIA, SED ORBIS AVGVSTVS FVERAT,
CHRISTVS MIHI MAXIMA MERCES.

Sou Childe Rolim para cujo valor, era pequeno lugar, não so Azambuja, se não o mundo todo, porem o maior premio de minhas proezas foi a Fè de Christo.

O quarto e ultimo era Dom Liberche Cavalleiro Ingres, que se achou tambem na conquista de Lisboa, foi senhor de Almada, da qual o mesmo Rei Dom Afonso lhe fez doação, os versos que tinha aos pees erão estes.

SANGVINE PARTA MEO REX INTRAS LIMINA PORTIS HISCE ANIMVM
POSVI, LLBERCHVS GLORIA MARTIS.

Sou Liberche honra de Marte, estas portas por donde entrais Rei e senhor, forão tomadas à custa do meu sangue, e nellas offereci a vida.

E para significar a correspondencia, e semelhança de valor que avia entre estes Cavalleiros Portugueses, e Ingreses, se pintou outro Emblema na volta da porta; era de hum Sol cujos raios ferião em dous espelhos fronteiros hum do outro, os quaes com reciproca reflexão se comunicavão à luz, e por tanto dezia a letra.

ALTERA ALTERI LVCET.

Hum ao outro comunica sua luz.

A outra fachada interior que ficava para a Cidade era da mesma traça que a exterior; no seu quadro grande estava representado o esforço por hum mancebo robusto, de aspecto bizarro, sementeas as armas de que estava armado de corações, a celada posta sobre hum pedestal de marmore, os pees sobre hum trofeo de bandeiras e armas, aos lados outras duas figuras, que representavão as duas nações Portuguesa, e Ingresa,

REGIS EGO CONON PROLES ANIMOSA BRITANNI LVSITANA SEQVOR
DVX ARMA, HISPANIA CEDIT.

Soy Ocanon hijo del animoso Rey de Inglaterra, sigo las armas Portuguesas, i España conocio mi valor.

Edmundo Conde de Cambrix hijo del Rey Eduardo III I hermano del Duque Iuan de Lancastro era el segundo que vino à Portugal con una gruessa armada, ayudar al Rey Don Fernando en nombre del Duque Iuan de Lancastro su hermano, contra el Rey Don Iuan I de Castilla. Dezia su Epitafio.

CAMBRIXIS MAGNVS BELLO COMES INCLYTVS AYMON HISPANAM
ILLVSTRO PROPRIA VIRTUTE CORONAM.

Soy el inclito Edmundo Conde de Cambrix, grande por la guerra, i con mis hazañas ilustro la Corona Española.

El tercero era Don Childe Rolin Cavallero Ingles, à quien el Rey Don Alonso Enriquez dio la villa de Azambuja, en premio de sus proezas obradas en la toma de Lisbóa, de quien deciende la ilustre familia de los Rolines en Portugal. Tenia à sus pies este letrado.

CHILDVS EGO ROLIM, NON AZAMBVIA, SED ORBIS AVGVSTVS FVERAT,
CHRISTVS MIHI MAXIMA MERCES.

Soy Childe Rolin, para cuyo valor era pequeño lugar, no Azambuja, sino el Mundo todo, pero el mayor premio de mis hazañas fue la Fee de Christo.

El quarto i ultimo era Don Liberche Cavallero Ingles, que se hallò tambien en la conquista de Lisboa, fue señor de Almada, de la que el mismo Rey Don Alonso le hizo donacion: el distico que tenia à los pies era este.

SANGVINE PARTA MEO REX INTRAS LIMINA PORTIS HISCE ANIMVM
POSVI, LLBERCHVS GLORIA MARTIS.

Soy Liberche honra de Marte, estas puertas por donde entrays, Rey i señor, fueron tomadas à costa de mi sangre, en ellas ofreci la vida.

I para significar la correspondencia, i semejança de valor, que avia entre estos Cavalleros Portugueses, e Ingleses se pintò otro Emblema en el capialçado de la puerta: era de un Sol, que heria con sus rayos en dos espejos fronteros uno del otro, los quales con reciproca reflexion se comunicavan la luz, i por tanto dezia la letra.

ALTERA ALTERI LVCET.

Uno al otro comunica su luz.

La otra fachada interior que mirava à la ciudad, era de la misma traça que la exterior. En su quadro grande estava representado el Esfuerço por un mancebo robusto, de aspecto bizarro, sembradas las armas de que estava armado, de coraçones, la celada puesta sobre un pedestal de marmol, los pies sobre un trofeo de banderas i armas: à los lados otras dos figuras, que representavan las dos naciones Portuguesa, e Inglesa

vestidas ao seu uso, e a cada huma dellas dava o esforço huma palma, e huma coroa de louro, abaixo tinha este Epigramma.

COGNATI POPVLI, AEOI DVO FVLMINA MARTIS EN VESTRVM PALMAE
IVNCTA CORONA DECVS. PRAEMIA VIRTVTI SVNT DEBITA, CLARVS
VTERQVE ROBORE, PAR ANIMIS, DIGNVS HONORE PARI. CRESCITE
AMICITIAE SVB FOEDERE, CRESCITE FACTIS, CRESCAT VT IMPERII
PARTA CORONA SIMVL.

A estas duas nações confederadas, que forão dous raios de Marte, concede o esforço igual palma, igual coroa, premios devidos à virtude, ambas são igualmente illustres, no valor, e nas armas; polo qual merece iguaes louvores e honras, creção na amizade, e nas obras, para que creça a coroa do vosso ímperio que juntamente ganhastes.

No nicho estava pintado hum Emblema, cujo corpo era de dous Leoês rampantes, com Coroas Reaes nas cabeças, espadas nas mãos postas em Cruz, que do meio para baixo erão de reluzéte aço, e do meio acima convertidas em ramos de Ouliveira; dezia a letra.

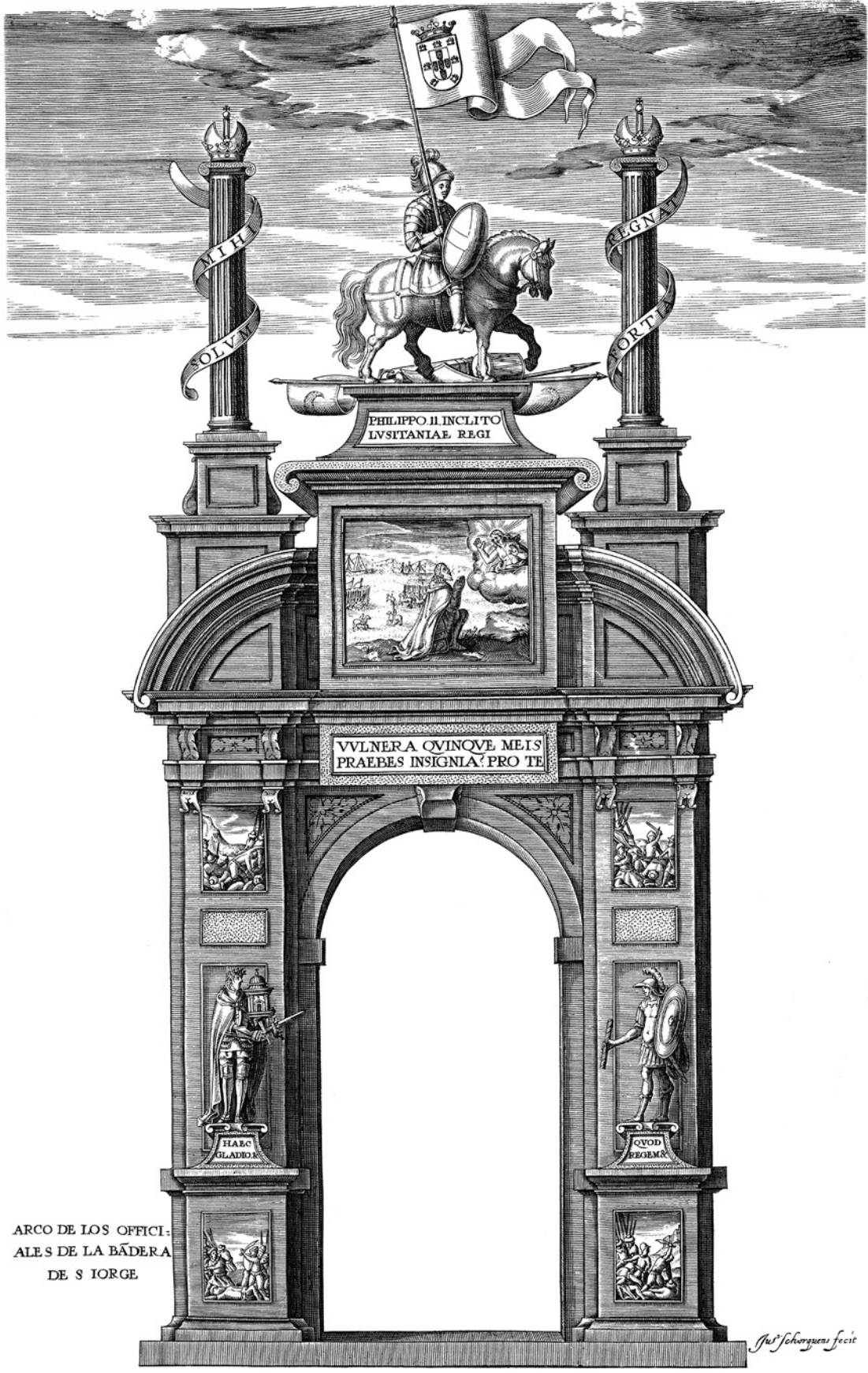
IAM MVTATA QVIESCVNT.

Ia mudadas gozão de paz, e quietação.

Aludindo às guerras passadas, e às pazes presentes, os Leões tírados das armas de Espanha, e Ingraterra, significão os Reis destes dous Reinos, os quães rompendo em tanta guerra como a passada, converterão as espadas em ramos de Ouliveira, simbolo da Paz, da qual debaixo da proteiçãõ de tam ínclitos Principes gozem por largos annos os Estados sojeitos à seus Imperios.

ARCO DOS OFFICIAES DA BANDEIRA DE SÃO IORGE.

Passado o arco triumphal dos Ingreses se entra na pequena praça do Pelourinho velho, a qual saem quatro ruas, que são a Dover do peso, a Rua nova, a Prataria, e a de Dom Gileanes. Na boca da rua Dover do peso avia huma fabrica de 63. palmos de alto, e trinta de largo, que fazerão os officiaes da bandeira de São Iorge, tinha hum Arco para a servetia da rua; aos lados avia dous altos pedestaes em cujas dianteiras se vião pintadas batalhas entre Portugueses e Mouros, sobre os pedestaes estavão duas peanhas, sobre ellas duas estatuas armadas, a da mão direita era del Rei Dom Afonso Enriquez, tinha na cabeça huma Coroa de louro, na mão direita huma espada nua, e nella metida huma Coroa de Ouro, que mostrava offerer a sua Magestade ao passar por aquelle spectaculo. Com esta inscripção escrita na peanha.



PHILIPPO II INCLITO
LVSITANIAE REGI

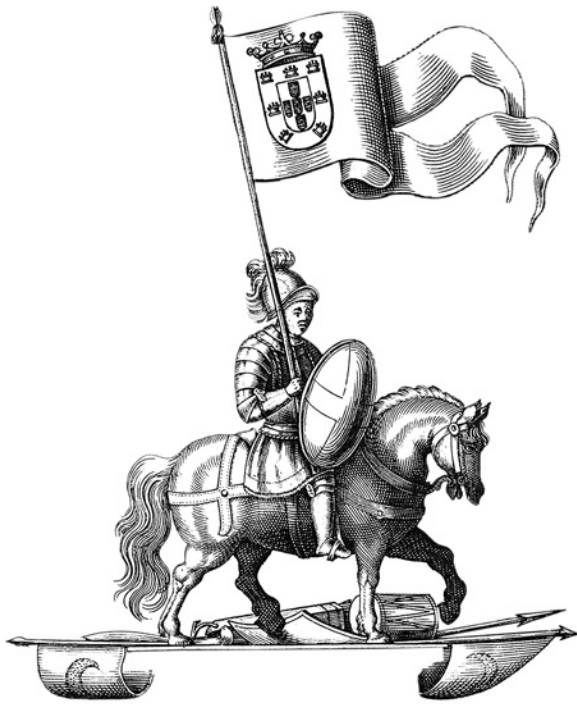
VVLNERA QVINQVE MEIS
PRAEBES INSIGNIA PRO TE

HAEC
GLADIO

QVOD
REGEM

ARCO DE LOS OFFICI:
ALES DE LA BADERA
DE S IORGE

Jus Schongauer fecit



vestidas à su usança, i a cada una dellas dava el Esfuerço una palma, i una corona de laurel: abaxo tenia este Epigrama.

COGNATI POPVLI, SAEVI DVO FVLMINA MARTIS EN VESTRVM PALMAE
IVNCTA CORONA DECVS. PRAEMIA VIRTVTI SVNT DEBITA, CLARVS
VTERQVE ROBORE, PAR ANIMIS, DIGNVS HONORE PARI. CRESCITE
AMICITIAE SVB FOEDERE, CRESCITE FACTIS, CRESCAT VT IMPERII
PARTA CORONA SIMVL.

A estas dos naciones confederadas, que fueron dos rayos de Marte concede igual palma, igual corona, i hora el Esfuerço, premios devidos à la Virtud, entrambas son igualmente illustres en el valor, i en las armas: por lo qual merecen iguales alabanças i honras, crescan en la amistad, i en las obras, para que crezca la corona de vuestro Imperio, que juntamente ganastes.

En el reverso del nicho estava pintado otro Emblema, cuyo cuerpo era de dos Leones rampantes, con coronas Reales en las cabeças, espadas en las manos puestas en Cruz, que del medio abaxo eran de limpio azero, i del medio arriba convertidas en ramos de oliva, dezia la letrea.

IAM MVTATA QVIESCVNT.

Ya mudadas gozan de paz, i quietud.

Aludiendo à las guerras passadas, i à las pazes presentes. Los Leones sacados de las armas de España, e Inglaterra significan los Reyes destos Reynos, los quales rompiendo en tanta guerra como la passada, convirtieron las espadas en ramos de oliva, symbolo de la paz, de la qual, debaxo de la proteccion de tan inclitos Principes gozen por largos años los Estados sujetos à sus Imperios.

ARCO DE LOS OFICIALES DE LA BANDERA DE SAN IORGE.

Passado el arco triunfal de los Ingleses hay una pequeña plaça llamada el Pelourinho vello, à la qual salen quatro calles, cuyos nombres son, Verdopeso, Rua nova, Prataria, i Rua de don Gileanes. En la boca de la calle Verdopeso avia una fabrica de sesenta y tres pies de alto, i treinta i tres de ancho, que hizieron los oficiales de la bandera de san Iorge: tenia un arco para el servicio de la calle, à los lados avia dos altos pedestales, en cuyas delanteras se veian pintadas batallas entre Portugueses, i Moros. Sobre los pedestales estavan dos peañas, i en ellas dos estatuas armadas: la de la mano derecha era el Rey Don Alonso Enriquez I de Portugal, tenia en la cabeça una corona de laurel: en la mano derecha una espada desnuda, i en ella metido una corona de oro, que mostrava ofrecer à su Magestad con este distico escrito en su peaña.

ALPHONSVS I. AD PHILIPPVM II. LVSITANIAE REGEM. HAEC GLADIO
TIBI PARTA MEO, ET VIRTVTE MEORVM VERTICE FVLGEBIT DIGNA
CORONA TVO.

El Rei Dom Afonso I. à Filipe II. Rei de Portugal. Esta Coroa ganhada para vos com a minha espada, e com o valor de meus vassallos, resplandecera dignamente na vossa cabeça.

A outra estatua da mão esquerda era de Marte, tinha na mão hum bastão de Geral que pretendia entregar a sua Magestade dizendo o seguinte, que se lia na sua peanha.

MARS AD PHILIPPVM II. LVSITANIAE REGEM. QVOD REGEM HEROVM
SCEPTRVM DECET, ACCIPE MARTIS HOC REX LVSIADVM, MARS SIMVL
ORBIS ERIS.

Marte a Filipe II. Rei de Portugal. Tomai Rei dos Portugueses o bastão de Geral que vos dà Marte, decente à Rei de Heroes, com o qual sereis no mundo hum novo Marte.

Encima destas estatuas avia duos quadros entre quatro pilastras que abraçavão o Arco, e sustentavão esta maquina, nos quaes estavam pintadas conquistas de Cidades ganhadas a os Mouros pelos Portugueses, e sobre o Arco em meio do frontispicio avia hum quadro grande, e nelle pintados os exércitos del Rei Dom Afonso Enriquez, e dos Mouros no campo de Ourique, onde del Rei forão com grande estrago vencidos; e o apparecimento de Christo nosso Salvador ao mesmo Rei antes de dar a batalha, e vencer os cinco Reis Mouros, que foi a origem das armas de Portugal; abaixo deste quadro encima do friso estavam estes versos.

ALPHONSVS AD CHRISTVM. VVLNERA QVINQVE MEIS PRAEBES INSIG-
NIA? PRO TE VVLNERA PASSVROS, VVLNERA SACRA DECENT.

El Rei Dom Afonso à Christo. Vossas cinco chagas Senhor dais por armas aos meus? bem pertencem vossas sagradas chagas aos que por vos as hão de padecer.

Sobre o mesmo quadro em toda a sua largura se levantava huma grande peanha, e sobre ella huma figura á Cavallo armada ao antiguo com huma lança na mão direita, e abraçado hum escudo com as armas de Portugal, a quem esta estatua representava, na peanha avia esta dedicação.

PHILIPPO II. INCLYTO LVSITANIAE REGI IPSA SVOS DICAT TRIVM-
PHOS.

O Reino de Portugal dedica todos seus triunfos à Felipe II seu inclito Rei.

Por remates avia duas colunas que acompanhavão a estatua de Portugal de huma, e outra parte; encima de seus capiteis estavam duas Coroas douradas, e envoltas às colunas duas cartelas; em huma dezia.

SOLVM MIHI.

E na outra.

ALPHONSVS I. AD PHILIPPVM SECVNDVM LVSITANIAE REGEM. HAEC
GLADIO TIBI PARTA MEO, ET VIRTVTE MEORVM VERTICE FVLGEBIT
DIGNA CORONA TVO.

El Rey Don Alonso I à Felipe Segundo Rey de Portugal. Esta Corona ganada para vos con mi espada, i con el valor de mis vassallos, resplandecera dignamente en vuestra cabeça.

La otra estatua de la mano izquierda era de Marte, tenia en la mano un baston de General, que pretendia entregar à su Magestad, diciendo en otro distico, que se leia en su peña.

MARS AD PHILIPPVM II. LVSITANIAE REGEM. QVOD REGEM HEROVM
SCEPTRVM DECET, ACCIPE MARTIS HOC REX LYSIADV M, MARS SIMVL
ORBIS ERIS.

Marte à Felipe Segundo Rey de Portugal. Tomad, Rey de los Portugueses, el baston de General, que os da Marte, decente à Rey de Heroes, con el qual sereis un nuevo Marte en el Mundo.

Encima destas estatuas avia dos quadros, entre quatro pilastras que abraçavan el arco, i sustentavan esta maquina, en los quales estavan pintadas conquistas de ciudades, hechas por los Portugueses à los Moros, i sobre el arco en medio del frontispicio avia un quadro grande, i en el pintados los exercitos del Rey Don Alonso Enriquez, i de los Moros en el campo de Ourique, donde el Rey fueron con gran estrago vencidos, i el aparecimiento de Christo Nuestro Salvador al mismo rey, antes de dar la batalla, i vencer los cinco Reyes Moros, como vencio, que fue la origen de las armas de Portugal. Abaxo deste quadro encima del friso estavan estos versos.

ALPHONSVS AD CHRISTVM. VVLNERA QVINQVE MEIS PRAEBES INSIG-
NIA? PRO TE VVLNERA PASSVROS, VVLNERA SACRA DECENT.

El Rey Don Alonso à Christo. Vuestras cinco llagas Señor, dais por armas à los mios? bien pertenecen vuestras sagradas llagas à los que por vos las han de padecer.

Sobre el mismo quadro en toda su anchura se levantava una gran peña, i sobre ella una figura á cavallo armada à lo antiguo con una lança en la mano derecha, i en el braço izquierdo embraçado un escudo con las armas de Portugal, à quien esta estatua representava, i en la peña avia esta dedicacion.

PHILIPPO II. INCLYTO LVSITANIAE REGI IPSA SVOS DICAT TRIVMPHOS.

El Reyno de Portugal dedica sus triunfos à Felipe Segundo inclito Rey suyo.

Por acroterias avia dos columnas, que acompañavan à la estatua de Portugal de una i otra parte: encima de sus capiteles estavan dos coronas doradas, i rebueltas á la columnas dos cartelas, en la una dezia.

SOLVM MIHI.

I en la otra.

FORTIA REGNANT.

Sò em mi reinão os fortes.

Espectaculo dos officiaes da bandeira de São Miguel.

Na pequena praça do Pelourinho velho havia huma representação de doze Cidades principaes do Reino de Portugal, que com os dous lados da praça formavão duas ruas, pelas quaes passou sua Magestade Na esquina dellas sobre hum alto pedestal estava a Imagem de São Miguel mui ricamente vestido, e ornado com preciosas joias, por ser o avogado dos officiaes que fizerão este espectaculo. As estatuas das Cidades erão maiores do natural fingidas de marmore branco perfiladas as roupas de ouro. Tinhão nas mãos chaves que offerecião à sua Magestade estavão sobre pedestaes de jaspe vermelho de nove palmos de alto, e nelles escritos seus nomes, e em humas redondilhas as excellencias de cada huma, ficavão destribuidas de tres em tres entre quatro piramides, e a Imagem de São Miguel; nos pedestaes das piramides avia estas quatro redondillas em nome das Cidades.

*As chaves, e a liberdade,
e os frutos que nellas crecem
estas cidades offrecem
oje à vossa Magestade.
Inda que as chaves vos demos
sem vista em vossa presençã
com mui grande differença
damos tudo quanto temos.
Com estes humildes doês
vos affirma o nosso amor,
que fois natural Senhor
das portas, e corações.
Recebei Senhor benino
debaixo do poder vosso
o Amor, e desejo nosso
mais que as chaves de aço fino.*

É nos pedestaes das Cidades estas.

BRAGA.

*Sou Braga antigua, e famosa
Primã de Espanha e por quantos
Arcebispos tenho Santos,
sou mais nobre, e venturosa.*

EVORA.

*Sou Evora Illustre Cidade
rica, grande, e populosa
por meus campos tam famosa;
como pela Antiquidade.*

COIMBRA.

*Sou Coimbra a quem levanta
saber sciencia, e clausura
de hum Rei santo sepultura,
e de huma Rainha santa.*

FORTIA REGNANT.

Solo en mi reynan los fuertes.

Espectaculo de los oficiales de la bandera de san miguel.

En la pequeña plaça del Pelouriño vello avia una representacion de doze Ciudades principales del Reyno de Portugal, que con los lados de la plaça formavan dos calles. En la esquina dellas sobre un alto pedestal estava la imagen de san Miguel mui ricamente vestido i adornado con preciosas joyas, por ser abogado de los oficiales que hizieron este espectaculo. Las estatuas de las Ciudades eran mayores del natural, fingidas de marmol blanco, perfiladas de oro las ropas, tenian en las manos llaves, que ofrecian à su Magestad: esta vá sobre pedestales de jaspe colorado de nueve pies de alto, en ellos escritos lo nombres, i en unas redondillas las excelencias de cada una, quedavan distribuidas de tres en tres entre quatro piramides, i la imagen de san Miguel. En los pedestalesde las piramides avia estas quatro coplas en nombre de las Ciudades.

*As llaves, e à liberdade,
e os frutos que en ellas crecem
estas cidades ofrecem
oje à vossa Magestade.
Inda que as llaves vos demos,
sem vista en vossa presença
con muy grande diferença
damos tudo quanto temos.
Com estes humildes dões
vos afirma o nosso amor,
que fôis natural Senhor
das portas e corações.
Recebey Senhor benino
debaixo do poder vuestro
o amor, e desejo nosso
mais que as chaves de aço fino.*

I en los pedestales de las ciudades estotras.

BRAGA.

*Sou Braga antiga e famosa
Primas de España, e por quantos
Arcebispos tenho Santos,
sou mais nobre e venturosa.*

EVORA.

*Sou Evora Illustre cidade,
rica, grande, e populosa,
per meus campos tam famosa
como pola antiguidade.*

COIMBRA.

*Sou Coimbra, à qué levantam
saber, sciencia, e clausura,
de hum Rey santo sepultura,
e de huma Rainha santa.*

PORTO.

*Sou o Porto fundador
do nome de Portugal,
e deste agudo metal
mui grande fabricante.*

GVARDA.

*Sou a Guarda à cuja serra
o ardente Estio deve
o mimoda branca neve,
que aqui refrigeraque a terra.*

LAMEGO.

*Sou rica, e fértil Lamego
donde Baco sem seu dano
para passar o Oceano
acha muito grande emprego.*

VISEU.

*Sou Viseu nobre, e antiga,
que à Rodrigo sepultei
quando fugido o guardei
da Maura gente inimiga.*

LEIRIA.

*Sou Leiria verde, e amena
de cujo pinho excelente
as armadas do Oriente
a vossa Coroa ordena.*

PORTALEGRE.

*Sou Portalegre afamada
por meu pano brando, e fino,
visto o Reino de contino,
e sou rica, e abastada.*

ELVAS.

*Sou Elvas rica e possate,
e sobre outros frutos mais
de compridos Olivais
sou mais fértil, e abundante.*

MIRANDA.

*Sou a escondida Miranda
à quem limita os caminhos,
o Douro, e montes vizinhos
com Castella da outra banda.*

BEIA.

*Sou Beja cujos poderes
se entendem de tal maneira,
que sou de todas primeira
nos frutos de Baco, e Ceres.*

PORTO.

*Sou o Porto fundador
do nome de Portugal,
e deste agudo metal
mui grande fabricante.*

GVARDA.

*Sou a Guarda, à cuja serra
o ardente Estio deve,
o mimo da branca neve,
que aqui refrigera a terra.*

LAMEGO.

*Sou rica e fértil Lamego,
donde Baco sem seu dano
para passar o Oceano
acha muito grande emprego.*

VISEV.

*Sou Viseu nobre e antiga,
que à Rodrigo sepultey,
quando fugido o guardey
da Maura gente inimiga.*

LEIRIA.

*Sou Leiria verde, amena,
de cujo pinho excelente
as armas do Oriente
a vossa Corona ordena.*

PORTALEGRE.

*Sou Portalegre afamada
por meu pano brando, e fino
visto o Reyno de contino,
e sou rica e abastada.*

ELVAS.

*Sou Elvas rica e possante
e sobre otros fruitos mais,
de compridos olivais
sou mais fértil e abundante.*

MIRANDA.

*Sou à escondida Miranda,
à quem limita os caminhos,
o Douro, e montes vizinhos
con Castella da outra banda.*

BEIA.

*Sou Beja, cujos poderes
se entendem de tal maneira,
que sou de todas primeira
nos fruitos de Baco, e Ceres.*

ARVORE DOS REIS DE PORTUGAL DOS PRATEIROS.

Das outras Ruas que saem à esta praça, a que fica defronte do Arco dos Ingreses, e da Rua feita das estatuas das Cidades, he a Prataria em cuja boca fabricarão os Prateiros hum grande Arvore dos dezoito Reis de Portugal, que ouve desde el Rei Dom Afonso Enriquez, atè el Rei Dom Filipe I. Era o tronco deste Arvore de madeira prateada, e todos os ramos e folhas de fina prata com grande arte e perfeição lavradas. Os Reis erão estatuas do tamanho natural, vestidas e ornadas segundo convinha mais á suas acçoês. Estavão em pee sobre os ramos de prata que procedião do tronco à que estava arrimado el Rei Dom Afonso Enriquez como primeiro Rei deste Real arvore que morreo no anno de 1183. os outros Reis hião dispostos segundo a successão com seus nomes aos pees, por esta ordem.

Dom SANCHO I, filho del Rei Dom Afonso, morreo no anno de 1212.

Dom AFONSO II, filho del Rei Dom Sancho, morreo no anno de 1233.

Dom SANCHO II, filho del Rei Dom Afonso II. morreo no anno de 1246.

Dom AFONSO III, filho del Rei Dom Afonso II, successor del Rei Dom Sancho II. seu irmão, morreo no anno de 1279.

Dom DINIS, filho del Rei Dom Afonso III. morreo no anno de 1325.

Dom AFONSO IIII, filho del Rei Filho del Rei Dom Dinis, morreo no anno de 1357.

Dom PEDRO, filho del Rei Dom Afonso, morreo no anno de 1368.

Dom FERNANDO, filho del Rei Dom Pedro, morreo no anno de 1383.

Dom IOÃO I, filho del Rei Dom Pedro, e successor del Rei Dom Fernando seu irmão, morreo no anno de 1433.

Dom DVARTE, filho del Rei Dom Ioão I. morreo no ano de 1438.

Dom AFONSO V, filho del Rei Dom Duarte, morreo no anno de 1481.

Dom IOÃO II, filho del Rei Dom Afonso V, morreo no anno de 1495.

Dom MANOEL, neto del Rei Dom Duarte, filho de seu filho o Infante Dom Fernando, successor del Rei Dom Ioão II, seu primo irmão, morreo no anno de 1521.

Dom IOÃO III, filho del Rei Dom Manoel, morreo no anno de 1557.

Dom SEBASTIÃO, neto del Rei Dom Ioão III. filho do Principe Dom Ioão, que succedeo a seu Avo, morreo no anno de 1578.

Dom ENRIQVE, irmão del Rei Dom Ioão III, successor del Rei Dom Sebastião seu sobrinho, morreo no anno de 1580.

Dom FILIPE I, neto del Rei Dom Manoel, filho da Emperatriz Dona Isabel sua filha, succedeo à el Rei Dom Enrique seu tio, morreo no anno de 1598.

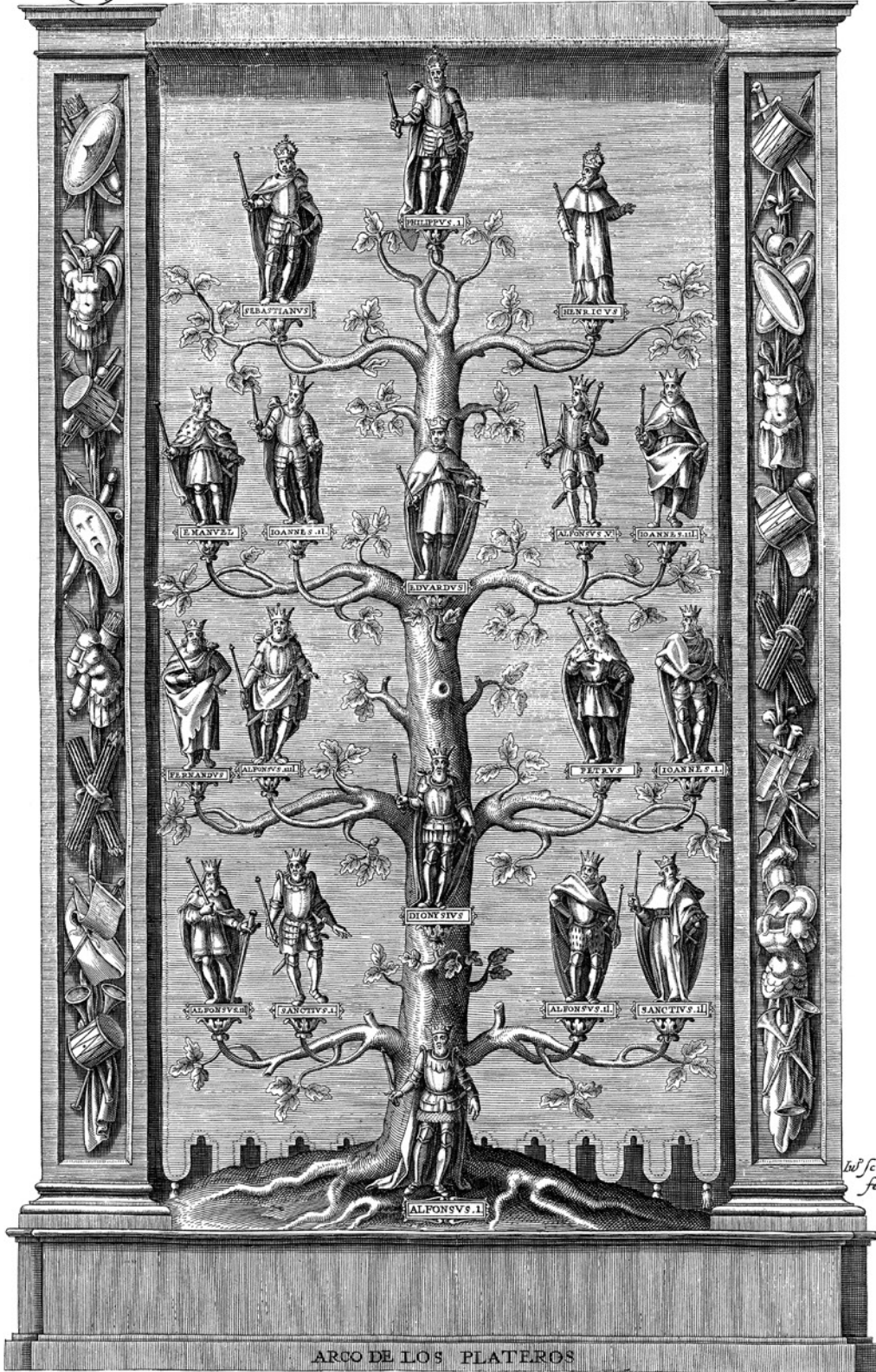
Arrimavase este Arvore à hum rico e grande dosel, tinha aos lados duas mui altas pilastras ornadas com varios trofeos, e rematadas com escudos das armas Reaes de Portugal.

ARCO DOS CORRIEIROS.

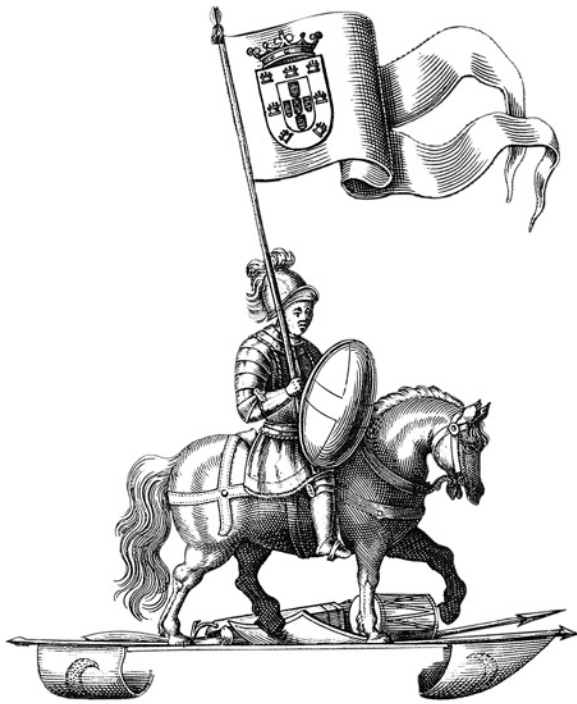
No outro lado da Praça que com as estatuas das Cidades fazia Rua sahia a de Dom Gileanes, na entrada della avia hum Arco de altura de cinquenta palmos, e trinta de largo, tinha quatro colunas duas de cada parte do Arco, e entre ellas duas estatuas fingidas de marmore branco, huma da Fortaleza, e outra da Prudencia, como o mostravão seus simbolos; virtudes que mais resplandecerão no vitorioso Rey Dom Afonso Enriquez, o qual armado se representava em hum nicho que ficava sobre a cornija, e no frontispicio estavão as armas de Portugal.



ARBOL DE LOS REYES DE PORTV GAL



*Jus sc horqñ.
fecit*



ARCO DE LOS REYES DE PORTUGAL DE LOS PLATEROS.

De las otras calles que salen à esta plaça, la que queda en frente del arco de los Ingleses, i de la calle que hazian las estatuas de las Ciudades, es la Plateria, en cuya boca fabricaron los Plateros un grande Arbol de los dieziocho Reyes de Portugal, que ha avido desde el Rey Don Alonso Enriquez hasta el Rey Don Felipe I. Era el tronco del arbol de madera plateada, i los ramos i hojas de fina plata, con gran perfeccion labradas: los Reyes eran estatuas del tamaño natural, vestidas i adornadas, segun convenia mas à sus acciones. Estavan en pie sobre los ramos de plata, que procedian del tronco, cuyas raizes salian del Rey Don Alonso Enriquez, como primer Rey deste Real arbol, que murio en el año de 1183 los otros Reyes ivan dispuestos segun la sucession, con sus nombres à los pies por esta orden.

DON SANCHE I. Hijo del Rey don Alonso, murio en el año de 1212.

DON ALONSO II. Hijo del Rey don Sancho, murio en el año de 1233.

DON SANCHE II. Hijo del Rey don Alonso II, murio año de 1246.

DON ALONSO III. Hijo del Rey don Alonso II, successor del Rey don Sancho II su hermano, murio año de 1279.

DON DINIS. Hijo del Rey don Alonso III, murio año de 1325.

DON ALONSO IIII. Hijo del Rey don Dinis, murio año de 1357.

DON PEDRO. Hijo del Rey don Alonso IIII, murio año de 1368.

DON FERNANDO. Hijo del Rey don Pedro, murio año de 1383.

DON IUAN I. Hijo del Rey don Pedro, i successor del Rey don Fernando su hermano, murio año de 1433.

DON DVARTE. Hijo del Rey don Iuan I, murio año de 1438.

DON ALONSO V. Hijo del Rey don Duarte, murio año de 1481.

DON IUAN II. Hijo del Rey don Alonso V, murio año de 1495.

DON EMANVEL. Nieto del Rey don Duarte, hijo de su hijo, el Infante don Fernando, i successor del Rey don Iuan II, su primo hermano, murio año de 1521.

DON IUAN III. Hijo del Rey don Emanuel, murio año de 1557.

DON SEBASTIAN. Nieto del Rey don Iuan III, hijo del Principe don Iuan, que succedee à su abuelo, murio año de 1578.

DON ENRIQVE. Hermano del Rey don Iuan III, successor del Rey don Sebastian su sobrino, murio en el año de 1580.

DON FELIPE I. Nieto del Rey don Emanuel hijo de la Emperatriz doña Isabel su hija, successor del Rey don Enrique su tio, murio año de 1598.

Arrimavase este arbol à un rico dosel, tenia à los lados dos mui altas Pilastras, adornadas con varios trofeos, i rematadas con escudos de las Reales armas de Portugal.

ARCO DE LOS GVARNICIONEROS.

En el otro lado de la plaça, que con las estatuas de las Ciudades hazia calle, sale la de don Gileanes, en la entrada della avia un arco de altura de cinquenta pies, i de anchura treinta, tenia quatro colunas, dos de cada parte del arco, i entre ellas dos estatuas fingidas de marmol blanco, una de la Fortaleza, y otra de la Prudencia, como lo mostravan sus simbolos, virtudes que mas resplandecieron en el vitorioso Rey D. Alonso Enriquez, el qual armado se representava en un nicho, que quedava sobre la cornija, i en el tempamo del frontispicio estavan las armas de Portugal.

ARCO DOS ATAFONEIROS.

Passado este Arco á poucos passos se via outro á entrada da Rua das Carneçarias velhas, no qual entre quatro colunas revestidas, com lavores de cera branca, à partes dourada; puserão sobre hum estrado de quatro degrãos huma estatua de sua Magestade assentado em huma cadeira arrimada à hum dosel de tela; encima da cornija avia huma grande peanha sobre a qual estava a Imagem de Nossa Senhora do Desterro com São Ioseph, por ser insignia da bandeira dos Atafoneiros que fizerão esta representação, e aos lados dous Anjos: estatuas todas ricamente vestidas, e detras da Imagem de Nossa Senhora avia huma alta Palmeira. Sobre outras duas peanhas que carregavão sobre as colunas avia outras duas figuras, huma da Providencia, e outra da Vigilancia; esta tinha escrito na sua peanha este terceto.

*Do Ceo para esta terra sois guiado
Aõnde por Vigilancia Portuguesa
Segura, e firme esta vossa grandeza.*

A Prudencia tinha estoutro.

*Vinde alegre Senhor ao Reino vosso,
Que quem Deos muito quer estima, e ama
Por Providencia cà de lonje o chama.*

ARCO DOS OLEIROS.

Adiante deste Arco ha huma pequena praça, na qual vem à parar a Padaria, Rua por donde sua Magestade subio para a See, ao pee da mesma Padaria sae a Rua da Misericordia, em cuja entrada fizerão os Oleiros sua representação; era de hum Arco pelo qual se servia a Rua entre dous altos, e largos pedestaes, sobre os quaes em duas peanhas estavam as Imagens de vulto das Santas Iusta e Rufina, mui bem ornadas com seus vasos de barro nas mãos, e entre ellas levantada huma torre sobre o Arco, insignia que com as Santas tem a bandeira destes officiaes; nas ameas do primeiro andar da torre havia huma tarja sustentada de dous mininos, na qual estava escrita esta oitava fallando com sua Magestade.

*Inda que tem de barro os fundamentos
Esta torre alterosa, e levantada
Não teme a força de contrarios ventos
Por vos nessas colunas sustentada
Obra que arrima à vos os pensamentos
Não pode facilmente ser quebrada,
E o forte mais soberbo, e mais bizarro
Contra o vosso poder serà de barro.*

Em dous quadros que ficavão nos pedestaes, no da mão direita estava pintada a Natureza coroada de flores; tinha em huma mão hum vaso de barro vermelho, e da outra lhe pegava hum homem meio saído da terra, que significava o barro, no pee estava este quarteto.

*Para demonstração de maior grandeza
Na perfeição da terra que pisais
Atè o barro humilde dà finais
De quanto a quiz honrar a natureza.*

ARCO DE LOS ATAHONEROS.

Passado este arco á pocos passos se veia otro a la entrada de la calle de las carnicerías viejas, en el qual entre quatro columnas revestidas con lavores de cera blanca, a partes dorada pusieron sobre una tarima de quatro gradas una estatua de su Magestad, assentado en una silla arrimada a un dosel de tela: encima de la cornija avia una gran peaña, sobre la qual estava la imagen de Nuestra Señora del Destierro con san Ioseph, por ser insignia de la bandera de los Atahoneros, que hizieron esta representacion, i à los lados dos Angeles, imagenes todas ricamente vestidas, i las espadas de la imagen de Nuestra Señora una alta palma. Sobre otras dos peañas, que cargavan sobre las columnas avia otras dos figuras, una de la Providencia, i otra de la Vigilancia, esta tenia escrito en su peaña este terceto.

*Do Ceo para esta terra sois guiado,
Aonde por vigilancia Portuguesa
Segura, e firme està vossa grandeza.*

I la Providencia tenia estotro.

*Vinde alegre Senhor, ao Reyno vuestro,
Que quem Deos muito quer, estima, e ama,
Por Providencia cà de lonje o chama.*

ARCO DE LOS OLLEROS.

Adelante deste Arco ay una placetilla, á la qual sala la Padaria, calle por donde su Magestad subio para la Iglesia mayor, al pie de la misma Padaria viene à parar otra calle, que llaman de la Misericordia. A la entrada della hizieron los Olleros su representacion: era un arco (por el qual se servia la calle) entre dos altos, i anchos pedestales, sobre los quales en dos peañas estavam las imagenes de bulto de las santas Iusta, i Rufina mui bien adornadas, con sus vasos de barro en las manos, i entre ellas sobre el arco levantada una torre, insignia que con las Santas tiene la bandera destes oficiales. En las almenas del primer cuerpo de la torre avia una cartela sostenida de dos niños, en la qual estava escrita esta otava, hablando con su Magestad.

*Inda, que tem de barro os fundamentos
Esta torre alterosa e levantada,
Por vos nestas columnas sustentada
Não teme à força de contrarios ventos.
Obra que arrima à vos os pensamentos,
Não pode facilmente ser quebrada,
E o forte mas soberbo, e mas bizarro,
Contra o vuestro poder sera de barro.*

En dos quadros, que quedavan en los pedestales, en el de la mano derecha estava pintada la Naturaleza coronada de flores, tenia en una mano un vaso de barro colorado, i de la otra le asia un hombre medio salido de la tierra, que significava el barro, al pie estava este quarteto.

*Para demonstração de maior grandeza
Na perfeição da terra que pisais
Atè o barro humilde dà sinais,
De quanto à quiz honrar à natureza.*

Encima deste quadro avia outro pequeno com hum Emblema cujo corpo era duas mãos cheas de agoa, aludiendo á que o rustico lavrador offereceo nellas a Xerxes, dezia a letra.

ET TIBI PVRIOR, ET PVLCHROR.

Para vos mais pura, e mais fermosa.

No outro quadro da mão esquerda estava pintada a Arte, à seus pees varios instrumentos mecanicos, e entre elles huma roda de Oleiro, na qual ella tinha posta a mão esquerda, e na direita hum vaso de porcelana da que se faz em Lisboa contrafeita da China, ao pee desta figura avia estoutro quarteto.

*Aqui Monarca excelso soberano
Vos offerece a Arte peregrina
Fabricado no Reino Lusitano,
O que antes nos vendeo tam caro a China.*

Encima no quadro pequeno avia outro Emblema, era huma Não da India da qual se descarregavão barças de porcelana da China, e outros Navios estrangeiros que carregavão da nossa, e outros que ja carregados della, saião do Porto; era a letra deste Emblema.

ET NOSTRA PERERRANT.

Tambem as nossas vão a varias Regioês.

Rematavase a torre com huma estatua de hum Anjo, que tinha na mão o escudo das armas de Portugal.

ARCO DOS ÇAPATEIROS.

No topo da Padaria na entrada da Rua que sobe da Igreja da Madalena, avia hum Arco de boa architectura, e bem pintado, e na Rua que baixa de São Crespim, huma representação da tomada de Lisboa; fingiãose os muros do seu Castello, e aporta por donde ella foi entrada, que oje se chama do Moniz, por ser Dom Martim Moniz o primeiro que pelo valor de seu braço entrou por ella com morte de muitos Mouros que lha defendião. Estava à estatua deste esforçado fidalgo (filho que foi de Dom Moninho Osorez de Cabreira, progenitor da illustre familia dos Vasconcellos de Portugal) armado à mesma porta huma rodela embraçada, e nella escrita esta oitava.

*E tu nobre Lisboa que no mundo
Facilmente das outras es Princesa,
Que edificada foste do facundo
Por cujo engano foi Dardania acesa,
Tu à quem obedece o Mar profundo
Obedeceste à força Portuguesa,
En ti fundou Afonso o Reino Augusto,
Que Filipe acrecenta forte, e justo.*

No alto avia hum quadro de mui boa pintura da conquista de Lisboa, aos dous lados duas Imagens de vulto dos Santos Martyres Crespim, e Crespiniano, avogados

Encima deste quadro avia otro pequeño con un Emblema, cuyo cuerpo eran dos manos llenas de agua, aludiendo á la que el rustico labrador ofrecio en ellas à Xerces; dezia la letra.

ET TIBI PVRIOR, ET PVLCHRIOR.

Para vos mas pura, i mas hermosa.

En el otro quadro de la mano izquierda estava pintada el Arte à sus pies varios instrumentos mecanicos, i entre ellos una rueda de Ollero, en la qual ella tenia puesta la mano izquierda, i en la derecha un vaso de porcelana, de la que se haze en Lisboa, contrahecha de la China: al pie desta figura avia estotro quarteto.

*Aqui Monarca excelso, soberano,
Vos offrece a Arte peregrina
Fabricado no Reyno Lusitano,
O que antes nos vendeo tam caro a China.*

I encima en el quadro pequeño avia otro Emblema era una nave de la India, descargandose della vaseras de porcelana de la China, i otros navios estrangeros, que cargavan de la nuestra, saliendo otros cargados della, á vela tendida del puerto. Era la letra deste Emblema.

ET NOSTRA PERERRANT.

Tambien las nuestras van à varias Regiones.

Rematavase la torre con una estatua de un Angel, que tenia en la mano el escudo de las armas de Portugal.

ARCO DE LOS ZAPATEROS.

En el testero de la Padaria en la entrada de la calle, que sube de la Iglesia de la Madalena, avia un arco de buena arquitetura, i bien pintado, i en la calle que baxa de san Crespin una representacion de la toma de Lisboa: fingianse los muros de su Alcaçóva, i la puerta, por donde ella fue entrada, que oy se llama del Moniz, por ser Don Martin Moniz, el primero que por el valor de su braço entrò por ella con muerte de muchos Moros, que se la defendian. Fue Don Min hijo de Don Moniño Osores de Cabrera, i progenitor de la ilustre familia de los Vasconzelos de Portugal. Estava la estatua deste esforçado Cavallero, armado à la misma puerta un escudo embraçado, i en el escrita esta otava.

*Et tu nombre Lisboa, que no Mundo
Facilmente das outras es Princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania acesa.
Tu, à quem obedece o Mar profundo,
Obedeceste à força Portuguesa,
En ti fundou Afonso o Reyno Augusto,
Que Filippe acrecenta, forte e justo.*

En lo alto avia un quadro de mui buena pintura al olio de la conquista de Lisboa, à los lados dos imagenes de bulto de los santos Martires Crespin, i Crespiano (Abogados

dos çapateiros que fizerão esta obra, em cujo dia 25. de Outubro, do anno 1147. foi ganhada esta Cidade aos Mouros por el Rei Dom Afonso Enriquez. No alto entre as ameas do muro se via o Alferez do Moniz com sua bandeira arvorada, e outros soldados armados com suas espadas ensanguentadas nas mãos, e nas outras cabeças de Mouros.

ARCO DOS CERIEIROS.

Nos muros antigos da Cidade, que pelo menos forão fundados pelos Godos, segundo se conhece da sua fabrica, ha hum porta que chamão do Ferro; esta tomarão os Cerieiros à sua conta, e com estrãordinaria invenção a ornarão toda com cera branca, na forma que se vee no desenho presente, revestindo todos os membros deste edificio de varias flores, e frutos com que todo elle parecia hum vaga, e deleitosa Primavera. A estatua que ficava no alto representava a Deosa Flora, era grande da mesma cera lavrada com grande perfeição, espalhava flores de hum cesto que tinha na mão, à seus pees estava esta oitava.

*Que muito que à seu tempo vos dee flores
Gram Monarca do Mundo a Primavera
Davos o que não fez, que se as fizera
Renderse lhe puderão mil louvores,
Frescas, e à seu tempo volas dera
Quem fez estas, que eu tenho por melhores,
Pois sempre estão em hum ser sempre viçosas,
E à vossa vista mais que as faz fêrmosas.*

A volta do Arco, e do muro era hum parreira chea de uvas tanto ao natural confeitadas, que puderão enganar aos homes, como enganarão aos passaros as que pintou Zeuzis.

A vista desta porta, e poucos passos della distante fica a See, e no meio deste breve espaço, à mão esquerda está a Igreja de São Antonio, singular ornamento de Lisboa, onde naceo, e de Padua que goza de seu sagrado corpo, fundada por el Rei Dom João II. no mesmo sitio onde esteve a casa de Martim de Bulhões Pai deste milagroso Santo, e onde naceo, e se criou, e para conservar tam digna memoria, na mesma Igreja (que oje se vee ricamente ornada com excellentes pinturas da vida, e milagres deste nosso Santo) hà hum porta pela qual he tradição, que o tirarão à bautizar na See, e não se abre senão aos 13. de Junho dia de sua gloriosa morte do anno 1231. Sobre à Capella maior desta Igreja, esta a Camara da Cidade.

ARCO DOS ITALIANOS.

Passou sua Magestade venerando tam santo lugar, e chegou á See, em cuja porta a nação Italiana em agradecimento das merces que neste Rei no recebe de sua Magestade, levantou hum Arco triumphal de mui boa architettura, que pintado de branco, e negro representava ser todo de pedraria. Tinha este Arco hum so entrada grande, sobre a qual avia hum quadro que a occupava toda, na qual se vião pintadas duas figuras maiores do natural, a hum era del Rei Nosso Senhor, a outra de hum donzella que representava Italia, que inclinada à sua Magestade lhe offerecia em hum Cornucopia suas forças, e animo, como significava esta dedicação escrita encima deste quadro.

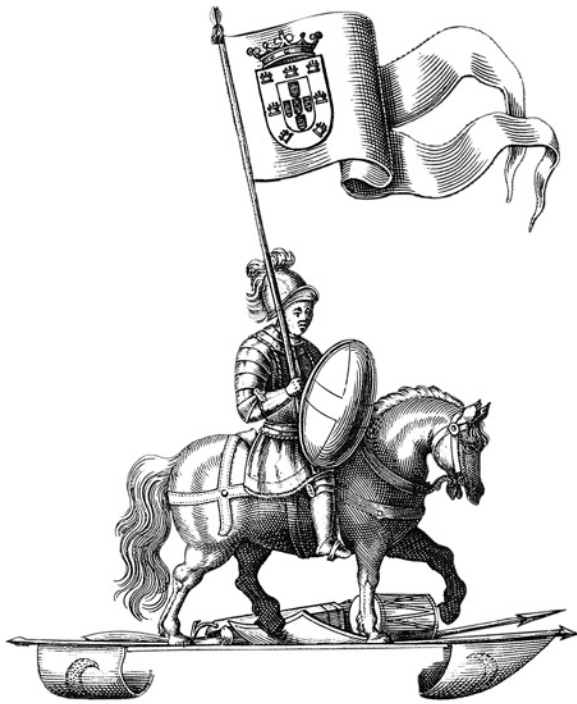


FLORA

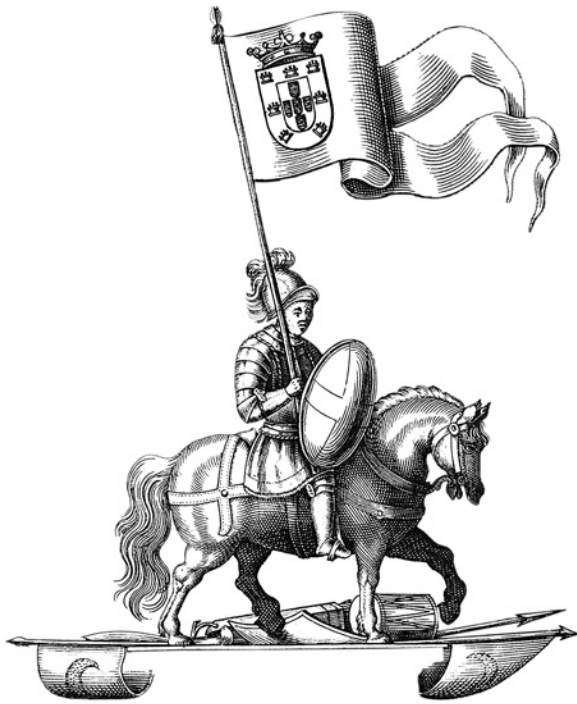
QVE MVITO Q A SEV TEM
PO VOS DE FLORES
GRAM MONARCHA DO
MVNDO, A PRIMAVERA
DAVOS O QVE NAÕ FEZ
QVE SE AS FIZERA &

ARCO DE LOS
ÇEREROS

J. W. Schorkeus fecit







de los Zapateros, que hizieron esta obra) en cuyo día 25 de Octubre del año de 1147 fue ganada esta ciudad de los Moros por el Rey don Alonso Enriquez. En lo alto entre las almenas del muro se veia el Alferez del Moniz con su bandera arbolada, i otros soldados armados, con sus espadas ensangrentadas en las manos, i cabeças de Moros en las otras.

ARCO DE LOS CEREROS.

En los muros antiguos de la Ciudad, que por lo menos fueron fundados por los Godos, segun se echa de ver en su fabrica, ay una puerta que llaman del Hierro, esta tomaron à su cuenta los Cereros, i con extraordinaria invencion la adornaron toda con cera blanca, de la forma que se vee en el diseño, revistiendo todos los miembros deste edificio de varias flores, i frutos, con que todo el parecia una vaga, i deleitosa Primavera: la figura que quedava en lo alto, representava la Diosa Flora, era grande, de la misma cera, labrada con gran perfeccion, esparzia varias flores: à sus pies tenia esta otava.

*Que muito que à seu tempo vos dê flores,
Gran Monarca do Mundo, a Primavera,
Davos, o que não fez, que se as fizera,
Renderse lhe puderão mil lovrores,
Frescas, e à seu tempo volasdera,
Quem fez estas, que eu tenho por melhores,
Pois sempre estão num ser, sempre viçosas,
E à vossa vista mais, que as faz fêrmosas.*

La buelta del arco de la muralla era un parral lleno de uvas, tan al natural retratadas, que pudieran engañar à los hombres, como engañaron à los paxarillos, las que pintò Zeuzis.

A vista desta puerta, i pocos passos distantes della queda la Iglesia mayor, en medio deste breve espacio à mano izquierda està la Iglesia de san Antonio, singular ornamento de Lisboa, donde nacio, i de Padua, que goza de su sagrado cuerpo, fundada por el Rey don Iuan II en el mismo sitio, donde estuvo la casa de Martin de Bullones padre deste milagroso santo, i donde el se criò, i para conservar tan digna memoria, en la misma Iglesia (que oy està ricamente adornada con excelentes pinturas de la vida i milagros del Santo) ay una puerta, por donde, es tradicion, que le sacaron à bautizar à la Iglesia mayor, la qual no se abre, sino en treze de Iunio, dia de su gloriosa muerte del año 1231. Sobre la Capilla mayor està la casa del Ayuntamiento de la Ciudad, à que llaman Camara.

ARCO DE LOS ITALIANOS.

Passo su Magestad venerando tan santo lugar, i llegò á la Iglesia mayor, en cuya puerta là nacion Italiana en agradecimiento de las mercedes, que en este Reyno recibe de su Magestad, levantò un arco triunfal de mui buena arquitetura, que pintado de blanco i negro representava ser todo de canteria. Tenia este Arco una sola entrada grande, sobre la qual avia un quadro, que le ocupava toda, en que se veina pintadas dos figuras mayores del natural: la una era del Rey nuestro señor: la otra de una donzella, que representava Italia, la qual inclinada à su Magestad le ofrecia en una cornucopia sus fuerzas, i animo, como lo significava esta dedicação escrita encima deste quadro.

CATHOLICO HISPANIARVM MONARCHAE AMPLISS. NOVI ORBIS
IMPERATORI.

Ão Catolico Monarca das Espanhas, e ao grande Emperador do novo Mundo.

E aos pees de sua Magestade, e de Italia, estava este distico.

CORDA ET DONA OFFERT LATIVM TIBI DIVITE CORNV CERNE PAREM
HESPERIA REX IN VTRAQVE FIDEM.

Nesta rica Cornucopia vos offerece Italia as riquezas, e corações de seus habitadores, nos quaes vereis o grande Rei, no ser de igual sua fidelidade  de Espanha.

Rematavase este edifício com huma Tiara Pontifical, eduas chaves insignias dos Summos Pontífices senhores de Roma, cabeça da Igreja Catholica, as quaes estavão postas sobre hum pequeno quadro, e nelle pintados os dous mininos irmãos Romulo, e Remo, mamando da Loba, que Roma por seus primeiros fundadores têm por insignia. aos lados della avia quatro estatuas, erão de Iano, Eneas, Cesar, e Augusto, com que significavo a Antiguidade, poder, e grandeza de Italia, sendo Iano seu primeiro Rei, Eneas progenitor de seus primeiros Emperadores, Iulio Cesar, e Otaviano Augusto. Outros quatro os melhores, Vespasiano, Antonino Pio, Trajano, e Marco Aurelio, estavão arrimados as pilastras do segundo corpo desta fábrica, como se vee no debuxo, no qual as duas taboas collateraes da maior, continho a expulsão dos Mouriscos; empresa que pareceo impossivel, eque sua Magestade sem derramar sangue com quietaco não esperada acabou felicissimamente; em huma das taboas estava pintada a embarcaco em Espanha desta gente perfida, com este verso.

VELA DAMVS MAVRI HESPERIAE FIDEIQVE REBELLES.

Embarcados partimos de Espanha rebeldes  ella e a Fé santa.

Na outra taboa se mostrava sua desembarcaco em Africa.com esta letra.

CLADES NOSTRA SALVS HISPANIS, FAMA PHILIPPO.

Nossa calamidade he saude para Espanha, e fama para Filipe.

No primeiro corpo deste spectaculo debaixo das duas taboas referidas, avia outras quatro, nas duas mais altas estavão pintadas as duas praças de Larache, e Mamora, que occupou sua Magestade em Africa; tinha Larache escrito este verso.

IAM COELVM LARACHE AEQVO, VICTORE PHILIPPO.

Iguala Larache ao Ceo, com Filipe vencedor.

Mamora tinha estoutro.

ECCE MAMORA PIO SVB PRINCIPE VICTA TRIVMPHO.

Triunfa Mamora vencida por hum Principe pio.

Nos outros dous quadros inferiores estava Hercules, que representava sua Magestade vencedor do Co Cerbero, guarda do inferno com suas tres Cabeças segnifica-

CATHOLICO HISPANIARVM MONARCHAE AMPLISSIMO NOVI ORBIS
IMPERATORI.

Al Catolico Monarca de las Españas, i al grande Emperador del Nuevo Mundo.

I a los pies de su Magestad, i de Italia, estava este distico.

CORDA, ET DONA OFFERT LATIVM TIBI DIVITE CORNV, CERNE PAREM
HESPERIA REX IN VTRAQVE FIDEM.

En esta rica cornucopia os ofrece Italia las riquezas, i coraçones de sus habitantes, en los quales vereis, o gran Rey, no ser desigual su fidelidad à la Española.

Rematavase este edificio con una Tiara Pontifical, i dos llaves, insignias de los Sumos Pontífices señores de Roma, cabeça de la Iglesia Catholica, las quales estavan puestas sobre un pequeño quadro, en que se veian pintados los dos niños hermanos Romulo, i Remo, mamando de la loba, que Roma por sus primeros fundadores tiene por armas. A los lados dellas avia quatro estatuas, eran de Iano, Eneas, Cesar, i Augusto, con que significavan la Antigüedad, poder, i grandeza de Italia, siendo Iano su primero Rey, Eneas progenitor de sus primeros Emperadores, Iulio Cesar, i Otaviano Augusto: Otros quatro los mejores Vespasiano, Antonino Pio, Trajano, i Marco Aurelio, estavan arrimados a las pilastras del segundo cuerpo desta fabrica, como se vee en el debuxo; en el qual las dos tablas colaterales de la mayor, contenian expulsion de los Moriscos, empresa que parecia imposible, i que su Magestad, sin derramar sangre, con quietud no esperada ha acabado felicissimamente. En una tabla estava pintada la embarcacion en España desta gente perfida con este verso.

VELA DAMVS MAVRI, HESPERIAE, FIDEIQVE REBELLES.

Embarcados partimos de España, rebeldes à ella, i à Fee santa.

En la otra tabla se mostrava su desembarcacion en Africa con estotra letra.

CLADES NOSTRA, SALVS HISPANIS, FAMA PHILIPPO.

Nuestra calamidad es la salud para España, i fama para Felipe.

En el primer cuerpo deste espectaculo debaxo de las dos tablas referidas avia otras quatro, en las dos dellas mas altas estavan pintadas las dos plaças de Larache, i Mamora, que ocupò su Magestad en Africa: tenia Larache escrito este verso.

IAM CAELVM LARACHE AEQVO, VICTORE PHILIPPO.

Iguala Larache al Cielo, con Felipe vencedor.

Mamora tenia estotro.

ECCE MAMORA PIO SVB PRINCIPE VICTA TRIVMPHO.

Triunfa Mamora vencida por un Principe pio.

En los dos quadros inferiores, en uno estava Hercules, que representava à su Magestad, vencedor den Can Cerbero, guarda del Infierno con tres cabeças, como fin-

doras de tres maiores vicios Gula, Luxuria, e Avareza, contrarios das tres virtudes Parsimonia, Continencia, e Liberalidade, que em sua Magestade, acompanhadas de outras muitas, resplandecem; dezia a letra desta pintura.

IRRITVS CVSTOS.

Inutil guarda.

O outro quadro tinha Febo tirando setas à Serpente Pythom, com esta letra.

OPTATA SALVS.

Desejada saude.

Querendo mostrar, que como o Sol da luz, e alegre à terra com seus raios deste-rrando della à malencolia causada da escuridão, e humidade da noute, significada pela Serpente Pythom; assi à Real presença de sua Magestade, tam desejada dos Portu-gueses, da qual avia 36. annos, que com summa tristeza carecião, ha desfeito as ne-voas, e tirado a escuridão que cobria à este Reino, restituindolhe a luz, e alegria, que com a vista dos seus Reis soia ter, e a desejada saude, que da de sua Magestade seu Rei, e Senhor, espera conseguir. Sobre o Arco estavão as armas de Portugal, e aos lados dellas duas empresas; ambas tinhão por corpo hum globo terrestre, rodeava hum delles huma cobra com esta letra.

CONSILIO, ET PATIENTIA.

Com conslho, e paciencia.

Dando a entender, que com taes companhias, se governara bem a Monarchia de Espanha, da qual fazendo cabeça à Lisboa (que so he capaz, e merecedora do seu trono) carecera de limite o seu Imperio. O que significava a outra empresa que era hum cetro sobre a Cidade de Lisboa descripta no outro globo, dezia a letra.

HIC PRINCIPIVM, FINIS NVLLIBI.

Aqui o principio sfem termo.

Nos quatro pedestaes avia os seguintes disticos.

ROMA HOC TEMPLVM APERIT TIBI CLAVIBVS, ASTRA DEDISSE DIFFERT
ILLA DEVS, REGNET, VT ORBE FIDES.

Roma vos abre com as chaves este Templo, e vos dera o Ceo, mas Deos o dilata,
porque com vossa vida Reine sua Fè Santa en todo o mundo.

NOBILIORE ORNO TIBI MI REX MAGNE COLOSSO ROMA ORBI QVON-
DAM NVNC DOMINATA POLO.

Roma Rainha antiguamente do mundo, e agora do Ceo, se os nou para vos ò gram
Rei com este mais nobre Colosso.

gieron los Poetas, significadoras de tres vicios, Gula, Luxuria, i Avaricia, contrarios de tres virtudes, Parsimonia, Continencia, i Liberalidad, que en el Rey nuestro señor con otras muchas resplandecen. Dezia la letra desta pintura.

IRRITVS CVSTOS.

Inutil guarda.

El otro quadro tenia Febo tirando saetas à la serpiente Python con esta letra.

OPTATA SALVS.

Desseada salud.

Queriendo mostrar, que como el Sol alumbra, i alegra la tierra con sus rayos, des-terrando della la Melancolia, causada de la escuridad, i humedad de la noche, signifi-cada por la serpiente Python; assi la Real presencia de su Magestad tan desseada de los Portugueses, de la qual avia treinta i seis años que con suma tristeza carecian, ha deshecho las nieblas, quitando la escuridad que cubria à este Reyno, restituyendole la luz, i alegria, que con la vista de sus Reyes solia tener, i la desseada salud, que la de su Magestad, Rey suyo espera conseguir.

Sobre el arco, i friso estavan las armas de Portugal, i à los lados dellas dos empre-sas, entrambas tenian por cuerpo un Globo terrestre, rodeava uno dellos una culebra con esta letra.

CONSILIO, ET PATIENTIA.

Con consejo, i paciencia.

Dando à entender, que con tales compañeros se gobernarà bien la Monarquia de Es-paña, de la qual haziendo cabeça a Lisboa (que sola es capaz, i merecedora de su Trono) carecera de limites su Imperio. Esto significava que otra empresa, que sobre la ciudad de Lisboa, descripta en el otro Globo de la tierra, quedava un ceptro con esta letra.

HIC PRINCIPIVM, FINIS NVLLIBI.

Aqui el principio fin termino.

En los quatro pedestales avia los siguientes disticos.

ROMA HOC TEMPLVM APERIT TIBI CLAVIBVS, ASTRA DEDISSET, DI-
FFERT ILLA DEVS, REGNET VT ORBE FIDES.

Roma os abre con las llaves este Templo, i os diera el cielo, pero Dios lo dilata,
porque con vuestra vida reyne su Fee santa en todo el Mundo.

NOBILIORE ORNO TIBI MI REX MAGNE COLOSSO ROMA ORBI QVON-
DAM, NVNC DOMINATA POLO.

Roma Reyna antiguamente del Mundo, i aora del Cielo se adornò para vos, o gran
Rey con este mas noble Colosso.

AVSONIA AVGVSTOS DESPEXI PRISCA TRIVMPHOS, QVI TE REX FR-
VITVR MILLE TROPHAEA VIDET.

A antiga Itália despreza os Augustos triunfos, porque quem vos goza vee mil trofeos.

O derradeiro dezia fallando com sua Magestade em figura de Iupiter (namorado de Europa) planeta que domina em Espanha.

HESPERIDVM SALVE REX MAXIME IVPITER ALMA PROGENIE, EVRO-
PAM QVI SUPER ASTRA VEHIS.

Vinde embora Iupiter, Rei Maximo das duas Hesperidas, que com inclita Progenie levantai a Europa sobre as Estrellas.

A SEE

Apeouse sua Magestade, e Alteças nas escadas da See, e o Presídense da Camara, os Vereadores deixando as varas do Palio à outros officiaes, usando do seu privilegio se puserão à mão esquerda de sua Magestade, tindo o Principe Nosso Senhor a direita, e Alteças detras. Com esta ordem subirão as escadas, e no tableiro dellas diante da porta da See, aguardava à sua Magestade o Arcebispo de Lisboa Dom Miguel de Castro, vestido em Pontifical, sem Mitra com o Lignum Crucis nas mãos. Sostentado pelos braços por sua muita idade por dous Diaconos Assistentes, o Arcediano de Santarem Dom Miguel de Castro seu sobrinho, e Filipe Iacome Tesoureiro da See, cobrião hum Palio de brocado com oito varas de prata, que levavão oito Beneficiados da Igreja com ricas capas bordadas. ao lado do Arcebispo estava o Deão Afonso Furtado de Mendoça, e diante o Arcediano de Lisboa João Pinto da Cunha, com o Bago, seguia o Cabido por suas antiguidades: os primeiros tres Conegos de cada lado com capas de Brocado, e os demais com sobrepellizes, e mucetas negras forradas de Cerim Carmesi, habito usado dos Conegos desta Santa Igreja; à todos se adiantavão as Cruzes do Arcebispo, e do Cabido; com os Capellães, e musicos. Assi ordenados chegou sua Magestade, e Alteças e agiolhados sobre quatro almofadas deitadas encima de huma rica alcatifa, adorarão o Santo Lenho, e entrarão com o acompanhamento de Cabildo na Igreja detras do Palio. Saiose delle o Arcebispo, deu a Cruz que levea ao Tesoureiro, e tomado o hisope da mão do Daião deitou agua benta à sua Magestade e Alteças com as ordinarias ceremonias, e dado o hisope ao Daião, e tornando a tomar a Cruz metido outra vez debaixo do Palio, foi continuando a procissão, cantandosse solenissimamente o *Te Deum laudamus* até o Altar maior, diãte do qual sobre hum grande sitial fizerão sua Magestade, e Alteças oração, em quanto o Choro, e o Arcebispo cantarão as Antifonas, e orações ordenadas para semelhante acto pelo ceremonial Romano, e acabadas deitou a Arcebispo a benção, e tirando as vestiduras Pontificaes, e os Conegos as capas, e dalmaticas, vierão todos beijar a mão a sua Magestade e Alteças por suas precedencias, que forão as seguintes, o Arcebispo, o Daião, o Chantre, Paulo Bezerra de Barros, o Arcediago de Lisboa, o Tesoureiro, o Arcediago de Santarem ja nomeados, o Arcediago da Terceira Cadeira Lourenço da Gama Pereira, Desembargador da casa da supplicação, o Arcipreste Antonio Carvalho de Perada, os Conegos Baltasar da Costa, Gregorio da Fonseca, Antonio de Tavares, Deputado da Mesa da consciencia e Ordens, Manoel Pimentel, Manoel da Silva, Manoel de

AVSONIA AVGVSTOS DESPEXI PRISCA TRIVMPHOS, QVI TE, REX,
FRVITVR, MILLE TROPHAEA VIDET.

La antigua Italia desprecia los Augustos triunfos, porque quien os goza, Rey, ve mil trofeos.

El postrero dezia, hablando con su Magestad en figura de Iupiter enamorado de Europa, planeta que domina en España.

HESPERIDVM SALVE REX MAXIME IVPITER ALMA PROGENIE, EVRO-
PAM QVI SUPER ASTRA VEHIS.

Venid en buen hora, Iupiter, Rey maximo de las dos Hesperidas, que con inclita progenie levantaiis à Europa sobre las estrellas.

IGLESIA MAYOR

Apeose su Magestad, i Altezas en las gradas de la Iglesia mayor, i el Presidente, i los Regidores dexadas las varas del palio à otros oficiales, representando el Ayuntamiento, usando de su privilegio, se pusieron à la mano izquierda de su Magestad, yendo el Principe nuestro señor à la derecha, i sus Altezas despues: con esta orden subieron las gradas, i en el descanso dellas delante de la puerta de la Iglesia aguardava à su Magestad el Arçobispo de Lisboa Don Miguel de Castro vestido en Pontifical, sin mitra, con una Cruz de lignum Crucis en las manos, sustentado por los braços por dos Diaconos asistentes, el Arcediano de Santarem Don Miguel de Castro su sobrino, i Felipe Iacome Tesorero de la Iglesia: cubriale un palio de brocado con ocho varas de plata, que llevaban ocho Beneficiados de la Iglesia con ricas capas bordadas. Al lado del Arçobispo estavan en Dean Alonso Furtado de Mendoça, i delante el Arcediano de Lisboa Iuan Pinto de Acuña con el baculo Pastoral. Seguian el Cabildo por su antiguedades los primeros tres Canonigos de cada lado, con capas de brocado, i los demas con sobrepelizes, i mucetas negras, aforradas de raso carmesi, habito usado de los Canonigos desta santa Iglesia. A todos se adelantavan las Cruces del Arçobispo, i del Cabildo con los Capellanes, i Musicos; assi dispuestos, llegò su Magestad, i Altezas, i arrodillados en quatro almohadas, que estavan sobre una rica alhombra, adoraron el lignum Crucis, y entraron con el acompañamiento del Cabildo en la Iglesia detras del palio: saliose del el Arçobispo, dio el lignum Crucis al Tesorero, i tomado el isopo de mano del Dean, echò el agua bendita à su Magestad, i Altezas con las ordinarias ceremonias, i buelto el isopo al Dean, i tornando a tomar la Cruz, metido otra vez debaxo del palio, fue continuando la procesion, cantandose solenissimamente el *Tè Deum laudamus*, hasta el altar mayor, delante del qual sobre un grande sitial hizieron su Magestad, i Altezas oracion. En quanto el coro, i el Arçobispo cantaron las Antiphonas i oraciones ordenadas para semejante acto por el ceremonial Romano, i acabadas diole bendicion el Arçobispo, i quitandose las vestiduras Pontificales, i los Canonigos las capas, i dalmaticas, vinieron todos besar la mano à su Magestad, i Altezas por sus precedencias, que fueron las siguientes: el Arçobispo, el Dean, el Chantre Pablo Bezerra de Barros, el Arcediano de Lisboa, el Tesorero, el Arcediano de Santarem ya nombrados, el Arcediano de la tercera silla Lorengo de Gama Pereira, Oidor del Consejo Real, el Arcipreste Antonio Carvalho de Perada, i los Canonigos Baltasar de Acosta, Gregorio de Fonseca, Antonio de Tavares, Deputado del Consejo de la Conciencia i Ordenes, Manuel Pimentel, Manuel de Silva, Manuel de Andrade de Vasconcelos, Diego Homem, Iuan de Teive, Lucas de Silva, Diego de

Andrade de Vasconcellos, Diogo Homem, João de Teive, Lucas da Silva, Diogo de Brito Doutral de Canones, e desembargador, Manoel de Lucena Deputado do Santo Officio da Inquisição. Gaspar Varela, Ayres Corrêa Baharé Doutral de Theologia, Agustinho Botelho da Fonseca, Antonio Monteiro, João de Montesinho Salema, e Lourenço Taveira. A nenhum derão sua Magestade, e Alteças as mãos, e acabada esta cerimonia, os forão acompanhando o Arcebispo, e Cabido atè a porta da Igreja da parte de dentro, onde sua Magestade os mandou ficar, por não ser costume sair fora della.

He esta See de fabrica antigua Gothica, e para aquella idade sumptuosa, quando el Rei Dom Afonso Enriquez tomou Lisboa, servia de Mezquita maior aos Mouros, mandouha el Rei purificar das abominações Mahumetanas, e consagrar restituindo-lhe a dinidade Episcopal, que teve no tempo dos Reis Godos, cujos Bispos erão entam suffraganeos à Metropoli de Merida, e despois à de Braga, atè o tempo del Rei Dom João I. em que de Cathedral foi sublimada à Metropolitana, da qual são suffraganeos os Bispos da Guarda, Portalegre, Elvas, Leiria, Ilhas, e Brasil, estava ricamente armada.

Na sua Capella maior, reedificada pelo mesmo Rei Dom João, da parte direita estava sepultado el Rei Dom Afonso VIII. o que com sua pessoa e gente ajudou à el Rei Dom Afonso XI. de Castella seu jenro, na famosa batalla do Salado, da qual estes dous Reis sairão vitoriosos com riquissimos despojos, e morte de infinitos Mouros: junto do tumulo del Rei està outro da Rainha Dona Britiz sua mulher filha del Rei Sancho de Castella.

Da outra parte se guarda o inestimavel tesouro do corpo do invicto Martyr São Vicente spectaculo do mundo, Padroeiro de Lisboa minha patria, que para tal Cidade tal Padroeiro convinha. Foi este glorioso Santo natural de Huesca, huma das principaes Cidades do Reino de Aragão, e na casa onde naceu, esta fundada em honra sua huma pequena Igreja a porta Nova de aquella Cidade, e outra se levantou junto da See, dedicada ao mesmo Martyr, no lugar em que esteve a casa de seu Avo, e na qual elle se criou que ambas eu vi, e reconheci na quella Cidade, no anno de 1614. em que fui a Aragão por mandado de sua Magestade. Foi São Vicente Arce-diago de São Valero Bispo de Zaragoza, como o foi tambem outro Martyr Frances Agennése do mesmo nome, cujo santo corpo levou de Valença Audaldo Monje Bento, no anno de 850. e o collocou no Mosteiro de Castro em Provença, onde ha resplandecido com grandes milagres, e dos Franceses he reputado pelo nosso Aragonese, primo de São Lourenço, não menos que elle assado, cuja fortaleza, e constancia não poderão vencer todos os tormentos que inventou a impiedade de Daciano, e huma cama branda e regalada, em que despois delles o mandou deitar, lhe tirou a vida. Guardouse o corpo deste inclito Martyr com grande veneração na Cidade de Valença, onde foi martyrizado, atè o tempo de Abderramen Rei de Cordova, cruel perseguidor dos Christãos, destruidor de suas Igrejas, e abrasador dos corpos Santos. Temerosos alguns Christãos Moçarabes, dos que vivião em Valença, que chegando à ella Abderramen, fizesse do corpo de São Vicente o que avia feito de outros, o embarcarão em hum Navio, no anno de 757. (noventa e tres annos antes que o corpo de São Vicente Agennense fosse levado de Valença pelo monje Audaldo) e com elle aportarão no sacro promontorio ultimos fins dos Algarves de Espanha, onde como en lugar mais seguro despositarão o Santo corpo em huma pequena Ermida que fizerão e para a sua morada humas choças. Passados annos veio parar à a quella parte Aliboazen Cavalleiro Mouro de Fez, que derrubou a Ermida, tirou a vida aos Christãos que guardavão

Brito Doctoral de Canones, i Oidor del Cónsejo Real, Manuel de Lucena Deputado del santo Oficio, Gaspar Varela, Ayres Correa, Baharem Doctoral de Teología, Augustin Botello de Fonseca, Antonio Monteyro, Iuan de Montesiño Salema, i Lorenço Taveira. A ninguno dieron su Magestad, y Altezas las manos, i acabada esta ceremonia les fueron acompañando el Arçobispo, i Cabildo hasta la puerta de la Iglesia de la parte de dentro, donde su Magestad les mandò quedar, por no ser costumbre salir fuera della.

Es esta Iglesia mayor de fabrica antigua Gotica, i para aquella edad, sumptuosa, quando el Rey D. Alonso Enriquez tomò Lisboa, servia de Mezquita mayor á los Moros, mandòla el Rey purificar de las abominaciones Mahometanas, i consagrar, restituyendole la dignidad Episcopal, que tuvo en tiempo de los Reyes Godos, cuyos Obispos eran sufraganeos á la Metropoli de Merida, i despues à la de Braga, hasta el tiempo del Rey D. Iuan I en que de Catedral fue sublimada á Metropolitana, de la qual son sufraganeos los Obispos de Guarda, Portalegre, Elvas, Leiria, Islas, i Brasil. Estava ricamente colgada: en su capilla mayor, reedificada por el mismo Rey don Iuan. En el lado derecho està sepultado el Rey don Alonso IIII el que con su persona, i gente ayudò al Rey Don Alonso XI de Castilla su yerno en la famosa batalla del Salado, en la qual estos dos Reyes salieron vitoriosos, en 23 de Otubre del año 1340 con riquissimos despojos, i muerte infinita de los Moros. Cerca del mismo Rey en otro tumulto està sepultada la Reyna doña Breatriz su muger; hija del Rey don Sancho el Bravo de Castilla.

De la otra parte se guarda el inestimable tesoro del cuerpo del invictissimo Martir San Vicente, espectaculo del Mundo, Patron de Lisboa mi Patria, que para tal ciudad, tal Patron convenia. Fue este glorioso Santo natural de Huesca, una de las principales ciudades del Reyno de Aragon, i en la casa donde nació, à honra suya està fundada una pequeña Iglesia junto à la puerta nueva de aquella ciudad: otra se levantò cerca de la Iglesia mayor, dedicada al mismo Martir, en el lugar, en que estuvo la casa de su abuelo, en la qual el se criò: entrambas yo vi y reconocí en aquella ciudad, quando por mandado de su Magestad fui a Aragon, en el año de 1611. Fue Arcediano de San Valero Obispo de Zaragoza, como tambien lo fue otro Martir Frances Agénese del mismo nombre, cuyo cuerpo santo llevò de Valencia el monje Benito Audaldo, en el año de 850 y puso en el monasterio de Castro en Provença, donde ha resplandecido con grandes milagros, i de los Franceses es reputado por el nuestro Aragonés, primo de San Lorenço no menos que el assado, cuya fortaleza, i constancia, no pudieron vencer todos los tormentos, que inventò la impiedad de Daciano, i una blanda, y regalada cama, en que despues dellos le mandò echar, le quitò la vida. Guardose el cuerpo deste inclito Martir con gran veneracion en la ciudad de Valencia, donde fue martirizado, hasta el tiempo de Abderramen Rey de Cordova, cruel persecuidor de los Christianos, destruidor de sus Iglesias, i abrasador de los cuerpos santos. Temerosos algunos Christianos Moçarabes, de los que vivian en Valencia, que llegando à ella Abderramen, hiziesse del cuerpo de San Vicente lo que avia hecho de otros, le embarcaron en un navio el año de 757 (noventa i tres años antes que el cuerpo de San Vicente Agennense, fuesse llevado de Valencia por el monje Audaldo) i con el aportaron en el sacro Promontorio, ultimos fines de los Algarves de España, donde como en lugar mas seguro depositaron el santo cuerpo en una pequeña hermita que hizieron, i para su habitacion unas choças. Passados años vino à parar à aquella parte Aliboazen Cavallero Moro de Fez, que derrocò la hermita, quitò la vida à los Christianos, que guardavan el santo cuerpo, i llevò cautivos á los niños sus hijos, con que los venerables huessos de

o Santo corpo, e levou cativos os mininos seus filhos, com que os venerandos ossos de São Vicente ficarão desamparados. Quando depois el Rei Dom Afonso Enriquez venceu á el Rei Ismar, e á outros quatro Reis Mouros que vinhão em sua companhia, na memoravel batalha do campo de Ourique, o anno de 1139. entre os cativos se acharão dous daquelles meninos Christãos ja mui velhos, que Aliboazen cativara no Cabo, que por razão do Santo se chamou de São Vicente, o quaes contarão à el Rei, como ouvirão sempre à seus pais, e Avos, que naquelle Promontorio estava sepultado o glorioso corpo deste Santo. Desejoso el Rei de tirar das mãos infieis hum tam rico tesouro, assentou treguas por alguns dias com el Rei de Fez, e com poucos criados, e maior risco de sua pessoa o foi buscar, e não acertando com o lugar onde estava, se tornou com pouco gosto á Coimbra. Ganhada depois Lisboa aos Mouros por el Rei, e feitas treguas com el Rei de Sevilha, mandou homens devotos, e Religiosos em huma barca á descobrir o Santo corpo, que foi Deos servido, que em pouco espaço, e menos trabalho acharão as ruinas da Ermida, e entre ellas o corpo do glorioso Martyr metido em huma caixa, que pela divina providencia esteve occulto mais de 400. annos, para enriquecer Lisboa com tam preciosas reliquias, as quaes aprovadas com milagres, que logo alli obrou Deus por meio dellas, metidas com grande reverencia, e devocão na barca, e dous corvos que sempre as avião acompanhado, com prospera viagem aportarão em Lisboa aos 15. de Setembro do anno 1173. e desembarcarão onde agora he a porta, que do Santo se chama de São Vicente (chegando o Mar naquelle tempo à aquelle sitio) e depositarão o seu Santo corpo na Igreja de Santa Iusta, como a mais vizinha; da qual não sem contradição foi trasñladado à See, onde na sua Capella maior no Altar da mão esquerda está collocado como se ha dito. A Estolla deste grande Martyr tinha no seu sangue, que se conservo muitos annos, como tam preciosa Reliquia na Igreja de Zaragoza, levou à Paris Chilodeberto Rei de França quando entrou em Espanha fazendo guerra aos Godos Arianos, e teve cercada aquella Cidade, da qual levantou o cerco pela Estolla, que depositou em hum sumptuoso templo por elle fundado, e dotado em honra deste invicto Martyr, cuya gloria ha Deos dilatado, honrando à Huesca com o seu nascimento, á Zaragoza com ser seu Arcediago, á Valença com o seu martyrio, à Lisboa com a deposição do seu Santo corpo, e à Paris com a sua Estolla.

Baixou el Rei da See, e posto à Cavallo debaixo de Palio, que tornarão a tomar o Presidente, e Vereadores, e voltando pelo Arco dos Cerierios, e Padaria, entrou na Rua nova grande, e larga occupada toda com tendas de varias, e ricas mercaderias. Entrão nella outras Ruas estreitas, em o seu lado esquerdo ha dous Arcos, o primeiro dos Barretes, e o segundo dos Pregos.

Áo dos Barretes arrimarão os Esparteiros o seu, era ornado com quatro colunas Corintias com os terços de boa talha, nos angulos do Arco avia dous simulacros, dos Rios Tejo, e Gange, o do Tejo, porque delle sairão as armadas Portuguesas com que elles conquistarão o Oriente, representado pelo Gãge, o mais celebre Rio das Regiões Orientaes. Encima da cornija estava a estatua de sua Magestade metida em hum nicho, aos lados dous quadros que erão duas janellas da casa à qual se arrimou esta fabrica, no tampano as armas Reaes de Portugal sustentadas de dous Anjos, e por remate do frontispicio huma Cruz, e nas Acroterias colateraes duas piramides, tudo pintado artificiosamente.

O outro dos Pregos, ornarão os Pasteleiros com outro Arco abraçado de duas grandes pilastras, entre ellas, e sobre o Arco avia hum quadro de 20 palmos de comprimento, (que era toda a largura do Arco), e dez de alto, no qual estava de boa pintura,

San Vicente quedaron desamparados. Quando despues el Rey Don Alonso Enriquez I de Portugal venció al Rey Ifmar, i à otros quatro Reyes Moros, que venian en su compañía, en la memorable batalla del campo de Ourique, el año de 1139 entre los cautivos se hallaron dos de aquellos niños Christianos ya mui viejos, que Aliboazen avia cautivado, en el cabo, que por razon del Santo se llamó de San Vicente, los quales contaron al Rey, como avian siempre oido à sus padres, que en aquel Promontorio estava sepultado el glorioso cuerpo deste Santo. Deseoso el Rey de sacar tan rico tesoro de las manos infieles, assentò treguas por algunos dias con el Rey de Fez, i con pocos criados, i mayor riesgo de su persona fue à buscallo, i no acertando con el lugar donde estava, se tornò con poco gusto à Coimbra. Ganada despues por el Rey Lisboa a los Moros, i hechas treguas con el Rey de Sevilla, embiò hombres devotos y Religiosos en una barca, con mas comodidad à descubrir el santo cuerpo, que fue Dios servido, que en poco tiempo, i con menos trabajo hallaron las ruinas de la hermita, i entre ellas el cuerpo del glorioso Martir, metido en una caxa, que por la divina Providencia avia estado ocultada mas de 400 años, para enriquecer à Lisboa con tan preciosas reliquias, las quales aprovadas con milagros, que luego alli obrò Dios nuestro Señor por medio dellas, medidas con gran reverencia, i devocion en la barca, i dos cuervos, que siempre las avian acompañado. Con prospero viage aportaron en Lisboa, a los 15 de Setiembre del año 1183 i desembarcaron, donde aora es la puerta, que del Santo se llama de San Vicente (llegando en aquel tiempo la mar hasta aquel sitio), no sin contradiccion fue trasladado a la Iglesia mayor, donde en su capilla mayor en el altar de la mano izquierda està colocado, como se ha dicho. La estola deste glorioso Martir teñida con su sangre, que se conservò muchos años en la Iglesia de Zaragoza como preciosa reliquia, llevó a Paris Childeberto Rey de Francia, quando entrò en España, haziendo guerra a los Godos Arrianos, i tuvo assediada aquella ciudad, de la qual alçò el cerco por la estola, que depositò en un sumptuoso Templo por el fundado, i dotado en honra deste invicto Martir, cuya gloria ha Dios dilatado, honrando a Huesca con su nacimiento, a Zaragoza, con hazerle Arcediano della, a Valencia con su martirio, a Lisboa con la deposicion de su santo cuerpo, y a Paris con su estola.

Saliò de la Iglesia mayor su Magestad, i puesto à cavallo debaxo del palio, que bolvieron a tomar el Presidente de la Camara, i los Vereadores, tornò a passar por el arco de los Cereros, i baxando por la Padaria, vino a la plaça del Pelouriño, i della entrò en la Rua nova, calle grande, i ancha, ocupada toda con tiendas de varias i ricas mercaderias. Salen a ella muchas otras calles angostas: en el lado izquierdo ay dos arcos, el primero de los Birretes, i el segundo de los Pregos.

Al de los Birretes arrimaron los Esparteros el suyo, era adornado con quatro columnas Corinthias con los tercios de buena talla. En las enxutas del arco avia dos Simulacros de dos rios Tajo, i Gange: el Tajo, porque del salieron las armas Portuguesas, que conquistaron el Oriente, representado por el Gange, el mas famoso rio de aquellas Regiones. Encima de la cornija estava la estatua de su Magestad, metida en un nicho, à los lados dos quadros, que eran de ventanas de la casa, a la qual se arrimava esta fabrica. En el tempano las armas de Portugal sostenidas de dos Angeles, i por remate del frontispicio una Cruz, i en las Acroterias colaterales dos piramides, todo pintado con propiedad.

El otro arco de los Pregos, que es lo mismo que de Clavos, por los que en el se suelen vender: adornaron los pasteleros con otro abraçado de dos grandes pilastras. Entre ellas, i sobre el arco avia en quadro de veinte pies de largo, que era toda la anchura del arco, i diez de alto, en el qual estava mui bien pintado el banquete milagroso, que Christo nuestro Redemptor hizo en el desierto con cinco panes, i dos peces, á

o banquete milagroso que Christo fez no deserto com cinco pães e dous peixes, à cinco mil homens. Encima deste quadro, e da cornija, sobre tres peanhas avia tres estatuas da Esperança, Caridade, e Fortaleza, com suas ordinarias divisas.

No lado derecho da Rua nova saem cinco Ruas, em cujas bocas fizerão officiaes varias representações; na primeira dellas avia hum portada na qual se via hum Leão, e hum Pelicano (divisa que foi del Rei Dom João II) mantendo seus filhos com seu proprio sangue; hãose abaixo estas duas oitavas.

*Qual fôe o Pelicano piadoso
 Ao amor de seus filhos tam sojeito
 Sò para os sustentar brando amoroso
 Ferir com bico agudo proprio peito.
 Assi vos alto Rei, e poderoso
 De quem se mostrão Ceo tam satisfeito,
 Sois Leão contra o fero Mauhometano,
 E para o vosso povo Pelicano.
 Estes Reinos illustres afamados,
 Que o vosso cetro altivo senhorea
 De vossa sombra, e azas alentados,
 Que inda cobrem de longe a terra alhea.
 Não só de vosso braço sustentados,
 Que fortalece alegre, e que recrea
 Mas do sangue o fãreis mui facilmente,
 Porque assi se conserve, e se sustente.*

Em huns de grãos desta portada avia muitos mininos que representavão os Reinos da Coroa de Espanha, com os escudos das suas armas, e cetros que os mininos tinham nas mãos.

Na boca da segunda Rua avia outra portada bem armada, representavasse nella a entrada que Iacob fez na Palestina vindo de Mesopotamia, quando lhe apparecerão, e fairão ao encontro dous exercitos de Anjos. A estatua de Iacob estava ricamente vestida ao pastoril, tinha na mão esta letra.

CASTRA DEI SVNT HAEC.

Estes são os exercitos de Deos.

E no alto estava esta.

IACOB ABIIT ITINERE QVO COEPERAT, FVERVNTQVE EI OBVIAM ANGE-
 LI DEI.

Fazendo Iacob a jornada começada lhe sairão ao encontro os Anjos de Deos.

Representavão com este spectaculo a entrada de sua Magestade em Lisboa, a qué vinhão acompanhando os Anjos, estavam muitos em hum teatro ricamente vestidos, cantando com excellentc harmonia em diferentes instrumentos estas oitavas.

*Entra o Santo Iacob por Palestina
 Aonde lhe offerece o Ceo doce morada,
 E a companhia Angelica e divina
 Ao encontro lhe fãe alvoroçada.*

cinco mil hombres. Encima deste quadro, i de la cornija sobre tres peañas avia tres estatuas de la Esperança, Caridad, i Fortaleza con sus ordinarias divisas.

Al lado derecho de la Rua nova salen cinco calles, en cuyas entradas se hizieron varias representaciones: en la primera dellas avia una portada, en la qual se veia un Leon, i un Pelicano (divisa del Rey Don Iuan II de Portugal) manteniendo sus hijos con su propia sangre: leianse abaxo estas dos otavas.

*Qual fôe o Pelicano piadoso,
Ao amor de seus filhos tam sojeito,
Sò para os sustentar brando amoroso,
Ferir com o bico agudo proprio peito.
Assi vos, alto Rey, e poderoso,
De quem se mostra o ceo tam satisfeito,
Sois Leão contra o fero Mahometano,
E para o vuestro povo Pelicano.
Estes Reynos illustres, afamados,
Que o vuestro ceptro altivo senhorea,
De vossa sombra, e azas alentados,
Que inda cobrem de longe a terra alhea.
Não só de vuestro braço sustentados,
Que fortalece, alegre, e que recrea,
Mas do sangue o fareis mui facilmente:
Porque assi se conserve, e se sustente.*

En unas gradas desta portada estavan unos niños, figuras de los Reynos de España, tenian en las manos ceptros, i escudos con las armas de los Reynos que representavan.

En la segunda calle avia otra portada bien adornada, mostravase en ella la entrada que Iacob hize en Palestina, viniendo de Mesopotamia, quando le aparecieron, i salieron al encuentro dos exercitos de Angeles: la estatua de Iacob se veia mui bien vestida, i adornada à lo pastoril: tenia en la mano esta letra.

CASTRÀ DEI SVNT HAEC:

Son estos los exercitos de Dios.

I en lo alto estava estotra.

IACOB ABIIT ITINERE, QVO COEPERAT, FVERVNTQVE EI OBVIAM ANGE-
LI DEI.

Haziendo Iacob la jornada començada, le salieron al encuentro los Angeles de Dios.

Representavan con este espectaculo la entrada de su Magestad en Lisboa, à quien venian acompañando ls Angeles: estavan muchos en un teatro vestidos ricamente, cantando con excelente armonia con diferentes instrumentos estas dos otavas.

*Entra, o Santo Iacob por Palestina,
Aonde lhe ofrece o Ceo doce morada,
E a companhia Angelica, e divina,
Ao encontro lhe sae alvoroçada.*

*Com musica celeste, e peregrina
Festejão docemente a sua entrada,
Que à quem Deos ama, estima, e guarda tanto,
Os Anjos o recebem com seu canto.
Com razão o Príncipe ditoso
Rei de tantas Provincias; tantas gentes
Neste recebimento venturoso
Se abrem as nuves claras transparentes.
E os Anjos com accento sonoro
Cantão versos alegres, e contentes
Com jubilos de amor, e de alegria,
Por ver a Portugal tam bello dia.*

Aparecia no Ar huma grande Nuvem, que ao tempo que sua Magestade emparelhou com ella se abriu, e della baixou hum Anjo armado, e com grande riqueza ornado, que trazia na mão esta letra, que deu a sua Magestade.

TVNC ILLI, TIBI NVNC.

Entam à elle, agora à vos.

Significando, que naquelle tempo apparecerão, e acompanharão os Anjos à Iacob na sua entrada em Palestina, e agora à sua Magestade na sua felice entrada em Lisboa.

Adiante desta representação avia outra na entrada do Poço da Foteya, era hum Arco guarnecido de diferentes sedas bordadas com lavores de cera branca à partes dourada, tinha no alto hum quadro, e nelle hum Emblema, cujo corpo era hum Sol de Ouro com resplandecentes, e dilatados raios, aos quaes huma Aguia Real no seu ninho provava seus filhinhos, entendendo pelo Sol el Rei, em cuja Real vista, e soberanos raios de Magestade prova Portugal significado pela Aguia, a lealdade dos Portugueses seus generosos filhos; tinha abaixo eítes versos.

LVSITANIA AD SVVM PHILIPPVM II. OPPOSITOS PHAEBO PVLLOS IOVIS
INSPICIT ALES QVEM SI SVSTINEANT COMPROBAT ILLA SVOS. O IVBAR
HESPERIAE NVNC TE RVUTILANTE PROBABO QVAM MEA SVNT RADIIS
PIGNORA FIDA TVIS.

Portugal à seu Rei Filipe II. A Aguia ave de Iupiter oppoem seus filhinhos aos raios do Sol, que se os podem tolerar os têm por legitimos. O Sol de Espanha agora que resplandeceis provarei à os vossos raios a fidelidade, e lealdade de meus filhos.

Outro Arco se fez na boca da Rua de mataporcos, nos remates de seu frontispicio estavam as estatuas das tres virtudes Fè, Esperança, e Caridade, com suas insignias, e sobre o friso esta oitava.

*A Fè Rei soberano em vos soube
Seu trono collocar, em vos deseança
A Caridade larga, em vos coube
O bojo da comprida Esperança.
E pois tesouro tal não ha quem roube
Amor, fidelidade, e confiança
Guardadas à Coroa Portuguesa
Lhas dais, em lhe oje dar vossa grandeza.*

*Con musica celeste, e peregrina
Festejão docemente a sua entrada,
Que à quem Deos ama, estima, e guarda tanto,
Os Anjos o recebem com seu canto.
Com razão, o Príncipe ditoso,
Rey de tantas Provincias; tantas Gentes,
Neste recebimento venturoso
Se abrem as nuvês claras, transparentes.
E os Anjos com accento sonoro,
Cantão versos alegres, e contentes,
Com jubilos de amor, e de alegria,
Por ver á Portugal tam bello dia.*

En el ayre aparecia una nube, que al tiempo que su Magestad emparejò con ella, se abrio, i della baxò un Angel armado, i ricamente adornado, que traia en la mano esta letra.

TVNC ILLI, TIBI NVNC.

Entonces á el, aora à vos.

Significando, que en aquel tiempo aparecieron, i acompañaron los Angeles à Iacob en su entrada en Palestina, i aora su Magestad en su felice entrada en Lisboa.

Adelante desta representacion avia otra en la entrada de la calle del Poço de la Foteya: era un arco guarnecido con varias colores de diferentes sedas, bordadas con lavores de cera blanca á partes dorada, tenia en lo alto un quadro, i en el un Emblema, cuyo cuerpo era un sol de oro con resplandecientes i dilatados rayos, à los quales una aguila Real en su nido provava sus hijuelos: entendiendo por el Sol el rey nuestro señor, en cuya Real vista, i soberanos rayos de Magestad prueba Portugal, que significa el aguila la lealtad de los Portugueses, sus generosos hijos: tenia abaxo estos versos.

LVSITANIA AD SVVM PHILIPPVM II. OPPOSITOS PHOEBO PVLLOS IOVIS
INSPICIT ALES, QVEM SI SVSTINEANT, COMPROBAT ILLA SVOS. O
IVBAR HESPERIAE NVNC TE RVTLANTE PROBABO, QVAM MEA SVNT
RADIIS PIGNORA FIDA TVIS.

Portugal à su Rey Felipe II. El Aguila ave de Iupiter opone sus pollos a los rayos del Sol, que si los pueden tolerar, los tiene por hijos. O Sol de España, aora que resplandeceys, provarè à vuestros rayos la fidelidad, i lealtad de mis hijos.

Otro arco se hizo en la boca de la calle de Matapuercos, en los remates de su frontispicio estavan las figuras de las tres virtudes Cardinales con sus ordinarias insignias: sobre el friso estava esta otava.

*A fée, Rey soberano, em vos soube
Seu trono collocar, em vos descança
A caridade larga, em vos coube
O bojo da comprida esperança.
E pois tesouro tal não ha quem roube,
Amor, fidelidade, e confiança
Guardadas à Coroa Portuguesa,
Lhas dais em lhe oje dar vossa Grandeza.*

ARCO DOS PINTORES.

Na entrada da Rua de São Gião fizeram os Pintores o Arco que se vee no debuxo; era todo pintado de branco, e negro perfilado de ouro, tinha por remate a Imagem de vulto de São Lucas de cor de bronze, protetor, e avogado dos Pintores, ao seu lado estava o Boi insígnia deste glorioso Evangelista, que tinha na mão o retrato de Nossa Senhora, que he tradição aver pintado este Santo; sobre os dous pedestaes que carregavão sobre os capiteis das colunas, se vião duas estatuas abronzadas; huma dellas era da Geometria, e a outra da Perspetiva. Em hum quadro grande que ficava abaixo do Santo, e entre as duas estatuas estavão pintadas tres figuras a Pintura, a Escultura, e a Architectura: a Pintura occupava o lugar do meio, tinha diante de si hum cavallete, e nelle posto hum retrato de sua Magestade, que parecia acabara de pintar, coma paleta de cores, e pinceis, que tinha na mão esquerda, e hum na direita, a Escultura estava exercitando sua arte em huma estatua, e a Architectura com hum compasso na mão traçando em hum papel sobre hum bosete, no qual se vião regra esquadro, e os mais instrumentos necessarios; abaixo deste quadro se lia esta inscripção.

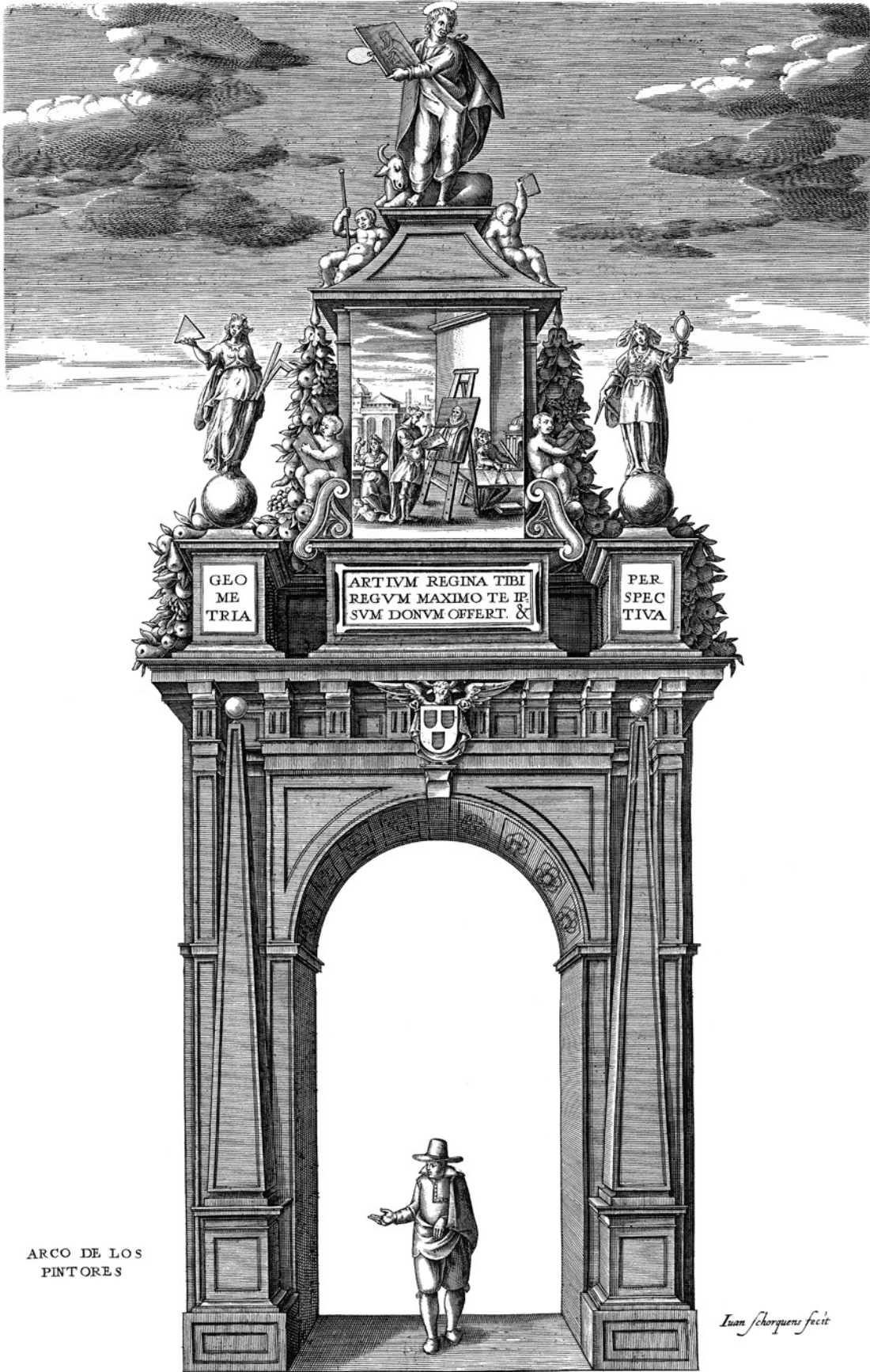
ARTIVM REGINA TIBI REGVM MAXIMO TE IPSVM DONVM OFFERT,
REGIVM MAXIMVM.

Eu a Rainha das artes á vos ò maior dos Reis, ofereço à vos mesmo, como mais Real presente.

O Chafariz da Rua nova estava cuberto com huma grande, e bem traçada fachada de Architectura, que occupava todo; tinha tres Arcos correspondentes aos tres do Chafariz, dous delles abertos para o serviço da agua, o do meio cerrado, e sobre elle hum quadro grande em que estava pintada a figura de Lisboa com hum coração na mão para offerecer à sua Magestade, acompanhada de Vlisses seu fundador, nos remates estavão quatro estatuas de quatro virtudes, Fè, Esperança, Caridade, e Prudencia. e entre as colunas desta fachada outras quatro figuras dos Reis de Portugal, Dom João I. Dom João II. Dom Manoel, e Dom Filipe I. conhecidos pelos nomes que tinham à seus pees, como as virtudes por suas insignias.

ARCO DOS FRAMENGOS

No meio da Rua nova levantou a nação Framenga huma grande fabrica, cuja altura de 127. palmos, a largura de toda a Rua que he de 65. palmos sem os soportaes, e o grosso de 25 tinha duas fachadas de huma mesma architectura, que he a do desenho. Dos tres Arcos o do meio era de 22. palmos de largo, e de 35. de alto, e os colateraes de 10. Estava todo este edificio mui curiosamente lavrado, assi de escultura como de pintura, as colunas, e todas suas partes e ornamentos erão de cor de bronze, e da mesma dezasete estatuas que estavão na fachada Oriental, de sete atè doze palmos de alto, conforme a altura em que estavão postas todas ellas em habito femenil, representando as dezasete Provincias da Belgia, chamada comunmente os Estados de Frandes, dando ao todo o nome de huma das suas partes, todas do patrimonio de sua Magestade. Destas as nove leaes e obedientes, que estavão à mão direita deste Arco triumphal são os Ducados de Brabante Lutzenburgo, e Limburgo, o Marquesado do Sacro Imperio, os Condados de Frandes, Artois, Henau, Namur, e a Senhoria de Malinas. As oito rebeldes postas à mão esquerda são o Ducado de Geldres, os Condados de



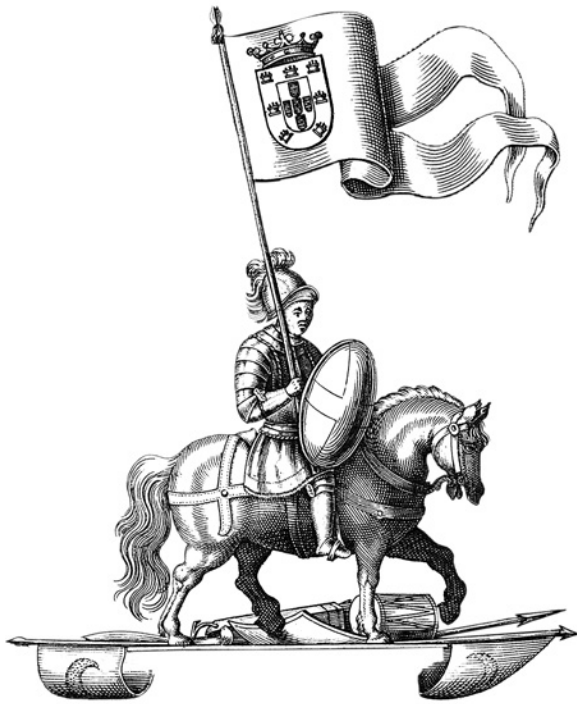
GEOMETRIA

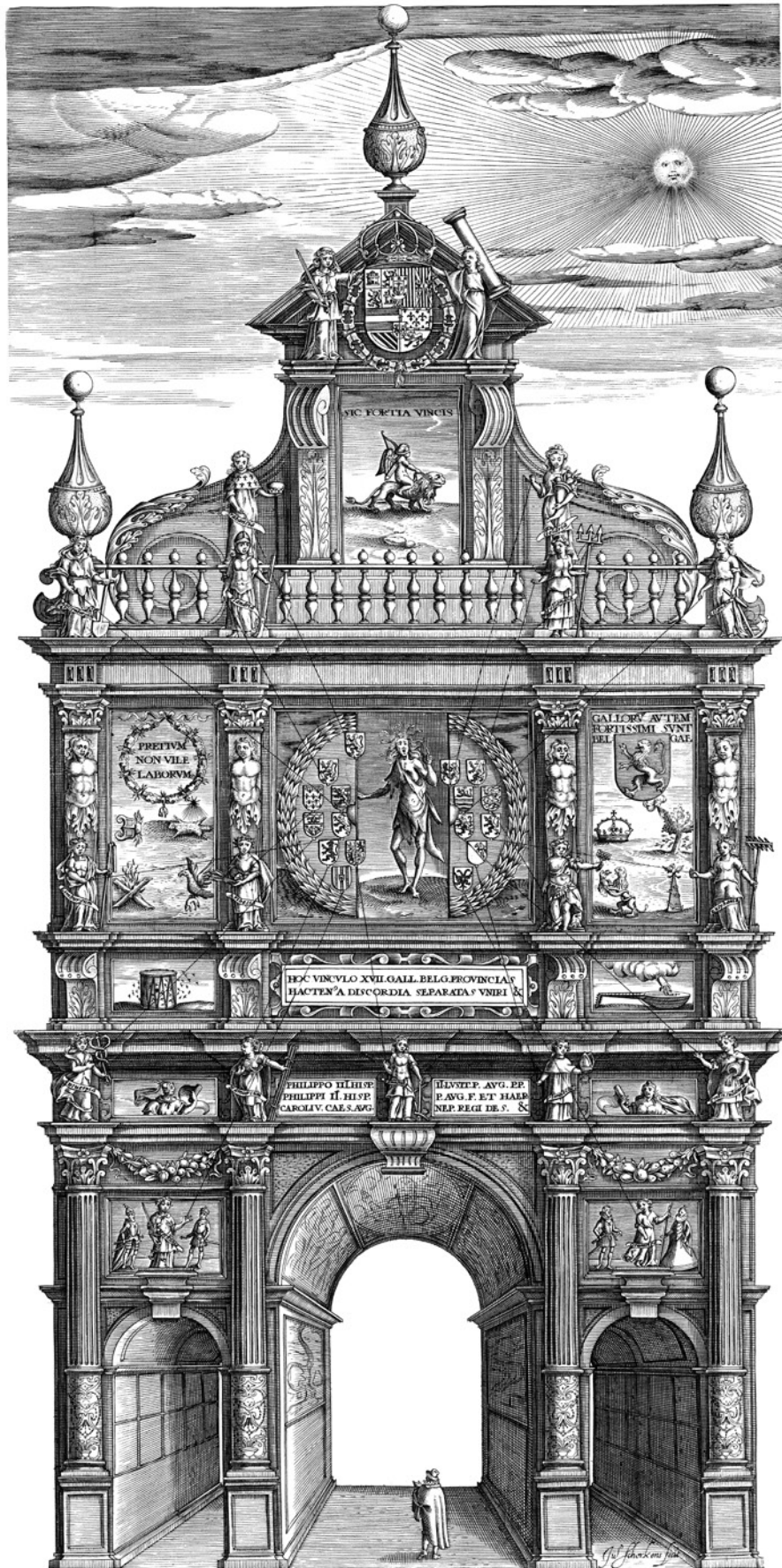
ARTIVM REGINA TIBI
REGVM MAXIMO TE IP-
SVM DONVM OFFERT. &

PERSPECTIVA

ARCO DE LOS
PINTORES

Juan Schorquens fecit





VIC. FOR. ITA. VINCIS

PRETIUM
NON VILE
LABORVM

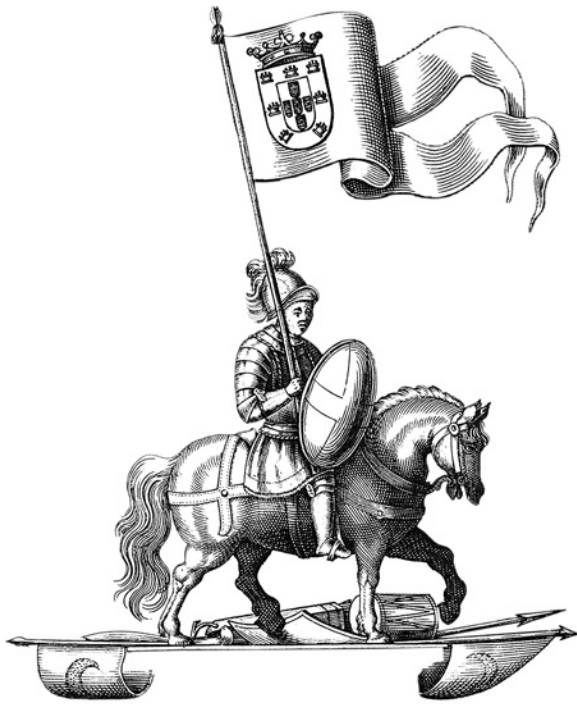
GALLORVM AVTEM
FEROCISSIMI SVNT
BELGAE

DEAC VINCULO XVII GALL. BELG. PROVINCIARVM
HACTEN'A DISCORDIA SEPARATA VNITAE

PHILIPPO II HISP.
PHILIPPI II HISP.
CAROLIV CAES. AVG.

HELVET. P. AVG. EP.
P. AVG. F. ET HALL.
NEP. REGI DE S. S.

J. J. Goussier del.



ARCO DE LOS PINTORES.

En la entrada de la Calle de San Gian, hizieron los Pintores un Arco, era todo colorido de blanco, i negro perfilado de oro: tenia por remate la Imagen de vulto de san Lucas de color de bronze, protector i abogado de los Pintores, à un lado suyo estava el Buey insignia deste glorioso Evangelista, que en la mano tenia el retrato de Nuestra Señora, que dizen pintò este Santo. Sobre dos pedestales que cargavan sobre los capiteles de las colunas se veyan dos estatuas de la misma color abronzada; una dellas era de la Geometria, i la otra de la Perspetiva. En un quadro grande que quedava debaxo del Santo, i entre las dos estatuas, avia tres figuras pintadas. La Pintura, Escultura, i Architettura. La Pintura ocupava el lugar de medio; tenia delante de si un cavallette, i en el puesto un retrato de su Magestad, que parecia aver acabado de pintar, con la paleta de colores, i pinzeles que tenia en la mano izquierda, i uno en la derecha. La Escultura estava exercitando su arte en una estatua, i la Architettura con un compas en la mano traçando en un papel sobre un bufete; en el qual parecian tintero, regla, esquadro, i compasses; abaxo deste quadro se lehia esta inscripcion.

ARTIVM REGINA TIBI REGVM MAXIMO TE IPSVM DONVM OFFERT,
REGIVM MAXIMVM.

Yo la Reyna de las Artes à vos el mayor de los Reyes ofrezco a vos mismo, como mas Real presente.

En el mismo lado derecho de la Rua nova ay una fuente con tres Arcos, estos se adornaron con una larga, i bien traçada fachada, que ocupava todo el espacio; tenia dos Arcos para el servicio del agua, que correspondià a los dos interiores de la fuente, i al de medio parecia en la fachada una puerta cerrada, i sobre ella avia una tabla grande de pintura, en la qual estava la figura de Lisboa con un coraçon en la mano, para ofrecer a su Magestad, acompañada de Vlisses su fundador. En los remates estavan quatro estatuas de quatro Virtudes, Fè, Esperança, Caridad, i Prudencia, i entre las colunas arrimadas a la puerta quatro figuras de los Reyes de Portugal, Don Iuan I Don Manuel I Don Felipe I. Todos tenian escritos sus nombres à los pies.

ARCO DE LOS FLAMENCOS

En medio de la Rua nova levantò la nacion Flamenca una gran fábrica, cuya altura era de 127 pies, la anchura de la misma calle (que es de 65 pies sin los soportales) i el grueso de 25 tenia dos fachadas de una misma architettura, que es la del dibuxo. De los tres Arcos el de medio era de 22 pies de ancho, i de alto 35 i los colaterales de 10 Estava todo este edificio muy curiosamente labrado, assi de escultura, como de pintura, las colunas i pilastras con sus pedestales, basas, i capiteles eran de color de bronze, i de la misma eran dezisiete estatuas que estavan en la fachada Oriental, de siete hasta 12 pies de alto conforme el altura del lugar de sus asientos, todas ellas en habito feminil, representando las 17 provincias de la Gallia Belgica dicha comunmente Pais Baxo, i los Estados de Flandes, dando al todo el nombre de una de sus partes. Destas 17 Provincias las nueve leales i obedientes, que estavan a mano derecha deste Arco triunfal, son los Ducados de Brabante, Lutzemburgo, i Lemburgo, el Marquesado del Sacro Imperio, los Condados de Flandes, Artoes, Henau, i Namur, i la Señoria de Malines: las ocho rebeldes puestas a mano izquierda, son el Ducado de Geldres, los Condados de

Hollanda, Zelanda, Frisia, e Zutsem, as Senhorias de Vtrecht, Transíselana, e Groeninja; tinha cada huma destas estatuas o nome à seus pees e na mão huma insígnia do principal atributo da Província que representava.

No quadro maior que sobrestava ao Arco principal avia pintado hum grande festão de louro partido em duas ametades, no meio delle huma furia infernal, que representava a Discórdia, a qual apartava nove escudos das armas das nove Províncias obedientes postos à sua mão direita, dos oito escudos das oito Províncias rebeldes que lhe ficavão à esquerda, e de cada hum destes escudos saia huma fita vermelha, que estava presa na mão da figura que representava a Província cujas erão as armas dos escudos, e entre elles estava hum coração que a Discórdia tinha partido pelo meio. Desta maneira se offerecia à vista este espectáculo, e quando à elle chegou sua Magestade ao tempo que poz nelle os olhos, desapareceu a Discórdia, e se juntarão artificiosamente as duas ametades do festão, tirando dellas com huma corda duas figuras que lhe ficavão aos lados, juntando e unindo por este modo os dous meios corações e os dezasete escudos. Erão as duas figuras a Concordia, e a boa vontade, como o dezião seus títulos, e declarava este pensamento a seguinte inscripção escrita debaixo do quadro com grandes letras de ouro.

HOC VINCVLO XVII. GALLIAE BELGICAE PROVINCIAS HACTENVS A DISCORDIA SEPARATAS VNIRI, ET CONIVNGI DESIDERAT BELGARVM IN HAC TER FFLICI LVSITANIAE PRIMARIA VRBE RESIDENTIVM, CONCORDIA, ET BONA VOLVNTAS.

Com este vinculo desejão a Concordia, e a boa Vontade dos Framengos residentes em Lisboa felicissima, e principal Cidade de Portugal, que se juntem, e unem as dezasete Províncias da Gallia Belgica, que até agora a Discórdia teve separadas.

E mais abaixo encima do friso estava esta dedicação.

PHILIPPO III. HISP. II. LVSIT. P. AVGP. P. PHILIPPI II. HISP. P. AVG. F. ET HAEREDI, CAROLI V. CAES. AVG. N. REGI DES. MAGNANIMO SAECVLI SPEI, GRATVITATIONIS, ET PRISCI IN DOMVM AVST. AMORIS ERGO BELGAE IN HAC METROPOLI COMMORANTES ERIGERE CVR.

A Filipe III. de Espanha, e Segundo de Portugal, Principe Augusto, pai da Patria, filho e herdeiro de Filipe Segundo de Espanha Principe Augusto, neto de Carlos V. Cesar Augusto, seu desejado e magnanimo Rei, e esperança deste seculo, puserão este Arco os Framengos moradores nesta nobre Cidade, em final de congratulação, e antigo obsequio à Casa de Austria.

Sobre este grande quadro avia outro de 17. palmos de alto, e doze de largo; estava nelle pintado o Amor à cavallo sobre hum Leão governado com huma fita, representando no Leão as dezasete Provincias (cujas armas pela maior parte são Leões) o qual como seja simbolo da Fortaleza, maior a tem quem com Amor, e brandura o domina, o que se declarava com esta letra.

SIC FORTIA VINCIS.

Assi domais os fortes.

No quadro que estava a mão direita do maior, se via o colar, e insígnia da Cavallaria do Tusão de ouro, que o Duque Filipe o Bom de Borgonha instituiu em 10. de

Holanda, Zelanda, Frisia, i Zutphen, las Señorías de Vtrecht, Transiselana, i Groeninga. Tenia cada una destas figuras a sus pies el nombre, i en la mano una insignia del principal atributo de la Provincia que representava.

En el quadro mayor que sobrestava al Arco principal avia pintado un muy grande feston de Laurel partido en dos mitades, en medio del una furia infernal que representava la Discordia, la qual apartava nueve escudos de las armas de las nueve Provincias obedientes puestos a su mano derecha; de los ocho escudos de las ocho Provincias rebeldes que le quedavan a la siniestra, i de cada uno destes escudos salia un liston colorado, que estava asido de la mano de la figura que representava la Provincia cuyas eran las armas de los escudos, i entre ellos estava un coraçon que la Discordia tenia partido por medio. Desta suerte se ofrecia este espectaculo a la vista, i quando à el llego su Magestad al tiempo que le mirava dessaparecio la Discordia, i se juntaron artificiosamente las dos mitades del feston tirando dellas con una cuerda dos figuras que le quedavan á los lados, juntando, i uniendo por este modo los dos medios coraçones, i los dezisiete escudos hasta entonces divididos. Eran las dos figuras la Concordia, i la buena Voluntad, como lo dezian sus titulos, i explicava este pensamiento la siguiente inscripcion debaxo del quadro, escrita con grandes letras de oro.

HOC VINCVLO XVII. GALLIAE BELGICAE PROVINCIAS HACTENVS A
DISCORDIA SEPARATAS VNIRI, ET CONIVNGI DESIDERAT BELGARVM
IN HAC TER FFLICI LVSITANIAE PRIMARIA VRBE RESIDENTIVM, CON-
CORDIA, ET BONA VOLVNTAS.

Con este vinculo dessean la Concordia, i buena Voluntad de los Flamencos residentes en Lisboa, felicissima, i principal ciudad de Portugal, que se junten, i aunen las dezisiete Provincias de la Gallia Belgica, que hasta aora la Discordia tuvo separadas.

I mas abaxo sobre el friso estava esta dedicacion,

PHILIPPO III. HISP. II. LVSIT. P. AVG. P. P. PHILIPPI II. HISP. P. AVG. F. ET
HAEREDI CAROLI V. CAES. AVG. N. REGI DES. MAGNANIMO SAECVLI
SPEI GRATVITATIONIS, ET PRISCI IN DOMVM AVST. AMORIS ERGO
BELGAE IN HAC METROPOLI COMMORANTES ERIGERE CVR.

A Felipe Tercero de España, i Segundo de Portugal, Principe Augusto, Padre de la patria, hijo i heredero de Felipe Segundo de España, Principe Augusto, Nieto de Carlos V Cesar Augusto, su deseado i Magnanimo Rey, i esperança deste siglo, pusieron este Arco los Flamencos moradores en esta noble Ciudad en señal de congratulacion, i antigo obsequio à la Casa de Austria.

Sobre este quadro avia otro de 17 pies de alto, i doze de ancho; estava en el pintado el Amor a cavallo sobre un Leon que le governava con un liston colorado, representando en el leon las dezisiete Provincias (cuyas insignias por la mayor parte son Leones) el qual como sea simbolo de la fortaleza, mayor la tiene quien con amor, i blandura la doma, que se declarava con esta letra.

SIC FORTIA VINCIS.

Assi domais los fuertes.

En el quadro que estava a la mano derecha del mayor, se veyla la insignia de la Orden de Cavalleria del Tuson de Oro, que el Duque Felipe el Bueno de Borgoña instituyo, el dia diez

Ianeiro, do ano 1430. em que celebrou em Brujas suas reaes bodas com a Infanta Dom Isabel filha del Rei Dom Ioão I.de Portugal, e da Rainha Dom Filipa de Lancastro; tinha esta letra.

PRETIVM NON VILE LABORVM.

Premio não pequeno do trabalho.

Abaixo desta insignia avia no mesmo quadro quatro Emblemas, cujos corpos se tirarão da mesma insignia. O primeiro era o fosil, e a pederneira de que saia fogo, dezia a letra.

HINC PETITVR LVX.

Daqui se tira a luz.

Significando, que assi como sae da pedra o fogo, e della a luz, assi sae da casa de Borgonha, o resplendor e nobreza.

Do segundo Emblema era o corpo o Vellocino de ouro estendido na terra, e sobre elle no Ceo huma Estrella, e a letra.

LVX COELI, ET TERRAE.

Luz do Ceo, e da Terra.

Luz do Ceo pelo que fingirão os Poetas deste Vellocino de ouro collocado por elles no Ceo com o nome de Aries primeiro signo do Zodiaco, que he a divisa da Ordem do Tusão sobre todas estimada, pelo que tambem lhe chamão na letra deste Emblema luz da terra.

Do terceiro Emblema erão os dous pãos da mesma insignia atravessadas em Cruz, ardendo em fogo cuja chama subia naturalmente para cima, e dezia a letra.

DEORSVM NVNQVAM.

Nunca para baixo.

O quarto Emblema era de huma Agua, que nas suas unhas sobia ao Ceo o Vellocino, significando que pela união da Imperial casa de Austria representada na Agua, e da de Borgonha figurada no Vellocino, subirão ambas as casas até as Estrellas por meio da gloria de suas heroicas virtudes, na paz, e na guerra exercitadas; era a letra deste Emblema.

SIC MELIVS SVRSVM.

Assi se sobe melhor.

Encima da cornija, e debaixo deste quadro estava em outro pequeno pintado hum Atambor feito colmea, por cujo buraco entravão e fasão as abelhas a obrar o mel, tinha esta letra.

de enero del año 1430 en que celebrò en Brujas sus Reales bodas con la Infanta Doña Isabel hija del Rey Don Iuan I de Portugal, i de la Reyna Doña Filipa de Lancastro; tenia esta letra.

PRETIVM NON VILE LABORVM.

Premio no pequeño del trabajo.

Abaxo desta insignia avia en el mismo quadro quatro EmbIemas, cuyos cuerpos se sacaron de la misma insignia, el primero era el eslabon, i el pedernal, dezia la letra.

HINC PETITVR LVX.

De aquí se saca la luz.

Significando, que assi como sale de la piedra el fuego, i del la luz, assi sale de la casa de Borgoña, el resplandor i nobleza.

El segundo Emblema era del Vellochino de oro tendido en el suelo, i sobre el en el Cielo una Estrella: i la letra.

LVX CAELI, ET TERRAE.

Luz del Cielo, i de la tierra.

Luz del Cielo por lo que fingieron los Poetas deste Vellochino de oro; colocado por ellos en el Cielo con el nombre de Aries primero Signo del Zodiaco, que es la divisa de la Orden del Tuson, sobre todas estimada, por lo qual le llaman en la letra deste Emblema, Luz de la tierra.

Del tercero Emblema eran los dos palos de la dicha insignia atravesados en Cruz, ardiendo en fuego, cuya llama subia naturalmente házia arriba: i dezia la letra.

DEORSVM NVNQVAM.

Iamas házia baxo.

El quarto Emblema era una Aguila, que en sus uñas llevaba al Cielo el Vellochino, significando que por la union de la Casa de Austria representada en el Aguila, por razon de sus Emperadores, i de la Casa de Borgoña figurada en el Vellochino, subieron entrambas hasta las Estrellas por medio de la gloria de sus heroicas virtudes en la paz, i en la guerra exercitadas; era la letra deste Emblema.

SIC MELIVS SVRSVM.

Assi se sube mejor.

Encima de la cornija, i debaxo deste quadro estava otro pequeño pintado un Atambor, por cuyo agujero entravan i salian como en colmena las abejas a hazer la miel: tenia esta letra.

MVLTOS IN ANNOS.

Por muitos anos.

Dessejando que a paz se continue por muitos anos, e que se convertão os instrumentos da guerra, nos da paz.

Debaixo deste quadro avia outro em que se via pintada huma Sybila explicando o sentido da letra precedente, com este verso tirado do Psalmo 127.

VT VIDEAS FILIOS FILIOVVM TVORVM, PACEM SVPER NOS.

Para que vejaes filhos de filhos, e paz sobre nos outros.

No quadro da mão esquerda estava hum grande escudo, e nelle hum Leão branco em campo negro com que quizerão representar as dezasete Províncias, a letra era de Iulio Cesar.

GALLORVM AVTEM FORTISSIMI SVNT BELGAE.

Dos Gallos os mais fortes são os Belgas.

Que são os habitantes das dezasete Províncias; abaixo deste escudo avia outros quatro Emblemas. Era o primeiro huma Coroa Real com esta letra.

BELGIVM CORONA REGLAE GEMMA PRAESTANTIOR TESTE AVO TVO
CAESARE.

A mais preciosa joia da Coroa Real por dito do Emperador vosso Avo, são os Estados de Frandes.

O segundo Emblema era huma robusta azinheita, da qual hum impetuoso vento derrubava somente folhas, e raminhos secos, dizia a letra.

NOSTRVM QVAE FIRMA SVPERSVNT.

De nos outros ficamos somente os firmes.

Dando a entender, que ainda que a tempestade das heregias, e discordias derrubou alguma das dezasete Províncias pela terra da rebelião, significadas pelas folhas, e raminhos secos, o tronco porem e principaes ramos, ficarão em pee, e firmes na obediencia de seu natural Principe e Senhor.

O terceiro Emblema era hum Leão insignia dos Estados cingido de huma Serpente, simbolo da Prudencia, com esta letra.

DVM TVA SIC TRACTAS.

Tratando assi aos vossos.

E o quarto era huma piramide revestida de huma verde hera, e na ponta huma Aguia com estas palavras.

MVLTVS IN ANNOS.

Por muchos años.

Desseando que aya paz por largos años, i se conviertan los instrumentos de la guerra en los de la paz. Debaxo deste mismo quadro avia otro, en que se veyá pintada una Sybila, explicando el sentido de la letra precedente, con este verso del Psalm. 127.

VT VIDEAS FILIOS FILIORVM TVORVM PACEM SVPER NOS.

Para que veays hijos de hijos, i paz sobre nosotros.

En el quadro de la mano izquierda del mayor estava un grande escudo, i en el un Leon blanco en campo negro, con que quisieron representar las dezisiete Provincias; la letra era de Iulio Cesar.

GALLORVM AVTEM FORTISSIMI SVNT BELGAE.

De los Galos los mas fuertes son los Belgas.

Que son los habitadores de las dezisiete Provincias. Abaxo desta pintura avia otras quatro Emblemas, como en el otro quadro de la mano derecha. Era el primero una Corona Real con esta letra.

BELGIVM CORONA REGLAE GEMMA PRAESTANTIOR TESTE AVO TVO
CAESARE.

La mas preciosa joya de la Corona Real, por dicho del Emperador vuestro Abuelo, son los Estados de Flandes.

El segundo Emblema era una robusta enzina, de la qual un furioso viento derribava solamente hojas secas, i ramitos quebrados; dezia la letra.

NOSTRVM QVAE FIRMA SVPERSVNT.

De nosotros quedamos solos los firmes.

Dando a entender, que aunque la tempestad de las heregias, i discordias derrocò algunas de las dezisiete Provincias por el suelo de la rebelion, significadas por las hojas, i ramitos de la enzina, pero su tronco i principales ramos quedaron en pie, i firmes en la obediencia de su natural Principe i señor.

El tercero Emblema era un Leon insignia de los Estados, ceñido de una Serpiente, simbolo de la Prudencia, con esta letra.

DVM TVA SIC TRACTAS.

Tratando assi a los vuestros.

I el quarto era una Piramide revestida de una verde yedra, i en la punta una Aguililla, con estas palabras.

DVM STAS REX MAGNE VIREBO.

Em quanto durar o gram Rei vossa Monarquia, permanecera nossa lealdade.

Abaixo deste quadro estava em outro pintado hum laude, o qual parecia temperar huma mão saída dentre as nuves, com esta letra.

REX SAPIENS POPVLI STABILIMENTVM EST, ET CONCORDIA.

El Rei prudente he a estabilidade e concordia de seus vassallos.

E outra Sybila que ficava debaixo deste quadro declarava este conceito com estas palavras.

ITA A PRVDENTE TVA MANV ACCOMMODATAE, ET IN VNVM TONVM
COAPTATAE, VT REDDAMVS SVAVEM HARMONIAM ILLAM QVAM CON-
CORDES ANIMOS DECET.

Accomodados assi de vossa prudente mão, e temperadas todas em hum tom, faremos sonora em nos outros aquella doce harmonia que sae de animos concordes.

Debaixo desta Sybila, e da outra atras referida, nos dous quadros que ficavão sobre os Arcos pequenos avia quatro retratos, os dous no quadro direito erão do Emperador Carlos V. e del Rei Dom Filipe seu filho Duques de Brabante; e os do quadro esquerdo do Archiduque Alberto, e da Infanta Dona Isabel, Duquesa de Brabante, cujos elogios vão escritos nos Arcos pequenos onde estão as imagens, e elogios dos mais Duques.

Rematavão esta fachada as armas Reaes de Portugal (e por erro se cortarão as de Espanha) sustentadas da justiça, e forcalesa, com esta letra.

COLIT ARDVA VIRTVS.

Não consiste a virtude se não nas cousas altas.

Na fachada Occidental avia sobre as quatro colunas quatro estatuas abronzadas que representavão Fidelidade, Fortaleza, e Obediencia, com que os Framengos servem ao seu Principe; á Fidelidade tinha hum cão aos pees, na mão direita hum anel, e na esquerda huma chave, a Fortaleza armada a cabeça com huma celada estava arrimada a huma coluna; a Obediencia tinha sobre os hombros hum jugo, e na mão hum freio. A quarta estatua era da Gallia Belgica com huma Coroa de Castellos, que inclinada mostrava oferecer a sua Magestade ao passar por aquelle Arco hum coração com esta letra.

ILLA EGO TVA GALLIA BELGICA QVAE HIC TE EXPECTO DVM TRANSEAS
MOLEM A MEIS ERECTAM OFFERO TIBI HAS TRES PERPETVAS MEAS
COMITÉS, VT ILLAS IN COMITATVM TVVM ASSVMAS, QVAE TE VSQVE AD
ORBIS FINEM IN CORDE MEORVM INDEFESSAE SVNT SECVTVRAE.

Eu a vossa Gallia Belgica, que aqui vos estou esperando ao passar por esta maquina que os meus vos levantarão, vos offereço estas minhas perpetuas companheiras, para que as leveis em vossa companhia, as quaes no coração aos meus vos seguirão sem cansaço até o cabo do mundo.

E abaixo no friso estava esta.

DVM STAS REX MAGNE VIREBO.

Mientras durare, o gran Rey vuestra Monarchia, permanecera nuestra lealtad.

Abaxo deste quadro estava en otro pintado un laud, el qual parecia templar una mano sacada dentre las nuves, con esta letra.

REX SAPIENS POPVLI STABILIMENTVM EST ET CONCORDIA.

El Rey prudente es la estabilidad, i concordia de sus vassallos.

I otra Sibila que quedava debaxo deste quadro declarava este concepto, con estas palabras.

ITA A PRVDENTE TVA MANV ACCOMMODATAE, ET IN VNVM TONVM
COAPTATAE, VT REDDAMVS SVAVEM HARMONIAM ILLAM QVAM CON-
CORDES ANIMOS DECET.

Acomodados assi de vuestra prudente mano, i templadas todas en un tono, haremos sonora en nosotros aquella dulce harmonia, que sale de animos concordés.

Debaxo desta Sibila, i de la otra atras referida en los dos quadros que quedan sobre los Arcos pequeños avia quatro retratos, del Emperador Carlos V i del Rei Felipe su hijo Duques XL i XLI de Brabante en el quadro derecho; i en el izquierdo otros dos de los Serenissimos Archiduque Alberto, i Infanta Doña Isabel, Duques preferentes de Brabante, cuyos elogios van escritos en los Arcos pequeños donde estan las imagines, i elogios de los demas Duques.

Rematavan esta fachada las armas Reales de Portugal, sostenidas de la Iusticia, i Fortaleza; con esta letra.

COLIT ARDVA VIRTVS.

La virtud no consiste sino en cosas altas.

En la fachada Occidental que mirava hàzia la parte del Palacio que viene a parar en la Rua nova, avia sobre las quatro columnas estatuas de color de bronze, que representavan Fidelidad, Fortaleza, Obediencia, con que los Flamencos sirven à su Principe. La Fidelidad tenia a los pies un perro, en la mano derecha una sortija, i en la izquierda una llave; la Fortaleza armada la cabeça con una celada estava arrimada à una columna, a la Obediencia cargava un yugo sobre sus espaldas, tenia en la mano un freno. La quarta, era la figura de la Gallia Belgica, con una Corona de Castillos, que inclinada mostrava ofrecer a su Magestad al passar por aquel Arco un corçon; con esta letra.

ILLA EGO TVA GALLIA BELGICA, QVAE HIC TE EXPECTO DVM TRANSEAS
MOLEM A MEIS ERECTAM OFFERO TIBI HAS TRES PERPETVAS MEAS
COMITÉS, VT ILLAS IN COMITATVM TVVM ASSVMAS, QVAE TE VSQVE AD
ORBIS FINEM IN CORDE MEORVM INDEFESSAE SVNT SECVTVRAE.

Yo vuestra Gallia Belgica, que aqui os estoi esperando al passar desta machina, que los mios os levantaron, os ofrezco estas mis tres perpetuas compañeras para que las lleveis en vuestra compañía, las quales en el coraçon de los mios os seguiran sin cansarse hasta el cabo del Mundo.

I abaxo en el friso estava esta.

I DECVS NOSTRVM, I SPES PVBLICA ET PATRIS AVIQVE MAXIMI AVS-
PICIIS PERQVE ARDVA EORVNDEM VESTIGIA RERVM GESTARVM GLO-
RIA VIAM IN CAELVM AFFECTA.

Hide honra nossa, hide esperança publica e com o favor de vosso pai, e grande Avò imitando seus heroicos feitos procurai subir ao Ceo com a gloria dos vossos,

No quadro grande sobre o Arco principal estava pintado Hercules, que hia pelo Mar em hum batel remando com força, e nelle levava duas colunas para pòr huma dellas no Monte Calpe de Espanha (que he o de Gibraltar) e a outra no Monte Abila de Africa (que he o de Almina) os quaes dous Montes formão o estreito entre Espanha, e Africa, chamado dos antigos por esta causa Herculeo, e dos modernos de Gibraltar. Favorecião os ventos a viagem, hião diante de Hercules hum minino com a sua maça assentado sobre hum Golfinho, e Neptuno mostrandolhe o caminho. Abaixo estavam escritos estes versos.

ALCIDES STATVIT, CAESAR SED POSTVLIT, AT TV HERCVLEM ET INVICTVM PRAEGREDIERIS AVVM.

Hercules as pos, Cesaras adiantou, porem vos passareis adiante de Hercules, e de vosso invicto Avò.

No quadro que ficava sobre este grande, se via pintado sua Magestad Hercules invicto, sentado em seu trono Real, à quem a Vitoria com alegre rosto presentava huma Coroa de louro, e hum Anjo sobre sua cabeça, lhe mostrava outra de ouro com esta letra.

ALTERA CAELO SERVATVR MELIOR.

Amelhor vos esta guardada no Ceo.

Àos lados deste quadro sobre os dous pilares que abraçavão o quadro maior avia sobre dous pedestaes duas estatuas; era huma de dez palmos, e a outra de sete, representavão à sua Magestade, e ao Principe Nosso Senhor, tinhão à seus pees estas inscripções.

PHILIPPO III. HISP. II. LVSIT. P. AVG. P. P. HERCVLI CHRISTIANO VERAЕ FIDEI PROPAGATORI.

A Filipe Terceiro de Espanha, Segundo de Portugal, Principe Augusto pai da Patria, Hercules Christão, propagador da verdadeira Fè.

PHILIP. IIII. HISP. P. AVG. PATERNI LABORIS A TENERIS LEVAMINI.

A Filipe Quarto, Principe Augusto de Espanha, alivio desde seus tenros anos das occupações paternas.

No quadro colateral do grande sobre o Arco dereito estava huma Aguia (que pela Imperial casa de Austria representava sua Magestade) a qual com o bico depedaçava huma mea Lúa divisa dos Mahometanos, e dezia a letra.

I DECUS NOSTRVM, I SPES PVBLICA, ET PATRIS AVIQVE MAXIMI AVS-
PICIIS PERQVE ARDVA EORVNDEM VESTIGIA RERVVM GESTARVM GLO-
RIA VIAM IN CAELVM AFFECTA.

Andad honra nuestra, andad esperançã publica, i con el favor de vuestro padre, i grande Abuelo, imitando sus heroicis hechos, procurad subir al Cielo con la gloria de los vuestros.

En el quadro grande sobre el Arco principal estava pintado Hercules, que iba por la Mar en un barco remando con fuerça, i en el llevaba dos colunas para poner una dellas en el Monte Calpe de España (que es el de Gibraltar) i otra en el Monte Abila de Africa (que es el de Almina) los quales dos montes forman el Estrecho, llamado por esta causa de los antiguos Herculeo, i de los moderno de Gibraltar, favorecian los vientos el viage; ivan delante de Hercules un Niño con la maça assentado sobre un Delfin, i Neptuno mostrandole el camino; abaxo estavan escritos estos versos.

ALCIDES STATVIT, CAESAR SED POSTVLIT, AT TV HERCVLEM, ET INVICTVM PRAEGREDIERIS AVVM.

Hercules las puso, Cesar las adelantò, pero vos passareis adelante de Hercules, i de vuestro invicto Abuelo.

En el quadro que quedava sobre este grande se veia pintado el Rey nuestro señor, Hercules invicto, sentado en su solio Real, a quien la Vitoria con alegre rostro representava una Corona de laurel, i un Angel sobre su cabeça le mostrava otra de oro, con esta letra.

ALTERA CAELO SERVATVR MELIOR.

La mejor os queda guardada en el Cielo.

A los lados deste quadro sobre los dos pilares que abraçavan el quadro mayor, avia sobre dos pedestales dos estatuas. La una, de diez pies, i la otra de siete, que representavan a su Magestad, i al Principe nuestro señor, tenian a sus pies estas inscripciones.

PHILIPPO III. HISP. II. LVSIT. P. AVG. P. P. HERCVLI CHRISTIANO VERAЕ FIDEI PROPAGATORI.

A Felipe Tercero de España, Segundo de Portugal, Principe Augusto, Padre de la Patria, Hercules Christiano, propagador de la verdadera Fè,

PHILIPPO IIII. HISP. P. AVG. PATERNI LABORIS A TENERIS LEVAMINI.

A Felipe Quarto, Principe Augusto de España, ayuda desde sus tiernos años de las ocupaciones paternas.

En el quadro colateral del grande, sobre el arco derecho estava un Aguila (que por la Imperial casa de Austria representava à su Magestad) la qual con el pico despeçava una media Luna, divisa de los Mahumetanos: i dezia la letra.

NE VNQVAM RECRESCAT.

Para que jamais torne à crescer.

Debaixo deste quadro se via em outro huma espada nua simbolo da Iustiça, Co-roada, com huma capella de Oliveira, divisa da Paz. Tinha esta letra.

TALI SVB PRINCIPE.

Debaixo de tal Principe.

Explicava este conceito huma Sybila, que ficava debaixo com esta letra.

PAX, ET IVSTITIA INVICEM DEOSCVLANTVR.

A Paz, e a Iustiça se abração.

No outro quadro grande sobre o Arco esquerdo, estavam pintadas quatro donzelas que representavão as quatro partes da Terra. Tinha Europa na mão huma vela acesa, na qual America acendia outra, e no meio de Asia, e Africa, ficava a Fè, tirando luz de huma pederneira com esta letra.

LVMEN DABIT OMNIBVS.

Alumiara à todos.

Abaixo avia no quadro pequeno hum grande arvore, e outros quatro pequenos procedidos das raizes do grande, por quem querião significar sua Magestade, e os nossos quatro Principes seus filhos, dezia a letra.

A MORTE PRAESERVATIO.

Preservativo contra a morte.

E logo abaixo declarava huma Sybila este pensamento, dizendo.

MORIENS REVIVISCET IN FILIIS.

Morrendo renacera nos filhos.

Sobre o Arco dereito estava pintado o Deus Termo, velho despido com huma pedra ao hombro figurado termo; tinha hum pee sobre hum globo terrestre, e o outro levantado como se saia da terra, dezia a letra.

EGO QVI IOVI CEDERE NOLVI TIBI ORBEM RELINQVO INTEGRVM.

Eu que não quiz dar lugar à Iupiter, agora dandovolo à vos, vos deixo todo o orbe da terra.

Aludindo ao que fingem os Poetas, que não quiz o Deus Termo sairse do Capitolio, deitando delle os Romanos todos os outros Deoses, quando sò à Iupiter o qui-serão consagrar. Sobre o outro quadro esquerdo se via Atlas entregando o mundo a Hercules, o qual dezia.

NE VNQVAM RECRESCAT.

Para que jamas vuelva a crecer.

Debaxo deste quadro se veia en otro una espada desnuda simbolo de la Iusticia, Coronada de una guirnalda de Oliva, divisa de la Paz, tenia esta letra.

TALI SVB PRINCIPE.

Debaxo de tal Principe.

Explicava este concepto una Sibila, que quedava abaxo; con esta letra.

PAX, ET IVSTITIA INVICEM DEOSCVLANTVR.

La Paz, i la Iusticia se abraçan.

En el otro quadro grande sobre el arco izquierdo estavan pintadas quatro donzellas, que representavan las quatro partes del Mundo. Tenia Europa en la mano una vela encendida, en la qual America encendia otra, i en medio de Asia, i Africa quedava la Fè, sacando luz de un pedernal; con esta letra.

LVMEN DABIT OMNIBVS.

Alumbrara à todos.

Abaxo avia en el quadro pequeño un arbol grande, i otros quatro arbolitos, procedidos de las raizes del grande, por quien se queria significar su Magestad, i por los arbolitos sus Altezas hijos suyos, dezia la letra.

A MORTE PRAESERVATIO.

Preservativo contra la muerte.

I luego abaxo declarava una Sibila este pensamiento, diciendo.

MORIENS REVIVISCET IN FILIIS.

Muriendo renacera en los hijos.

Sobre el Arco derecho estava pintado el Dios Termino, viejo desnudo con una piedra figura del termino al hombro, tenia un pie sobre un globo terrestre, i el otro alçado, como que se salia de la tierra: dezia la letra.

EGO QVI IOVI CEDERE NOLVI TIBI ORBEM RELINQVO INTEGRVM.

Yo que no quise dar lugar à Iupiter, agora dandole á vos os dexo todo el Orbe de la tierra.

Aludiendo a lo que fingen los Poetas, que no quiso el Dios Termino salirse del Capitolio, hechando del los Romanos todos los otros sus Dioses, quando a solo Iupiter lo quisieron consagrar.

I sobre el otro Arco izquierdo se veia Atlas entregando el Mundo a Hercules, el qual dezia.

ET HOC TE FASCE LEVABO.

Eu vos aliviarei deste peso.

Querendo significar o peso que sua Magestade tomou do governo do mundo, que el Rei seu pai de gloriosa memoria lhe entregou. No remate desta fachada estava huma grande Esfera divisa de Portugal, sustentada com as asas de huma Aguia, e sobre ella estava atravessada a Cruz de Borgonha, ao lado direito tinha à Iustiça divina, que com hum raio na mão assinalava no circolo Arctico estas palavras, que nelle estavam escritas.

QVAE SVNT DEI DEO.

Desse à Deo o que he seu.

E ao lado ezquerdo estava a Iustiça humana com seus ordinarios simbolos, mostrando no circolo Antartico estoutras.

ET QVAE SVNT CAESARIS CAESARI.

E o que he de Cesar dese à Cesar.

Na volta do Arco grande se representava o desposorio do Emperador Maximiliano Primeiro, filho do Emperador Friderico Quarto, com Madama Maria filha unica, e herdeira de Carlos o Animoso Duque de Borgonha, por cujo casamento se juntarão aquelle Ducado, e os Estados de Frandres, com a ínclita casa de Austria. Estava de huma parte Maximiliano, que se hia à desposar acompanhado do Emperador seu Pai, do Archiduque Ernesto seu Avò, e dos Emperadores Alberto Primeiro, e Rodulfo Primeiro seus progenitores, sobre cujas cabeças se lião estes versos.

AVSTRIA BVRGVNDIS VNITVR, SVRGET AB ILLO GENS THALAMO,
TALES QVAE SVPERABIT AVOS.

Austria se une com Borgonha, e nacera deste casamento tal descendencia, que em proezas passará à seus antecessores.

Da outra parte se via a noiva acompanhada de outros quatro Principes da casa de Borgonha, e Estados de Frandres; erão o Conde Dom Enrique de Portugal, neto de Roberto Segundo Duque de Borgonha, filho de seu filho Enrique, Filipe O bom Duque de Borgonha, Gofredo de Bulhão Rei de Hierusalem, e o Santo Emperador Carlos Magno Duque de Brabante, dezia o distico escrito sobre elles.

HIS PATRIMIS BELGIS BELGI DEDVCITVR HAERES, QVAE PATRIA ET
PATRIMIS PIGNORA DIGNA DABIT.

Com estes padrinhos se vai a desposar a herdeira de Belgia, que dara en penhor filhos merecedores de tal Patria, e de taes Padrinhos.

No meio da volta do Arco estava hum Ceo aberto, nelle apparecia Deos benzen-
do aos noivos com estes versos.

ET HOC TE FASCE LEVABO.

Yo os aliviare deste peso.

Queriendo significar el peso que su Magestad tomò del governo del Mundo, que el Rey su padre de gloriosa memoria le entregò.

En la cumbre i remate desta fachada estava una grande esfera divisa de Portugal, por aver sido del Rey Don Manuel; sustentava una Aguila con las alas, i sobre ella estava atravesada la Cruz de Borgoña, i al lado derecho le quedava la Iusticia Divina con un rayo en la mano, señalando en el circulo Arctico estas palavras, que en el estavan escritas.

QVAE SVNT DEI DEO.

Dese à Dios lo que es suyo.

I al lado izquierdo estava la Iusticia Humana con sus ordinarios simbolos mostrando en el circulo Antartico estotras.

ET QVAE SVNT CAESARIS CAESARI.

I lo que es de Cesar se de à Cesar.

En la buelta del Arco grande se representava el desposorio del Emperador Maximiliano Primero, hijo del Emperador Federico Quarto, con Madama Maria hija, i unica heredera de Carlos el Animoso Duque de Borgoña, por cuyo casamiento se juntaron aquel Ducado, i los Estados de Flandes con la inclita casa de Austria. Estava de una parte Maximiliano que se iba a desposar, acompañado del Emperador su padre, del Archiduque Ernesto su Abuelo, i de los Emperadores Alberto Primero, i Rodulfo Primero sus progenitores, sobre sus cabeças se leian estos versos.

AVSTRIA BVRGVNDIS VNITVR SVRGET AB ILLO GENS THALAMO TALE
SVNT QVAE SVPERABIT AVOS.

Austria se une con Borgoña, i nacera deste casamiento descendencia que en proezas passará à sus antepassados.

De la otra parte se veia la novia acompañada de otros quatro Principes de la casa de Borgoña, i Estados de Flandes. Eran el Conde Don Enrique de Portugal, nieto de Roberto Segundo Duque de Borgoña, hijo de su hijo Enrique, Felipe el Bueno Duque de Borgoña, Gotfredo de Bullon Rey de Hierusalen, i el Santo Emperador Carlos Magno Duque de Brabante; dezia el distico que quedava sobre ellos.

HIS PATRIMIS BELGIS BELGI DEDVCITVR HAERES, QVAE PATRIA ET
PATRIMIS PIGNORA DIGNA DABIT.

Con estos padrinos va a desposarse la heredera de Belgia, que darà por prendas hijos merecedores de tal patria, i de tales padrinos.

En medio de la buelta estava un Cielo abierto, i Dios en el bendiziendo à estos novios: con estotros versos.

IVNGITE CONCORDES FOELICIA VINCVLA DEXTRAS. AETERNVS VESTRO SANGVJNE STABIT HONOS.

Ajuntai ditoso vinculo as mãos concordes, que no vosso sangue permanecera a honra eternamente.

No grosso deste Arco da parte direita se pintou a expulsão dos Mouriscos deste modo: estava huma donzella que representava a Fè atada à hum pão, por cujos cabellos, e braços puxavão huns Mouros, e da boca lhe saia esta palavra.

NESCITIS.

Não sabeis.

Mais adiante estava el Rei armado com hum estoque nu na mão defendendo à Fè, a qual parecia que desatavão a Iustiça, e Fortaleza companheiras de sua Magestade, e os Mouros mostravão querer fugir para ò Mar, onde se embarcavão outros; de sua Magestade sahia esta letra.

LAETARE AMICA MEA.

Alegraios amiga minha.

E com estes versos se declarava este conceito.

A MAVRIS OPPRESSA TVA IAM MAXIME REX EST IVSTITIA, ET FORTI MENTE SOLVTA FIDES.

A Fè opprimida dos Mouros agora se desatou o gram Rei, pela vossa Iustiça, e Fortaleza.

Da outra parte ezquerda estava pintada a conquista da Mamora, com esta letra.

AD MAIORA ADITVS.

Principio para maiores cousas.

O grosso dos Arcos pequenos occupava a genealogia dos Duques de Brabante por imagens, e inscripções desde Pipino o Velho, até os Serenissimos Principes de Belgia, o Archiduque Alberto, e a Infanta Dona Isabel Clara Eugenia.

As inscripções erão as seguintes.

Pipinus Senior Brabantiae Dux primus à Clotario Francorum Rege constitutus, anno 625. Poteres ad Regnum Franciae, Italiae, Germaniae, Hispaniae, et Imperium Romanorum evexit Rhetios, Illiricos, Vindelicos subiugavit, anno 647. mortuus.

Pipino o Velho Duque primeiro de Brabante, constituido por Clotario Rei dos Francos, no ano de 625. Progenitor de Principes, que Reinaraõ em França, Italia, Germania, Espanha, e no Imperio Romano, sojeitou Suevos, Bavaros, e Sclavões, morreo no anno de 647.

IVNGITE CONCORDES FOELICIA VINCVLA DEXTRAS AETERNVS VESTRO SANGVINE STABIT HONOS.

Iuntad dichoso vinculo las manos concordes, que en vuestra sangre permanecera la honra eternamente.

En el grueso deste Arco de la parte derecha se pintò la expulsion de los Moriscos, desta manera. Estava una donzella que representava la Fè atada à un palo, de cuyos cabellos, i braçõs tiravan unos Moros, de la boca della le salia esta palavra.

NESCITIS.

No sabeis.

Mas adelante estava el Rey nuestro señor armado con un estoque desnudo en la mano bolviendo por la Fè, la qual parecia que dessatavan la Iusticia, i Fortaleza, compañeras de su Magestad, i los Moros que ivan huyendo hàzia la Mar adonde otros se embarcavan; de su Magestad salia esta letra.

LAETARE AMICA MEA.

Regozijaos amiga mia.

I con estos versos se declarava este concepto.

A MAVRIS OPPRESSA TVA IAM MAXIME REX EST IVSTITIA, ET FORTI MENTE SOLVTA FIDES.

La Fè oprimida de los Moros, agora se desató o gran Rey por vuestra Iusticia, i Fortaleza.

I de la parte izquierda estava pintada la tomada de la Mamora; con esta letra.

AD MAIORA ADITVS.

Principio para mayores cosas.

El grueso de los Arcos pequeños ocupava la Genealogia de los Duques de Brabante, por imagines, e inscripciones desde Pipino el Viejo, hasta los Serenissimos Principes de Belgia, el Archiduque Alberto, i la Infanta Doña Isabel Clara Eugenia, que oy viven, i vivan por largos años felicissimamente.

Eran las inscripciones las siguientes.

Pipinus Senior Brabantiae Dux Primus à Clotario Francorum Rege constitutus, anno 625 Posteros ad Regnum Franciae, Italiae, Germaniae, Hispaniae, et Imperium Rom. evexit Rhetios, Illyricos, Vindelicos subjugavit anno 647 mortuus.

Pipino el Viejo Duque Primero de Brabante, constituido por Clotario Rey de los Franceses en el año de 625. Progenitor de Principes que Reynaron en Francia, Italia, Germania, España, i en el Imperio Romano. Sujetò los Suevos, Bavaros, i Sclavones, murio en el año de 647.

Ansegiso Dux Brabantiae II. in uxorem habuit Beggam pipini Senioris F. postea in sanctorú numerum relatam, Crosum Vandalorum Regem Fidei hostem infestum de vicit.

Ansegiso Duque II. de Brabante, casou com Begga filha do Duque Pipino o Velho, que depois foi contada entre o numero dos Santos; venceu à Croso Rei dos Vandalos, inimigo capital da Santa Fè.

Pipinus II. Dux Brabantiae III. cognom. Herstallius Ansegisi F. è Plectrude uxore habuit Noitburgem filiam, e grimoaldum, et Silvium filios omnes tres postea in Sanctorum numerum relatos. Frisios domuit, et ad Fidem Catholicam perduxit.

Pipino II. Duque III. de Brabante chamado o de Herstalle, filho de Ansegiso, teve de sua mulher Plectrude a Noitberga Grimoaldo, e Silvio todos tres filhos Santos; sojeitou os Frisões, e os reduzio à que profesassem a Fè Catholica.

Carolus Martelus Dux Brabante IIII. Pipini II. ex Alpaida F. Saxonis, Alemannos, Suevos, Bavaros domuit, Sarracenos in Aquitaniam ab Endone Duce vocatos, iterum Hispaniae compulit casis ex eis 380. millibus, mortuis ex suis dumtaxat 1500. hominibus. Oblatam ultro Francia Coronam respuit, dicens se malle Regibus imperare, quam Regem esse.

Carlos Martel Duque IIII. de Brabante filho de Pipino, e de Alpaida, sojeitou os Saxonos, Alemães, Suevos, e Bavaros, ficou por vencedor na famosa batalha de Turs, com morte de 380 mil Mouros, que o Duque Eudo de Guienna chamara de España, perdendo sométe dos seus 1500 engeitou a Coroa de França que lhe offerecião, estimando mais mandar Reis, que ser Rei.

Pipino III. Brabantiae Dux V. Car. Mart. F. Francorum Rex electus Childerico legitimo Rege adhuc vivo, quia altero ad regnandum inepto iudicabant, Pipinum aptiorem ad actiones, et conceptus Regios.

Pipino III. Duque V. de Brabante, filho de Carlos Martel, foi eleito Rei de França vivendo Childerico legitimo Rei della, a quem os Franceses tiverão por incapaz para Reinan, e a Pipino por mais apto para o governo, e acções Reaes.

Carolus Magnus Pipini III. F. Brabantiae Dux VI. Francorum Rex, et Rom. Imperator, Lombardos Italia, Sarracenos Hispania expulit, subiugavis Aquitaniam, Saxoniam, Italiá, Austriam, Daniam, Esclavoniam, Liburniam, Dalmatiam, Normannos, et Hunnos domuit, Leonem III. P. Max. à Romanis expulsum sedi sua restituit à quo Imp. Rom. fuit creatus anno 801. postquam Imperium in Graciam ab Italia ablatum fuerat 333. annis.

Carlos Magno filho de Pipino III. Duque VI. de Brabante, Rei de França, e Emperador Romano, deitou os Longobardos de Italia, e de huma parte de Espanha os Mouros; sojeitou Guienna, Saxonia, Italia, Dinamarca, Esclavonia, Liburnia, e Dalmacia, venceu os Normandos, e Hunnos: restituiu Leão III. Summo Pontifice na silha Apostolica, da qual pelos Romanos fora desposuido; foi pelo mesmo Papa Coroado Emperador Augusto, no anno de 801. passados 333. que o Imperio foi de Italia transferido à Grecia.

Ludovicus Pius VII. Dux Brabantiae, Imp. Rom. Rex Fráciae, Italiae, Germaniae, Caroli Magestade F. ex Ermingarda uxore, tras habuit filios, Lotharium, Pipinum, e Ludovicum, è secunda uxore habuit Carolum Calvum.

Luis Pio VII: Duque de Brabante, Emperador Romano, Rei de Francia, de Italia, de Germania, filho de Carlo Magno, teve tres filhos de sua mulher Hermingarda, Lothario, Pipino, e Luis, e de sua segunda mulher a Carlos o Calvo.

Ansegiso Dux Brabantiae II in uxorem habuit Beggam Pipini Senioris F. postea in Sanctorum numerum relatam. Croscum Vandalorum Regem fidei hostem infestum de vicit.

Ansegiso Duque Segundo de Brabante, tuvo por muger à Begga hija del Duque Pipino el Viejo, que despues fue colocada en el numero de los Santos, vencio á Crocco Rey de los Vandalos, enemigo capital de la Fè Santa.

Pipinus II Dux Brabantiae III cognom. Herstallius Ansegisi F. è Plectrude uxore habuit Noitburgem filiam, et Grimoaldum, et Silvium filios, omnes tres postea in Sanctorum numerum relatos. Frisios domuit, et ad Fidem Catholicam preduxit.

Pipino Segundo, Duque Tercero de Brabante llamado el de Herstalle, hijo de Ansegiso, tuvo de su muger Plectrude a Noitberga, Grimoaldo, i Silvio, todos tres hijos Santos. Sujetò los Frisones, persuadiolos a professar la Fè Catholica.

Carolus Martelus Dux Brabantiae IIII Pipini II ex Alpaide F. Saxones, Alemannos, Suevos, Bavaros domuit, Sarracenos in Aquitaniam ab Eudone Duce vocatos iterum in Hispaniam compulit casis ex eis 380 millibus, mortuis ex suis dumtaxat 1500 hominibus. Oblatam ultro Franciae Coronam respuit, dicens se malle Regibus imperare, quam Regem esse.

Carlos Martel Duque Quarto de Brabante, hijo de Pipino Segundo, i de Alpaída. Sujetò los Saxones, Alemanes, Suevos, i Bavaros, quedò por vencedor en la famosa batalla de Turs, con muerte de 380 mil Moros, que el Duque Eudo de Guienna avia llamado de España, perdiendo solamente de los suyos 1500. rehusò la Corona de Francia que le ofrecieron, diziendo, que estimava mas mandar Reyes, que ser Rey.

Pipinus III Brabantiae Dux V Car. Mart. F. Francorum Rex electus Childerico legitimo Rege adhuc vivo, quia altero ad regnandum inepto iudicabant Pipinum aptiorem ad actiones, et conceptus Regios.

Pipino Tercero Duque Quinto de Brabante, hijo de Carlos Martel, fue electo por Rey de Francia viviendo Childerico. Legitimo Rey della, a quien los Franceses tuvieron por incapaz para Reinar, i a Pipino juzgaron por mas apto para el gobierno, i acciones Reales.

Carolus Magnus Pip. III F. Brabantiae Dux VI Francorum Rex, et Rom. Imperator, Longobardos Italiae, Sarracenos Hispaniae expulit, subiugavit Aquitaniam, Saxoniam, Italiam, Austriam, Daniam, Esclavoniam, Liburniam, Dalmatiam, Normanos, et Hunnos domuit, Leonem III P. M. à Romanis expulsus Sedi sua restituit, a quo Imp. Rom. fuit creatus anno DCCCI postquam Imperium in Graciam ab Italia ablatum fuerat CCCXXXIII annis.

Carlos Magno hijo de Pipino Tercero, Duque sexto de Brabante, Rey de Francia, i Emperador Romano. Echò los Longobardos de Italia, i de una parte de España los Moros. Sujetò a Guienna, Saxonia, Italia, Dinamarca, Esclavonia, Liburnia, i Dalmacia, vencio los Normandos, i Hunnos. Restituyo Leon Tercero Pontifice Maximo a la Silla Apostolica, della por los Romanos desposeido; fue por el mismo Papa Coronado Emperador Augusto, en el año de 801. Despues de trezientos treinta i tres años que el Imperio fue transferido à Grecia.

Ludovicus Pius VII Dux Brabantiae, Imp. Rom. Rex Fraciae, Italiae, Germaniae, Caroli Mag. F. ex Ermingarda uxore, tres habuit filios, Lotharium, Pipinum, et Ludovicum, è secunda uxore habuit Carolum Calvum.

Luis Pio Septimo Duque de Brabante, Emperador Romano, Rey de Francia, de Italia, de Germania, hijo de Carlos Magno, tuvo tres hijos de su muger Hermingarda, Lothario, Pipino, i Luis, de la segunda muger a Carlos el Calvo.

Lotharius I. Ludovici Pii F. Dux Brabantiae VIII. Imp. Rom. Rex Italiae, e Austrasiae, Ludovico fratri reliquit acceptum à patre Regnum Germaniae à Rheno usque ad Danubium, Carolo Calvo Regnum Francia cessit factus Monachus, postquam 14. annos Regnavit.

Lothario Primeiro filho de Luis Pio Duque VIII. de Brabante, Emperador Romano, Rei de Italia, e Austrasia, deixou à seu irmão Luis o Reino de Germania, compreendida entre os Rios Rhin, e Danubio a qual herdara de seu pai, renunciou o Reino de França em seu irmão Carlos o Calvo, e depois de Reinár, 1.^a annos se fez Monje.

Lotharius II. Lotharii F. Dux Brabantiae IX. Austrasiae Rex, non relinquit haredem legitimum, succesit illi in Ducatum Brabantiae Carolus Calvus patruus eius.

Lothario II. filho de Lothario I. Duque IX. de Brabante, Rei de Austrasia, no deixou herdeiro legitimo, succedeolhe no Ducado de Brabante seu tio Carlos o Calvo.

Carolus Calvus Ludovici Pii F. Dux Brabantiae X. Imp. Rom. Franciae Rex, accerrimecum Normádis, et Danis Franciam invadentibus dimicavit Theodoricum Primum Comitem Hollandiae, Balduinum Primum Frandriae Comitem instituit, veneno perise Mantuae à Medico Iudaico Sedechia dato, anno 878.

Carlos o Calvo filho de Luis Pio, Duque X. de Brabante, Emperador Romano, Rei de França, pelejou fortemente com os Normandos, e Danos que avião entrado em França, deu os titulos de Condes de Hollanda, e Frandes, à Theodorico Primeiro, e a Balduino Primeiro, morreo em Mantua de peçonha dada por Sedechia Medico Iudeu, no ano de 878.

Ludovicus Balbus Caroli Calvi F. Brabantiae Dux XI. Imp. Rom. Franciae Rex, Regnavit duobus annis uxorem habuit Adelheidem Angliae Regis F. è qua procreavit Carolum simplicem filium posthumum.

Luis o tartamudo, filho de Carlos o Calvo, Duque XI. de Brabante, Emperador Romano, Rei de França, Reinou dou annos, foi sua mulher Adelheida filha del Rei de Ingraterra, da qual teve hum filho posthumo chamado Carlos o simplez.

Carolus Simplex Ludovici Balbi F. XII. Dux Brabantiae.

Carlos o Simplez filho de Luis o tartamudo Duque XII de Brabante.

Ludovicus Transmarinus Caroli Simplicis F. Dux XIII. Brabantiae.

Luis o Transmarinho filho de Carlos o Simplez, Duque XIII de Brabante.

Lotharius III. Ludovici Transmarini F. è Gerberga, Imp. Henrici F. XIII. Dux Brabantiae Franciae Rex, Regnavit 32. annos, cum Imperatore Ottone II. de Ducatu Lotharingiae accerrime dimicavit.

Lothario III. filho de Luis o Transmarinho, e de Gerberga filha do Emperador Enrique I. Duque XIII. de Brabante, e Rei de França, Reinou 32. annos, teve mui aspera guerra com o Emperador Ottão II. sobre o Ducado de Lotharingia.

Carolus V. Brabantiae Dux XV. Ludovici Transmarini, è Gerberga F.

Carlos V. Duque XV. de Brabante, filho de Luis o Transmarinho, e de Gerberga.

Otto Caroli V. F. Dux XVI. Brabantiae, et Lotharingiae, legitimus successor Corona Franciae, maluit cum Ducatu Brabantiae, e Lotharingiae in pace, e quiete, quam cum Franciae Regno in perpetuis bellis vivere, Gerbergam sororem habuit, que nupta Lamberto fratri Hannoniae Comititis, uccessit fratri Ottoni.

Ottão filho de Carlos V. Duque 16. de Brabante, e de Lothreich, legitimo successor da Coroa de França, quis antes passar a vida com os Ducados de Brabante, e de Lothreich, em paz, e quietação, que viver em perpetua guerra com o Reino de França:

Lotharius I Ludovici Pii F. Dux Brabantiae VIII Imp. Rom. Rex Italia, et Austrasia, Ludovico fratri, reliquit acceptum a patre Regnum Germaniae à Rheno usque ad Danubium, Carolo Calvo Regnum Franciae cessit, factus monachus, postquam XIV annos regnaverat.

Lothario Primero hijo de Luis Pio, Duque Octavo de Brabante, Emperador Romano, Rey de Italia, i Austrasia, dexò a su hermano Luis el Reyno de Germania comprehendida entre los Rios Rhin, i Danubio, la qual de su padre avia heredado. Renuncio el Reyno de Francia en su hermano Carlos el Calvo; i se hizo Monge despues de aver Reynado catorze años.

Lotharius II Lotharii I F. Dux Brabantiae IX Austrasiae Rex non relinquit haredem legitimù, succesit illi in Ducatum Brabantiae Carolus Calvus patruus eius.

Lothario Segundo hijo de Lothario Primero, Duque Nono de Brabante, Rey de Austrasia, en el dexò legitimo heredero, sucediole en el Ducado de Brabante Carlos Calvo su Tio.

Carolus Calvus Ludovici Pii F. Dux Brabantiae X Imp. Rom. Franciae Rex, acerrime cum Normannis, et Danis Franciam invadentibus dimicavit. Theodoricum primum Comitem Hollandiae, Balduinum primum Comitem Flandriae instituit, veneno perijt Mantua a Medico Iudaico Sedechia dato, anno Dccclxxviii.

Carlos el Calvo hijo de Luis Pio, Decimo Duque de Brabante, Emperador Romano, Rey de Francia. Peleo fuertemente con los Normandos, i Danos que avian entrado en Francia: dio el titulo de Conde de Holanda a Theodorico Primero, i el de Fládes a Balduino Primero. Murio en Mantua de veneno dada por Sedechia Medico Iudio, en el año de 878.

Ludovicus Balbus Caroli Calvi F. Brabantiae Dux XI Imp. Rom. Franciae Rex, Regnavit duobus annis uxorem habuit Adelheidem Angliae Regis F. è qua procreavit Carolum Simplicem filium posthumum.

Luis el Tartamudo hijo de Carlos el Calvo, Duque Onzeno de Brabante, Emperador Romano, Rey de Francia. Reynò dos años, fue su muger Adelheida hija del Rey de Inglaterra, en la qual tuvo un hijo posthumo, llamado Carlos el Simple.

Carolus Simplex Ludovici Balbi F. XII Dux Brabantiae.

Carlos el Simple, hijo de Luis el Tartamudo, XII Duque de Brabante.

Ludovicus Transmarinus Caroli Simplicis F. Dux Brabantiae XIII.

Luis el Transmarino hijo de Carlos el Simple, XIII Duque de Brabante.

Lotharius III Ludovici Transmarini F. et Gerberga, Imp. Henrici F. XIV Dux Brabantiae, Franciae Rex, regnavit xxxii annos. Cum Imperatore Ottone II de Ducatu Lotharingiae accerrime dimicavit.

Lothario Tercero hijo de Luis el Transmarino, i de Gerberga hija del Emperador Henrique Primero, Duque XIV de Brabante, i Rey de Francia. Reynò treinta i dos años, tuuo muy aspera guerra con el Emperador Oton Segundo, sobre el Ducado de Lorena.

Carolus V Brabantiae Dux XV Ludovici Transmarini, è Gerberga F.

Carlos Quinto Duque XV de Brabante, hijo de Luis el Transmarino, i de Gerberga.

Otto Caroli V F. Dux XVI Brabantiae, et Lotharingiae, legitimus successor Corona Franc. Maluit cum Ducatu Brabantiae, et Lotharingiae in pace, et quiete, quam cum Franc. Regno in perpetuis bellis vivere, Gerbergam sororem habuit, que nupta Lamberto fratri Hannonia Comititis, accessit fratri Ottoni.

Oton hijo de Carlos Quinto, Duque XVI de Brabante, i de Lothreich, legitimo successor de la Corona de Francia, quiso mas passar la vida con los Ducados de Brabante, i de Lothreich, en paz, i quietud, que vivir en perpetua guerra con el Reyno de Francia.

foi sua irmã Gerberga, casada com Lamberto irmão do Conde de Hennau, a qual succedeo à Ottão seu irmão.

Lambertus XVII. Dux Brabantiae, in uxorem habuit Gerbergam Ottonis sororem iure fraterno per nefas privatam, Regnavit 10. annos cum titulo Comitatus Lovanii.

Lamberto XVII. Duque de Brabante, foi sua mulher Gerberga irmã do Duque Ottão, a qual injustamente foi privada da successão fraterna; Reinou 10. annos com titulo de Conde de Lovaina.

Enricus Lamberti F. XVIII. Dux Brabantiae, Comes Lovanii.

Enrique filho de Lamberto XVIII. Duque de Brabante, Conde de Lovaina.

Lambertus II. Henrici F. XIX. Dux Brabantiae, Comes Lovanii.

Lamberto II. filho de Enrique XIX. Duque de Brabante, Conde de Lovaina.

Henricus II. Lamberti II. F. XX. Dux Brabantiae, Comes Lovanii.

Enrique II. filho de Lamberto II. Duque XX. de Brabante, Conde de Lovaina.

Henricus III. Henrici II. F. XXI. Dux Brabantiae, Comes Lovanii.

Enrique III. filho de Enrique II. Duque XXI. de Brabante, Conde de Lovaina.

Godefridus Barbatus Henrici II. F. XXII. Dux Brabantiae, e Lotharingiae.

Gotfredo o Barbado filho de Enrique II. Duque XXII. de Brabante, e de Lothreich.

Godefridus II. Dux Brabantiae XXIII. Godefridi Barban F. è Sophia Imp. Henrici III. F. fuit Comes Lovanii, Marchio Sacri Imperii, Dux Brabantiae, e Lotharingiae quem Ducatum illi reliquit pater, iterum ab Ardennae Ducibus recuperatum, quem à tempore Gerberga Ottonis sororis iniuste possederant 100. annos, Regnavit annos duos.

Gotfredo II, Duque XXIII. de Brabante, filho de Gotfredo o Barbado e de Sophia filha do Emperador Enrique III. foi conde de Lovaina, Marques do Sacro Imperio, Duque de Brabante, e de Lothreich, o qual Ducado lhe deixou seu pai recuperando dos Duques de Ardenha; os quaes injustamente o possuirão desde o tempo de Gerberga irmã de Ottão por tempo de cem anos. Reinou dous.

Godefridus III. Dux Brabantiae XXIII. Godefridi II. F. ex Lutgarda Friderici Sueviae Ducis F. Dux Lotharingia, Marchio Sacri Imperii, anno aetatis primo nec dum exacto patrem amisit, ortaque seditione inter Brabantinos, et Grimbergos, eum suspenderunt Brabantini ex arbore in cunis Argenteis in campo pugna ordinato, et à praesentia Principis sui eos sumpserunt animos, quibus hosles debellarunt.

Gotfredo III. Duque XXIII. de Brabante, filho de Gotfredo II. e de Lutgarda filha de Friderico Duque de Suevia, foi Duque de Lothreich Marques do Sacro Imperio, perdeu seu pai não tendo cumprido hum anno, no qual pelejando os Brabantinos com os de Grimberga, o pendurarão seus vassallos de hum arvore em hum berço de prata, no mesmo campo em que se deu a batalha, e com a presença de seu Principe cobrarão tanto animo, que desbaratarão os inimigos.

Henricus III. Dux. Brabantiae XXV. Dux Lotharingiae, Marchio Sacri Imperii Godefridi III. F. è Margarita Limburgi Ducis F. multis nobilibus Comitatus adiit Terram Sanctam, in ea occupavit civitatem Baruth multa infidelium strage, postmodum Constantinopolim expugnavit, Regnavit 48. annos.

Enrique III. Duque XXV. de Brabante, Duque de Lothreich, Marques do sacro Imperio, filho de Gotfredo III. e de Margarita filha do Duque de Limburgo; acompanhado de muita nobreza de seus Estados passou a Terra Santa, onde tomou a Cidade de Baruth com grande estrago dos inimigos, e depois ajudou à ganhar Constantinopla. Reino 48. anos.

Tuvo una hermana llamada Gerberga, que fue casada con Lamberto hermano del Conde de Henao, la qual sucedio à su hermano Otton.

Lambertus XVII Dux Brabantiae, in uxorem habuit Gerbergam Ottonis sororem iure fraterno per nefas privatam. Regnavit X annos cum titulo Comitatus Lovanii.

Lamberto XVII Duque de Brabante, tuvo por muger a Gerberga hermana del Duque Otton; la qual injustamente fue privada de la sucession fraterna. Reynò diez años con titulo de Conde de Lovaina.

Henricus Lamberti F. XVIII Dux Brabantiae, Comes Lovanii.

Henrique hijo de Lamberto XVIII Duque de Brabante, Conde de Lovaina.

Lambertus II Henrici F. XIX Dux Brabantiae, Comes Lovanii.

Lamberto Segundo hijo de Enrique, Duque XIX de Brabante, Conde de Lovaina.

Henricus II Lamberti II F. XX Dux Brabantiae, Comes Lovanii.

Henrique Segundo hijo de Lamberto Segundo, Duque XX de Brabante, Conde de Lovaina.

Henricus III Henrici II F. XXI Dux Brabantiae, Comes Lovanii.

Henrique Tercero hijo de Enrique Segundo, Duque XXI de Brabante, Conde de Lovaina.

Godefridus Barbatus Henrici II F. XXII Dux Brabantiae, et Lotharingiae.

Gotfredo el Barbado hijo de Enrique Segundo, Duque XXII de Brabante, i de Lothreich.

Godefridus II Dux Brabantiae XXIII Godefridi Barbati F. è Sophia Imp. Henrici IIII F. fuit Comes Lovanii, Marchio Sacri Imperii, Dux Brabantiae, et Lotharingiae, quem Ducatum illi reliquit pater, iterum ab Ardennae Ducibus recuperatum, quem a tempore Gerberga Ottonis sororis iniuste possederant C annos, regnavit annos duos.

Gotfredo Segundo, Duque de Brabante XXIII hijo de Gotfredo el Barbado, i de Sofia hija del Emperador Henrique Quarto. Fue Conde de Lovaina, Marques del Sacro Imperio, Duque de Brabante, i de Lothreich, el qual Ducado le dexò su padre aviendolo recuperando de los Duques de Ardeña; los quales injustamente lo avian poseido desde el tiempo de Gerberga hermana de Otton, por tiempo de cien años, reynò dos.

Godefridus II Dux Brabantiae XXIV Godefridi II F. ex Lutgarda Friderici Sueviae Ducis F. Dux Lotharingiae, Marchio Sacri Imperii. Anno aetatis primo nec dum exacto patre amisit, orta que seditione inter Brabantinos, et Grimbergos, eum suspenderunt Brabantini ex arbore, in cunis argenteis in campo pugna ordinato, et a presentia Principis sui eos sumpserunt animos, quibus hostes debellarunt.

Gotfredo Tercero, Duque de Brabante XXIII Hijo de Gotfredo Segundo, i de Lutgarda hija de Friderico Duque de Suevia. Fue Duque de Lothreich, Marques del Sacro Imperio; perdio su padre no aviendo cumplido un año, en el qual peleando los Brabantinos con los de Grimberga, le colgaron sus vassallos de un arbol dentro en una cuna de plata, en el mismo campo en que se dio la batalla, i con la presencia de su Principe cobraron tanto animo, que desbarataron los enemigos.

Henricus IIII Dux. Brabantiae XXV Dux Lotharingiae, Marchio Sacri Imperii Godofridi III F. è Margarita Limburgi Ducis F. multis nobilibus Comitatus adiit Terram Sanctam, in ea occupavit Civitatem Baruth multa infidelium strage, postmodum Constantinopolim expugnavit, Regnavit xlviii.

Henrique Quarto Duque de Brabante XXV Duque de Lothreich, Marques del Sacro Imperio, hijo de Gotfredo Tercero, i de Margarita hija del Duque de Limburgo, acompañado de mucha nobleza de sus Estados passò a la Tierra Santa donde tomò la Ciudad de Baruth, con grande estrago de los enemigos, i despues ayudo à ganar Constantinopla, Reynò quarenta i ocho años.

Henricus V. Magnanimus XXVI. Dux Brabantiae, Henrici IIII. F. ex Mathilde Comitiss Boloniensis F. in uxorem duxit Mariam Philippi Imperatoris F. quae illi peperit Henricum cognomento mansuetum. Regnum Romanorum ab Innocentio P. Max. ultro oblatum respuit, e ad illud Guilhelmum Hollandiae Comitem promovit, gubernavit 12. annos.

Henrique V. o Magnanimo XXVI. Duque de Brabante, filho de Henrique IIII. e de Matildes filha do Conde de Bolonia, casou com Maria filha do Emperador Filipe, da qual teve a Enrique chamado o Pacifico, desprezou a Coroa do Imperio Romano, que o Summo Pontifice Innocencio IIII. lhe orffereceo, promovendo nella a Guilhelmo Conde de HoIlanda, governou 12. annos.

Henricus VI. Mansuetus XXVII. Dux Brabantiae Henrici Magnanimi F. regnavit 13. annos.

Enrique VI. o Pacifico XXVII. Duque de Brabante;filho de Enrique o Magnanimo, reinou 13. annos.

Ioannes I. Dux Brabantiae XXVIII. Dux Lotharingiae, Limburgi, Marchio Sac. Imp. Henrici Mansueti F. ex Aleide Eudonis Burgundia Ducis F. gubernavit 34. annos.

Ioão I. Duque de Brabante XXVIII. Duque de Lothreich, de Limburgo, Marques do Sacro Imperio, filho de Enrique o Pacifico, e de Aleida filha de Eudo Duque de Borgonha, governou 34. annos.

Ioannes II. Dux Brabantiae XXIX. Ioannis I. F. e Margarita Guidonis Comitiss Frandria, F. uxorem habuit Margaritam Eduardi I. Angliae Reg.F. gubernavit 18. annos.

Ioão II. Duque XXIX.de Brabante, filho de Ioão I. e de Margarida, filha de Guido Conde de Frandes; foi. Sua mulher Margarida filha de Duarte I. Reide Ingraterra; governou 18. annos.

Ioannes III. Dux Brabantiae XXX. Ioannis II. F. Mechliniam, e Valchemburgum paternis titulis adiecit, è Maria Comitiss Everensis F. reliquit sui status haredem Ioannam primum Guilielmo Hann. et HolanDom Comiti, postmodum Venceslão Ioannis Bohemia Regis F. nuptam, alteram filiam habuit Margaritam que nupta Comiti Frandria peperit filiam Margaritam quae coniuncta Philippo Audaci dedit Ioannem successorem patrii iuris.

Ioão III. Duque XXX. de Brabante, filho de Ioão II. acrescentou aos Estados paternos, Malinas, e Valquenburgo, de Maria filha do Conde de Eureux deixou huma filha herdeira chamada Ioanna, a qual casou primeiro com Guilhelme Conde de HoIlanda, e de Hennau, e segunda vez con Venceslão filho de Ioão Rei de Bohemia. Teve outra filha chamada Margarida que foi casada com o Conde de Frandres, cuja filha foi Margarida mulher de Felipe o Animoso Duque de Borgonha, de quem naceo Ioão successor dos Estados paternos.

Venceslaus Dux Brabantiae XXXI. gubernavit 29. annos, Lucemburgi mortuus anno 1384. nullos habuit filios supervixit illi uxor, bellum cum Geldria Duce gessit.

Venceslão Duque XXXI. de Brabante governou 29. annos, morreo em Lutzenburgo no ano de 1384. não teve filhos, despois da sua morte governou sua mulher Ioanna, a qual teve guerra com o Duque de Geldres.

Antonius XXXII. Dux Brabantiae Philippi Audacis Burgundiae Duc. F. ad Ducatu Brabantiae ea ratione fuit promotus, quod Ioanna esset mater ter a matris sua Margarita, habuitque Philippus Audax, Ioannem, Antonium, et Philippum, quorum natu maximus Ioannes in patrium Burgundiae Ducatum successit, e Antonius Du-

Henricus V Magnanimus XXVI Dux Brabantiae Henrici IV F. ex Mathilde Comitiss Boloniensis F. in uxorem duxit Mariam Philippi Imperatoris F. quae illi peperit Henricum cognominatum Mansuetum, Regnum Romanorum ab Innocentio Pont. Max. ultro oblatum respuit, et ad illud Gulielmum Hollandiae Comitem promovit; gubernavit xii. annos.

Henrique Quinto el Magnanimo XXVI Duque de Brabante, hijo de Henrique Quarto, i de Matilde hija del Conde de Boloña, casò con Maria hija del Emperador Felipe, de la qual tuvo a Henrique llamado el Pacifico: menosprecio la Corona del Imperio Romano que por el Sumo Pontifice Inocencio Quarto le fue ofrecido; promoviendo en ella a Guillelmo Conde de Holanda, governò doze años.

Henricus VI Mansuetus XXVII Dux Brabantiae, Henrici Magnanimi F. Regnavit xiii annos.

Henrique Sexto el Pacifico XXVII Duque de Brabante, hijo de Henrique el Magnanimo. Reynò treze años.

Ioannes I Dux Brabantiae XXVIII Dux Lotharingiae, Limburgi, Marchio Sac. Imp. Henrici Mansuet. F. ex Aleide Eudonis Burgundiae Ducis F. Gubernavit xxxiv annos.

Iuan I Duque de Brabante XXVIII Duque de Lothreich, de Limburgo, Marques del Sacro Imp. hijo de Henrique el Pacifico, i de Aleida hija de Eudo Duque de Borgoña. Governò 34 años.

Ioannes II Dux Brabantiae XXIX Ioannis I F. è Margarita Guidonis Comitiss Flandria F. uxorem habuit Margaritam Eduardi I Reg. Angliae F. Gubernavit xviii annos.

Iuan Segundo Duque de Brabante XXIX hijo de Iuan Primero, i de Margarita hija de Guido Conde de Flandes, tuvo por muger a Margarita hija de Eduardo Primero Rey de Ingraterra; governò 18 años.

Ioannes III Dux Brabantiae XXX Ioannis II F. Mechliniam, et Valchemburgum paternis titulis adiecit, è Maria Comitiss Everensis F. reliquit sui status haredem Ioannam primum Gulielmo Hann. et Holland. Comiti, postmodum Wenceslao Ioannis Bohemia Regis F. nuptam, alteram filiam habuit Margaritam, que nupta Comiti Flandria peperit filiam Margaritam, quae coniuncta Philippo Audaci dedit Ioannem successorem patrii iuris.

Iuan Tercero Duque de Brabante XXX hijo de Iuan Segundo, acrecentò à los Estados paternos Malinas, i Valquéburgo, de Maria hija del Conde de Eureux, dexò una hija heredera de sus Estados llamada Iuana, la qual casò primero con Guillelmo Conde de Henau, i de Holanda, i segunda vez con Wenceslao hijo de Iuan Rey de Bohemia: tuvo otra hija llamada Margarita, que fue casada con el Conde de Flandes, cuya hija fue Margarita que fue muger de Felipe el Animoso Duque de Borgoña, de quien tuvo a Iuan sucesor de los Estados de su padre.

Wenceslaus Dux Brabantiae XXXI gubernavit xxix. ann. Lucemburgi mortuus anno 1384 nullos habuit filios: supervixit illi uxor, et bellum cum Geldria Duce gessit.

Wenceslao XXXI Duque de Brabante, governò 29 años, murio en Lutzemburgo en el año de 1384 no tuvo hijos, despues de su muerte governò su muger Iuana, la qual tuvo guerra con el Duque de Geldres.

Antonius XXXII Dux Brabantiae, Philippi Audacis Burgundiae Ducis F. ad Ducatum Brabantiae ea ratione fuit promotus, quod Ioanna esset Matertera matris sua Margarita. Habuitque Philippus Audax, Ioannem, Antonium, et Philippum, quorum natu maximus Ioannes in patrium Burgundiae Ducatum successit, et Antonius Du-

catum Brabantiae gubernavit 9. annos. Ducatum Lucemburgi paterno statui addidit matrimonio Elisabetha.

Antonio Duque XXXII. de Brabante filho de Felipe Animoso Duque de Borgonha, succedeo no Ducado de Brabante à Ioana mulher de Venceslão por ser tia de sua mai Margarida. Teve o dito Felipe Animoso à Ioão, à este Antonio, e a Felipe, dos quaes Ioão o maior succedeo a seu pai no Ducado de Borgonha, e Antonio no de Brabante, o qual governou 9. annos, e acrecentou seu estado com o Ducado de Lutzenburgo pelo casamento de Isabel.

Ioannes IIII. Dux Brabantiae XXXIII. Antonii F. gubernavit 12. annos, uxorem habuit Iacobam Bavaram Hollandiae Comiticissam, instituit Academiam Lovanii.

Ioão IIII. Duque XXXIII. de Brabante filho de Antonio, governou 12. annos, foi casado com Iacoba a Bavara Condessa de Hollanda, instituiu a Vniversidade de Lovaina.

Philippus I. Dux Brabantiae XXXIIII Antonii F. Ioannis frater, post fratris mortem gubernavit 3. annos. Dum se preparabat ad recipiendam in uxorem Iolantam Andega vensis Ducis F. Subita febris correptus perise Lovanii anno 1430.

Felipe I. Duque de Brabante XXXIIII. filho de Antonio, e irmão de Ioão, por cuja morte lhe succedeo no Ducado que governou sò 3. annos, aprestandose para ir a casar com Iolanta filha do Duque de Anjou, morreo em Lovaina de huma repentina febre que lhe deu no anno de 1430.

Philippus II. Bonus XXXV. Dux Brabantiae, Burgundiae, Lutzemburgi, Limburgi, Lotharingiae, Comes Flandriae, Artesiae, Hannoniae, Hollandiae, Zelandiae, Frisiae, etc. Ioannis Burgundiae Ducis F. et Nep. Philippi Audacis, qui Ioannes fratri Antonio hac conditione Ducatum Brabantiae cesserat ut iterum rediret ad Ducatum Burgundiae dum nullus superesset haeres legitimus, in uxorem habuit Isabellam Ioannis Lusitaniae Reg. F. Primum caput, et institutoir fuit ordinis Aurci Velleris. Regnavit 37. annos.

Felipe II. o Bom XXXV. Duque de Brabante, Borgonha, Lutzenburgo, Lothreich, Conde de Frandes, Artois, Henau, Hollanda, Zelanda, Frisia, etc. filho de Ioão Duque de Borgonha, e neto de Filipe o Animoso, o qual Ioão cedeo o Ducado de Brabante a seu irmão Antonio, com condição que morrendo sem successão legitima tornasse o Ducado de Brabante ao de Borgonha como succedeo. Casou com Isabel filha de Ioão I. Rei de Portugal, foi instituidor da Ordem do Tusão. Reinou 37. annos.

Carolus Audax XXXVI. Dux Brabantiae Philippi Boni ex Isabella Lusitaniae Reg. F. Geldriam, Zutphaniam devicit acerrimus in hostem bellator, Alexandri Magni in omnibus imitator, Lo tharingios: Eburones, Frisos rebelles subiugavit. Filia unicam totius Belgii haeredem reliquit, Mariam ex Isabella Borbonis Ducis F. quae Maximiliano Austriaco Imp. nupsit, in obsidione Nansis periit.

Carlos o Animoso XXXVI. Duque de Brabante, filho de Filipe o Bom, e de Isabel filha del Rei de Portugal; tomou e sojeitou a Geldres, e a Zutfen, foi gram guerreiro, e perseguidor de seus inimigos, e em tudo imitador do grande Alexandre. Domou aos de Lorena, Lieja, e Frisa, que se avião rebellado; deixou huma filha Maria única herdeira de todos seus Estados, que teve em Isabel filha do Duque de Borbom, a qual casou com Maximiliano de Austria Emperador, morreo no cerco de Nansi.

Maximilianus, e Maria XXXVII. Duces Brabantiae, Burgundiae Lotharingiae, Lutzemburgi, Limburgi, Geldriae, Comites Flaendriae, Artesiae, Hannoniae, Hollandiae, Zelandiae, Frisiae, etc. postmortem Caroli Audacis gubernarunt, et hoc matrimonio clarum Brabantiae, et Burgundiae stemma, cum illustri Austriacae stirpitis

catum Brabantiae gubernavit ix annos. Ducatum Lucemburgi paterno statui addidit matrimonio Elisabetha.

Antonio XXXII Duque de Brabante, hijo de Felipe el Animoso, Duque de Borgoña. Sucedió en el Ducado de Brabante à Iuana muger de Wenceslao, por ser tia de su madre Margarita. Tuvo el dicho Duque Felipe el Animoso a Iuan, à este Antonio, i à Felipe: de los quales Iuan el mayor sucedió a su padre en el Ducado de Borgoña, i Antonio en el de Brabante, el qual governò 9 años, i acrecentò su Estado con el Ducado de Lutzemburgo por el casamiento de Isabel.

Ioannes III Dux Brabantiae XXXIII Antonii F. gubernavit xxii annos, uxorem habuit Iacobam Bavaram Hollandiae Comitissam, instituit Academiam Lovanii.

Iuan III Duque XXXIII de Brabante hijo de Antonio, governò doze años, fue casado con Iacoba Bavara Condessa de Holanda, instituyó la Universidad de Lovaina.

Philippus I Dux Brabantiae XXXIV Antonii F. Ioannis frater, post fratris mortem gubernavit tres annos. Dum se preparabat ad recipiendam in uxorem Iolantam Andegavensis Ducis filia, subita febris correptus periit Lovanii anno Mccccxxx.

Felipe I Duque de Brabante XXXIII hijo de Antonio, i hermano de Iuan, por cuya muerte le sucedió en el Ducado que governò solos tres años, aprestandose para ir à casar con Iolanta hija del Duque de Anjou: murio de una repentina calentura en Lovaina, en el año de 1430.

Philippus II Bonus XXXV Dux Brabantiae, Burgundiae, Lutzemburgi, Limburgi, Lotharingiae, Comes Flandriae, Artesiae, Hanoniae, Hollandiae, Zelandiae, Frisiae, etc. Ioannis Burgundiae Ducis F. et Nep. Philippi Audacis, qui Ioannes fratri Antonio hac conditione Ducatú Brabantiae cesserat ut iterum rediret ad Ducatum Burgundiae, dum nullus superesset haeres legitimus, in uxorem habuit Isabellam Ioannis Lusitaniae Reg. F. Primum caput, et institutor fuit Ordinis Aurci Velleris. Regnavit xxxvii annos.

Felipe Segundo el Bueno XXXV Duque de Brabante, Borgoña, Lutzemburgo, Lothreich, Conde de Flandes, Artois, Henau, Holanda, Zelanda, i Frisia, etc. hijo de Iuan Duque de Borgoña, i nieto de Felipe el Animoso, el qual Iuan cedió el Ducado de Brabante a su hermano Antonio, con condicion que muriendo sin sucession legitima bolviesse otra vez el Ducado de Brabante al de Borgoña. Casò con Isabel hija de Don Iuan I Rey de Portugal: fue instituidor de la Orden del Tuson, reynò 37 años.

Carolus Audax XXXVI Dux Brabantiae Philippi Boni ex Isabella Lusi. Reg. F. Geldria, Zutphania devicit acerrimus in hosté bellator, Alexandri Magni in omnibus imitator, Lotharingios, Eburones, Frisios rebelles subiugavit. Filiá unicá totius Belgii haeredem reliquit Mariam, ex Isabella Borbonis Ducis F. quae Maximiliano Austriaco Imp. nupsit, in obsidione Nansis periit.

Carlos el Animoso XXXVI Duque de Brabante, hijo de Felipe el Bueno, i de Isabel hija del Rey de Portugal, tomò, i sujetò à Geldres, i Zutphé, fue gran guerrero, i perseguidor de sus enemigos, i en todo imitador de las hazañas del grande Alexandro: domò a los de Lorena, Lieja, i Frisia, que se avian rebelado; dexò una hija unica Maria heredera de todos sus Estados, que tuvo en Isabel hija del Duque de Borbon, que casò con Maximiliano de Austria Emperador; murio en el cerco de Nansi.

Maximilianus, et Maria XXXVII Duces Brabantiae, Burgundiae, Lotharingiae, Lutzemburgi, Limburgi, Geldriae, Comites Flandriae, Artesiae, Hannoniae, Hollandiae, Zelandiae, Frisiae, etc. post mortem Caroli Audacis gubernarunt, et hoc matrimonio claru Brabantiae, et Burgundiae stemma, cum illustri Austriacae stirpis

prosapia se coniunxit nodo indissolubili; cuius tam magnae nobilitatis congregationem Magnus Deus incorruptam, et immortale conservet. Fuit Maximilianus Friderici Imp. F. postmodum Imperator electus. Plurimos Galliae Belgicae tumultus bellis faelicissime gestis composuit. Venetos praelio fudit. Austriam, et Vienbnam à Rege Corvino recuperavit, Albam regalem Pannonia Civitatem expugnavit. Mortuus anno Domini 1519. Imperii 33. aetatis 63. è Maria reliquit Philippum, e Margaritam.

Maximiliano, e Maria Duques XXXVII. de Brabante, Borgonha, Lothreich, Lut-zemburgo, Limburgo, e Geldres, Condes de Frandes, Artois, Hennau, Hollanda, Zelanda, e Frisa, etc. governarão despois da morte de Carlos o Animoso, e com este matrimonio se unio a illustrissima Casa dos Duques de Brabante, e Borgonha, com a ínclita de Austria, cujo preclaro ajuntamento conserve Deos incorrupto, e faça immortal. Foi Maximiliano filho do Emperador Friderico, e successor no Imperio; compos muitas dissenções, e tumultos que nacerão nos Estados de Frandes, e os pôs em paz felicissimamente. Venceo os Venecianos, recuperou del Rei Mathias Curvino a Austria, e Vienna, tomou por força de armas a Cidade de Alba Real en Vngria. Morreo no anno de 1515. Imperou 33. viveo 63. deixou de Maria a Filipe, e Margarida.

Philipphus III. Pulcher XXXVIII. Dux Brabantiae, Burgundiae, etc. Hispaniae Rex, Maximiliani F. cui pater regnavit Galliae Belgicae status anno aetatis suae 16. é Ioanna Ferdinandi, et Elisabetae Reg. Catholici F. habuit Carolum, et Ferdinandum utrumque Imperatorem, et quatuor filias Regibus postmodum nuptas, ita ut ex hoc tam fecundo partu Imperatores, et Reges universo orbi manarint, in Hispania obiit anno 1506. Regni fui 12.

Filipe III, o Feroso XXXVIII. Duque de Brabante, Borgonha, etc. Rei de Espanha, filho de Maximiliano, em quem sendo de 16. annos renunciou seu pai os Estados de Frandes. Teve em Ioanna filha dos Reis Catholicos dous filhos, Carlos, e Fernando ambos Emperadores, e quatro filhas casadas com Reis, e de tam fecundo e venturoso parto procederão Emperadores, e Reis para todo o mundo. Morreo em Espanha no ano de 1506. e de seu Reino 12.

Carolus V. Dux Brabantiae, Burgundiae, etc. Hisp. Rex, Imp. et Archidux Austriae, Gandavinatus anno 1500. aetatis sua 15. Ducatum accepit, Italiam debellavit, Franciscum Fran. Regem devicit, et bello caepit. Solimanum Vienna profligavit, Carthaginem veterem, et novani expugnavit, Geldros domuit, uxorem habuit Isabellam Emannuelis Lsit. R. F. è qua procreavit Philippum Mariam, et Ioannam. Regnavit Philippe filiuo in vita omnes status Regni sui, et fratri Ferdinando Imperium, secedens in Monasterium ubi faelicissime expiravit anno 1553.

Carlos V. Duque XXXIX. de Brabante, Borgonha, etc. Rei de Espanha, Emperador, Archiduque de Austria; naceo em Gante no anno de 1500. recebeu o governo do Ducado de Brabante sendo de 15. annos, fez guerra em Italia, nella venceo e prendeo em huma batalla à Francisco Rei de França; fez levantar com perda o cerco de Vienna a Solimão Rei dos Turcos; conquistou Tunez, e a Goleta; sojeitou aos Geldreses, foi sua mulher Isabel filha de Manoel Rei de Portugal, da qual teve a Filipe, Maria, e Ioana; renunciou em vida em seu filho Filipe todos os seus Reinos, e em seu irmão Fernando o Imperio, e recolheosse em hum Mosteiro, onde acabou felicissimamente a vida no anno de 1558.

Philippus IIII. Dux Brabantiae XL. Rex Hispaniae, Lusitaniae, etc. é prima uxore Maria Ioannis III. Lusitaniae Regis F. habuit Carolum, è secunda Maria Angliae Reg. non habuit filios, è tertia Isabella Henrici Franc. Reg. F. procreavit Isabellam, et Catharinam, è quarta Anna Maximiliani II. Imp. F. quatuor filios, et

prosapia se coniunxit nodo indissolubili, cuius tam magnae nobilitatis congregationem Magnus Deus incorruptam, et immortalem conservet. Fuit Maximilianus Friderici Imp. F. postmodú Imperator electus. Plurimos Galliae Belgicae tumultus bellis faelicissime gestis composuit. Venetos praelio fudit. Austriam, et Viennam a Rege Corvino recuperavit, Albam Regalem, Pannonia Civitatem expugnavit: mortuus anno Domini MDxix Imperii xxxiii aetatis lxxiii è Maria reliquit Philippum, et Margaritam.

Maximiliano, y Maria XXXVII Duques de Brabante, Borgoña, Lothreich, Lutsemburgo, Limburgo, Geldres, Condes de Flandes, Artois, Henau, Holanda, Zelanda, i Frisia, etc. Governaron despues de la muerte de Carlos el Animoso, i con este matrimonio se unio la illustrissima Casa de los Duques de Brabante, i Borgoña, con la Inclita de Austria, cuyo preclaro ayuntamiento conserve Dios incorrupto, i haga inmortal. Fue Maximiliano hijo del Emperador Friderico, i sucessor en el Imperio, sucediendo muchas dissensiones, i tumultos en los Estados de Flandes, los compuso, i dispuso en paz felicissimamente. Vencio a los Venecianos, recupero del Rey Mathias Corvino a Austria, i Viena, tomò por fuerça de armas la Ciudad de Alba Real en Hungria: murio en el año de 1519. Imperò 33 vivio 63 dexò de Maria a Felipe, i Margarita.

Philipphus III Pulcher XXXVIII Dux Brabantiae, Burgundiae, etc. Hispania Rex, Maximiliani F. cui pater resignavit Galliae Belgicae status anno aetatis sua xvi e Ioanna, Ferdinandi, et Elisabetae Reg. Cath. F. habuit Carolum, et Ferdinandum utrumque Imperatorem, et quatuor filias Regibus postmodum nuptas, ita ut ex hoc tam faecundo partu Imperatores, et Reges universo orbi manarint. In Hispania obiit anno MDvi Regni sui xii.

Felipe Tercero el Hermoso XXXVIII Duque de Brabante, Borgoña, etc. Rey de España, hijo de Maximiliano, en quien siendo de deziseis años renunciò su padre los Estados de Flandes. Tuvo en Doña Iuana hija de los Reyes Catholicos dos hijos, Carlos, i Fernando ambos Emperadores, i quatro hijas casadas con Reyes, i de tam fecundo y venturoso parto se procrearon Emperadores, i Reyes para todo el Mundo: murio en España en el año de 1506 i de su Reyno 12.

Carolus V Dux XXXIX Brabantiae, Burgundiae, etc. Hisp. R. Imp. et Archidux Austriae, Gandavinatus anno MD aetatis sua xv Ducatum accepit, Italiam debellavit, Franciscum Franc. Regem devicit, et bello caepit. Solimanum Vienna profligavit Carthaginem veterem, et novam expugnavit, Geldros domuit, uxorem habuit Isabellam Emanuelis Lusit. Regis F, e qua procreavit Philippum, Mariam, et Ioannam. Reginavit Philippo filio in vita omnes status Regni sui, et fratri Ferdinando Imperium secedens in Monasterium ubi faelicissime expiravit anno MDkviii.

Carlos V Duque XXXIX de Brabante, Borgoña, etc. Rey de España, Emperador, Archiduque de Austria: nacio en Gante año de 1500. Recibio el gobierno del Ducado de Brabante siendo de quinze años, puso en guerra a toda Italia: vencio, i prendio en una batalla à Francisco Rey de Francia; hizo levantar con perdida el cerco de Viena a Soliman Rey de los Turcos; ganò por armas a Tunez, i la Goleta, sujetò a los Geldreses. Fue su muger Doña Isabel hija del Rey Don Manuel de Portugal, de la qual tuvo a Felipe, Maria, i Iuana: renunciò en vida en su hijo Felipe todos sus Reynos, i en su hermano Fernando el Imperio, i se recogio en un Monasterio adonde acabò felicissimamente la vida en el año de 1558.

Philippus IIII Dux Brabantiae XL Rex Hispaniae, Lusitaniae, etc. et prima uxore Maria Ioannis III Lusitaniae Regis F. habuit Carolum, et secunda Maria Angliae Reg. non habuit filios, et tertia Isabella Henrici Franc. Reg. F. procreavit Isabellam, et Catharinam, et quarta Anna Maximiliani II Imp. F. quatuor filios, et

filiam unam quibus ultimis omnibus superstes hodie Magnus Philippus III. Hisp. II. Lusitaniae Rex, regna a patre relicta communi omnium bono prudentissime administrat.

Filipe III. Duque de Brabante XL. Rei de Espanha, Portugal, e de sua primeira mulher Maria filha de João III. Rei de Portugal, teve a Carlos, da segunda Maria Rainha de Ingraterra não teve filhos, da terceira Isabel filha de Enrique II. Rei de França a IsabeÍ, e Catherina, da quarta que foi Anha filha do Emperador Maximiliano II. quatro filhos e huma filha. Deste ultimo casamento o que oje vive he o gran Filipe III. Rei de Espanha, e II. de Portugal, o qual ficandolhe de seu pai todos os Reinos, os governa e administra prudentissimamente com aplauso e contentamento universal de seus vassallos.

Albertus, et Isabella Clara Eugenia XLI. Duces Brabantiae, Burgundiae, etc. Archiduces Austriae, hodie Galliae Belgicae, et Burgundiae statibus summa omnium laude, et applausu praesunt, quibus Deus vitam in multos extendat annos, ut diu fruatur Belgia Ducibus suis tanta animorum dote praeditis. Dedit Philippus Rex Hisp. Alberto huic Maximilianam II. Imperatoris F. cum Isabella Clara Eugenia filia sua in dotem Burgundiam, et status Galliae Belgicae.

Alberto, e Isabel Clara Eugenia XLI. Duques de Brabante, Borgonha, etc. Archidukes de Austria, os quaes com geral aplauso e louvor de todos governão oje os Estados de Frandes, e Borgonha, Deus lhes acrecente a vida por muitos annos, para que por longos tempos goze Belgia dos seus Duques dotados de cam heroicas virtudes, e de tanta benignidade para com seus vassallos. Filipe Segundo Rei de Espanha deu à Alberto filho do Emperador Maximiliano Segundo, em dote os Estados de Frandes, e Borgonha, com Isabel Clara Eugenia sua filha.

Os retratos destes Principes, e del Rei Dom Filipe Segundo, e do Emperador Dom Carlos V. estão pintados nos dous quadros que ficavão sobre os dous Arcos pequenos, como atras se disse.

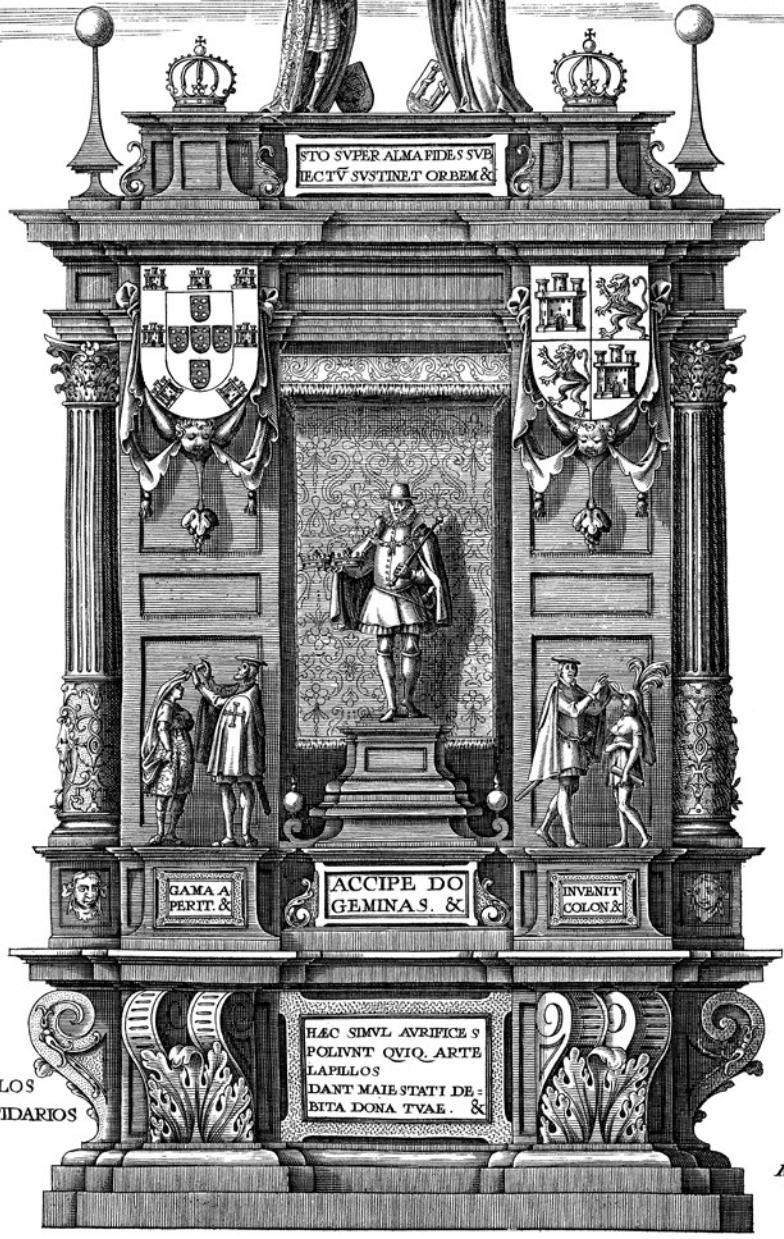
ARCO DOS OVRIVEZ, E LAPIDARIOS.

Ào cabo da Rua nova à entrada da Rua dos Ourivez, fizerão elles, e os Lapidarios hum espectáculo asaz elegante, e curioso. Sobre hum alto pedestal se levantava huma peanha, encima da qual arrimado à hum dosel de rico brocado estava a estatua del Rei Dom Filipe I. em pee mui ao natural retratado, como o trajo com que entrou em Lisboa o anno de 1581. tinha na mão esquerda hum cetro de ouro, e na direita duas Coroas junras, erão de ouro guarnecidas de perolas, e pedras preciosas, as quaes representavão os dous Reinos de Castella, e Portugal, fazia el Rei demonstração de offerecelas à sua Magestade seu filho, ao passar por alli com este distico.

ACCIPE DO GEMINAS, PARITER SERVARE MEMENTO CORRRET IMPERIVM, SI RVAT VNA, TVVM.

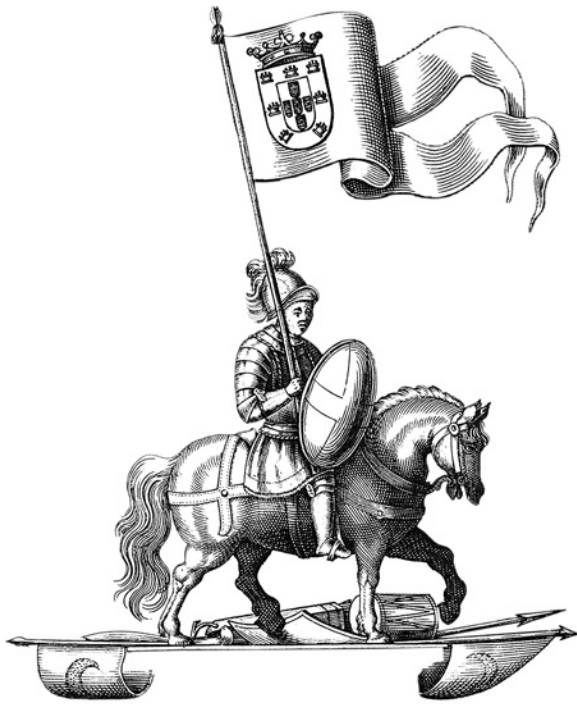
Tomai filho estas duas Coroas que vos dou, procurai conservalas, porque se huma se perder, cairá vosso Imperio.

E porque a grandeza e poder das duas Coroas de que se constitue a Monarchia de Espanha, consiste nos Reinos, e grandes Estados das Indias Orientaes, e Occidentaes descubertas pelos dous famosos seus Almirantes, Dom Vasco da Gama,



ARCO DE LOS
ORIFICES Y LAPIDARIOS

Juſchorquens. fecit



filiam unam, quibus ultimis omnibus superstes hodie magnus Philippus III Hisp. II Lusit. Rex Regna a patre relictâ communi omnium bono prudentissime administrat.

Felipe Quarto Duque de Brabante XL Rey de España, Portugal, etc. De su primera muger Maria hija de Iuan Tercero Rey de Portugal tuvo a Carlos, de la segunda Maria Reyna de Inglaterra no tuvo hijos, de la tercera Isabel hija de Henrique Rey de Francia, a Isabel, i Catalina, de la quarta que fue Ana hija del Emperador Maxmiliano Segundo quarto hijos, i una hija, deste ultimo casamiento el que oy vive es el grande Felipe Tercero, Rey de España, i segundo de Portugal; el qual aviendole quedado de su padre todos los Reynos, los gobierna, i administra prudentissimamente con comun aplauso, i contento de sus vassallos.

Albertus, et Isabella Clara Eugenia XLI Duces Brabantiae, Burgundiae, etc. Archiduces Austriae, hodiern Galliae Belgicae, et Burgundiae statibus; summa omnium laude, et applausu praesunt, quibus Deus uitam in multos extendat annos, ut diu fruatur Belgia Ducibus suis, tanta animorum dote praeditis. Dedit Philippus Rex Hisp. II Alberto huic Maximiliani II Imperatoris F. cum Isabella Clara Eugenia filia sua in dotem Burgundiam, et status Galliae Belgicae.

Alberto, e Isabel Clara Eugenia XLI Duques de Brabante, Borgoña, etc. Archiduces de Austria, los quales con general aplauso, i loa de todos gobiernan oy los Estados de Flandes, i Borgoña, Dios les acrecienta la vida por muchos años, para que por largos tiempos goze Belgia de sus Duques dotados de tan heroicas virtudes, i de tanta benignidad para con sus vassallos. Felipe Segundo Rey de España, dio a Alberto hijo del Emperador Maximiliano Segundo en dote los Estados de Flandes, i Borgoña con Isabel Clara Eugenia su hija.

Los retratos destes Principes, i del Rey Don Felipe Segundo, i del Emperador Don Carlos V estavan pintados en los dos quadros que quedavan sobre los dos Arcos pequeños como atras se ha dicho.

ARCO DE LOS ORIFICES, I LAPIDARIOS.

Al cabo de la Rua nova a la entrada de la Calle de los Orifices, hizieron ellos, i los Lapidarios un espectáculo muy curioso. Sobre un alto pedestal se levantava una peaña, encima de la qual arrimado a un dosel de rico brocado, estava la estatua del Rey Don Felipe II en pie muy al natural retratado con el traje con que entrò en esta Ciudad el año de 1581. Tenia en la mano izquierda un ceptro de oro, i en la derecha dos Coronas juntas, eran de oro guarnecidas de perlas, i piedras preciosas, las quales representavan los dos Reynos de Castilla, i Portugal; hazia el Rey demostracion de ofrecellas a su Magestad hijo suyo al passar por aquel puesto con este distico.

ACCIPE DO GEMINAS, PARITER SERVARE MEMENTO CORRIVET IMPERIVM, SI RVAT VNA, TVVM.

Tomad hijo estas dos Coronas que os doy, procurad conservarlas, porque si una se perdiere caera vuestro Imperio.

I porque la grandeza, i poder de las dos Coronas de que se constituye la Monarchia de España, consiste en los Reynos, i grandes estados de las Indias Occidentales, i Orientales, descubiertas por los dos famosos Almirantes Don Vasco de Gama,

e Dom Christovão Colon, estavam aos lados del Rei estes dous Argonautas, sobre dous pedestaes inferiores da peanha arrimados à duas pilastronas. O Conde Almirante Dom Vasco da Gama da parte direita, e da esquerda o Almirante Dom Christovão Colon. O Conde tinha hum vestido bordado com botoés de Diamantes, em huma mão os instrumentos da arte de navegar, e com a outra tirava hum veo dos olhos à huma mulher que representava a India, vestida com huma rica Cabaia de tela de ouro, os braços e pernas nuas, ornadas e a cabeça com joias de grande preço, por ser Dom Vasco o primeiro descobridor della por mandado del Rei Dom Manoel, com que se lhe tirou à aquella grande Região o veo da ignorancia, e infedilidade em que vivia, e começou a ter a verdadeira luz, que se lhe comunicou por meio dos sagrados mysterios da nossa Fè Santa que recebo, e em remuneração de tam singular, e inestimavel beneficio offerece ella á sua Magestade em huma fonte dourada, Perolas, Diamantes, Rubis, e outras pedras preciosas frutos seus, em cuja lavor os Lapidairos exercitão sua arte. No pedestal sobre que estavam estas figuras avia este verso.

GAMA APERIT, FIDEI PRO LVCE, DAT INDIA GEMMAS.

Gama descobrio a India, a qual pela luz da Fè da perolas, e pedras preciosas.

O Almirante Dom Christovão Colon estava vestido não menos ricamente que Dom Vasco, tinha como elle os instrumentos da arte de navegar em huma mão, e com a outra descobria o rosto a huma mulher Indiana, como primeiro descobridor das índias Occidentaes por mandado dos Reis Catholicos Dom Fernando, e Dona Isabel, com que tiradas as trevas da ignorancia, e idolatria, em que aquellas vastissimas Regiões estavam sepultadas lhes amanheceo o Sol do Sagrado Evangelho; era o vestido desta mulher de huma seda lavrada de ouro, a cabeça ornada com Perolas, e ricas plumas, nas mãos huma fonte com barrilhas de ouro que se tira de suas minas, metal em que os Ourivez exercitão seu officio. Estava no pedestal destas duas figuras este verso.

INVENTIT COLON DAT AMERICA LANCIBVS AVRVM.

Descubrio Colon a America, a qual offerece seu ouro em huma fonte.

Abraçavão este espectaculo pintado de ouro, e vermelho duas grandes colunas Corinthias de ouro, e azul, encima do friso que sobre ellas carregava avia dous escudos com suas Coroas Reaes das armas de Portugal, e Castella, que ficavão sobre Dom Vasco e sobre Dom Christovão, e sobre a cornija avia hum pedestal alto com duas estatuas, que representavão Castella, e Portugal, as quaes como outro Hercules, e outro Atlante, sustentavão com as mãos hum grande Globo da terra, por estes dous Reinos dilatando com suas conquistas o seu Imperio, tem o mundo ás costas, e abraçãõ toda a terra, Castella a sua metade Occidental, e Portugal a outra metade Oriental, e em ambas pregão seus naturaes o sagrado Evangelho, e tem desenrolado o Estandarte da Fè Catholica, sustentandoo, e defendendoo com as armas. Estava a estatua de Portugal da parte direita com a sua divisa da Esfera, e Castella da esquerda com a empresa das colunas de Hercules. Vestião roupas de damasco de varias cores guarnecidas com Perolas, e joias, alpargates não menos ricos, e dos hombros lhes pendião huns volantes de seda, e prata. Sobre o Globo se via a Imagem da Fè triunfando do mundo com o forte braço das duas Coroas; era o seu vestido de Cetim branco semea-

i Don Christoval Colon, estaban a los lados del rey estos dos Argonautas, sobre dos pedestales inferiores de la peaña, arrimados a dos pilastronas. El Conde Almirante Don Vasco de la Gama de la parte derecha, i de la izquierda el Almirante Don Christoval Colon. El Conde tenia un vestido bordado con botones de Diamantes; en una mano los instrumentos del arte de navegar, carta, compasses, Astrolabio, i con la otra quitava un velo de los ojos a una muger que representava la India, vestida con una rica Cabaya de tela de oro (traje propio de aquellas partes) los braços desnudos ornados, i la cabeça con joyas de mucho valor, por sido Don Vasco de Gama el primer descubridor della por mandado del Rey Don Manuel, con que se le quitò a aquella gran Provincia el velo de la ignorancia, e infidelidad en que vivia, i començo a tener luz, que se le comunicò por medio de los sagrados mysterios de nuestra Fè Santa que recibio, i en reconocimiento de tan singular, e inestimable beneficio ofrece ella a su Magestad en una fuente dorada, Perlas, Diamantes, Rubies, i otras piedras preciosas, frutos suyos, en cuya labor los Lapidarios exercitan su arte. En el pedestal sobre que estaban estas figuras avia este verso.

GAMA APERIT, FIDEI PRO LVCE DAT INDIA GEMMAS.

Gama descubrio la India, la qual por la luz de la Fè da perlas, i piedras preciosas.

El Almirante Don Christoval Colon estava vestido no menos ricamente que Don Vasco; en una mano tenia los mismos instrumétos del arte de navegar, i con la otra descubria tambien la cara à una muger Indiana, como primero descubridor de las Indias Occidentales, por mandado de los Reyes Catolicos Don Fernando, i Doña Isabel, con que quitadas las tinieblas de la ignorancia, e idolatria, en que aquellas vastissimas Regiones estava sepultadas, les amanecio el Sol del sagrado Evangelio. Era el vestido desta India de una seda labrada de oro, la cabeça adornada con perlas, i varias plumas, en las manos una fuente con barrillas de oro, que se saca de sus minas, metal en que los Orifices exercitan su oficio. Estava en el pedestal destas dos figuras este verso.

INVENIT COLON, DAT AMERICA LANCIBVS AVRVM.

Descubrio Colon el America, la qual ofrece su oro en una fuente.

Abraçava este espectáculo pintado de oro, i colorado, dos grandes columnas Corintias de color de oro, i azul, encima del friso que cargava sobre ellas, avia dos escudos con sus Coronas Reales de las armas de Portugal, i Castilla, que quedavan sobre Don Vasco de Gama, i Don Christoval Colon, i sobre la cornija avia un pedestal alto con dos figuras que representavan Castilla, i Portugal, las quales como otro Hercules, i Atlante sostenian con las manos un grande globo de la tierra, porque estos dos Reynos aviendo con sus conquistas dilatado su Imperio, tienen el Mundo a cuestras, i abraçan toda la tierra Castilla su mitad Ocidental, i Portugal la otra mitad Oriental, i en entrambas predicavan sus naturales el sagrado Evangelio, i tienen desplegado el Estandarte de la Fè Catolica, sustentandole, i defendiendole con las armas. Estava la estatua de Portugal de la parte derecha con su divisa de la esfera, i Castilla de la izquierda con la empresa de las columnas; vestian ropas de damasco de varias colores guarnecidas con perlas, i joyas, alpargates no menos ricos, i unos volantes de seda, i plata, que de los hombros les colgavan. Sobre el globo se veia la Imagen de la Fè, triunfando del Mundo con el braço fuerte de las dos Coronas. Era su vestido de raso blanco sem-

do de lentilhas de ouro, os cabellos soltos, e sobre elles huma rica capella, alpargates guarnecidos com joias, hum volante de prata pendurado dos hombros, e nas mãos as insignias da Cruz, e caliz, tudo davão a entender os seguintes versos escritos a baixo no pedestal.

STO SVPER ALMA FIDES, SVBIECTVM SVSTINET ORBEM LVSITANA PARI
GENS, ET IBERA MANV. HAEC MEVS ALCIDES ET ATLAS, NEC PONDERA
SENTIT MACHINA, DAT VIRES, VEL PEDE TACTA MEO.

Sou a Fè Santa que estou sobre este mundo sustentado com igual poder de Portugal, e Castella, e estes meus Alcides, e Atlas, não sentem tam grave peso, porque esta maquina tocada com o meu pee, lhes da forças.

Ão pee de todo este espectaculo em hum quadro que ficava no pedestal grande sobre que elle se fundava, se lia esta dedicação, o que tudo com particularidade se mostra no seu desenho.

HAEC SIMVL AVRIFICES, POLIVNT QVIQVE ARTE LAPILLOS DANT
MAIESTATI DEBITA DONA TVAE. CERNE DVOS POPVLOS ARMISQVE, ET
MORIBVS ANTE DISSIMILES, VNI SVBDERE COLLA IVGO. CLARVM
OPVS, HIC VNA IVNGVNTVR FRONTE CORONAE SOL QVIBVS EOVS
SERVIT, ET OCCIDVVS. VTRAQVE DANDA TIBI FVERAT REX INCLYTE.
NAMQVE NVLLVM ERAT IN TOTO DIGNIVS ORBE CAPVT.

Este devido presente offerecem à Vossa Magestade os Ourivez, e Lapidairos, olhai Senhor duas naçoês contrarias por armas, e costumes, como metem os pescos debaixo de hum jugo, juntandose (gram maravilha) em huma cabeça duas Coroas, as quaes servem o Oriente, e o Occidente. Ambas inclyto Rei se voa hão de dar à vos, porque em todo mundo não ha para ellas mais digna cabeça que a vossa.

ARCO DOS MOEDEIROS.

Defronte desta Rua dos Ourivez fica a casa da Moeda, em cuja porta os officiaes della levantarão hum bem ordenado Arco, semeadas as suas partes de moedas de ouro, e prata; na representação delle quizerão mostrar a Verdade, e Fidelidade de seu officio, e para isso no alto avia hum quadro grande com duas estatuas a huma da Verdade, e à outra da Confiança Real. Cubriasse a Verdade com hum transparente veo de prata, pelo qual se lhe via o peito aberto, e dentro o coração; tinha na cabeça huma capella de folhas, e fruto de pesequeiro, e encima della hum Sol. Da confiança Real era o ornato huma Coroa Real na cabeça, cetro em huma mão, e com outra dava barras de ouro, e de prata à Verdade, a os lados destas figuras avia dous mininos, hum delles com humas balanças, e o outro com os pesos dellas; abaixo do quadro estavam estes versos.

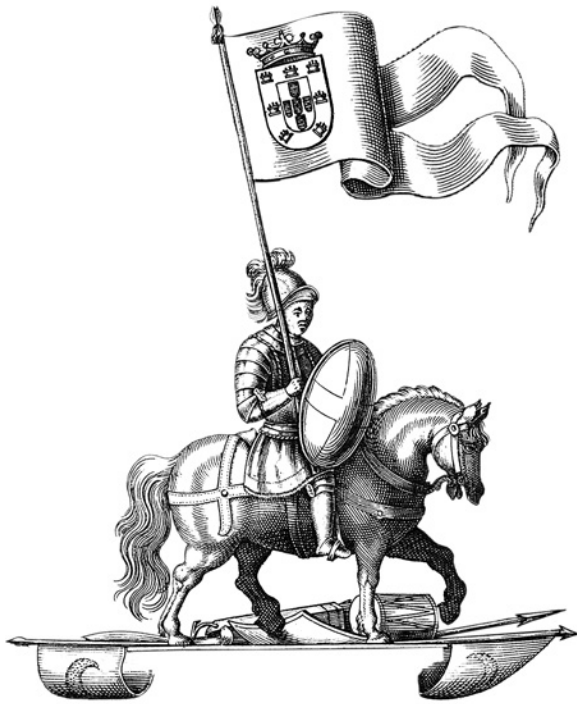
*Descansa aqui na Verdade
Tua Real confiança
Por justo peso, e balança.*

Ão lado deste quadro avia dous nichos, em cada hum huma estatua, ambas negras, que representavão as minas de Ouro, e Prata, das conquistas de Portugal; tinhão nas



ARCO DE LOS
MONEDEROS

Jus Schorquano fecit



brado de lantejuelas de oro, los cabellos sueltos, sobre ellos una rica guirnalda, alpargates guarnecidos con joyas, un volante de plata colgado de los hombros, i en las manos las insignias de la Cruz, i Caliz, todo lo davan a entender los siguientes versos escritos abaxo en el pedestal.

STO SVPER ALMA FIDES, SVBIECTVM SVSTINET ORBEM LVSITANA PARI
GENS, ET IBERA MANV. HAEC MEVS ALCIDES, ET ATLAS, NEC PONDE-
RA SENTIT, MACHINA DAT VIRES, VEL PEDE TACTA MEO.

Soy la Fè Santa, que estoy sobre este Mundo, sostenido con igual poder de Portu-
gal, i Castilla, i estos mis Alcides, i Atlas, no sienten tan grave peso, porque esta
machina tocada con mi pie les da fuerças.

Al pie de toda esta machina en un quadro que quedava en el pedestal grande so-
bre que elle se fundava, se leya esta dedicacion: todo lo qual se muestra en el diseño
del espectáculo.

HAEC SIMVL AVRIFICES, POLIVNT QVIQVE ARTE LAPILLOS DANT
MAIESTATI DEBITA DONA TVAE. CERNE DVOS POPVLOS ARMISQVE, ET
MORIBVS ANTE DISSIMILES, VNI SVBDERE COLLA IVGO. CLARVM
OPVS, HIC VNA IVNGVNTVR FRONTE CORONAE SOL QVIBVS EOVS
SERVIT, ET OCCIDVVS. VTRAQVE DANDA TIBI FVERAT REX INCLYTE.
NAMQVE NVLLVM ERAT IN TOTO DIGNIVS ORBE CAPVT.

Este devido presente ofrecen a vuesa Magestad los Orifices, i los Lapidarios: mirad
Señor dos naciones contrarias por armas, i costumbres, como meten los cuellos
debaxo de un yugo juntandose, gran maravilla, en una frente dos Coronas, a las
quales sirven el Oriente, i el Occidente; entrambas Inclito Rey, se os de dar a vos,
porque en todo el Mundo no ay para ellas, mas digna frente que la vuestra.

ARCO DE LOS MONEDEROS.

En frente desta Calle de los Orifices queda la casa de la Moneda, en cuya puerta
los oficiales della levantaron un bien ordenado Arco, sembradas sus partes de mone-
das de oro, i plata, en cuya representacion quisieron mostrar la verdad, i fidelidad de
su oficio: i para esto en lo alto avia un quadro grande con dos estatuas, la una de la
Verdad, i la otra de la Confiança Real. Estava la Verdad cubierta con un transparente
velo de plata, por el qual se le veia el pecho abierto, i dentro el coraçon; tenia en la
cabeça una guirnalda de hojas, i frutos de duraznos, i encima della un Sol. De la con-
fiança Real era el ornato, Corona en la cabeça, ceptro en una mano, i con la otra dava
barras de oro, i de plata a la Verdad. A los lados destas figuras avia dos niños uno
dellos con unas balanças, i el otro con los passos dellas; abaxo del quadro estavan estos
versos.

*Descansa aqui na Verdade
Tua Real Confiança,
Por justo peso, et balança.*

Al lado deste quadro avia dos nichos con dos estatuas entrambas morenas, que
representavan las Minas de oro, i plata, de las conquistas de Portugal, tenian en las

mãos pratos com estes dous metaes. A figura da mina tinha o Ouro onde elle se resgata, e se tras à Lisboa, e lavra nesta casa da moeda; estava à os seus pees esta letra.

*A teu nome Rei consagro
Das entranhas meu tesouro,
Para que se escreva em ouro.*

A outra figura mostrava ser o Reino de Monomotapa das ricas minas de Prata, à seus pees se lião estes versos.

*Das minhas te rendo prata
Com que faças glorioso
Teu Reino, Rei poderoso.*

No remate deste Arco, como se vee no seu debuxo, avia huma Imagem de hum Anjo vestido de branco, huma espada nua na mão direita, e na esquerda o Escudo das armas Reaes de Portugal: era este Anjo o da guarda do Reino, que os officiaes desta casa têm por seu avogado, e he a insignia da sua bandeira, dezia a letra que estava debaixo d'elle.

*Estas armas que defendo
São vossas Rei sublimado
Agora com maior cuidado.*

E no friso se lia a dedicação, que era a seguinte.

*A Filipe sem segundo
Se levanta esta grandeza
Em fêe, da fê Portuguesa.*

A hum lado da Calcetaria puserão os Pedreiros a sua representação; era hum Arco fingido de pedraria, e de jaspes de differentes cores; no alto avia hum quadro grande, e nelle huma figura que representava sua Magestade em seu Real trono, à seus lados agiolhadas, e presas Africa, e Asia, que dezião.

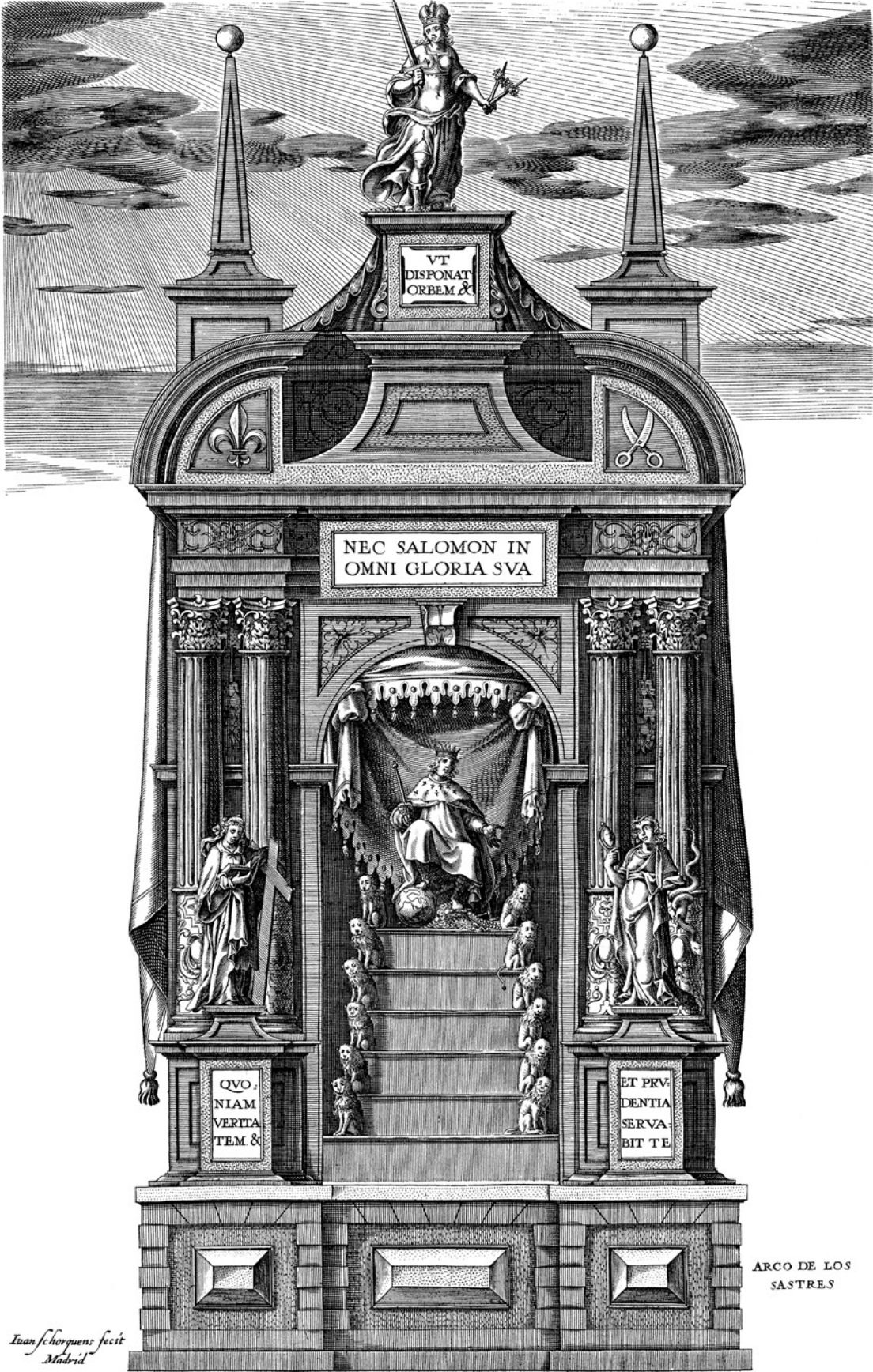
*Ào pee de Filipe aqui rendidas
Estamos mais que nunca engrandecidas.*

Por remate deste quadro encima de seu frontispicio estava a Imagem de São Ioseph, proteitor e avogado dos Pedreiros, e Carpinteiros, e em dous pedeltaes colateraes do quadro, os dous Santos padroeiros de Lisboa, São Vicente, e São Antonio, e no friso estava esta redondilha.

*Saber qual Rei desejava
A Filipe se aventeja?
Pois quem Deos do Ceo mandava
Oje na terra o festeja.*

ARCO DOS ALFAIATES.

As fangas da farinha testeiro da mesma Calcetaria, fizerão os Alfaiates hum spectaculo, em que quizerão representar o poder, grandeza, e magnificencia de sua Magestade, na del Rei Salamão, para o que fizerão huma fabrica de 75. palmos de alto, e 30. de largo, fundada sobre hum plintazo de pedraria de 10. palmos. Era todo o edificio pintado de branco brunido, que fingia ser de Marfil lavrado de ouro, que por estremo



VT
DISPONAT
ORBEM &

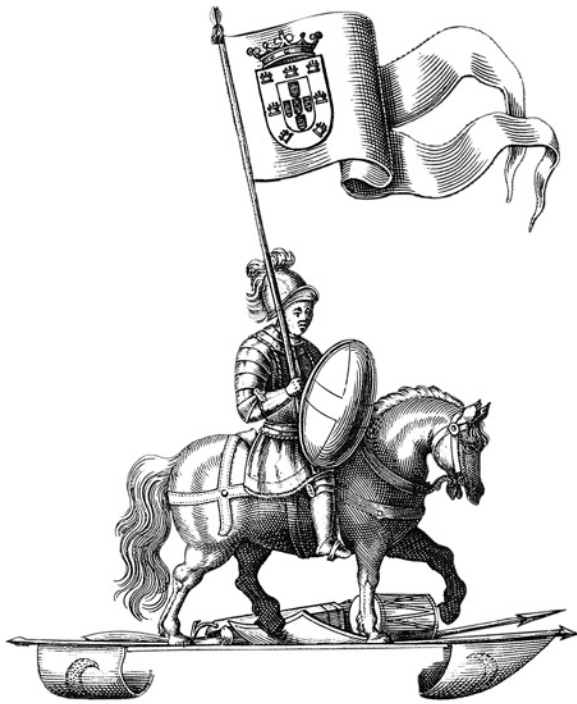
NEC SALOMON IN
OMNI GLORIA SVA

QVO
NIAM
VERITATEM &

ET PRU
DENTIA
SERVA
BIT TE

ARCO DE LOS
SASTRES

*Juan Schorquens fecit
Madrid*



manos vasos con estos dos metales; la figura de la Mina de oro, que por excelencia se llama la Mina donde se rescata este metal que se trae à Lisboa, i se labra en esta casa de la Moneda, tenia a los pies esta letra.

*A teu nome Rey consagro
Das entranhas meu tesouro,
Para que se escreva em ouro.*

La otra figura mostrava ser el Reyno de Monomotapa, de ricas Minas de plata, a sus pies se leyan estos versos.

*Das minhas te rendo prata
Com que faças glorioso
Teu Reyno, Rey poderoso.*

En el remate deste Arco avia una Imagen de un Angel vestido de blanco, una espada desnuda en la mano derecha, i en la izquierda el escudo de las armas Reales de Portugal; mostrava ser este Angel el de la guarda del Reyno, que los oficiales desta casa de la Moneda tienen por Abogado, i es insignia de su bandera; dezia la letra que estava abaxo.

*Estas armas que defendo
São vossas Rey sublimado
Agora con maior cuidado.*

I en el friso se leia la dedicacion, que era la siguiente.

*A Felipe sem segundo
Se levanta esta grandeza,
Em fê da fê Portuguesa.*

A un lado de la Calceteria pusieron los Alvañiles su representacion; era un Arco fingido de canteria, i jaspes de diferentes colores, en lo alto avia un quadro grande, en el una figura que representava su Magestad sentado en su trono Real, a sus lados arrodilladas, i presas Africa, i Asia, que dezian.

*Ao pè de Felipe aqui rendidas
Estamos mais que nunca engrandecidas.*

Por remate deste quadro encima de su frontispicio estava la Imagem de San Ioseph, Protector, i Abogado de los Carpinteros, i alvañiles, i en dos pedestales colaterales del quadro grande, los dos Santos Patrones de Lisboa, San Antonio, i San Vicente, i en el friso avia esta redondilla.

*Saber qual Rey desejava
A Felipe se aventeja?
Pois quem Deos do Ceo mandava
Oje na terra o festeja.*

ARCO DE LOS SASTRES.

Hizieron los Sastres en el testero de la misma Calceteria un espectaculo, en que quisieron representar el poder, grandeza, i magnificencia de su Magestad en la del Rey Salomon; para lo qual hizieron una fabrica de 73 pies de alto, i treinta de ancho, fundada sobre un plintazo de canteria de diez pies. Era todo el edificio pintado de blanco bruñido, que fingia ser de Marfil labrado de oro, que por extremo

parecia bem; no meio avia hum Arco grande entre quatro maiores colunas de obra Corinthia, com os terços revestidos de excellente grutesco de meio relevo de cera branca á partes dourada, como erão os capiteis e o ornato do friso, e huns fruteiros que nos intercolumnios se penduravão de huns mascaroês dourados. No Arco avia hum trono de seis degrãos terminados nas pontas com doze Leoês de ouro; sobre este trono avia huma cadeira Real mui ricamente lavrada ao antiguo arrimada à hum dosel de brocado, e nella assentado el Rei Salamão, estatua grande de cera branca de perfeita escultura, guarnecidas de ouro as vestiduras, na cabeça Coroa Real, na mão direita o cetro, o pee direito sobre hum Mundo, e o esquerdo sobre suas riquezas, que em varias formas estavão postas sobre o estrado da cadeira; no meio do friso se lia com grandes letras de ouro estas palavras de Christo Salvador nosso em São Lucas.

NEC SALOMON IN OMNI GLORIA SVA.

Nem Salamão com tudo o que tinha.

Querendo significar, que toda a grandeza, e gloria de Salamão, não he consideravel respeito da de sua Magestade no presente triunfo. Acompanhavão este trono duas figuras de nove palmos cada huma, erão de cera branca bordadas as roupas de ouro, estavão postas entre as colunas sobre pedestaes da mesma obra; a que ficava à mão direita del Rei era a Verdade, descansava o braço direito sobre huma grande Cruz, e na mão esquerda tinha hum livro aberto mostrando, que a Verdade que ha de acompanhar à hum Rei consiste na Fè, que significa a Cruz, e na lei representada no livro, no pedestal avia esta letra do Psalm. 30.

QVONIAM VERITATEM REQVIRET DOMINVS.

Da verdade vos ha Deos de pedir conta.

A outra estatua da parte esquerda era da Prudencia, na sua mão direita tinha hum Espelho em que se olhava, e na esquerda a cabeça de huma cobra cujo corpo lhe rodeava o braço; no pedestal estavão escritas estas palavras dos Proverbios.

ET PRVDENTIA SERVABIT TE.

A Prudencia vos guardara.

Rematava esta obra sobre o frontispicio (que era estremadamente revestido, e ornado dos mesmos fruteiros, e lavores de cera branca, e ouro, como tudo se vee na traça desta fabrica) a estatua da Iustiza de dez palmos de alto da mesma materia, e ornato que a das duas Verdade, e Prudencia, tinha Coroa Imperial na cabeça, na mão direita huma espada nua, e na esquerda hum compasso aberto cingido com huma capella de flores, e os pees postos sobre muitas joias, e abaixo dellas avia esta letra da Sabiduria.

VT DISPONAT ORBEM IN AEQVITATE.

Para que ordene, e disponha o Mundo em equidade.

Passou sua Magestade adiante pela Rua dos Tãoeiros, a o cabo da qual à entrada da dos cubertos fizerão os Tãoeiros hum Arco que occupava toda a entrada da Rua; era de boa traça com suas colunas, e ornamentos; no frontispicio estavão as armas de Portugal, e nos remates as tres virtudes Theologaes com seus ordinarios simbolos.

agradava a la vista. En medio avia un Arco grande entre quatro mayores colunas de obra Corintia, con los tercios revestidos de excelente grutesco de medio relieve de cera blanca, i oro, como eran los capiteles, el ornato del friso, i unos frutages que en los intercolumnios colgavan de unos mascarones dorados. En el Arco avia un trono de seis gradas terminadas en las puntas con doze Leones de oro, sobre este trono una silla Real muy ricamente labrada a lo antiguo, arrimada a un dosel de brocado, i en ella assentado el Rey Salomon, estatua grande de cera blanca de perfeta escultura, guarnecidas las vestiduras de oro, en la cabeça Corona Real, en la mano derecha el ceptro, el pie derecho sobre un Mundo, i el izquierdo sobre sus riquezas, que en varias formas estavan puestas sobre la tarima de la silla: en medio del friso se leya con unas grandes letras de oro, estas palabras de Christo nuestro Salvador en san Lucas.

NEC SALOMON IN OMNI GLORIA SVA.

Ni Salomon con todo lo que tenia.

Queriendo significar en esto, que toda la grandeza, i gloria de Salomon, no es considerable respeto de la de su Magestad en el presente triunfo. Acompañavan este trono dos figuras de nueve pies cada una: eran de cera blanca bordadas de oro las ropas, estavan puestas entre las colunas sobre pedestales de la misma obra, la que quedava à mano derecha del Rey era la Verdad, tenia una gran Cruz sobre que descansava el braço derecho, i en la mano izquierda un libro abierto, mostrando que la Verdad que ha de acompañar à un Rey consiste en la Fè, que significa la Cruz, i en la ley representada en el libro; en su pedestal avia esta letra del Psalmo 30.

QVONIAM VERITATEM REQVIRET DOMINVS.

De la verdad os ha Dios de pedir cuenta.

La otra figura de la parte izquierda era de la Prudencia, en su mano derecha tenia un espejo en que se mirava, i en la izquierda la cabeça de una culebra cuyo cuerpo le rodeava el braço; en el pedestal estavan escritas estas palabras de los Proverbios.

ET PRVDENTIA SERVABIT TE.

La Prudencia os guardara.

Rematava esta obra sobre el frontispicio (que era estremadamente revestido, i adornado de los mismos follajes, i labores de cera blanca, i oro, como todo se puede ver en la traça desta fabrica) la estatua de la Iusticia de diez pies de alto de la misma materia, i adorno que el de las dos Verdad, i Prudencia, tenia Corona Imperial en la cabeça, en la mano derecha una espada desnuda, i en la izquierda un compas abierto ceñido con una guirnalda de flores, i los pies puestos sobre muchas joyas, i abaxo dellas avia esta letra de la Sabiduria.

VT DISPONAT ORBEM IN AEQVITATE.

Para que ordene, i disponga el Mundo en equidad.

Passò su Magestad adelante por la Calle de los Cuberos llamada Tanoaria, al cabo de la qual a la entrada de otra que se dize de los Cubiertos, hizieron los Cuberos un Arco que ocupava toda la entrada de la calle; era de buena traça con sus colunas i ornamentos: en el tempano del frontispicio estavan las armas de Portugal, i en las acroterias las tres virtudes Teologales con sus ordinarios simbolos.

Puserão mais na Tanoaria huma estatua da Abundancia com huma Cornucopia de varios frutos sobre hum pedestal de jaspe vermelho, e o carro dos Tanoeiros, que estes officiaes costumão levar na procissão do Corpus.

Seguiasse logo o Arco antigo do Almazem, que he dos muros da Cidade revestido com varias telas, e sedas, pelo qual passou sua Magestade para o Paço, que vem à parar a o mesmo Arco.

ARCO DOS FAMILIARES DO SANTO OFFICIO.

Defronte deste Arco se via o espectáculo que fizerão os Familiares do Santo Officio da Inquisição de Lisboa, os quaes não sendo muitos, e não tendo obrigação para o fazer, sendo por seus privilegios isentos de todos os encargos, e contribuições, em reconhecimento do favor com que sua Magestade ampara o Santo Officio, e da merce que faz à seus ministros, ordenarão os Familiares delle huma fabrica de tres Arcos ornados de boa architectura, como se vee no desenho, arrimados à outros tres Arcos de pedraria de huma varanda, que do Paço vai ao forte (fabrica excellente, e das melhores de Espanha, da magnificencia del Rei Dom Filipe Primero) pelos quaes se ha de passar para entrar por aquella parte no terreiro do Paço. Levantavasse a maquina mais que o telhado da varanda, e sobre os tres Arcos avia seis quadros de boa pintura; no do meio dos primeiros tres estava el Rei mui bem retratado armado de gíolhos sobre huma almofada, em outra a celada, e o cetro, de huma parte tinha a Religião, e da outra a Iustiza, e mais chegada à elle por hum lado a Fè, cada huma com suas acostumadas insignias. Estas tres Virtudes punhão á sua Magestade na cabeça huma Coroa; dezia a letra.

VERA CORONA.

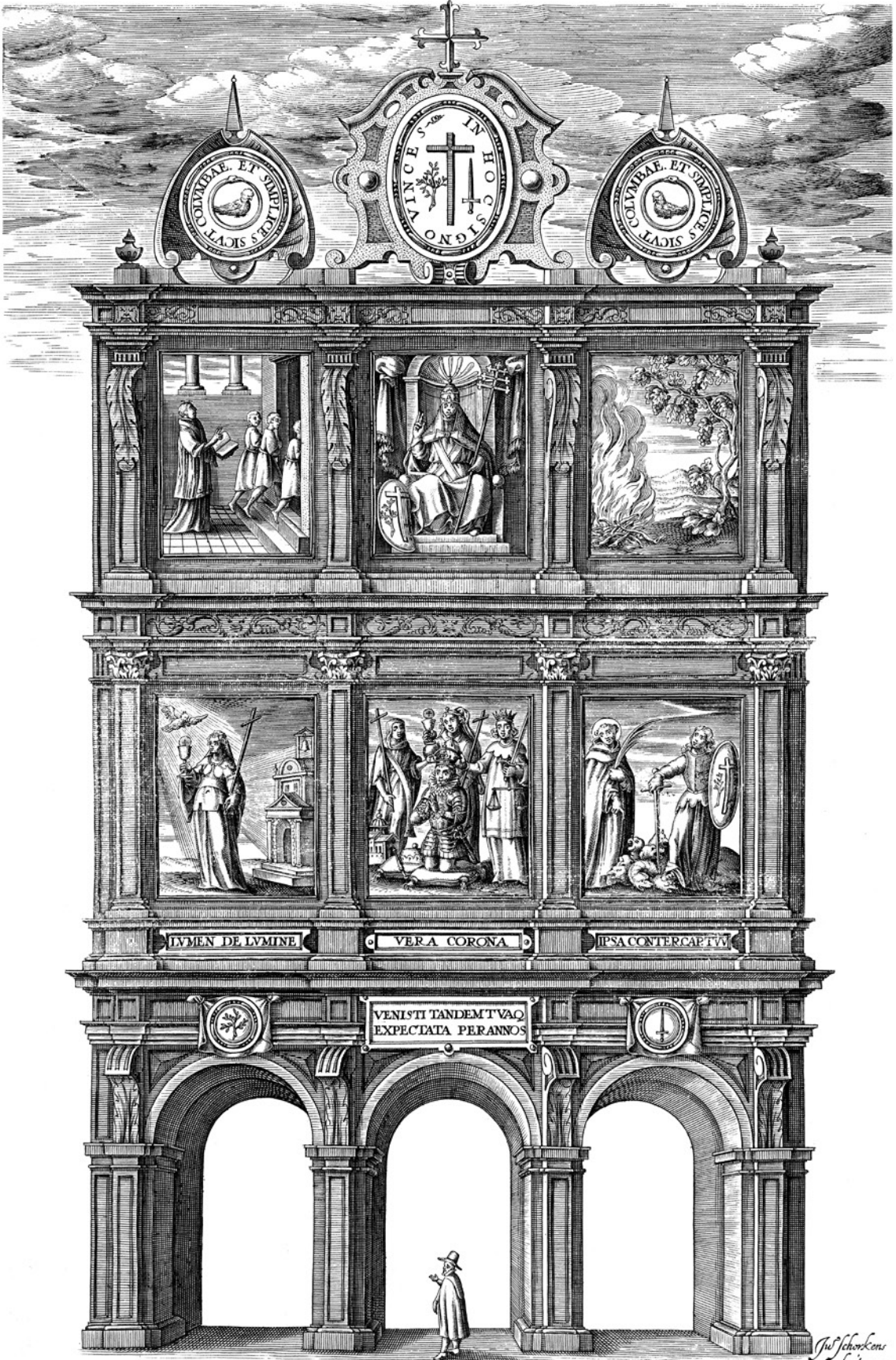
Verdadeira Coroa.

No quadro da parte direita deste, apparecia no alto do Ceo a Imagem do Spiritu Santo, da qual saia hum grande resplendor, que alumiaava huma figura que era a da Fè, a qual estava em pee chea de aquella claridade, da qual saia outra que hia a parar a huma Igreja, e a enchia de luz, com esta letra.

LVMEN DE LVMINE.

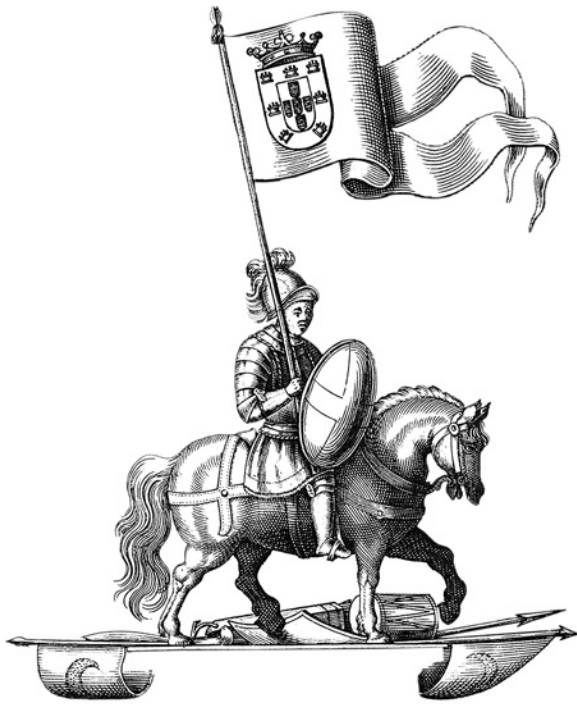
Luz de luz.

No outro quadro da mão esquerda, estava huma figura que representava à Inquisição em pee armada com hum peito, e nelle pintado o Habito ordinario dos Familiares; tinha embraçado hum escudo com as armas da Inquisição de Portugal, que he huma Cruz no meio de huma espada nua, simbolo da Iustiza, e de hum ramo de Oliveira simbolo da Misericordia, e por orla estas palavras, IN HOC SIGNO VINCES, tinha mais esta figura na mão direita hum estoque nú afirmada a sua ponta sobre a Serpente de sete cabeças do Apocalypse (figura da Heregia) que lhe ficava à os pees. Defronte da outra banda estava São Pedro Martyr, protetor, e avogado do Santo Officio da Inquisição, o qual apontado à ella, dezia a Serpente.



ARCO DE LOS FAMILIARES DEL SANTO OFFICIO

*Jus Schoone
fuit 2*



Pusieron mas en la misma calle una estatua de la Abundancia con la cornucopia de frutos, sobre un pedestal de color de jaspe colorado, i el carro que estos oficiales suelen llevar en la Procession del Corpus, el qual es hecho a manera de una torrezilla, en el alto della ay tres figurillas vestidas que representan cuberos, que meneando los braços, i manos, dos dellos estavan poniendo los arcos à una cuba, i otro labrando una tabla.

Seguiasse luego el Arco antiguo del Almacen, que es de los muros de la Ciudad, revestido con varias telas, i sedas, por el qual passò su Magestad para su palacio, que se continua con el mismo Arco.

ARCO DE LOS FAMILIARES DEL SANTO OFICIO.

En frente deste Arco se veía el espectáculo que hizieron los Familiares del Santo Oficio de Lisboa: los quales siendo pocos, no teniendo para ello obligacion alguna, siendo por sus privilegios essentos de todos los encargos, en reconocimiento del favor con que su Magestad ampara el Santo Oficio, i de la merced que haze a sus ministros; ordenaron una fabrica de tres Arcos adornados de buena architectura, como se vè en el diseño, arrimados à otros tres arcos de canteria de un passadizo que de Palacio va al Fuerte (fabrica excelente, i de las mejores de España, de la magnificencia del Rey Felipe Segundo) por los quales fecha de passar para entrar por aquella parte en la plaça de Palacio. Levantose la machina mas que el tejado del passadizo, i en ella sobre los tres arcos avia seis quadros de buena pintura. En el de medio de los primeros tres estava el Rey nuestro señor muy al natural armado de rodillas sobre una almohada, en otra la celada, i el ceptro: de una parte tenia la Religion, i de la otra la Iusticia, i mas llegada à el por un lado la Fè, cada una con sus acostumbradas insignias. Estas tres virtudes ponian á su Magestad en la cabeça una Corona; i dezia la letra.

VERA CORONA.

Verdadera Corona.

En el quadro de la parte derecha deste aparecia en lo alto del Cielo la Imagen del Espiritu Santo: de la qual salia un gran resplandor que alumbrava una figura, que era de la Fè, que estava en pie llena de aquella claridad, de la qual salia otra que iva a parar en una Iglesia, i la henchia de luz con esta letra.

LVMEN DE LVMINE.

Luz de luz.

En el otro quadro de la mano izquierda estava una figura que representava la Inquisicion, en pie armada con un peto, en el pintado el Habito ordinario de los Familiares del Santo Oficio; tenia embraçado un escudo de las armas de la Inquisicion de Portugal, que es una Cruz en medio de una espada desnuda, simbolo de la Iusticia, i de un ramo de Oliva, simbolo de la Misericordia, i por orla estas palabras: IN HOC SIGNO VINCES. Tenia mas esta figura en la mano derecha un estoque desnudo afirmada la punta sobre la Serpiente de siete cabeças del Apocalypse, que le quedava a los pies. Enfrente de la otra parte estava San Pedro Martyr, protector, i abogado del Santo Oficio de la Inquisicion, el qual apuntando à ella, dezia a la Serpiente.

IPSA CONTERET CAPVT TVVM.

Esta te quebrara a cabeça.

Encima destes tres quadros avia outros tres do mesmo tamanho, no do meio estava o Summo Pontifice assentado na cadeira Pastoral, vestido em Pontifical, dando a benção á el Rei que vinha à entrar pelo Arco, e à o seu retrato que lhe ficava no quadro inferior, e dizia.

DE RORE CAELI.

Do rocio do Ceo.

Do braço esquerdo da cadeira estava pendurado o escudo das armas da Inquisição, em cuja orla avia esta letra.

CIRCVNDABIT TE VERITAS EIVS.

A sua verdade te rodeara.

No quadro da mão direita se via pintado hum Templo por cuja porta aberta hião a entrar huns penitentes encaminhados por hum Inquisidor vestido com sobrepelliz, e estola, e na mão hum livro, abaixo estavam escritas estas palavras.

NOLO MORTEM PECCATORIS SED VT MAGIS CONVERTATVR ET VIVAT.

Não quero a morte do peccador senão que se converta e viva.

No outro quadro da mão esquerda avia de huma parte huma cepa verde chea de uvas, e da outra hum feixe de vides ardendo com fogo, e dizia a letra.

QVIA IN VITE NON SVNT.

Porque estão fora da cepa.

Rematavão esta obra o escudo das armas da Inquisição, e à os lados dellas hum Emblema em duos cartões; era huma pomba rodeada de huma cobra com esta letra.

ET SIMPLICES SICVT COLVMBAE.

E simpres como a Pomba.

Na parte do friso que ficava encima do Arco do meio estavam escritos com letras de Ouro em campo negro estes versos, á imitação dos que Anchises disse à seu filho Eneas.

VENISTI TANDEM TVAQVE EXPECTATA PER ANNOS VICIT ITER DVRVM
PIETAS, DATVR ORA TVERI VERA TVA ET VERAS AVDIRE ET REDERE
VOCES SIC EQVIDEM DVCEBAM ANIMO REBARQVE FVTVRVM TEMPO-
RA DINVMERANS, NEC ME MEA CVRA FEFELLIT.

Em fim vencendo a brandura de vossa piedade os rigores do caminho, podemos ver vossa Real presença por tantos annos desejada, ouvindo vossas reaes palavras, e vos o Rei as verdadeiras de nosso coração, pronosticando sempre o meu a verdade da vossa vinda, e sintindo os momentos da sua dilação, bem satisfeito estou do meu cuidado.

IPSA CONTERET CAPVT TVVM.

Esta te romperá la cabeza.

Encima destes tres quadros avia otros tres del mismo tamaño; en el de medio estava el Sumo Pontifice assentado en la silla pastoral, i vestido en Pontifical, echando la bendicion à el Rey nuestro señor, que venia à entrar por el Arco, i à su retrato que le quedava en el quadro inferior, i dezia.

DE RORE CAELI.

Del rozio del Cielo.

Del braço izquierdo de la silla colgava el escudo de las armas referidas de la Inquisicion, en cuya orla estava esta letra.

CIRCVNDABIT TE VERITAS EIVS.

Su verdad te rodeará.

En el quadro de la mano derecha se veia pintado un Templo, por cuya puerta que estava abierta ivan a entrar unos penitentes, encaminados por un Inquisidor vestido con sobrepelliz, i estola, i en la mano un libro; abaxo estavan estas palabras.

NOLO MORTEM PECCATORIS, SED VT MAGIS CONVERTATVR. ET VIVAT.

No quiero la muerte del peccador, sino que se convierta, i viva.

En el otro lado de la mano izquierda avia de una parte una parra verde llena de uvas, i de la otra unos sarmientos ardiendo en llamas de fuego; i dezia la letra.

QVIA IN VITE NON SVNT.

Porque estan fuera de la vid.

Rematavan esta obra el escudo de armas de la Inquisicion, i a los lados dellas un emblema en dos cartelas; era una paloma rodeada de una culebra; con esta letra.

ET SIMPLICES SICVT COLVMBAE.

I simples como las Palomas.

En la parte del friso que quedava encima del Arco del medio estavan escritos con letras de oro en campo negro estos versos de Virgilio, que Anchises dixo a su hijo Eneas.

VENISTI TANDEM, TVAQVE EXPECTATA PER ANNOS VICIT ITER DVRVM,
PIETAS, DATVR ORA TVERI VFRA TVA, ET VERAS AVDIRE, ET REDDERE
VOCES. SIC EQVIDEM DVCEBAM ANIMO REBARQVE FVTVRVM TEMPO-
RA DINVMERANS NEC ME MEA CVRA FEFELLIT.

En fin venciendo la blandura de vuestra piedad los rigores del camino, pudimos ver vuestra Real presencia por tantos años deseada, oyendo vuestras Reales palabras, i vos o Rey las verdaderas de nuestro coraçon, pronosticando siempre el mio la verdad de vuestra venida, i sintiendo los momentos de su dilacion, bien satisfecho estoy de mi cuidado.

ARCO DOS ALEMAES.

Passou sua Magestade pelo Arco do meio deste espectáculo da Fè, e no terreiro do Paço avia outro Arco triunfal, que os mercadores Alemães vezinhos de Lisboa levantarão em demonstração do contentamento com que nella recebião á sua Magestade, como aquelles à quem não tocava menos o prazer de ver á el Rei neste Reino que as outras nações estrangeiras que nelle residem, não sò pela obrigação, e amor que lhe devem, como a filho decendente de seus naturaes senhores Principes da Imperial casa de Austria, mas tambem como devedores da benignidade, favor, e confiança que sua Magestade faz delles. Para este effeito escolherão o assento deste edificio de frente do Paço, distante delle 220. passos com huma rua de cinquenta palmos de largo, que do Arco da Fè hia à parar a o seu, e delle voltava outra ao Paço, feitas ambas com cinquenta e quatro pilastras grandes assentadas sobre outros tantos pedestaes, e encima dos capiteis avia Aguias Imperiaes com as armas de Austria nos peitos. Em cada huma destas pilastras estava pintada na face que ficava para a parte interior da Rua huma figura à olio com perfeição. Erão estas 54. figuras do tamanho natural com seus trajes, e armas dos sete Eleitores do Sacro Imperio (que no ano 1357. forão instituidos, e aprovados pelo Emperador Carlos III) de vintequatro Principes, e doze lugares Imperiaes que se ellegerão, e ordenarão para varios officios, e autoridade do Imperio, e de dez Emperadores da soberana casa de Austria. O pedestal primeiro á entrada da Rua que encaminhava a o edificio tinha esta dedicação.

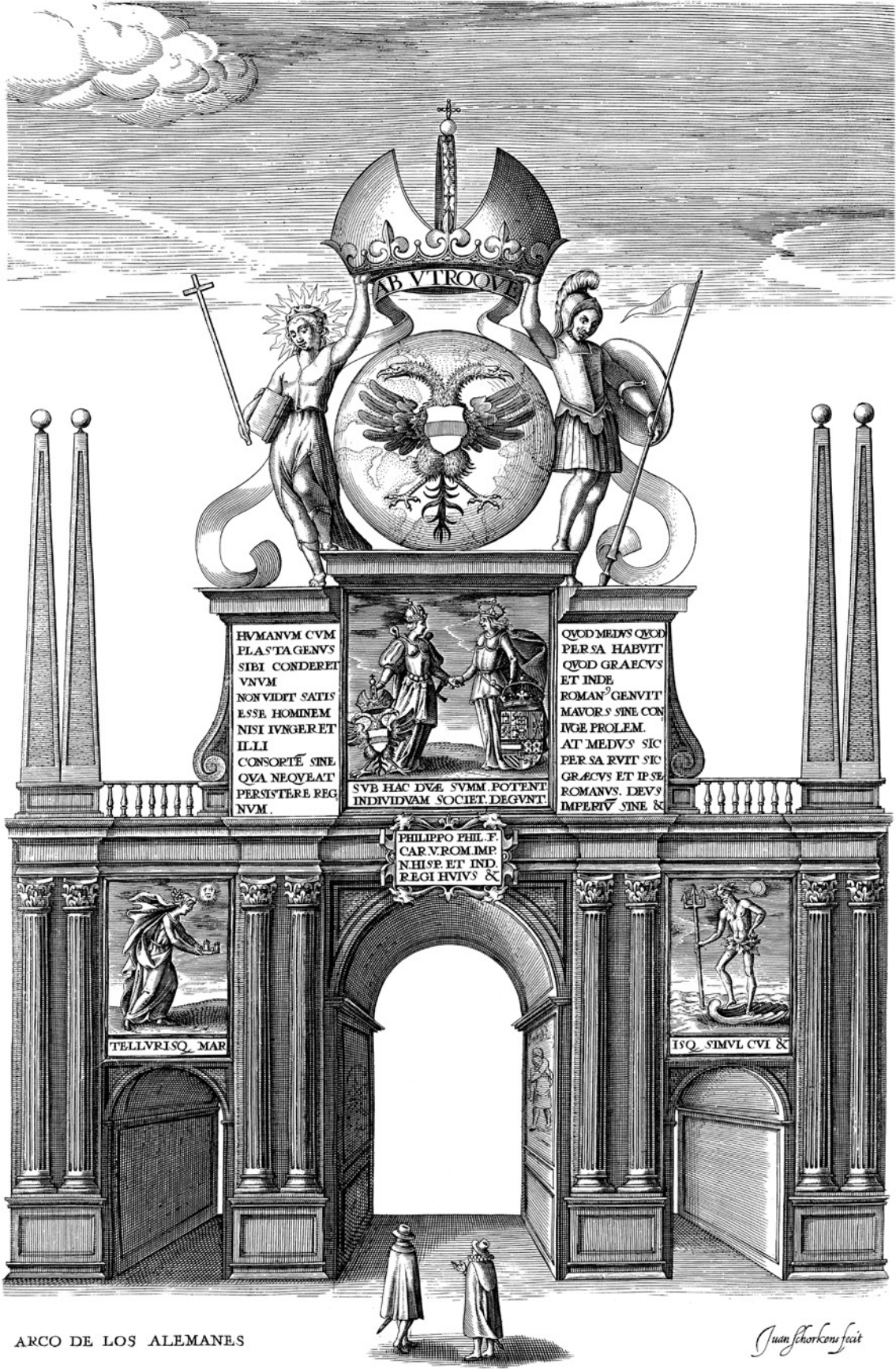
REX MAXIME, NON NOTISS. GERMANORVM FORTITVDINEM, ET NVLLIS VNQVAM EXTERIS SVBACTAM ARMIS POTENTIAM, SED CONSTANTIAE SIGNVM STATVIMVS STATVAS SACRI IMPERII, ORDINVM PRINCIPVM QVI SVORVM ASSISTVNT SOLIO, QVIBVS IN PROVERBIVM VSQVE NOTAM INNVIMVS GERMANI GERMANAM FIDEM.

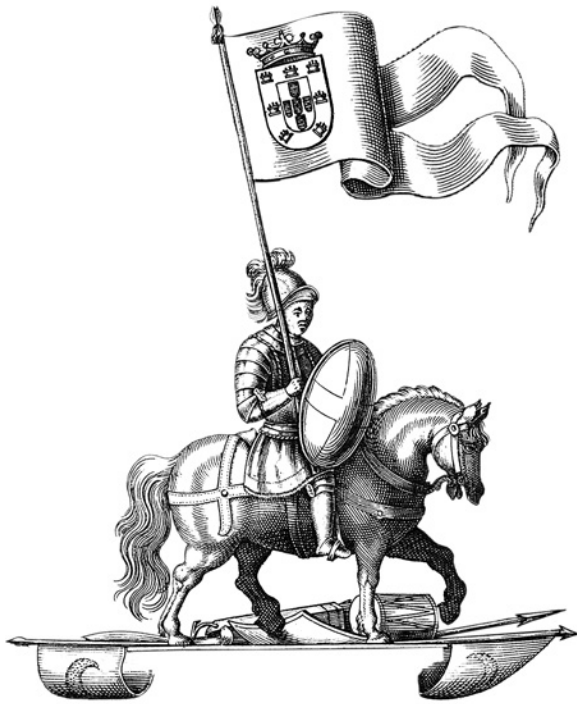
Gram Rei, e Senhor, não offerecemos à Vossa Magestade a conhecida fortaleza da nação Alemãa, nem a sua grande potencia jamais sujeita de armas estrangeiras, se não como hum final da nossa constancia, posemos aqui os retratos das ordens do sacro Imperio, que assistem à dignidade Imperial, fazendo com elles os Alemães alusão à sentença do Proverbio, *Germana fides*, que celebra sua fee.

E procedendo as pilastras por sua ordem, as primeiras erão dos sete Eleitores do Imperio, os Arcebispos de Maguncia, Treveri e Colonia, el Rei de Bohemia, o Conde Palatino do Rim, o Duque de Saxonia, e o Marques de Brandenburg, os vintequatro Principes do Imperio são os quatro Duques, de Suevia, de Brunsuick, de Baviera, e de Lorena, quatro Marqueses de Misnia, Moravia, Baden, e Brandenburgo, quatro Condes Provincias de Thuringia, Hassia, Luchtenberg, e Alsacia, quatro Condes Castrenses de Meidenburg, Nuruberga, Reneck, e de Stromburg, quatro Condes do Imperio Swart, Zenburg, Cleves, Cilia, e Saboia, quatro soldados do Imperio, Andelato, Meldingen, Strongendoch, e Frauwenberg, quatro Barões do Imperio, Limburg, Tusi, Westerburg, e Aldenwalt.

Os doze lugares são quatro Cidades Metropolitanas do Imperio, Augusta, Metz, Aquisgran, e Lubeca, quatro villas Bamberga, Selestadio, Hagenoia, e Vlma, e quatro aldeãs Colonia, Ratisbona, Constancia, e Saltzburg.

Logo em lugar de hum Emperador se seguirão dez da casa de Austria, sendo o primeiro Rudolfo o Grande Conde de Habsburg, filho do Conde Alberto o Sabio, e da Condessa Heiluige de Kiburgo, eleito Cesar no ano de 1273. morreo no de 1291.





ARCO DE LOS ALEMANES.

Passò su Magestad por el Arco del medio deste espectaculo de la Fè, i en la plaça de Palacio avia otro arco triunfal, que los Mercaderes Alemanes vezinos desta Ciudad levantaron en demostracion del contento con que en ella recibian al Rey Nuestro Señor, como aquellos a que no tocava menos el plazer de ver a su Magestad en este Reyno, que a las otras naciones estrangeras que en el residen; no solo por la obligacion, i amor que le deven como a hijo, i descendiente de sus naturales señores Principes de la Imperial casa de Austria: pero tambien como deudores de la benignidad, favor, i confianza que su Magestad dellos haze. Para esto escogieron el asiento deste edificio enfrente de Palacio distante del 220 passos, con una calle de cinquenta pies de ancho, que del Arco de la Fè iba à parar al suyo, i del bolvia otra à Palacio, hechas entrambas con cinquenta i quatro pilastras grandes assentadas sobre otros tantos pedestales, sobre cuyos capiteles avia Aguilas Imperiales, con las armas de Austria en los pechos. En cada una destas pilastras estava pintada en la haz que mirava a la parte inferior de la calle una figura al olio con perfeccion. Eran estas cinquenta i quatro figuras del tamaño natural, con sus trajes, i armas de los siete Electores del Imperio (que en el año de 1357 fueron instituidos, i aprovados por el Emperador Carlos IIII) con la Bulla Aurea de ventiquatro Principes, i doze lugares Imperiales, que se eligieron, i ordenaron para varios officios, i autoridad del Imperio, i de diez Emperadores de la Inclita casa de Austria. El pedestal primero a la entrada de la calle, que encaminava al edificio, tenia esta dedicacion.

REX MAXIME NON NOTISS. GERMANORVM FORTITVDINEM, ET NVLLIS VNQVAM EXTERIS SVBACTAM ARMIS POTENTIAM, SED CONSTANTIAE SIGNVM STATVIMVS STATVAS SACRI IMPERII ORDINVM PRINCIPVM, QVI SVORVM ASSISTVNT SOLIO, QVIBVS IN PROVERBIVM VSQVE NOTAM INNVIMVS GERMANI GERMANAM FIDEM.

Gran Rey, i Señor. No ofrecemos a vuessa Magestad la conocida fortaleza de la nacion Alemana, ni su gran potencia jamas sujeta de armas estrangeras, sino con una señal de nuestra constancia, pusimos aqui los retratos de las ordenes del Sacro Imperio, que asisten a la dignidad Imperial, haziendo con ellos los Alemanes alusion a la sentencia del proverbio, *Germana a Fides*, que celebra su Fè.

I procediendo las pilastras por su orden, las primeras eran de los siete Electores del Imperio, los Arçobispos de Maguncia, Treveri, Colonia, Cancilleres mayores de Alemania, Francia, i Italia. El Rey de Bohemia, el Conde Palatino del Rhin, el Duque de Saxonía, i el Marques de Brandenburg. Los ventiquatro Principes del Imperio, son los quatro Duques, de Suevia, de Brunswick, de Baviera, i de Lorena: quatro Marqueses de Misnia, Moravia, Baden, i Brandenburg: quatro Condes Provinciales de Thuringia, Hassia, Luchtenberg, i Alsacia: quatro Condes Castrenses, de Meidenburg, Nuruberga, Reneck, i de Stromburg: quatro Condes del Imperio Swartzenburg, Cleves, Cilia, i Saboya: quatro soldados del Imperio, Andelato, Meldingen, Strongendoch, i Frauwenberg: quatro Barones del Imperio Limburg, Tusi, Westenburg, i Aldenwalt.

Los doze lugares son quatro Ciudades Metropolitanas del Imperio, Augusta, Metz, Aquisgran, i Lubeca: quatro villas, Bamberg, Selestadio, Hagenoia, i Vlma, i quatro Aldeas Colonia, Ratisbona, Constancia, i Saltzburg.

Luego en lugar de un Emperador se seguian diez de la casa de Austria, siendo el primero Rudolfo I el Magno Conde de Habsburg, hijo del Conde Alberto el Sabio, i de la Condessa Heiluige de Kiburgo, electo Cesar en el año de 1273 murio en el de 1291.

Alberto o Victorioso Duque de Austria, filho do Emperador Rudolfo, e da Emperatriz Anna de Hohenberga, eleito no anno de 1315. morreo no de 1330.

Friderico III. o Feroso Archiduque de Austria, filho do Emperador Alberto I. e da Emperatriz Isabel de Carinthia, eleito no anno de 1315. morreo no de 1330.

Alberto II. Archiduque de Austria, filho do Archiduque Alberto, e da Archiduesca Ioanna de Hollanda, eleito no anno de 1438. morreo no de 1439.

Friderico IIII. Archiduque de Austria, filho do Archiduque Ernesto, e da Archiduesca Cymburga de Masovia, eleito no anno de 1440. coroado em Roma Emperador Augusto pelo Papa Nicoláo V. no anno de 1452. falleceo no de 1493.

Maximiliano I. Archiduque de Austria, filho do Emperador Friderico IIII. e da Emperatriz Leonor de Portugal, eleito Rei de Romanos em vida de seu pai, no ano de 1486. morreo no de 1519.

Fernando Archiduque de Austria Infante de Castella, filho do Archiduque Filipe Rei de Castella, e de Dom Ioanna Rainha de Castella, e Aragão, irmão do Emperador Carlos V. Máximo, eleito no ano de 1531. morreo no de 1566.

Maximiliano II. Archiduque de Austria, filho do Emperador Fernando, e da Emperatriz Anna Rainha de Hungria, e Bohemia, eleito Rei de Romanos em vida de seu pai no ano de 1561. morreo no de 1576.

Rudolfo II. Archiduque de Austria, filho do Emperador Maximiliano II. e da Emperatriz Dom Maria Infanta de Espanha, eleito Rei de Romanos no ano de 1575. falleceo no de 1612.

Mathias Archiduque de Austria, filho do Emperador Maximiliano II. Successor no Imperio do Emperador Rudolfo seu irmão, morreo no anno de 1619.

Sobre quatro pedestaes mais altos, e mais chegados ao edificio estavam quatro estatuas fingidas de bronze de altura de doze palmos, as quaes ao natural representavão o Emperador Carlos V. el Rei Dom Filipe seu filho, sua Magestade seu neto, e o Principe Nosso Senhor seu bisneto, em cada hum dos pedestaes avia huma inscripção, era a do Emperador a seguinte.

CAROLVS V. IMP. AVG. CVI CVM VNVM VICISSET MVNDVM ADIECTVS
EST ALTER, CVM VTRVMQVE VICIT VTRIVSQVE VICTOREM, NEC
VIRTVS PLVS VLTRA PROGREDI POTVIT, INTER COELITES VIXIT ANTE-
QVAM INTERHOMINES ESSE DESINERET.

Carlos V. Emperador Augusto, o qual depois de aver sujeitado hum Mundo se lhe acrecentou outro, e vencendo os dous, venceu ao vencedor delles, que não pode chegar à mais o valor humano, habitou entre os moradores do Ceo, primeiro que deixasse de viver entre os homens da terra.

A del Rei Dom Filipe Segundo dezia.

PHILIPPVS CAROLI V. F. HISPANIIS LVSTANIAM, OCCIDENTI, ORIEN-
TEM ADIECIT, MVNDVM MIRACVLO DITAVIT, GLORIOSS. PRVDENTIAE,
SAPIENTIAE, ET RELIGIONIS MEMORIAM POSTERITATI RELIQVIT.

Filipe filho de Carlos V. juntou Lusitania às outras duas Espanhas, o Oriente ao Occidente, enriqueceo o Mundo com a oitava maravilha, deixou de sua Prudencia Sabiduria e Religião, perpetua memoria à os futuros seculos.

A del Rei Dom Filipe Tercero.

Alberto el Victorioso Duque de Austria, hijo del Emperador Rudolfo, i de la Emperatriz Anna de Hohenberga, electo en el año de 1315 morreo en el de 1308.

Friderico III El Hermoso Archiduque de Austria, hijo del Emperador Alberto I i de la Emperatriz Isabel de Carinthia, electo en el año de 1315 murio en el de 1330.

Alberto II Archiduque de Austria, hijo del Archiduque Alberto, i de la Archiduquessa Iuana de Holanda, electo en el año de 1438 murio en el de 1439.

Friderico IIII Archiduque de Austria, hijo del Archiduque Ernesto, i de la Archiduquessa Cimbarga de Masovia, electo en el año de 1440. Coronado en Roma por el Papa NicolaoV el año de 1452 i murio en el de 1493.

Maximiliano I Archiduque de Austria, hijo del Emperador Friderico IIII y de la Emperatriz Leonor de Portugal, electo Rey de Romanos en el año de 1486 murio en el de 1519.

Fernando Archiduque de Austria Infante de Castilla, hijo del Archiduque Felipe Rey de Castilla, i de Doña Iuana Reyna de Castella, i Aragon, hermano del Emperador Carlos V Maximo, electo en el año de 1531 murio en el de 1566.

Maximiliano II Archiduque de Austria, hijo del Emperador Fernando, i de la Emperatriz Anna Reyna de Hungria, i Bohemia, electo en el año de 1562 murio en el de 1576.

Rudolfo II Archiduque de Austria, hijo del Emperador Maximiliano II i de la Emperatriz Doña Maria Infanta de España, electo en el año de 1575 murio en el de 1612.

Mathias Archiduque de Austria, hijo del Emperador Maximiliano II i sucesor en el Imperio del Emperador Rudolfo su hermano, murio en el año de 1619.

Sobre quatro pedestales mas altos, i mas llegados al edificio estavan quatro estatuas fingidas de bronze, de altura de doze pies: las quales muy al natural representavan al Emperador Carlos V à el Rey Don Felipe II su hijo, a el Rey nuestro señor su nieto, i al Principe nuestro señor su bisnieto. En cada uno de los pedestales avia una inscripcion: era la del Emperador la siguiente.

CAROLVS V IMP. AVG. CVI CVM VNVM VICISSET MVNDVM ADIECTVS
EST ALTER, CVM VTRVMQVE VICIT VTRIVSQVE VICTOREM, NEC
VIRTVS PLVS VLTRA PROGREDI POTVIT, INTER CAELITES VIXIT ANTE
QVAM INTER HOMINES ESSE DESINERET.

Carlos V Emperador Augusto, el qual despues de aver sujetado un Mundo, se le añadió otro, i venciendo a los dos vencio al vencedor dellos, que no pudo llegar à mas el valor humano, habitò entre los moradores del Cielo, primero que dexasse de vivir entre los hombres de la terra.

La del Rey Don Felipe Segundo, dezia.

PHILIPPVS CAROLI V F. HISPANIIS LVSITANIAM, OCCIDENTI, ORIENTEM
ADIECIT, MVNDVM MIRACVLO DITAVIT, GLORIOSSIS. PRVDENTIAE,
SAPIENTIAE, ET RELIGIONIS MEMORIAM POSTERITATI RELIQVIT.

Felipe hijo de Carlos V juntò Lusítania a las otras dos Españas, el Oriente al Occidente, enriquecio el Mundo con la octava maravilla, dexò de su Prudencia, Sabiduria, i Religion, perpetua memoria a los venideros siglos.

En el pedestal del Rey nuestro Señor, estava esta.

PHILIPVS III. PHILIPPI II. F. CAROLI V. IMP. AVG. NEP. HISP. ET INDOM
 REX, QVI DVOS QVOS A MAIORIBVS ACCEPIT MVNDOS PACE REGIT,
 PACIS SPECIALIS ET SANCTAE RELIGIONIS ASSERTOR AC VINDEIX,
 INTER PRINCIPES CHRISTIANOS ARBITER, PIETATIS EXEMPLAR CVIVS
 VVLTVM ET MAIESTATEM AVSTRIACAM NVLLVS VNQVAM CASVS ALTE-
 RAVIT, VIVIT, VIVAT, VV.

Filipe Tercero filho de Filipe Segundo, neto de Carlos V. Emperador Augusto, Rei das Espanhas, e das Indias, o qual os dous Mundos de seus Progenitores erdados pacificamente governa, especial defensor da paz, protetor, e vingador da sagrada Religião, Iuiz arbitro entre os Principes Christãos, exemplar de piedade, e de clemencia, cujo vulto, e Magestade Austriaca jamais alterou nenhum successo, vive, viva, viva.

E no do Principe Nosso Senhor se lia estoutra.

PHILIPPVS PHILIP. III. HISP. REG. F. PHILIP. II. NEP. CAROLI V. PRON.
 PRINCEPS REGVM RE ET SPE MAXIMVS, VIVAT, CRESCAT, GERMINET.

Filipe filho de Filipe Terceiro Rei das Espanhas, neto de Filipe Segundo, bisneto de Carlos Quinto, Principe dos Reis, Maximo, na presença, e na esperança, viva, creça, e frutifique.

Era esta fabrica de quatro fachadas, as duas principaes ficavão para o Mar, e para a Cidade, e as outras duas para o Paço, e Alfandega; nas duas principaes avia tres Arcos divididos com dezaseis colunas Corinthias oito por cada fachada de cor celeste, e os capiteis e basas douradas. O Arco do meio tinha quarenta palmos de alto, e os colateraes vinte. Sobre estes no espaço que ficava até igualar a altura do maior, estavam dous quadros de pintura de cor de bronze, em hum Cibele Deosa da Terra, que inclinada mostrava querer offerecer a sua Coroa, composta de torres que tinha nas mãos, á sua Magestade quando pelo Arco pasasse. O mesmo fazia Neptuno Deos do Mar do seu Tridente, que no outro quadro se mostrava velho, e nù sobre huma grande concha, este tinha sobre sua cabeça a Lúa, pela força com que este Planeta influencia sobre o Mar, e Cibele tinha o Sol, que com o seu calor frutifica, e enriquece a Terra; debaixo destes duos quadros se lião estes versos.

TELLVRISQVE MARISQVE SIMVL, CVI NVMINA PARENT, LVNAQVE
 SOLQVE SIMVL, LEX EST, FAMVLENTVR VT ILLI, QVEM COLIMVS. TVVS
 EST SOL, QVANDO ILLVMINAT OREEM ET TVVS ANTIPODAS CVM
 LVNA ILLVMINAT ORBIS.

He justo que o Sol, e a Lúa sirvão à aquelle a quem as Deidades da Terra, e do Mar obedecem. Quando o sol alumia este Hemisfério que habitamos que he vosso à vos ferve, a Lúa faz o mesmo quando dà luz a nossos Antipodas, que tambem vos reconhecem por senhor.

Mostrando neste pensamento, que o Imperio de sua Magestade he o maior de todos os Monarcas passados, e presentes, porque por todas as tres partes da terra conhecida da Antiguidade, se estende o seu Imperio, e he senhor do Novo Mundo, tam grande quasi como todo o velho, e jamais o Sol, e a Lúa deixão de se empregar em seu serviço, e de seus vassallos, alumiaando em todo o tempo de seu curso as terras da sua Monarquia, que por todo o Orbe se dilata.

Sobre o Arco maior estava esta dedicação.

PHILIPVS III PHILIPPI II F. CAROLI V IMP. AVG. NEP. HISP. ET IND. REX
 QVI DVOS QVOS A MAIORIBVS ACCEPIT, MVNDOS PACE REGIT, PACIS
 SPECIALIS, ET SANCTAE RELIGIONIS ASSERTOR, AC VINDEX, INTER
 PRINCIPES CHRISTIANOS ARBITER, PIETATIS EXEMPLAR, CVIVS
 VVLTVM, ET MAIESTATEM AVSTRIACAM NVLLVS VNQVAM CASVS
 ALTERAVIT, VIVIT, VIVAT, VV.

Felipe Tercero hijo de Felipe Segundo, nieto de Carlos Quinto Emperador Augusto, Rey de las Españas, i de las Indias, que dos Mundos de sus Progenitores heredados pacíficamente gobierna, Defensor especial de la paz, Protector, i vengador de la sagrada Religión, Iuez arbitro entre los Principes Christianos, dechado de piedad, i de clemencia, cuyo vulto, i Magestad Austriaca jamas pudo alterar caso ninguno, vive, viva, viva.

I en el del Principe nuestro Señor se leia estotra.

PHILIP. PHILI III HISP. REG. F. PHILIP. II N. CAROLI V PRON. PRINCEPS
 REGVM RE, ET SPE MAXIMVS VIVAT, CRESCAT, GERMINET.

Felipe hijo de Felipe Tercero Rey de las Españas, nieto de Felipe Segundo, bisnieto de Carlos Quinto, Principe de los Reyes, Maximo en la presencia, i en la esperanza, viva, crezca, i frutifique.

Era esta fabrica de quatro lados, dos principales que miravan a la marina, i a los muros de la Ciudad, i los otros dos a Palacio, i a la Aduana. En los dos principales avia tres Arcos divididos con deziseis columnas Corintias, ocho por cada lado de color celeste, i los capiteles, i bajas doradas. El Arco de enmedio tenia quarenta pies de alto, i los colaterales veinte. Sobre estos en el espacio que quedava hasta igualar el altura del mayor, estavan dos quadros pintados de color de bronze, en uno Cibile Diosa de la Tierra, que inclinada mostrava querer ofrecer su Corona compuesta de Torres, que tenia en las manos, à su Magestad, quando por el Arco passasse. Lo mismo hazia Neptuno Dios de la Mar de su Tridente, que en el otro quadro se veia viejo, i desnudo sobre una concha Marina: este tenia sobre su cabeça la Luna, por la fuerza con que este Planeta influye sobre la Mar, i Cibile el Sol, que con su calor fertiliza, i enriquece la tierra. Debaxo destes dos quadros se leian estos versos.

TELLVRISQVE MARISQVE SIMVL CVI NVMINA PARENT. LVNAQVE SOLQVE
 SIMVL LEX EST FAMVLENTVR VT ILLI. QVEM COLIMVS. (TVVS EST) SOL QVAN-
 DO ILLVMINAT ORBEM, ANTIPODAS (GENS ISTA TVA EST) ILLVMINAT ILLA.

Iusto es que el Sol, i la Luna sirvan a aquel à quien las Deidades de la tierra, i Mar obedecen: quando el Sol alumbra este emisferio que habitamos que es vuestro, a vos os sirve, la Luna, haze lo mismo quando dà luz à nuestros Antipodas, pues tambien ellos os reconocen por señor.

Mostrando en este pensamiento, que el Imperio de su Magestad es el mayor de todos los Monarchas passados, i presentes, porque domina en todas las tres partes de la tierra conocida de la Antigüedad, i es señor de otro Mundo nuevo, tan grande casi como todas las tres partes del viejo, i jamas el Sol, i la Luna dexan de emplearse en su servicio, i de sus vassallos, alumbrando en todo el tiempo de su curso las tierras de su Imperio, que por todo el Orbe se dilata.

Sobre el Arco mayor estava la dedicacion desta fabrica, que era esta.

PHILIPPO PHILIP. F. CAROLI V. ROM. IMP. N. HISP. ET IND. REGI HVIVS
NOMINIS III. S. C. RELIGIONIS ASSERTORI ET VINDICI, PACIS LARGITO-
RI, FORTI, PIO GLORIOSO PRINCIPI REGI AC DOMINO SVO CLE-
MENTISS. GERMANI OLYSSIPONE DE GENTES DEVOTISS. ANIMOR.
MONVMENTVM.

A Filipe filho de Filipe, neto do Emperador Carlos Quinto, Rei das Espanhas, e Indias, Terceiro do nome, Defensor, e Vingador da sagrada Catholica Religião, Dador da paz, Forte, Pio, Glorioso Principe Rei e Senhor seu clementissimo, os Alemães residentes em Lisboa, de seus verdadeiros animos oferecem este testemunho.

Sobre esta inscripção avia hum taboa de 20. palmos em quadro, viasse nella pintadas de cor de bronze duas grandes figuras de mulheres, hum com Coroa de Rainha que se conhecia ser Espanha por hum escudo das suas armas em que se arrimava, e a outra representava Alemanha com Coroa Imperial, e huma Aguia com o escudo de Austria, davãose as mãos estas duas figuras em final de amizade, e confederação, tinham à seus pees esta letra.

SVB HAC DVAE SVMMAE POTENTIAE INDIVIDVAM SOCIETATEM DEGVNT.

Debaixo desta confederação e amizade os dous ílimmos Imperios (Espanha e Alemanha) gozãode perpetua concórdia.

Rematava esta fachada outra taboa redonda de outros 20. palmos de diametro, na qual estava descripto hum Hemisferio da terra cuberto quasi todo das asas de huma Aguia Imperial, que em seus peitos tinha hum escudo com hum faxade prata em campo vermelho, armas da esclarecida casa de Austria, ganhadas por Leopoldo VI o Virtuoso Duque II. de Austria, da Illustríssima casa de Bamberga, filho do Duque Enrique, e da Duquesa Gertruda de Saxonia, o qual passou à conquista da Terra Santa, no ano de 1190. quando os Reis Filippe Augusto de França, e Riccardo de Inglaterra, e na tomada de Acre foi Leopoldo o primeiro que escalou os muros de aquella Cidade, pos sobre elles sua bandeira, e a entrou á custa de tanto sangue dos inimigos, que delle ficou cuberta a sobreveste branca que levava, e somente branco o que della cobria o cingidouro, que nas armas significa à faxa de prata, como o campo vermelho a sobreveste. Tomouas Leopoldo como insignias de hum tam glorioso feito, deixando as proprias de Austria, de que elle e seus progenitores usarão, que erão cinco Cotovias de ouro em campo vermelho, em memoria da decima Legião Romana chamada Alauda (por ter por divisa huma Cotovia) que o Emperador Marco Aurélio tirou do presidio do Rhim, e pos no de Pannonia (de que Austria he huma parte) donde o Emperador Trajano tirara à XIII. Legião Germanica para a guerra de Deceballo Rei de Dacia. Destas novas armas do Duque Leopoldo hão usado depois e até agora os Archiduques de Austria presentes descendentes dos Inclitos Condes de Habsburg, deixando tambem as de seus maiores, que erão hum Leão vermelho coroadado, e armado de azul em campo de ouro.

Estava sobre esta descripção da terra huma grade Coroa Imperial sustentada das mãos de duas grandes figuras de 26. palmos cada huma pintadas em taboas, e cortadas pelos perfis; era huma da Religião vestida de branco com huma Cruz e hum livro aberto na mão, a outra de hum homem feroz vestido de vermelho armado ao antigo, escudo embraçado, e na mão huma lança, representava o Esforço em figura de Marte, debaixo da Coroa avia esta letra.

PHILIPPO PHILIP. F. CAROLI V ROM. IMP. N. HISP. ET IND. REGI HVIVS
 NOMINIS III. S. C. RELIGIONIS ASSERTORI, ET VINDICI, PACIS LARGI-
 TORI, FORTI, PIO, GLORIOSO PRINCIPI, REGI AC DOMINO SVO CLE-
 MENTISS. GERMANI OLYSSIPONE DEAGENTES DEVOTISS. ANIMOR. MON-
 VMENTVM.

A Felipe, hijo de Felipe, nieto del Emperador Carlos Quinto, Rey de las Españas, i de las Indias, Tercero deste nombre, defensor, i vengador de la sagrada Catholica Religion, dador de la paz, Fuerte, Pio, Glorioso Principe, Rey, i Señor suyo clementissimo: los Alemanes asistentes en Lisboa, de sus verdaderos animos ofrecen este testimonio.

Sobre esta inscripcion avia una tabla de veinte pies en quadro, veianse en ella pintadas de color de bronce dos grandes figuras de mugeres, una con Corona de Reyna, que se conocia ser España, por un escudo de sus armas en que se arrimava, i la otra representava Alemania con Corona Imperial, i una Aguila en su escudo; davante estas figuras las manos en señal de Amistad, i confederacion: à sus pies tenian esta letra.

SVB HAC DVAE SVMMAE POTENTIAE INDIVIDVA SOCIETATE DEGVNT.
 Debaxo desta confederacion, i amistad los dos Sumos Imperios (España, i Alemania) gozan de perpetua concordia.

Rematava este edificio otra tabla redonda de otros veinte pies de diametro, en que de la tierra estava un Emisferio cubierto casi de las alas de una Aguila Imperial, que en sus pechos tenia un escudo con una faja de plata en campo colorado, armas de la casa de Austria ganadas por Leopoldo Sexto el Virtuoso, Duque II de Austria, de la Illustrissima casa de Bamberg, hijo del Duque Enrique, i de la Duquesa Gertruda de Saxonia; el qual passò a la conquista de la Tierra Santa, en el año de 1190 quando los Reyes Felipe Augusto de Francia, i Ricardo de Inglaterra, i en la tomada de Acre fue Leopoldo el primero que escalò los muros de aquella Ciudad, puso sobre ellos su bandera, i la entrò a costa de tanta sangre de los enemigos, que della quedò cubierta la sobrevista blanca que llevaba, i solamente blanco lo que della cubria el ceñidor, que en la armas significa la faja de plata, como el capò colorado dellas la sobrevista. Tomolas Leopoldo como insignias de tan gloriosa hazaña, dexando las proprias de Austria, de que el, i sus progenitores avian usado, que eran cinco cogujadas de oro en campo colorado, en memoria de la decima legion Romana llamada Alanda (por tener por divisa una cogujada (que el Emperador Marco Aurelio sacò del presidio del Rhin, i puso en el de Pannonia (de que Austria es una parte) de donde el Emperador Trajano avia sacado la xiii legion Germanica para la guerra que tuvo con Decebalo Rey de Dacia). Destas nuevas armas del Duque Leopoldo han usado despues, i hasta aora los Archiduques de Austria presentes, descendientes de los Inclitos Condes de Habsburg, dexando tambien las de sus mayores, que eran un Leon colorado coronado de azul, en campo de oro.

Estava sobre la descripcion de la tierra una gran Corona Imperial, sostenida de las manos de dos grandes figuras de ventiseis pies cada una, pintadas en tablas cortadas por los perfiles. Era la una de la Religion, vestida de blanco con una Cruz, i un libro abierto en la mano; la otra de un hombre feroz vestido de roxo armado a lo antiguo, escudo abraçado, i en la mano una lança, representava el Esfuerço en figura de Marte: debaxo de la Corona avia esta letra.

AB VTROQVE.

De hum, e de outro.

E em duas taboas que ficavão aos lados das figuras de Espanha, e Alemanha, estes versos, como tudo mostra o debuxo.

HVMANVM CVM PLASTA GENVS SIBI CONDERET VNVM NON VIDIT
SATIS ESSE HOMINEM. NISI IVNGERET ILLI CONSORTEM, SINE QVA
NLQVEAT PERSISTERE, REGNVM QVOD MEDVS, QVOD PERSA HABVIT.
QVOD GRAECVS, ET INDE ROMANVS, GENVIT MAVORS SIN CONIVGE
PROLEM, SIC MEDVS, SIC PERSA RVIT, SIC GRAECVS, ET IPSE ROMANVS
DEVVS IMPERIVM SINE FINE DATVRVS CONNVBIO MARTI CONIVNXIT
RELIGIONEM AVSTRIACAMQVE HABITARE DEMVM PER SECVLA IVSSIT,
VT SPARGAT CVM SOLE SIMVL SVA SCEPTRA PER ORBEM, CANDIDA
RELIGIO EST, RVBET ALTER SANGVINE CONIVX, AVSTRICAE HINC
INSIGNE DOMVS CVM SANGVINE CANDOR.

Formando Deos o homem vio que elle so para si não bastava sem lhe a juntar consorte, com que se pudesse perpetuar na terra. O Imperio que tiverão os Medos, Persas, Gregos, e Romanos, forão gerados de Marte somente sem companheira, e assi todos cairão, e acabarão; mas querendo Deos levantar na terra hum Imperio que nella sem fim permanecesse, casou a Religião com o Esforço que he Marte, e mandou a ambos que perpetuamente habitassem na casa de Austria, para que da maneira que o Sol estende seus raios por toda a terra, por toda ella estendesse septros a casa de Austria. A Religião he candida, e Marte encendido, assi as armas desta Imperial casa são em campo de sangue huma faxa branca.

Querendo significar neste pensamento, que a Augustissima casa de Austria se perpetuara entre os mortaes pela Religião, e poder de que he amparada, e sustentada, à cuja presente grandeza deu principio o Emperador Rodulfo I. Conde de Habsburg, com lua grande piedade, e não menos valor.

Nos grossos do Arco maior da parte direita estava pintado de branco, e negro Eneas, que a seu pai Anchises tirava sobre os hombros do incendio Troiano, representando por Anchises os Emperadores Rudolfo Segundo, e Mathias, o Archiduque Alberto, e Fernando Segundo novo Emperador, metidos entre os incendios da guerra contra os Turcos, e herejes rebeldes aos quaes sua Magestade socorre, e aos que se amparão da sua piedade defende. E assi como Eneas saio do fogo sem ser offendido, assi a grandeza de sua Magestade fica sem diminuição nem offensa alguma, como dizem estes versos escritos debaixo da mesma pintura.

VT PIVS AENEAS VOLITANTIBVS VNDIQVE NOXIS EXTVLLIT ILLAESVS
CHARVM. SVA PIGNORA, PATREM, SIC QVOTIES VICINA TVOS INCENDIA
TANGVNT, SVBSTITVIS FORTES HVMEROS, NEC SVBTRAHIS, ANTE QVAM
VIDEAS SALVVM, QVEM DAT TIBI CVRA, PARENTEM NEC CECIDISSE
ALIQVID SOLITIS DE VIRIBVS VSQVAM VIDIMVS, EST PIETAS CAELESTI
NVMINE TVTA.

Como o Pio Eneas cercado do fogo tirou livre delle a seu amado pai, assi todas as vezes que à vossos vezinhos lhe tocão os incendios, e trabalhos, ponde os fortes

AB VTROQVE.

De uno, i de otro.

I en dos tablas que quedavan a los lados de las figuras de España, i Alemania, estos versos, como todo lo representa el dibuxo.

HVMANVM CVM PLASTA GENVS SIBI CONDERET VNVM, NON VIDIT
SATIS ESSE HOMINEM, NISI IVNGERET ILLI CONSORTEM, SINE QVA
NLQVEAT PERSISTERE REGNVM QVOD MEDVS, QVOD PERSA HABVIT,
QVOD GRAECVS, ET INDE ROMANVS GENVIT MAVORS SINE CONIVGE
PROLEM. AT MEDVS SIC PERSA RVIT, SIC GRAECVS, ET IPSE ROMANVS
DEVVS IMPERIVM SINE FINE DATVRVS CONNVBIO MARTI CONIVNXIT
RELIGIONEM, AVSTRIACAMQVE HABITARE DEMVM PER SECVLA IVS-
SIT, VT SPARGAT CVM SOLE SIMVL SVA SCEPTRA PER ORBEM. CANDI-
DA RELIGIO EST, RVBET ALTER SANGVINE CONIVX AVSTRICAE HINC
INSIGNE DOMVS CVM SANGVINE CANDOR.

Haziendo Dios al hombre, vio, que el solo para si no bastava sin ajuntarle consorte con que se pudiesse perpetuar en el suelo. El Imperio que tuvieron los Medos, Persas, Griegos, i Tomanos, fueron engendrados de Marte solamente sin compañera, i ansi cayeron todos: pero queriendo Dios levantar en la tierra un Imperio que en ella permaneciese sin fin, casò la Religion con el Esfuerço, que es Marte, i mandò a los dos que perpetuamente habitassen en la casa de Austria, para que de la manera que el Sol esparce sus rayos, ella esparciesse ceptros por la tierra: la Religion es candida, i Marte encendido, i assi las armas de la casa de Austria son, en campo de sangre una faxa blanca.

Queriendo en esto significar, que la Augustissima casa de Austria se perpetuara entre lo mortales por la Religion, i poder, con que es amparada, i sostenida, a cuya presente grandeza dio principio el Emperador Rudolfo Primero Conde de Habsburg, con su gran piedad, i no menor valor.

En los gruessos del Arco mayor de la parte derecha estaua pintado de blanco, i negro Eneas, que a su padre Anchises sacava en los hombros de las llamas del incendio Troyano, representando por Anchises sacava en los hombros de las llamas del incendio Troyano, representando por Anchises los Emperadores Rudolfo Segundo, i Matias, el Archiduque Alberto, i Fernando nuevo Emperador, metidos entre los incendios de la guerra contra Turcos, i Herejes rebeldes, a los quales Principes su Magestad socorre, i a los que se amparan de su piedad defiende. I assi como Eneas salio sin ser ofendido del fuego, assi la grandeza de su Magestad queda sin disminucion, ni ofensa alguna, como dizen estos versos abaxo desta pintura escritos.

VT PIVS AENEAS VOLITANTIBVS VNDIQVE NOXIS EXTVLIT ILLAESVS
CHARVM SVA PIGNORA PATREM: SIC QVOTIES VICINA TVOS INCENDIA
TANGVNT SVBSTITVIS FORTES HVMEROS, NEC SVBTRAHIS ANTE
QVAM VIDEAS SALVVM QVEM DAT TIBI CVRA PARENTEM, NEC CECI-
DISSE ALIQVID SOLITIS DE VIRIBVS VSQVAM VIDIMVS, EST PIETAS
CAELESTI NVMINE TVTA.

Como el Pio Eneas cercado de las llamas sacò libre dellas a su caro padre, assi todas las vezes que a vuestros vezinos les tocan los incendios, i trabajos, poneis los fuertes

hombros à elles, e não os tirais atè pòr em salvo ao que se confia do vosso cuidado, né avemos visto que jamais por esta causa faltassem vossas forças, porque são ellas, e vossa piedade defendidas, e favorecidas do Ceo.

De frente desta pintura da parte esquerda proseguindo o mesmo pensamento, se mostrava Sansão despedaçando hum Leão, como sua Magestade com suas invencíveis forças rompe, e desfaz as dos ferros Leões inimigos da Fè santa, e da sua Monarquia, como declaração estes versos.

LXXVRIARE VIDET TVMIDVM PER PRATA LEONEM QVANDO ANIMVM,
MOTVS SECVM SIC FARIER INFIT, AN NE EGO, QVEM SVMMA VOLVIT
PRAEPONERE RERV M ALTITONANS? AN NE ISTA MEI IAM BESTIA
IVRIS? VT DOCEAM INVICTAS DOMINI NON TEMNERE VIRES, AGGRE-
DITVR VALIDIS DISTENDITQVE ORA LACERTIS DILACERAT, LACERV M
GELIDA PROSTERNIT ARENA.

Viou andar o Leão soberbo e insolente no campo disse entre si; Eu a quem Deos ha dado superioridade sobre os animaes, não farei que esta fera me obedeça? para que a insine á não desprezar as forças invencíveis de seu senhor, acometea, e com seus fortes braços a despedaça, e os pedaços semea pela area.

Na volta deste Arco estava pintado Belerofonte sobre o Cavallo Pegaso, com esta letra de Virgílio.

SVPER AETHERA NOTVS.

Conhecido sobre as Estrellas.

Como o he sua Magestade em figura de Belerofonte, por suas heroicas virtudes.

A outra fachada opposta à esta era da mesma traça, dedicada ao Principe Nosso Senhor como a referida à sua Magestade. Sobre os Arcos menores estavam pintadas da mesma cor de bronze a Aurora, e Minerva, vinha a Aurora encima do Cavallo Pegaso (que por morte de Belerofonte, o deu Iupiter a Aurora, e o pos no Ceo, onde he huma das images Septentrionaes) rompendo o dia com as mãos rosadas, significava a primeira idade de sua Alteza, tinha à seus pees estes versos com que o saudou, e pronosticou venturosa forte.

QVAE SOLEM PRAECEDO, TVAM PRAENVNTIO SORTEM, QVAE SOBO-
LEM DECEAT DIVORVM E SANGVLNE NATAM.

Eu que vou diante do Sol, pronostico vossa ventura, que sera qual convem à filho de taes pais.

Minerva filha de Iupiter nacida armada da sua cabeça, a qual significa a Sabiduria filha de Deos, estava como se soe pintar armada de celada, couraça e escudo com a cabeça de Medusa, na mão huma lança a seus pees a Coruja, salava com Sua Alteça com estes versos.

HVC ADES O IVVENIS, PARIBVS CONSORTIA GAUDENT MI PATER IN
CAELO SVM MVS, TIBI SVM MVS IN ORBE.

Chegai aqui venturoso mancebo, que grande contentamento dà a companhia dos iguaes, meu pai he maior no Ceo, e o vosso na Terra.

hombros à ellos, ni los sacais hasta poner en salvo al que se arrima a vuestro cuidado, ni avemos visto que jamas por esta causa faltassen vuestras fuerças, porque son ellas, i vuestra piedad defendidas, i favorecidas del Cielo.

Enfrente desta pintura de la parte izquierda prosiguiendo el mismo pensamiento, se mostrava Sanson despedaçando el Leon, como su Magestad con sus invencibles fuerças rompe, i deshaze las de los fieros Leones enemigos de la Fè santa, i de su Monarchia como lo declaravan estos versos.

LVXVRIARE VIDET TVMIDVM PER PRATA LEONEM QVANDO ANIMVM,
MOTVS SECVM SIC FARIER INFIT, AN NE EGO, QVEM SVMMAE VOLVIT
PRAEPONERE RERVM ALTITONANS? AN NE ISTA MEI IAM BESTIA
IVRIS? VT DOCEAM INVICTAS DOMINI NON TEMNERE VIRES? AGGRE-
DITVR VALIDIS DISTENDITQVE ORA LACERTIS, DILACERAT, LACERVM
GELIDA PROSTERNIT ARENA.

Vio andar al Leon sobervio, e insolente en el campo, dixo entre si: Yo à quien Dios ha dado superioridad sobre los animales no hare que esta fiera me obedezca? para que la enseñe à no despreciar las fuerças invencibles de su señor? acometela, i con sus fuertes braços la despedaçá, i los pedaços siembra por el arena.

En la buelta de este Arco estava pintado Belerogonte encima del Cavallo alado: con esta letra de Virgilio.

SVPER AETHERA NOTVS.

Conocido sobre las Estrellas.

Como lo es su Magestad (en figura de Belerofonte) por sus heroicas virtudes.

El otro lado opuesto à este, que mirava los muros de la Ciudad, era de la misma traça dedicado al principe nuestro señor, como a su Magestad el referido: sobre los Arcos menores estavan pintadas de la misma color de bronze, la Aurora, i Minerva: venia la Aurora sobre el Cavallo Pegaso (que por muerte de Belerofonte lo dio Iupiter a la Aurora, i le puso en el Cielo, donde es una de las Imágenes Septentrionales) rompiendo el dia con las manos rosadas, significava la primera edad de su Alteza; tenia a sus pies estos versos con que lo saluda, i pronostica venturosa suerte.

QVAE SOLEM PRAECEDO, TVAM PRAENVNTIO SORTEM, QVAE SOBO-
LEM DECEAT DIVORVM E SANGVLNE NATAM.

Yo que voy delante del Sol, pronostico vuestra ventura, que sera qual conviene à hijo de tales padres.

Minerva hija de Iupiter nacida armada de su cabeça: la qual significa la Sabiduria hija de Dios, estava como se suele pintar armada de celada, coraçá, i escudo, con la cabeça de Medusa, i en la mano una lança, a sus pies la lechuza, hablava con su Alteza con estos versos.

HVC ADES O IVVENIS, PARIBVS CONSORTIA GAUDENT: MI PATER IN
CAELO SVMMVS, TIBI SVMMVS IN ORBE.

Llegad aqui dichoso mancebo, que gran contento da la compañía de los iguales: mi padre es mayor en el Cielo, i el vuestro en la tierra.

Mostrando que ao Príncipe Nosso Senhor lhe convem a Sabiduria, porque sem ella não podera chegar a grandeza de seus maiores. Na taboa grande posta sobre o Arco maior, se vião pintadas a Virtude, e a Gloria humana. A Virtude tinha na cabeça huma celada, na mão huma espada sem ponta, embainhada, e o pee sobre huma bola, convidava à sua Alteza à que a seguisse, para que a Monarquia de seus esperados Reinos, que com ella se conquistarão, com sua companhia os sustente, e com que entre os mortaes chegarà à suprema grandeza; isto lhe dizia nos seguintes versos escritos na taboa que ficava ao seu lado.

ILLA EGO SVM QVAE SOLA TVOS AD SYDERA TOLLO ET PATRES ET AVOS, PROAVOS, GENVS OMNE TVORVM, IMPERIVM SVPER OMNE FERO, GERMINARIER ORBEM EFFECI PROAVO, QVO SIT TIBI REGIA MAIOR, MAGNE PHILIPPIADES SVNT HAEC VIRTVTIS AVITAE MVNERA, SVM VIRTVS, PER ME TIBI PARTA TVETOR.

Eu sou aquella que so levantei os vossos às Estrellas. Eu pus sobre todo o Imperio à vossos Pais, Avos, e a toda vossa Ascendencia, eu fiz duplicar dous Mundos para vosso Bisavo, que espero que à vos com maior gloria obedeção: estes são ò gram Filipe os doês, e effeitos da Virtude, esta sou eu, comigo vos convem conservar o que por meus meios se alcançou.

O mesmo lhe persuadia a Gloria humana, que se chegasse à ella por meio da Virtude, tinha na mão huma Coroa de louro, e a roupa semeada de outras diferentes, e na taboa que ficava ao seu lado estes versos.

CVLMINA REGNORVM QVI, ET CAETERA DESPICIT ORBIS ME SVPRA POSITAM MORTALIA SVSPICIT VNAM, MAGNORVM HEROVM SVM DIVES GLORIA MERCES, TE MOROR VT VIRTVS MIHI TE PORREXERIT ANTE, ILLI TE PALLAS; ALITER NON ITVR AD ASTRA HAVD ALITER FECERE TVI, QVOS GLORIA SERVO.

O que despreza os Reinos e grandezas do Mundo, me estima e preza somente, eu sou a Gloria rico premio dos homens valerosos, eu vos aguardo para que por mãos da Virtude cheguéis as minhas, como à ella pelas da Sabiduria, não ha outro caminho para subir às Estrellas, nem de outra forte o fizerão vossos passados, que eu eternizo com immortal fama.

Foi este conceito tirado dos dous Templos da Virtude, e da Honra, que he a Gloria humana, fundados em Roma por M. Marcello, e de tal forte fabricades que nenhum podia entrar no Templo da Honra, sem primeiro passar pelo da Virtude, para mostrar que por ella se ha de caminhar para chegar a Gloria humana.

Toda esta fachada fallava com o Príncipe Nosso Senhor, recebião a Aurora, chamavão a Sabiduria, mostravalhe a Virtude o caminho de seus antepassados, e com a gloria delles ò aguarda a Immortalidade. A dedicação era esta.

PHILIPPO PHILIP. III. HISP. AC IND. REG. F. PHILIP. II. NEP. CAROLI V. IMP. AVG. PRON. HISP. PRINCIPI P. AC DOMINO SVO CLEMENTISS.

A Filipe filho de Filipe Terceiro Rei das Espanhas, e das Indias, neto de Filipe Segundo, Bisneto de Carlos Quinto Emperador Augusto, Príncipe de Espanha, Patrão, e seu Clementíssimo senhor.

Mostrando que al Príncipe nuestro señor le conviene la Sabiduria, porque sin ella no podra llegar a la grandeza de sus mayores.

En la tabla grande puesta sobre el Arco mayor se vian pintadas la Virtud, i la Gloria humana. La Virtud tenia en la cabeça una celada, en la mano una espada sin punta embainada, i el pie sobre una bola: combidava a su Alteza a que le siguiesse, para que la Monarchia de sus esperados Reynos, que con ella se conquistaron, con su compañía los sustente, i con que entre los mortales llegarà a la suprema grandeza: esto le dezia en los siguientes versos, escritos en la tabla que quedava a su lado.

ILLA EGO SVM, QVAE SOLA TVOS AD SYDERA TOLLO ET PATRES, ET AVOS, PROAVOS, GENVS OME TVORVM IMPERIVM SVPER OMNE FERRO, GERMINARIER ORBEM EFFECI PROAVO, QVO SIT TIBI REGIA MAIOR MAGNE PHILIPPIADES: SVNT HAEC VIRTVTIS AVITAE MVNERA, SVM VIRTVS: PER ME TIBI PARTA TVETOR.

Yo soy aquella que sola levantè los vuestros a las Estrellas, yo he puesto sobre todo el Imperio vuestros padres, abuelos, y toda vuestra ascendencia, yo hize doblar dos Mundos para vuestro bisabuelo, que espero que à vos con mayor gloria obedezcan.

Estos son o gran Felipe los dones, i efetos de la Virtud, esta soy yo, conmigo os conviene conservar lo que por mis medios fue alcançado.

No menos le persuadia la Gloria (que tenia en la mano una Corona de laurel, i la ropa sembrada de otras diferentes) a que llegasse à ella por medio de la virtud, con estotros versos que se leian en la otra tabla.

CVLMINA REGNORVM QVI, ET CAETERA DESPICIT ORBIS ME SVpra POSITAM MORTALIA SVSPICIT VNAM MAGNORVM HEROVM SVM DIVES GLORIA MERCES TE MOROR, VT VIRTVS MIHI TE PORREXERIT ANTE ILLI TE PALLAS: ALITER NON ITVR AD ASTRA HAVD ALITER FECERE TVI QVOS GLORIA SERVO.

El que menosprecia los Reynos, i grandezas del Mundo, me estima, i precia solamente: yo soy la Gloria, rico premio de los hombres valerosos, yo os guardo para que por manos de la Virtud llegueis à las mias, como à el la por las de la Sabiduria: no ay otro camino para subir à las Estrellas, ni de otra suerte lo hizieron vuestros passados, que yo eternizo con inmortal fama.

Fue este concepto sacado de los dos Templos de la Virtud, i de la Honra, que es la Gloria humana, fundados en Roma por Marco Marcello, i de tal suerte fabricados, que ninguno podia entrar en el de la Honra, sin primero passar por el de la Virtud, para mostrar que por ella se ha de caminar para llegar a la Gloria humana.

Toda esta fachada hablava con el Príncipe nuestro señor, recibialo el Aurora, llamavalo la Sabiduria, mostravale la Virtud el camino de sus passados, i con la Gloria dellos le espera la inmortalidad la dedicacion era esta.

PHILIPPO PHILIP. III HISP. AC IND. REGIS F. PHILIPPI II NEP. CAROLI V IMP. AVG. PRONEP. HISP. PRINCIPI, P. AC DOMINO SVO CLEMENTISS.

A Felipe hijo de Felipe Tercero Rey de las Españas, i de las Indias, Nieto de Felipe Segundo, bisnieto de Carlos Quinto Emperador Augusto, Príncipe de España, Patron, i señor suyo clementissimo.

Nas outras duas fachadas deste edifício avia quatro taboas de pintura de branco, e negro, duas dellas mui grandes que tomavão todo o espaço da fachada, e duas menores de vinte palmos encima das maiores, acompanhadas com quatro piramides por cada lado, na taboa maior da fachada que ficava para a parte da Alfandega se via sua Magestade, à quem as quatro partes da Terra, Europa, Africa, Asia, e America, vestidas com o traje de seus habitadores, e insignias com que as costumão pintar, offerecião com reverencia suas quatro Coroas que tinham nas mãos, à sua Magestade, sobre cuja cabeça estava este verso de Homero, com o qual se responde à huma questão dos Politicos, se he melhor o governo de hum, ou o de muitos.

NON BONVM EST MVLTORVM DOMINATIO, VNVS DOMINVS ESTO
VNVS REX.

Não he bom o governo de muitos seja sò hum senhor hum Rei.

O que declaravão melhor estes versos seguintes.

SI QVOD DIVISVM EST CITO DESOLATVR, ET ILLVD, QVOD DVRAT
REGNVN, PER TE CONCORDIA DVRAT, SIQVE INTER PLVRES, NVN-
QVAM DISCORDIA IN VNO, SI DEVS IN CAELIS VNVS, QVI CVNCTA
GVBERNAT, INNVMERAS VNVS TITHAN REGIT AETHERE STELLAS
CONVENIT, INTEGRI DIADEMATA COLLIGAT ORBIS VNVS NEC REGN-
VM, NEC AMOR CONSORTIA SVFFERT, FERTVR VT IN FATIS, VNVS SIT
PASTOR, OVILE VNVM VNVS RERVM DOMINVS, REX VNICVS ESTO.

Se o Reino dividido se destruíe, e so he duravel o que sustentão concordia e união, e se entre muitos ha discordia, e não se acha em hum, se Deos no Ceo he sò hum que tudo governa, e sò hum Sol que da luz às innumeraveis Estrellas, convem que hum sò possuia a coroa de todo o Orbe, porque nem o Rei no nem o Amor sofrem companhia, e como se lee na Escritura Santa que ha de aver hum so Pastor, e hum so curral, sede vos senhor unico, que todas as partes da terra vos obedeção.

Na taboa menor superior à esta maior, sevia Agar, pedindo agoa para seu filho Ismael perecendo de sede, e hum Anjo lhe mostrava a fonte. Diante estava Alexandre Magno de pees sobre hum Mundo cuja parte tinha conquistado chorando por não aver outro que de novo conquistasse, com esta letra.

DIFFERTVR, SED QVID TANDEM?

Dilatase, porem à que fim?

E no baixo avia este Epigramma.

PARVVM PARVA DECENT, INGENTEM INGENTIA, FONTEM HAEC PVE-
RO, MVNDVM POSTVLAT ILLE NOVVM HVIC LIMPHAE VENIVNT, SVNT
ILLIVS IRRITA VOTA, CAUSA PAR HAEC VOTIS. IMPAR AT ILLE SVIS.

Ào pequeno convem pequenas cousas, ao grande grandezas, o minimo pede agoa, e Alexandre hum novo Mundo, à aquelle se lhe otorga a petição, e à este se lhe nega, porque hum pedia com razão, e o outro sem merecimento.

En las otras dos fachadas deste edificio avia quatro tablas de pintura de blanco, i negro; dos dellas muy grandes, que ocupavan todo el espacio de la fachada, i dos menores de veinte pies encima de las mayores, acompañadas con quatro piramides por cada lado. En la tabla mayor de la fachada que mirava para al Oriente, i a la Aduana, se veia al Rey nuestro señor, a quien la quatro partes de la tierra, Europa, Africa, Asia, i America, vestidas con los trajes de sus habitadores, i insignias que le suelen atribuir, ofrecian con reverencia sus quatro Coronas, que tenian en las manos, a su Magestad, sobre cuya cabeça estava este verso de Homero, con el qual se responde à una question de los Politicos, si es mejor el gobierno de uno, o de muchos.

NON BONVM EST MVLTORVM DOMINATIO, VNVS DOMINVS ESTO
VNVS REX.

No es bueno el gobierno de muchos, sea un solo señor, un Rey.

Lo que declaravan mejor estos versos siguientes.

SI QVOD DIVISVM EST CITO DESOLATVR, ET ILLVD QVOD DVRAT REG-
NVM, PER TE CONCORDIA DVRAT: SITQVE INTER PLVRES, NVNQVAM
DISCORDIA IN VNO. SI DEVS IN CAELIS VNVS QVI CVNCTA GVBERNAT,
INNVMERAS VNVS TITAN REGIT AETHERE STELLAS CONVENIT INTE-
GRI DIADEMATA COLLIGAT ORBIS VNVS, NEC REGNVM, NEC AMOR
CONSORTIA SVFFERT. FERTVR VT IN FATIS, VNVS SIT PASTOR, OVILE
VNVM, VNVS RERVM DOMINVS, REX VNICVS ESTO.

Si el Reyno diviso se destruye, i solo es durable lo que sustentan concordia, i union, i si entre muchos siempre ay discordia, i no se halla en uno. Si Dios en el Cielo es solo uno, que todo lo gobierna, i solo un Sol que dà luz a las innumerables Estrellas, conviene que un solo posea la Corona de todo el Orbe, porque ni el Reyno, ni el amor sufren compañía. I como se lee en la Escritura santa, que ha de aver un solo Pastor, i solo un aprisco; sed vos señor unico, que todas las partes de la tierra os obedezcan.

En la tabla menor, superior à esta mayor, se veia Agar pidiendo agua para su hijo Ismael pereciendo de sed; de la qual un Angel le mostrava la fuente. Delante estava Alexandre Magno de pies sobre el Mundo que tenia conquistado, llorando por no aver otro que de nuevo sujetasse: con esta letra.

DIFFERTVR, SED QVID TANDEM?

Dilatase, pero a que fin?

I en lo baxo avia este epigramma.

PARVVM PARVA DECENT, INGENTEM INGENTIA, FONTEM HAEC PVERO,
MVNDVM POSTVLAT ILLE NOVVM. HVIC LIMPHAE VENIVNT, SVNT
ILLIVS IRRITA VOTA, CAUSA PAR HAEC VOTIS, IMPAR AT ILLE SVIS.

Al pequeño pequeñas cosas convienen, al grande grandezas: el Niño pide agua, i Alexandro un nuevo Mundo, à aquel se concede su peticion, i à este se le niega lo que demanda, porque uno pedia con igualdad, i el otro sin merecimiento.

Na outra taboa grande da fachada opposta ao Paço estava pintado el Rei, e a Monarquia em figura de Donzella com Coroa Imperial, ambos assentados em hum trono, em huns longes appareição entre duas colunas tres Obeliscos sepulcros de tres antiguos Monarcas, Nino dos Assirios, Ciro dos Persas, e Alexandre dos Gregos, cujos nomes estavam escritos nos pedestaes dos Obeliscos. Erão as colunas as que pos Hercules por ultimos termos da terra sobre os Montes Calpe de Espanha, e Abila de Africa, com os quaes se forma o Estreito Herculeo, oje de Gibraltar, e se abrem as Portas ao Mar Mediterraneo para se comunicar com o Oceano. Destas colunas se servio o Emperador Carlos V. por empresa com a letra. PLVS VLTRA. Esta mesma tinha a coluna que ficava ao Oriente do Obelisco de Nino, e na outra que ficava ao Ponente, do de Alexandre dezia: NON PLVS VLTRA. Sobre o trono estavam escritas estas palavras de Iusto Lipsio.

NESCIO QVO PROVIDENTIAE DECRETO RES ET VIGOR AB ORIENTE IN
OCCASVM EVNT.

Não alcanço porque decreto da Divina Providencia as cousas e o poder caminhão
do Oriente ao Occidente.

Como se tem visto na Monarquia que começou no Oriente, e foi sempre caminhando para o Occidente onde tem parado, e feito assento em Espanha o mais Occidental da terra, desposandosse com sua Magestade; tudo declaravão estes versos escritos debaixo da pintura.

DICITVR ALCIDES BINAS STATVISSE COLVMNAS QVEIS HOMINES COHIBERE RATVS, QVEIS CLAUDERE MVNDVM, FECERAT, HOC LONGE ANTE IPSVM SATOR ORBIS, AB ORTV SOLIS AD OCCASVM RERVVM SIT CVRSVS, ET ILLIC META, IVBET, NEC PLVS VLTRA DETVR IRE, CREATI HINC FAS IMPERIVM MVNDI NASCATVR, AB ORTV SOLIS AD OCCASVM SEDEM CVM SOLE REPONAT, ATQVE ILLIC HABVISSE PROCOS, HIC NVBERE MALIT, NEC MIRVM, THALAMO SI QVIS CVNABVLA MVTAT.

Contão que Hercules pòs duas colunas imaginando que com ellas punha termo aos homens, e lhes encerrava ò Mundo. O mesmo fez seu Criador logo ao principio, mandando que o Sol fizesse seu curso do Oriente para o Occidente, e alli pos seus termos que se não passam, pelo qual parece razão que o imperio do Mundo naça tambem no Oriente, e junto com o Sol venha à parar no Occidente onde tenha seu assento, casandosse à Monarquia com el Rei, que não he novo que pelo casamento se esqueça o lugar do nascimento.

A pintura da taboa menor que estava sobre esta, seguia o pensamento da outra do seu tamanho, opposta á Alfandega; porque nesta estava pintado o Emperador Carlos Quinto, sobre hum Mundo com outro a parte que por Deos lhe foi dado, e negado à Alexandre, para que o sujeitasse, regesse, e troxesse ao verdadeiro conhecimento de seu Criador, como o mesmo Emperador, e os gloriosos Monarchas seu filho, e neto fizerão na America; encima tinha esta letra.

En la otra tabla grande de la fachada opuesta al Occidente, que mirava à Palacio, estava pintado el Rey nuestro señor, i la Monarchia en figura de Donzella con Corona Imperial; entrambos assentados en un trono. En unos lexos aparecian entre dos colunas tres Obeliscos, sepulcros de tres antiguos Monarcas, Nino de los Asirios, Cyro de los Persas, i Alexandro de los Griegos; cuyos nombres estavan escritos en los pedestales de los Obeliscos. Eran las colunas las que cuentan puso Hercules por ultimos terminos de la tierra sobre los Montes Calpe de España, i Abila de Africa, con los quales se forma el Estrecho, que de Hercules se llamó el Herculeo, i agora de Gibraltar (lugar de España situado al pie del monte Calpe) i abren las puertas al Mar Mediterraneo para se comunicar con el Oceano. Destas colunas se siruio el Emperador Carlos V Maximo por empresa, con la letra PLVS VLTRA. Esta misma letra tenia la columna que quedava al Oriente del Obelisco de Nino, i en la otra que quedava al Poniente del de Alexandro, dezia, NON PLVS VLTRA. Sobre el trono estavan escritas estas palavras de Iusto Lipsio.

NE SCIO QVO PROVIDENTIAE DECRETO RES, ET VIGOR AB ORIENTE IN OCCASVM EVNT.

No alcanço, por que decreto de la Providencia Divina, las cosas, i el poder caminan del Oriente al Occidente.

Como se ha visto en la Monarchia que començò en el Oriente, i fue siempre caminando hazia el Occidente, donde ha parado, i hecho asiento en España, lo mas Occidental de la tierra, desposandose con el Rey nuestro señor. Todo lo declaravan estos versos, escritos debaxo de la pintura.

DICITVR ALCIDES BINAS STATVISSE COLVMNAS, QVEIS HOMINES COHIBERE RATVS, QVEIS CLAUDERE MVNDVM FECERAT, HOC LONGE ANTE IPSVM SATOR ORBIS AB ORTV SOLIS AD OCCASVM RERV M SIT CVRSVS, ET ILLIC META IVBET, NEC PLVS VLTRA DETVR IRE CREATI: HINC FAS IMPERIVM MVNDI NASCATVR AB ORTV SOLIS AD OCCASVM SEDEM CVM SOLE REPONAT, ATQVE ILLIC HABVISSE PROCOS HIC, NVBERE MALIT, NEC MIRVM THALAMO SI QVIS CVNABVLA MVTAT.

Cuentan, que Hercules puso dos colunas imaginando que con ellas ponía termino à los hombres, i les encerrava con ellas el Mundo. Lo mismo hizo su Criador luego al principio, mandando que el Sol hiziesse su curso de Oriente para el Occaso, i allí puso sus Metas, que no se passen: por lo qual parece razon, que el Imperio del Mundo nazca tambien en el Oriente, i junto con el Sol venga a parar en el Occidente, donde tenga su asiento, casandose la Monarchia con el Rey, que no es nuevo, que por el casamiento se olvide, i dexé el lugar del nacimiento.

La pintura de la tabla menor que estava sobre esta mayor, seguía el pensamiento de la otra opuesta de su tamaño, que mirava a la Aduana, porque en ella estava pintado el Emperador Carlos Quinto, sobre un Mundo con otro nuevo a parte, que le fue dado por Dios, i negado a Alexandro, para que le sujetasse, rigiesse, i truxesse al verdadero conocimiento de su Criador, como el mismo Emperador, i los gloriosos Monarchas sus hijo, i nieto han hecho en la America: encima tenia esta letra.

BONA CAUSA TRIVMPHAT.

A justa causa triunfa.

E no baixo estavam estes versos.

MAGNVS ALEXANDER. QVEM FRVSTRA OPTAVERAT, ORBEM AEQVALEM
MERITIS DII TRIBVERE TVIS QVEM VINCAS, QVEM PACE REGAS, CVI
SYDERA MONSTRES AETERNO DOCEAS SACRIFICARE DEO.

O novo Mundo que Alexandre em vão desejava deu o Ceo à vossos merecimentos, para que o sujeiteis, rejais pacificamente, e lhe ensineis a reverenciar, e conhecer o verdadeiro, e eterno Deos.

Era ja de noute quando sua Magestade alumiado com cinquenta tochas brancas que levavão moços da Camara, passou por este Arco com excellente musica de instrumentos, e vozes que nelle avia, e por suas Ruas cubertas de cheirosas ervas, e flores, chegou ao Paço com suas Altezas, e seu acompanhamento. Apeado sua Magestade na escada lhe disse o Presidente da Camara estas palavras.

Seja Vossa Magestade mui bem entrado nesta sua Cidade, e nestes seus Paços, os moradores della não receberão à Vossa Magestade com as demonstrações de alegria que erão devidas à sua grandeza, em parte os desculpa a muita brevidade com que Vossa Magestade lhes fez merce de os honrar. Mas pode Vossa Magestade estar certo, que nos animos, e corações de todos se lhe deu ò que lhe he devido.

Sua Magestade lhe respondeo.

Todo os agradezco lo que me dezis, todo estava bueno; E dando dous passos voltou, e lhe disse: Tam bueno que lo quiero tornar a ver, mandad que no se descomponga.

Assi o fez sua Magestade o dia seguinte a tarde em hum coche com suas Altezas, vendo mui de vagar todos os espectaculos; e Arcos por donde com gram triunfo passara, que foi o maior premio que os autores delles puderão desejar do seu trabalho, aprovando, e calificando tudo sua Magestade segunda vez com sua Real presença, e de suas Altezas. Ouve aquella noute muitas e extrãordinarias invenções de fogo, na praça do Paço.

Ao outro dia primeiro de Iulho foi sua Magestade, e Altezas, ouvir Vesporas à Igreja da Misericordia, dedicada á Visitação de Nossa Senhora, cuja festa se celebra a os dous, acompanhado dos Senhores, e fidalgos Portugueses com sua guarda ordinaria, e com a que costuma servir aos Visorreis. A qual por vestir de negro hia diante, e servio a Princesa, e Infanta em quanto suas Altezas estiverão em Lisboa. He esta Igreja de excellente fabrica de huma confraria chamada Irmandade, a mais assinalada de Europa, que na See desta Cidade foi primeiro instituida no ano de 1498. pelo Padre Mestre freyre Miguel de Contreiras, Religioso da Santissima Trindade, e Confessor da Rainha Dom Lianor, viuva del Rei Dom Ioão II. e por outras pessoas devotas, cujos primeiros statutos confirmou el Rei Dom Manoel, e della foi Irmão como depois o forão todos os Reis Rainhas, e Infantes deste Reino. Da See se passou esta Irmandade à Igreja onde agora està no anno de 1534. a qual foi edificada de esmolos, a maior parte das del Rei Dom Manoel, e da Rainha Dona Lianor sua irmáa. Tem esta Irmandade 620. irmãos, trezentos nobres, trezentos officiaes mecanicos, e vinte Letrados, huns, e outros provão limpeza de sangue para serem nella admitidos. Dilatou-se por todas as Cidades, e Villas notaveis do Reino, e por todas as Províncias de sua

BONA CAUSA TRIVMPHAT.

La justa causa triunfa.

I en lo baxo estavan estos versos.

MAGNVS ALEXANDER. QVEM FRVSTRA OPTAVERAT ORBEM AEQVALEM
MERITIS DII TRIBVERE TVIS. QVEM VINCAS, QVEM PACE REGAS, CVI
SYDERA MONSTRES AETERNO DOCEAS SACRIFICARE DEO.

El nuevo Mundo que Alexandro en vano deseava dio el Cielo à vuestros merecimientos, para que le sugeteis, rijais pacificamente, i le enseñeis a reverenciar, i conocer al verdadero, i eterno Dios.

Era ya de noche quando su Magestad alumbrado con cinquenta hachas blancas, que llevavan moços de camara, passò por este Arco, con excelente musica de instrumentos, i voces que en el avia, i por sus calles cubiertas de olorosas yervas, i flores, llegò a Palacio con sus Altezas, i su acompañamento.

Apeado su Magestad, le dixo el Presidente de la Camara estas palabras.

Seja vossa Magestade mui bem entrado nesta sua Cidade, e nestes seus Paços: os moradores della não receberão à vossa Magestade com as demonstrações de alegria que erão devidas à sua grandeza, en parte os desculpa à muita brevidade com que vossa Magestade lhes fez merce de os honrar. Mas pode vossa Magestade estar certo, que nos animos, e corações de todos se lhe deu o que lhe he devido.

Su Magestad le respondió.

To os agradezco lo que me dezis; todo estava bueno, i dando dos passos bolvio, i dixo: i tan bueno, que lo quiero tornar a ver, mandad que no se descomponga.

Assi lo hizo su Magestad el dia siguiente en un coche con sus Altezas, mirando muy despacio todos los espectaculos, i Arcos por donde con gran triunfo avia passado, que fue el mayor premio que los Autores dellos pudieron desear de su trabajo, aprovandolo, i calificandolo todo su Magestad segunda vez con su Real presencia, i de sus Altezas. Huvo aquella noche muchas, i extraordinarias invenciones de fuego en la plaça de Palacio.

Lunes primero de Iulio, fue su Magestad con sus Altezas a Visperas, a la Iglesia de la Misericordia, dedicada a la Visitacion de Nuestra Señora (cuya fiesta se celebra a los dos) acompañado de los Señores, i Cavalleros Portugueses, con su guarda ordinaria, i con la que suele servir a los Virreyes, que porque viste de negro iba delante, i sirvió a la Princesa, i Infanta, en quanto sus Altezas estuvieron en Lisboa. Es esta Iglesia de excelente fabrica, de una Cofradia la mas señalada de Europa, que en la Iglesia mayor de Lisboa fue primero instituida, en el año de 1498 por el Maestro fray Miguel de Contreras (Religioso de la Santissima Trinidad, i Confessor de la Reyna Doña Leonor, viuda del Rey Don Iuan Segundo) i por otras personas devotas, cuyos primeros statutos confirmò el Rey Don Manuel, i della fue cofrade, como despues lo han sido todos los Reyes, Reynas, e Infantes que le han sucedido. De la Iglesia mayor se passò esta Cofradia a la Iglesia donde agora esta, en el año de 1534. La qual fue edificada de limosnas, la mayor parte del Rey Don Manuel, i de la Reyna Doña Leonor su hermana. Tiene esta Cofradia seiscientos i veinte cofrades, trezientos dellos nobles, i trezientos oficiales mechanicos, i veinte Letrados: unos i otros pruevan limpieza de sangre para ser en ella admitidos. Hasse dilatado por todas las Ciudades, i villas principales del Reyno de Portugal, i por todas las Provincias de la

conquista. He governada per hum provedor, hum escrivão, hum tesoureiro, e doze conselheiros, seis nobres, e seis mecanicos Chamasse esta Irmandade da Misericordia, porque nas suas sette obras, e em dous Hospitaes hum de entrevados, e outro de incuraveis se exercitão, e se occupão os Irmãos della com grande caridade, dependendo nestas santas obras grande summa de dinheiro, parte de dotações dos Reis, Rainhas, e Infantes de Portugal, e de pessoas devotas, que valem cada ano quasi 30 mil Cruzados, e parte de grossas esmolas que montarão este ano de 619. mas de dez mil Cruzados, que tudo se gastou en casar sesentaseis donzellas, cujas dotes importarão sete mil setecentos cinquenta e seis Cruzados, no resgate de cativos, para o qual se entregarão ao seu tesoureiro, e à os frades da Santissima Trindade 10.425. Cruzados, em curar mininos desamparados 740. Cruzados, nos dous Hospitaes 1.708. Cruzados, com os pobres das cadeas 6.300. Cruzados, derão de esmola à pobres recolhidos, e à pessoas honradas necessitadas 9.400. Cruzados, enterraõse mil quinhentos e quarenta defuntos muitos delles por amor de Deos, e se lhes derão mortalhas; disserãose 34 mil Missas, parte com esmolas de particulares, e parte pelas obrigações da Irmandade, sem os Anniversarios instituidos pelas almas dos bem feitores desta santa casa, para o que ha nella 22. Capellães que rezão em Choro as horas Canónicas com mui boa musica. Sustenta tambem esta Irmandade de todo o necessario no recolhimento das donzellas que ha em Lisboa treze dellas com cinco criadas, e algumas dellas se casarão este anno, e entrarão outras nos lugares vagos. Tem mais esta Irmandade à seu cargo a administração do Hospital Real de todos os Santos, fundação del Rei Dom João II. com grande magnificencia, e riqueza; curase nelle todo genero de enfermidades; com cuidado, limpeza, e regalo a que acodem com caridade mais de 60. Irmãos distribuidos pelos meses nas enfermarias. He a Rainha dos Anjos, e Senhora nossa a avogada desta pia Irmandade, e sua fanta Visitação a festa que os Irmãos celebrão com grandeza, e à que os Reis de Portugal costumavão assistir, e sua Magestade imitando seus Progenitores honrou com sua Real presença. Na tarde do mesmo dia se elegem os officiaes do anno seguinte, neste foi Proveedor o Conde de Villanoua, Dom Manoel de Castelbranco, Escrivão Garcia de Mello, e Tesoureiro o Conde Mardomo maior; e para o seguinte se elegerão para Proveedor o Conde de Portalegre Dom Diogo da Silva, para Escrivão João Zalema, e para Tesoureiro Francisco Tibão.

Na noute deste mesmo dia primeiro de Julho ouve huma mui luzida mascara, e para que o parecesse mais, sendo os vestidos, e paramentos dos cavallo de huma mesma seição, erão as cores tam differentes: que vestião cada dous da mascara huma cor, e em tanta diversidade dellas ouve bem em que empregar a vista com deleitação. Estava a praça de Palacio mui alumuada, porque os Alemães encherão de luzes o seu Arco, e sobre os pedestaes que formavão as duas Ruas que do mesmo Arco hião ao Paço, se puserão tochas acessas, e com as que os mascarados trazião nas mãos parecia ser hum dia claro; correrão elles suas carreiras, e caracoes com graça e concerto, de que sua Magestade mostrou agradarse.

Como el Rei descansou da jornada començou a dar audiencia aos Portugueses, cujas petições recolhia Dom Bernabe da Bivanco Secretario de sua Magestade, e emmaçadas, mandava à Francisco de Almeida as que lhe Pertencião como a Secretario das Mercês, e Comendas, e as outras a João Travaços, Escrivão da Camara de sua Magestade, que as remetia à os Tribunaes à que tocavão, para nelles se despacharem.

conquista de su Corona. Es gobernada por un Proveedor, un Secretario, un Tesorero, i doze Consiliarios, seis nobles, i seis mechanicos. Llamasse esta Cofradia la hermandad de la Misericordia, porque en la siete obras della, i en dos Hospitales uno de paraliticos, i otro de incurables, sirven, i se ocupan sus hermanos con gran caridad, dependiendo en estas santas obras gran suma de dineros, parte de dotaciones de los Reyes, Reynas, e Infantes de Portugal, i de señores, i personas devotas, que valem cada año cerca de treinta mil ducados, i parte de gruesas limosnas, que montaron este año de 619 mas de diez mil ducados, que todo se gastò en casar sesenta i seis donzellas, cuyos dotes importaron 7.756 ducados; en el rescate de captivos para el qual se entregaron al Tesorero dellos, i a los frayles de la Santissima Trinidad, 10.425 ducados en curar niños desamparados, 740 ducados en los dos Hospitales de los paraliticos, e incurables 1.708 ducados, con los pobres de las carceles 6.300 ducados: dieronse de limosna a pobres recogidos, i vergonçantes, i otras personas mas honradas, i nobles 9.400 ducados, enterraronse mil quinientos i quarenta difuntos, muchos de ellos de por amor a Dios, i se les dieron mortajas. Dixeronse mas de treinta i quatro mil Missas, parte con limosnas de particulares, parte por las obligaciones de la Hermandad, sin los Anniversarios instituidos por las animas de los bienhechores desta santa casa: para lo qual ay en ella veinte i dos Capellanes que rezan en Coro las horas Canonicas con muy buena musica. Sustenta tambien esta Hermandad de todo lo necessario en el recogimeinto de las donzellas que ay en Lisboa, treze dellas con cinco criadas, i algunas dellas se cassaron este año, i entraron otras en sus lugares. Tiene mas esta Hermandad à su cargo la administracion del Hospital Real de todos los Santos, fundacion del Rey Don Iuan Segundo, con gran magnificiencia, i riqueza. Curasse en el todo genero de enfermedades con cuydado, limpieza, i regalo, a que acuden con caridad mas de ciento i sesenta hermanos de la Misericordia, distribuidos por meses en las enfermerias. Es la Reyna de los Cielos, i Señora nuestra Patrona desta Hermandad, i su santa Visitacion la fiesta que los hermanos celebran con grandeza, i a los que los Reyes de Portugal solian asistir, i su Magestad imitando sus progenitores honrò con su Real presencia. En el mismo dia por la tarde se suelen elegir los oficiales del año siguiente: en este fue Proveedor el Conde de Villanova Don Manuel de Castelblanco, Secretario Garcia de Melo, i Tesorero el Conde mayordomo mayor. I para el siguiente fueron eletos, Proveedor el Conde de Portalegre Don Diego de Silva, Secretario Iuan Zalema, i Tesorero Francisco Tibão.

En la noche deste mismo dia primero de Julio huvo una muy luzida mascara, i para que lo pareciesse mucho mas, siendo la hechura de los vestidos, i paramentos de los cavallos una misma, eran las colores tan diferentes, que vestian cada dos Cavalleros una,, i en tanta diversidad dellas tuvo bien en que entretenerse la vista con grande deleite. Estava la plaça de Palacio muy alumbrada, porque los Alemanes hinchieron de luzes su Arco, i sobre los pedestales que formavan las dos calles que ivan del mismo Arco a Palacio se pusieron hachas, i con las que los Cavalleros traian en las manos, parecia ser un dia claro: Corrieron ellos sus carreras, i escaramuças con gracia, i concierto, de que su Magestad mostro agrardarse.

Como el Rey nuestro señor descansò de la jornada, començò a dar audiencia a los Portugueses, i ordenò que à ella, i a las comidas publicas pudiessen asistir los Titulos, Consejeros de Estado, Presidentes, Veedores de la hazienda, el Regidor, el Governador, los oficiales de la casa Real de Portugal, los Secretarios de Estado, i a las comidas los Cavalleros con licencia. I porque à ellas solian estar de rodillas junto a la mesa los Mininos (que llaman moços fidalgos) i los Reyes repartian con ellos de su mano los

Nas audiencias de sua Magestade, e suas comidas publicas, mandou que pudessem assistir, Titulos, Conselheiros de Estado, Presidentes, Veedores de fazenda, o Regedor, o Governador, e officiaes de casa Real de Portugal, delles o Conde Mordomo maior que na comida era seu lugar o lado esquerdo da cadeira de sua Magestade, a qual lhe chegava Bernardim de Tavora Reposteiro maior, e nas Igrejas dava a almofada Veedor, Porteiro maior, Mestresala, Iorge de Sousa Copeiro maior, dous trinchantes Simão da Cunha, e Dom Filipe Lobo, Simão de Mello Aposentador maior, Luis de Miranda Enriquez Estribeiro maior, que sempre que sua Magestade saia a cavallo exercitou seu officio, e foi detras del Rei com o Marques de Falces Capitão dos Archeiros, Gonçalo Pirez Carvalho Prouvedor das obras de sua Magestade, Dom João de Lancastro Capellão maior, Dom Gonçalo da Costa Armador maior, Dom Alvaro de Sousa Capitão da guarda, cujos soldados hião com os da guarda Alemã, e Dom Alvaro com o Marques de Povar Capitão da guarda Espanhola. Destes officiaes os que servem com canas assistião com ellas. Os fidalgos que se querião achar presentes à comida de sua Magestade, pedião licença, e com ella entravão. E porque junto às mesas dos Reis passados costumavão estar de gíolhos moços fidalgos, e os Reis com sua mão repartião com elles os doces que lhe trazião, imitando sua Magestade à seus antepassados, fez com sua singular benignidade o que elles fizerão.

Vierão logo beijar a mão a sua Magestade, e Altezas, os tribunaes da Iustiça, Fazenda, Conciencia, Inquisição, e Camara da Cidade. E porque tinha el Rei chamado à Cortes para a Villa de Tomar (onde as teve seu pai el Rei Dom Filipe Primeiro, o anno de 1581) e por ella tinha determinado de fazer sua jornada, como os caminos estivessem intrataveis com as muitas aguas do Inverno passado, e da quella Primavera, considerando sua Magestade as incomodidades que delles podião resultar aos Senhores, Prelados, e procuradores que se avião de achar presentes, mandou que se celebrassem em Lisboa.

dulces con que a la postre les servian, hizo su Magestad lo mismo à imitacion de sus antecessores.

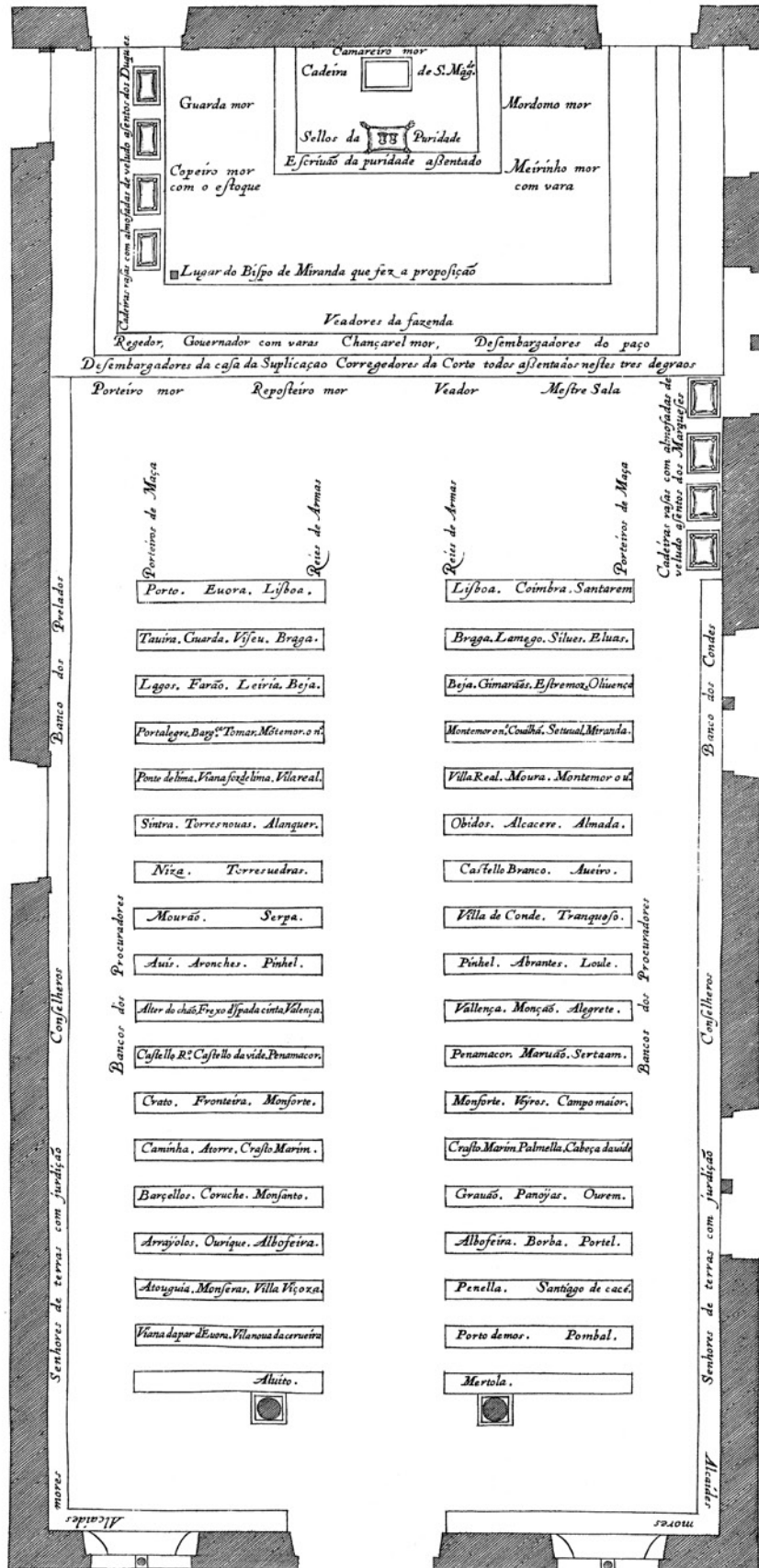
Vinieron luego a besarle la mano, i a sus Altezas, los tribunales de Iusticia, Hazienda, Ordenes, Inquisicion, i el Ayuntamiento de la Ciudad.

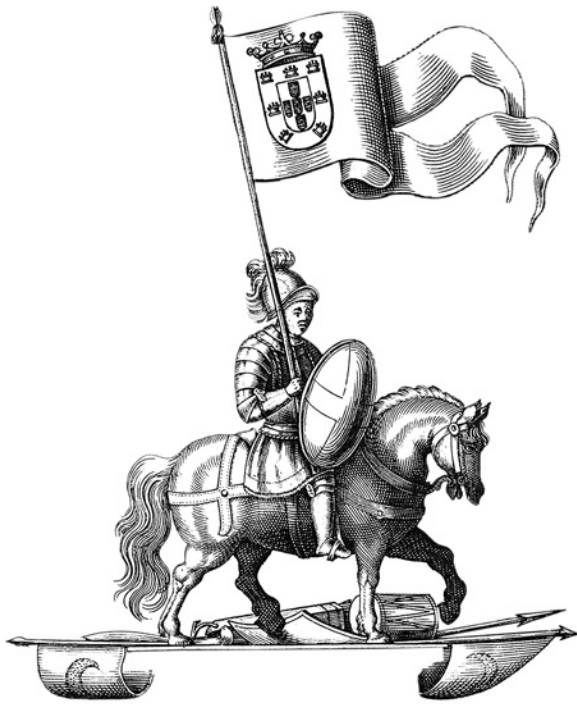
CORTES.

He costume de Portugal assistirem nas Cortes os tres estados, Ecclesiastico, Nobre, e Popular; no Ecclesiastico entrão os Arce bispos, Bispos, e os Prioros maiores das Ordens Militares de Santiago, e Avis; no da nobreza os Duques, Marqueses, Condes, Conselheiros, Senhores de terras, e Alcaides maiores; e no do Povo os Procuradores de 18. Cidades, e de 75. villas principaes do Reino. Para tam solene acto se armou a sala grande do Paço, que he de 103. palmos de comprido, e 55. de largo de mui rica tapeçaria; no testeiro della se pos hum estrado grande de tres degrãos, e encima delle outro pequeno de hum degrão, cuberto tudo de ricas alcatifas; sobre o estrado pequeno duas cadeiras de brocado, arrimadas a hum dosel de muito preço. No primeiro degrão do estrado grande da parte direita se puserão quatro cadeiras rasas de veludo negro com almofadas do mesmo, para os Duques. Fora do estrado, e da mesma parte direita, no chão, avia hum banco arrimado a parede, que começava do terceiro degrão do estrado para diante, no qual se assentarão os Prelados. Defronte deste banco da parte esquerda no chão, e do terceiro degrão do estrado para baixo, estava o assento dos Marqueses, que era de cadeiras rasas com almofadas de veludo negro arrimadas à parede, das quaes cadeiras se continuava o banco dos Condes cuberto com espaldeiras como o dos Prelados. A estes bancos por huma, e outra banda seguirão bancos para os Senhores de terras, Conselheiros, e Alcaides maiores; e no meio da sala estavam os bancos dos Procuradores das Cidades, e Villas, nos quaes elles se avião de assentar por suas precedencias, como tambem se guardarão entre os Duques, Marqueses, Condes, e Prelados em seus assentos, por suas dignidades, e antiguidades corno tudo representa o dissenho seguinte.

Chegado o dia 14. de Julho assinalado para jurarem ao Principe Nosso Senhor, que avia de preceder ao da proposição das Cortes, baxarão depois de jantar sua Magestade, e sua Alteza, de seu aposento à sala referida, com grande acompanhamento dos Duques de Bragança Dom Theodosio (que como Condestabre do Reino hia descoberto junto del Rei, e levava o estoque nú levantado) de Bracelos Dom João seu filho, e de Torresnovas Dom Iorge de Lancastro, filho do Duque de Aveiro, dos Marqueses, de Villareal Dom Miguel de Meneses, de Alanquer, e de Castelrodrigo, dos Condes ja nomeados, dos officiaes da casa Real, e dos fidalgos Portugueses, todos com novas galas, e não menos custosas que as que tirarão na entrada de sua Magestade. Diante del Rei hia o Conde Mordomo maior, e de todo o acompanhamento os porteiros com massas de Prata, seguidos dos Reis de Armas, Arautos, e Passavantes com cotas das armas Reaes de Portugal. Vestia sua Magestade calças, e coura de tafeta branco tudo qualhado com guarnição de ouro, jubão, e forros das calças de tela rica de ouro, e prata, encima huma opa roçagante de tela rica de ouro, de flores grandes forrada em veo de prata de peso, todo bordado de flores correspondentes as da tela; a guarnição da ropa era de hum pasamano largo de ouro, e prata, as mangas de ponta, a fralda grande, os baraões enroscados, e o cabeção maior do ordinario, espada dourada com bainha talabartes, e çapatos de veludo branco, gorra adereçada com Perolas, e Diamantes, pruma do mesmo, com prumas, e Martinetes brancos, e na mão hum cetro de ouro; a fralda lhe levava o Visconde de Villanova de Cerveira, Dom Lourenço de Lima de Brito, que fez nestas Cortes o officio de Camareiro maior em ausencia de Dom Francisco de Saà Conde de Penaguião, cujo he o officio. O Principe Nosso Senhor trazia outro vestido branco, coura, e calças bordadas de ouro, jubão e forros de tela rica de Prata bordada de ouro, capa de veludo negro toda qualhada, espada dourada com talabartes bordados de veludo branco, çapatos do mesmo, gorra

PLANTA DA SALA EM QUE S. Magestade fez as Cortes





CORTES.

Avia su Magestad llamado à Cortes para la villa de Tomar, donde las tuvo el Rey su padre el año de 1581 en deziseis de Abril, i por donde tenia determinado su Magestad de hazer sus jornadas: pero como los caminos estuviessen intratables con las muchas aguas del Invierno passado, i de aquella Primavera: considerando las incomodidades que dello podian resultar a los Procuradores, i personajes que en ellas se avian de hallar; mandò su Magestad, que se celebrassen en Lisboa. Es usança deste Reyno llamarse a Cortes, y asistir a ellas los tres estados, Ecclesiastico, Noble, i Popular. En el Ecclesiastico entran los Arçobispos, Obispos, i los Piores mayores de las Ordenes Militares de Santiago, i Avis. En el de la nobleza los Duques, Marqueses, Condes Consejeros, Señores de tierras, i Alcaldes mayores. I en el del Pueblo los Procuradores de las deziocho Ciudades, i de sesenta i cinco villas principales del Reyno. Para este acto tan solemne, se colgo la sala grande de Palacio, que es de ciento i tres pies de largo, i cincuenta i cinco de ancho de muy rica tapizeria. Pusosse en el testero un estrado grande de tres gradas, i encima del una tarima cubierto todo de finas alhombros Orientales; sobre la tarima dos sillas de brocado arrimadas à un dosel de mucho precio. En la primera grada del estrado grande de la parte derecha se pusieron sillas rasas de terciopleo negro con almohadas de lo mismo para los Duques: fuera del estrado en el suelo de la misma parte derecha, avia un banco arrimado a la pared para los Prelados. Enfrente a la parte izquierda estava el asiento de los Marqueses, que eran sillas rasas con almohadas de terciopelo negro arrimadas a la pared, i con las quales se continuava el banco de los Condes: à este, i al de los Prelados por una, i otra vanda seguian bancos para los señores de tierras, Consejeros, i Alcaldes mayores; i en medio de la sala estavan los bancos de los Procuradores de las Ciudades, i Villas, en los quales se avian de assentar por sus precedencias, como tambien las guardan los Duques, Marqueses, Condes, i Prelados en sus assientos, por sus dignidades, i antigüedades.

Llegado el dia catorze de Julio, señalado para jurar al Principe nuestro señor, que avia de preceder al de la proposicion de las Cortes, baxò su Magestad, i Alteza despues de comer de su aposento a la sala referida, con gran acompañamiento de los Duques de Bragança Don Theodosio, (que como Condestable del Reyno iba descubierto, i llevaba el Estoque desnudo levantado) de Bracelos, Don Iuan hijo del Duque de Bragança, i de Torresnovas Don Iorge de Lancastro, hijo del Duque de Aveiro, De los Marqueses, de Villarreal Don Miguel de Meneses, de Alanquer, i de Castelrodriago, i de los Condes ya nombrados, de los oficiales de la casa Real, i Cavalleros Portugueses: todos con nuevas galas, i no menos costosas que las de la entrada de su Magestad en aquella Ciudad. Delante del Rey iba el Conde mayordomo mayor, i de todo el acompañamiento los Porteros con sus maças de plata, seguidos de los Reyes de Armas, Arautos, i Passavantes, con cotas de las armas de Portugal. Vestia su Magestad calças, i cuera de tafetan blanco todo quajado con guarnicion de oro, jubon, i telas de calças de tela rica de oro, i plata, i encima una ropa roçagante de tela rica de flores grandes de oro aforrada en velo de plata, de peso, todo bordado de oro a flores correspondientes a las de la tela guarnecida de un passamano ancho de riço de oro, i plata. Era la ropa larga de grande falda, con manga de punta, los braones enroscados, i el cuello mayor del ordinario, espada dorada, con talabartes, baina, i çapatos de terciopelo blanco, gorra adereçada con Perlas, i Diamantes, una pluma de los mismo con plumas, i Martinetes blancos, i en la mano un cetro de oro. La falda le llevaba el Visconde de Villanova de Cerveira Don Lorenço de Lima, i de Brito, que hizo el oficio de Camarero mayor en ausencia de Don Francisco de Saa Conde de Penaguiam, cuyo es el oficio. El Principe nuestro señor sacò otro vestido blanco, calças, i cuera bordadas de oro, jubon, i forros de la tela riça de plata bordado de oro, capa de terciopleo negro toda quajada, espada dorada con tiros de terciopleo blanco bordados, çapatos de los mismo, gorra

adereçada com Diamantes, huma rosa delles mui rica com prumas, e Martinetes brancos; sobre a capa o colar do Tusão, como tambem o levava sua Magestade sobre a roupa.

Entrados sua Magestade, e sua Alteza na sala tocarão os Ministris, e assentados elles nas suas duas cadeiras occuparão seus lugares e assentos referidos os Duques, Marqueses, Condes, Prelados, e Procuradores, todos em pee e descubertos, e o Duque de Bragança se pos com o Estoque na ponta do estrado pequeno a mão direita, o Visconde detras da cadeira de sua Magestade, o Conde Mordomo maior com o bastão na ponta do estrado grande a parte esquerda, o Porteiro maior, o Mestresala com suas canas ao pee do mesmo estrado da parte direita, e da esquerda o Veedor, e Reposteiro maior Bernardim de Tavora, os Reis de Armas, e Maceiros entre o estrado, e o primeiro banco dos Procuradores. Logo o Bispo de Miranda Dom Freyre Francisco Pereira, do Conselho de sua Magestade, sobio ao estrado grande, e feitas as devidas cortesias á sua Magestade, e Alteza, posto na ponta do mesmo estrado da parte direita, em pee, e descuberto fallou desta maneira.

Não ouve nestes Reinos cousa tam universalmente desejada, nem julgada por tam necessaria à todos, como a vinda del Rei Nosso Senhor a elles, nem que se lhe pedisse con maior instancia. Porem a Magestade divina, que tem o tempo, e o coração dos Reis em sua mão não permitio, que se dispusessem as cousas de maneira, que pudessem sua Magestade fazer esta jornada mais cedo, para que a viesse fazer em tempo em que ja se lhe não pedia nem lembrava, porque sò à elle se devesse, como nacida do desejo que tinnha de nos honrar, e fazer merce, e não pudessemos nos cuidar ou dizer, que a nossa diligencia avia nella obrado alguma cousa, e ficassem por isso mais obrigados ao amar, e servir. Assi como não quiz Deus pôr por obra a sua vinda à terra, sendo tam desejada, e necessaria se não despois que de todo avião dessistido de pedirilha, porque se não cresse que tinha alguém nella parte, e sò à elle se devesse, e desse o agradecimento, e o amor inteiro. Ese sua Magestade dilatou o vir vinte e hum annos, 5199. dilatou Deos o vir remedear ao mundo, para encarecimento da merce que lhe fazia em lhe dar juntamente a seu filho, com que não sò recompensava toda a dilação passada, mas obrigava de novo muito mais que quando ò criara. Se sua Magestade não dilatara tanto sua vinda, não pudera o Serenhissimo Principe Nosso Senhor acompanhalo, nem pudemos nos receber a honra que nos faz em o trazer consigo. Merce tamanha, que não sò recompensa a dilação que ouve, mas nos obriga de novo muito mais do que he capaz o nosso coração para o amar, e o nosso cabedal para o servir. E porque sua Magestade não para em beneficiar, e abrigar à estes Reinos; mandou ajuntar aqui oje os tres estados, para lhe fazer em huma hora duas merces juntas mui grandes, e cheas de notaveis circunstancias; huma he fazer sua Magestade tal demonstração de quanto tras diante dos olhos o governarnos bem e justamente, que quer fazer disso solene juramento, e de guardar nossos boôs usos, costumes, privilegios, graças, mercedes, liberdades, e franquezas que pelos Senhores Reis seus antecessores forão concedidas, outorgadas, e confirmadas, e ultimamente por el Rei seu pai que està no Ceo: Não sò para que as acções do governo seião daqui por diante, para com Deos de mais estimação, e merito; mas para que da obrigação à que se atta entendão todos, o que ama à estes seus vassallos, e entenderse ha melhor sabendose, que não foi nunca costume os Reis jurarem, senão quando se faz o acto do seu levantamento. E porque sua Magestade foi levantado nestes Reinos, logo que falleceo el Rei Nosso Senhor seu pai que està nmo Ceo, e não enterveo em tam o seu juramento por sua ausencia, o vem agora a fazer sem que lho ninguem pedisse. Com este acto quer sua Magestade que se entenda, que remunerara à estes Reinos, o averemno le-

adereçada con Diamantes; una rosa dellos muy rica con plumas, y Martinetes blancos: encima de la capa el Tuson, como tambien le llevaba su Magestad sobre la ropa.

Entrados su Magestad, i Alteza en la sala tocaron los Ministriles, i assentados ellos en dos sillas, ocuparon sus lugares, i assientos señalados los Duques, Marqueses, Condes, Prelados, i Procuradores: todos en pie, i descubiertos; el Duque de Bragança se puso con el Estoque en la punta de la tarima, à mano derecha, el Visconde detras de la Silla de su Magestad, el Conde mayordomo mayor con el baston en la punta del estrado a la parte izquierda; el portero mayor, el Maestresala con sus cañas al pie del estrado de la parte derecha, i de la otra el Veedor, i Repostero mayor Bernardin de Tavora, i los Reyes de Armas, i Porteros de Maça, entre el estrado, i el primer banco de los Procuradores. Luego el Obispo de Miranda Don fray Francisco Pereira del Consejo de su Magestad, subio al estrado, i hechas las devidas cortesias a su Magestad, i Alteza, puesto en la punta del mismo estrado de la parte derecha, en pie, i descubierto hablò desta manera.

Não ouve nestes Reinos cousa tam universalmente dessejada, nem julgada por tam necessaria à todos, como à vinda del Rey Nosso Senhor à elles, nem que se lhe pedisse com maior instancia. Porem à Magestade divina, que tem o tempo, e o coração dos Reis en sua mão, não permitio, que se despusessem as cousas de maneira, que pudessem sua Magestade fazer esta jornada mais cedo, para que aviesse fazer en tempo, em que ja se lhe não pedia, nem lembrava, porque sò à elle se devesse, como nacida do desejo que tinha de nos honrar, e fazer merce, e não pudessemos nos cuidar, ou dizer, que à nossa diligencia, avia nella obrado alguma cousa, e ficassem por isso mais obrigados ao amar, e servir. Asi como não quis Deus por obra a sua vinda a terra sendo tam dessejada, e necessaria se não despois que de todo avião desistido de pedirilha, porque se não cresse que tinha algum nella parte, e sò à elle se devesse, e desse o agradecimento, e o amor inteiro, e se sua Magestade dilatou o vir vinte e hum annos, cinco mil cento e noventa e nove dilatou Deos o vir remedear ao mundo, para encarecimento da merce que lhe fazia en lhe dar juntamente à seu Filho, com que não sò recompensava toda à dilação passada, mas obrigava de novo muito mais, que quando o creara. Se sua Magestade não dilatara tanto sua vinda não pudera o Serenissimo Principe nosso Senhor acompanhalo, nem pudemos nos receber a honra que nos fez em o trazer consigo. Merce tamanha, que não sò recompensa à dilação que ouve, mas nos obriga de novo muito mais do que he capaz o nosso coração para o amar. E o nosso cabedal para o servir. E porque sua Magestade não para em beneficiar, e obrigar a estes Reinos, mandou ajuntar aqui oje os tres Estados para lhe fazer em huma hora duas merces juntas mui grandes, e cheas de notaveis sircunstancias, huma he fazer sua Magestade tal demonstração de quanto tras diante dos olhos o governarnos bem, e justamente, que quer fazer disso solemne juramento, e de guardar nossos boós usos, costumes, privilegios, graças, merces, liberdades, e franquezas que pelos senhores Reis seus antecessores forão concedidas, outorgadas, e confirmadas, e ultimamente por el Rei seu pai que esta no Ceo; não sò para que as acções do governo sejam daqui por diante para com Deos de mais estimação, e merito; mas para que da obrigação a que se atta entendão todos, o que ama à estes seus vassallos, e entenderse ha melhor sabendose, que não foi nunca costume os Reis jurarem, senão quando se faz o acto de seu levantamento. E porque sua Magestade foi levantado nestes Reinos logo que falleceo el Rei nosso senhor seu pae, que està no Ceo, e não entreveo entam o seu juramento por sua ausencia, o vem agora a fazer sem que lho ninguem pedisse. Com este acto quer sua Magestade que se entenda que remunera à estes Reinos, o averemno levantado sem

vantado sem lhe pedirem que jurasse, vindo agora a jurar sem lho pedirem, e não pode deixar de passar por exemplo aos vindouros a confiança de taes vassallos, e a firmeza e verdade de tal Rei, que assi a cabo de tantos annos assegura aos que nelle confião, de que bem podemos esperar toda à merce que justa, e prudentemente nos couber, pois de seu motu proprio nos vem buscar à nos, e de seu motu proprio se vem obrigar à si. Distintamente he querer sua Magestade sobre aver entendido o grande amor, obediencia, e fidelidade, que sempre tiverão estes Reinos à seus Principes, que juremos solemnemente, e demos homenagem nas mãos do Serenissimo Principe Nosso Senhor Dom Filipe seu filho, para succeder nesta Coroa, depois dos largos e felicissimos annos de sua vida, e governo. Para acrescimento desta merce ordenou a Providencia divina, que sua Magestade tardasse tanto, porque se viera ha dez, ou doze annos ouveramos de jurar ao Principe Nosso Senhor. Sem a merece de nos ver, e sem o favor de o vermos, demais disto juraramos a hum Principe de esperanças, que ainda que fossem mui certas, e seguras, por não poder deixar de corresponder à seus progenitores, ficaria com tudo dentro do limite de esperanças, e oje o vemos e juramos, não envolto nellas, mas em claras e manifestas prerrogativas, e excellencias, taes que todos confessamosa que não coube no pensamento de nenhum de nos, o que nelle achamos, para ser servido e amado entranhavelmente de todos. Muitas graças devemos à Deos, e à sua Magestade por nos chegarem a tamanha felicidade como he conhecermos, e sabremos de certo quam bem e benignamente ficaremos governados, e herdados, quando sua Alteza depois dos largos e felices annos de sua Magestade socceder no pouco que oje em toda a Monarquia lhe falta por herdar, que o actual governo de todos os Estados, não he consideravel herança à respeito das generosas virtudes de seu pai, e passados, que já oje possue, entre as quaes já vemos resplandecer singularmente o amor que têm à estes seus vassallos Portugueses de que nace a satisfação de suas cousas, com que se têm entrado nos corações de todos, de maneira que quando nos faltarão titulos para sermos seus, nos pudera demandar por ganhados, de suas innumeraveis, e admiraveis perfeições e partes. Bem nos està a juntar ao vinculo do Amor, e fidelidade natural, o vinculo espiritual do juramento, na forma e costume destes Reinos, com que ficamos protestando as duas virtudes juntas, com que elles florecerão, e se aventajarão sempre, Amor de seus Principes, Religião de seu Deos.

Acabada esta pratica fazendo o Bispo sua cortesia á sua Magestade, e Alteza, baixou do estrado voltou ao seu lugar entre os outros Prelados, e o Doutor Nuno de Fonseca, Desembargador dos Agravos da casa da Suplicação, hum dos dous Procuradores de Lisboa, deu em nome dos tres estados (do primeiro banco onde estava) a seguinte resposta.

Muito alto Catholico e poderoso Rei, e Senhor nosso, he grande gloria de hum Rei Senhor de muitos Reinos obrigar com sua presença à que todas as nações o amem, pois Deos à quem representa na terra, de huns, e outros he Senhor, e de todos deseja ser amado. De muitos Reinos he Vossa Magestade Senhor, o maior Monarcha do Mundo glorioso sobre todos os Principes, e para que não faltasse à Vossa Magestade esta parte de gloria, ordenou a divina Providencia, que visse honrar este seu Reino, e que esperanças de tantos annos se cumprissem com esta desejada e felicissima vinda, com a qual o Amor com que todos em geral, e em particular amamos a Vossa Magestade, poder acrecer oje mais se fora possível; excede porem os limites do entendimento o modo com que Vossa Magestade nos fez esta merce, pois não sò nos obrigou com sua Real presença, mas com a do Serenissimo Principe Nosso Senhor, com jurar as graças, e privilegios que o Catholico, e Prudente Senhor Rei Dom Filipe concedeo à este Reino, final eviden-

lhe pedirem que jurasse, vindo agora a jurar sem lho pedirem, e não pode deixar de passar por exemplo aos vindouros a confiança de taes vassallos, e a firmeza, e verdade de tal Rei, que assi a cabo de tantos años assegura aos que nelle confião: de qué bem podemos esperar toda a merce que justa, e prudentemente nos couber, pois de seu moto proprio nos vem buscar à nos, e de seu motu proprio se vem obrigar à si. Distintamente he querer sua Magestade sobre aver entendido o grande amor, obediencia, e fidelidade, que sempre tiverão estes Reinos à seus Principes, que juremos solemnemente, e demos homenagem nas mãos do Serenissimo Principe nosso senhor Dom Filipe seu filho, para succeder nesta Coroa, despois dos largos, e felicissimos años de sua vida, e governo. Para crescimento desta merce ordenou tambem a providencia Divina, que sua Magestade tardasse tanto, porque se viera ha dez ou doze años, ouveramos de jurar ao Principe nosso senhor sem a merece de nos ver, e sem o favor de o vermos, demais disto juraramos a hum Principe de esperanças que ainda que fossem mui certas, e seguras, por não poder deixar de corresponder à seus Progenitores, ficaria com tudo dentro do limite de esperanças, e oje o vemos, e juramos não envolto nellas, mas em claras, e manifestas prerogativas, e excelencias, tâes que todos confessamos, que não coube no pensamento de nenhum de nos o que nelle achamos para ser servido, e amado entranhavelmente de todos. Muitas graças devemos à Deus, e à sua Magestade, por nos chegarem a tamanha felicidade como he conhecermos, e sabermos de certo, quam bem, e benignamente ficaremos governados, e herdados, quando sua Alteza despois dos largos, e felices años de sua Magestade socceder no pouco que oje em toda a Monarchia lhe falta por herdar, que o actual governo de todos os Estados, não he consideravel herança, a respeito das que ja possui das generosas virtudes de seu pai, e passados, entre as quaes ja vemos resplandecer singularmente o amor que tem à estes seus vassallos Portugueses, de que nace à satisfação de suas cousas, con que se tem entrado nos corações de todos de maneira, que quando nos faltarão titulos para sermos seus, nos pudera demandar por ganhados de suas innumeraveis, e admiraveis perfeições, e partes, bem nos esta ajuntar ao vinculo do amor, e fidelidade natural, o vinculo espirital do juramento, na forma, e costume destes Reinos, com que ficamos protestádo as duas virtudes juntas, con que elles florecerão, e se aventajarão sempre, Amor de seus Principes, Religião de seu Deos.

Acabada esta platica haziendo el Obispo su cortesia à su Magestad, i Alteza, baxò del estrado, i bolvio a su lugar entre los otros Prelados, i el Doctor Nuño de Fonseca Oydor del Consejo Real, que era uno de los dos Procuradores de Lisboa, del primer banco donde estava, dio la siguiente respuesta en nombre de los tres Estados.

Muito alto Catholico, e poderoso Rei, e senhor nosso, he grande gloria de hum Rei senhor de muitos Reinos, obrigar com sua presença a que todas as nações o amem, pois Deus a quem representa na terra, de huns, e outros he Senhor, e de todos deseja ser amado. De muitos Reinos e vossa Magestade senhor, o maior Monarcha do mundo, glorioso sobre todos os Principes, e para que não faltasse à vossa Magestade esta parte de gloria, ordenou a Divina providencia, que viesse honrar este seu Reino, e que esperanças de tantos annos se cumprissem com esta desejada, e felicissima vinda, com a qual o amor com que todos em geral, e em particular amamos a vossa Magestade, poder acrecer oje mais se fora possível excede porem os limites do entendimento, o modo com que vossa Magestade nos fez, esta merce, pois não sò nos obrigou com sua Real presença, mas com a do Serenissimo Principe nosso senhor, com jurar as graças, e privilegios que o Catholico, e Prudente senhor Rei Dom Filipe concedeo a este Reino, sinal eviden-

te da vontade com que Vossa Magestade guarda, e conserva nossos foros e liberdades, e sobre tudo ser Vossa Magestade servido que juremos por sucessor deste Reino ao Principe Nosso Senhor; merce tam alta e soberana, que nem se pode explicar, nem comprehender, porque concorrendo nelle tam heroicas virtudes proprias, e ja herdadas de Vossa Magestade, e dos outros Monarchas seus progenitores, imitando à Vossa Magestade nas merces com que nos honra, no Amor com que nos obriga, na prudencia e poder com que nos governa e defende, temos certo seu amor, segura sua liberalidade, e verdadeira esperança que este Imperio, o venha a ser todo o Universo, e mais ditoso e perpetuo, que quantos nelle florecerão, e ja parece que o ceo nos pronostica, e promete esta felicidade, ordenando se celebrasse este acto em dia que tem o nome de Boaventura. Digo pois Senhor, en nome destes Estados, que estamos com grande alvoroço para receber em forma o Santo e devido juramento de nossa fedilidade, e homenagem e obediencia, jurando por herdeiro e successor destes Reinos ao principe Nosso Senhor, que muitos annos viva, Pio, Ditoso, Inclito, Vitorioso, Triunfador, sempre Augusto, despois de muitos e felices annos de vida, que dê Deos à Vossa Magestade como desejamos.

Dada esta resposta subio ao estrado o Reposteiro maior, pos diante de sua Magestade huma cadeira rasa cuberta com hum pano de brocado, e encima della huma almofada do mesmo, e Dom João de Lancastro Capellão maior de sua Magestade, e do seu Conselho, pos sobre a almofada hum Missal aberto, e huma Cruz, sua Magestade se pos de gíolhos, e defronte delle da outra parte da cadeira rasa, se puserão de gíolhos Dom Miguel de Castro Arcebispo de Lisboa, do Conselho de Estado, Dom Ioseph de Mello Arcebispo de Evora Dom Fernão Martins Mascarenhas, Bispo que foi do Algarve Inquissidor maior de Portugal, e sua Magestade postas as mãos sobre o Missal e Cruz, fez o seguinte juramento, que de hum papel lhe hia lendo o Conde de Villanova, que nestas Cortes servio de Escrivão da puridade.

Juramos, e prometemos de com a graça de Nosso Senhor, vos reger, e governar bem, e dereitamente, e vos administrar inteiramente justifica, quanto a humana fraqueza permite, e de vos guardar vossos bôos costumes, privilegios, graças, merces, liberdades, e franquezas que pelos Reis passados nossos antecessores vos forão dados, outorgados, e confirmados.

Feito por sua Magestade o juramento se levantou, assentouse na sua cadeira, os Prelados tornarão à seus lugares, e todos os que os tinham se assentarão, e cobrirão os que diante de sua Magestade se soem cobrir. O Capellão maior, e Reposteiro maior, mudarão a cadeira com o Missal e Cruz, do estrado pequeno ao maior, onde os tres Estados avião de fazer o juramento preito omenage ao Principe nosso Senhor. A forma do juramento leo em voz alta o Escrivão da puridade, e logo o vierão fazer os Duques, Marqueses, Condes, Conselheiros, Senhores de terras, Alcaldes maiores, os Procuradores, e os Prelados por ser assi costume nos juramentos dos Principes. Os Prelados que se acharão presentes neste Acto forão o Arcebispo de Lisboa Dom Miguel de Castro Arcebispo de Evora Dom Ioseph de Mello, Dom Fernão Martins Mascarenhas Inquisidor maior, Dom frei Ieronimo de Gouvea Bispo da Capella Real, Dom Martim Afonso Mexia Bispo de Lamego, eleito de Coimbra, Dom frei João da Piedade Bispo da China, Dom João Manoel Bispo de Viseu, Dom frei Lourenço de Tavora Bispo de Elvas, Dom Rodrigo da Cunha Bispo do Porto, Dom frei António de Santa Maria Bispo de Leiria, Dom Miguel Afonso da guerra Bispo de Caboverde, Dom frei Thome de Faria Bispo de Targa, Dom Francisco de Castro Bispo da Guarda, Dom João Coutinho da Camara Bispo do Algarve, Dom frei Francisco Pereira Bispo de Miranda, Dom Ieronimo Fernando Bispo do Funchal, Dom frei Lopo de Sequeira Prior maior de Avis, e Dom frei Iorge de Mello Prior maior de Santiago.

te da vontade com que vossa Magestade guarda, e conserva nossos foros, e liberdades. E sobre tudo ser vossa Magestade, e dos outros Monarquas seus progenitores, imitando a vossa Magestade nas merces com que nos honra, no amor com que nos obriga, na prudencia e poder com que nos governa, e defende, temos certo seu Amor, segura sua liberalidade, e verdadeira esperanza que este Imperio o venha a ser de todo o universo, e mais ditoso, e perpetuo que quantos nelle florecerão; e ja parece que o Ceo nos pronostica, e promete esta felicidade ordenando se celebrasse este acto em dia, que te o nome tem de Boaventura. Digo pois senhor, em nome destes Estados, que estamos com grande alvoroço para receber em forma o Santo, e devido juramento de nossa fidelidade, e homenagem, e obediencia; jurando por herdeiro, e sucessor destes Reinos ao Principe nosso senhor, que muitos annos viva, Pio, Ditoso, Inclito, Vitorioso, Triunfador sempre Augusto, depois de muitos, e felices annos de vida, que dê Deus a vossa Magestade, como dessejamos.

Dada esta respuesta subio al estrado el Repostero mayor, puso delante de su Magestad una silla rasa cubierta con un paño de brocado, i encima una almohada de los mismo, i Don Iuan de Lancastro Capellan mayor de su Magestad, i de su Consejo, puso sobre la almohada un Missal abierto, i una Cruz, su Magestad puesto de rodillas, i enfrente del de la otra parte de la silla rasa Don Miguel de Castro Arçobispo de Lisboa, del Consejo de Estado, Don Ioseph de Melo Arçobispo de Evora, Don Fernan Martinez Mascareñas Obispo que fue del Algarve, Inquisidor general de Portugal, todos de rodillas, su Magestad puestas las manos sobre el Missal, i Cruz, hizo el siguiente juramento, que de un papel le iba leyendo Don Manuel de Castelblanco Conde de Villanova, que en estas Cortes sirvio de Escrivano de la puridad, supremo oficio de la Secretaria.

Juramos, e prometemos de com à graça de Nosso Senhor, vos reger, e governar bem, e dereitamente, e vos administrar inteiramente justiça quanto á humana fraqueza permite, e de vos guardar vossos boôs costumes, privilegios, graças, merces, liberdades, e franquezas que pelos Reis passados nossos antecessores vos forão dados, outorgados, e confirmados.

Hecho por su Magestad el juramento, se levantò, assento en su silla, los Prelados bolvieron a sus lugares, i todos los que los tenian se assentaron, i cubrieron los que delante de su Magestad se suelen cubrir; el Capellan mayor, i el Repostero mayor mudaron la silla con el Missal, i Cruz, de la tarima al estrado donde los tres Estados avian de hazer el juramento, pleito omenage al Principe nuestro señor. La forma del juramento leyo del estrado en voz alta el escrivano de la puridad, i luego le vinieron hazer los Duques, Marqueses, Condes, Consejeros, Señores de tierras, Alcaldes mayores, los Procuradores, i a la postre los Prelados por ser assi usança en los juramentos de los Principes. I los Prelados que se hallaron presentes a este acto, fueron el Arçobispo de Lisboa Don Miguel de Castro, Don Ioseph de Melo Arçobispo de Evora, Don Fernan Martinez Mazcareñas, Inquisidor general de Portugal, Don fray Geronimo de Gouvea Obispo de la Capilla Real, Don Martin Alonso Mexia Obispo de Lamego, electo de Coimbra, Don fray Iuan de la Piedad Obispo de la China, Don Iuan Manuel Obispo de Viseu, Don fray Lorenzo de Tavora Obispo de Elvas, Don Rodrigo de Acuña Obispo de Porto, Don fray Antonio de Santa Maria Obispo de Leiria, Don Manuel Alonso de la Guerra Obispo de Caboverde, Don Fray Thome de Faria Obispo de Targa, Don Francisco de Castro Obispo de la Guarda, Don Iuan Coutiño de la Camara Obispo del Algarve, Don fray Francisco Pereira Obispo de Miranda, Don Geronimo Fernando Obispo de Funchal, Don fray Lopo de Sequeira Prior mayor de Avis, i Don fray Iorge de Melo Prior mayor de la Orden de Santiago.

O modo que se teve nesta cerimonia foi, porse de giolhos cada hum dos que juravão junto da cadeira, e as mãos sobre a Cruz, e Missal, e dizer: Eu assi o juro, e faço o mesmo preito omenagem (porque todas as palavras do juraméto avia primeiro pronunciado o Duque de Bracelos quando jurou) e levantado de alli a hia fazer ao Principe Nosso Senhor, tomandolhe Sua Alteça as mãos entre as suas, e beijando a mão à sua Magestad e à Sua Alteça. Tendo todos jurado jurou o Duque de Bragança, passando à mão esquerda o Estoque, que teve sempre na derecha, a qual posta no Missal jurou, e foi fazer o preito omenagem nas mãos do Principe, e beijar a mão à sua Magestade, e Alteça como os demais, e se tornou com o Estoque ao seu posto, e depois do Duque jurou o Escrivão da puridade, que sempre assistio de giolhos à todos os outros juramentos, os quaes acabados, disse o Principe Nosso Senhor ao Escrivão da puridade que aceitava os ditos juramentos, e omenages, e o Escrivão da puridade o disse assi em voz alta posto no meio do estrado, com que se acabou este acto do juramento, tocarão os Ministris, e sua Magestade e Alteça se subirão aos seus aposentos com o mesmo acompanhamento com que delles baixarão.

Qvatro dias depois que forão os dezoito de Iulho, se fez a proposição das Cortes, na mesma sala do juramento, que estava com o mesmo ornato, e estrados, e no pequeno huma cadeira sò para sua Magestade, e para os Duques, Marqueses, Condes, Prelados, e Procuradores seus referidos assentos, no acto do juramento. Baixou sua Magestade do seu aposento vestido de branco, e ouro com outra roupa roçagante de tela de prata e ouro rica, forrada em tafeta dobre branco aprensado guarnecida com hum passamano de ouro ao canto, e o mais na conformidade passada, acompanhado somente do Mordomo maior, e officiaes da casa Real, e diante os Maceiros e Reis de armas, e entrando na sala não tocarão os Ministris, nem os ouve, porque neste acto se não usão. Sentado sua Magestade na sua cadeira, lhe pos diante o Reposteiro maior huma almofada de brocado em que o Conde de Villanova, Escrivão da puridade, pos os sellos della. Logo tomarão seus lugares, o Visconde (que levava a fralda a sua Magestade) detras da sua cadeira; no estrado grande junto ao pequeno da parte derecha Dom Francisco Luis de Lancastro Commendador maior de Avis, que fazia o officio de Guarda maior, e junto a elle Iorge de Sousa de Meneses, que fazia o officio de Copeiro maior, com o Estoque levantado na mão derecha. Da outra parte estavam o Mordomo maior, e o Meirinho maior Dom Francisco de Castelbranco, Conde de Sabugal, com huma vara na mão todos cinco em pee, e assentados o Escrivão da puridade no degrão do estrado pequeno junto da almofada dos sellos, os Duques de Bragança, e Barcellos em suas cadeiras, como os Marqueses nas suas, e os Prelados, Condes, Conselheiros, Senhores de Terras, Alcaldes maiores, e Procuradores em seus bancos dispostos como no acto passado do juramento. No primeiro degrão do estrado grande se assentarão os Veedores da fazenda, Luis da Silva do Conselho de Estado, e Rui da Silva; no segundo degrão, Manoel de Vasconcellos Regedor da casa da Suplicação, e Diogo Lopez de Sousa Governador da Relação do Porto com suas varas na mão, o Chançarel maior, e os Desembargadores do Paço, e no terceiro e mais baixo de grão se assentarão os Desembargadores da casa da Suplicação. O Porteiro maior, Reposteiro maior, Veedor, e Mestresala, estiverão em pee junto ao mesmo degrão, e os Maceiros, e Reis darmas como no acto passado. Assentados todos em seus lugares, o Bispo de Miranda subio ao estrado, e posto na ponta derecha delle em pee, e descuberto fez a proposição das Cortes em nome de sua Magestade, com esta pratica.

Por mais que el rei Nosso Senhor aja deixado, e tenha os vassallos destes seus Reinos sumamente contentes, e mais que por extremo agradecidos, do juramento que lhes fêz, e do

El modo que se tuvo en esta ceremonia, fue ponerse cada uno de rodillas, las manos en la Cruz, i Missal, i dezir: *Eu assi o juro, e faço o mesmo preito omenagem* (porque todas las palabras formales del juramento avia primero pronunciado el Duque de Barcelos quando jurò) i levantado de alli la iva hazer al Principe nuestro señor, tomándole su Alteza las manos entre las suyas, i besando la mano a su Magestad, i a su Alteza. Aviendo todos jurado jurò el Duque de Bragança, passando à la mano izquierda el Estoque que tuvo siempre en la derecha: la qual puesta en el Missal jurò, i fue hazer el pleito omenage en las manos del Principe, i besar la mano a su Magestad, i Alteza, como los demas, i se torno con el Estoque à su puesto, i despues del Duque jurò el escrivano de la puridad que siempre avia assistido de rodillas à los otros juramentos, los quales acabados dixo el principe nuestro señor al escrivano de la puridad, que acetava los dichos juramentos, pleitos omenages, i el escrivano de la puridad lo dixo en voz alta puesto en medio del estrado, con que se acabò este acto de juramento: tocaron los Ministriles, i su Magestad, i Alteza subieron a su quarto con el mesmo acompañamiento con que del avian baxado a la sala.

Quatro dias despues, que fueron 18 de Julio, se hizo la proposicion de las Cortes en la misma sala del juramento, que estava con el mismo adorno, estrado, tarima, en ella una sola silla para su Magestad, i para los Duques, Marqueses, Condes, Prelados, i Procuradores, sus ordinarios i referidos assientos. En el acto del juramento baxò su Magestad de su quarto vestido de blanco, i oro, con otra ropa roçagante de tela de plata, i oro riça aforrada en tafetan doble prensado, guarnecida con un passamano de oro al canto, i lo demas en la conformidad passada; acompañado del mayordomo mayor, i oficiales de la casa Real, i delante los Maceros, i Reyes de armas: entrado en la sala no se tocaron Ministriles, ni los huvo, porque en este acto no se usan. Sentado su Magestad en su silla, puso el Repostero mayor delante de su Magestad en la tarima una almohada de brocado, en que el Conde de Villanova escrivano de la Puridad puso los sellos della; luego tomaron sus lugares el Visconde que traìa la falda de su Magestad detras de su silla, en el estrado junto a la tarima de la parte derecha Don Francisco Luis de Lancastro Comendador mayor de Avis, que hazia el oficio de guarda mayor, i junto à el Iorge de Sousa de Meneses, que hazia el oficio de Copero mayor con el Estoque levantado en la mano derecha; de la otra parte estavan el mayordomo mayor, i el Merino mayor Don Francisco de Castelblanco Conde de Sabugal, con una vara en la mano todos cinco en pie, i assentados el escrivano de la Puridad en la grada de la tarima cerca de los sellos, los Duques de Bragança, i Bracelos, en sus sillas como los Marqueses en las suyas, i los Prelados, Condes, Consejeros, Señores de tierras, Alcaldes mayores, i Procuradores en sus bancos, dispuestos como en el acto passado del juramento. En la primera grada del estrado se assentaron los Veedores de la Hazienda Real, Luis de Silva, del Consejo de Estado, i Ruy de Silva; en la segunda grada, Manuel de Vasconcelos Regidor de la Iusticia, i Diego Lopez de Sosa Governador de la Chancilleria del Porto, entrambos con varas en las manos, el Chanciller mayor, i los Oydores de Camara que son del Consejo del Rey, i se llaman Desembargadores de Palacio. En la tercera grada, i mas baxa estuvieron assentados los Oydores del Consejo Real llamados Desembargadores de la casa de la Suplicacion, el Portero mayor, Repostero mayor, Veedor, i Maestresala en pie junto a la misma grada, i los Reyes de Armas, i Maceros como en el acto passado. Assentados todos en sus lugares, el Obispo de Miranda Don fray Francisco Pereira subio al estrado, i puesto en la punta derecha del, en pie, i descubierto, hizo la proposicion de las Cortes en nombre de su Magestad, con esta platica.

Por mais que el Rei nosso senhor aja deixado, e tenha os vassallos destes seus Reinos sumamente contentes, e mais que por extremo agradecidos, do juramento que lhes fêz, e do

que elles ao principe Nosso Senhor fizerão, não julgou Sua Magestade que tamanhas merces erão bastantes effeitos de sua vinda, e vista, e acrescentando à elles por sua Real clemencia, foi servido mandar que se juntassem aqui os tres Estados, para lhes fazer outra mais importante e necessaria merce, que as referidas; porque a que nos fez de jurar nossos privilegios (ainda que pelo que manifestou de seu amor, e desejos de nos fazer merce, e honra seja incomparavel) se não fora para exemplo pudera escusarse com estes seus vassallos Portugueses, que nunca duvidamos que nos governaria ao diante, como avia feito os XXI. annos atrasados, com a mesma integridade, e observancia de nossas liberdades, e leis. Tambem (se não fora para servir ao costume) pudera escusarse o juramento e omenagem que fizemos, e demos à Sua Alteça porque avendolhe Deos, e a natureza dado tal pai, e tam grande superioridade sobre todos os nacidos, para ser sobre todos amado, servido e obedecido, certo he que no teriamos os Portugueses mais força a fe depois de o averem jurado, que o amor depois de o averem visto. A merce de todas as maneiras importante, e necessaria he que a sua Magestade nos faz, oje, mandando convocar Cortes, para (conferindo nellas o parecer de todos) proceer o que mais convier ao serviço de Deos, e ao bem publico de todos estes Reinos, que he a intenção que sua Magestade Declara que tem nellas, conforme ao que sempre, e sobre tudo procurou e desejou, des que os governa. Descobre sua Magestade zelo, e amor de Deos, e dos subditos, e quantos atributos em hum bom Rei, e senhor podião meditar-se e desejarle, pois vem a pretender, e querer de nos, o que nos aviamos de querer e pretender de Deos e delle, nem se podra esperar menos de sua benignidade, se não que vendo, e conhecendo quam estreitamente nos une o amor de nossos Principes, nos viesse seu favor à unir à nos mesmos no bem universal de todos. Em consequencia d'isto encomenda e manda, que cada hum dos braços lhe diga, e proponha meios que parecerem mais convenientes, e conformes para conseguir seus santos intentos, da honra, e serviço de Deos primeiro, e depois da utilidade publica. Duas cousas são as que se podem e devem reduzir todas as pretenssões, e interesses que podemos e devemos ter presentes: porque a honra, e serviço de Deos, e dos Reis não são cousas distintas, que na pessoa e officio de Rei se faz Deos na terra visível, e tratavel como autor, e conservador da natureza, e nobreza, e assi se tratara do serviço de Deos melhor, quando se bem tratar do serviço del rei Nosso Senhor, como se trata melhor do bem de cada hum, se primeiro se trata do bem publico pretende separarse. Em vão se guarda a Cidade se Deos a desampara, e em vão provee cada hum a sua casa, se a Cidade em que ella està se perde. A natureza das Cortes he só para tratar do bem comum, que veria a receber total offensa se nellas o respeito particular tevesse voto; e assi encarrega sua Magestade, e avisa, que postos os olhos sò em Deos, e no bem publico, se deponhão todos os mais singulares interesses. He bem conforme a razão, porque para o que importa à cada hum de nos, tivessesmos, e temos (à Deos graças) hum Rei de todas as horas, a que podemos buscar, e achar sempre, e o bem commum destes Reinos (que têm mais necessidade, e desamparo) não têm mais que este determinado tempo, ou para seu reparo, ou para seu augmento, e se nos lho roubarmos, alem de que a restituição do tempo he impossivel, fariamos notavel erro contra nos mesmos, e contra a confiança que sua Magestade faz, de nossa fidelidade, e prudencia, porque deitaramos à perder hum remedio que he tam raro, e que vem tam tarde, se agora nos não aproveitarmos delle, a fora o que nos perdemos, fazemos perjuizio grande a os vindouros, e a os mesmos beneficos, que desta diligencia, e vinda de sua Magestade resultarem. Porque se os fizermos particulares pararão em nos, e perecerão com nosso, e se forem comuns vivirão com nosco, e passarão à se lograr doutros em outras idades, em que louvarão à Deos, e à el Rei nosso Senhor, os povos que nacerem. Não he para crer de nos que ajamos de perder huma tal occasião, e que he offerecida, e dada de tal Rei, e Senhor, com taman-

que elles ao Príncipe nosso senhor fizerão, não julgou sua Magestade que tamanhas merces erão bastantes, e feitos de sua vinda, e vista, e acrecentando à ellas por sua Real clemencia, foi servido mandar que se juntassem aqui os tres Estados, para lhes fazer outra mais importante, e necessaria merce que as referidas, porque a que nos fez de jurar nossos privilegios (ainda que pelo que manifestou de seu amor, e desejos de nos fazer merce, e honra seja incomparavel) se não fora para exemplo, pudera escusarse con estes seus vassallos Portugueses, que nunca duvidamos que nos governaria ao diante, como avia feito os 21 años atrassados, con a mesma integridade, e observancia de nossas liberdades, e leis, tambem (se não fora para servir ao costume) pudera escusarse o juramento, e omenagem que fizemos, e demos à sua Alteza, porque avendolhe Deos, e a natureza dado tal pae, e tam grande superioridade sobre todos os nacidos, para ser sobre todos amado, servido, e obedecido, certo es que não teria com os Portugueses mais força a fêe despois de o averem jurado, que o amor despois de o averem visto. A merce de todas as maneiras importante, e necessaria a que sua Magestade nos faz, oje mandando convocar Cortes para (conferindo nellas o parecer de todos) prover o que mais convier ao serviço de Deos, e ao bem publico de todos estes Reinos, que he a intenção que sua Magestade declara que tem nellas, conforme ao que sempre, e sobre tudo procurou, e desejou des que os governa. Descobre sua Magestade o zelo e amor de Deus, e dos subditos, e quantos atributos em hum bom Rei, e Senhor podião meditar-se, e dessejarse, pois vem a pretender, e a querer de nos, o que nos aviamos de querer, e pretender de Deos, e delle, nem se podia esperar menos de sua benignidade, se não que vendo, e conhecendo quam estreitamente nos une o amor de nossos Principes, nos viesse seu favor a unir a nos mesmos no bem universal de todos. Em consequencia disto encomenda, e manda, que cada hum dos Braços lhe diga, e proponha os meios que parecerem mais convenientes, e conformes para conseguir seus santos intentos da honra, e serviço de Deos primeriro, e despois da utilidade publica. Duas cousas são as que se podem, e devem reduzir todas as pretensões, e interesses que podemos, e devemos ter presentes. Porque a honra, e serviço de Deos, e dos Reis não são cousas distintas, que na pessoa, e officio de Rei se faz Deos na terra vesivel, e tractavel, como autor, e conservador da natureza, e nobleza, e assi se tratarà do serviço de Deos melhor quando se bem tratar do serviço del Rey nosso senhor, como se trata melhor do bem de cada hum, se primeiro se trata do bem publico, que o bem particular nunca he seguro, se do bem publico se pretende separarse; em vão se guarda a Cidade se Deos a dessampara, e em vão provee cada hum a sua casa, se a Cidade em que ella esta se perde. A natureza das Cortes, he só para tratar do bem comum que viria a receber total offensa, se nellas o respeito particular tivesse voto; e assi encarrega sua Magestade, e avisa, que postos os olhos sò em Deos, e no bem publico, se deponhão todos os mais singulares interesses. He bem conforme a razão, porque para o que importa a cada hum de nos; tivessesmos, e temos (a Deos graças) hum Rei de todas as horas a que podemos buscar, e achar sempre, e o bem comum destes Reinos (que tem mais necessidade, e desamparo) não tem mais que este determinado tempo, ou para seu reparo, ou para seu augmento, e se nos lho roubarmos, alem de que a restituição do tempo he impossivel, fariamos notavel erro contra nos mesmos, e contra a confiança que sua Magestade faz, de nossa fidelidade, e prudencia, porque deitaramos a perder hum remedio que he tam raro, e que vem tam tarde se agora nos não aproveitamos delle, e afora a que nos perdemos, fazemos perjuizo grande a os vindouros, e a os mesmos beneficios que desta diligencia, e vinda de sua Magestade resultarem, porque se os fizermos particulares pararão em nos, e perecerão com nosco, e se forem comuns vivirão com nosco, e passarão a se lograr doutros em outras idades, em que louvarão a Deos, e a el Rei nosso senhor os Povos que nacerem: não he para crer de nos que ajamos de perder huma tal occasião, e que he offerecida, e dada de tal Rei, e Senhor com taman-

hos desejos de aproveitarnos, e taes entranhas de Amor para com nosco, que he impossivle que possamos ja em algum tempo ficar vivos, e gratos.

Acabada a pratica se tornou o Bispo ao seu lugar, e o Doutor Nuno da Fonseca, hum dos dous Procuradores de Lisboa, em nome de todos os tres Estados deu esta resposta.

Muito alto Catholico, e poderoso Rei e Senhor nosso, entre as muitas, e grandes merces que Vossa Magestade fez à este Reino, não he a menor a que oje recebemos, em se celebrarem estas Cortes; porque ainda que os Reis vossos predecessores como Christianissimos, e zelosos do bem commum, tratassem com muito cuidado delle, nas que se fizerão em seu governo, com tudo pelo discurso do tempo, as cousas se varião, e algumas se não derão a execução, fica esta obra tam santa, necessaria, e digna de vossa Real grandeza. Esperamos da summa bondade de Deos, e da especial providencia que sempre mostrou ter em semelhantes ajuntamentos, que neste se ordene tudo de maneira, en augmento de nossa Santa Fê Catholica, conservação da justiça, e bom governo deste Reino, que creça em grandes prosperidades, principalmente avendo da parte de Vossa Magestade o zelo santo que conhecemos, prudentissimo conselho, e Real magnificencia que experimentamos; de que tudo nos nace confiança certa, que não sera necessario pedir, rogar, e inflar, mas sò propor o que parecer convem ao bem publico, e com muita razão. Porque se Vossa Magestade nos tem feito tantas merces sem as pedirmos, e algumas sem ainda chegarmos a desejadas, de maneira que nos podemos chamar verdadeiramente ditosos, e não ter o queixume que contra a fortuna tinha o grande Iulio Cesar, pois anticiparão nossos desejos: e por remate de nosso bem nos deu Vossa Magestade ao Serenissimo Principe Nosso Senhor, que cousa avera por mais difficulosa que seja, que não alcancemos, maiormente que o que se representar em favor do bem comum, e acrecentamento desta Coroa he em serviço de Vossa Magestade, que huma cousa não he distinta e diversa da outra. Da nossa parte não temos de novo que offerecer, porque obrigados de lonje com extrãordinarios favores, e assinaladas merces, temos dado à Vossa Magestade as vontades com grande promptidão à seu Real serviço, desejando que fora o poder conforme a ellas, e à nossa antigua lealdade, para mostrar o que sempre confessamos, que nehuns outros vassallos têm tanta razão de servir e amar a seu Rei e Senhor, quanta nos temos.

Dada esta resposta, mandou sua Magestade ao Escrivão de puridade, que recolhesse os sellos, e ao Reposterio maior tirasse a almofada em que estiverão, com que se acabou este acto da proposição das Cortes, e sua Magestade deceo do estrado para se recolher ao seu aposento, e antes que saísse da sala disse em voz alta Francisco Pereira de Betancor Escrivão da Camara, que sua Magestade mandava, que os tres Estados se juntassem o dia seguinte, o Ecclesiastico no Mosteiro de São Domingos, o da Nobreza em São EIoy, e os Procuradores no de São Francisco, como o fizerão muitos dias, para tratar do que nas Cortes se avia proposto, e sua Magestade se subio ao seu aposento, não permitindo que o acompanhassemn mais que os seus officiaes que com elle baixarão.

COMEDIA.

Os Padres da Companhia de Iesus festejarão à sua Magestade, e Altezas, com huma Tragicomedia, intitulada el Rei Dom Manoel Conquistador do Oriente; representouse no seu Collegio de São Antão, em duas tardes dos dias 21. e 22. de Agosto, autor o Padre Antonio de Sousa, Mestre da Reitorica do mesmo Collegio, os representantes os estudantes nelle, e a lingua a Latina Competio a Magestade, ornato, e

hos dessejos de aproveitarnos, e tâes entranhas de amor para com nosco, que he impossivel que possamos ja em algum tempo ficar vivos, e gratos.

Acabada la platica se tornò el Obispo a su lugar, i el Doctor Nuño de Fonseca, uno de los dos Procuradores de Lisboa, dio en nombre de todos los tres Estados esta respuesta.

Muito alto, Catholico, e poderoso Rei, e Senhor nosso, entre as muitas, e grandes merces que vossa Magestade fez à este Reino, não he a menor a que oje recebemos, em se celebrarem estas Cortes, porque ainda que os Reis vossos predecessores, como Christianissimos, e zelosos do bem comum, tratassem con muito cuidado delle nas que se fizerão em seu governo, com tudo pelo discurso do tempo as cousas se varião, e algumas se não derão à execução, fica esta obra tam santa, necessaria, e digna de vossa Real grandeza. Esperamos da suma bondade de Deos, e da especial providencia, que sempre mostrou ter em semelhantes ajuntamentos, que neste se ordene tudo de maneira, em augmento de nossa Santa Fê Catolica, conservação da justiça, e bom governo deste Reino, que creça em grandes prosperidades, principalmente avendo da parte de vossa Magestade o zelo santo que conhecemos, prudentissimo conselho, e Real magnificencia que experimentamos, de que tudo nos nace confiança certa, que não sera necessario pedir, rogar, e instar, mas sò propor o que parecer convem ao bem publico, e com muita razão, porque se vossa Magestade nos tem feito tantas merces sem as pedirmos, e algumas sem ainda chegarmos a desejadas, de maneira que nos podemos chamar verdadeiramente ditosos, e não ter o queixome, que contra a fortuna tinha o grande Iulio Cesar, pois anticiparão nossos dessejos, e por remate de nosso bem nos deu vossa Magestade ao Serenissimo Principe nosso senhor, que cousa avera por mais dificullosa que seja, que não alcancemos, maiormente que o que se representar em favor do bem comum, e acrecentamento desta Coroa, he em serviço de vossa Magestade, que huma cousa não he distinta e diversa da outra. Da nossa parte não temos de novo que offerecer, porque obrigados de lonje com extraordinarios favores, e assinaladas merces: temos dado a vossa Magestade as vontades, com grande promptidão a seu Real serviço, dessejando que fora o poder conforme à ellas, e à nossa antigua lealdade, para mostrar o que sempre confessamos, que nehuns outros vassallos têm tanta razão de servir, e amar a su Rei, e senhor quanta nos temos.

Dada esta respuesta mandò su Magestad al escrivano de la Puridad, que recogiese los sellos, i al Repostero mayor quitasse la almohada en que avian estado, como entrambos lo hizieron, con se acabò este acto de la proposicion de las Cortes, i su Magestad baxò del estrado para se recoger a su quarto, i antes que saliesse de la sala dixo en voz alta Francisco Pereira de Betancor, Secretario de Camara, que en Portugal se llama escrivano de Camara, que su Magestad mandava, que los tres Estados se juntassen el dia siguiente, en el Monasterio de Santo Domingo el Estado Eclesiastico, el de la Nobleza en el de San Eloy, i el Popular en el de San Francisco, como lo hizieron muchos dias, para tratar de lo que en las Cortes se avia propuesto, i su Magestad se subio a su quarto, no permitiendo que le acompañassen los Grandes, ni otra persona mas que sus oficiales.

COMEDIA.

Los Padres de la Compañia de Iesus festejaron a su Magestad, i Altezas con una Tragicomedia, intitulada el Rey Don Manuel conquistador del Oriente: representose en su Colegio de San Anton, en dos tardes de los dias ventiuno, i ventidos de Agosto, Autor el Padre Antonio de Sosa, Maestro de Retorica del mismo Colegio, los representantes los estudiantes, i la lengua la Latina: competio la magestad, adorno, i

aparato desta Tragicomedia com toda a maior grandeza com que sua Magestade foi recebido em Lisboa; as figuras que sairão no teatro passarão de 350. os animaes, Aves, e monstros Marinhos, mais de 40. estes com tanta propriedade representados, que poderão enganar aos que não avião visto os naturaes; não menor propriedade se guardou nos trajes das figuras, cuja riqueza foi inestimável, porque os brocados, as telas, os bordados, os Diamantes, Rubis, Esmeraldas, Zafiras, e Perolas não tiveram numero, figura ouve que levou mais de mil Diamantes, muitos delles de notavel tamanho, outras tantas Perolas, 200. Rubis, quatro mui grandes Esmeraldas, huma Coroa guarnecidas as suas pontas de muitos Diamantes, e Rubis, e à este respeito aparecerão todas ornadas. O teatro tinha 145. palmos de comprido, e noventa de largo; destes occupava 60. a Scena, que a esta parte se arrimava repartidos em tres espaços iguaes, o de meio que era de huma fachada de Architectura, se dividia em tres altos, no superior estava a representação de gloria. Aparecia nella sobre o azul de que estava armada, nuvê de volantes de prata, em meio dellas hum grande resplendor de ouro, e abaixo do resplendor hum trono de quatro degrãos cubertos de nuvê, sobre as quaes se vião catorze Anjos, oito no primeiro degrão, quatro no segundo, e dous no terceiro; com varios instrumentos de musica nas mãos, que a seu tempo tocarão com grande harmonia, e se descubrio a fermosura deste espectáculo, que com cortinas estava cuberto. No corpo inferior avia dous grandes nichos, o da mão direita srvio para a casa de Eolo, e o da esuerda era huma boa do Inferno, e os outros dous lados da Scena, erão duas portas pelas quaes saião e entravão as figuras. No lado fronteiro da Scena avia muitas ordens de assentos, e dos outros dous maiores hum cerrava a fabrica do Collegio, e arrimado à ella sobre o teatro avia tres aposentos que occupavão todos os cento e quarenta palmos; no do meio esteverão sua Magestade, e Altezas, à sua parte direita os senhores Castelhanos, e Portugueses, e à esquerda as Damas. O outro lado se terminava com huns balaustes baixos que não estorvavão a vista, de humas frescas hortas, e dos sumptuosos edifícios da Cidade, que de aquella parte aparecião.

Fez Lisboa o Prologo acompanhada do Rio Tejo, e da Serra de Sintra, levava Lisboa hum Escudo das suas armas ricamente obrado, o toucado se formava de huma muralha de prata, de cujo meio se levantava huma torre de omenagem feita de Diamantes, nas portas dos muros estavam as imagens dos Santos de que ellas tomão o nome, erão as imagens de ouro, e de Diamantes, Rubis, e Zafiras, Sintra sobre a dourada grenha, levava huma grinalda de varias flores por remate hum castanheiro carregado de ouriços, e na mão hum cestinho de prata com diversas frutas. Do Tejo era a sua insignia huma Vrna de Prata debaixo do braço esquerdo, vertendo claras agoas, e na mão direita hum remo prateado.

JORNADA PRIMEIRA.

Saio a Idolatria assentada sobre o Cão Cerveiro, trazia no peito huma imagem de ouro de Diana de perfeita escultura guarnecida com Diamantes, na mão direita huma rica copa de prata dourada, acopanhavamna a Perfídia, e a Cegueira suas ministras; esta trazia os olhos bendados, e por divisa huma Toupeira, guiava por hum bordão que era huma cobra hum diabinho. Da Perfídia era o remate do toucado huma Raposa, e o bordão huma ligeira, e quebradiça cana.

Vinhase gloriando a Idolatria com suas companheiras de que tinha debaixo do seu dominio a maior parte do Mundo, que determinava fazer o assento do seu Imperio no Oriente, onde estaria segura do Culto Divino, manda a Perfídia que chame os Sacer-

aparato desta Tragicomedia con toda la mayor grandeza con que su Magestad fue recebido en Lisboa; los personajes que salieron al tablado passaron de trezientos i cincuenta; los animales, aves, i monstruos marinos mas de quarenta; estos con tanta propiedad representados, que pudieran engañar a los que no avian visto los naturales. No menor propiedad se guardò en los trajes de los personajes, cuya riqueza fue inestimable; porque los brocados, las telas, los bordados, los Diamantes, Rubies, Esmeraldas, Zafiros, i Perlas, no tuvieron numero: figura huvo que llevò mil Diamantes, muchos dellos de notable tamaño, ochocientas Perlas grandes, duzientos Rubies, quatro muy grandes Esmeraldas, una Corona con las puntas guarnecidas de muchos Diamantes, i Rubies; i a este respeto salieron todas adornadas, en que avia tanto que mirar, como avia que gustar de lo que se representava en la Tragicomedia. El tablado tenia ciento i quarenta i cinco pies de largo, i noventa de ancho, destos ocupavan sesenta la Scena, que a esta parte se arrimava, repartidos en tres espacios iguales, el de medio que era una fachada de architettura se dividia en tres cuerpos: en el superior estava la representacion de la Gloria. Aparecian en ella sobre lo azul de que la quadra estava colgada, nubes de plateados volantes, en medio dellas un gran resplandor de oro cercado de arboles colorados, i abaxo del resplandor un trono de quatro gradas cubiertas de nubes, sobre las quales estavan catorze Angeles, ocho en la primera grada, quatro en la segunda, i dos en la primera, con varios instrumentos de musica en las manos, que à su tiempo tocaron con gran armonia, i se descubrio la hermosura deste espectaculo, que con cortinas estava cubierto. En el cuerpo inferior avia dos nichos grandes, el de la mano derecha sirvió para la casa de Eolo, i el de la izquierda era una boca del infierno, i los dos lados de la Scena eran dos puertas, por las quales salian, i entravan las figuras. El lado frontero de la Scena estava hecho a manera de teatro con muchas ordenes de assientos; de los otros dos mayores el uno cerrava la fabrica del Colegio, i arrimado à ella sobre el tablado avia otro que ocupava todos los ciento i quarenta pies: tenia de alto doze, i en medio del un aposento en que estuvo su Magestad, i Altezas; a la parte derecha los Grandes, i señores de Castilla, i Portugal, i a la izquierda las Damas, con unas varandillas baxas se terminava el otro lado opuesto à este, que no estorvavá la vista de unas frescas huertas, i de los suntuosos edificios de la Ciudad, que de aquella parte aparecian.

Hizo Lisboa el Prologo acompañada del Rio Tajo, i de la Sierra de Cintra: llevaba Lisboa un escudo de sus armas ricamente obrado, el tocado se formava de una muralla de plata, de cuyo medio salia una torre de Omenage hecha de Diamantes, en las puertas de la muralla estavan las Imagenes de los Santos que de ellas toman el nombre: eran las imagenes de oro, i de Diamantes, esmeraldas i Zafiros Cintra sobre la rubia, i suelta greña llevaba una guirnalda de varias flores, i por remate un fresco Castaño cargado de espinosos Erizos, i en la mano un cestillo de plata con diversas frutas. Del Tajo era su insignia una Vrna de plata debaxo del braço izquierdo vertiendo claras aguas, i en la mano derecha un remo plateado.

IORNADA PRIMERA.

Salio la Idolatria assentada sobre el Can Cerbero, llevaba en el pecho una Imagen de oro de la Diosa Diana de perfecta escultura, guarnecida con Diamantes, i en la mano derecha una rica copa de plata dorada: acompañavan la Perfidia, i la Ceguera sus ministras; esta trahia los ojos bendados, i por divisa un Topo, guiavala por un baculo, que era una gran Culebra un diablillo; la Perfidia trahia por remate del tocado una Zorra, i por bordon una ligera i quebradiza caña. Veniase gloriando la Idolatria con las compañeras, de que tuviesse debaxo de su yugo la mayor parte del mundo, que determinava hazer su assiento en el oriente, donde estaria segura del Culto Divino, manda a la Perfidia que llame los Sacer-

dotes para que fação sacrificios, os quaes começados por elles caio o Altar, e de tam mão agouro se recolherão com mostras de sentimento.

Entrou o Culto Divino com a Fè, e Piedade, trazia o Culto Divino na cabeça huma rica Tiara, na mão hum tribulo dourado, de que saia cheiroso fumo. A Fè por remate do toucado hum Caliz de ouro com huma Hostia, na mão hum Crucifixo, a Piedade hum piveteiro de prata, vinhãose lamentando do estrago que no Mundo fazia a Idolatria, e de não aver quem as levasse ao Oriente. Abriose a Gloria com suave musica baixou della o Anjo Custodio do Oriente, consolou ao Culto Divino, annuncioulhe alegres novas, que el Rei de Portugal Dom Manoel, dilataria a Fè nas partes Orientaes, mandalhe que se veja com elle, e que lhe dee huma esfera que trazia na mão. Subiosse o Anjo à Gloria, e recolhido o Culto Divino, aparece hum diabo, queixandosse do dano que recea pelo que ha entendido. Ve entrar á el Rei Dom Manoel, escondesse para saber o que se tratava no seu Conselho.

Vinhão diante del Rei Dom Manoel dous porteiros de canas, e quatro com maçãs de prata, dous Reis de Armas com suas cotas das armas Reaes, seguirão 14. pagés, hum Secretario, tres Conselheiros, e o Mordomo mor. Dà conta el Rei aos Conselheiros de hum sonho, no qual vira huma esfera, e quem lha mostrava lhe persuadia que executasse o que o Ceo nella lhe queria dar a entender, tratandosse entre os Conselheiros da significação do sonho; apparece o Culto Divino com a esfera a presentá à el Rei, referindolhe o que o Anjo lhe avia dito, e reconhecido por sua Alteza o aviso do Ceo, le resolve de mandar descobrir o Oriente, para o que manda que chamem à Vasco da Gama, veio elle com os Capitães e soldados que estavam alistados para esta empresa, nomeão el Rei por Capitão geral della, entregalhe o Estandarte Real para que se va a embarcar, com que todos se recolherão. O demonio que estava escondido com grão pezar do que ouvira chama as portas do Inferno a Lucifer, apparece a boca infernal aberta, saie della com gram ruído fogo, e fumo sete demonios com Lucifer; manda chamar a Idolatria, e vinda lhe da conta da determinação del Rei, reprehende ella os demonios porque não queimarão os Navios no porto, conjurados todos contra os navegantes Portugueses se recolherão do teatro.

Entrou nelle Lisboa com a sua companhia do Tejo, e Sintra, prometendosse mil felicidades, com a resolução que el Rei ha tomado, encontrasse com Vasco de Gama, que se hia embarcar, dalhe o parabem, e manda ao Tejo, que com os pastores das suas ribeiras celebrem a sua partida; vierão treze delles dançarão ao pastoril ao som de frutas: hida Lisboa Vasco da Gama chama o Piloto maior da armada, entendendo delle que està aprestada se vai embarcar.

As vozes de boa viagem que davão marinheiros entrou huma Não de mais de 30. palmos de largo perfeitissimamente acabada, com as velas dadas, chea de bandeirinhas, e galhardetes, e dez peças de artelheria, com seu Piloto, e marinheiros, na qual vinha embarcado Vasco da Gama, acompanhavão a Não cinco Tritões, e quatro Se-reas, que sobre as fingidas ondas do Mar per que ella navegava vinhão tangendo e cantando mui suavemente, á que respondião da Não os marinheiros com alternada musica Portuguesa, corn que se rematou esta primeira jornada.

JORNADA SEGUNDA.

Entrou o Oceano, trazia na cabeça huma Coroa feita de conchas de prata, e as pontas della guarnecidas com Perolas, na mão hum Tridente, vinha assentado em hum carro formado de dous Delfins, e de grandes conchas prateadas, entre volantes de prata

dotes para que hagan sacrificio, el qual comenzado por ellos se cae el Altar, de tan mal agüero se salen del tablado con muestras de gran sentimiento.

Entrò el Culto Divino con la Fè, i Piedad, el Culto Divino llevaba en la cabeça una rica Tiara, i en la mano un dorado incensario de que salia oloroso humo: la Fè por remate del tocado un Caliz de oro con una Hostia, i en la mano un Crucifixo, la Piedad un pevetero de plata. Venian lamentandose del estrago que la Idolatria hazia en el Mundo, i de no aver quien las llevasse al Oriente. Abriose la Gloria con suave musica, baxò della el Angel Custodio del oriente, consuela al Culto Divino, anunciale alegres nuevas, que el Rey de Portugal Don Manuel dilatarà la Fè en las partes Orientales; mandale que se vea con el, i que le dè una Esfera que trahia en la mano: Subiose el Angel a la Gloria, recogido el Culto Divino aparece un demonio quexandose del daño que rezela, por lo que ha entendido: vee venir al rey Don Manuel, escondese para saber lo que se huviere de tratar en su Consejo.

Venian delante del Rey Don Manuel dos porteros de cañas, y quatro con maças de plata, dos Reyes de Armas con sus cotas de las armas Reales: seguian catorze pages, un Secretario, tres Consejeros, el mayordomo mayor: da cuenta el Rey a los Consejeros de un sueño en que veia una Esfera, i el que se la mostrava le persuadia, que executasse lo que el Cielo le queria dar en ella a entender: tratandose entre los Consejeros de la significacion del sueño: aparece el Culto Divino con la Esfera, presentala al rey con lo que el Angel le avia dicho, i reconocido por su Alteza el aviso del Cielo, se resuelve de embiar a descubrir el Oriente: para lo qual manda que llamen a Vasco de Gama; viene con los Capitanes, i soldados que estavan alistados para esta empresa. Nombrale el Rey por General della, entregue el Estandarte Real para que se vaya a embarcar, con que salen todos del tablado.

El Demonio que estava escondido con gran pesar de lo que avia oydo, llama a las puertas del Infierno a su principe, aparece la boca infernal abierta, salen della con gran ruido, fuego, i humo siete demonios con Lucifer; va llamar la Idolatria: venida dale cuenta de la determinacion del Rey, reprehende la Idolatria a los demonios por no aver qmado los Navios en el puerto, conjurados todos contra los navegantes Portugueses, se salen del tablado.

Entrò en el Lisboa con su compañía de Tajo, i Cintra, prometiendose mil felicidades con el acuerdo que el Rey ha tomado, encuentrase con Vasco de Gama que se iva a embarcar; dale el parabien, manda al Tajo que con los pastores de su ribera celebren su partida, salen treze dellos, dançan a lo pastoril, al sonido de flautas, ida Lisboa, Vasco de Gama llama al Piloto mayor de la armada, entendiendo del que està aprestada: vase a embarcar. Salio las voces de buen viage que daban los marineros una Nave de mas de 30 pies de largo perfetissimamente acabada, con las velas tendidas llena de banderillas, i gallardetes, con todas sus jarcias, i diez piezas de artilleria, su Piloto, i marineros en que venia embarcado Vasco de Gama: acompañavan la Nave cinco Tritones, i quatro Sirenas, que sobre las fingidas olas de un Mar, por el que ella navegava ivan tañendo, i cantando muy suavemente, a que respondian dentro de la Nave quatro de los marineros, con alternada musica Portuguesa, con que se rematò esta primera jornada.

IORNADA SEGUNDA.

Entrò el Oceano, trahia en la cabeça una Corona hecha de veneras de plata, i las puntas della guarnecidas con Perlas, i en la mano un Tridente: venia assentado en un carro formado de dos Delfines, i de grandes conchas plateadas entre volantes de plata

sobre azul; tiravão o carro duas grandes Focas marinhas de dez palmos de largo: acompanhavão Tritão, seu trombeta e correo. Mostrousse o Oceano anojado, de que os Portugueses contra sua vontade se atrevessem a navegar seus Mares: encontrasse com a Idolatria que lhe vinha pedir favor, queixosa de que não ouvesse somergido as Nãos no profundo do Mar; concertão que va Tritão convocar os elementos para desbaratar a armada; foi Tritão a executar o mandato, e torna com os elementos.

A Terra sobre hum fero Leão, o toucado era formado de cinco torres cercadas de muros e barbacaás de cantaria de prata, em cujas pedras avia engastadas Perolas. A Agoa vinha assentada em huma Orca marinha de mais de doze palmos de comprido, que pelos ouvidos e buraco da cabeça deitava agoa, e pela boca peixinhos vivos, outros hião metidos em hum globo de vidro cheo de agoa, que este elemento levava na mão, e na cabeça huma Centola de prata com huma meia Lúa na boca. O Ar em hum carro de claras nuvê de seda branca e prata, tirado por duas grandes Aguias, na cabeça huma gaiola em forma de Cornucopia chea de passarinhos, da qual saio voando. O Fogo sobre huma Salamandra que vinha vomitando lavaredas de fogo, e dellas trazia algumas pelo corpo, e das mesmas se formava a Coroa que o Fogo levava na cabeça.

Deulhes conta o Oceano do atrevimento com que os Portugueses rompem seus Mares nunca de outros navegados, e do intento que levavão de deitar do Oriente o culto dos Deoses, de que a Terra mostrando maior sentimento, como mal das Deidades, vai á convocar seus ministros para fazer com elles cruel guerra aos Portugueses; tras ella se saem os outros elementos para o mesmo effeito, e o Oceano, ficando no teatro a Idolatria chea de furor.

Tornou a Terra acompanhada de quatro grandes Rochedos significados por quatro principaes Promontorios, pelos quaes paisão as Nãos Portuguesas na viagem da India. Veio a Agoa com quatro Feros, e espantosos Monstros marinhos, o Ar com o Arco Celeste que o trazia mui ao natural figurado na cabeça, mandalhe que va à morada de Eolo Rei dos ventos, e lhe peça da sua parte os solte; chega Iris à casa de Eolo, chama saio elle com Coroa de prata, na mão esquerda hum cetro de ouro, e na direita hum freio dourado com suas redeas; dalhe Iris sua embaxada, daà Eolo hum grande golpe em huma Rocha, abresse, saem della com gram furia e velocidade os quatro ventos principaes com asas de borboletas nas costas, cabeças, braços, e pees: mandalhes seu Rei, que com tempestuosas borrascas não deixem Navio no Oceano. Entrou o Fogo acompanhado do Rai, Corisco, relampago, e cometa.

Apresentãose os elementos com seus ministros à Idolatria par executores de seu nojo, ella fez à todos huma breve pratica exortandoos á vingança da injuria intentada contra os Deoses, offerecem todos todas suas forças em danno das Nãos Portuguesas, fazendo pouco caso da sua louca ousadia, e em final de vitoria esperada, e prometida, danção os elementos com seus ministros com estranho artificio com que se partem todos à por em effeito sua conjuração.

Recolhidos se fez dentro grande estrondo, e grita de marinheiros em gram tormenta, que acabada entra no teatro o Piloto de huma caravella que fora com as Nãos, veio blasfemando da sua arte, conta de huma espantosa tormenta que passarão ao dobrar o cabo de Boaesperança, e como passado hião navegando com bonança seguindo sua viagem; e querendosse recolher á dar estas novas à el Rei, entrou elle no teatro cuidadoso de as não ter; dandolhe recado da chegada do Piloto, manda que venha contalhe elle os grandes trabalhos, e tempestades que passou Vasco da Gama, e como acabadas hião as Nãos bem navegadas; alegrouse el Rei com as novas,

sobre azul: tiravan el carro dos grandes Focas marinas de 10 pies de largo, acompañavale Triton su trompeta, i correo: mostrosse el Oceano enojado de que los Portugueses contra su voluntad se huviessen atrevido navegar sus Mares; encuentrase con la Idolatria que le venia a pedir favor, quexosa de no aver anegado las Naves: conciertan que vaya Triton á convocar los Elementos para desbaratar la armada. Sale Triton a executar el mandato, i buelve con los Elementos.

La Tierra sobre un fiero Leon, el tocado era formado de cinco torres, cercadas de muralla, i barbacana de canteria de plata, en cuyas piedras estavan Perlas engastadas. El Agua venia assentada en una Orca Marina, de mas de doze pies de largo, que por los oidos i frente echava agua, i por la boca pececillos vivos, otros ivan metidos en un globo de vidrio lleno de agua, que este elemento llevaba en la mano, i en la cabeça una Santola, que es Marisco, mayor que Cangrejo, de plata con una media Luna de los mismo en la boca. El Ayre en un carro de claras nubes de seda blanca, i plata, tirado por dos grandes Aguilas; en la cabeça una jaula en forma de Cornucopia llena de paxarillos, de los quales salian algunos volando. El fuego sobre una Salamandra que venia vomitando llamas de fuego, i dellas trahia sembrado el cuerpo, i de las mismas formava la Corona que el Fuego llevaba en la cabeça. El Oceano les da cuenta del atrevimiento con que los Portugueses rompen sus Mares nunca de otros navegados, i del intento que llevavan de echar del Oriente el Culto de los Dioses: muestra dello la Tierra mayor sentimiento, como madre de las Deidades; và a convocar sus ministros para hazer con ellos cruda guerra a los Portugueses. Tras ella se salen los otros Elementos para el mismo efeto, i el Oceano, quedando en el tablado la Idolatria llena de furor, i rabia.

Tornò la Tierra acompañada de quatro grandes peñascos, significados por quatro Promontorios principales por los quales passan las Naves Portuguesas, en la navegacion de la India. Vino el Agua con quatro fieros, i espantables monstruos marinos; el Ayre con el Arco Celeste, que le traía muy al natural figurado en la cabeça: mandale que vaya a la morada de Eolo Rey de los vientos, i le pida los suelte: llega el Arco Celeste a la casa de Eolo, llama, sale el con Corona de plata, en la mano izquierda un cetro de oro, i en la derecha un freno dorado con sus riendas, dale el Arco Celeste su Embaxada, da Eolo un gran golpe en una peña, rompese, salen della con gran furia, i velocidad los quatro vientos principales con alas de Mariposa en las espaldas, cabeças, braços, i pies, mandales su Rey, que con tempestuosas borrascas no dexen vaxel en el Oceano.

Entrò el Fuego acompañado del Rayo Corisco, llama, i cometa: presentanse los Elementos con sus ministros a la Idolatria, por executores de su enojo, ella haze a todos un breve razonamiento, exhortandolos a la vengança de la injuria intentada a los Dioses: ofrecen todos todas sus fuerças en daño de las Naves Portuguesas, haziendo poco caso de su loca ossadia, i en señal de vitoria esperada, i prometida; dançan los Elementos con sus Ministros con estraño artificio, con que se parten todos a poner en efeto su conjuracion.

Recogidos se haze dentro grande estruendo, i grita de marineros en gram tormenta, que acabada sale al tablado el Piloto de la Caravela que avia ido con las Naves; viene blasfemando de la navegacion, cuenta de una horrible tormenta que passaron al doblar el Cabo de Buenaesperança, i como ivan con bonança siguiendo su viaje. Queriendo entrar à dar estas nuevas al rey, sale el al teatro cuydadoso de no las aver tenido: danle recado de la llegada del Piloto, mandale entrar, cuentale los grandes trabajos que Vasco de Gama avia passado, i como las Naves ivan bien navegadas: alegrase el rey con las nuevas:

recolhesse a dar graças à Deos pelo bom successo da sua armada. Entra a Idolatria com os quatro elementos lamentando suas desgraças, e o mão successo de seus ministros, que não forão poderosos para destruir a frota Portuguesa, á estas queixas respondia o choro cantando louvores dos Portugueses à seu pezar vencedores com que se recolhem tristes, e se acabou a segunda jornada.

JORNADA TERCEIRA.

Deu principio à terceira jornada o Oriente, trazia na mão huma grande Estrella de brunida prata guarnecida e perfilada de Diamantes e Perolas, que representava a Estrella de Alva que aparece na parte Oriental; vinha alegre por ter ja nas suas Regiões os Portugueses, topasse com o Culto Divino, prostase à seus pees sentido do largo tempo que a Idolatria, e a falta lei de Mafoma tiranizarão seus Reinos, contalhe como Vasco da Gama avia chegado com prosperidade à India; manda o Culto Divino ao Oriente que o va buscar, e otraga a presentar à el Rei á quem o Ceo teria ja dado aviso da chegada dos seus Argonautas, como lhe avia inspirado que os mandasse: recolhesse o Culto Divino, fica o Oriente alegrandose de novo de sua felice forte, e foise á buscar Vasco da Gama.

Tornou el Rei Dom Manoel cheio de alegria com a chegada de Vasco da Gama, de que ja tinha aviso, Lisboa com o seu Tejo, e Sintra, se lhe vem offerecer para festejar a boa vinda de Vasco da Gama, e porque o Tejo festejou a partida, toma Sintra à sua conta celebrar com os seus Serranos a tornada, e todos tres vão a encontrar à Vasco da Gama.

Entra elle com seus Capitães e soldados, tras ao seu lado dereito o Oriente, a quem acompanhavão quinze Províncias suas, Sintra vinha diante com seus Serranos foliões. Recebe el Rei à Vasco da Gama com notável prazer, honrrão, manda que se celebre sua vinda com publicas alegrias, offerecese o Oriente a celebrallas com as suas Províncias, ordena dellas huma galharda dança, que à compasso se hião agiolhando diante del Rei, e lhe presentava cada huma dellas o melhor fruto que produzia a sua terra, e na cabeça levava por insignia o estremado que nella avia.

Erão as quinze Províncias Mallabar, Arabia, Persia, Cambaia, Decan, Bengala, Pegù, Malaca, Samatra, Sião, China, Iapão, Maluco, Ethiopia, e Ceilão, vestidas com seus proprios, e particulares trajes. A divisa de Malabar era huma Palmeira, seu fruto pimenta em hum Coco de Maldiva, a de Arabia a Ave Fénix, na mão huma naveta dourada com encenso, a insignia de Persia hum Ginete o presente Perolas nas conchas em que nacam, o de Cambaia Anil em hum vaso de cristal, e na cabeça tres ervas particulares de sua terra, que são Anfião, Algodão, e a do Anil. O Decan levava na sua o jogo de Enxedrcs de que seus naturaes se prezão de inventores, outro vaso de cristal cheo de Diamantes pos aos pees del Rei. O simbolo de Bengala erão canas de Açúcar, e delle o seu tributo em hum vaso de Abada. Pegú levava na cabeça hum cachorro, por que se persuadem seus naturaes que procedem de tam roim progenitor, e na mão huma falva de ouro com Esmeraldas. Malaca trazia na sua, e por remate do seu toucado Durioês; sobre o de Samatra se via hum Cris, e o seu presente era Mirra em huma taça de ouro, o de Sião o pão de Aguila, e huma Aguia na cabeça com o mesmo pão no bico; na da China hia hum abaninho, e na mão huma caixa de charão chea de Almiscar; levava Iapão na sua barras de prata em outra semelhante caixa, e na cabeça hum animal meio peixe, e meio raposo que sò nesta Província se acha; a divisa de Maluco era o pasaro do Paraiso, sua fruta o cravo em hum cofre de Tartaruga; a de Ethiopia ouro em hum vaso de Unicornio, sua insignia hum Leão com huma Cruz

recogese à dar gracias a Dios por el buen sucesso de su armada. Sale la Idolatria con los quatro Elementos lamentando sus desgracias, i el mal sucesso de sus ministros, que no fueron poderosos para anegar las Naves Portuguesas; à estas queixas respondia el coro cantando alabanças de los Portugueses a su pesar vencedores, con que se recogen tristes, i se acaba la segunda jornada.

IORNADA TERCERA.

Dio principio la tercera jornada el oriente, traìa en la mano por el Luzero una grande Estrella de luzida plata guarnecida, i perfilada de Diamantes, i Perlas: venia alegre por tener ya los Portugueses en sus Regiones; encuéntrase con el Culto Divino, i sus compañeras, postrasse à sus pies sentido del largo tiempo que la falsa ley de Mahoma, i la Idolatria avian tiranizado sus Reynos; cuéntale como Vasco de Gama avia llegado con prosperidad de la India: manda el Culto Divino al Oriente que le vaya a buscar, i le trayga a presentar al rey, a quien el Cielo daria aviso de la llegada de los suyos, como le avia inspirado los embiasses. Recogese el Culto Divino, queda el oriente regozijandose de nuevo de su felice suerte, i recogese a buscar Vasco de Gama a las Naves.

Sale el rei Don Manuel lleno de alegria con la llegada de Vasco de Gama, de que ya tenia aviso: Lisboa con su Tajo, i Cintra se le vienen ofrecer para festejar la buena venida de los nuevos Argonautas, i porque Tajo regozijò la partida, encargase Cintra de celebrar con sus Serranos la tornada, i todos tres van à encontrar a Vasco de Gama.

Entra el con sus Capitanes, i soldados, trae a su lado derecho al oriente, a quien acompañavan quinze provincias suyas; Cintra venia delante con sus Serranos foliones. Recibe el Rey a Vasco de Gama con notable contento, honrale, manda que se celebre su venida con alegrías publicas: ofrecese el oriente a celebrallas con sus Provincias, ordena dellas una gallarda dança, que a compas se ivan arrodillando delante del rey, i le presentava cada una dellas el mejor fruto que produzia su tierra, i en la cabeça llevava por insignia lo estremado que en ella avia.

Eran las quinze Provincias Malabar, Arabia, Persia, Cambaya, el Decan, Bengala, Pegu, Malaca, Samatra, Sian, China, Iapon, Maluco, Etiopia, i Ceilan, vestidas con sus propios, i particulares trajes. La divisa de Malabar era una Palma, su fruto Pimienta en un coco de Maldiva. La de Arabia, el Ave Fenix, en la mano una naveta dorada con encienso. La insignia de Persia un ginete, el presente Perlas con sus conchas de Nacar. El de Cambaya, Añil en un vaso de Cristal; i en la cabeça tres yerbas particulares suyas, Ansion, Algodon, i la del Añil. El Decan llevaba en la suya el juego de Axedrez, de que sus naturales se precian de inventores, otro vaso de Cristal, lleno de Diamantes puso a los pies del Rey. El simbolo de Bengala, eran cañas de açucar, i de lo mismo su tributo en un vaso de Abada. Pegu llevaba en la cabeça un perro, porque se persuaden sus naturales, que proceden de otro, i una salva de oro con Esmeraldas en la mano. Malaca trahia en la suya, i por remate de su tocado Duriones. Sobre el de Samatra se veia un Cris, arma propria de sus naturales: su presente era Myrra en una taça de oro. El de Sian el palo del Aguila, i una dellas en la cabeça con el mismo palo en el pico. En la de la China iva un abanillo, i en la mano una caja de Charan llena de Almizcle. Llevava Iapon en la suya barras de fina plata en otra semejante caja, i en la cabeça un animal medio pez, i medio Zorra, que solo en esta Provincia se halla. La divisa de Maluco era el paxaro del parayso, su fruta el Clavo en un cofre de Tortuga. La de Etiopia oro en un vaso de Unicornio, su insignia un Leon con una Cruz

na mão armas de aquelle Imperio; e Ceilão levava por timbre hum Elefante, e hum vaso de madre perola, canela. Acabada a dança destas Províncias, e feitos seus presentes, se recolherão todos acompanhando Vasco da Gama.

Ficou el Rei no teatro, avisanlhe de ser chegada ao porto huma Nãõ com novas de outro descobrimento, manda el Rei chamar o Capitão da Nãõ, vem dalhe rellação do Brasil, terra nunca de antes conhecida; presentalhe hum índio natural de aquella nova Provincia com Tapuias, e Aimorés outros barbaros della: Vinha o Brasil sobre hum Lagarto, vestido com penas, arco, e frechas como seus companheiros, trazia consigo bugios e papagayos, que entrarão bailando, e parlando a seu modo com gracioso donaire. Preguntou el Rei ao Brasil, que habilidades tinhão aquelles animaes, elle manda aos papagayos que facão a sua dança, e aos Tapuias e Amores que bailem e cantem ao seu modo, e na sua língua huma coufa, e outra fizerão com estremada graça, com que se acabou a terceira jornada, e a tarde do primeiro dia desta tragicomedia.

IORNADA QUARTA.

A tarde do dia seguinte deu principio à quarta jornada, a entrada do Soldão do Egypto com grande aparato de pagés, e Capitães, estes erão seis, e os pagés dezoito todos ricamente vestidos ao seu modo, tratou o Soldão com os Capitaês do dano que recebia das armadas Portuguesas, resolve com elle: de fazer guerra aos nossos, e deita los da India: para esta empresa elege por Geral a Mirhocem Capitão experimêtado, e para que a deixásem de proseguir os Portugueses pela piedade, como pelas armas, manda chamar a freyre Mauro Hispano frade do Mosteiro do Monte Sinai, que vindo diante delle, o ameaça, que mandara matar todos os Christaões que se acharé em seus Reinos, e destruir o Santo Sepulcro de Hierusalem, não desisitindo os Portugueses de sus intentos na conquista da India, e mandalhe que se parta logo a Roma, a notificar ao Papa desta sua determinação.

Foise freyre Mauro, entra hum Capitão Mamaluco acompanhado de alguns soldados, aos quaes promete em nome do Soldão todos os despojos da guerra, e desta promessa manda deitar hum bando, ao qual acudirão outros soldados, recolhe o Soldão, e ordenanse os soldados para receber a seu Geral Mirhocem, que vinha entrando no teatro com os Capitães da sua armada, exortandoos, e animandoos a guerra intentada, mostralhes o grande serviço que nella farão ao seu Profeta, e ao seu Rei, e manda hum delles que va desafiar a Dòm Francisco de Almeida Visorrei da India, com que se recolhem todos.

Entra el Rei Dom Manoel cuidadoso dos successos da India, de que não tem aviso, danlhe recado que lhe quer fallar hum frade, manda que entre, era frei Mauro que vinha de Roma por ordem do Papa, que o mandava a el Rei com a mesma Embaxada do Soldão; propola frei Mauro a el Rei, que de a ouvir recebe grande contentamento, entendendo por ella que são temidos seus vassallos no Oriente, mostra ao frade como não ha que fazer caso dos ameaços do Soldão, porque lhe não convem executallos, e por esta causa determina de mandar a India maiores armadas.

Recolheose el Rei, e na Índia toca huma cintinela a arma, entrão com as suas os soldados, e tras elles o Capitão com outros, hum delles vai mui alvoroçado dar nova ao Visorrei Dom Francisco de aver chegado a India huma armada de Mouros. Entra o Visorrei com tres Capitães, informasse da cintinella do que ha entendido,

en la mano, armas de aquel Imperio. Ceilan llevaba por timbre un Elefante, i en un vaso de Nacar Canela. Acabada la dança destas Provincias, i hechos sus presentes, se entran todos acompañando Vasco de Gama.

Queda el Rey en el tablado, avisanle de aver llegado al puerto una Nave, con nuevas de otro descubrimiento: manda el rey llamar al capitan de la Nave, sale, da relacion al rey del Brasil, tierra nunca de antes conocida: presentale un Brasil natural de aquella nueva Provincia, con Tapuyas, i Aymores otros barbaros della. Venia el Brasil sobre un Caiman, vestido con plumas, arco, i flechas, como sus compañeros, trahia consigo Monos, i Papagayos, adornados de naturales plumas, que entraron bailando, i parlando a su modo con graciosos donayre. Preguntò el Rey al Brasil, que habilidades tenian aquellos animales; el manda a los Papagayos que hagan su dança, i a los Tapuyas; i Aymores, que dancen, i canten a su modo, i en su lengua, una cosa, i otra hizieron con estremada gracia, con que se acabò la tercera jornada, i la tarde del primer dia, desta Tragicomedia.

IORNADA QUARTA.

A la tarde del dia siguiente dio principio à la quarta jornada la entrada del Soldan de Egipto, con gran aparato de pages, i Capitanes: estos eran seis, i los pages deziocho ricamente vestidos a su modo. Tratò el Soldan con los Capitanes, del daño que recibia de las armadas Portuguesas: resuelve con ellos de hazer guerra a los nuestros, i echarlos de la India, elige por General desta empresa a Mirhocen Capitan experimentado, i para que la dexassen de proseguir los Portugueses por la piedad, como por las armas, manda llamar a fray Mauro Hispano, fraile del Monasterio del Monte Sinaï, que venido ante el, le amenaza que mandara degollar todos los Christianos que se halalren en sus Reynos, i destruir el sagrado Sepulcro de Hierusalen, no desistiendo los Portugueses de sus intentos en la conquista de la India, i mandale que se parta luego à Roma a dar cuenta al papa desta resolucion.

Vase fray Mauro, sale un Capitan Mamaluco acompañado de algunos soldados; a los quales promete en nombre del Soldan, todos los despojos de la guerra, i desta promessa manda echar un bando, al qual acudieron otros soldados: recogese el Soldan, i ponense los soldados en orden para recibir a su General Mirhocen, que venia entrando con los Capitanes de su armada, exortandolos, i animandolos a la guerra intentada: muestrales el gran servicio que en ella haran a su profeta, i a su Rey, i embia uno dellos que vaya a desafiar a Don Francisco de Almeida Virrey de la India, con que se recogen todos.

El Rey Don Manuel sale cuydoso de los sucessos de la India de que no tenia aviso: danle recado que le quiere hablar un fraile: manda que entre: era fray Mauro que venia de Roma por orden del Papa, que le embiava al rey con la misma Embaxada del Soldan. Proponela fray Mauro al rey, que de oyrla recibe gran contento, entendiendo por ella que son temidos sus vassallos en el Oriente: muestra al frayle como no ay que hazer caso de las amenazas del Soldan, porque no le conviene executallas, i determina de embiar a la India mayores fuerças.

Recogese el Rey, i en la India toca una centinela al arma, salen a priessa soldados con las suyas, i tras ellos el Capitan con los demas; uno dellos va con alborozo dar nueva al Virrey Don Francisco de Almeida de aver aportado en la India una armada de Moros. Entra el Virrey con tres Capitanes, informase de la centinela de lo que ha entendido,

dà huma cadea de ouro de alviceras ao soldado que lhe trouxe a nova da armada enemiga, danlhe recado que hum Capitão Mamaluco lhe quer fallar; mandão entrar, era o que o vinha desafiar da parte de Mirhocem, o que fez com grande arrogancia; ido o Embaixador ordena o Visorrei seus soldados para pelejar, apparecem os inimigos, dasse a batalla (que foi naval na barra de Diu, e aqui se representou na terra) fica a vittoria com os nossos, mostra della o Visorrei grande prazer, e igual pezar de que se aja escapado Mirhocem; os soldados Portugueses cheos dos despojos aclamão ao Visorrei com militares vozes chamandolhe invicto triunfador, e com grande festa se saem do teatro, com intento de se embarcarem para Portugal.

Entrou hum feiticeiro Mouro fugindo da ira do Soldão à quem avia prometido a vitoria da sua armada, vem tras elle hum Capitão para o aprender, e tras ele o Soldão com gram furor para ò matar, prometelhe o feiticeiro em vingança da morte de seus Capitães e soldados a do Visorrei, que naquelle tempo se embarcava para Portugal, com que se livrou das mãos do Soldão, que com os seus se recolhe.

Fica o feiticeiro dando graças a Mafoma de aver escapado da ira do Solão, e usando de suas supersrtiçoês convoca os demonios para que lhe mandem o Descuido por cujo meio determina executar a morte do Visorrei. Saie da boca infernal, envolto em lavaredas, e sumo o Descuido, representava em todos os seus meneos a sua figura, contalhe o feiticeiro os males que o Visorrei fizera em deserviço de Maforna, encarregalhe que antes delle chegar a Portugal lhe tire a vida com algum engano ou traição, e porque o diabo o não engane deixão no teatro, e vai bucear outros instrumentos de seus feitiços, com os quaes torna e com elles obriga de novo ao Descuido faça o que lhe tem mandado, o qual parte ao executar.

Logo se fez dentro gram ruido de armas, e vozes, com que se deu a entender a briga que tiverão os Portugueses na aguada de Saldanha com os Cafres, na qual matarão ao Visorrei: o feiticeiro finge de que via tudo o que passava na agoa que tinha em huma bacia de prata rodeada de encantadas ervas, e ohia relatando ao auditorio mui alegre com a morte do Visorrei.

Entrou o Culto Divino com suas companheiras Fè, e Piedade, mui sentidas da defestrada morte do Visorrei, manda o Culto Divino à Piedade lhe celebre as exequias, parte ella à buscar o acompanhamento militar, e ao choro funebre, e torna guiando, vinha o choro de 16. musicos cubertos de luto coroados de Cipreste, seguião o soldados sem prumas, as bandas negras, as armas, e bandeiras arrastrando, destemperados os atambores, vinhão mais nove pagés, hum trazia hum pendão de tafeta negro com as armas dos Almeidas; outro o Estoque, outro a Rodela, os outros as Ginetas de seis Capitães, que sobre hum paves levavão o corpo do Viforrei; elle hia armado a cara descuberta, hum bastaõ de Geral na mão; detrás de todos a Fè, e o Culto Divino. Dando este funebre acompanhamento huma volta ao teatro, emparelhando com o spectaculo da Gloria, abriose ao som de doce música, e appareceo o Apostolo São Thomas Padroeiro da India, acompanhado de Anjos, mandalhes que deixem de chorar a morte de Dom Francisco, e que se allegrem com a successão de Afonso de Alburquerque, o qual destruiu o poder Mahumetano, e levantara com as armas o Culto Divino em todo o Oriente. Com tam alegres novas deitando as insignias do luto tirão as bandas negras, fazem salva, tocão os atambores temperados, tangem as trombetas, e charamelas, trocasse a musica triste em alegre e festival, com que se recolhem todos, acabando a quarta jornada.

da una cadena de oro de albricias al soldado que le truxo la nueva de la armada enemiga. Danle aviso, que un Capitan Mamaluco le quiere hablar, mandale entrar: era el que venia a desafiar de parte de Mirhocen, lo que hizo con gran arrogancia. Ido el Embaxador ordena el Virrey sus soldados para pelear: aparecen los enemigos, dase la batalla (que fue Naval en la Barra de Diu) quedando la vitoria por los nuestros. Muestra della el Virrey gran contento, i pessar de que le aya escapado Mirhocen: los soldados Portugueses llenos de los despojos Mahumetanos aclaman al Virrey con militares voces, llamandole invicto, triunfador, i con gran regozijo se salen con el del tablado, con intento de embarcarse para Portugal.

Entra un hechizero Turco huyendo de la ira del Soldan, a quien avia prometido la vitoria de su armada: viene tras el un Capitan para prendelle, i tras el Capitan el Soldan, que con gran saña acomete al hechizero para matalle. Prometele el hechizero en vengança de la muerte de sus Capitanes, i soldados, la del Virrey, que en aquel instante se embarcava para Portugal, con que se libra de las manos del Soldan, que con los suyos se recoge.

Queda el Hechizero dando gracias a Mahoma de aver escapado de la furia del Soldan, i usando de sus supersticiones convoca a los demonios para que le embien el Descuydo, por cuyo medio determina executar la muerte del Virrey. Sale de la boca infernal embuelto en llamas, i humo el Descuydo, figurava en todos sus meneos la misma pereza. Relatale el hechizero los males que el Virrey avia hecho en deservicio de Mahoma, encargale que antes de llegar a Portugal le quite la vida con algun engaño, o traicion, i porque el diablo no le engañe dexale en el tablado, i entrase dentro, donde buelve con otros instrumentos de sus hechizos: con los cuales obliga de nuevo al Descuydo, haga lo que le tiene mandado, el qual parte a executallo.

Luego se haze dentro gran ruydo, i bozeria, con que se dio a entender la pendencia que huvieron los Portugueses en la Aguada de Saldaña con los Cafres, en la qual mataron al Virrey. El hechizero finge de que veìa todo lo que passava en el agua, que tenia en una bacia de plata rodeada de encantadas yervas, i lo va relatando al auditorio, i muy alegre con la muerte del Virrey se recoge.

Sale el Culto Divino con sus compañeras, Fè, i Piedad, mui sentidas de la desastada muerte del Virrey, manda el Culto Divino a la Piedad, le haga las exequias. Parte ella a buscar el acompañamiento militar, i al coro funebre, i buelve guiandole: venia el coro de deziseis musicos cubiertos de luto, coronados de Cipres. Seguia el exercito los Soldados sin plumas, las bandas negras, las armas, i banderas arrastrando, destempladas las caxas: venian nueve pajes, uno trahia un pendon de tafetan negro con las armas del Virrey, otro el estoque, otro la rodela: los otros seis ginetas de seis Capitanes, que sobre paveses llevavan el cuerpo del Virrey. El iva armado, la cara descubierta, un baston de General en la mano, detras de todos la Fè, i el Culto Divino. Dando este funebre acompañamiento una buelta en el tablado, emparejando con el espectaculo de la Gloria, abriose al son de dulce musica, i aparecio el Apostol Santo Thomas Patron de la India, acompañado de Angeles, mandales que dexten de llorar la muerte de Don Francisco, i que se alegren con la sucession de Alonso de Alburquerque, el qual echara por tierra el poder Mahumetano, i levantara con las armas el Culto Divino en todo el Oriente. Con tan alegres nuevas echando las señales de luto, quitan las bandas negras, hazen salva, tocan las caxas templadas, tañen trompetas, i chirimias, i mudandose la musica triste del coro en otra de fiesta, i alegria se recogen acabando la quarta jornada.

JORNADA QUÍNTA.

Entrou no teatro huma Nãõ que vinha da India carregada de especearias, vinhão nella os Capitães de Dom Francisco de Almeida, que trazião as bandeiras ganhadas na batalha de Diu. A Nãõ era a mesma que se descreveo na jornada primeira chea de estandartes, e galhardetes disparando artelheria, amainando as velas como que chegava ao porto de Lisboa, cercada de monstros Marinhos que apparecião entre as ondas, nas quaes ella navegando se recolheo.

Entrou Portugal a receber os Capitães que della desembarcarão, levouhos a apresentar com as bandeiras inimigas á el Rei Dom Manoel, pedindolhe se lembrasse dos serviços de tam valerosos vassallos com premios, e merces iguaes; relata hum dos Capitães a el Rei o felice successo da batalha de Diu, alegrasse el Rei com tam boas novas, manda que se guardem as bandeiras em memoria de tam gloriosfa vittoria.

Recolheose el Rei com Portugal, e Capitães, e entrou Asia sobre huma Abada natural na forma, e tamanho, trazia na mão huma Cornucopia dourada, e nella muitas Drogas, e por companheiros os Rios Indo, e Ganges, Coroados com capellas de canas, e juncos, e urnas debaixo dos braços, a do Ganges era de prata guarnecida com madre perola, e a do Indo de ouro; Contou Asia á os seus Rios hum mysterioso sonho, em que lhe foi representado hum Capitão estrangeiro, que com suas armas á illustraria, e cujo retrato lhes mostra, e estando o vendo todos tres entra Afonso de Albuquerque, com acompanhamento de Capitães, e soldados, reconheo Asia pelo retrato, deitasse à seus pees, pedelhe a queira libertar do vituperoso jugo Mahumetano, recebea Afonso de Albuquerque com alegre semblante, assignandoa que fara oque lhe pede, ella com mostras de summo prazer se foi com os Rios.

Ficou Afonso de Albuquerque trattando com os Capitães da guerra que queria fazer à Ormuz, fingesse tremer aTerra, pos temor aos soldados, animãos Albuquerque com esperanças certas da vittoria na quella guerra que queria emprender, sendo tanto em serviço de Deos, e enfalçamento, e dilatação de sua Fè Santa. A este tempo se abriu a Gloria ao som de Celestial musica, e appareceo huma grande Cruz cercada de resplandores, e de Anjos que a adoravão, e sobre huma nuvem semeada de Serafins de relevo se foi movendo no Ar mais de oito palmos fora da fachada, de donde se tornou a recolher, e se cerrou a Gloria, estando todo este tempo Afonso de Albuquerque, e os seus prostrados adorando a Cruz, animados todos com tam celestial favor, se dispoem à dar as vidas pela honra, e gloria de Deos na quella guerra de Ormuz, e partem a aperceberse para ella.

Entrou Ceifadino Rei de Ormuz moço de 13. annos, tiranizado por Cojeatar seu Governador, e Conselheiro, trazia consigo dezaseis pagés da mesma idade, e seis Capitães; a riqueza da pedraria que levava sobre si, e os que o acompanhavão era inestimavel; vinha queixandose da fortuna que tamcedo o começava a perseguir com cuidados da guerra, e do governo do seu Reino. Nestas praticas o achou Cojeatar, que entrou com dous Capitães; o qual com altivez chamou a os outros quatro que estavam com el Rei, e os levou consigo contra vontade do mesmo Rei, deixádo o sò com os pagés, a os quaes mandou que alegrem, e entretenhão à el Rei.

Hido Cojeatar os pagés persuadem à el Rei, que apartando de si cuidados maiores folguem, danção, e fazem outros jogos, e estando nelles dão aviso a el Rei como vinhão marchando os Portugueses contra a Cidade, ouvessem as trombetas Portuguesas com que se recolhe el Rei alvorotado com seus pagés, e apparecem nossas bandeiras.

IORNADA QUINTA.

Entrò en el tablado una Nave que venia de la India cargada de especerías, venian en ella los Capitanes de Don Francisco de Almeida, que trahian las banderas ganadas en la batalla de Diu; la Nave era la que se describio en la jornada primera, llena de Estandartes, i gallardetes, disparando artillería, amainando las velas, como que llegava al puerto de Lisboa, cercada de monstruos Marinos, que aparecian entre las fingidas olas, sobre las quales navegando se recogio.

Salio Portugal a recibir los Capitanes que avian desembarcado, llevolos a presentar con las banderas enemigas al Rey Don Manuel, suplicándole se acuerde de los servicios de tan valerosos vassallos, con premios, i mercedes iguales: relata uno de los Capitanes al rey el felice sucesso de la batalla de Diu; alegrase el Rey con tan buenas nuevas, manda que se guarden las banderas en memoria de tan gloriosa vitoria.

Entrose el Rey con Portugal, i Capitanes, i salio el Asia sobre un Abada natural, en la forma, i tamaño; trahia en la mano una Cornucopia dorada, i en ella muchas especerías, i por compañeros los Rios Gange, e Indo, coronados con guirnaldas de cañas, i juncos, i Vrnas: la de Gange era de plata guarnecida con conchas de Nacar, i la del Indo de oro: cuenta Asia a sus dos Rios un mysterioso sueño, en que le fue representado un Capitan estrangero, que con sus armas la ilustraria, cuyo retrato les muestra, i estandole mirando sale Alonso de Alburquerque con acompañamiento de Capitanes, i soldados; reconocele Asia por el retrato, echale a sus pies suplicandole la quiera libertar del vituperoso yugo Mahumetano; recibela Alonso de Alburquerque con alegre semblante, assegurandola que hara lo que le pide, ella con muestras de sumo contento se va con los Rios.

Quedò Alonso de Alburquerque con los Capitanes tratando de la guerra que queria hazer a Ormuz: fingese temblar la tierra, puso temor a los soldados, animalos Alburquerque con esperanças ciertas de vitoria en aquella guerra que queria emprender, siendo en servicio de Dios, i ensalçamiento, i dilatacion de su Fè santa. A este tiempo se abre la Gloria al son de celestial musica, i aparece una grande Cruz cercada de resplandores, en medio de muchos Angeles que la adoravan, i sobre una nube sembrada de Serafines que relieve se fue moviendo en el ayre mas de ocho pies fuera de la fachada, de donde se tornò a recoger, i se cerro la Gloria, aviendo estado todo este espacio Alonso de Alburquerque, i los suyos postrados adorando el sagrado madero de la Cruz. Animados todos con tan celestial favor se disponen a dar las vidas por la honra, i gloria de Dios en aquella empresa de Ormuz, i parten a perceberse para la guerra.

Entrò Ceifadino Rey de Ormuz, moço de 13 años, tiranizado por Cojeatar su Governador, i Consejero, trahia consigo deziseis pajes de la misma edad, i seis Capitanes: la riqueza de pedrería que llevaba sobre si, i los que le acompañavan era inestimable; venia quexandose de la fortuna que tan presto le començava a perseguir con cuydados de la guerra, i del gobierno de su Reyno. En estas platicas le hallò Cojeatar, que entrò con dos Capitanes; el qual con altivez llama a los otros quatro que estavan con el Rey, i los lleva consigo, contra la voluntad del mismo Rey, dexandole solo con los pajes, a los quales manda que alegren, i entretengan al Rey.

Ido Cojeatar los pajes persuaden al Rey, que desechando los cuydados mayores, se huelgue: dançan, i hazen sus juegos, i estando con ellos dan aviso al Rey como los Portugueses venian marchando contra la Ciudad, oyense las trompetas Portuguesas, con cuyo sonido se recoge el Rey alborotado con sus pajes, i aparecen nuestras banderas.

Vinha Afonso de Albuquerque com seus Capitães, e soldados, que erão mais de 60. mui bem armados, e quatro peças de artilheria de bronze, manda reconhecer o sitio da Cidade para a bateria; era o que della se descubria hum pedaço de seus muros, huma ponta de hum baluarte huma torre, e huma das suas portas. Contra aquella parte se assentou a artilheria, bateose com gram furia, e de dentro com não menor se respondia; deuse o assalto, sairão os Mouros à porta da Cidade onde se pelejou mui valentemente de huma, e outra parte, representandosse mais ao vivo do que sofrião as burlas; atè que não podendo resistir os Mouros ao valor Portugueses, se pos nos muros huma bandeira branca, e saio hum Embaxador, a quem não quiz ouvir Afonso de Albuquerque, e por elle mandou dizer a el Rei Ceifadino, que logo se viesse à por nas suas mãos, se não queria ver a sua Cidade arrasada, como ja o estava gram parte dos seus muros: com esta resolução tremendo de medo se recolheo o Mouro, e saio el Rei com seu Real acompanhamento, ainda que triste como de gente rendida.

Afonso de Albuquerque o recebeu com toda a honra, e cortesia devida à hum Rei ainda que vencido, e assentandoo junto de si, mandou chamar a Cojeatar, veio reprendeo das tiranias usadas, ameaço o com a morte, a qual lhe perdoava a instancia del Rei, e mandalhe que não appareça mais em Ormuz. Hido Cojeatar com mostras de grande sentimento, el Rei de sua própria vontade se faz vassallo, e tributario del Rei Dom Manoel, e em final disso entrega o Cetro, e a Coroa que tira da cabeça à Afonso de Albuquerque, e elle lha torna a por em nome do mesmo Rei Dom Manoel, e avisa aos Capitaes de Ceifadino, que fica por conta delles guardar o que el Rei minino avia prometido.

Estando em este acto aparecem duas Cidades Goa, e Malaca, que vinhão em busca das armas Portuguesas, trazião nos braços escudos de suas insignias, as de Malaca hum Iunco que he hum Navio com que naquellas partes se navega, as de Goa a roda de Santa Caterina, porque no dia desta Santa Martir a tomou Afonso de Albuquerque, na cabeça ricos toucados em forma de torres, chegando á Afonso de Albuquerque, prostradas lhe pedem as livre do cativo em que as tinhão posto os Mouros, e se offerecem por suas tributarias. Recebeoas Afonso de Albuquerque com muita afabilidade, prometelhes seu favor e defensa, tomalhes omenagem em nome del Rei Dom Manoel, e tornando a lembrar à Ceifadino o cumprimento de sua palavra, e promessa, se parte a conquistar aquellas duas Cidades.

Hido Afonso de Albuquerque mostrouse Ceifadino contente de se ver livre da tirannia de Cojeatar, os seus o reprendem de se aver sojeitado aos Portugueses, chegalhe aviso de aver chegado hum Embaixador del Rei de Persia, a pedir o tributo que os Reis de ormuz soião pagar ao de Persia, Ceifadino ò manda à Afonso de Albuquerque para que lhe responda, com que se recolhe.

Torna Afonso de Albuquerque de aver conquistado o Oriente, e para perpetua memoria do nome dos Capitães que na quella conquista o acompanharão, manda à hum pedreiro que escreva os nomes delles em huma pedra, a qual queria pòr sobre a porta da fortaleza, que com o nome del Rei Dom Manoel fundava. Trazem os pedreiros a pedra, e Albuquerque lhes da escritos em hum papel os nomes dos Capitães que avião de abrir na pedra, e estando occupado nesta obra entra o arrogante Embaxador Persiano a pedir o tributo que el Rei de ormuz soia pagar ao de Persia, mandalhe Afonso de Albuquerque, que diga de pressa ao que vem; e em nomeando tributo o faz callar, e tomando ferros de lanças, e pelouros os deitou ao Embaxador, dizendolhe, que naquella moeda pagavão os Portugueses os tributos. Foise o Emba-

Venia Alonso de Alburquerque con sus Capitanes, i soldados, que eran mas de sesenta muy bien armados, i quatro piezas de artilleria de bronce: manda reconocer el sitio de la Ciudad para la bateria; era lo que se descubria de la Ciudad de Ormuz un pedaço de su muralla muy almenada con su puerta, torre, i una punta de un baluarte; contra aquella parte se assestò la artilleria, batiose con gran furia, i de dentro con no menor se respondia: diose el assalto, salieron los Moros a la puerta de la Ciudad, donde se peleò muy valientemente de una, i otra parte, representandose mas al vivo de lo que sufrían las burlas, hasta que no pudiendo resisitir los Moros al valor Portugues, se puso en la muralla una bandera blanca, i saliò un Embaxador á quien no quiso oyr Alonso de Alburquerque, i por el embiò a dezir al Rey Ceifadino, que luego se viniesse a poner en sus manos, si no queria ver su Ciudad arrassada, como ya estava gran parte de sus murallas: con esta resolucion temblando de miedo se recogio el Moro, i salio el Rey con su Real acompañamiento, aunque triste como de gente rendida.

Alonso de Alburquerque le recibio con toda honra, i cortesia devida a un Rey, aunque vencido: assentole cabe si, mandò llamar a Cojeatar, reprehendele de las tiranias hechas amenazandole con la muerte, que se la perdona a instancia del Rey, i mandale que no parezca mas en Ormuz. Ido Cojeatar con muestras de gran sentimiento, el Rey de su voluntad se haze vassallo, i tributario del Rey Don Manuel, i en señal dello entrega el Cetro, i Corona que avia quitado de la cabeça; Alonso de Alburquerque, i el se la buelve à poner en nombre del mismo Rey Don Manuel, i avisa a los Capitanes de Ceifadino, que queda por su cuenta guardar lo que el Rey niño avia prometido.

Estando en este acto aparecen las dos Ciudades de Goa, i Malaca, que venian en busca de las armas Portuguesas; trahian en los braços escudos de sus insignias: las de Malaca eran un junco, que es un Navio con que en aquellas partes se navega; las de Goa, la rueda de Santa Catalina, porque en el dia desta Santa Martyr la tomò Alonso de Alburquerque; en las cabeças ricos tocados en forma de torres. Llegando a Alonso de Alburquerque, prostradas le suplican las liberte de la captividad en que las tenian los Mahumetanos, i se ofrecen por sus tributarias. Recibiolas Alonso de Alburquerque con mucha afabilidad, prometeles su favor, i defensa, tomales el omenage en nombre del Rey Don Manuel, i bolviendo a acordar a Ceifadino el cumplimiento de su palabra, i promessa, se parte a conquistar aquellas dos Ciudades.

Ido Alonso de Alburquerque, mostrose Ceifadino contento de se ver livre de la tirania de Cojeatar; los suyos le reprehenden de se aver sujetado a los Portugueses, vienese aviso de aver llegado un Embaxador del Rey de Persia, a pedir el tributo que los Reyes de Ormuz solian pagar al de Persia, Ceifadino le embia a Alonso de Alburquerque para que le de la respuesta, con que se recoge.

Buelve Alonso de Alburquerque alegre de de aver conquistado el Oriente, i para perpetua memoria del nombre de los Capitanes, que en la quella conquista le acompañaron manda á un cantero escriba sus nombres en una piedra, la qual queria poner sobre la puerta de la fortaleza, que con el nombre del Rey Don Manuel fundava.

Traen los canteros la piedra, i Alburquerque les dà escritos en un papel los nombres de los Capitanes que avian de abrir en la piedra: i estando ocupado en esta obra que les mandava hazer entra con arrogancia el Embaxador Persiano a pedir el tributo que el Rey de Ormuz solia pagar al de Persia, mandale Alonso de Alburquerque, que diga a priessa a lo que viene, i en nombrado tributo le haze callar, i sacando hierros de lanças de sus soldados, i balas, arrojò todo al Embaxador, dizien-dole, que en aquella moneda pagavan los Portugueses los tributos: fuese el Emba-

xador descontente da resposta, e tras elle Afonso de Albuquerque, deixando os pedreiros occupados no seu lavor.

Começarão elles a cortar na pedra os nomes dos Capitães cantando ao som do que fazião os escopros na pedra, e cotinuando em seu trabalho entrou hum Capitão de aquelles cujos nomes se avião de esculpir na pedra, e não achando o seu no primeiro lugar, passeou pelo teatro mui descontente, dizendo mal do Governador, que não sabia conhecer o valor e meritos de sua pessoa, pois tam mau o premiava, antepoendo à elle em primeiro lugar quem o não occupou nos perigos da guerra, da mesma maneira veio o segundo, e terceiro Capitão, e com as mesmas queixas, não achando seus nomes no primeiro lugar.

Entra Afonso de Albuquerque, pergunta a os pedreiros pela obra, e se estava acabada para por a pedra na fortaleza, e achando aos Capitães anojados, sabida a causa, exclama contra a altivez e condição natural dos Portugueses, que não sofrem que ninguem lhes faça ventajem, e manda voltar a pedra, e no avesso della escreveo por sua mão, LAPIDEM QVEM REPROBA VERVNT, e aos officiaes que cortem aquellas palavras para com ellas se assentar a pedra; elles a levarão para fazerem o que Afonso de Albuquerque lhes mandara, o qual foi encontrar à Portugal que entrava no teatro com grande Magestade.

Vinha em hum carro cujo fundamento era huma aspera montanha de dez palmos em quadrado, e cinco de alto revestida de verdes ramos de louro, sobre esta montanha que representava a Terra, vinhão Hercules, e Atlante de forma Agigantada, que sobre seus hombros sustentavão hum globo Celeste de oito palmos de diametro pintado de azul semeado de Estrellas de prata com todos os seus círculos; sobre elle hião os dous Irmãos gemeos Castor, e Polux, que formão o terceiro signo do Zodiaco, e são simbolo do Amor, pelo que estes dous irmãos se tiverão, para significar que como elles repartirão entre si a immortalidade, e avida, repartirão os Portugueses as suas por sua Magestade, e Altezas, e por esta causa era feito o assento, e encosto do trono em que vinha Portugal, dos braços e corpos destes dous irmãos; por detras delles se levantava a Cruz que Moyses levantou no Deserto com a Serpente nella enroscada, cujas asas abertas servião de dosel ao trono, e foi devisa dos passados Reis de Portugal, e della se servirão por timbre de suas armas, como se servio nas suas el Rei Dom Felipe II. despois que foi Senhor de Portugal, e como oje se serve sua Magestade. Em este trono vinha Portugal assentado em altura de mais de dezoito palmos, armado de peito e gola, ricos collares de pedraria, huma capa de tela ao Romano deitada sobre os hombros, que se prendia sobre hum delles com huma mui rica joia de Diamantes, espada de ouro de muito preço, na cabeça gorra, e nella huma Coroa de gram valor feita de pedraria, e Perolas, na mão hum cetro grande com outros muitos pequenos de ouro; a figura era de velho venelavel de largas caás, tiravão o carro por cordas douradas hum Leão, hum Tigre, huma Abada, e hum Elefante, animaes que representavão as quatro partes do Mundo, que os Portugueses illustrarão com suas armas, e gloriosas conquistas.

Neste triunfante carro de que Asia era o carroceiro vinha Portugal quando lhe saio ao encontro Afonso de Albuquerque, acompanhado dos Reinos, e Provincias Orientaes, que elle, e os outros valerosos Capitães Portugueses conquistarão, às quaes elle mandou que se humilhassem, e reconhecessem por Senhor à Portugal, cujo triunfo hia nesta ordem.

xador descontento con la respuesta, i tras el Alonso de Alburquerque, dexando los canteros ocupados en su labor.

Començaron ellos a cortar en la piedra los nombres de los Capitanes, cantando al son del que hazian los escoplos en la piedra; i continuando en su trabajo entrò un Capitan de aquellos cuyos nombres se avian de esculpir en la piedra, i no hallando el suyo en el primer lugar, se pasea por el teatro muy disgustado, diziendo mal del Governador, que no sabia conocer el valor, i meritos de su persona, pues tan mal le premiava, anteponiendo a el en primer lugar quien no le ocupò en los peligros de la guerra. De la misma manera vino el segundo, i tercero Capitan, i con las mismas queexas no hallando sus nombres en el primer lugar.

Sale Alonso de Alburquerque, pregunta a los canteros por la obra, i si estava acabada para poner la piedra en la fortaleza; i hallando a los Capitanes enojados, sabida la causa exclama contra la altivez, i condicion natural de los Portugueses, que no sufren que nadie les haga ventaja; i manda bolver la piedra, i en las espaldas della escribe por su mano, LAPIDEM QVEM REPROBA VERVNT, i a los oficiales que la corten, i assienten la piedra con aquellas letras para fuera: ellos la llevaron para hazer lo que Alonso de Alburquerque les avia mandado. El qual fue a encontrar a Portugal, que venia entrando en el teatro con gran magestad, en un carro cuyo fundamento era una aspera montaña de diez pies en quadro, i cinco de alto, revestida de verdes ramos de Laurel. Sobre esta montaña que representava la tierra, ivan Hercules, i Atlante, de diez pies cada uno, que sobre sus espaldas sostenian un globo celeste de ocho pies de diametro, pintado de azul, sembrado de Estrellas de plata con todos sus circulos: sobre el ivan los dos hermanos melliços Castor, i Polux, que forman el tercero signo del Zodiaco, i son simbolo del Amor, por el que estos dos hermanos se tuvieron; para significar, que como ellos repartieron entre si la inmortalidad, i la vida, repartiran los Portugueses las suyas por su Magestad, i Altezas, i por esta razon era hecho el asiento, i respaldo del trono en que venia Portugal de los braços, i cuerpos destos dos hermanos. Por detras dellos se levantava la Cruz que Moysen levantò en el destierro con la Serpiente en ella enroscada, cuyas alas abiertas servian de dosel al trono: i fue divisa de los passados Reyes de Portugal, i della se sirvieron por timbre de sus armas. En este trono salio Portugal sentado en altura de mas de deziocho pies; venia armado de peto, i gola, ricos collares de pedreria, una capa de tela a lo Romano echada sobre los hombros, que se tomava sobre uno dellos con una muy rica joya de Diamantes: ceñia espada de oro de mucho precio, en la cabeça gorra, i en ella una Corona de gran valor hecha de Pedreria, i Perlas; i en la mano un cetro grande con otros muchos pequeños de oro: la figura era de un viejo venerable de largas canas. Tiravan el carro por cuerdas doradas un Leon, un Tigre, una Abada, i un Elefante, animales que representavan las quatro partes del Mundo, que los Portugueses ilustraron con sus armas, i conquistas. En este triunfante carro, de que Asia era el carretero venia Portugal, quando le salio al encuentro Alonso de Alburquerque, acompañado de los Reynos, i Provincias Orientales, que el, i los otros valerosos Capitanes Portugueses conquistaron, a las quales mandò, que se humillassen, i reconociessen por señor à Portugal, cuyo triunfo iva con esta orden.

Diante os soldados Portugueses com capellas de louro, levavão presos entre si a Mirhocem, e Cojeatar Capitães Geraes do Soldão de Egypto, e del Rei de Ormuz, acompanhados dos seus Capitães, seguia o Tejo com a dança dos seus pastores, e Sintra com seus Serranos foliões, tras elles vinhão Goa, e Malaca, trazião no meio ao Oriente, e diante as suas quinze Provincias tributarias à Portugal, com as quaes entrou no teatro na terceira jornada, vinha Ceifadino Rei de Ormuz com seus pagés, logo os dous Rios Ganges, e Indo, o Brasil assentado no seu Lagarto com os Tapuias, Aimores, e Papagaios; seguíão os tres Geraes Portugueses descobridores, e conquistadores do Oriente, Vasco da Gama, Dom Francisco de Almeida, e Afonso de Albuquerque, armados de ricas armas coroados de louro, e seus bastões nas mãos; diante do carro hião dous Porteiros de cana, quatro Reis de armas com as cotas das armas Reaes, hum Porteiro maior com sua cana, seis veneráveis velhos conselheiros, e nas quatro esquinas do carro quatro Maceiros com maças de prata. Seguíão ao carro presas em grossas cadeas, a Idolatria, Cegueira, e Perfidia, os dez demonios que sairão ao teatro, o Oceano com o seu Tritão, Eolo com os seus quatro ventos, os Elementos com os seus ministros; vinha detras delles o Feiticeiro do Soldão, e os dous Sacerdotes da Idolatria, e junto à elles o descuido, e vltimamente encadeados como os mais os animaes sobre que entrarão as figuras do bando da Idolatria, e todas com tristes vozes solenizavão o triunfo de Portugal, como os dianteros com suaves musicas ao som de diversos instrumentos. Com esta ordem foi esta triunfante pompa dando huma volta no teatro, e chegando o carro defronte de sua Magestade, levantouse Portugal do trono, e decendo do carro offereceo a el Rei as vitorias de seus filhos, tirando da sua cabeça a Coroa, e deitando aos pees de sua Magestade, o molho de Cetros dos cinquenta e sete Reinos que os Portugueses seus vassallos conquistarão no Oriente; pedindolhe, que prosiga o que seus Avos tam prosperamente começarão, para que o Culto Divino, Fè, e Piedade acabem de todo de Senhorear o Mundo, com que se deu fim à esta grande tragicomedia.

TOVROS.

Àos primeiros de Setembro se correrão Touros, para esta festa se atalhou o terreiro do Paço com palanques pela parte do Mar, e do Levante, cerrando os outros dous lados os do Paço. Tinhão os palanques dous altos de huma mesma altura, com boa architettura de iguaes arcos, divididos com pilastras travadas com balaustes torneados, sobre as pilastras carregavão seus cornijamentos, e sobre elles varios remates de piramides, escudos, esferas, pintado tudo, e à partes dourado, e por dentro armados os aposentos de sedas, telas, e brocados, e os degrãos dos assentos cubertos com varias sedas, e alcatifas, com que representava hum sumptuoso teatro. No teve maior grandeza nem artificio o de Lucio Nummio que fez em Roma no ano 608. de sua fundação, para celebrar os jogos do seu triunfo, conquistada Achaia, e destruida Corintho. Durou a festa dos Touros tres dias, sairão à elles com luzidas librès todos os tres dias Dom Francisco Coutinho, e Estevão de Brito, e o segundo dia, Simão de Mello, que servio nesta jornada de sua Magestade de seu Aposentador maior, Dom Fernando Mascarenhas, Antonio Correa da Silva, Dom João de Noronha, e Dom Diogo de Meneses, fizerão estes fidalgos mui boas sortes, como à pee outros destros toureiros.

Em quanto sua Magestade esteve em Lisboa visitou com seus filhos todos os Mosteiros de frades, e de freiras da Cidade, de huns, e outras forão sua Magestade, e Altezas

Delante los soldados Portugueses ceñidas las frentes con Coronas de Laurel: llevan presos entre sí a Mirhocen, i Cojeatar, Generales del Soldan de Egipto, i del Rey de Ormuz, acompañados de sus Capitanes. Seguía Tajo con la danza de sus pastores, i Cintra con sus soliones. Tras ellos venían Goa, i Malaca, trahían en medio al Oriente, delante del las quinze Provincias suyas tributarias a Portugal, con que en la jornada tercera avia entrado en el tablado. Venía Ceifadino Rey de Ormuz con sus pages; luego los dos Rios Ganges, e Indo, el Brasil assentado en su Caiman, con los Tapuyas, Ay-mures, i Papagayos. Seguían los tres Generales Portugueses, descubridores, i conquistadores del Oriente, Vasco de Gama, Don Francisco de Almeida, i Alonso de Alburquerque, armados de ricas armas coronadas de Laurel, i sus bastones en las manos. Delante del carro ivan dos porteros de caña, quatro Reyes de Armas con las cotas Reales, el Portero mayor con su insignia, seis venerables viejos consejeros, i a las esquinas del carro quatro maceros con maças de plata. Seguían al carro presas en gruessas cadenas la Idolatria, Ceguera, i Perfidia, los diez demonios que avian salido al tablado, el Oceano con su Triton, Eolo con sus quatro vientos, los quatro Elementos con sus deziseis ministros: venían tras ellos el hechizero del Soldan, i los dos Sacerdotes de la Idolatria, i junto à ellos el Descuydo, i ultimamente encadenados como los demas, los animales en que avian salido los personages contrarios; todos con tristes voces solenizando el triunfo de Portugal, como los de delante con suaves musicas al son de varios instrumentos. Con semejante orden fue esta triunfante pompa dando una buelta al teatro, i llegado el carro enfrente de su Magestad levantose Portugal de su silla, i baxando del carro ofrecio al Rey las vitorias de sus hijos, sacando de su cabeça la Corona, i echando a sus pies el manajo de cetros de los cincuenta i siete Reinos que los Portugueses sus vassallos conquistaron en el Oriente, suplicandole prosiga lo que sus abuelos tan prosperamente començaron, para que el Culto Divino, Fè, i Piedad, acaben del todo de señorear el Mundo, con que se dio fin a esta grande Tragicomedia.

TOROS.

A los primeros de Setiembre se corrieron Toros; para esta fiesta se atajò la gran plaça de Palacio, con tablados por la parte de la Marina, i de Levante, cerrando los otros dos lados los de Palacio. Tenían los tablados dos altos de una misma altura, con buena architettura de iguales arcos, divididos con pilastras travadas con varandillas de madera torneadas: sobre las pilastras cargavan sus cornijamentos, i sobre ellos varios remates de piramides, escudos, esferas, pintado tudo, i a partes dorado, i por dentro colgados los aposentos de telas, i brocados, i las gradas que en ellos avia para la gente, cubiertas varias sedas, con que se representava un suntuoso teatro: no tuvo mayor grandeza, ni artificio el de Lucio Mummio, que hizo en Roma en los años 608 de su fundacion, para celebrar los juegos de su triunfo conquistada Achaia, i destruida Corinto. Durò la fiesta de los Toros tres dias; saleron à ellos con luzidas libreas todos los tres dias, Don Francisco Coutiño, i Estevan de Brito, i el segundo dia Simon de Melo, que sirvio en esta jornada de su Magestad de su Aposentador mayor, Don Fernando Mascareñas, Antonio Correa de Silva señor de Belas. Don Iuan de Noroña, i Don Diego de Meneses, hizieron estos Cavalleros muy buenas suertes, como otros diestros toreros a pie.

En quanto su Magestad estuvo en Lisboa visitò con sus hijos todos los Monasterios de frailes, i monjas de la Ciudad: dellos, i dellas fueron su Magestad, i Altezas

mui servidos de regalos, e presentes, e alguns de consideração. O dia que forão ao Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança, que he de freiras de Santa Clara, deixando el Rei nelle a Princesa e Infanta, foi com o Principe visitar à Duquesa de Aveiro Dona Iuliana de Lancastro à sua casa; sahio o Duque seu marido acompanhado de cinco filhos, o Duque de Torresnovas Dom Iorge de Lancastro, Dom Afonso, Dom Pedro, Dom Luis, e Dom Antonio, e de muitos Senhores, e fidalgos parentes seus, à porta do çaguão à receber sua Magestade, e Alteza, onde com seus filhos lhes beijou a mão, e aos quatro menores delles mandou sua Magestade cobrir. A Duquesa deceo até o primeiro taboleiro da escada, onde beijou a mão a sua Magestade, e ao Principe, e foi delles recebida com summa benevolencia, e afabilidade: Subidos arriba, e sentados el Rei, e sua Alteza em suas cadeiras postas sobre huma esteira, e arrimadas a hum dosel, mandou sua Magestade trazer huma almofada para a Duquesa, que se pos sobre a esteira ao lado de sua Magestade em que a Duquesa se sentou; quis el Rei ver suas filhas Dona Madalena, e Dona Mariana, vierão acompanhadas de seus dous irmãos, o Duque, e Dom Afonso, beijarão a mão a sua Magestade que lhes mandou dar almofadas sobre a mesma esteira em que se sentarão. Durou a visita em alegre conversação, e estreita familiaridade grande espaço, a que assistirão na mesma quadra os Senhores Castelhanos, e Portugueses em pe, e cubertos os que diante de sua Magestade se soem cubrir. Quando sua Magestade se foi, o forão acompanhando as filhas do Duque até a porta da mesma quadra. A Duquesa saio outras duas casas adiante donde não lhe consentio el Rei que pasasse, posto que ella o porfiou muito, e alli se despedio da Duquesa com estrãordinarias mostras de benevolencia. O Duque, seus filhos, e os outros Senhores, e fidalgos baixarão até a porta do çaguão, onde entrados sua Magestade, e Alteza no coche, se tornarão ao Mosteiro em que avião deixado a Princesa, e Infanta.

Outro dia foi a Duquesa ao Paço beijar a mão à Princesa, e Infanta, acompanhada de todos os Senhores, e fidalgos Castelhanos, e Portugueses que avia na Corte. Suas Altezas a receberão em pe na segunda casa de estado, no qual assentadas suas Altezas, se assentou a Duquesa em huma almofada; alli veio el Rei, e o Principe, e estiverão todos juntos em boa pratica, que acabada despedida a Duquesa de suas Altezas, fallando as Damas tornou à sua casa com o mesmo acompanhamento. Depois tornou ao Paço por lho aver mandado suas Altezas com suas filhas, às quaes se derão almofadas em que se sentarão sobre huma esteira que se pos junto à em que suas Altezas, e a Duquesa estavam assentadas. Forão tambem beijar a mão a Princesa, e a Infanta as Marquesas de Ferreira, e de Castelrodrigo, e as Condesas que estavam em Lisboa, à humas, e outras fizeram suas Altezas as honras com que as Rainhas de Portugal costumavão tratar.

muy servidos de regalos, i presentes. El dia que fueron al Monasterio de Nuestra Señora de la Esperança, que es de Monjas de Santa Clara, dexando el Rey en el a la Princessa, e Infanta, fue con el Principe visitar a la Duquessa de Aveiro Doña Iuliana de Lancastro, a su casa: salio el Duque su marido acompañado de cinco hijos, el Duque de Torresnovas, Don Iorge de Lancastro, Don Alonso, Don Pedro, Don Luis, i Don Antonio, i de muchos Señores, i Cavalleros parientes suyos, a la puerta del çaguan, a recibir su Magestad, i Alteza, donde con sus hijos les beso la mano; i a los quatro menores dellos mandò su Magestad cubrir. La Duquessa baxò hasta la primera mesa de la escalera, donde besò las manos a su Magestad, i Alteza, recebida dellos con mucho agrado, e benevolencia. Subidos ellos arriba, i sentados el Rey, i el principe en sus sillas puestas sobre una estera arrimadas à un dosel, mandò su Magestad traer una almohada para la Duquessa, que se puso sobre la estera al lado de su Magestad, en que la Duquessa se sento: quiso el Rey ver sus hijas Doña Madalena, i Doña Mariana, vinieron acompañadas de sus dos hermanos el Duque, i Don Alonso: besaron la mano a su Magestad, que les mandò dar almohadas sobre la misma estera, en que se sentaron. Durò la visita en alegre conversacion, i estrecha familiaridad un grande espacio, a que assistieron en la misma quadra los Señores Castellanos, i Portugueses en pie, i cubiertos los que delante de su Magestad se suelen cubrir. A la ida fueron acompañando a su Magestad las hijas del Duque hasta la puerta de la quadra donde avian estado: la Duquessa saliò otras dos quadras fuera, donde no le consintio el Rey que passasse, aunque ella lo porfiò mucho; alli se despidio della con extraordinarias muestras de afabilidad. El Duque, sus hijos, i los otros señores, i Cavalleros baxaron hasta la puerta del çaguan, donde entrados su Magestad, i Alteza en el coche, bolvieron al Monasterio donde avian dexado la Princessa, e Infanta.

Otro dia fue la Duquessa a Palacio a besar la mano a la Princessa, e Infanta, acompañada de todos los Señores, i Cavalleros Castellanos, i Portugueses que avia en la Corte. Sus Altezas la recibieron levantandose en pie para le dar la mano en la segunda pieça de estrado, en el qual se assento con ellas en una almohada: alli vino el rey, i el Principe, i estuvieron todos juntos en buena platica, que acabada, despedida la Duquessa de sus Altezas, aviendo hablado a las Damas bolvio a su casa con el mismo acompañamiento. Despues tornò a Palacio con sus hijas, por averselo mandado sus Altezas, que les mandaron dar almohadas en que se sentaron sobre una estera, que se puso junto a otra en que sus Altezas, i la Duquessa estaban. Fueron tambien las Marquesas de Ferreira, i la de Castelrodrigo, i las Condessa que estaban en Lisboa à besar la mano a sus Altezas, que les hizieron las honras con que las Reynas de Portugal solian tratar a las unas, i a las otras.

Usarão os Reis passados de Portugal ir algumas vezes á Rellação, ao votar de alguma causa grave, sua Magestade imitando tambem nisso à seus Progenitores foi huma tarde a Rellação a cavallo acompanhado somente dos Senhores, e fidalgos, e officiaes Portugueses de sua casa. Entrado sua Magestade na sala da Rellação (que he grande, e estremadamente adornada com os retratos dos Reis de Portugal) e assentado, occuparão seus lugares o Regedor, e os Desembargadores, e despejada a casa, e cerrada a porta, sua Magestade lhes disse, que a causa mais principal que o movera à vir à Portugal, fora entender, que a justiça estava nelle pouco respeitada, e enfraquecida, e que sendo ella ò Sol que illustrava, e dava luz aos Reinos, e Imperios, faltando este Sol, faltava nelles o meio com que se conservavão, e perpetuavão; e sendo a sua principal obrigação, a observancia desta Real virtude, à mesma lhes encomendava encarecidamente, para que usando em seus cargos de inteireza, e diligencia, lhes dessem occasião para os honrar, e fazer merces. O Regedor respondeo á sua Magestade, que a desestimação da justiça nos reinos, causava a ausencia de seus príncipes, e que sendo a de sua Magestade tam dilatada, della procederia em Portugal a fraqueza da justiça, cujas forças ella cobrava mui aventajadas com a Real presença de sua Magestade na quelle Reino, e com a particular honra de aver entrado naquelle Tribunal em que ella se exercitava por aquelles ministros, os quaes servião á sua Magestade com muitas letras, vigilancia, e limpeza, merecedores de que sua Magestade os acrescentasse em honras, e merces, para que se pudessem sustentar com a decencia, e autoridade que à seus officios convinha.

Proposse logo à sua Magestade huma causa criminal mui grave; votouse pelos Desembargadores, e condenouse á morte o agressor que era huma mulher, e sua Magestade usando de sua Real clemencia lhe perdoou, e à outros muitos presos por casos de menos consideração que não tinham parte, e mandou soltar a outros muitos por dividas, as quaes se pagarão a custa de sua Real fazenda, como o fez por todos os lugares do Reino por donde passou.

Entrou no porto de Lisboa huma armada Biscainha de dez Galeoês, estava tambien nelle a armada Portuguesa de que era Capitão Geral Dom Antonio de Ataide, do Conselho de sua Magestade, e seu Gentilhomem da boca; ambas sairão do porto aos 23. de Agosto a Guardar as costas de Espanha, e recolher as frotas da India, e Indias, e sua Magestade nas galès as foi deitar fora da Barra.

Chamou hum dia (que foi o de 27. de Agosto) sua Magestade o Conselho de Estado de Portugal, o que nelle propôs, e vetou foi com tam prudente descurso, e acertado juízo trattato, que ficarão admirados os Conselheiros, e os mais experimentados confusos. Outros dias chamou alguns dos mesmos Conselheiros, Presidentes, e ministros particulares, dos quaes em audiencias secretas se informou largamente do presente governo do Reino, da administração da fazenda Real, e da justiça, e de como huma cousa, e outra se poderia melhorar, e de tudo lhes pedio seus pareceres por escrito.

Foi ao Mosteiro de Bellem a celebrar as exequias del Rei Dom Filipe seu pai, que esta em gloria, as quaes se fizerão com grande solemnidade.

Chegou aos 15. de Setembro a nova da eleição do novo Emperador Fernando Archiduque de Austria, que se fez em Francofort, onde se juntou a Dieta aos 23. de Agosto passado. Foi esta nova festejada com grande alegria de sua Magestade, e Altezas. O dia logo seguinte foi el Rei a See dar graças a Deos pelo felice successo de tam acertada, e necessaria eleição para a Christandade; teve naquelle dia lugar na Capella o Duque de Torresnovas (que acompanhou à sua Magestade) o qual foi huma cadeira rasa de veludo negro com almofada do mesmo junto à cortina del Rei. Abaixo da cadeira do Duque ouve outra com almofada em que se assentou o Marques de Castelrodrigo, e abaixo desta cadeira do Marques, e hum pouco retirada para tras ouve outra sem almofada, para o Conde Mordomo maior; e no mesmo dereito se seguia o banco dos Condes cuberto com huma espaldeira de ras: e estes são os lugares

Vsaron los Reyes passados de Portugal, hallarse presentes algunas vezes en el Consejo Real (llamado Relaçam) al votar de alguna causa de importancia, i para esto ivan de Palacio a la casa de la dicha Relaçam, que aora es otro Palacio antiguo llamado Limoeiro, donde se junta el Consejo en una hermosa, i espaciosa pieça ricamente adornada con los retratos de los Reyes passados de Portugal. Su Magestad imitando tambien en esto à sus Progenitores, fue una tarde à Relaçam acompañado solamente de los Duques, marqueses, Condes, i Cavalleros Portugueses, i oficiales de su casa: propusose a su Magestad una causa criminal muy grave, votose por los Oydores, i condenose à muerte el agresor, que era una muger, i su Magestad usando de su Real clemencia le perdonò, como tambien a otros por casos de menos consideracion que no tenian parte, i mandò soltar a otros muchos por deudas, que se pagaron por cuenta de su Real hazienda, como avia hecho por los lugares del Reyno por donde avia passado.

Entrò en el puerto de Lisboa una armada Viscaina de diez Galeones; estava tambien en el mismo puerto la armada Portuguesa de que era General Don Antonio de Ataide, del Consejo de su Magestad, i su Gentilhombre de la Boca: entrambas salieron a los 23 de Agosto a guardar las costas de España, i recoger las flotas de la India, e Indias, i su Magestad en las Galeras, las fue a echar fuera de la barra.

Llamò un dia (que fue el de los 27 de Agosto) su Magestad en Consejo de Estado de Portugal: lo que en el propuso, i votò, fue, con tan prudente discurso, i acertado juyzio tratado, que quedaron admirados los Consejeros, i los mas experimentados confusos. Otros dias llamò algunos de los mismos Consejeros, Presidentes, i ministros particulares: de los quales en audiencias secretas se informò largamente el presente gobierno del Reyno, de la administracion de la hazienda Real, i justicia, i de como lo uno, i lo otro se podria mejorar, i de todo les pidio sus pareceres por escrito.

Fue al Monasterio de Belen a celebrar las exequias del Rey Don Felipe a su padre, Nuestro Señor que està en gloria, que se hizieron con gran solenidad.

Llegò à los 15 de Setiembre la nueva de la eleccion del Archiduque Fernando en Emperador, que se hizo en Francofort, donde se juntò la Dieta a los 28 de Agosto, passado dia de San Agustin, fue esta nueva festejada con grande alegria de su Magestad, i Altezas: el dia luego siguiente fue el Rey a la Iglesia mayor a dar gracias a Dios por el felice sucesso de tan acertada, i necessaria eleccion para la Christiàdad. Tuvo aquel dia lugar en la Capilla el Duque de Torresnovas (que acompañò a su Magestad) el qual fue una silla rassa de terciopelo con almohada de los mismo junto a la cortina del Rey. Mas abaxo de la silla del Duque hubo otra con almohada del mismo terciopelo, en que se sentò el Marques de Castelrodrigo, i un poco retirada atras hubo otra sin almohada, para el Conde mayordomo mayor, i en el mismo derecho se seguia el banco de los Condes cubierto con un tapiz; i estos son los lugares que tienen en

que têm na Capella Real os Duques, Marqueses, Mardomo maior, e Condes de Portugal. Cinco días depois se fez huma soléne procissão dando graças a Deos pela dita eleição que foi desde a See, ao Mosterio de São Domingos.

SINTRA.

Os dezasete foi sua Magestade, e Altezas á Sintra, e de caminho passou el Rei pela fonte de agoa livre, a qual se pretende meter na Cidade, examinou-se diante de sua Magestade a quantidade da agoa presente o Presidente da Camara, e outros officiaes della. Mandou sua Magestade, que se executasse o intento, e se trouxe a agoa com brevidade à Lisboa. De alli foi à Bellas villa de Antonio Correa da Silva, onde tem huma boa casa, e jardins: nella comeo sua Magestade, e Altezas, e passarão a dormir à Sintra. He huma villa distante de Lisboa cinco legoas, conquistada do poder dos Mouros pelo glorioso Rei Dom Afonso Enriquez, situada ao pee de huma notavel Serra, que forma com huma ponta sua o mais occidental Promontorio de Espanha, chamado dos Geografos antigos *Magno*, e *Olisipponense*, e dos modernos navegantes a Roca de Sintra, mui conhecida de todas as nações pelo famoso porto de Lisboa. Levantase esta Serra de entre humildes, e frutiferos outeiros: sobre hum rochedo da sua maior altura està edificado hum Mosteiro da Ordem de São Ieronimo, chamado por razão do sitio Nossa Senhora da Pena, cuja Igreja, e officinas necessarias para hum inteiro Mosteiro são lavradas na mesma rocha, e para o jardim do Claustro se trouxe de fora a terra. De hum eirado deste Mosteiro se descobre a mais fermosa, e deleitosa vista que pode caber na imaginação, porque por huma parte se vê sem termo o vasto Oceano, cujas inchadas, e furiosas ondas em vão combatem a mesma Serra; por outra parte a rodeão gram numero de apraziveis, e rendosas quintas, e fresquissimos valles; o maior delles he o de Collares, que toma o nome da villa de Collares nelle situada, regaho o pequeno Rio das Maçaás, que no cabo do mesmo valle, que tem huma legoa de comprido, entrà no Oceano cuberto dellas que cahem dos Arvores plantados nas suas ribeiras, e pelo valle de todo genero de frutas, das quaes val a sisa avensada cada anno dous mil e quinhentos Cruzados, e dellas no mesmo tempo entrão em Lisboa dez mil cargas, sem a que fica na villa, e se reparte pelos lugares circunvezinhos. Mais apartado se descobrem muitas Aldeas do seu termo, e grandes campos fertilissimos de pão, e gado, que faz mais aprazivel a aspereza dos penedos da quella Serra, que são grandissimos, e despegados hum dos outros, de forte que parece forão postos por industriosa mão para fermosentear mais aquelle sitio, a que a judão as laranjeiras, limoeiros, cedreiras, creijeiras, castanheiros, carregados de seus frutos entre os mesmos penedos, e outros arvores silvestres cubertos de verdes folhas, no maior rigor do Inverno. Em huma ponta com que esta Serra sae ao Mar, esteve antigamente hum Templo dedicado ao Sol, e à Lúa, de que ainda apparecem os vestigios, e algumas inscrições, que o provão. Na villa fundarão os Reis de Portugal hum sumpuoso Paço, no qual passavão os meses do Estio, cujas calmas pela frescura do sitio se não sentem, e onde tinham muita caça de Veados. Em huma torre do Paço mandou el Rei Dom Manoel pintar con grande perfeição as armas de toda a nobreza de Portugal. Aqui esteve el Rei, e suas Altezas cinco días, tornou à Lisboa a os vintetres, fazendo o caminho pela villa de Cascaes, do Conde de Monsanto, situada ao longo do Mar, entrou na fortaleza de São Gião, das maiores, e mais fortes de Espanha, fundada em huma ponta fronteira, á os baixos dos cachopos, que guarda a entrada do porto.

que tienen en la Capilla Real los Duques, Marqueses, Mayordomo mayor, i Condes de Portugal. Cinco dias despues se hizo una solene Procession general en hazimiento de gracias por la dicha elecion, que fue desde la Iglesia mayor al Monasterio de Santo Domingo.

SINTRA.

A los dezisiete fue su Magestad, i Altezas a Sintra, i de camino passò por una fuente de copiosa agua, que se llama Libre: la qual se pretende meter en la Ciudad. Examinose delante de su Magestad la cantidad del agua, presente el presidente de la Camara, i otros oficiales della, a quien mandò que se executasse el intento, i se truzesse el agua a la Ciudad. De alli fue a Belas villa de Antonio Correa de Silva, donde tiene una buena casa; en ella comio su Magestad, i Altezas, i passaron a dormir a Sintra. Es una villa distante de Lisboa cinco leguas, conquistada del poder de los Moros por el glorioso Rey D. Alonso Enriquez, situada al pie de una notable Sierra, que forma con una punta suya el mas Occidental promontorio de Europa, llamado de los Geografos antiguos *Magno*, i *Olisiponense*, i de los modernos navegantes la Roca de Sintra, muy conocida de todas las naciones por el famoso puerto de Lisboa. Levantasse esta Serra de entre humildes, i frutiferos collados: en una peña de su mayor altura està edificado un Monasterio de la Orden de San Geronimo, llamado por razon del sitio Nuestra Señora de la Peña, cuya Iglesia, i oficinas necessarias para un cumplido Monasterio, son labradas en la misma dura peña, i para el jardin del Claustro se truxo de fuera la tierra. De un terrado deste Monasterio se descubre la mas hermosa, i deleitable vista que puede caber en la imaginacion: porque por una parte se ve sin termino el vasto Oceano, cuyas inchadas, i furiosas olas baten en vano la misma Sierra, por la otra parte la rodea gran numero de apacibles Quintas, i fresquissimos valles: el mayor de ellos es el de Colares, assi llamado de la villa del mesmo nombre, en el situada; riegame el pequeño Rio de las mançanas, que al cabo del mismo valle que tiene una legua de largo, entra en el Oceano cubierto dellas, que caen de los arboles plantados en sus riberas, i por el valle de todo genero de frutas, de las quales vienen à Lisboa todos los años mas de diez mil cargas de fruta, sin la que se gasta en los lugares, i villas circunvezinos. Mas apartado se descubren muchas Aldeas de su termino, grandes campos fertilissimos de pan, i de ganado, que haze mas apacible la aspereza de las peñas de aquella Sierra, que son grandissimas, i despegadas unas de las otras de suerte, que parece fueron puestas por humana industria para hermostear mas aquel sitio, a que ayudan los Naranjos, castaños, Cereços, cargados, de sus frutos entre las mismas peñas, i otros arboles silvestres cubiertos de verdes hojas en el mayor rigor del Invierno. En una punta con que esta Sierra sale a la Mar, estuvo antiguamente un Templo dedicado al Sol, i a la Luna, de que aun aparecen los vestigios, i algunas inscripciones que lo apruevan.

En la villa de Sintra fundaron los Reyes de Portugal un suntuoso Palacio, en el qual passavan los meses del Estio, cuyos calores no se sentian por la frescura del sitio, i donde tenian mucha caça de Venados. En una torre deste Palacio mandò el Rey Don Manuel pintar con gran perfeccion las armas de toda la nobleza de Portugal. Aqui estuvo su Magestad, i Altezas cinco dias: bolvio a Lisboa à los 23 haziendo el camino por la villa de Cascais del Conde de Monsanto, distante de Lisboa cinco leguas, situada a la Marina: entrò en la fortaleza de San Gian, de las mayores, i mas fuertes de España, fundada en una punta frontera à unos baxios llamados Cachopos, que guarda la entrada del puerto.

Determinando sua Magestade de se tornar para Castella, chamou o Conselho de Estado, e os outros Tribunaes, manifestoulhes o muito gosto com que viera a Portugal, com tenção de se deter nelle muitos meses, e que voltava tam agradecido do animo com que os Portugueses seus vassallos o receberão, e festejarão, como sentido das causas que o obrigavão à partir tam brevemente de aquelle Reino, das quaes principal era a nova guerra de Alemanha intentada pelo Conde Palatino do Rhim, contra o novo Emperador, fomentada pelos herejes de aquella provincia, e de seus confederados, da qual dependia o sossego, e paz da Christandade, e dos Estados de sua Magestade, pelo que lhe convinha assistir de mais perto com o seu favor; e forças de Espanha, o que não podia fazer de tam apartado lugar como era Lisboa, e para a consolação do justo sentimento que todo o Reino avia de mostrar da sua ausencia lhes prometeo de tornar à elle o mais brevemente que pudesse, e as occasioês lhe dessem lugar, com que se despedio do Conselho não sem lagrimas dos Conselheiros vendose privados tam brevemente da presença de hum tal Rei, e de taes principes, que quando não forão senhores nossos naturaes, era razão, e ainda força, que por suas heroicass virtudes o fossem.

PARTIDA DE SVA MAGESTADE DE LISBOA.

Partio pois sua Magestade, e Alteças de Lisboa dia de São Miguel 29. de Setembro a tarde (memoravel dia) embarcado na Real, e chegarão a Couna ja de noute onde dormirão; ao outro dia forão comer a Azeitão legoa e meia de Couna, em huma casa de prazer que nelle tem o Duque de Aveiro; he a casa grande de quartos e galarias, lavradas pelo mesmo Duque com gran policia, rodeados de apraziveis jardins, e graciosas fontes, a vista em extremo alegre, e agradavel, porque he a de Lisboa (que lhe fica de frente) do seu porto, e do Rio de Couna, por cima de oulivaes, e vinhas, e de huma charneca sempre verde. Hospedou o Duque a sua Magestade com muita grandeza, e magnificencia que se estendeo a presentes feitos a sua Magestade, Alteças e às Damas. Por detras desta casa corre a Serra da Arrabeda, que pela banda do meio dia he banhada do Oceano, no qual se fazem copiosas pescarias, e na terra se matão Veados que o Duque tras nella muy guardados. Quis sua Magestade despois de comer ir a caça, chamou o Duque, meteoo consigo no coche, forão nelle até o pee da Serra onde tomarão cavallos, acharão muitos Veados que não esperarão a que se lhes pudessem atirar, de alli tomarão o caminho para Setuval, e chegarão tarde (com muitas tochas acesas no caminho, prevenidas pela villa) ao Mosteiro de São Francisco onde se avia de aposentar sua Magestade e suas Alteças que o aguardavão, porque partirão de Azeitão logo que sua Magestade partio, e vierão seu caminho dereito, que he de huma legoa e meia.

SETVVAL.

He huma das maiores, e mais assinaladas villas de Portugal, por causa do seu porto formado do Rio Cadão, que alli entra no Oceano, e de huma lingua da terra que o Mar ha estreitado. Nesta língua de terra que fica de frente da villa ouve na Antiguidade huma provoação chamada Cetobriga, nome composto de dous, Ceto, e Briga, o primeiro significa peixe grande como Atum, Corvina, e outros maiores, e o segundo Cidade na antiga lingua Espanhola, e assi todo o nome junto quer dezir Cidade de

Aviendo determinado su Magestad de tornarse à Castilla, llamò el Consejo de Estado, i a los otros Tribunales, representole las causas que le obligavan a partirse tan presto de Lisboa, i del Reyno de Portugal: de las quales era la mas principal, la nueva guerra de Alemaña, intentada por el Conde palatino del Rhin, fomentada por los herejes de aquella Provincia, i de sus confederados, contra el nuevo Emperador; de la qual dependia el sossiego, i paz de la Christiandad, i de sus Estados, por lo qual le convenia assistir a la guerra con su favor, i fuerças de España, lo que no podia hazer de tan apartado lugar como era Lisboa; i para el consuelo del justo sentimiento que todo el Reyno avia de mostrar de la ausencia de su Magestad, prometio de bolver à el lo mas presto que pudiesse, i las ocasiones diessen lugar: con que se despidio del Consejo, no sin lagrimas de los Consejeros, viendose privados tan brevemente de la presencia de un tal Rey, i de tales principes: que quando no fueran señores nuestros naturales, eran razon, i aun fuerça, que por sus heroycas virtudes lo fuessen.

PARTIDA DE SU MAGESTAD DE LISBOA.

Partio su Magestad, i Altezas de Lisboa dia de San Miguel 29 de Setiembre a la tarde, embarcando en la Real, i llegaron a Couna a la noche, donde durmieron: al otro dia fueron comer a Azeiton, una legua i media de Couna, en una casa de plazer que alli tiene el Duque de Aveiro. Es la casa grande de quartos y galerias labradas por el mismo Duque con gran policia, rodeadas de apacibles jardines, i graciosas fuentes; la vista en extremo alegre, i agradable, porque es la de Lisboa, que le queda enfrente de su puerto, i del Rio de Couna, por encima de una llanura cubierta de un matorral siempre verde: hospedò el Duque a su Magestad con grandeza, i magnificencia, que se estendio a presentes hechos a su Magestad, i Altezas, i a las Damas. A las espaldas desta casa ay una montaña llamada, La Sierra de Arrabida, que por la banda de Mediodia es bañada del Oceano, en el se hazen copiosas pescarias, i en la Sierra se matan Venados, que el Duque trae en ella muy guardados. Quiso su Magestad despues de comer salir a caça, llamò al Duque, metiole consigo en el coche: fueron en el hasta el pie de la Sierra, donde tomaron cavallos; hallaron Venados, pero no esperaron a que les pudiesen tirar. De alli tomaron el camino para Setubal, i llegaron tarde (con muchas hachas por el camino, prevenidas por la villa) al Monasterio de San Francisco, donde se avia de aposentar su Magestad, i sus Altezas, que le aguardavan ya: porque partieron de Aziton luego que su Magestad partio, i vinieron su camino derecho, que es de legua, i media.

SETVBAL.

Es de las mayores, i mas señaladas villas de Portugal, por causa de su puerto formado del Rio Cadan, que alli entra en el Oceano, i de una lengua de tierra que la Mar ha estrechado: en esta lengua de tierra que queda enfrente de la villa huvo en la antigüedad una poblacion llamada Cetobriga, nombre compuesto de dos, Ceto, i Briga. El primero significa peces grandes, como Atunes, Corvinas, i Mayores: i el segundo Ciudad, en la antigua lengua Española, i assi todo junto quiere dezir Ciudad de

peixes; ou de pescaria, porque era mui celebre o trato della na quelle lugar, onde ainda oje se vem os vestigios dos tanques em que salgavão os Atuns, e outros pescados, e apparecem as ruinas de outros edificios de aquella Cidade, e dellas se tirão estatuas, columnas, e muitas inscripções, que entre outras antiguidades dignas de eterna memoria se conservão na casa do Duque de Aveiro. A estas ruinas chama o vulgo Troya, com que quer dar a entender que são da provação que alli ouve. A qual destruida (de que a causa se não sabe) se mudarão seus habitadores á outra banda do porto ha mais de quinhentos annos, onde oje esta a villa com o mesmo nome de nova Cetobriga, corrompido em Cetobra, e com maior corrupção Cetobala, e Setuval, como oje se chama Colonia de Cetobriga, e não povoação de Tubal. Foi crescendo esta nova Colonia dos Cetobrigenses com a comodidade do porto, pescarias, e marinhas, cercouha el Rei Dom Afonso III. de Portugal dos muros, que oje têm fabricados de estremados jaspes que se tirão da Serra de Arrabida, e montes circunvezinhos, não couberão dentro dos muros seus habitadores; povoarão grandes arrabaldes, nos quaes há cinco Mosteiros tres de frades, e dous de feiras, com que esta insigne, e opulenta villa se iguala com as Cidades, porque tem tres mil vezinhos, e com ser seu termo tam curto que nelle não ha 28. vezinhos, e todo inculto por ser de araes, rochedos, e alagoas, pode tanto a industria de seus vezinhos exercitada nas navegações da Coroa de Portugal em suas pescarias, e marinhas, que de tudo o que lhe falta he abundantissima, com a comutação do pescado, e sal que lhe sobeja, cujos direitos rendem a el Rei 120 mil. Cruzados cada anno, e tem vinte e huma Comenda da Ordem de Santiago (da qual Setuval he a cabeça) cujo maior numero he de fornos de pão, que todas rendem mais de cinco mil e quinhentos Cruzados cada anno, e as provee sua Magestade em Cavalleiros da mesma Ordem. Sem estas rendas ha em Setuval outras como he a da sua Alcaidaria maior, que he do Duque de Aveiro, a do dizimo novo do pescado meu-do que he do Duque de Bragança, e a do Sabão que he de hum fidalgo particular. Tal e tam insigne he a villa de Setuval, na qual fez sua Magestade a entrada o primeiro dia de Outubro, saindo do Mosteiro de São Francisco, que esta no arrabal de donde dormira o dia de antes, as tres da tarde. A porta Nova da villa lhe fez a pratica o Iuiz de fora, o Vereador mais antigo lhe entregou as chaves, os outros o receberão debaixo de hum rico palio, e o Duque de Aveiro como Alcaide maior, descuberto o meteo dentro pela redea do cavallo; hião diante de sua Magestade muitas danças, pelas, e folias, chegou á Igreja de Santa Maria da Graça que he a Matriz, à sua porta o aguardava Dom freyre Iorge de Mello Prior maior da Ordem de Santiago vestido em Pontifical, que lhe deitou agoa benta; entrou fez oração, de donde se veio a pear as casas do Duque de Aveiro, que são da Ordem, fundadas pelo Mestre de Santiago seu Avo, filho del Rei Dom Ioão II. e renovadas pelo Duque, as quaes estavam ricamente concertadas. Aquella noute ouve luminarias por toda a villa, a seguinte as fizerão os pescadores no Mar nas suas barcas, e de dia huma copiosa pescaria ao peè das janelas do Paço. Celebrou sua Magestade as exequias da Rainha Nossa Senhora sua mulher, no Mosteiro de Iesus de freiras descalças da Ordem de São Francisco. E porque sua Magestade tinha chamados por cartas suas à Capitulo Geral da Ordem de São Bento de Avis, como Mestre governador, e perpetuo Administrador que he della, para esta villa de Setuval, por aver muitos annos que se não tinha celebrado outro Capitulo Geral. aos 3. de Outubro foi sua Magestade do Paço a Igreja de Santa Maria da Graça, em cuja porta foi recebido de freyre Dom Lopo de Sequeira Bispo de Portalegre (Prior maior

peces de pescaria; porque era muy celebre el trato della en aquel lugar, donde aun oy se veen los vestigios de los estanques, en que salavan los Atunes, i otros pescados, i aparecen las ruinas de otros edificios de aquella Ciudad, i dellas se han sacado estatuas, colunas, i muchas inscripciones, que entre otras antiguedades dignas de eterna memoria se conservan en casa del Duque de Aveiro. A estas ruinas llama el vulgo Troya, con que quiere dar a entender que son de la poblacion que alli huvo: la qual destruida se mudaron sus habitadores a la otra parte del puerto, ha mas de quinientos años, donde oy es la villa con el mismo nombre de nueva Cetobriga, corrompido en Cetobra, i con mayor corrupcion Cetobala, i Setubal, como oy se llama, Colonia de Cetobriga, i no poblacion de Tubal, que es mera fabula. Fue creciendo esta nueva Colonia de los Cetobrigenses, con la comodidad del puerto, pescarias, i salinas: cercola el Rey Don Alonso IIII de Portugal, de los muros que oy tiene fabricados de estremados jaspes que se sacan de la Sierra de Arrabida, i Montes circunvezinos. No cupieron dentro de los muros sus habitadores, poblaron grandes arrabales, en los quales ay cinco Monasterios, tres de Frayles, i dos de Monjas, con que esta insigne, i opulenta villa se iguala con las medianas Ciudades, porque tiene tres mil vezinos, que las menores no tienen: i con ser su termino tan corto, que en el no ay ventiocho vezinos, i todo inculto, por ser de arenales, peñascos, i pantanos, i faltandole de su cosecha pan, vino, azeite, i carnes, puede tanto la industria de sus vezinos, exercitada en las navegaciones de la Corona de Portugal, en sus pescarias, i salinas, que de todo lo que le falta es abundantissima con la conmutacion del pescado, i sal que le sobra; cuyos derechos rentan a su Magestad ciento i veinte mil ducados cada año, i tiene ventiuna Encomiendas de la Orden de Santiago (de la qual es Setubal la cabeça) cuyo mayor numero es de hornos de pan, que todas rentan mas de cinco mil i quinientos ducados cada año, i las provee su Magestad en Cavalleros de la misma Orden. Sin estas rentas ay en Setubal otras, como es la de su Alcaldia mayor que es del Duque de Aveiro; la del diezmo nuevo del pescado menudo, que es del Duque de Bragança; i la del jabon, que es de un Cavallero particular. Tal, i tan insigne es la villa de Setubal, en la qual hizo su Magestad la entrada el primer dia de Otubre, saliendo del Monasterio de San Francisco, que està en el arrabal, donde avia dormido el dia de antes, a las tres de la tarde. A la puerta Nueva de la villa le hizo la platica ordinaria el Iuez, el Regidor mas antiguo le entregò las llaves, los otros le recibieron debaxo de un rico Palio, i el Duque de Aveiro como Alcaide mayor descubierta la cabeça le llevò de rienda. Ivan delante de su Magestad muchas dancas, pelas, i foliones: llegò a la Iglesia Matriz de Santa Maria de la Gracia, en cuya puerta estava Don fray Iorge de Melo, Prior de mayor de la Orden de Santiago vestido en Pontifical, que le echò el agua bendita. Entrò, hizo oracion, de donde se vino a apear a la casa del Duque de Aveiro, que tiene en Setubal; fundada por el Maestre de Santiago su abuelo, hijo del Rey Don Iuan II i reformada por el Duque; la qual estava ricamente adereçada. Aquella noche huvo luminarias por toda la villa, la siguiente las hizieron los pescadores en sus barcas, i de dia una copiosa pescaria al pie de las ventanas de Palacio. Hizo su Magestad las exequias de la Reyna Nuestra Señora en el Monasterio de Iesus, de Monjas Descalças de la Orden de San Francisco. I el dia siguiente celebrò Capitulo General de la Orden Militar de Avis, en la Iglesia de Santa Maria de la Gracia; presente fray Don Lope de Sequeira Prior mayor, Obispo de Portalegre, el Comendador mayor Don Francisco Luis de Lancastro, el Clavero Don Lope de Azevedo Almirante de Portugal; los Comendadores, Cavalleros, i Freiles de la dicha Orden. [Y porque Su Majestad tenía citados por cartas suyas a Capitulo General de la Orden de San Benito de Avis, como Maestre Gobernador y Administrador Perpetuo que es de ella, en esta villa de Setubal, por haber pasados muchos años sin haber celebrado otro Capitulo General. El 3 de Octubre fue Su Majestad de Palacio a la iglesia de Santa Maria de Gracia, en cuya puerta fue recibido por fray don Lopo de Sequeira, Obispo de Portalegre (Prior Mayor

que fora pouco antes da dita Ordem, e para este acto do Capitulo o tornou a nomear sua Magestade por provisão sua) e de todos os Comendadores, Cavalleiros e freyres que vierão ao Capitulo, vestidos todos com os seus mantos brancos, com o qual acompanhamento foi el Rei atè a Capella maior, e metido na sua Cortina, ouviu a Missa do Spiritu Santo, que em Pontifical disse o Bispo Prior maior, e em quanto ella durou esteve a bandeira da Ordem, e o Estoque no Altar maior. Acabada a Missa se fez a Procissão, hia diante com a bandeira da Ordem freyre Dom Lourenço de Lancastro Comendador da Comenda de Curuche, que neste Capitulo fez o officio de Alferez, levavão as pontas da bandeira freyre Dom Francisco de Portugal Comendador da Fronteira, e freyre Antonio Moniz Barreto Comendador das Galveas. Seguião a Bandeira da parte direita os freyres o Sacristão, e o Prior maior, e da esquerda os Cavalleiros, e Comendadores, dos quaes era o ultimo o Claveiro freyre Dom Lopo de Azevedo Comendador de Olivença, Almirante de Portugal, diante de sua Magestade hia o Comendador maior Dom Francisco Luis de Lancastro, com o Estoque levantado. Com esta ordem se continuou a procissão atè o lugar do Capitulo, que foi no corpo da mesma Igreja fora do Cruzeiro, onde estava hum estrado de tres degrãos, alcatifado com hum dosel de Brocado, no meio delle hum Crucifixo, e debaixo huma cadeira de brocado cuberta com hum pano, e huma almofada do mesmo à os pees. Chegado sua Magestade ao estrado, tirando o Reposteiro maior Bernardim de Tavora, o pano que cubria a cadeira sua Magestade se assentou nella, e o Prior maior em huma almofada de veludo à mão direita de sua Magestade, e o Comendador maior em outra à mão esquerda, ambos no degrão do meio do estrado, e ordenando os assentos dos Comendadores, Cavalleiros, e freyres segundo suas antiguidades, o Secretario do Capitulo Jorge Coelho de Andrade, disse de mandado de sua Magestade em voz alta à freyre Antonio Moniz Bareto, Porteiro do Capitulo, por ser o mais moderno na profissão, que deitasse fora as pessoas que não erão da Ordem, o que elle fez, e o Capitulo se começou na forma que os estatutos ordenão; sua Magestade referio as causas que o moverão a celebrar aquelle Capitulo Geral, das quaes erão as maiores estarem os estatutos, e diffinições da ordem em grande relaxação pelos muitos annos que erão passados despois do ultimo Capitulo, e serlhe presente a obrigação que elle tinha como Mestre de as reformar: ao que o Prior maior em nome de toda a Ordem deu as graças à sua Magestade pela merce que lhe fazia, e lhe foi beijar à mão juntamente com o Comendador maior. Logo se poz diante de sua Magestade hum Sítial, e sobre elle hum Missal aberto, sobre o qual postas el Rei suas mãos de gíolhos, e desbarretado fez o juramento na forma costumada, lendolho o Doutor Alvaro Moniz Chançarel da Ordem estado presente o Prior maior, e o Secretario do Capitulo, que despois de sua Magestade aver jurado, e se assentar na sua cadeira, lhe deu escrito o juramento que sua Magestade assinou. Feitas as venias, e outras ceremonias do Capitulo, forão os Comendadores, e freyres votar em dous diffinidores, para o que o Secretario se pos de gíolhos com hum livro dos Evangelios, e huma folha de papel; na qual tomou os votos diante de sua Magestade, a quem se davão, e regulados por elle sairão por Diffinidores freyre Dom Ieronimo Coutinho Comendador da Comenda de Olivença, do Conselho de Estado de sua Magestade, e freyre Dom Carlos de Noronha Comendador de Mourão, os quaes despois de feito o juramento costumado forão beijar a mão a sua Magestade, e avendo os Diffinidores, e o Prior maior, e Comendador maior (que

que fuera poco antes de dicha Orden y para el acto de este capítulo volvió a ser nombrado por provisión de Su Majestad) y todos los comendadores, caballeros y frailes asistentes al capítulo, todos vestidos con sus mantos blancos, que acompañaron al Rey a la Capilla Mayor, donde asistió a la misa del Espíritu Santo que dijo en pontifical el Obispo Prior Mayor y, mientras duró, estuvo la bandera y la espada de la Orden en el Altar Mayor. Acabada la misa se formó una procesión en la que iba delante fray don Lourenço de Lancastro, Comendador de Curuche, que en este capítulo oficiaba de Alférez con la bandera de la Orden, cuyas puntas llevaban don Francisco de Portugal, Comendador da Fronteira, y fray Antonio Moniz Barreto, Comendador das Galveas. Seguían a la bandera por la parte derecha los frailes, el sacristán y el Prior Mayor; y por la izquierda los caballeros y comendadores, de los que era el último el clavero fray don Lopo de Azevedo, Comendador de Olivença y Almirante de Portugal; delante de Su Majestad iba el comendador mayor don Francisco Luis de Lancastro, con la espada en alto. En este orden fue la procesión hasta el lugar del capítulo, que fue en el cuerpo de la misma iglesia, fuera del crucero, donde había un estrado de tres escalones, entelado con un dosel de brocado, con un crucifijo en medio y debajo, una silla de brocado cubierta con un paño y una almohada igual a los pies. Llegado Su Majestad al estrado, quitó el repostero mayor Bernardim de Tavora el paño que cubría la silla y Su Majestad se sentó en ella, y el Prior Mayor en una almohada de terciopleo a la derecha de Su Majestad, y el Comendador Mayor en otra a su izquierda, ambos en el escalón del medio del estrado; y ordenando los asientos de los comendadores, cavalleros y frailes según su antigüedad, el secretario del capítulo, Iorge Coelho de Andrade, por orden de Su Majestad dijo en voz alta a fray Antonio Moniz Barreto, portero del capítulo, por ser el más nuevo en la profesión, que acompañase fuera a las personas que no eran de la Orden, lo que hizo, y el Capítulo comenzó en la manera que ordenan los estatutos. Su Majestad refirió las razones que le movieron a celebrar aquel Capítulo General, de las que la más importante era estar los estatutos y definiciones de la Orden muy relajados por los muchos años pasados después del último capítulo, y estar presente la obligación que él tenía como Maestre de reformarlas; a lo que el Prior Mayor, en nombre de toda la Orden, dio las gracias a Su Majestad por la gracia que hacía y fue a besar la mano con el Comendador Mayor. Después se puso un sitial delante de Su Magestad y sobre él un misal abierto, sobre el que, de rodillas y descubierto, puso el Rey sus manos jurando de la forma acostumbrada lo que leía el doctor Alvaro Moniz, canciller de la Orden, en presencia del Prior Mayor y del Secretario del Capítulo que, después de haber jurado Su Majestad y de volver a su silla, le dio escrito el juramento que Su Majestad firmó. Hechas las venias y otras ceremonias del Capítulo, votaron los comendadores y frailes dos definidores, para lo que el Secretario se puso de rodillas sosteniendo los Evangelios y una hoja de papel, en la que tomó los votos en presencia de Su Majestad, a quien se darían y, una vez contados por él, salieron Definidores fray don Ieronimo Coutinho, Comendador de Olivença y del Consejo de Estado de Su Majestad, y fray don Carlos de Noronha, Comendador de Mourão, que, tras hecho el juramento acostumbrado, fueron a besar la mano de Su Majestad. Teniendo que elegir Visitadores con Su Majestad los Definidores, el Prior Mayor, el Comendador Mayor (que

tambem o são por razão de suas dignidades) de elegerem com sua Magestade Visitadores, para visitarem as Igrejas, e bens da ordem, se assentou por justos respeitos que esta eleição fizessem os Diffinidores quando se juntassem em Diffinitorio, e nelle tambem determinassem, e resolvessem outras cousas que se ouverão de tratar na quelle primeiro dia, e no segundo, e terceiro do capitulo, por quanto sua Magestade não podia assistir nos outros dias, e assi o aprovarão, e consentirão os Comendadores Cavalleiros, e freyres Capitulares, sendolhes dito da parte de sua Magestade pelo Prior maior, com que se ouve por concluido o Capitulo, e se abrirão as portas, e sua Magestade acompanhado de toda a Ordem ate a porta da Igreja, se tornou para o paço.

PALMELA.

O dia seguinte que forão quatro de Outubro, partio sua Magestade de Setuval, foi dormir a Palmela; he esta villa da Ordem de Santiago, seu sitio he hum Monte alto, e no cume delle està fundado o Convento dos freyres da ditta Ordem, e delle se descobrem os dous assinalados Portos de Lisboa, e Setuval, hum ao Norte, e o outro ao Sul; ganhou esta villa aos Mouros el Rei Dom Afonso Enriquez, no anno de 1165. com sò sesenta de cavallo, e com elles deu batalha à el Rei de Badajoz, que vinha a socorrer Cezimbra (que el Rei Dom Afonso pouco antes tomara) com quatro mil de cavallo, e 60 mil. de pee, dos quaes alcançou huma gloriosa vitoria com que se entregarão os de Palmela. Nesta villa quis sua Magestade celebrar o Capitulo Geral da Ordem de Santiago, pelas mesmas causas que em Setuval avia celebrado o de São Bento de Avis, e assi chegando ao Convento pouco antes das dez horas do mesmo dia que partio de Setuval, foi recebido a porta principal da Igreja do Prior maior Dom Iorge de Mello, e dos freyres com sobrepellices, e dos Comendadores, e Cavalleiros com mantos em procissão com, *Te Deum laudamus*, até a Capella maior, onde recolhido sua Magestade na sua cortina, e posta a bandeira, Estoque, e sello da Ordem no Altar maior, fez profissão Dom Iorge de Lancastro Duque de Torresnovas, por aver cumprido o anno de noviciado, nas mãos do Prior maior, em presença de sua Magestade, a quem beijou a mão acabada a cerimonia da profissão, e deu a paz aos Comendadores, e Cavalleiros. Disse a Missa do Espirito Santo o Prior maior em Pontifical. Acabada a Missa se fez a Procissão, com a qual se encaminhou ao lugar donde se avia de celebrar o Capitulo, que foi o da mesma Igreja fora do Cruzeiro, nelle estava composto o estrado, dosel, Crucifixo, cadeira, almofada para sua Magestade. Assentouse da parte do Evangelho no primeiro degrão do estrado em huma almofada de veludo o Prior maior. Iurou sua Magestade tudo como no Capitulo passado de Avis, e por não aver treze da Ordem, com o parecer do Prior maior, que diante de sua Magestade estava de giolhos com o Secretario, os criou sua Magestade, e forão o Duque de Aveiro, o Duque de Torresnovas, Dom Diogo da Silva Conde de Portalegre, Comendador de Almada. Dom Diogo de Castro, Comendador de Almodouvar, Enrique de Sousa Conde de Miranda, Comendador de Alvalade, Francisco de Saà Conde de Penaguião, Comendador de Santiago de Cacem, Dom João Lobo Barão de Alvito, Comendador da Represa, Dom Diogo de Meneses Comendador de Casevel, miuças de Alcacer do sal, e meios de Braspalha. João da Silva Tello de Meneses Comendador de Mouguellas, Bernadim de Tavora de Sousa Comendador de Cacella, Diogo freyre de Andrade Comendador de Sosa, Pero da Silva Comendador de Villanova de Milfontes, e Fernão Tellez da

también lo son por razón de sus dignidades), para visitar la iglesias y bienes de la Orden, se decidió por respeto que esta elección la hiciesen los Definidores cuando se reuniesen en el Definitorio, y que también determinasen y resolviesen oyros asuntos que se habrían de tratar en aquel primer día, en el segundo y en el tercero del capítulo, porque Su Majestad no podía asistir los demás días, y así se aprobó y consintió por los comendadores, caballeros y frailes capitulares, siéndoles dicho por el Prior Mayor, de parte de Su Majestad. Con esto se concluyó el Capítulo, se abrieron las puertas y Su Majestad salió acompañado de toda la Orden hasta la puerta de la iglesia, desde donde volvió a Palacio.

PALMELA.

El día siguiente quatro de Otubre partio su Magestad de Setubal, fue dormir a Palmela: es esta villa de la Orden de Santiago, su sitio es, un Monte en cuya cumbre està fundado el Convento de los freyles de la dicha Orden, i del se descubren los señalados puertos de Lisboa, i de Setubal, uno al Septentrion, i otro al Mediodia. Ganò esta villa a los Moros el Rey Don Alonso Enriquez, en el año de 1165 con solo sesenta de cavallo, con los quales dio batalla al Rey de Badajoz que venia a socorrer Cezimbra (que el Rey Don Alonso poco antes avia tomado) con quatro mil de cavallo, i sesenta mil de pie, de los quales alcançò una gloriosa vitoria; con que se entregaron los de Palmela. En esta villa celebrò su Magestad el Capitulo general de la Orden de Santiago, en que assistiò el Prior mayor, el Duque de Aveiro, i los demas Comendadores, i Cavalleros de la misma Orden [por las mismas razones que en Setúbal se había celebrado el de San Benito de Avis, así llegando al convento poco antes de las diez del mismo día en que partió de Setúbal, fue recibido en la puerta principal de la iglesia por el prior mayor don Jorge de Mello, dos frailes con sobrepellices, dos comendadores y caballeros con mantos, en procesión y entonando *Te Deum laudamus*, hasta la Capilla Mayor, donde se situó Su Majestad en su sitial, y puesta la bandera, la espada y el sello de la Orden en el Altar Mayor, hizo profesión de fe don Jorge de Lancastro, Duque de Torresnovas, por haber cumplido el año de noviciado, de manos del Prior Mayor y en presencia de Su Majestad, a quien besó la mano acabada la ceremonia de profesión de fe y dio la paz a los comendadores y caballeros. Dijo misa del Espíritu Santo el Prior Mayor vestido de pontifical. Acabada la misa se formó procesión con la que se encaminó al lugar donde se había de celebrar el Capítulo, que fue en la misma iglesia, alejados del crucero. En donde estava erigido el estrado, dosel, crucifijo, silla, y almohada para Su Majestad. El prior Mayor se sentó en la parte del Evangelio, en el primer escalón del estrado sobre una almohada de terciopelo. Juró Su Majestad todo como en el último Capítulo de Avis y por no haber trece de la Orden, con el parecer del Prior Mayor, que estava de rodillas ante Su majestad, con el Secretario, los nombró Su Majestad y fueron el Duque de Aveiro; el Duque de Torresnovas; don Diogo da Silva, Conde de Portalegre y Comendador de Almada; don Diogo de Castro, Comendador de Almodovar; Enrique de Sousa, Conde de Miranda y Comendador de Alvalade; Francisco de Saa, Conde de Penaguião y Comendador de Santiago de Cacem; don João Lobo, Barón de Alvito y Comendador de la Represa; don Diogo de Meneses, Comendador de Casevel, Miuças de Alcacer do Sal y Medios de Braspalha; João da Silva Tello de Meneses, Comendador de Mouguellas; Bernadim de Tavora de Sousa, Comendador de Cacella; Diogo Freire de Andrade y Comendador de Sosa; Pero da Silva, Comendador de Villanova de Milfontes; y Fernão Tellez da

Silveira, Comendador de Ourique. Depois de sua Magestade aver criado os treze, os que delles erão presentes lhe vierão beijar a mão, e elles com os mais Comendadores, e Piores votarão diante de sua Magestade, tomando os votos o Secretario que junto à elle estava de gíolhos, em quatro Diffinidores do numero dos mesmos treze, e porque tambem avião de votar os Beneficiados, e Capellaês das Igrejas da Ordem, e erão muitos, e o tempo breve mandou sua Magestade, que os Beneficiados e Capellaês elegessem dous freyres que por elles votassem como se fez, e regulados todos os votos sairão por Difinidores o Duque de Aveiro, o Barão de Alvito, João da Silva Tello, e Diogo freyre de Andrade, aos quaes se cometeo, que elegessem os Vissitadores no Diffinitorio, e ordenasse nelle as mais cousas que naquelle dia, e nos dous seguintes se ouverão de tratar, que tudo aprovarão, e contentarão os Comendadores, Cavalleiros, e freyres Capitulares com que se ouve o Capitulo por concluido, e se abrião as portas, e sua Magestade se partio do Convento no proprio dia, e veio à Couna onde se embarcou na Real, e passando a vista de Lisboa, com saudosas lagrimas de seus vezinhos surgio de frente de Enxobregas, onde estava surta a armada do Oceano, de que he Geral Dom Fadrique de Toledo. Entrou sua Magestade na Capitana, tornou-se a embarcar na Real para proseguir sua viagem à Salvaterra, e por ser gastada a Meré não pode passar da parajem de Sacavem, onde deu fondo a real, e durmirão nella sua Magestade, e Altezas, no outro dia forão à dormir a Povos villa do Conde da Castanheira, e o seguinte à Salvaterra.

SALVATERRA, E ALMEIRIM.

Dista Salvaterra doze legoas de Lisboa pelo Tejo acima, foi do Infante Dom Luis, em que edificou huns Paços por ser terra de muita caça, e por razão della mui frequentada del Rei Dom Sebastião. Sahio sua Magestade a montear, servindo neste exercício o Monteiro maior Francisco de Mello, e os monteiros Portugueses; matarãose alguns Porcos Montes. Alli veio Dom Ieronimo de Ataide, dar rellação à sua Magestade como Dom Antonio de Ataide Capitão Geral da armada de Portugal tomara aos Turcos hum Navio carregado de Açucares 25. legoas da costa na parajem das Berlengas, e que Dom Antonio com toda armada hia em demanda das Nãos da India, as quaes encontrou aos 25. de Outubro, 60. legoas de terra na altura de Lisboa, em cujo porto as meteo com prospera viagem.

De Salvaterra foi sua Magestade aos nove à Almeirim, duas legoas de Salvaterra, lugar onde os Reis de Portugal sohião passar os Invernos, e donde para sua habitação fundarão huns grandes Paços com deleitosos jardins; e pela mesma causa edificarão nelle casas os senhores, e fidalgos que seguião a Corte, com que se fez huma povoação em que toda a Corte comodamente se alojava; oje são campos onde foi Troya, o mesmo fora dos Paços sem senão repararão. De Almerim partio sua Magestade aos 11. i veio a Santarem que lhe fica defronte da outra banda do Tejo, o qual atrevessou em hum Bergantim.

Silveira, Comendador de Ourique. Después de que Su Majestad hubiera nombrado a los trece, los que de ellos estaban presentes vinieron a besarle la mano, y votaron con los demás comendadores y priores ante Su Majestad, tomando los votos el Secretario que estaba de rodillas junto al Rey, para nombrar cuatro Definidores de entre aquellos trece, y porque también tenían que votar los beneficiados y capellanes de las iglesias de la Orden, que eran muchos, y a poco mandó Su Majestad que los beneficiados y capellanes eligiesen dos frailes que votasen por ellos, como se hizo, y contados todos los votos salieron por Definidores el Duque de Aveiro, el Barón de Alvito, Ioão da Silva Tello, y Diogo Freire de Andrade, a quienes se encomendó que eligiesen a los Visitadores del Definitorio y ordenasen en él los asuntos de aquel día y de los días siguientes que se habrían de tratar, que todo aprobaron y satisficieron los comendadores, caballeros y frailes capitulares, con lo que se dio por concluido el Capítulo, se abrieron las puertas y Su Majestad salió del convento ese mismo día]. Acabado el Capítulo, partió para Couna, donde se embarcó en la Real, i passando a la vista de Lisboa, con saudosas lagrimas de sus vezinos surgio enfrente de Enxobregas, donde estava surta la armada del Oceano, de que es general Don Fadrique de Toledo, hijo segundo de Don Pedro de Toledo Marques de Villafranca. Entrò su Magestad en la Capitana; bolviose a embarcar en la Real para proseguir su viaje a Salvatierra, i por ser gastada la marca no pudo passar del paraje de Sacaren, donde dio fondo la Real, i durmieron su Magestad, i Altezas en ella. Al otro dia fue a dormir a Povos, villa maritima del Conde de Castanheira; i el siguiente a Salvatierra.

SALVATIERRA.

Dista Salvatierra 12. leguas de Lisboa por el Tajo arriba, fue del Infante Don Luis, en que edificò un Palacio por ser tierra de mucha caça, i por razon della muy frequentada del Rey Don Sebastian. Salio su Magestad a montar, sirviendole en este exercicio el Montero mayor Francisco de Melo, i los monteros Portugueses: mataronse algunos Iavalies. Alli vino Don Geronimo de Ataide, que avia llegado a Lisboa por Capitan de un Navio, que su padre Don Antonio de Ataide Capitan general de la armada de Portugal avia tomado a los Turcos cargado de açucares 25 leguas de la costa, en el paraje de las Berlengas, i despues que Don Antonio tomò este Navio fue en demanda de las Naves de la India, las quales encontrò a los 25 de Otubre, sesenta leguas de tierra en la misma altura de Lisboa, en cuyo puerto las metio con prospero viaje.

ALMEIRIN.

De Salvatierra fue su Magestad a los nueve a Almeirin (dos leguas de Salvatierra) lugar donde los Reyes de Portugal solian passar los Inviernos, i donde para su habitacion fundaron un gran Palacio con graciosos jardines, i por la misma causa edificaron casas en el los señores, i Cavalleros que seguian la Corte, con que se hizo una poblacion en que toda la Corte comodamente se alojaba, oy son campos donde fue Troya; lo mismo fuera de Palacio, sino se reparara. De Almeirin partio su Magestad a los onze, vino a Santaren, que le queda enfrente de la otra banda del Tajo, que atravessò en un Bergantin.

SANTAREM.

He a mais nobre villa de Portugal, e como tal seus Procuradores nas Cortes se assentão no primeiro banco entre as quatro principaes Cidades do Reino, não he menor sua antiguidade que sua nobreza, porque em tempo dos Romanos foi huma das suas cinco Colonias da Lusitania, que erão Merida, Medelhim, Beja, Norba Cesarea cerca da Ponte de Alcantara, e Santarem, com o nome de Scalabis, tambem se chamou Praesidium Iulium, foi hum dos tres Conventos jurídicos, que erão Chancelherias que ouve na mesma Lusitania, a que acudião as appellações dos casos maiores da justiça, tribunaes que não se punhão senão nas Cidades principaes, como forão Merida, e Beja, que forão os outros dous Conventos juridicos; conservouse tambem esta dignidade em Santarem em tempo dos Reis passados de Portugal, atè el Rei Dom João I. que passou a Lisboa á que estava em Santarem, e el Rei Dom Filipe I. que esta em gloria, a mudou para a Cidade do Porto, onde oje reside. O nome de Scalabis lhe durou atè que os Mouros occuparão esta villa, os quaes o corromperão em Cabelicastro. Os Moçarabes que vivião entre elles, ou os Portugueses que a conquistarão do poder dos Mouros (por razão do corpo da Martyr Santa Eiria, que no fundo das aguas do Tejo, junto a esta villa tem sua sepultura, como se dirà na rellação de Tomar) a chamarão Santa Irene, e abreviando o nome Santare; tomouha ei Rei Dom Afonso Enriquez aos Mouros no mesmo dia que chegou a ella, que foi o dezete de Maio do ano 1147. Com só os contínuos de sua casa, e alguns poucos soldados de Coimbra, empresa que acabada pareceo milagrosa pela aspereza do sitio, fortaleza da villa, e multidão de seus habitadores; foi Corte dos Reis antigos de Portugal, povoada de muita nobreza pela fertilidade de seus campos, que produzem todas as cousas necessarias para a vida, e regalo humano, com as enchentes do Tejo, que não causão nelles menor abundância que as do Nilo em Egypto, pelo qual lhe chamava el Rei Dom Afonso Enriquez, Paraiso de deleites.

Ha nesta villa notaveis maravillas de casos milagrosos, o maior, e o mais assinalado he o milagre dos milagres, a que por excellencia chamão o Santissimo milagre, no qual està o verdadeiro corpo de Christo Salvador nosso Sacramentalmente, envolto em seu proprio sangue, cuja historia he esta. Em tempo que Reinava em Portugal el Rei Dom Afonso III. anno de 1266. vivia em Santarem na freguesia de São Estevão, huma mulher mal casada com seu marido, que para o ser bem pedio o remedio a huma Iudia, a qual lho prometeo dandolhe huma Hostia consagrada; a fraca, e ignorante mulher com o vehemente desejo que tinha de se ver amada de seu marido, não recusou de fazer o maior dos sacrilegios: fingiose enferma, foisse comungar à freguesia, escondeo a consagrada forma que lhe deu o Cura na boca sem a consumir, a qual tirou da boca, e envolveo em huma beutilha, e caminhou com ella para a casa da Iudia, pela Rua se lhe hião caindo gotas do Sacrosanto Sangue da divina Hostia que levava, de que sem saberé as vizinhas donde emanava a advertirão, e a mulher confusa se tornou para sua casa, e meteo o Santissimo Sacramento assi envolto na mesma beutilha em huma arca; da qual despois de deitados na cama ella, e seu marido virão sair divinos resplandores: maravilhado delles o marido perguntou à mulher o que tinha naquella arca, ella arrependida cõfessou o caso, foise logo o marido a Igreja de São Estevão, deu conta ao Cura do que passava, o qual com outros clerigos, e povo em Procissão se foi a casa da mulher, adorarão a divina Hostia em partes manchada de Sangue, tornarão com ella à Igreja, e a poserão em sera no Sacrario. Passados dias a acharão encerrada sem a sera em huma ambola celestial transparente de materia não conhecida, a qual se meteo em hum vaso de cristal

SANTAREN.

La mas noble villa de Portugal, i como tal sus Procuradores en las Cortes se asientan en el primer banco entre las quatro principales Ciudades del Reyno, Lisboa, Evora, Coimbra, el Porto: no es menor su antiguedad que su nobleza, porque en tiempo de los Romanos fue una de las cinco Colonias de la Lusitania, que eran Merida, Medellin, Beja, Norba Cesarea, Ciudad cerca del puente de Alcantara, i Santaren, con nombre de Scalabis: tuvo tambien de Presidium Iulium: fue uno de los tres Conventos juridicos que hubo en la misma Lusitania, que eran Chancillerias a que acudian las apelaciones de los casos mayores de Iusticia; tribunales que no se ponian sino en las Ciudades Principales, como fueron Merida, i Beja, que eran los otros dos Conventos juridicos. Conservose tambien esta dignidad en Santaren en tiempo de los Reyes passados de Portugal, hasta el Rey Don Iuan el Primero, que passò a Lisboa esta Chancilleria, i el Rey Don Felipe I que està en gloria, la trasladò a la Ciudad del Porto donde oy reside. El nombre de Scalabis le durò hasta que los Moros ocuparon esta villa, los quales le corrompieron en Cabelicastro: los Mozarabes que vivian entre ellos, o los Portugueses que la conquistaron (por razon del cuerpo de la Martyr Santa Irene, que en medio de las aguas del Tajo, junto à esta villa tiene su sepulcro como se dira en la relacion de Tomar) la llamaron Santa Irene, i abreviando el nombre Santaren. Ganola el Rey Don Alonso Enriquez a los Moros en el mismo dia que llegò á ella, que fue el 7 de Mayo del año 1147 con solamente los Continuos de su casa, i algunos pocos de Coimbra. Empresa que acabada parecio milagrosa, por la aspereza del sitio, fortaleza de la villa, i multitud de sus habitantes. Fue Corte de los Reyes antiguos de Portugal, i poblada de mucha nobleza por la fertilidad de sus campos, que producen todas las cosas necesarias para la vida, i regalo humano, con las inundaciones de Tajo, que no causan menor abundancia que las del Nilo en Egipto: por lo qual le llamaua el Rey Don Alonso Enriquez, Parayso de deleites.

Ay en esta villa notables maravillas de casos milagrosos, el mayor, i mas señalado es, el milagro de los milagros, a que por excelencia se llama el Santissimo milagro: en el qual està Christo Salvador Nuestro Sacramentalmente embuelto en tu propia sangre, cuya historia es esta. En tiempo que Reynava en Portugal el Rey Don Alonso III año de 1266 vivia en Santaren en la Parrochia de San Estevan; una muger mal casada, que para serlo bien pidio el remedio a una Iudia, la qual se lo prometio, i para ello entre otras cosas, le pidio una Hostia consagrada: la flaca, e ignorante muger con el deseo grande de verse amada de su marido, no rehusò hazer el mayor de los sacrilegios. Fingiose enferma, fuesse a la Parrochia a comulgar, escondio la consagrada Forma que el dió el Cura en la boca, sin consumirla; la qual sacò de la boca, i embolvio en una beatilla, i caminò con ella a casa de la Iudia. Por la calle por donde iba se iban cayendo gotas de Sacrosanta sangre de la divina Hostia que llevaba; de que sin saber donde emanava le advirtieron las vezinas, i la muger confusa se bolvio a su casa, i metio el Santissimo Sacramento assi embuelto en la beatilla en un arca: de la qual despues de acostados ella, i su marido, vieron salir divinos resplandores. Maravillado el marido preguntò a la muger lo que tenia aquella arca: ella arrepentida le confessò el caso. Fuese luego el marido a la Iglesia de San Estevan, dió cuenta al Cura de lo que passava, el qual con otros clerigos, i pueblo en procession se fue a casa de la muger; adoraron la divina Hostia en partes manchada de sangre. Bolvieron con ella a la Iglesia, i la metieron en el Sagrario. Passados dias la hallaron encerrada en una ampolla celestial transparente de materia no conocida; la qual se metio en un vaso de Cristal

(como està oje) e por elle se vee, e adora com grande devoção, e reverencia a consagrada forma, que obra cada dia muitos milagres. A beitolha manchada do divino Sangue que parece fresco, se guarda com grande veneração no Mosterio de São Domingos de Santarem.

No mesmo Convento ha hum Minino Iesus, de que he tradição que baixava dos braços da Imagem de sua Santissima Mai, e Virgem, a merendar com dous mininos que vinhão ao ditto Mosteiro a tomar lição de ler do sancristão freyre Bernardo, Religioso de vida inculpavel. A sepultura de todos tres, mestre, e dicipulos se abriu acabo de muitos annos, no de 1577. e se acharão seus corpos com sinaes milagroses, e suave cheiro, e as mortalhas brancas sem corrupção. A Imagem do Minino Iesus que com grande reverencia se venera, dizem, e affirmão os Religiosos do Convento, que crece, porque em differentes tempos se forão tambem acrescentando as caixas em que o tinhão metido, e na presente em que està cabia com a Coroa que tem na cabeça, e agora com ella não cabe.

O terceiro milagre he de hum Crucifixo, que succedeo deste modo. Ouve nos tempos passados huma Ermida pequena, e pobre cercada de mato fora dos muros de Santarem, na qual estavão pintados na parede do Altar os Apostolos, e sobre elle hum Crucifixo de antigua escultura, apacentava na quelle monte huma pastora hum pouco de gado, da qual se namorou hum mancebo rico vezinho da villa, e não podendo por outra via cumprir seus desordenados desejos lhe prometeo que casaria com ella dentro na dita Ermida, diante do Santo Crucifixo, com que se siguiu o effeito do esposorio; continuouse a conversação entre elles sentiosse prenhe a mulher, pedio ao mancebo a recebesse publicamente para sanear sua honra, e não o querendo elle fazer demandoulho ella por marido diante do Vigairo geral, e offereceo per testemunha da sua causa o Santo Crucifixo: o Vigairo movido das lagrimas da afligida pastora, tomando consigo seus officiaes, e o mancebo se foi à Ermida, onde posta a mulher de giolhos diante do Santo Crucifixo pedindolhe manifestasse a verdade de aquelle caso, e se era verdade que aquelle home lhe prometera de ser seu marido. A Santa Imagem para prova do que a mulher affirmava despregou ambas as mãos, e baixou o braço direito, e toda aquella parte do corpo, dando com tam estupendo milagre sinal de aquella verdade de que fora testemunha, e nesta mesma postura ficou, se vê, e ha permanecido até agora, em huma Igreja nova que a Serenissima Infanta Dona Maria filha del Rei Dom Manoel mandou edificar no mesmo sitio da Ermida, e alcançou do Papa muitas graças, e indulgencias para os que visitasse esta milagrosa Imagem, e enriquecendo a Igreja com santas Reliquias, e o mais ornato necessario para o Culto divino: fez de tudo doação à Ordem do Patriarcha São Bento, que possui està bendita casa com hum Abade, e doze Monjes.

(como està oy) i por el se vee, i adora con gran devocion, i reverencia la consagrada Forma, que obra cada dia muchos milagros. La beatilla manchada de la divina Sangre, que parece fresca, se guarda con gran veneracion en el Monasterio de Santo Domingo de Santaren.

El el mismo Convento ay un Niño Iesus, de que es tradicion que baxava de los braços de la Imagen de la Santissima Virgen, i Madre suya, à merendar con dos niños que venian al Monasterio a tomar lecion del Sacristan llamado fray Bernardo Religioso de vida inculpable. La sepultura de todos tres al cabo de muchos años, se abrio en el de 1577 i se hallaron sus cuerpos con señales milagrosas, i suave olor, i las mortajas blancas sin corrupcion. La Imagen del Niño Iesus, dizen que crece, porque en diferentes tiempos fueron tambien creciendo las caxas en que le tienen metido, i en la presente se afirma que cabia con la Corona que tiene en la cabeça, i que aora no cabe.

El tercero milagro es de un Crucifixo, que sucedio desta manera. Huvo e los tiempos passados una Ermita pequeña, i pobre, cercada de malezas fuera de los muros de Santaren, en la qual estavan pintados en la pared del Altar los Apostoles, i sobre el un Crucifixo de antigua escultura: apacentava en aquel monte una pastora su ganado, de la qual enamorado un mancebo rico vezino de la villa, no pudiendo por otra via cumplir sus desordenados desseos, le prometio ser su marido dentro de la dicha Ermita delante del Santo Crucifixo, con que se siguió el efeto del desposorio. Continuose la conversacion entre ellos: sintiose la muger preñada, pidio al mancebo la recibiesse publicamente para sançar su honra. No lo queriendo el hazerle, demandolo ella por marido delante del Vicario general, i ofrecio por testigo de su causa el Santo Crucifixo: el Vicario movido por las lagrimas de la afligida pastora, tomando consigo sus oficiales, i al mancebo, fue a la Ermita, donde puesta la muger de rodillas delante del Santo Crucifixo, suplicandole manifestasse la verdad de aquel caso, i si era verdad que aquel hombre le avia prometido de ser su marido. La Santa Imagen para prueba de lo que la muger afirmava, desclavò entrambas manos, i baxò el braço derecho, i toda aquella parte del cuerpo, dando con tan estupendo milagro, señal de aquella verdad que avia sido testigo. Í en esta misma postura se ve, i ha permanecido hasta aora en una Iglesia nueva, que la Serenissima Infanta Doña Maria hija del Rey Don Manuel, mandò edificar en el mismo sitio de la Ermita, i alcançò del papa muchas gracias, è Indulgencias para los que visitassen esta milagrosa Imagen, i enriqueciendo la Iglesia con tantas Reliquias, i el mas adorno necessario para el Culto Divino; hizo de todo donacion a la Orden del Patriarca San Benito, que posee esta bendita casa con un Abad, i doze Monjes.

Nesta villa por tantos attributos illustre entrou sua Magestade a 11.de Outubro, as noutes que se deteve em Almeirim ouve nella grandes luminarias que pela emnencia do seu sitio parecião estremadamente; de Almeirim atravessou sua Magestade o Tejo como se ha dito em hum Bergantim acompanhado de muitas embarcações que andavão pelo Rio, com musicas, danças, e folias. Desembarcou em hum caez feito sobre barcas no porto do Pedregal, onde entrou no seu coche, e por huma alameda de verdes arvores feita à mão, entrou na praça de aquelle porto, e della foi subindo ao alto da villa, onde tomou o cavallo para fazer a entrada solene nella, pela porta de Leiria que estava ricamente ornada, levando o cavallo de redea Dom Francisco de Castelbranco Conde do Sabugal, Meirinho maior de Portugal, e Alcaide maior de Santarem; entregoulhe as chaves della Lopo Tavares de Sousa Vereador mais antigo de aquelle anno; fez huma elegante pratica o Doutor Luís da Silva de Brito, Prior da Igreja do Santo Milagre, e metido sua Magestade debaixo de hum rico palio que levavão outros Vereadores, foi andando com danças, pelas, e folias diante, e muita nobreza a pè até a Alcaçova, entrou nella por outro arco não menos ornado que o primeiro. Apeousse na Igreja Collegial de Nossa Senhora, fez oração tornou a tomar o cavallo, e foisse apear á casa do Conde de Tarouca que servio de Paço. Aquella noute ouve no Rio hum combate que tres galès de fogo derão a hum Castello do mesmo, com outras semelhantes invenções de fogo. A noute seguinte festejarão à sua Magestade com huma mascara os vezinhos principaes da villa. Os dias que sua Magestade esteve nella foi a Igreja de São Estevão adorar o Santissimo Sacramento, fazer oração ao Minino Iesus do Mosteiro de São Domingos, e ao Santo Crucifixo, visitou os outros Mosteiros, e partio para a villa de Tomar, na tarde dos 14 de Outubro, foi dormir á villa da Gollegãa, donde saio a os 15. e chegou a Tomar as quatro da tarde.

TOMAR.

Cujo nome no tempo dos Reis Godos foi Nabancia, he huma das nobres villas de Portugal, cabeça de Corregimento com juridição sobre quarenta e oito villas, e hum Concelho, esta nelle fundado o Convento da Ordem Militar de Christo, fabrica insignne, e huma das maiores e mais sumptuosas de Espanha. Edificou o Castello desta villa Dom Galdim Paez Mestre do Templo. Instituiu esta Ordem el Rei Dom Dinis de Portugal, seu principio foi o fim da Ordem dos Templarios, condenados segundo se presume injustamente pelo Papa Clemente V. à instancia de Filipe o Bello Rei de França, a quem concedeo o Papa os bens que em França esta Ordem possuia, e os de Espanha adjudicou aos Cavalleiros do Hospital de São Ioão, o que foi impedido pelos Embaxadores dos Reis Afonso X. de Castella, Dom Dinis de Portugal, e Dom Iaime II. de Aragão, como tambem não consentirão estes Christianissimos Principes, que em seus Reinos fossem presos os Cavalleiros Templarios, como mandava o Papa, constandolhes de sua virtude, e que não erão culpados dos delitos que lhes imputavão. Morreo o Papa Clemente V. succedeo Ioão XXII. a quem el Rei Dom Dinis mandou seus Embaxadores, manifestandolhe que elle não contrariava a applicação dos bens dos Templarios à Ordem do Hospital per os querer para si, senão para o serviço de Deos, de sua Igreja santa, e defensão da Religião Christáa, porque elle tinha no seu Reino do Algarve huma villa com hum Castello mui forte chamada Castromarim, posta na fronteira de Africa, na qual tinha intenção de fundar huma nova Milicia de cavalleiros de Iesu Christo, que peijassem por sua Fè santa, à os quaes daria aquella villa, e

En esta villa por tantos atributos ilustre, entrò su Magestad a 11 de Octubre, las noches que se detuvo en Almeirin huvo en ella grandes luminarias, que por la eminencia del sitio parecian estremadamente. Desde Almeirin atravessò su Magestad el Tajo (como se ha dicho) en un Bergantin acompañado de muchas embarcaciones que andavan por el Rio con musicas, danças, i foliones. Desembarcò en un muelle hecho sobre barcas en el puerto del Pedregal, donde entrò en su coche, i por una alameda de verdes arboles hecha a mano, entrò en la plaça de aquel puerto, i della fue subiendo a lo alto de la villa, donde tomò el cavallo apra hazer la entrada solene en ella por la puerta de Leiria, que estava ricamente adornada, llevandole de rienda Don Francisco de Castelblanco Conde de Sabugal, Merino mayor de Portugal, Alcaide mayor de Santaren. Entregole las llaves della Lope Tavares de Sossa, Regidor mas antiguo de aquel año: hizo una elegante platica el Dotor Luis de Silva de Brito, Prior de la Iglesia del Santo Milagro, i metido su Magestad debaxo de un rico Palio que llevavan otros regidores, fue andando con danças, pelas, i foliones delante, i mucha nobleza a pie hasta el Alcaçova, entrò en ella por otro Arco no menos adornado que el primero. Apeose en la Iglesia Colegial de Nuestra Señora, hizo oracion, bolvio a tomar a cavallo, i fuese apear a la casa del Conde de Tarouca, que sirvio de Palacio. Aquella noche huvo en el Rio un combate de tres Galeras de fuego dieron à un Castillo de lo mesmo, con otras semejantes invenciones de fuego. La noche siguiente festejaron a su Magestad con una mascara los vezinos principales de la villa: los dias que su Magestad estuvo en ella fue a la Iglesia de San Estevan adorar el Santissimo Sacramento, hazer oracion al Niño Iesus del Monasterio de Santo Domingo, i al Santo Crucifixo: visitò los otros Monasterios, i partio para la villa de Tomar, el Lunes a la tarde catorze de Octubre. Fue a dormir a la villa de la Golegam, donde salio a los quinze, i llegò a Tomar a las quatro de la tarde.

TOMAR.

Cuyo nombre en tiempo de los Reyes Godos fue Nabancia, en una de las nobles villas de Portugal, cabeça de Corregimiento, con jurisdiccion sobre quarenta i ocho villas, i un Concejo. Està el ella fundado el Convento de la Orden Militar de Christo; fabrica insigne, i de las mayores, i mas suntuosas de España. Fundò el Castillo desta villa Don Galdin Paez Maestre del Templo. Instituyò esta Orden el Rey Don Dionis de Portugal, su principio fue la fin de la Orden de los Templarios, condenados (segun se presume) injustamente por el Papa Clemente V a instancia de Felipe el Bello Rey de Francia; à quien concedio el mismo Papa los bienes que esta Orden en Francia posseia; i los de España adjudicò a los Cavalleros del Hospital de San Juan, lo que fue impedido por los Embaxadores los Reyes Don Alonso X de Castilla, Don Dionis de Portugal, i Don Iaime II de Aragon, como tambien no consintieron estos Christianissimos Principes, que en sus Reynos fuessen presos los Cavalleros Templarios (como mandava el Papa) constandoles de su virtud, i que no eran culpados en los delitos que les imputauan. Murio en esto Clemente V sucedio Iuan XXII à quien el Rey Don Dionis embiò sus Embaxadores, manifestandole, que el no contrariava la aplicacion de los bienes de los Templarios a la Orden del Hospital, por quererlos para si, sino para el servicio de Dios, de su Iglesia santa, i defensa de la Religion Christiana: porque el tenia en su Reyno del Algarve una villa con un Castillo muy fuerte, llamada Castromarin, puesta a la frontera de Africa, en el qual tenia intencion de fundar una nueva milicia de Cavalleros de Iesu Christo, que peleassen por su Fè santa, a los quales daria aquella villa con su

Castello, e que sua Santidade lhes devia de querer aplicar os bens dos Templarios que tinham em Portugal. Pareceo bem ao Papa a religiosa petição del Rei, concedeo-lhe o que pedia, pelo que estando el rei em Santarem no anno de 1320. estabeleceo, e declarou a nova Ordem de Christo, aplicandolhe todos os bens da extinta do Templo, ordenando que os freyres fizessem sua profissão pela Regra, e estatutos da Ordem de Calatrava, e o Abade de Alcobaça os visitasse. Nomeu por primeiro Mestre à freyre Gil Martinz, que era então Mestre de Avis. Recolheo os Cavalleiros, e Mestre do Templo à nova Ordem de Christo, cujo Habito mandou que fosse branco, e a Cruz vermelha que era dos Templarios, posto que com alguma diferença porque não ficasse de todo apagada a memoria da sua Ordem que tanto avia servido à Deos, e à os Reis contra os infieis; e assinalou por Convento da ordem de Christo a villa de Castromarim, que por causas justas se mudou em tempo del Rei Dom Afonso III. para a villa de Tomar, onde soia estar o dos Templarios, e cuja Igreja de estrãordinaria forma he oje a mesma que elles tiverão, e assi por este modo sendo destruida o Ordem do Templo pela codiça del Rei Filipe de França, foi a de Christo instituida pela liberalidade del Rei Dom Dinis de Portugal.

Sendo pelo insigne Convento da Ordem de Christo mui celebre a villa de Tomar, muito mais o he por aver nacido nella a virgem Santa Eiria. Foi esta virgem filha de Hermigio, e de Eugenia, pessoas assinaladas em nobreza Reinando em Espanha el Rei Recesvinto. Cerca da mesma villa avia huma Abadia de que era Abade Selio varão douto grande Religioso, irmão de Eugenia, o qual tomou à sua conta a educação de Eiria sua sobrinha, entregouha à duas irmãas de Hermigio, que com outras donzellas vivião em congregação, e clausura, e deulhe por mestre o Monje Remigio, reputado por homem virtuoso. Crecião com a idade as virtudes nesta santa donzella, costumava sair da clausura com as outras donzellas huma vez no anno por dia de São Pedro à Igreja do mesmo Apostolo, que estava cerca da casa de Castenaldo señor de Tomar, que naquelle tempo se chamava Nabancia (como se ha dito) acertou de ser vista Eiria hum destes dias de Britaldo filho de Castenaldo, namorouse della, e não usando manifestar sua paixão por respeito dos paes, e tio de Eiria, chegou ao extremo da vida. Entendendo a santa donzella por divina revelação, a causa do mal de Britaldo o foi visitar para o consolar, e tirar aquelle illicito amor para que o possesse em Deos a quem sò se devia. Alegrouse Britaldo com a vista, e santas palavras de Eiria, que dizendo sobre elle algumas oraçõs se tornou para sua clausura, e Britaldo cobrou a saude perdida. Passarão dous annos, e continuando o Monje Remigio na doutrina de sua discipula Eiria, consintindo nas tentaçõs do demonio a começou a amar torpemente, descobriolhe seus desonestos desejos, à que ella respondeo com tanta aspereza, que convertendo Remigio em odio o amor, para se vingar, e desonrar a innocente donzella, lhe deu huma bebida composta de taes ervas, que lhe fizerão inchar o ventre de maneira, que verdadeiramente parecia prenhe. Divulgouse logo pelo lugar o seu prenhado com grande vergonha, e angustia da santa donzella, e de seus paes. Soubeo Britaldo, e dando a vista testemunho da fama, movido de crueis ciumes mandou à hum soldado que achando occasião matasse à Eiria. Succedeo pois, que saindo ella sò huma manhã à borda do Rio Nabão, que passava pela clausura em que ella vivia via, a pedir à Deus a livrasse de aquella infamia pois conhecia sua innocencia: estando de giolhos em fervorosa oração, o soldado de Britaldo que buscava occasião para a matar como seu amo lhe tinha mandado, aproveitousse da presente, e entrando por cima da parede da clausura degollou, e despindoa a deitou no Rio, cuja corrente à levou ao Rio Zezare, no qual se mete Nabão, e o Zezare a levou ao Tejo, no qual entra, e o tejo

Castillo, i que su Santidad les devia de querer aplicar los bienes de los Templarios que tenian en Portugal. Parecio bien al Papa la religiosa peticion del Rey, i le concedio lo que pedia: por lo qual estando el Rey Don Dionis en Santaren, establecio, i declarò la nueva orden de Christo el año de 1320 aplicandole todos los bienes de la estinta del Templo, ordenando que los frayles hiziessen su profession por la regla, i estatutos de la Orden de Calatrava, i el Abad de Alcobaça los visitasse. Nombrò por primer Maestre à fray Gil Martinez, que era en aquel tiempo Maestre de Avis: recogio los Cavalleros, i Maestre del Templo a la nueva Orden, cuyo habito mandò que fuesse blanco, i la Cruz colorada (aunque con alguna diferencia) que era de los Cavalleros Templarios, porque no quedasse de todo apagada la memoria de su Orden, que tanto avia servido a Dios, i a los Reyes contra infieles. Y señalò por Convento de la Orden de Christo la villa de Castromarin, que por causas justas se mudò en tiempo del Rey Don Alonso VIII a la villa de Tomar, donde solia estar el de los Templarios, i cuya Iglesia de extraordinaria forma, es oy las misma que ellos tuvieron: i assi por este modo siendo destruyda la Orden del Templo, por la codicia del Rey Felipe de Francia, fue la de Christo instituida por la liberalidad del Rey Don Dionis de Portugal. Siendo por el insigne Convento de la Orden de Christo muy celebre la villa de Tomar, mucho mas lo es por aver nacido en ella la virgé Santa Irene, llamada vulgarmente Santa Eiria. Fue esta Irene hija de Hermigio, i de Eugenia, personas señaladas en nobleza: reinando en España el Rey Recesvindo, cerca de la misma villa avia una Abadia, de que era Abad Selio varon docto, i santo, hermano de Eugenia, el qual tomò a su cuenta la educacion de Irene su sobrina. Entregola a dos hermanas de Hermigio, que con otras donzellas vivian en Congregacion, i clausura, i diole por maestro un Monge de su Monasterio, llamado Remigio, reputado por hombre virtuoso. Crecia en las virtudes esta santa donzella con la edad: costumbrava salir de la clausura con las otras donzellas una vez en el año por dia de San Pedro, a la Iglesia del mismo Apostol, que estava cerca del Palacio de Castenaldo señor de Tomar, que en aquel tiempo se llamaba Nabancia (como se ha dicho) acertò de ser vista Irene uno destes dias, de Britaldo hijo de Castenaldo; enamorose de ella, i no osando manifestar su passion por respeto de los padres, i tio de Irene, llegó al punto de morir. Entendiendo la santa donzella por divina revelacion la causa del mal de Britaldo, le fue a visitar para le consolar, i sacar de aquel ilicito amor, para que le pusiesse en Dios, a quien solo se devia. Alegrose Britaldo con la vista, i santas palabras de Irene, que diziendo sobre el algunas oraciones, se tornò a su clausura, i Britaldo cobró la salud. Passaron dos años, i continuando el Monge Remigio en la doctrina de su discipula Irene, consintiendo en las tentaciones del demonio la començo a amar torpemente, descubriole sus deshonestos desseos, à que ella respondió con tanta aspereza, que convirtiendo Remigio en odio el amor, para vengarse, i deshorrar la inocente donzella, le dio una bebida compuesta de tales yervas, que le hizieron hinchar el vientre de suerte, que verdaderamente parecia preñada. Divulgose luego por el lugar su preñado, con gran verguença, i angustia de la santa donzella, i de sus padres: supolo Britaldo, i dando la vista testimonio de la fama. Movido de crueles zelos, mandò a un soldado que en hallando ocasion matasse a Irene. Sucedió pues, que saliendo ella sola una mañana a la orilla del Rio Naban (que passava cerca de la clausura en que ella vivia) a pedir a Dios la librasse de aquella infamia, pues sabia su inocencia; estando de rodillas en fervorosa oracion, la degollò el soldado de Britaldo, i desnudandola la echò en el Rio, cuya corriente la llevó al Rio Zezare, en el qual se mete Naban, el Zezare la llevó a Tajo, en el qual entra, i Tajo

a pòs ao peè do Monte em que esta edificado Santarem. Não permitio Deos que esta santa donzella morresse infamada, quis que se manifestasse sua limpeza, e santidade, revelando ao Abade Selio tudo o que avia passado, e donde acharia a Eiria sua sobrinha. Descubrio Selio a revelação ao Povo, que lhe deu credito, e juntos todos em Procissão acompanharão ao Abade até o lugar onde estava o corpo da santa, da qual se apartarão as agoas do Tejo, descobrindo o bendito corpo em hum sepulcro lavrado pelos Anjos; quizerão tiralo de alli, e com nenhuma força humana o puderão fazer pelo que conhecendo que era vontade de Deos que ficasse na quelle lugar; tomarão alguns cabellos da Santa, e parte da camisa com que a deixou o soldado, e logo com outro milagre virão que as agoas do Tejo se tornarão a juntar cobrindo o sepulcro. A Procissão tornou para Tomar dando muitas graças a Deos que he admiravel em seus Santos, e por meio das Reliquias que o Abade levava obrou Deos naquella villa grandes milagres, e a de Scalabis ou Cabelicastro, pelo tesouro que encerrão as agoas do tejo ao pee da sua povoação trocou o nome em Santa Eiria, e pelo discurso do tempo se corrompeo em Santarem, como ja se disse atras tratando daquelle illustre lugar, cujo nome serbe de epitafio desta Santa, e o Rio Tejo de sua sepultura, assinalada com huma piramide.

Esta villa de Tomar situada em huma planura ribeiras do Rio Nabão, sobre o qual tem huma boa ponte, e no Rio ha muitos moinhos de azeite de que o termo desta villa he mui abundante; as suas Ruas são todas dereitas, as casas com jardins de laranjeiras, e outras arvores de fruita, o Convento esta fundado na coroa de hum oteiro que fica sobre a villa, do qual se descobrem as Ruas, casas, jardins, e hortas do lugar, e o Rio com apazivel vista; não he menos deleitosa a do Convento por sua grandeza, e sumptuosidade, visto debaixo do lugar. Na sua entrada da parte do nascente ha hum espacioso campo, que naquelle tempo do Otonho em que sua Magestade chegou à Tomar, estava cuberto de mil diversidade de flores. Entrou por elle sua Magestade, e Altezas com muitas danças, e desde o lugar donde se apeou do coche, e tomou o cavallo, até a entrada da villa, estava feita huma Alameda de copadas arvores, e ao cabo della hum Arco galantemente ornado, cujos remates erão as armas Reaes de Portugal, a Cruz da Ordem de Christo, em meio a Imagem de Santa Eiria Padroeira de Tomar. Ouve à entrada do Arco as ordinarias ceremonias, de chaves, pratica e Palio, levando de redea o cavallo em que hia sua Magestade Dom João de Sousa Alcaide maior da villa. Chegou el Rei com este acompanhamento ao Convento sem entrar em outra Igreja, no qual o esperavão os Cavalleiros com seus mantos brancos, e todos os Religiosos delle em Procissão, e o Dom Prior freyre Lourenço Moniz com capa de Asperges à baixo das primeiras escadas da Igreja, onde sua Magestade, e Altezas adorarão ò Santo Lenho da Cruz, que deu ao Convento el Rei Dom Manoel, e beijarão hum dos Espinhos da Coroa de Christo, tudo engastado em huma rica Cruz de ouro que deu el Rei Dom Filipe I. que esta em gloria. Subio sua Magestade com à Procissão a Igreja onde fez oração, e della a seu aposento, que lhe fez prestes no mesmo Convento, no qual se agasalharão suas Altezas e todos seus criados com grande comodidade, pela sua grande capacidade. E porque para o capitulo Geral da Ordem de Christo que se avia de celebrar não avia certo Secretario, nomeou para tal officio à freyre Antão da Mesquita Deputado da mesa da Conciencia, e Conselho de Ordens.

Ào dia seguinte que forão 16. se começôu o Capitulo Geral. Veio sua Magestade do seu aposento acompanhado de Freyres, Comendadores, e Cavalleiros com seus mantos à Igreja, meteose na sua cortina que estava na Capella maior, o Dom prior, e Religiosos, e Freyres se assentarão em bancos à mão direita: e à esquerda em outros

la puso al pie del Monte en que està edificado Santaren. No permitio Dios que esta santa donzella muriese infamada, quiso que se manifestasse su limpieça, i santidad, revelando al Abad Selio todo lo que avia passado, i donde hallaria a Irene su sobrina. El Abad descubrio la revelacion al pueblo, fue del creido, i juntos todos en procession acómpañaron al Abad hasta el lugar donde estava el cuerpo de la Santa, del qual se apartaron las aguas de Tajo, descubriendo el bendito cuerpo en un sepulcro labrado por los Angeles. Quisieron sacarle de alli, i con ninguna fuerça lo pudieron hazer, por donde conociendo que era voluntad de Dios, que alli quedasse, tomaron algunos cabellos de la Santa, i parte de la camisa con que la dexò el soldado, i luego con otro milagro vieron, que las aguas de Tajo se tornaron a juntar, cubriendo el sepulcro. La procession bolvió a Tomar, dando muchas gracias a Dios admirable en sus Santos, i mediante las reliquias que el Abad llevaba obrò Dios en aquella villa muchos milagros, i a la de Scalabis o Cabelicastro por el tesoro que encierran las aguas del Tajo al pie de su poblacion se le mudò el nombre en Santa Eiria, i por el discurso del tiempo se corrompio en Santaren, como ya se dixo tratando de aquel ilustre lugar, cuyo nombre sirve de epitafio desta Santa, i el Rio Tajo de su sepultura, señalada con una Piramide.

Està la villa de Tomar situada en un llano riberas del Rio Naban; sobre el qual tiene una buena puente: en el Rio ay muchos Molinos de azeite, de que el termino desta villa es muy abundante, las calles della son todas derechas sacadas a cordel, las casas con jardines de Naranjos, i arboles de fruta; el Convento està fundado en la corona de un otero que queda sobre la villa, del qual se descubren las calles, casas, jardines, huertas, i Rio de Tomar con apacible vista: i no es menos deleitosa la del Convento por su grandeza, i suntuosidad: mirando desde la villa a la entrada della de la parte de Levante, ay un espacioso campo que en aquel tiempo del Otoño en que su Magestad llegó a Tomar, estava cubierto de diversidad de flores. Entrò por el su Magestad con muchas danças, i desde el lugar donde se apeò del coche, i tomò el cavallo, hasta la entrada de la villa, avia hecha una Alameda de copados arboles, i al cabo della un Arco galanamente adornado, cuyos remates eran las armas Reales de Portugal, la Cruz de la Orden de Christo, i en medio un quadro con la Imagen de Santa Eiria patrona de Tomar. Huvo a la entrada del Arco las ordinarias ceremonias de llaves, platica, i Palio, llevando a su Magestad de rienda Don Iuan de Sousa Alcaide mayor de la villa. Llegò al Convento donde le aguardavan en muy solene procession todos los Cavalleros de la Orden de Christo con sus mantos, i los freiles, i Don Prior del Convento con el Lignum Crucis en una muy rica Cruz de oro, que el Rey Don Felipe II que está en gloria mandò hazer, i dio al Convento. Adorò su Magestad el santo Leño, entrò con suavissima musica en la Iglesia, i hecha oracion se recogio con sus Altezas en el mismo Convento; donde se aposentaron todos sus criados comodamente. Celebrò su Magestad Capitulo general de la Orden de Christo en el mismo Convento con gran solenidad, en que assitio el Don Prior fray Lorenço Muñiz, Don Alonso de Lancastro Comendador mayor, el Clavero, Alvaro da Silveira, i gran numero de Comendadores, i Cavalleros de la misma Orden. [Al día siguiente que era el 16, comenzò el Capitulo General. Vino Su Magestad de su aposento acompañado de frailes, comendadores y caballeros con sus mantos a la iglesia, se sentó en su sitial que estava en la Capilla Mayor, el Señor Prior, los religiosos y frailes se sentaron en bancos a mano derecha; y en otros a la izquierda,

o Comendador maior Dom Afonso de Lancastro, com os Comendadores, e Cavalleiros: junto à cortina de sua Magestade esteve o Estoque da Ordem sobre hum bofete cuberto com hum pano de veludo carmesim, e da Sacristia veio freyre Cosmo de Paiva de Vasconcellos Cavalleiro da Ordem, e Alferez della com a bandeira da mesma Ordem, que pos junto da Capella maior. Começouse a Missa da Exaltação da Cruz, na qual quando se quiz cantar o Evangelho, o Comendador maior tomou o Estoque, e desembanhado se meteo com elle na cortina de sua Magestade à sua mão direita, e o Alferez com a bandeira se poz junto do Altar da parte esquerda olhando para el Rei; acabado o Evangelho tornarão a por em seu lugar o Comendador maior, e o Alferez o Estoque, e bandeira. Dita a Missa se foi sua Magestade ao Capitulo (que se celebrou no Refetorio) em Procissão, o Dom Prior com os Religiosos, e freyres a mão direita, e a esquerda o Comendador maior com os Comendadores, e Cavalleiros, a bandeira diante que levava o Alferez e as pontas della o Conde de Santa Cruz, e o Conde de São João No Capitulo estava o estrado, dosel, Crucifixo, cadeira, e almofada para el Rei, como nos outros Capitulos referidos. Assentousse sua Magestade, e em hum degrão sobre almofadas o Dom Prior, e o Comendador maior, e todos os mais como vinhão. No primeiro lugar do banco dos Comendadores se assentou o Claveiro freyre Alvaro Silveira, e o Alferez encostou a bandeira à parte esquerda. Fez sua Magestade a costumada pratica das causas que o moverão à fazer aquelle Capitulo Geral, deulhe as graças o Dom Prior em peè como estiverão todos os mais. Iurou el Rei Nosso Senhor o costumado juramento, estando tambem de giolhos com elle todo o Capitulo. Feito o juramento se disserão as orações ordenadas a este effeito, e se acabou a primeira sessão do Capitulo.

A segunda se celebrou o dia seguinte 17. de Outubro, foi a Missa do Espiritu Santo, com as ceremonias da primeira. Tratousse da eleição dos Diffinidores; para votaré nelles se pos diante de sua Magestade hum bofete, e nelle hum cofre dourado aberto, onde se deitarão os votos, e o Dom Prior com hum Missal aberto o Secretario, e o Chancellor da Ordem com o sello da Ordem em huma Salva, todos tres de giolhos. Os que votavão punhão a mão no Missal, e davão o voto fechado ao Secretario que o deitava no cofre, o que acabado fechou sua Magestade o cofre, e recolheo a chave, e se acabou à segunda sessão. O Comendador maior, e o Claveiro, guardarão o cofre, e o levarão à sua Magestade que com elles presentes começou a regular os votos, que por serem muitos, e dez horas da noute, mandou el Rei a os ditos Comendador maior, e Claveiro, que com o Secretario acabassem de regular os votos, o que fizerão o restante da noute, e pela manhãa derão rellação a sua Magestade das pessoas que estavam eleitas para Diffinidores, e Visitadores, que elle aprovou.

No terceiro dia do Capitulo se disse á Missa de São Bento, com as ceremonias das outras, e sò ouve de differença, que ao Evangelho teve sua Magestade posta a mão nos cabos do Estoque. No Capitulo leo o Secretario a carta da nomeação, e confirmação dos Diffinidores, e Visitadores assinada por sua Magestade, que forão os seguintes. O Conde de Santacruz, o Claveiro freyre Dom Gonçalo Coutinho, freyre Simão da Cunha, freyre Dom Diogo de Meneses, freyre Rui da Silva, o Conde de Atouguaia, o Conde de Faro, o Conde de Atalaya, freyre João Furtado de Mendoga, freyre Dom Pedro da Cunha, os quaes com o Dom Prior, e Comendador maior, erão os treze Deffinidores, e para Visitadores forão eleitos freyre Dom Fernão Martins Mascarenhas, freyre Dom Fernando Alvarez de Castro, freyre Dom Antonio Mascarenhas, freyre Dom Manoel da Cunha. Iurarão todos em prezença de sua Magestade, e com as orações

el Comendador Mayor, don Alfonso de Lancastro, con los comendadores y caballeros. Junto a la cortina de Su Majestad se hallaba la espada de la Orden sobre una mesa cubierta con un paño de terciopleo rojo. De la Sacristía vino fray Cosme de Paiva de Vasconcelos, caballero de la Orden y su Alférez, con la bandera de la Orden que puso al lado de la Capilla Mayor. Comenzó la misa de Exaltación de la Cruz, en la que cuando se quiso cantar el Evangelio, el Comendador Mayor tomó la espada desenvainada y se situó con ella a mano derecha del sitio de Su Majestad, mientras que el Alférez con la bandera se situó a la izquierda del altar, de frente al Rey. Terminado el Evangelio volvieron a poner en su lugar la espada y la bandera el Comendador Mayor y el Alférez respectivamente. Dicha la misa, fue Su Majestad al Capítulo (que se celebró en el Refectorio) en procesión: el Señor Prior con los religiosos y frailes a mano derecha, i a izquierda el Comendador Mayor con los comendadores y caballeros; la bandera iba delante que la llevaba el Alférez y sus puntas, el Conde de Santa Cruz y el Conde de San Juan. En el Capítulo estaba el estrado, dosel, crucifijo, silla y almohadón para el Rey, como en los otros capítulos referidos. Se sentó Su Majestad y en un escalón sobre almohadas el Señor Prior y el Comendador Mayor, y todos los demás como vinieron. En el primer lugar del banco de los comendadores se sentó el clavero fray Álvaro Silveira y el Alférez situó la bandera en la parte izquierda. Hizo Su majestad la introducción acostumbrada sobre las causas que motivaban aquel Capítulo General, que le agradeció el Señor Prior en pie, como estaban todos los demás. Juró el rey, nuestro señor, el juramento de costumbre, estando con él de rodillas todo el capítulo. Hecho el juramento se rezaron las oraciones ordenadas a este efecto y acabó la primera sesión del Capítulo.

La segunda se celebró al día siguiente 17 de octubre, con la misa del Espíritu Santo y con las ceremonias de la primera. Se trató de la elección de los Definidores; pasara votarles se puso delante de Su Majestad una mesa y en ella, un cofre dorado abierto, donde se depositaron los votos, y el Señor Prior, con un misal abierto, el Secretario y el Canciller de la Orden, con el sello de la Orden en una bandeja, los tres de rodillas. Los que votaban ponían la mano en el misal y daban el voto cerrado al Secretario, que lo dejaba en el cofre que cerró Su majestad al terminar, guardando la llave, y acabó la segunda sesión. El Comendador Mayor y el Clavero guardaron el cofre y lo llevaron a Su Majestad que, con ellos presentes, empezó a contar los votos, que eran muchos. A las diez de la noche mandó el Rey a los dichos Comendador Mayor y Clavero que, con el Secretario, acabasen de contar los votos, lo que hicieron durante toda la noche, y por la mañana dieron relación a Su majestad de las personas que fueron electas para Definidores y Visitadores, que él aprobó.

El tercer día de Capítulo se dijo misa de San Benito con las ceremonias de las otras y sólo hubo una diferencia, que al Evangelio tuvo Su Majestad la mano puesta en los cordones de la espada. En el Capítulo leyó el Secretario la carta de nombramiento y confirmación de los Definidores y Visitadores firmada por Su Majestad, y que fueron los siguientes: el Conde de Santa Cruz, el clavero fray Don Gonçalo Coutinho, fray Simão da Cunha, fray D. Diogo de Meneses, fray Rui da Silva, el Conde de Atouguia, el Conde de Faro, el Conde de Atalaya, fray Ioão Furtado de Mendouça, fray Don Pedro da Cunha, que con el Señor Prior y el Comendador Mayor eran los trece Definidores; y para Visitadores fueron elegidos fray Don Fernão Martinez Mascareñas, fray Don Fernando Alvarez de Castro, fray Don Antonio Mascarenhas, fray Don Manoel da Cunha. Juraron todos en presencia de Su Majestad y con las oraciones

costumadas que disse o Dom Prior para semelhante acto, se acabou a terceira sessão. Ordenou-se logo huma Procissão que guiava huma Cruz com duas tochas, os Religiosos, e Freyres a mão direita, a esquerda os Comendadores, e Cavalleiros, no meio da Procissão a bandeira da Ordem, cujas pontas levavão os Condes de Santacruz, e São Ioão, seguião 24. Religiosos com capas ricas; logo hum Palio que levavão seis Religiosos debaixo d'elle o Dom Prior revestido com a Cruz do Santo Lenho, e Espinho; detras do Palio sua Magestade como Mestre descuberto, a sua mão direita o Comendador maior com o Estoque desembainhado em cujos cabos levava sua Magestade a mão, e chegado a Igreja pos o Dom Prior a Cruz no Altar maior, cantou-se huma Antiphona da Cruz, e outras orações; beijou sua Magestade as Reliquias, e se acabou a Procissão, e o Capitulo, no qual se acharão presentes 59. Religiosos da Ordem de Christo, 49. Freyres clericos, e 134. Comendadores, Cavalleiros somente.

Partio sua Magestade, e Altezas, a tarde do mesmo dia 18. de Outubro, foi dormir à Tancos, onde passou o Tejo ao dia seguinte, e fez noute na Ponte do Sor, dalli foi à Alter do Chão, de Alter á Arronches, de Arronches à Campo Maior, e de Campo Maior á Badajoz, onde entrou à os 23. de Outubro, e donde partio a os nove de Maio para entrar em Portugal, que para esta jornada servio á sua Magestade com setecentos mil Cruzados, dos quaes a maior parte deu Lisboa. Nella foi sua Magestade recebido com as festas referidas neste livro, que se não forão tam grandiosas como os vezinhos desta Cidade desejarão, e à tal Rei e Senhor nosso se devião; o Amor com que se ordenarão, e o breve, e limitado tempo em que se fierão, he bastante desculpa da pouquida de dellas.

EN MADRID,

Por Thomas Iunti Impressor del Rei nosso Senhor.

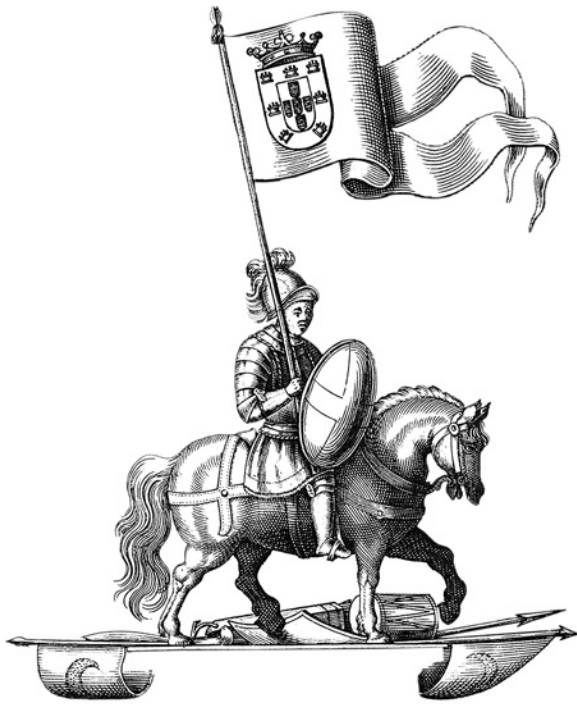
ANNO M.DC.XXI.

acostumbradas que rezó el Señor Prior para semejante acto, se acabó la tercera sesión. Se formó después una procesión que encabezaba una Cruz con dos antorchas, los religiosos y frailes a mano derecha, a izquierda, los comendadores y caballeros, en medio de la procesión la bandera de la Orden, cuyas puntas llevaban los Condes de Santa Cruz y de San Juan, seguidos de 24 sacerdotes con capas ricas; luego, un palio que llevaban seis sacerdotes y debajo, el Señor Prior revestido con la Cruz de la Santa Madera y Espino; detrás del Palio, Su Majestad como Maestre, descubierta, iba a su derecha el Comendador Mayor con la espada desenvainada, en cuyos cordones llevaba en la mano Su Majestad. Llegados a la iglesia puso el Señor Prior la Cruz en el Altar Mayor, se cantó una antífona de la cruz y otras oraciones; besó Su Majestad las reliquias y acabó la procesión y Capítulo, en el que estuvieron presentes 59 sacerdotes de la Orden de Cristo, 49 frailes y clérigos, y 134 comendadores y caballeros.] Acabado el Capítulo, partió su Magestad de Tomar a los 19 fue dormir a Tancos, donde passò Tajo; al otro día hizo noche en Ponte de Sor, de allí fue a Alter de Chan; de Alter a Arronches, de Arronches a Campomayor, i de Campomayor a Badajoz: donde entrò a los 23 de Octubre, aviendo salido de aquella noble Ciudad a 9 de Mayo, para entrar en Portugal, que para esta jornada sirvió a su Magestad con setecientos mil ducados; de los quales dio Lisboa la mayor parte.

EN MADRID,

Por Tomas Iunti Impressor del Rey N.S.

Año de M.DC.XXI.



ÍNDICE DE PERSONAS Y LUGARES

El presente índice de personas y lugares se refiere solamente al estudio introductorio y a la versión en portugués del *Viage*, que ocupa las páginas pares de nuestra transcripción y edición, toda vez que la versión en castellano se encuentra ajustada a las páginas impares de la misma, y por lo tanto hemos considerado que sería muy prolijo y muy redundante referirnos a ambas versiones. Los nombres se transcriben en general del mismo modo en que aparecen en dicha versión en portugués, que en muchas ocasiones están en castellano: por lo que no debe llamar la atención del lector la mezcla de lenguas y de nombres, que incluso puede resultar simpática a los lectores de ambas lenguas ibéricas.

Aunque hemos procurado nombrar en castellano a los españoles, y en portugués a los portugueses, y también nombrar los lugares citados en ambas lenguas, a veces la grafía puede resultar algo confusa en la parte que toca a los portugueses, cuyos nombres hemos tomado directamente del texto original.

Por último, es conveniente advertir al lector español que el índice se ha formado a la manera y costumbre portuguesa, esto es, por el orden alfabético de los nombres propios de las personas mencionadas, y no por sus apellidos, que siempre siguen al nombre.

Abderramán de Córdoba, 118
Abranches, Conde de 92
Academia Real Mathematica, XXXIV
Aden de Novera, quinta de, XXXIX
Adriana María Pérez Vanegas, LV
Afonso Botelho, juiz de Estremoz, 20
Afonso, condestável de Portugal, filho natural de João I de Portugal, 64
Afonso de Albuquerque, 218, 220, 222, 224
Afonso de Albuquerque, XI
Afonso de Lancastre, comendador maior da Ordem de Cristo, 32, 228, 254
Afonso de Portugal, Conde do Vimioso, 60
Afonso Furtado de Mendonça, deão da Se de Lisboa, 116
Afonso I de Portugal, 22, 32, 70, 86, 94, 98, 104, 118, 120, 240, 244
Afonso III, 82, 104, 128, 244
Afonso IV de Portugal, 118, 236, 250
Afonso Mendez s.j., doutor, 30
Agustinho Botelho da Fonseca, conego da Se de Lisboa, 118
Aires da Silva, Senhor de Vagos, embaixador em Inglaterra, 92

- Alardo de Popma, grabador, XLV
Alba de Tormes, Duque de, X
Alberto, Archiduque de Austria, 134, 142, 156
Alberto I, emperador, 140
Alburquerque, Duque de, 38
Alcácer Quibir, X
Alcalá de Henares, XV, XXXVII, XLIX
Alcobaça, LIII, 70
Alcuéscar, XXIII
Alejandro Magno, 184, 186, 188
Alenquer, Marqués de, XXII, 60, 194
Alfonso Fernández de Córdoba, Marqués de Celada, mayordomo de S.M., 10
Alfonso Portocarrero, Marqués de Villanueva del Fresno, general de la Galeras de España, 38
Alfonso VI de Castilla, XLVII
Alfonso XI de Castilla, 118
Aliboacén, caballero moro de Fez, 118, 120
Almada, XXIV, 32
Almaraz, XXIII
Almazán, Marqués de, 10
Almeirim, XXIX, 242
Alonso Remón, XLVII
Alter do Chão, XXIX, 256
Alvalade, 240
Alvaro de Brito, vereador de Évora, 26
Alvaro de Lancastre, Duque de Aveiro, 32
Alvaro de Sousa, capitão da Guarda portuguesa, 192
Alvaro Moniz Barreto, chanceler da Ordem de Avis, 238
Alvaro Pirez de Castro, Conde de Monsanto, alcaide maior de Lisboa, 60
Alvaro Silveira, craveiro da Ordem de Cristo, 254
Alvaro Vazquez de Almada, Conde de Abranches, 92
Alvaro Velho, desembargador da Casa da Suplicação, 84
Álvaro Fernandes de Acosta, banquero, XVI
Alvito, Barão de, 240, 242
Amberes, LIV, XLIV
Ambrosio de Ondáriz, matemático, XXXIV
Ana de Eli, menina de la Princesa, 10
Ana Doria, Duquesa de Torres Novas, XXXVI, 32
Andre Furtado de Mendoza, visorrei da India, 80
Anibal Falorsi, impresor, LIV
Anna Colona, Duquesa de Torres Novas, XXXVI, 32
Antão de Mesquita, deputado da Mesa da Conciencia e Ordens, secretario da Ordem de Cristo, 82, 252
Antonio Bonet Correa, XVIII, XX
Antonio Carvalho de Perada, arcepreste da Se de Lisboa, 116
Antonio Colaço, s.j., 4
Antonio Correa da Silva, 226, 232
Antonio de Aróstegui, secretario de S.M., 10

- Antonio de Ataide, capitão geral da Armada de Portugal, 242
Antonio de Ataide, capitão geral da Armada de Portugal, 230
Antonio de Govea, obispo de Cirene, XLVIII
Antonio de Jesús María, XLIX
Antonio de la Cueva, hijo del Duque de Albuquerque, teniente de las Galeras de Portugal, 38
Antonio de Lancastre, 228
Antonio de Montfort (dice Beaufort), teniente de la Guarda de los Archeros, 10
Antonio de Oquendo, XI
Antonio de Sotomayor o.p., confesor del Príncipe, 10
Antonio de Sousa s.j., 206
Antonio de Tavares, conego da Se de Lisboa, 116
Antonio Gomez da Mata, correio maior de Portugal, 12
Antonio Machado da Silva, licenciado, corregidor de Elvas, 12
Antonio Mascarenhas, 254
Antonio Moniz Barreto, comendador das Galveas na Ordem de Avis, 238
Antonio Monteiro, conego da Se de Lisboa, 118
Antonio Pio, 112
Antonio Sardinha, XVIII (n)
António Barreto de Albergaria, juiz de Montemor-o-novo, 32
António Dávila y Toledo, Marqués de Velada, 10
António de Mendoga, juiz de fora de Évora, 24, 26
António de Santa Maria, bispo de Leiria, 200
António de Sousa, vereador de Évora, 26
António Fernandez, procurador de los oficios de Lisboa, 58
António Pereira de Meneses, do Conselho de Portugal, 10
António Pinto do Amaral, vereador de Lisboa, 58, 84
António, prior do Crato, X
Aragón, reino de, XXXV
Arbore dos Reis de Portugal, dos Prateiros, 104
Arco do Santo Oficio da Inquisição, 166
Arco dos Alemães, 170
Arco dos Alfaiates, 162
Arco dos Barretes, 120
Arco dos Çapateiros, 108
Arco dos Cerieiros, 110
Arco dos Esparteiros, 120
Arco dos Flamengos, 126
Arco dos Homens de negocios de Lisboa, 62
Arco dos Ingleses, 86
Arco dos Italianos, 110
Arco dos Moedeiros, 160
Arco dos oficiaes da Bandeira de São Jorge, 96
Arco dos Oleiros, 106
Arco dos Ourives e Lapidarios, 156
Arco dos Pasteiros, 120
Arco dos Pedreiros, 162
Arco dos Pintores, 126

- Arco dos Pregos, 120
 Arco dos Tanoeiros, 164
 Arco, molino del, XXX
 Arcos dos Atafoneiros, 106
 Argonautas, 158
 Armada del Mar Océano, XXIX
 Arrabida, serra da, XXVIII, 32, 234, 236
 Arronches, XXIX, 256
 Atalaia, Conde de, 60, 254
 Atouguia, Conde de, 60, 254
 Audaldo, monje, 118
 Augusto, emperador romano, 56, 58, 136, 144, 182, 200
 Aveiro, Duque de, XXIV, XXVIII, XXXIV, XXXV, 18, 32, 228, 234, 236, 240, 242
 Aveiro, Duquesa de, XXVII, 228
 Avis, Ordem Militar de, XXVIII, 236
 Ayres Correa Baharé, conego doutoral da Se de Lisboa, 118
 Azeitão, XXVIII, 234

 Badajoz, rey de, 240
 Badajoz, XXIII, XXIX, 12, 256
 Bahía, socorro de, XVI
 Baltasar Carlos de Austria, Príncipe de Asturias y heredero de Portugal, XV
 Baltasar da Costa, conego da Se de Lisboa, 116
 Baltasar de Ribera, hijo del Marqués de Malpica, 10
 Baltasar de Zúñiga, ayo del Príncipe, comendador mayor de Santiago, 10
 Banda, ilha de, XI
 Barajas, Conde de, 10
 Barcelona, XLVII
 Barcelos, Duque de, 18, 194, 202
 Bartolomeu Cacella do Valle, doutor, conego da Se de Elvas, 16
 Basto, Conde de, XXIV
 Beatriz de Castilla, Reina de Portugal, 118
 Beja, 102, 244
 Belas, XXVIII
 Belchior Gomez, juiz do povo da Casa dos Vintecuatro de Lisboa, 84
 Belem, mosteiro de, 34
 Belem, torre de, ou de São Vicente, 34
 Bento Cardoso, procurador do Concelho de Elvas, 18
 Bento Dinis, procurador de los oficios de Lisboa, 58
 Berlengas, paraje, 242
 Bernabé de Vivanco, secretario de S.M. y de la Santa Inquisición, 10, 190
 Bernardim de Tavora de Sousa, comendador de Cacella na Ordem de Santiago, 240
 Bernardim de Tavora, reposteiro maior da S.M., 192, 196, 200, 202
 Bernardim Freyre, vereador de Montemor-o-novo, 32
 Bernardino de Avellaneda, Conde de Castrillo, mayordomo de la Princesa y de la Infanta, 10
 Bernardino de San Antonio, XLVIII
 Bernardino Sarmiento, caballero de la Princesa y de la Infanta, 12

- Bernardo de Giunta, impresor, LIV
Bernardo Junti, LIV
Borba, Conde de, 78
Borgoña, cruz de, 140
Brabante, Duques de, 134
Brabante, Duques de, sucesión de los, 142-156
Braga, 100, 118
Bragança, Duque de, XXIV, 18, 194, 202, 230, 236
Branca, Duquesa de Lencastre, 88
Brasil, diocese do, 118
Britaldo, 250
Brites Pereira, filha unica e heredeira de dom Afonso, condestável de Portugal, 64
Brujas, 130
Burgos, LIV
- Cádiz, XV
Caia, río fronterizo, 12
Calçetaria, rua da, 162
Calecut, rei de, 82
Calheta, Conde de, 60
Calzada, XXIII
Campo Maior, XXIX, 256
Canarias, islas, XV
Cantanhede, Conde de, 60
Cardona, Duque de, 38
Carlomagno, emperador, 140, 144
Carlos de Aragón y Borja, Duque de Villahermosa y Conde de Ficalho, presidente do Conselho de Portugal, 10
Carlos de Austria, Infante de España y de Portugal, XLIX
Carlos de Noronha, comendador de Mourão na Ordem de Avis, 238
Carlos, Duque Borgonha, 140
Carlos V, 128, 134, 156, 172, 174, 182, 186
Carneçarias, rua das, 106
Casa da Moeda, 160
Casa da Suplicação, XXVII, 228
Casarrubios, XXIII
Cascaes, XXVIII
Castanheira, Conde de, 60
Castel Rodrigo, Marqués de, XXVI, XXXVI, XXXIX, XLV, 10, 36, 60, 194
Castel Rodrigo, Marquesa de, 228
Castenaldo, Señor de Tomar, 250
Catalina de Lancaster, Reina de Castilla, 88
Catemusa, corsario, 80
Caterina Rainha de Portugal, 34
Cea, Duque de, 10
Ceilão/Ceilán, conquista de, XI
Celada, Marqués de, 10
Celorico da Beira, IX

- César, 112
 César Augusto, 128
 Cetobriga, 234, 236
 Ceuta, 80
 Childe Rolim, caballero inglés, 88, 94
 Childeberto, rey de los francos, 120
 China, porcelana de la, 108
 Christovão Colon, 158
 Ciro, rey de los Persas, 186
 Claudiano, poeta romano, 54
 Cochim, conquista de, XI
 Coimbra, LI, LIII, 70, 100, 120
 Coina, XXIV, XXVI, XXVIII
 Conde de Santa Cruz, 254
 Constantino de Bragança, visorrei da India, filho do Duque de Bragança, 74
 Constantino el Grande, emperador romano, 22
 Constanza, Infanta de Castilla, 88
 Cortes de Lisboa, XXVII-XXVIII, 194
 Cosme Vaca de Herrera, XXXIX
 Cosmo de Paiva de Vasconcellos, alferes da Ordem de Cristo, 254
 Costância, LI
 Couana, 234
 Cristo, Orden de, XVI, XXIX, 254-256
 Cristóbal de Sandoval y Rojas, Duque de Uceda, sumiller de corps y caballero mayor de S.M., 8
 Cristovão de Magalhães, escrivão de Lisboa, 58
 Cristovão de Moura e Corte Real, I Marqués de Castel Rodrigo, XVI

 Daciano, 22, 118
 Damião de Goes, XLVII
 Daniel de La Touche, Señor de la Ravardière, XI
 Diego Brochero, bailío del Sepulcro, del Consejo de Guerra, 10
 Diego de Croÿ, Marqués de Falces y capitán de la Guarda Española y de los Arce-ros, 10, 192
 Diego de Guzmán, arzobispo de Tiro, patriarca de las Indias, capellán y limosnero mayor de S.M., 10
 Diego de Meneses, mayordomo del Príncipe, 10
 Diego de Silva Velázquez, pintor, XVI
 Diego Deza, gentilhombre de boca, 10
 Diego Enríquez de Villegas, militar, XVI
 Diego García de Paredes, XLIX
 Diego Gómez de Sandoval, Conde de Saldaña, caballero mayor del Príncipe, 10
 Diego Zapata, Conde de Barajas, mayordomo de S.M., 10
 Dinis de Faro, caballero de Estremoz, 20
 Dinis I de Portugal, 248, 250
 Diogo da Silva, Conde de Portalegre, proveedor da Irmandade da Misericordia, 60, 190, 192, 196, 240
 Diogo da Silva e Mendonça, Marqués de Alenquer y Conde de Salinas, visorrei de Portugal, XXII, XXIII, 60, 194

- Diogo das Povoas, provedor da Alfandega de Lisboa, 44
 Diogo de Brito, conego doutoral da Se de Lisboa, 118
 Diogo de Castro, comendador de Almodouvar na Ordem de Santiago, 240
 Diogo de Castro, Conde de Basto, XXIV
 Diogo de Castro, do Conselho de Estado, presidente do Desembargo do Paço, 26, 30
 Diogo de Meneses, 226, 240
 Diogo de Meneses, comendador de Casevel na Ordem de Santiago, 240
 Diogo de Meneses, da Ordem de Cristo, 254
 Diogo de Miranda Enriquez, deão da Se de Évora, 30
 Diogo Fernandez Almeida, grão prior da Orden de São João em Portugal, 68
 Diogo Fernández Tinoco, banquero, XVI
 Diogo Freyre de Andrade, comendador de Sosa na Ordem de Santiago, 240, 242
 Diogo Homem, conego da Se de Lisboa, 118
 Diogo Lopez de Sousa, governador da Relação do Porto de Lisboa, 60, 202
 Diogo Paçanha Falcão, vereador de Évora, 26
 Diogo Pereira Cogominho, vereador de Évora, 26
 Diogo Vela, doctor, vicario general de Madrid, 4
 Dom Gileanes, rua de, 96, 104
 Domingos Vieira Serrão, pintor, XXX
 Duarte de Braganza, Marqués de Frechilla, XLVIII
 Duarte de Meneses, Conde de Tarouca, 60
 Duarte de Portugal, 104
 Duarte Fernandes, banquero, XVI
 Duarte Pacheco, capitão na India, 82

 Edmund, Conde de Cambridge, 94
 Eduardo III de Inglaterra, 88, 94
 Elvas, XXIII-XXIV, LII, LIII, 12, 102, 118
 Elvira de Guzmán, dama de honor de la Infanta, 10
 Eneas, 112
 Enrique de Borgoña, Conde de Portugal, 140
 Enrique de Guzmán, Marqués de Povar, del Consejo de Guerra y capitán de la Guardia Española, 8, 192
 Enrique I de Inglaterra, 88
 Enrique II de Inglaterra, 88
 Enrique III de Castilla, 88
 Entradas Reales, XX
 Enxobregas, XXIX, 242
 Ernesto, Archiduque de Austria, 140
 Estevão Cacela de Fonseca, vereador de Elvas, 18
 Estevão de Brito, 226
 Estevão de Faro, Conde de Faro, do Conselho de Estado, da Ordem de Cristo, 60, 254
 Estremoz, XXIV, 18
 Évora, XXIV 22, 100

 Fadrique de Toledo, general de la Armada del Océano, 242
 Fadrique de Toledo y Osorio, Marqués de Villanueva de la Valdeueza, XI
 Falces, Marqués de, 10, 192
 Faro, Conde de, 60, 254

- Federico IV, emperador, 140
 Feliciano Barrios, catedrático y académico, LV
 Felipa, Infanta de Castilla, 88
 Felipa Labanha, monja, XXXVIII
 Felipe el Bueno, Duque de Borgoña, 128
 Felipe Junti, LIV
 Fernandina, Duque de, 10
 Fernando Alvarez de Castro, da Ordem de Cristo, 80, 254
 Fernando de Austria, Infante de España y Portugal, cardenal, XXXVII, XLIX, L
 Fernando de Castro, 80
 Fernando de la Hoz, XLIX
 Fernando de Mascarenhas, militar, XVI
 Fernando e Isabel, Reyes Católicos, 158
 Fernando I de Portugal, 92, 104
 Fernando I, Infante de Castilla y Archiduque de Austria, emperador, 172
 Fernando II, Archiduque de Austria, emperador, 230
 Fernando, Infante de Portugal, 74
 Fernando Mascarenhas, 226
 Fernando Verdugo, capitán de la Guarda Alemana, 10
 Fernão Cabral, desembargador da Casa da Suplicação, 84
 Fernão da Silva de Sousa, vereador de Estremoz, 20
 Fernão Martins Mascarenhas, bispo do Algarbe e inquisidor maior, 200
 Fernão Martins Mascarenhas, da Ordem de Cristo, 254
 Fernão Tellez da Silveira, comendador de Ourique na Ordem de Santiago, 240
 Ferreira, Marqués de, 30, 60
 Ferreira, Marquesa de, 228
 Ficalho, Conde de, 10
 Filiberto de Saboya, XXXVI
 Filipe Butaca Enriquez, proveedor de Elvas, 12
 Filipe I de Portugal e II de Espanha, X, XI, XIII, XV, XXXIV, 34, 38, 52, 54, 104, 126, 134, 156
 Filipe II de Portugal e III de Espanha, XI, XIII, 98, 104, 126, 128, 136, 156, 174, 182, 224
 Filipe III de Portugal e IV de Espanha, XI, XIII, XV, XXXVI, 136
 Filipe Jacome, tesoureiro da Se de Lisboa, 116
 Filipe Lobo, trinchante da S.M., 192
 Filipe o Bello, Rei de França, 248, 250
 Flandes, XVI, 128
 Flores de Ávila, Marqués de, 10, 58
 Foradouro, LI
 Francavilla, Duque de, 60
 Francisca de Tavora, menina de la Infanta, 10
 Francisco Barroso de Ribera, Marqués de Malpica, 10
 Francisco Botelho, desembargador da Casa da Suplicação, 84
 Francisco Coutinho, 226
 Francisco da Gama, Conde de Vidigueira, almirante da India, do Conselho de Estado, 60
 Francisco de Almeida, XI

- Francisco de Almeida, 216, 220, 226
Francisco de Almeida de Vasconcellos, secretario do Conselho de Portugal, 10, 190
Francisco de Benavides, Conde de San Esteban de Gormaz, 10
Francisco de Castelo Branco, Conde de Sabugal, meirinho maior de Portugal, 60, 202, 248
Francisco de Castro, bispo da Guarda, 200
Francisco de Lucena, secretario do Conselho de Portugal, 10, 12
Francisco de Madureira, vereador de Évora, 26
Francisco de Mello, Marquês de Ferreira e Conde de Tentugal, 30, 60
Francisco de Mello, monteiro maior de S.M., 242
Francisco de Portugal, comendador da Fronteira na Ordem de Avis, 238
Francisco de Saa, Conde de Penaguião, comendador de Santiago de Cacem na Ordem de Santiago, Ordem Militar de, 240
Francisco de Saa, Conde de Penaguião, camareiro maior de S.M., 194
Francisco de Sandoval, Duque de Cea, 106
Francisco Fernández Bertrán, XLVII
Francisco Ferreira de Andrade, licenciado, juiz de fora de Elvas, 12, 16
Francisco Luis de Lancastre, comendador maior da Ordem de Avis, 20, 202, 238
Francisco Manoel, Conde da Atalaia, da Ordem de Cristo, 60, 254
Francisco Manuel de Melo, militar, XVI
Francisco Marquestaldo s.j, confesor de la Princesa, 12
Francisco Pereira, bispo de Miranda, do Conselho de Estado, 196, 200, 202
Francisco Pereira de Betancor, escrivão da câmara do Conselho de Portugal, 6, 10, 206
Francisco Pereira, procurador de Évora, 26
Francisco Tibão, tesoureiro da Irmandade da Misericórdia, 190
- Galcerán de Albanell, abad de Alcalá la Real, maestro del Príncipe, 10
Galdim Paes, mestre da Ordem de Cristo, 248
Galeras de Portugal y de Españ, XXVI, 38
Gales, Príncipe de, XLVII
Ganges, río, 120
García de Mello, escrivão da Irmandade da Misericórdia, 190
García de Castro, 60
García de Toledo, Duque de Fernadina, 10
García Sarmiento de Mendoza, mestre de campo de Infantería Española, 38
Gaspar de Guzmán, Conde de Olivares, XLVIII, 10
Gaspar de Moscoso, Marques de Almazán, 10
Gaspar de Sousa, gentilhombre de boca, 10
Gaspar Pereira de Sampayo, corregedor do crime de Lisboa, 84
Gaspar Varela, conego da Se de Lisboa, 118
Gaufredo, Conde de Anjou, 86
Geraldo *Sempavor*, caballero portugués, 22, 24
Gil González Dávila, XLVII
Gil Martins, mestre das Ordens de Avis e de Cristo, 250
Gileanes de Silveira, vereador de Lisboa, 58, 84
Giulio Giunta de Modesti, impresor, LIV
Giunta, familia de impresores y libreros, LIV
Gneo Cornelio Lentulo, cónsul romano, 22

- Goa, XI, 80
 Godofredo de Bullón, rey de Jerusalén, 140
 Golegã, XXIX
 Gomez Zapata, gentilhombre de boca, 10
 Gonçalo Coutinho, craveiro da Ordem de Cristo, 254
 Gonçalo da Costa, armador maior da S.M., 192
 Gonçalo Pires Carvalho, provedor das obras de S.M., 192
 Gondomar, Conde de, XXIX
 Granada, XV
 Gregorio da Fonseca, conego da Se de Lisboa, 116
 Guarda, 102, 118
 Guardas Reales, XXI, XXII
 Guilhelme de Longaespada, 86
- Henrique de Portugal, Duque de Viseu, mestre da Ordem de Cristo, 92
 Henrique de Sousa, Conde de Miranda, comendador de Alvalade, 60, 240
 Henrique I de Portugal, cardeal e rei, 10, 22, 36, 104
 Henrique, Infante de Portugal, 34
 Hércules, 136
 Hinojosa, Marqués de, 8
 Homero, poeta romano, 184
 Huesca, 118, 120
- Iacob, 122
 Ildefonso de Jesús María, XLVIII
 Ilhas, diocese das, 118
 Imprenta Real, XXX, LIV
 Inacio Ferreira, deputado da Mesa da Conciencia e Ordens, 84, 86
 India, 158
 India, nao da, 108
 Irmandade de São Lucas, LI
 Isabel Clara Eugenia, Infanta de España y de Portugal, 134, 142, 156
 Isabel de Aragón, dama de honor de la Infanta, 10
 Isabel de la Cueva, dama de honor de la Princesa, 10
 Isabel de Portugal, Duquesa de Borgoña, 128
 Isabel de Portugal, reina de España y emperatriz, XV
 Ismar, 120
- Jacques Veroliet, impresor, LIV
 Jaime II de Aragón, 248
 Jan Schorkens, grabador, XXX, XLIV-LI
 Jano, 112
 Jaraicejo, XXIII
 Jarretera, Orden de la, 90, 92
 Jansenpatão, rei de, 80
 Jerez de la Frontera, XV
 Jerónima Daza, XXXIII
 Jerónima Labanha, XXXVIII
 Jeronimo Coutinho, comendador de Olivença na Ordem de Avis, 238

- Jerónimo de Ataíde, 242
Jerónimo de Gouvea, bispo da Capella Real, 200
Jerónimo de Florencia, XLIX
Jerónimo de Regreros, XXXIII
Jerónimo de Sarmiento, XXIX
Jerónimo Fernando, bispo de Funchal, 200
Jerónimo Gascón de Torquemada, XXVII
João Baptista de Labanha, XXX, XXXI-XLIV
João Baptista de Labanha, IX, XVI, XXXI-XLIV
João Coutinho da Camara, bispo do Algarbe, 200
João da Piedade, bispo da China, 200
João da Silva *o Galindo*, 92
João da Silva Tello de Meneses, comendador de Mouguellas na Ordem de Santiago, 240, 242
João de Almeida, veedor habilitado da Casa Real de Portugal, 60
João de Barros, XXXIV, XXXVII
João de Bragança, Duque de Barcelos, 18, 194, 202
João de Brito da Silva, caballero de Elvas, 18
João de Castro, visorrei da Índia, 78
João de Frías Salazar, vereador de Lisboa, 58, 84
João de Lancastre, 94
João de Lancastre, capellão maior da S.M., 192, 200
João de Montesinho Salema, conego da Se de Lisboa, 118
João de Noronha, 226
João de Sousa, alcaide maior de Tomar, 252
João de Sousa Pereira, veedor das obras de Lisboa, 58
João de Teive, conego da Se de Lisboa, 118
João, Duque de Lancastre, 88
João Furtado de Mendonça, presidente da Camara Municipal de Lisboa, 58, 84
João Furtado Mendonça, da Ordem de Cristo, 254
João Gomez Leitão, doutor, corregidor da Corte, 12
João Gonçalves Botafogo, vereador de Elvas, 18
João Gonçalves de Ataíde, Conde de Atouguia, da Ordem de Cristo, 60, 254
João Henriques Serrão, LI
João I de Portugal, X, 104, 118, 126
João II de Portugal, 36, 78, 104, 108, 126, 188, 190, 236
João III de Portugal, 22, 34, 104
João Lobo, Barão de Alvito, comendador da Represa na Ordem de Santiago, 240, 242
João Mascarenhas, alcaide maior de Montemor-o-novo, 32
João Mascarenhas, capitão de Diu, 80
João Mauricio de Nassau-Siegen, XI
João Nunes Sarabia, banqueiro, XVII
João Pinto da Cunha, arcediano de Lisboa, 116
João Soarez de Vilhalobos, vereador de Elvas, 18
João Travaços, escrivão da camara de S.M., 190
João Vazquez de Almada, 92
João Zalema, escrivão da Irmandade da Misericórdia, 190
Jorge de Lancastre, Duque de Torres Novas, 32, 194, 228, 230, 240

- Jorge de Mello, prior maior da Ordem de Santiago, 200, 238, 240
 Jorge de Paz Silveira, banquero, XVI
 Jorge de Sousa, copeiro maior, 192
 Jorge de Sousa de Meneses, copeiro maior da S.M., 202
 Jorge Mascarenhas, capitão de Mazagão, veedor da Casa Real de Portugal, 60
 Jorge Vicente, procurador de los oficios de Lisboa, 58
 José de Mello, arcebispo de Évora, 28, 200
 José Félix de Armada y Torregrosa, L
 Juan Coloma, gentilhombre de boca, 10
 Juan de Butrón, XLIX
 Juan de Chaves y Mendoza Sotomayor, XLVIII
 Juan de Ciriza, secretario de S.M., 10
 Juan de Courbes, grabador, XLV, XLVII
 Juan de Gamboa, del Consejo de Hacienda, 10
 Juan de Gaviria, caballero de S.M., 10, 12
 Juan de Herrera, arquitecto, XXXIV
 Juan de Jesús María, XLVII
 Juan de Mendoza, Marqués de Hinojosa, del Consejo de Guerra y capitán general de la Artillería, 8
 Juan de Santa María, o.f.m., confesor de la Infanta, 12
 Juan Fajardo, XI
 Juan Flamenco, impresor, LIV
 Juan I de Castilla, 92
 Juan Manrique de Padilla, caballero de S.M., 10
 Juan Pérez de Montalbán, literato, XLIX
 Juan Tomás Fabaro, fabricante de papel, XXXI
 Juana de Mendoza, dama de honor de la Infanta, 10
 Juliana de Lancastre, Duquesa viuda de Aveiro, 228
 Julio Ferrufino, matemático, XXXIV
 Julio Junti, liv, 22, 132
 Justo Lipsio, 186

 Laguna, Marqués de la, 10
 Lamego, 102
 Landeira, XXIV
 Larache, 112
 Lavagna, Giambattista, XXXIII
 Lázaro de los Ríos, escribano de cámara de S.M., 6
 Leão X, papa, 72
 Leiria, 102, 118
 Leonarda de Mesquita, XXXV, XXXVII
 Leonor, Reina de Portugal, esposa de João II, 188
 Lerma, Duque de, XXII
 Liberche, caballero inglés, 88, 94
 Linhares, Conde de, 60
 Lisboa, procesión del Corpus, XXIV-XXVI, 58
 Livorno, IX
 Lobón, XXIII

- Lope Félix de Vega y Carpio, literato, XXXIV, XLVIII
 Lopo de Azevedo, almirante de Portugal, craveiro maior da Ordem de Avis, XXIV, 20, 238
 Lopo de Sequeira, bispo de Portalegre e prior maior da Ordem de Avis, 20, 200, 236
 Lopo Tavares de Sousa, vereador de Santarém, 248
 Lourenço da Gama Pereira, conego da Se de Lisboa, 116
 Lourenço de Lancastre, comendador de Curuche na Ordem de Avis, 238
 Lourenço de Lima de Brito, Visconde de Vila Nova de Cerdeira, camareiro maior, 194
 Lourenço de Tavora, bispo de Elvas, 18
 Lourenço Gil Parrado, procurador de Estremoz, 20
 Lourenço Moniz, prior de Tomar, 252
 Lourenço Taveira, conego da Se de Lisboa, 118
 Lozoya, Marqués de, XVIII
 Lucas da Silva, conego da Se de Lisboa, 118
 Lucas Junti, LIV
 Lucio Mumio, cónsul romano, 22
 Lucio Silo Sabino, soldado romano, 22
 Lucios Georgios, matemático, XXXIV
 Luis Alvarez de Tavora, Conde de São João, 60
 Luis Coutinho, gentilhombre de boca, 10
 Luis da Fonseca, escrivão de Évora, 26
 Luis da Silva de Brito, doutor, prior de Santarém, 248
 Luis da Silva, veedor da Fazenda Real, 202
 Luis de Aliaga o.p., confesor de S.M., inquisidor general, del Consejo de Estado, 10
 Luis de Ataíde, Conde de Atouguia, visorrei da India, 82
 Luis de Cevallos-Escalera Gila, LV
 Luis de Córdoba y Aragón, maestre de campo de Infantería Española, hermano del Duque de Cardona, 38
 Luis de Lancastre, 228
 Luis de Mello, porteiro maior da Casa Real de Portugal, 60
 Luis de Miranda Enriquez, estribeiro maior da S.M., 192
 Luis de Rojas y Borja, XI
 Luis, Infante de Portugal, XXIX, 20, 242
 Luis Labanha, XXXIII, XXXV
 Luis Montesino, XLIX
 Lumiares, Conde de, 36, 60
 Lyon, LIV

 Madalena de Lancastre, 228
 Madrid, Hermandad de San Antonio de los Portugueses, XVI
 Magdalena de Frías, LI
 Malabar, costa de, conquista de la, XI
 Malpica, Marqués de, 10
 Mamora, plaza de la, 112
 Manoel da Cunha, da Ordem de Cristo, 254
 Manoel da Silva, conego da Se de Lisboa, 116
 Manoel de Aguiar, procurador de los officios de Lisboa, 58

- Manoel de Andrade de Vasconcellos, conego da Se de Lisboa, 118
 Manoel de Ataíde, Conde de Castanheira, 60
 Manoel de Castelo Branco, Conde de Vila Nova de Portimão, do Conselho de Estado, escrivão da puridade, provedor da Irmandade da Misericórdia, 60, 190, 202
 Manoel de Lucena, conego da Se de Lisboa, 118
 Manoel de Moura e Corte Real, II Marqués de Castel Rodrigo y Conde de Lumiares, XXVI, XXXVI, XXXIX, XLV, 10, 36, 60
 Manoel de Resende, escrivão de Estremoz, 20
 Manoel de Torres, escrivão da Casa dos Vintecuatro de Lisboa, 84
 Manoel de Vasconcellos, regedor da Casa da Suplicação, 60, 202
 Manoel I de Portugal, X, 34, 104, 126, 158, 188, 246, 252
 Manoel Pimentel, conego da Se de Lisboa, 116
 Manoel Severim de Faria, chantre da Se de Évora, historiador, 30
 Manoel Soarez de Castelhobranco, escrivão de Elvas, 18
 Manoel Soarez, s.j., 4
 Manrique da Silva, Conde de Portalegre, mordomo maior de S.M., provedor e tesoureiro da Irmandade da Misericórdia, 18, 60, 190, 230
 Manuel Cortizos de Villasante, banqueiro, XVI
 Manuel Fernández Pinto, banqueiro, XVI, XVII
 Manuel Pereira, escultor, XVI
 Manzanares, río, XLVII
 Maquiavel, Nicolau, XI
 Marco Aurelio, emperador romano, 112, 176
 Marcos Labanha, XXXIII
 Margarida de Tavora, dueña de honor, 10
 Margarita de Córdoba, dueña de honor, 10
 María da Benavides, camarera mayor de la Princesa, 10
 María de Tavora, dama de honor de la Princesa, 10
 María Dias, LI
 María, Duquesa de Borgoña y emperatriz, 140
 María Gasca de la Vega, XLVIII
 María, Infanta de Portugal, filha de Manoel I, 246
 María Labanha, monja, XXXXVIII
 María Ladrón de Guevara y Vallejo, XXXVII
 Mariana de Lancastre, 228
 Mariana Enríquez, camarera mayor de la Infanta, 10
 Martim Afonso de Melo, militar, XVI
 Martim Afonso Mexia, bispo de Lamego, eleito de Coimbra, 200
 Martim de Bulhões, pai de São Antonio, 108
 Martim de Freitas, capitão de Coimbra, 82
 Martim Moniz *o das portas*, capitão português na tomada de Lisboa, 68, 108
 Martín Afonso de Mello, alcaide maior de Elvas, 16
 Martín Carrillo, abad de Montearagón, XLVII, XLIX
 Martín de Aróstegui, secretario de Guerra, 10
 Martinho Mascarenhas, Conde de Santa Cruz, capitão dos Ginetes, da Ordem de Cristo, 60, 254
 Martinho Soarez de Alarcão, mestresala da Casa Real de Portugal, 60
 Mascate, conquista de, XI

- Matías, emperador, XXIII
 Matías de Albuquerque, militar, XVI
 Mauricia, Brasil, XI
 Maximiliano I, emperador, 140
 Medellín, 244
 Medellín, Conde de, 10
 Melchior de Molina, del Consejo Real, 10
 Melchor de Moscoso, sumiller de cortina, 10
 Mem Pegado, vereador de Elvas, 16, 18
 Mendo da Mota de Valadares, do Conselho de Portugal, 10
 Mérida, XXIII, 12, 118, 244
 Mesina, XXXVIII
 Miguel Afonso da Guerra, bispo de Cabo Verde, 200
 Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, 116, 200
 Miguel de Castro, arcediano de Santarém, 116
 Miguel de Contreiras o.s.t, confesor de la Reina Leonor, 188
 Miguel de Meneses, Marqués de Villareal, 194
 Miguel de Noronha, Conde de Linhares, 60
 Miguel de Paiva, pintor, LIII
 Miguel de Zuazo, XXXVIII
 Miguel Labanha, XXXIII
 Miranda, 102
 Miranda, Conde de, 60
 Misericordia, igreja e irmandade da, 188-190
 Misericordia, rua da, 106
 Molucas, conquista das, XI
 Moninho Osorez de Cabreira, progenitor dos Vasconcellos, 108
 Monomotapa, reino y minas de plata de, 54 162
 Monsanto, Conde de, XXVIII, 60
 Monte Avila, 136, 186
 Monte Calpe, 136, 186
 Montemor-o-novo, XXIV, 32
 Móstoles, XXIII
 Murcia, XV

 Nabão, río, 255
 Navarra, mapa de, XLV
 Nicolao de Faria, almoraçe maior de Elvas, 12
 Nino, rey de los Asirios, 186
 Norba Cesarea, 244
Nuevo rezado, LIV
 Nuno Alvarez Pereira, 64
 Nuno de Fonseca, desembargador dos Agravos da Casa da Suplicação, procurador en
 Cortes de Lisboa, 198, 206
 Nuno Fernandez de Ataide, valeroso capitão geral da cidade de Casim em Africa, 80

 O'Conon, filho do rei de Inglaterra, 94
 Octavio Augusto, emperador romano, 112, 128, 172
 Odemira, Conde de, alcaide maior de Estremoz, 20

- Olivares, Conde Duque de, XVI, XVII, XLVIII, 10
 Oporto, XXII
 Ordem Militar de Avis, XXVIII, 236
 Ordem Militar de Cristo, XXIX, 254-256
 Ordem Militar de Santiago da Espada, XXVIII, 240-242
 Ormuz, conquista de, XI
 Oropesa, Conde de, XXI
 Ottavio Bandino, cardenal, XLVIII
 Ourique, batalha de, 120
 Ourives, rua dos, 156
- Padaria, rua da, 106, 108
 Paio Varão, obispo de Évora, 22
 Palmela, 32, 240
 Pangim, destruição de, XI
 Pastrana, Duque de, 10
 Paular, monasterio del, XXXI
 Paulo Bezerra de Barros, chantre da Se de Lisboa, 116
 Paulo do Carvahal, vereador de Estremoz, 20
 Paulo III, papa, 22
 Payo Perez Correa, português, mestre da Ordem de Santiago, 82
 Pedralvarez Pereira, do Conselho de Portugal, 10
 Pedralvarez Sanchez, vereador de Lisboa, 58, 84
 Pedro Cardim, XVII
 Pedro Craesbeck, impresor, XLVIII
 Pedro da Cunha, da Ordem de Cristo, 254
 Pedro de Baeça, banqueiro, XVI
 Pedro de Lancastre, 228
 Pedro de los Ángeles, XLIX
 Pedro de Meneses, Conde de Cantanhede, 60
 Pedro de Meneses, da Casa de Villareal, 80
 Pedro de Portugal, Duque de Coimbra, regente, 92
 Pedro de Toledo, Marqués de Villafranca, de los Consejos de Estado y Guerra, 10
 Pedro de Zúñiga, Marqués de Flores de Avila, primer caballero y gentilhomme de
 cámara del Príncipe, 10, 58
 Pedro Diaz Romero, alcalde de casa y corte, 10
 Pedro Godinho Nobrega, juiz de horfãos de Elvas, 12
 Pedro I de Castilla, 88
 Pedro Pantoja de Ayala, XLVIII
 Pedro Portocarrero, Conde de Medellín, mayordomo de S.M., 10
 Pedro Teixeira, cartógrafo, XVI
 Peio da Mota de Lemos, vereador de Estremoz, 20
 Pelourinho velho, praça do, 96, 100
 Penaguião, Conde de, 194, 240
 Penhalonga, XXVIII
 Pero Borges, procurador de Lisboa, 58
 Pero da Silva, comendador de Vila Nova de Milfontes na Ordem de Santiago, 240
 Pero Vaz de Vilas-Boas, procurador de Lisboa, 58

- Pipino el Viejo, Duque de Brabante, 142
 Plantino, impresor, LIV
 Poço da Foteia, 124
 Ponte de Sor, XXIX, 256
 Portalegre, 102, 118
 Portalegre, Conde de, 18, 60, 190, 230, 240
 Porto, XXII, 102
 Portugal, divisa de, 140
 Povar, Marqués de, 8, 192
 Povos, XXIX
 Prataria, rua da, 96, 102
 Provenza, 118
 Puerto de Santa María, XV, XVII, XXVI, XXIX, 38
 Punhete (Costância), LI

Quijote, XXXI

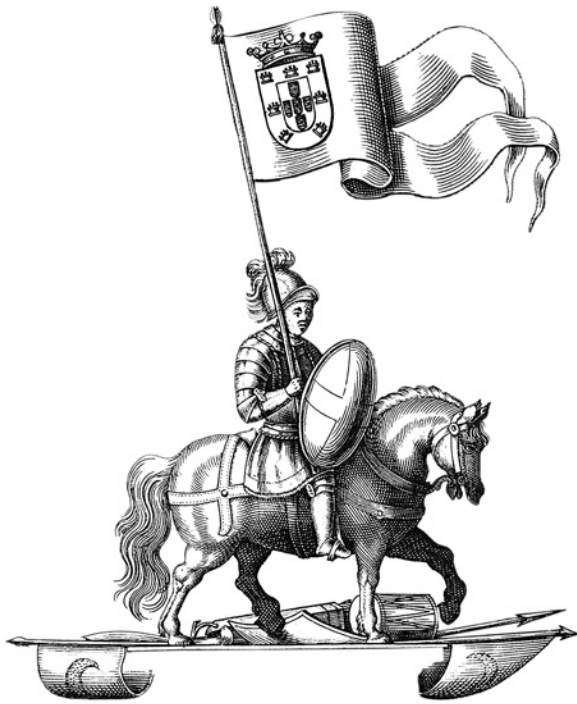
 Rascafría, XXXI
 Recife, Brasil, XI
Regimento das entradas dos Senhores Reis nas cidades e villas do reino, XXIII
 Rin, Conde Palatino del, 234
 Roberto Belarmino, cardenal, XLVIII
 Roberto II, Duque de Borgonha, 140
 Rodolfo I, emperador, 140
 Rodrigo da Cunha, bispo do Porto, 200
 Rodrigo Mendes da Silva, cronista, IX
 Roma, XXXIV, 114
 Rua Nova, 96
 Rui da Silva, veedor da Fazenda Real, da Ordem de Cristo, 16, 202, 254
 Rui Gomez da Silva, Duque de Pastrana y Príncipe de Melito, cazador mayor de S.M., 10

 Sabugal, Conde de, 60, 202, 248
 Sacavem, 242
 Sacro Imperio, relación de los electores, príncipes, ciudades y villas del, 170
 Sacro Imperio, sucesión de los emperadores del, 170-178
 Salado, batalla del, 118
 Salamanca, XV, LIV
 Saldaña, 26
 Saldaña, Conde de, 10
 Salinas, Conde de, XXII, XXIII
 Salomón, rey, 162, 164
 Salvaterra, XXIX, 242
 Samos, isla de, 20
 San Esteban de Gormaz, Conde de, 10
 San Lorenzo el Real, monasterio de, LIV
 Sancho de la Cerda, Marques de Laguna, de los Consejos de Estado y Guerra, 10
 Sancho I de Portugal, 12
 Sancho II de Portugal, 82, 104

- Sancho Manuel de Vilhena, militar, XVI
 Santa Cruz, Conde de, 60, 254
 Santa Cruz, Marqués de, 38
 Santarém, XXIX, 244
 Santiago de Monzón, XXIX
 Santiago da Espada, Ordem Militar de, XXVIII, 240-242
 São Antonio, igreja de, 110
 São Bento de Avis, Ordem Militar de, XXVIII, 236
 São Crespim, rua que baixa de, 108
 São Gião, rua de, 126
 São João, Conde de, 60
 São Jorge da Mina, ocupação de, XI
 São Luís do Maranhão, Brasil, XI
 São Mancio, primer obispo de Évora, 22
 São Salvador de Fornelos, comenda de, XXXVI, XXXVII
 São Vicente, bispo de Zaragoza, padroeiro de Lisboa, 118
 Se de Lisboa, 116-120
 Sebastião Cortizos de Villasante, banqueiro, XVI
 Sebastião I de Portugal, X, XXXIII, 22, 26, 242
 Selio, abad de Tomar, 250, 252
 Sertorio, general romano, 22
 Sesimbra, 32, 240
 Setúbal, XXVIII, XXXVI, 234
 Sevilla, XV, XXIII, 38
 Simão da Cunha, trinchante de S.M., da Ordem de Cristo, 192, 254
 Simão de Abreu, pintor, LI
 Simão de Mello, aposentador maior da S.M., 192, 226
 Simão Gonçalves de Camara, Conde de Calheta, 60
 Simão Rodrigues, pintor, LI
 Sintra, serra de, 32
 Sintra, XXVIII, 232

 Tancos, XXIX, LI, 256
 Tanoeiros, rua dos, 164
 Tarouca, Conde de, XXIX, 60, 248
 Tejo/Tajo, río, XXIV, 120
 Tentugal, Conde de, 30, 60
 Teodoro Languenek, teniente de la Guarda Alemana, 10
 Teodosio, Duque de Bragança, condestável de Portugal, 18, 194, 196, 202, 230
 Teotonio de Bragança, arcebispo de Évora, 30
 Teresa Junti, LIV
 Terreiro do Paço, 170
 Toisón de Oro, Orden del, 128, 130
 Toledo, XLVII
 Tomar, Cortes de, XXII
 Tomar, XXIX, LI, 192, 248-252
 Tomás de Orta, cosmógrafo mayor, XXXIV
 Tomás Junti (Tommaso de Giunta), impresor, XXX, XLV, LIV

- Tomás Labanha, XXXVII
Tomás Tamayo de Vargas, XLVII
Tomé de Faria, bispo de Targa, 200
Tommaso de Giunta: véase Tomás Junti
Torre do Tombo, XXXVI
Torres Novas, Duque de, XXXVI, 32, 194, 228, 230, 240, 242
Touros em Lisboa, 226
Trajano, emperador romano, 112
Tristão da Cunha, embaixador em Roma, 72
Trujillo, XXIII, 12
- Uceda, Duque de, XXII, 8, 26
Uclés, XLVII, XLVIII
- Valdefuentes, XXIII
Valencia, 118
Valladolid, XVI
Valparaíso, XXIII
Vasco Coutinho, Conde de Borba, que tomou a cidade de Arzilla aos mouros, 78
Vasco da Gama, 34, 156, 158, 210, 214, 216, 226
Vasco Martinez de Sequeira, vereador de Elvas, 18
Velada, Marqués de, 10
Venda do Palalim, XXIV
Vendas de Alcaraviça, XXIV
Vendas de Barceiras, XXIV
Venecia, LIV
Verdopeso, rua do, 96
Vespasiano, 112
Vidigueira, Conde de, 60
Vila Boim, XXIV
Vila Nova de Cerdeira, Visconde de, 194
Vila Nova de Portimão, Conde de, 60, 190, 202
Vila Viçosa, 18
Vilafranca de Xira, XXIX
Villafranca, Marqués de, 10
Villahermosa, Duque de, 10
Villareal, Marqueses de, 80
Villarreal, Marqués de, 194
Vimioso, Conde do, 60
Viriato, 22
Virtudes, rua das, 84
Viseu, 102
Vitoria Capella, dama de honor de la Princesa, 10
- Zaragoza, 118, 120



- 1. Iglesia Mayor
- 2. S. Joaquin
- 3. S. Joaquin
- 4. S. Joaquin
- 5. S. Joaquin
- 6. S. Joaquin
- 7. S. Joaquin
- 8. S. Joaquin
- 9. S. Joaquin
- 10. S. Joaquin
- 11. S. Joaquin
- 12. S. Joaquin
- 13. S. Joaquin
- 14. S. Joaquin
- 15. S. Joaquin
- 16. S. Joaquin
- 17. S. Joaquin
- 18. S. Joaquin
- 19. S. Joaquin
- 20. S. Joaquin
- 21. S. Joaquin
- 22. S. Joaquin
- 23. S. Joaquin
- 24. S. Joaquin
- 25. S. Joaquin
- 26. S. Joaquin
- 27. S. Joaquin
- 28. S. Joaquin
- 29. S. Joaquin
- 30. S. Joaquin
- 31. S. Joaquin
- 32. S. Joaquin
- 33. S. Joaquin
- 34. S. Joaquin
- 35. S. Joaquin
- 36. S. Joaquin
- 37. S. Joaquin
- 38. S. Joaquin
- 39. S. Joaquin
- 40. S. Joaquin
- 41. S. Joaquin
- 42. S. Joaquin
- 43. S. Joaquin
- 44. S. Joaquin
- 45. S. Joaquin
- 46. S. Joaquin
- 47. S. Joaquin
- 48. S. Joaquin
- 49. S. Joaquin
- 50. S. Joaquin

DE SEMBARCACION DE S. M. EN LISBOA
Diseñado por Domingo Maria Gomes Al' Rey i conduxido por Juan Sotomayor

